UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

# EDIÇÃO DA *CRÔNICA DE DOM DUARDOS* (SEGUNDA E TERCEIRA PARTES)

Nanci Romero

VOLUME II

Doutoramento em Linguística
Especialidade Linguística Portuguesa

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

# EDIÇÃO DA *CRÔNICA DE DOM DUARDOS* (SEGUNDA E TERCEIRA PARTES)

Nanci Romero

VOLUME II

Tese orientada pela Prof.ª Dr.ª Lênia Márcia de Medeiros Mongelli (Universidade de São Paulo) e pelo Prof. Dr. Ivo José de Castro (Universidade de Lisboa), especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa.

2012

## Resumo da Primeira Parte

*Palmeirim de Inglaterra* terminara com a terrível guerra que destruíra Constantinopla, fazendo com que o sábio Daliarte levasse todos os reis e príncipes cristãos, mortos e feridos, e suas mulheres para a Ilha Perigosa, local onde ele vivia. A *Crônica de Dom Duardos* começa relatando a reconstrução de Constantinopla e o recado de Daliarte enviado ao Imperador e a todos os reis cristãos, informando que seus filhos, os príncipes que permaneceram na Ilha Perigosa, deveriam ser armados cavaleiros na Festa do Espírito Santo em Constantinopla e que, por isso, todos deveriam se dirigir para lá.

Um dos convocados é Dramusiando que, devido ao mau tempo, acaba aportando na região onde atualmente se localiza Portugal e arma cavaleiro Dom Floris, irmão de Miraguarda, antes de prosseguir viagem. A narrativa se concentra então em Dom Floris, que se desvia de Constantinopla para ajudar a Duquesa de Monte Alto, no reino de Nápoles. Mais tarde, Dom Floris chega a Constantinopla como um cavaleiro desconhecido e, assim, vence o próprio Dramusiando e também Floriano, irmão de Palmeirim de Inglaterra.

Chegam, por fim, apoteoticamente, os novéis educados por Daliarte. Logo depois de serem armados cavaleiros, surge um dragão aterrorizador, imobilizando todos os presentes, com exceção de Dom Duardos, filho de Palmeirim de Inglaterra, que, na luta com o dragão, consegue tirar-lhe uma espada mágica, ocasionando a morte deste. Daliarte lê, então, uma profecia deixada por Apolidon, antigo sábio grego, explicando os poderes da espada e o valor inigualável do cavaleiro que conseguisse resgatá-la do dragão.

No dia seguinte, ocorre o torneio dos novéis e entra em cena o único cavaleiro importante da novela que ainda não havia sido apresentado: Albaizar, filho do turco homônimo, que, no *Palmeirim de Inglaterra*, destruíra Constantinopla. Ele mostra-se um excelente cavaleiro, mas não consegue derrotar Vasperaldo, filho de Floriano, ficando ambos muito feridos e fazendo um pacto de inimizade eterna. Albaizar permanece na corte sob a condição de poder manter sua identidade em sigilo.

No dia seguinte ao torneio, as princesas Carmélia, por quem Dom Duardos se apaixonara, e Valerisa passeiam no jardim do castelo, quando ouvem Albaizar, solitário, lamentando seu amor impossível por Carmélia. Valerisa, percebendo que a amiga ficara impressionada com essa declaração, aproveita o serão na corte para instigar Dom

Duardos a se declarar também, de forma a evitar um possível envolvimento de Carmélia com Albaizar. Essa tentativa não é bem sucedida, pois Carmélia sente-se ofendida e diz a Dom Duardos que não deseja tornar a vê-lo. Como amante perfeito e submisso à amada, Dom Duardos embrenha-se, nessa mesma noite, na floresta próxima ao castelo, tencionando não mais voltar.

No dia seguinte, chega a Constantinopla um mensageiro da ilha de Dramusiando, informando que ela fora invadida por uns gigantes. Quase todos os novéis partem com Dramusiando para auxiliá-lo a expulsar os invasores. Não participam dessa aventura Dom Duardos, que se refugiara na floresta, e Dom Floris, que havia sido chamado pela Duquesa de Monte Alto a mais uma vez ajudá-la no Reino de Nápoles.

Com a partida precipitada dos jovens cavaleiros, os reis decidem ficar mais uns dias na corte de Constantinopla fazendo companhia ao imperador. Para passar o tempo, resolvem fazer uma caçada na floresta, mas acabam presos em uma emboscada preparada pelos gigantes que tomaram a ilha de Dramusiando. Surge então um cavaleiro misterioso que, sozinho, vai vencendo todos os inimigos. Apenas no final da luta, conta com o auxilio dos próprios reis que haviam sido libertados das amarras por Valerisa, graças a uma adaga que ela trazia. O cavaleiro misterioso desaparece, mas os reis percebem que se tratava de Dom Duardos.

A ação desloca-se para a corte de Nápoles, onde Dom Floris luta com um gigante para provar a inocência da princesa, injustamente acusada por Panfílio, o mesmo que havia sido vencido por Dom Floris em sua primeira intervenção em Nápoles. Após nova vitória, o rei decide casar a princesa com Dom Floris, que não aceita, pois sabe do amor que há entre ela e Filismarte, príncipe da Sicília.

Enquanto isso, em Constantinopla, os reis decidem finalmente partir, mas o navio em que viajavam é transformado, por meio de mágica, numa ilha, onde todos, encantados, lutam entre si, pois não se reconhecem. As princesas e rainhas, também encantadas, imaginam que os cavaleiros lutam para obtê-las como botim e se desesperam. Os empregados que viajavam junto são, misteriosamente, levados para uma outra embarcação e, voltando para Constantinopla, dão notícia do desaparecimento dos reis, rainhas e princesas. Daliarte avisa ao imperador que eles não morreram e vai à ilha de Dramusiando pedir auxílio a ele e aos novéis, que já haviam retomado o governo da ilha.

Mais uma vez a ação se desloca para Nápoles, onde o rei, indignado por Dom Floris não aceitar a mão de sua filha, trama um plano para matá-lo. O plano não dá certo e quem morre é o próprio rei, ficando sua filha livre para se casar com o príncipe da Sicília.

De Constantinopla, parte Albaizar em busca de Carmélia e dos reis e é o primeiro a encontrar a ilha encantada, pois, na verdade, essa mágica havia sido feita por Drúsia Velona, uma espécie de feiticeira, a pedido de Targiana, mãe de Albaizar. A própria Drúsia lhe predissera a morte do filho por causa do amor que ele nutria por Carmélia. Numa tentativa de evitar isso e de vingar-se dos reis, Drúsia arquitetou esse encantamento, pois pretendia entregar Carmélia a Albaizar, fazendo com ele voltasse para sua terra natal. No entanto, Albaizar, indignado, mostrando um caráter firme e honrado, recusa-se a ter Carmélia dessa forma e proíbe Drúsia de fazer qualquer novo encantamento em favor dele. Nesse momento aproximam-se de sua embarcação Dom Floris e Vasperaldo e tem início uma nova luta. Beliazém, amigo de Albaizar, enfrenta Dom Floris e é morto por ele. Enquanto isso, Albaizar e Vasperaldo lutam ferozmente e, quando estão quase morrendo, Drúsia, sob a aparência de Carmélia, pede a Dom Duardos, que acabara de chegar, que interceda por seu irmão. No momento em que este ia atacar, sob engano, o primo Vasperaldo, surge o sábio Daliarte e prende Drúsia Velona numa jaula, obrigando-a a confessar todas as suas artimanhas e a nobreza de Albaizar. Para desfazer o encantamento, Daliarte explica a Dom Duardos que é necessário tocar todos com sua espada mágica. Desfeito o encantamento, mais uma vez Dom Duardos desaparece, embora os reis, novamente, fiquem sabendo ter sido ele o responsável por sua libertação. Todos voltam para Constantinopla.

Dom Duardos, para ajudar uma donzela, vive uma nova aventura. Ele chega a um castelo de um gigante, onde há uma cova muito profunda coberta por uma falsa escadaria. O herói percebe a artimanha e não sobe a falsa escada, evitando, assim, de cair na cova. Por fim, vence o gigante e liberta da cova vários novéis, que, depois de saírem da ilha de Dramusiando, haviam sido atraídos para ali, enquanto procuravam os reis e princesas desaparecidos.

Neste ponto a narrativa se volta para Primaleão, que, chegando ao reino da Boêmia, apaixona-se pela princesa Fidélia. Sem revelar sua identidade, e conhecido por suas armas como Cavaleiro do Sol, ele propõe-se, de maneira bem humorada, a defender um vale, durante oito dias, em honra do anão Pleonido, companheiro de Fidélia.

Há um deslocamento espacial e começa a narração do encontro de Trineo, amigo de Dom Duardos, com um cavaleiro bem mais velho chamado Braciliano, que é apaixonado por uma moça muito jovem, chamada Daraja. O desfecho dessa história não se dá na primeira parte da crônica.

Na Boêmia, Primaleão vence com facilidade muitas justas, mas fica gravemente ferido no confronto com Pavorante, filho de Dramusiando. Este decide, então, continuar defendendo o vale em nome do Cavaleiro do Sol e envia notícias suas e do reino da Boêmia, especialmente da beleza de Fidélia, ao imperador de Constantinopla. Este, por sua vez, decide enviar uma embaixada solicitando ao rei da Boêmia que deixe sua filha vir a Constantinopla onde o próprio imperador providenciará um bom casamento para ela. As princesas ficam alvoroçadas com a notícia da beleza e da possível vinda de Fidélia, especialmente Carmélia, que teme ser Dom Duardos o misterioso Cavaleiro do Sol, por isso ela pede a Dom Floris que vá a Boêmia descobrir a identidade do tal cavaleiro. A primeira parte termina com os preparativos para a viagem de Fidélia a Constantinopla.

# Crônica de Dom Duardos

Segunda Parte

Dom Gonçalo Coutinho

# Códice ANTT 1201

## Crônica de Primaleão Emperador de Grécia

## Segunda Parte

Em que se dá conta das façanhas monstruosas
que obrou o príncepe Dom Duardos
e os mais cavaleiros de seu tempo.

Composta por Guilherme Frusto
e tresladada por Simisberto Pachorro
estando encantado no cume da Penha Rigurosa da Serra da Lua
pelo ódio do Sábio Bragamante

## [1r] **Capítulo 1**

Em que se torna a dar conta do que aconteceo a Dom Duardos naquela barca em que andava.

Bem vejo que têm rezão os curiosos de me pedirem estreita conta de Dom Duardos, porque sendo esta história propriamente sua e sendo ele tal pessoa, andando particularmente tão afligido, parece que temos por de nós da parte da senhora Carmélia, tirando de todo este pobre homem do mundo,[1] tendo caminhado tanto adiante sem memória algũa de suas peregrinações, mas Henrique Frusto, a quem fielmente tresladamos, que de vários fios vai tecendo esta crônica, devia querer dar primeiro rezão do que naqueles primeiros princípios aconteceo a todos os popilos de Daliarte para ficar mais desembaraçado nas cousas de Dom Duardos, que sendo tamanhas puxam com qualquer circunstância sua por todo ele.

E assi depois de dizer como todos se ajuntaram em Boêmia para acompanharem a princesa Fidélia a Constantinopla, torna a contar que o nosso príncepe depois que se partio da ilha do gigante Brisdolfo, onde deixou Florendos, Floramão e os mais presioneiros que ali livrara, deixando-lhe escrito a carta que naquele lugar referimos, seguio seu caminho com a companhia que dantes trazia, [1v] cada vez mais aborrecido de si e da vida, porque cada vez mais cresciam as razões de se aborrecer de tudo. Via-se viver, estando contraposto àquilo o gosto de Carmélia. Via-se a cada passo conhecido e encontrado de seus amigos e parentes, andando ele buscando ũa sepultura, onde não visse, nem ouvisse mais que o rigor de sua senhora, que contínuos e tácitos brados o estimulavam sempre à observação de seus perceitos[2]. E entendendo que o uso das armas era o culpado naquelas tão frequentes aparições suas, detreminado e resoluto de todo de as deixar em a companhia de Tregônio, também gastava os espaços que podia furtar a seus cuidados em ordenar traças de como se despojaria dos embaraços que o divertiam deles e não o ajudou pouco naquilo a moléstia que padeciam os marinheiros, que havia já muito tempo que por força o acompanhavam, porque como eles não eram tão contemplativos, ainda que na companhia daquele cavaleiro interessavam muito mais que em qualquer outra negociação que fizessem, todavia, julgando-se presos e desterrados, não sofriam de boa vontade aquela maneira de vida.

[1] A: parece que temos por de nós da parte da senhora Carmélia, tirando de todo este pobre homem do mundo / B: parece que temos, pondo-nos da parte da senhora Carmélia, tirado de todo este pobre homem do mundo

[2] Todos os grifos são nossos e remetem a um glossário anexo ao terceiro volume.

O vilão que ele tomara na Floresta das Três Fontes, que era cópia[3] dos gigantes que ali matou, que nunca mais tivera ocasião de lhe poder fogir, ajudava também aquele desejo dos marinheiros com quem se tinha domesticado muito e como [2r] ele era mais prático e mais atrevido, juntamente não deixou de lhes lembrar que seria fácil cousa matarem-no, pelo descuido com que se fiava de todos e que de Tregônio não havia para quê fazer caso. Mas todavia, como aquela detreminação pedia maior ódio do que lhe eles tinham e maior ânimo também, não acabava aquele homem de os persuadir, se bem não deixavam de considerar o caso.

Tregônio não entendia nada daquele tratado, nem se entendia a si mesmo, porque via a seu senhor em braços da morte cada dia e com novas saudades sempre dela. Queria falar-lhe e não achava entrada, porque o outro não se deixava penetrar naquela matéria nunca e padecia à boca fechada os tormentos de suas obediências com o que amo e criado, faziam quasi ũa mesma vida com diferentes respeitos.

Dom Duardos entre as outras boas partes que lhe a natureza dera, tinha ũa vox branda e melhor do que ũ príncepe há mister, a qual ele cultivava com o estudo de todas as artes liberais em que se exercitaram todos seus companheiros nos primeiros anos de sua criação. Tangia e cantava Dom Duardos enfim, mas como se não fazia caso daquilo, não fez Tregônio, quando lhe ele mandou buscar embarcação, provisão de instromentos músicos, porém a língoa, que é ũ dos melhores do coração, às [2v] vezes acodia às enchentes de pensamentos, que o sofocavam de ordinário, fazendo que se descarregasse algũa parte por ela e assim ouvia Tregônio que cantava algũa hora, quando contudo cuidava que nem ele o ouviria. E da profunda tristeza em que sempre andava, dos desmaios com que a cada passo caía, das queixas que na música derramava, bem infiria que era o Amor o culpado naqueles extremos, mas parecia-lhe notável cousa que lhe não ouvisse nunca nomear pessoa algũa nem dizer palavra, de que pudesse conjecturar a causa daquela pena e tanto mais notável quanto se sabia que Palmeirim seu pai, com o seu Silvião, fazia muitas vezes seus colóquios, ouvindo repreensões e tomando conselhos.

Também o pouco tempo que Dom Duardos vivera em terra, onde se pudesse namorar tanto embaraçava muito a Tregônio em seus discursos. Não sabia ele, parece, as pressas com que o Amor se faz de menino gigante.

---

[3] A: cópia / B: espia

Nestas preplexidades de Tregônio, naquelas máquinas dos marinheiros, nas novas traças de Dom Duardos, os tomou ũa tormenta que no fim veio a contentar a todos, porque correndo com ela muitos dias com pouca esperança de salvação em alguns deles, vieram uma menhã a ver terra, de ũ monte muito alto e não muito apartado, à qual logo foram demandar a Deus misericórdia (como dizem). E chegando mais perto, tendo o vento abonançado [3r] algũa cousa, viram que era costa brava tudo o que dali aparecia e que em cada parte rebentava o mar em frol, de maneira que não se podia chegar a terra. E todavia como o desejo era grande e o navio leve, foram tanto avante que divisaram as ágoas de ũ rio que por entre aquelas serras se vinha a meter no mar e fazendo ũa pequena praia na sua foz, que lhes pareceu mais tratável, com o que afirmando os marinheiros que se poderia desembarcar no batel, inda que com algũ risco de se molharem, quis Dom Duardos ser o primeiro e lançando-se fora ele só com a espada e escudo, a respeito de poder nadar, se fosse necessário, com dous marinheiros que remassem, se meteo nele e começou a caminhar para terra, o qual chegou com menos trabalho do que cuidava, porque ainda que ali era costa e que o mar estava grosso, não era todavia de maneira que deixasse de dar jazigo.

E em pondo os pés em terra, que lhe pareceo verde e bem assombrada, se bem áspera e monstruosa[4], tornou a mandar os marinheiros para que rebocassem a sétia, ajudando-a a entrar pela boca do rio, o qual primeiro tinha mandado sondar e achado que sem perigo se poderia fazer e ficou passeando naquela pequena praia esperando que a sétia entrasse.

O vento cada vez estava mais brando e o mar da mesma maneira mais tratável com o que vendo-se os marinheiros [3v] depois que recolheram o batel, vendo-se desembaraçados de Dom Duardos e que sem o medo da tormenta que até então tiveram, podiam à sua vontade navegar, para onde quisessem seguramente, detreminaram-se em o deixar naquela terra que não conheciam e irem-se às suas sem tratar de outra cousa. E por que Tregônio lhe[5] podia servir de algum embaraço, não querendo matá-lo como o aconselhava aquele homem, por algũas boas obras que dele tinham recebido, prenderam-no todavia com tenção de o lançarem no primeiro porto que tomassem. Não se poude ele defender a si, porque eram muitos os que o acometeram como pelo sobressalto com que o tomaram, temendo-se tão pouco daquilo.

Dom Duardos enquanto os estava esperando, vio que mareando as velas noutra volta

[4] A: monstruosa / B: montuosa
[5] O antecedente de *lhe* podia ser tanto singular quanto plural. Neste caso, trata-se de *marinheiros*.

punham a proa no mar e cuidando que seria para ganharem melhor o vento, ainda esteve algũ espaço quieto, porém vendo que se apartavam muito, sobio-se em ũ penedo alto e começou-se a desenganar da tenção que levavam, porque eles como tiveram a Tregônio preso, o qual com muitas lágrimas lhes pedio em vão, o lançassem ao mar, para que a nado fosse buscar a seu senhor como quem se via livre de ũ pesado cativeiro encheram a sétia de muitas flâmulas e galhardetes, que traziam em sinal da glória[6] que levavam e com grandes gritas e alvoroços seguiram sua derrota. Dom Duardos pois que os vio e ouvio, desenganado [4r] como já temos dito, do que era com o primeiro efeito natural, não deixou de se alterar bravamente, mas depois vendo-se tão livre como se sempre desejara, mais tinha que lhe agradecer, que não de que se queixar. Não deixava todavia de sentir Tregônio, temendo que o não tratassem tão bem como merecia. Mas enfim considerando que a respeito da companhia que ele lhe fazia, pouco peor podia ser a mais má que dos outros recebesse. Não o quis julgar por mal livrado de todo e assim o esteve vendo ir, até que finalmente os perdeo de vista. E então começando a cuidar em si se resolveo no que adiante veremos.

[6] A: da glória / B: de alegria

## Capítulo 2

Do mais que Dom Duardos ali passou.

Deixado com aquela treição Dom Duardos dos seus marinheiros, posto naquela solidão que temos visto, o que só o molestava era parecer-lhe que seria aquela terra mais povoada do que ali lhe parecia e que estando desarmado, poderia ser conhecido de alguém, perigo que ele mais receava que todos os outros em que a vida os podia padecer. E porque o dia estava mais de meio quitado e ali não aparecia gente, nem vestígios dela, quis-se apartar da praia por que não corresse no mar o risco, de que lhe parecia estava seguro na terra. [4v]

Com esta detreminação descendo-se daquela penha, a que sobira, foi caminhando ũ bom espaço ao longo do rio, culpando[7] cada vez mais aquele sítio por deserto em tudo, porque sendo muito povoado de árvores e frutos, via-se em todas ũa certa rusticidade que mostrava não ter chegado ali nunca cultura. E ajudavam a confirmar esta opinião, a grande cantidade de pássaros que por aquelas árvores andavam, sem se espantarem, nem inquietarem com ele, chegando quasi a tomá-los com a mão. O mesmo lhe acontecia com infinitas lebres e coelhos, que sem nenhũ sobressalto diante dele atravessavam.

Continuavam-se os montes por tudo o que alcançava a vista com diferença só de serem ou menos altos ou mais, e mais ou menos cubertos de árvores maiores ou menores e todas mais agrestes que as das margens do rio, que pela maior parte eram castanheiros, nogueiras espinheiros[8] bravos e mansos com alguns medronhais antre eles, uns e outros tão cerrados e espessos, que[9] não parecia que se podiam comunicar, nem sofrer. E com tudo isto, posto que aquilo era na força do verão, achava ele o ar tão temperado e fresco que não ia pouco espantado da tão grande diferença. E finalmente tanto caminhou sobindo por ũ daqueles montes acima que o tomou a noute no mais agro dele e parando ali começou a se entregar a suas contemplações, contente em alguma maneira de lhe parecer que tinha achado [5r] lugar, onde poderia não ser nunca achado, senão de só elas.

Não lhe esqueceo naquele passo a história da Penha Pobre de Amadis de Gaula, que

[7] A: culpando / B: julgando
[8] A: espinheiros / B: e pinheiros
[9] A: que / B: e os montes tão intratáveis e ásperos que

algũas vezes era semelhante[10] e comparando-se com ele, achava em si maiores causas de sentimento, porque se considerava com as mesmas penas, porém nascidas de culpas verdadeiras, que nunca ( como muitas vezes temos dito) se ele julgava a si tão inocente que não tivesse Carmélia por arrezoada. E quando todavia o amor próprio se fazia seu procurador dele e fiscal[11] juntamente. Mostrava por culpas em si, não só o viver, contra o que parece que ela desejava, mas desejar de ir a vê-la, proibição que ela tinha posto e a pressa[12] nas palavras com que o desterrara.

Gracioso ludíbrio de amor verdadeiramente persuadir a ũ homem que errava contra sua senhora em desejar de a ver, mandando-lhe ela que a não visse e obedecendo-lhe. E por outra parte se faltara àquele desejo e houvera inquisição de amor, queimaram-no como herege dogmatista de seitas novas. Sendo assim que parece que, afora que aquele desejo mostrava o amor de deu dono, não sei como se possa duvidar que na resistência dele, crescia o merecimento da rigurosa obediência.

Mas eu não sei que têm estes muito enlevados, que lá acham razões a seus delírios com que nos mostram, pelo menos, quanto se levantam sobre os entendimentos [5v] daqueles que o não são tanto, porque isto que eu tenho descorrido sobre a opinião de Dom Duardos, que me a mi parecia muito certo e bem fundado, depois que li por diante em Henrique Frusto uma ode do próprio Dom Duardos, que em seu lugar tresladaremos, na qual dá razões por que se descontenta da sua obediência ser forçada a respeito daquele desejo (não sei que lhe faça), da sua parte me pus naquele descontentamento de si próprio com o qual o tomou a manhã nevoada e turva e com uns borrifos meúdos em que a névoa se ia desatando, que ainda o espantaram e consolaram mais pelo tempo não ser de chuva, cuidando que de todo era aquilo ũa proibição da natureza aos homens, para não tratarem aquela serra nunca. E assi era então, que não havia em toda ela povoação, mais que só ũa, a que ele sem o sentir estava pegado. Mas mostrou o tempo com seu ordinário curso, que era ela mais para se buscar pelas calidades naturaes que em si tem, que todas as outras do mundo com o que brevemente foi chea de tantos e tão suntuosos edifícios como nela se vem[13] hoje em dia.

E tornando a Dom Duardos, que como na primeira idade do mundo estava agasalhado

[10] A: era semelhante / B: lera
[11] A: seu procurador dele e fiscal / B: seu procurador dele, fazia-se ele como que tinha a Carmélia procurador seu dela e fiscal
[12] A: proibição, que ela lhe tinha posto e a pressa nas palavras / B: proibição expressa nas palavras
[13] Verbo ver: veem.

debaxo das árvores, vendo romper a menhã por entre aqueles nevoeiros, contente de lhe parecer que o esconderiam eles a tudo o que não fosse ele, ouvio subitamente um som como de campainha mal soante, que se [6r] continuava apressadamente, mas a compasso e tão perto donde estava que voltou a cabeça a ver se via as mãos que o faziam. E não vendo nada e todavia ouvindo o som com menos gosto já do que então mostrava daquele sítio, tomando a espada e o escudo, se foi atinando a ele por aquela espessura.

E não andou muito quando achou entre aqueles matos e penedos, ũ muito pequeno plano, rodeado de ũa parede de pedra seca, mal feita, a qual cercava ũa horta que ali estava dentro. E mais acima entre outros penedos maiores, outro terreirinho, sem comparação mais pequeno que o da horta e nele ũa porta muito pequena que fechava ũa rotura que entre dous daqueles penedos se fazia e dali nascia o som que todavia se continuava. Rodeando pois ũ penedo daqueles, poude Dom Duardos, chegar ao terreirinho e em pondo os pés nele vio outra porta algũa cousa maior e aberta, a qual servia a ũ vão que se cobria com ũ penedo pardo e verde como os mais eram, porém, maior que outros em que naturalmente se sostinha, formando ali[14] todos, cada ũ em seu lugar, aquele vão que dissemos, do qual saia ũa suavidade e cheiro tão grande que não levantou pouco os espíritos àquele tão afligido cavaleiro, que entrando enfim pela porta dentro deu de rosto com ũ sacerdote que estava dizendo missa em ũ altar que dentro daquele vão havia e atualmente levantando a primeira hóstia quando ele [6v] entrava, à qual aparição postrando-se subitamente Dom Duardos começou com grande devoção e lágrimas a adorar aquele senhor que o creara e remira e que o trouchera ali àquela hora, para lhe dar confiança que a nenhũa se esqueceria dele.

Continuou-se a missa e acabando de se levantar o cálix, cessou o som e veio para a capelinha outro religioso descalço e com uma sobrepeliz curta em cima de ũ hábito de burel ramendado. E acabado enfim aquele santíssimo sacrifício, recolheram-se os frades por outra porta, que em ũ dos cantos daquela santa casa havia e Dom Duardos ficou ali notando as particularidades dela, que eram admiráveis, todas fundadas na pobreza e estreiteza do lugar e na alteza dos mistérios que ali cabiam, até que tornou a sair aquele religioso, que dissera missa com o qual lhe aconteceo o que ao diante diremos.

[14] A: ali / B: assim

## Capítulo 3

Do que Dom Duardos passou com aquele religioso e como ficou em sua companhia.

Metido Dom Duardos na contemplação das cousas daquela casa em que estava, ũa vez se lhe figurava a manjedoura de Belém e outra a suntuosidade dos templos de Constantinopla e finalmente com grande [7r] desprezo de si próprio via como aquele Senhor, que não cabe em todo o ceo, se encerrava em tão pequena e pobre parte da terra, porque tirado a limpeza e o cheiro que naquele altar era grande, tudo o outro do sítio, mais lhe parecia moradas de feras que casa de Deus, mas ele é ele, que não só santifica semilhantes lugares, mas até dos curraes[15] dos homens mais feroces que as mesmas feras, arrependidos e penitentes, faz templos e cubículos de sua recriação.

Nestas meditações estava Dom Duardos, quando saío a ele o religioso, que dissera a missa, vestido na pessoa dos próprios remendos que o outro e no rosto de ũas cãs alegres, mas graves e veneráveis e depois de o saudar a seu modo, sospeitando que algum desastre o trazia por ali naquele estado, parecendo-lhe cavaleiro e de preço, tomou-o pela mão e tirando-o fora da igreja em ũ poial[16] que à porta dela estava, começou a consolá-lo das fortunas que imaginava que ali o tinham lançado, porque só alguma gente que se perdia no mar, aportava algũa vez por aquela parte e da outra, rara, ou nenhũa, pela aspereza e apartamento do lugar ser grande e por estar afastado da mais perto povoação seis légoas pouco mais, ou menos. E vendo-o com mostras de tristeza grande, fazia mais fervorosamente aquele ofício com muita caridade e exemplos santos e forçosos, a que Dom Duardos respondia com tanta criação e comedimento, [7v] e conhecimento tão claro daqueles mesmos exemplos e mistérios, que o frade se edificava grandemente de ouvi-lo. E perguntando-lhe Dom Duardos que terra era aquela e que habitações havia nela ele lhe disse que a serra se chamava a Serra da Lua, do senhorio da Espanha, na província da Lusitânia, que a mais conjunta povoação que tinha era a cidade de Alta Rocha, que distava dali seis légoas grandes. E que ele se retirara àquela ermida com aquele companheiro que lhe ajudava a missa e a buscar os frutos daqueles bosques, de que se sustentavam, furtados aos inconvenientes do mundo. Que haveria mais de trinta anos

[15] A: currais / B: corações
[16] A: em ũ poial / B: sentou-se com ele em ũ poial

que ali residiam e perto de dez que não vira outra pessoa do siglo, senão a ele, porque não costumavam a vir por aqueles lugares, senão as que se aborreciam do mundo, ou as de quem o mundo se aborrecia e que[17] a seu parecer os que navegavam. Não lhe descontentou a Dom Duardos aquela informação, porque ele desejava não tratar gente e aquilo mais lhe pareciam anjos que homens. E resolvendo-se a não passar por diante, disse ao frade que ele era ũ cavaleiro a quem os desastres da fortuna, traziam apartado das gentes em busca de um lugar como aquele. E ainda que a princípio o desejara mais só, todavia estimava a sua companhia para remédio de sua alma que se o quisesse ali por companheiro, teria nele ũ [8r] muito obediente noviço.

O frade se rio de o ouvir, imaginando daquilo quando muito malancolia do naufrágio que devia ter padecido ou que a aspereza[18] daquele deserto, crearia nele aquela devação, a qual como erva de telhado se murcharia com o primeiro sol de esperança de poder sair dali. E assi deixando de lhe responder àquilo, disse que se não afligisse, que ele o poria no caminho da cidade e chegaria com ele a parte, onde deixando-o se não perderia e que lá acharia facilmente remédio para tornar aos exercícios de sua profissão.

E continuando com estas cousas sem querer admitir nada do que Dom Duardos replicava, meteu-o em grandes desconfianças, mas ele apertou tanto que lhe pareceo ao frade que todavia o não crê-lo, seria resistir ao Espírito Santo e concedendo[19] com o que lhe rogava, levou-o para dentro do seu recolhimento e ali o agasalhou aquele dia debaixo de ũ daqueles penedos, a que ele chamava cela. E ao outro dia, de ũa manta que ali havia, lhe compôs como poude ũa maneira de túnica, que Dom Duardos alegremente vestio, deixando o outro hábito que trazia, conservando só ũ relicairo com muitas relíquias, o qual, posto que guarnecido de pedras preciosas, não escandelizaram ao religioso, porque tudo lhe parecia pouco para ornamento das cousas santas. E querendo quebrar a espada, por que não ficasse [8v] ali cousa que cheirasse a mundo, o frade, que era sesudo e que não estava de todo persuadido que aquilo duraria muito, não o quis consentir, antes cobrindo-lhe a bainha de ramos verdes e fazendo-lhe ũ calvário na ponta de muitas pedras toscas e abertas que por ali havia, fê-la ficar no altar (onde a pôs) em forma de ũa fermosa e rica cruz, que com a pedraria e riqueza de que a guarnição era chea, alumiou algũ dia a alguns olhos que ali vieram ter, para conhecerem por

[17] A: que / B: que eram
[18] A: ou que a aspereza / B: e que ver-se atochado entre a aspereza
[19] A: concedendo / B: condecendendo

ela as mãos que ali a troucheram como adiante diremos. E assim se ficou Dom Duardos resplandecendo tanto em mortificação e bom exemplo naquele hábito como o fazia em valor e bom termo, no outro que até então professara, do qual a seu tempo daremos outra vez conta.

## Capítulo 4

De como o sábio Daliarte mandou a Albaizar a sua casa e do que primeiro passou com ele.

Como são vários os gostos, assim quis o nosso cronista ir variando a sua história para melhor entreter os leitores e também para proceder atinadamente com o fio, não o seguindo sempre por ũa mesma matéria, tendo tocadas tantas e tão diversas como temos atrás deixado escritas. [9r] E assim depois de deixar Dom Duardos continuando com suas penitências edificando aqueles religiosos com a paciência e mansidão com que sofria a aspereza da vida solitária, imaginando que as lágrimas e sospiros em que de ordinário rebentava, tinham melhor e mais espiritual objeto, torna a dar conta do sábio Daliarte, que não é menos importante figura desta comédia. E diz, que acompanhou os reis depois de desencantados até Constantinopla e que dali despedindo-se deles, se fora a ũa ilha, adonde por benefício de todos, não convinha que se ausentasse muito e mais estando tão fresca a memória dos desastres passados. E em chegando lá mandou Drúsia Velona na prisão e com o acioso[20], que em seu lugar contamos e porque ali tinha também a Albaizar, a quem só a providência de Deus e a boa diligência de seus ministros, tinham restituído à vida, por ele ser tal pessoa, tendo dado primeiro conta disso ao emperador, a seus pais[21] e irmãos e aos mais reis, levava ordem para o mandar a Targiana com ũa embaixada do próprio Daliarte, assentando que assi se devia fazer, porque sendo tão claros os intentos de Albaizar, não se podia tratar o negócio com as simulações, que os reis costumam nos mais deles, por esta sua, a que a malícia humana chama razão de estado.

Daliarte pois que se não descuidava no que entendia que convinha àqueles homens, quanto mais no que por todos estava ordenado e disposto, tanto que chegou [9v] à ilha aportar mandando[22] Drúsia Velona como dissemos, foi-se logo a visitar Albaizar, que na câmera em que o curavam estava mais em forma de preso, que preso verdadeiramente, porque não tinha disso senão só ũ liame interior na vontade, granjeado pela ciência de seu hóspede, para se não querer sair dali.

Chegou-se Daliarte a ele, que estava sentado em ũa cadeira e os pés em outra, lendo

[20] A: acioso / B: aviso
[21] A: seus pais / B: seu pai
[22] A: aportar mandando / B: após ter mandado

por ũ livro de alguns que lhe ali puseram para que se entretivesse. E ele como o sentio e conheceo, levantando-se foi a abraçá-lo dizendo:

— Agora me não espanto, senhor Daliarte, de me ver vivo e são, porque ainda que até este ponto não tenho sabido onde estou, nem o pude alcançar de ũas donzelas, que me curaram, nem da gente, que me serve, que terra seja esta, vendo-vos, claro me fica, que em vosso poder é, pois nos olhos[23] não podeis vós estar nunca e assim fico quieto em todas as dúvidas, que até agora me atormentaram, porque bem sei que nem quereis violar o respeito que se me deve, nem faltar à obrigação, que vós a vós mesmo tendes[24]. E fio tanto de vossas calidades, que não hei de deixar de preguntar por todas as cousas, que me não têm deixado lograr o gosto de minha tão duvidosa saúde, porque se é assim, que se vos não encobre nada, sabendo todas as minhas, nem a mi me fica de que temer, nem a vós de que vos escandalizar.

Daliarte o fez tornar a sentar e sentando-se junto dele, respondeo: [10r]

— Senhor Albaizar com tanta confiança podeis falar com todos os parentes da senhora Carmélia, quanto for a notícia, que eles tiverem de vossos honrados procedimentos. E porque a todos nós tendes obrigado com eles, não vos faço oferecimento, nem da cura e tratamento passado, nem de tudo, o que nesta casa houver, porque com nenhũa outra cousa, que com ũa vontade pura e limpa (a qual há em mi para vos servir) se vos pode satisfazer a gentileza, que fizestes com Drúsia Velona. Folgara eu que não danásseis agora isto com vos mostrardes mais sensitivo, pelo que não tem remédio, do que convém a ũ príncepe executor da justiça. Digo isto, porque entendo o que vai dentro nesse peito acerca de Dom Floris, o que também vos dou por sinal do pouco que podeis prevalecer com estas imaginações. Inda que também sei, que não me agradecereis o conselho, não detremino deixar de vos dizer o que vos convém, sem respeitar outra algũa cousa. Ide-vos, senhor Albaizar, à quietação de vossa casa, onde o emperador Primaleão em cujo poder estais, posto que na minha ilha, me ordenou que vos mandasse, por servir a senhora Tragiana vossa mai, parte das boas obras, que a sua casa tem recebido sempre dela. Alegrá-la-eis, alegrareis vossos vassalos, lograreis vossos estados e valor[25], que é muito maior estado, que o reino[26] inteiro. Nele tendes muitas damas fermosas,

[23] A: olhos / B: alheos
[24] A: que vós a vós mesmo tendes / B: que nos a vós mesmo vos tendes
[25] A: e valor / B: em vossa idade e valor
[26] A: reino / B: mundo

onde[27] podeis escolher com quem casar. O [10v] mais é tentar a Deus, ir contra suas detreminações e não sei se vos diga, que ofender, a quem vós fazeis profissão de agradar, porque senhor Albaizar, falando singelamente convosco, Carmélia, para fazer favores a ũ cavaleiro, é ũa princesa e para se casar com ũ príncepe mouro é cristã e a nenhũ destes fins vós podeis aspirar, sem ofensa sua dela e sem risco grande vosso. É fermosa, é verdade, mas do que a natureza fez para benefício seu, não será razão que vós queirais usar para perdição de ambos. Com vos dizer isto cumpro com o que devo a um tão grande príncepe como vós e com vos mandar depressa a vossa casa ao serviço do emperador, que quer que se faça logo, para descansar vossa mai, por isso vede quando quereis e dar-se-á ordem para que seja.

— Senhor Daliarte, lhe replicou Albaizar, pois que já vejo que havemos de jugar com as cartas descubertas, não há para que tratar de biocos, nem fingimentos. Dom Floris matou a Beliazém e ainda que foi de pessoa a pessoa, fazendo cada ũ o que devia, a crueldade com que o lançou vivo ao mar, puxa por mim de maneira, que não poderei deixar de acudir a sua vingança com toda a força de meu senhorio, quando de outro modo não possa. E mais temo que se nisso quisesse dispensar, que o não consintam seus vassalos dele, que era tão poderoso príncepe como vós sabeis, nem me deixarão lograr o sossego, que me inculcais, [11r] vendo que me descuido na satisfação do rei, que por meu respeito perderam. Bem sei eu que pudera o emperador remediar isto facilmente entregando Dom Floris, porque nem é o Cavaleiro do Salvagem, que já em outro tempo pedio vãmente o turco, meu senhor, nem pessoa em que a ninguém vá nada, mas também entendo que o não quererá fazer, para que fique a fortuna livre senhora de nossos estados, quanto a isto. E quanto às obrigações, que me confessais pelo que me aconteceo com Drúsia Velona, bem claro vos será que a causa de que nasceo aquele procedimento é muito maior que todas as outras causas, que não forem ele, mas esse sou eu e essa é minha ventura, que a quem se ofereceo, não o conhece e obriga a quem eu não tive nenhũ respeito nele, porém os sucessos sejam os que ordenar a sorte, que o procedimento sempre será o mesmo. Ofender a senhora Carmélia não cuido que pode, quem só adora nela as perfeições, que conhece e que ainda desta maneira seja desservida condene-se embora a obra, mas a tenção não merece condenada. Mandar-me o emperador para minha casa estimo, se o deixara em mi estimara-o mais. E pois nisto não tenho a vontade livre, tampouco a quero ter

[27] A: damas muito fermosas, onde / B: damas fermosas com que vos entreter servindo-as, muito grandes senhoras onde

no quando, deixando-me todo ao que vós ordenardes. De Vesperaldo tomara saber o que seja feito e de Drúsia também e da senhora [11v] Carmélia, porque se me mal não lembra, não se guardou a ordem que eu tinha para a sua liberdade e desencantamento dos reis, de quem juntamente me fareis muita mercê avisar-me se estão já fora daquele trabalho em que os eu achei.

Daliarte conhecendo que não era tempo de persuadir aquele cavaleiro, adevinhando-lhe o espírito em que encheria outra vez o mundo de novos trabalhos, não quis falar-lhe mais naquelas matérias e satisfazendo-o nas outras por que lhe ele perguntara, deixou-o menos contente de si, que envejoso de Dom Duardos e sentido também da prisão de Drúsia, porque ele era o que quisera castigá-la por serviço de Carmélia, mas que ela padecesse por seu respeito dele de nenhũa maneira podia engoli-lo. E assim ajuntando esta maneira de agravo à dor da morte de Beliazém, foi alimentando ũ pensamento, que facilmente tornara a meter o mundo em novas ruínas, se apressando-se ele, não se atalharão por outro caminho como a seu tempo diremos.

E dando Daliarte ordem à partida, tomando-lhe primeiro a palavra de não torcer o caminho, o entregou a Timandro, que para o levar, tinha mandado vir da ilha de Dramusiando, pelo qual mandou dizer a Tragiana o gosto com que o emperador lhe mandava aquele presente e os respeitos, que para isso tinha.

Fizeram sua viagem estes cavaleiros, [12r] e chegaram a ũa cidade, aonde Tragiana então estava com a corte, que era porto[28] de mar e a mais próxima à Grécia que nos seus estados havia, onde se viera, para se negociar dali a liberdade de seu filho, que da morte de Beliazém e cativeiro dele estava já enformada pelos seus escudeiros, que fogiram, tanto que chegaram com os reis a Constantinopla, porque ficaram naquele navio em que fora a batalha de seus amos toda a gente, do qual se passou à galeaça como temos contado e do sentimento que com estas novas entrou todo o paganismo, não há para que fazer memória.

Tragiana, pois, a quem já os trabalhos tinham fortalecido de ânimo, passados os primeiros acidentes daquelas dores, tomando consigo uma irmã de Beliazém muito formosa moça e outra filha, que lhe a ela também ficara de Albaizar, seu marido, chamada Arquediana, foi-se àquele porto do mar com os intentos, que dissemos e andando entendendo de mandar uma embaxada ao emperador, chegou Timandro, que lhe deu a sua com a qual indo-se ela

[28] A: porto / B: perto

mesma ao mar, sem esperar mais nada, achou que o filho tinha já desembarcado e a vinha buscar e tomando-o nos braços, ali na praia, satisfez aquele ardente amor de mai e excitada com tantas saudades e tão justos temores como os com que vivia de sua vida.

Da praia quasi em colos de homens foi levado [12v] Albaizar a sua casa, onde à porta dela o vieram receber Arquediana, sua irmã e Beliandra, que assim se chamava a irmã de Beliazém com tanto alvoroço e tão fermosas, que a estar menos fundado seu amor, não fora muito achar ali o remédio dele, mas servio de contínuo àquela junta[29] acrescentando o martírio a Albaizar, porque vendo damas e princesas, vendo trajes e cores diferentes e não vendo Carmélia, quisera antes perder os olhos, que ocupá-los no que não fosse ela. E assim despedindo logo a Timandro e mandando Tragiana por ele as graças ao emperador e recados a todas suas amigas.

Albaizar se retirou a ũa casa de campo, ou quinta, que quasi pegado aos muros da cidade havia, onde passava a vida envolto em suas contemplações com tanto descontentamento, que nem lograva as parentas, nem se deixava lograr delas e assi veio a produzir aquela tristeza tão azedo e amargoso fruto como em seu lugar mostraremos.

[29] A: de contínuo àquela junta / B: do contrário àquela vista

## Capítulo 5

Como Palmeirim de Inglaterra e os mais cavaleiros casados, que estavam em Constantinopla, se foram dela por respeito de Vesperaldo e do que lhe a ele sucedeo. [13r]

De Vesperaldo torna agora a história dar conta e diz que partindo-se de Constantinopla em companhia Dom Floris e eles como atrás fica dito, logo aquela mesma noute se apartaram, seguindo Dom Floris o caminho de Boêmia e Vesperaldo o que a fortuna lhe mostrou primeiro, pelo qual foi, tudo o que da noute ficava, namorado e contemplativo. E já perto de amanhecer sentindo o cavalo froxo em que caminhava pesadamente, quis descer-se e aliviá-lo. E fazendo-o assim encontrou-se também, ũ pouco desviado da estrada. E como a muita tristeza gera da mesma maneira sono, que o grande descuido, adormeceu e o pensamento em Flérida donde o nunca tirava. E não esteve muito que se não sentisse abraçar o primeiro[30] de ũa força grande, a que não poude resestir-lhe. Tinham-lhe coatro homens atadas as mãos aos pés com uns laços assaz apertados e estavam todos com os seus afirmados nele, tendo cada ũ ũa ponta da corda com que aqueles laços se faziam, pela qual tiravam encontrados uns dos outros, para que eles se apertassem mais.

E era o caso que a gente de Tragiana como ela estava fronteira a Constantinopla naquele lugar aonde dissemos, que se viera para tratar do remédio, ou resgate de seu filho, saía dali em várias embarcações ligeiras a tomar língoa naquela costa, para entenderem com certeza o lugar em que Albaizar estava preso. [13v] Entre estas foi ũa galeota em que vinham dous cavaleiros turcos, práticos e valentes, só com a gente de serviço, que bastava para aquele efeito. Estes, pois, tendo chegado havia dous dias àquela parte, por onde Vasperaldo caminhava, metendo-se em ciladas, devididas cada uma entre piais, que lhe serviam de cópias[31], não tendo feito nada e vendo que amanhecia, indo-se recolhendo ao mar, para mudarem de sítio, viram a Vasperaldo e antes de se resolverem se lhe fogeriam, ou não entenderam o descuido com que dormia, do qual aproveitando-se, lançaram-lhe aqueles laços, que traziam prestes, contentes em extremo como gente que vinha de tão longe buscar muito menos presa. Vasperaldo, pois que se achou daquela maneira, sem se poder valer de sua força

[30] A: o primeiro / B: e oprimir
[31] A: copias / B: espias

e esforço, acomodando-se ao estado de sua fortuna, disse para eles:

— Por certo, amigos, que não sei quem cuidais que tendes preso com treição, porque nem vós me deveis conhecer a mi, nem eu o podia temer de alguém, não tendo nem nesta terra, nem em outra enemizade com pessoa algũa, que eu saiba.

Ao que ũ cavaleiro lhe respondeo:

— Basta que sejais cristão e vassalo do falso emperador de Constantinopla, para merecerdes esta e outra maior pena.

— Ainda segundo isso (lhe tornou a dizer Vesperaldo) mouros sois vós e inimigos desse emperador, que dizeis. E pois essas são as minhas culpas, [14r] agora vos digo, que não podereis achar homem mais culpado, que eu, porque por ser cristão, sofrerei alegremente quantos martírios souberdes imaginar. E por vos provar que esse emperador não é falso, antes o mais honrado de todos os que hoje tem coroas na cabeça, aventuraria de boa vontade a minha contra vós todos quatro, se me deixares liberdade para o poder fazer.

— Ora bem (replicou o turco) agora vós ireis assim conosco onde vos levarmos e depois veremos a constância com que persistis em vossas detreminações.

E com isto, fazendo sinal com ũa corneta de monte, que ao pescoço trazia, acodio o companheiro com a sua gente, que não mui desviados dali estavam. E carregando Vasperaldo, que de nenhũa maneira se podia bolir às costas dos seus[32] vilãos, foram caminhando com ele para o mar. E o seu escudeiro que tinha visto o que passava estando espreitando o em que pararia aquilo, vendo o modo de que o levavam, foi-o seguindo por dentro do mato, tendo já de todo amanhecido e uns e outros andaram tanto até que descobriram o mar, na borda do qual entre uns penedos, vio o escudeiro ũa galeota cuberta de ramos verdes e entendendo que a gente que levava seu senhor ia a demandá-la, não querendo ele ficar fora do perigo em que o via, saindo-se do mato começou a gritar-lhes que o levassem também, pois levavam aquele cavaleiro. Inquietaram-se os turcos ao princípio ouvindo a grita, mas depois, vendo o que era, detreminaram-se [14v] em o não irem buscar, nem esperar, que todavia vinha correndo para eles, fazendo conta que se aquilo fosse cilada, para os da terra[33] chegarem outros, que podiam vir atrás, que não esperando se salvariam dela e quando não fosse senão o amor e a fé, que aquele escudeiro tivesse a seu senhor e que só por esse respeito se quisesse perder por ele, que

[32] A: seus / B: seis
[33] A: da terra / B: deter até

não podiam levar maior perigo, que ũ homem tão leal, porque a mesma fé e o mesmo amor, lhe mostraria caminho para os arruinar a todos. E assim sem curarem dele se meteram na galeota e se fizeram à vela e o pobre escudeiro os esteve olhando em companhia de alguns homens do campo, que acodiram a seus gritos, até que de todo perdeo o navio de vista. Então vendo o pouco remédio, que dali podia dar a seu senhor, foi-se outra vez a Constantinopla dar novas àqueles reis do que tinha acontecido, o que fez com tantas lágrimas e mostras de tanto sentimento como o caso o pedia, o qual alterou a todos de maneira, que poucos e poucos, se foram da corte encubertamente Palmeirim, Floriano e todos os mais reis e cavaleiros famosos, que nela estavam, tirado Dom Duardos e o emperador, os quais vendo o que passava, detreminaram entre si, que el-rei Dom Duardos fosse a sua casa, para assestir ao governo de sua terra e levasse consigo assi suas noras como todas as mais rainhas e princesas, que ali estavam, para de caminho ir deixando cada ũa na sua. E executando-se esta detreminação, [15r] e assento, ficaram as quatro princesas na corte com o emperador com que se não podia ter, nem ela por menos rica, nem ele por peor acompanhado. Mas nem sua assistência delas, nem as justas que Barcileno com grande glória sua continuava, metigavam de todo a saudade, que a abzência de tão grande príncepe tinha deixado, nem a dor, que o perigo de Vesperaldo comonicava a todos, porém não ficava Flérida isenta desta conta, suposto que melhor que todos dissimulava.

Carmélia fazia extremos por seu irmão, porém não lhe esquecia Dom Floris, aguardando de sua diligência, o desengano daquilo que cuidara. E tornando a continuar com Vasperaldo, diz o nosso cronista, que tanto que os turcos entraram no seu navio e deferiram as velas, indo mareados já na sua ilha[34], logo o desarmaram de todas as armas defensivas, que das ofensivas já ele vinha desarmado.[35] Lançando-lhe ũas algemas nas mãos e ũa alcântara nos pés, o deixaram mais livre e deram-lhe de comer, que ele aceitou mais para lhe mostrar que não estava perdido de ânimo, que por necessidade que disso sentisse. E perguntando-lhe aqueles cavaleiros de que terra era ele lhe respondeo que nem de Grécia, nem vassalo do emperador, mas morador e criado de sua casa sim.

— Saber-nos-eis dar novas (replicaram os turcos) de Albaizar, que o emperador contra a palavra, [15v] que lhe deu quando acabado o torneo de seus novos se deixou ficar em sua

[34] A: sua ilha / B: sua volta
[35] A: ofensivas já ele vinha desarmado / B:ofensivas em o prendendo tinham desarmado

casa, ‘té agora preso e cativo, sem querer dar conta dele, fazendo o que não deve a ũ tal príncepe como vós apregoais que ele é?

Vesperaldo lhe respondeo:

— Vós outros tendes sempre o ânimo danado contra o emperador e daí vos vem julgardes mal de todas suas ações. E não me espanto muito porque a diferença da religião bastava, quanto mais tantas outras cousas como entre vós e seus vassalos, acontecem cada dia, porque se assim não fora e tratáreis das matérias como gente racional entendida vereis[36] o engano de vossas palavras e a dureza de vossos corações. Se não dizei-me a rezão em que vos fundais para dizer que o emperador detém Albaizar contra a palavra que lhe deu? Porque não basta só a de não saberdes que seja feito dele, sendo assim, que se partio livremente de Constantinopla ele e Beliazém em serviço do emperador, dispostos e detreminados a buscarem os reis, que então estavam perdidos e a fazerem sobre isso tudo quanto deviam a tão honrados e valentes cavaleiros como eles eram. Pois pregunto-vos eu agora: se neste caminho prosseguindo neste intento, ou em outro algũ, se perdessem Albaizar e Beliazém, tinha obrigação o emperador de dar conta deles, porque lhe prometeu que os deixaria ir livremente quando eles quisessem? [16r] Folgaria que me respondêsseis a isto.

A que ũ dos turcos e não sem mostras de algũa paixão o satisfez, pelo modo, que no capítulo seguinte nos conta Henrique Frusto.

[36] A: vereis / B: veríeis

## Capítulo 6

Do mais que aconteceo a Vasperaldo naquela prisão em que ia.

— Já primeiramente, meu duque (respondeo aquele turco a Vasperaldo) haveis de falar com mais alguma modéstia, se não, cairá sobre vós tudo aquilo ao que o presente estado vosso está sojeito. Trás isso, nós não dissemos que o emperador tinha tal obrigação depois que Albaizar e Beliazém se foram de sua casa, senão depois que tornaram a seu poder, porque muito bem sabemos, que eles pelo servir, o que tiveram bem escusado entraram nessa demanda, na qual se encontraram com Dom Duardos, Vasperaldo e Dom Floris, que com treição grande mataram a Beliazém e feriram mortalmente a Albaizar, que se não temia deles por serem todos de ũa conversação e se terem por amigos. E neste estado o tornaram[37] a entregar ao emperador, o qual se tivera o coração tão fidalgo como vós apregoais, não só o restituíra a seu livre poder, senão castigara muito rigurosamente a quem a Beliazém matou tão mal[38], pois ele pelo servir se arriscou aos perigos em que se acha esquecido [16v] do que lhe mais convinha. E se o emperador tinha obrigação de o não reter pela palavra que lhe deu, pela obrigação de se ter perdido por o servir, vede vós a que ele[39] ficava tendo. Mas os cristãos não cuidam que nós os entendemos e assi fazem as suas contas à sua vontade. Porém tempo virá que tudo se pague por junto, que nem sempre os deoses hão de castigar os seus.

Vasperaldo estava sem paciência do que ouvia e sem mãos para responder com elas e da língoa, que só tinha livre, não lhe parecia razão servir-se enquanto a não podia acompanhar com outras ações mais de homem. Porém não querendo deixar a todos os turcos sem reposta, disse para eles:

— Eu estou preso e obrigado por força a sofrer mais do que costumo. O ânimo, que o não está, pois doutra maneira não pode, vos responderá como a fortuna lhe permite. Eu, amigos, sou cavaleiro honrado e como tal vos digo, que o emperador é leal e que nem com Albaizar, nem com outro algũ fez nunca cousa, que não devesse ũ tão grande e excelente príncepe como ele é. E que os cavaleiros, que mataram Beliazém e feriram Albaizar, nem eram mais que dous desses, que nomeastes e ũ por ũ com cada qual como dirá o próprio

[37] A: tornaram / B: tornariam
[38] A: a quem a Beliazem matou tão mal / B: a quem o tratou tão
[39] A: ele / B: lhe

Albaizar, que depois de curado dessas feridas, por ordem do emperador foi levado a sua mai, não tendo obrigação de o mandar se o quisera deter, pois a palavra que lhe deu então se cumprio quando [17r] Albaizar quis ir-se e se foi efetivamente. E quanto ao que dizeis que se perdeo pelo servir, porventura que por esse serviço mereça ele o que o tempo inda lhe dará. Mas disto não trato agora, senão de afirmar, que se houver quem diga algũa cousa, ou contra a verdade do emperador, meu senhor, ou contra a singileza e igualdade com que se fez a batalha em que Beliazém foi morto e Albaizar ferido, pondo-me em liberdade com minhas armas, ou com outras eu lhe farei confessar que o que digo é verdade e que nenhũa cousa, que encontre isto o pode ser.

Os turcos então levantando-se com grande alvoroço, lhe disseram:

— São tão boas as novas que nos dais, que a troco delas, vos quitamos o castigo, que esse atrevimento merece. Nós imos à corte de Tragiana, se lá estiver Albaizar, ou recado dele nessa conformidade, não perdereis as alvíssaras, porém quando o não haja esse vosso pescoço pagará as liberdades, que por ele tem saído.

E com isto seguindo sua derrota anoiteceo. E ao amanhecer do outro dia seguinte acharam-se com outro navio maior, que levava o seu mesmo caminho. E conhecendo-se nas bandeiras que eram todos de ũa mesma parte, depois de se salvarem como amigos, perguntaram-se uns aos outros pelas novas, que traziam daquilo de que todos então as procuravam. Os turcos com quem Vasperaldo ia, deram conta aos outros do que tinham alcançado, mostrando [17v] grande contentamento do bom acerto, que tiveram. E os do outro navio, ou com inveja de o não acharem tão bom, ou com cobiça das alvíssaras, se porventura Albaizar ainda não estivesse em sua casa, resolveram-se em tomarem Vasperaldo por força e matar aos companheiros, que o tinham tomado e como eram mais em número e o navio maior executaram bárbara e violentamente aquela detreminação com morte dos dous turcos e de todos os que com eles vinham, até do próprio navio que meteram no fundo, depois de tirarem dele com Vasperaldo o que lhes pareceo que mais facilmente esconderiam, o qual em mudando de cativeiro mudou também de fortuna, porque os que de novo se tinham apoderado dele como detreminavam acreditar com a relação as treições e cruezas, que tinham feito, trataram de granjear a vontade e tiraram-lhe os ferros, prometendo-lhe que se os não descobrisse sendo verdadeiras as novas que levava de Albaizar e não o achando ainda lá, de lhe restituírem a liberdade e as armas.

Vasperaldo, que já ia enfadado deles pelas maldades que lhes vira fazer, o ficou muito mais, vendo que queriam fazê-lo cúmplice em algũa maneira nelas e assim só lhe respondeo, que ainda que cativo, trabalharia sempre de cumprir com o que a si mesmo se devia. E tirando-lhe como dissemos os ferros, foi o mesmo que darem-lhe a vida, porque não tinham [18r] passadas seis horas, que lhes não desse ũa tormenta tamanha e tão súbita, que aquela mesma noute perto de sete, ou outo légoas da costa que iam demandar, se perdeo o navio de todo, sem se salvar dele cousa viva, senão só Vasperaldo, a quem Deus para diferente fins tinha guardado, o qual vendo o navio de todo acabado, lançando mão de ũa prancha dele, que encontrou acaso, teve-se ferrado a ela sobre a ágoa, até que amanheceo encomendando-se a Deus sempre como quem estava perto de ir a dar-lhe conta. O vento era do mar e levava-o para fora[40] com pouco menos pressa, que se fora no navio, mas contudo não poude chegar à praia antes das quatro da tarde, tendo bebido mais ágoa, do que ele sem dúvida quisera. Não diz Henrique Frusto que se lembrasse ele naquele estado de Flérida, mas não é de crer que lhe esqueceria. Enfim Vasperaldo chegou a terra molhado com pouca força e com menos alento, mas não o desemparou a toda poderosa mão de Deus naquele transe, assim como nos demais lhe tinha também acodido, porque não havia pouco espaço, que Arquediana e Beliandra o estavam vendo vir e juntamente alguns corpos mortos e pedaços do navio, que o vento tinha desencasado deles, trazidos do próprio vento e da vaga do mar, ora a ũa parte, ora a outra. E cuidando a princípio que todos eram mortos estavam vendo aquele espetáculo [18v] com lástima não pequena, mas foi-lhe muito maior depois que entenderam que naquele pao vinha ũ homem vivo, não lhe parecendo que poderia chegar à praia. Contudo, notando como profiava de vencer o desastre e julgando que ia saindo com isso, desceram-se de ũ oiteirinho onde estavam para a borda, a ver se com os desejos pelo menos podiam ajudar aquele miserável de mais perto, o qual enfim lutando e profiando com as ondas, poude chegar ao enxuto no estado que dissemos e não muito desviado do lugar em que elas estavam. E como se vio ali, sentando-se em giolhos com toda sua fraqueza, deu graças a Deus como melhor poude e todavia, caio logo, quasi afogado com a ágoa, que trazia bebida e bem perto outra vez da própria ágoa. As princesas se foram logo a demandá-lo e do que passaram com ele daremos conta no capítulo que se segue.

[40] A: para fora / B: para a terra

## Capítulo 7

Da vida, que Albaizar fazia e do que aconteceo a Vasperaldo com as princesas.

Passava Albaizar na quinta onde o deixamos retirado, uma tão contente[41] e triste vida, que não havia pessoa algũa em sua casa, a quem se não tivesse pegado grande [19r] parte daquela sua tristeza. A sua mai lhe não parecia[42] que o tinha pouco menos que perdido e assim não se podia alegrar, posto que o via em seu poder. Ia a vesitá-lo às vezes, cuidando que lhe aliviaria parte daquela pena, que o afligia tanto e não fazia nada, porque ele agradecendo a tenção, mostrava claramente enfadar-se com a obra. Desejava casá-lo com Beliandra em quem concorriam todas as cousas, que podiam obrigar: moça, formosa, bem entendida, herdeira de um senhorio tão grande e sobretudo órfã de seu pai e de seu irmão por seu serviço dele e de seus passados, mas nem ousava falar-lhe nisto, nem Albaizar lho sofrera, se ela se arriscara a fazê-lo.

Arquediana amava muito aquele irmão e com ela se entretinha ele algũa cousa, porque como sabia a causa de sua tristeza, lá buscou caminho com que falando-lhe ũ dia nela, o deixou aberto para o fazer muitos mais. E conversando nesta matéria lhe perguntou Arquediana ũa hora quanto mais formosa seria Carmélia que ela e que Beliandra?

— Não nos metamos por vida vossa em comparações, lhe respondeo ele, porque nem eu me quero ver mentiroso, nem vós me querereis ver grosseiro, se já vo-lo não tenho parecido.

— Si, tendes há[43] muito, lhe replicou ela rindo e a fé que vos não faça estas perguntas muitas vezes.

E contente do que naquela granjeara acerca de entreter o irmão, que foi [19v] a hora, que com melhor sombra o vio, o deixou. E tornando-se à cidade, donde continuando com suas vesitas ora só, ora com Beliandra, a sua mai nunca poude adiantar muito no que pertendia, que cuidasse que Albaizar mudaria de opinião em seus amores[44], mas ainda que com pouca, ou

[41] A: contente / B: descontente
[42] A: não parecia / B: parecia
[43] A: há / B: e
[44] A: ora só, ora com Beliandra, a sua mai nunca poude adiantar muito no que pertendia, que cuidasse que Albaizar mudaria de opinião em seus amores / B: ora só, ora com Beliandra e sua mai, mas nunca pode adiantar tanto no que pertendia que cuidasse que Albaizar mudaria de opinião em seus amores

nenhũa esperança já disto, todavia o vesitava frequentemente como dizíamos. E assim indo aquela tarde para aquela parte, tendo visto correr algumas lebres, que lhe tinham emprasado ao longo do mar, viram de ũ cabeço que caía sobre ele, o que no capítulo passado escrevemos (como também ali se disse) Vesperaldo[45], que meio desmaiado tinha caído na area, chegaram ao tempo que ele se tornava a esforçar contra o mal que o apertava, que era, afora a fraqueza, uma grande cantidade de ágoa do mar, que tinha no estômago. E com a cabeça baixa estando lançando muita parte dela pela boca, porém sentindo o roído dos palafréns em que elas iam, levantando os olhos, vio duas mulheres com uns antifaces, que traziam por amor do vento, vestidas de campo ricamente ao modo turquesco e seguidas de algũas outras mulheres, também mui compostamente ataviadas e[46] alguns monteiros. E vendo o mesmo traje em todos, bem conheceo, que eram turcos uns e outros. E porque da companhia com que se perdera tinha sabido como ali estava Targiana com sua filha e sobrinha, [20r] não deixou de cuidar que poderiam ser aquelas, mas ele estava tão quebrantado e também tão pouco contente de se ver naquela parte, que nem se poude levantar a recebê-las, nem trabalhou muito por isso.

Elas chegando a ele, vendo-o tão moço e com todo aquele trabalho com muitos sinais de muito gentil-homem, houveram ainda mais lástima dele. E como se não consolava de se ver salvo, lhe preguntaram as princesas? [47] E ele lhe deu razão com peores termos do que[48] o pudera fazer, mas não tão maos todavia, que deixassem elas de achar nele com que levantar o pensamento a tê-lo em melhor conta, que a princípio. E preguntando-lhe se era cristão e cavaleiro, deixaram-no com novos sentimentos para aquela pergunta, porque eram das duas cousas, que ele cuidava, que peor lhe estaria confessar e as duas que por nenhũ caso negaria e assi foi, dizendo que era ũa e outra.

Tinham chegado já àquele tempo alguns dos seus caçadores e Arquediana o mandou cobrir com a aljeravia de ũ deles e ordenava o levassem, ou para a cidade, ou para casa de seu irmão, que era mais perto para o curarem e repararem do trabalho, que tinha passado. Mas antes que se isto pudesse fazer começou a soar ũa grande grita e a fogirem juntamente todos os que estavam presentes, porque virando os olhos a ela, viram que vinha do mato ũ usso fero

[45] A: escrevemos (como tambem ali se disse) Vesperaldo / B: escrevemos e indo (como tambem ali se disse) a demandar Vesperaldo
[46] A: e / B: em
[47] A: E como se não consolava de se ver salvo, lhe perguntaram as princesas / B: E perguntando-lhe como se perdera e como se não consolava de se ver salvo
[48] A: razão com peores termos do que / B: rezaõ àquilo com pejo e extremos do que

correndo atrás [20v] de um daqueles monteiros, que vinha a demandar a ágoa para se valer nela. Os palafréns das princesas com o roído da grita e com o medo do usso enquietaram-se de maneira, que lhe foi a elas forçado lançarem-se deles, per não caírem peor, os quais como se viram soltos com a maior fúria, que puderam, se foram fogindo pelo campo como já tinham feito todos os mais cavalos e homens, que se ali acharam. Assim que quando o usso chegou à praia, onde parou, não havia ali mais, que algũas criadas das princesas, que caíram dos palafréns e elas, que tinham deixado os seos e Vesperaldo, o qual perdendo toda a fraqueza com a causa que fez enfraquecer os outros, tão leve e tão ligeiro como se não tivera passado por trabalho algum, se levantou a tomar ũ venablo, que ali deixara ũ dos que dali tinham fogido e com ele remeteu ao usso, que com os olhos nas princesas se ia para elas a mui grande passo. E fazendo-o voltar com gritos, que lhe deu começou com ele ũa perigosa e áspera contenda, após a qual e[49] ũa luta muito desigual em que a cousa veio a parar, o usso ficou ali morto e Vesperaldo pouco menos, assi da fraqueza, que o trabalho passado lhe deixara como de algumas não leves arranhaduras, que das unhas do usso recebera.

Ora as princesas, que se viram livres da morte, que por tão certa tinham [21r] perdido o sobressalto em que o temor dela as metera, chegaram a Vasperaldo para lhe dar as graças e acharam-no sentado, não se podendo ter em pé em cima do próprio usso, que ainda assim morto as não espantava pouco e preguntando-lhe como se sentia? Ele lhes respondeo que para as servir, mal, mas para acabar de perder a vida pelo fazer, bem e pronto. E antes que elas lhe tornassem a replicar como já iam fazendo, chegou ali Albaizar ao maior correr de ũ cavalo em que vinha, porque como a casa em que ele vivia era muito perto daquele ponto[50], a mais da gente, que fogio do usso, lhe foi logo dar aviso do perigo em que as princesas ficavam e para que chegasse mais depressa acharam-no que vinha ele já a demandá-las a elas, porque tendo sabido que andavam por ali, teve por descortesia não as ir a acompanhar. Porém tarde fora o seu socorro para estas senhoras, se Deus lhe não tivera aqueloutro prevenido. As princesas pois, voltando o rosto ao estrépito, que o cavalo vinha fazendo por aquela praia, cuidando que poderia ser outro novo perigo, recolheram-no logo e acabando de se afirmar de todo, deixando o que iam dizer a Vasperaldo e voltando-lhe as costas, foram a recebê-lo, o qual parando o cavalo perto delas, saltou fora dele, fazendo-lhes ũa grande reverência, disse-lhes a ocasião,

[49] A: e / B: em
[50] A: porto / B: sítio

que o trazia, acrescentando lhe que ainda [21v] que perdera o merecimento do socorro, folgava todavia de as achar quietas e sem o perigo, que lhes vinha receando.

— Por certo, senhor (lhe disse Arquediana) que nos não receberam bem neste vosso bairro, mas graças aos deoses, que de outro muito apartado e por caminho não crido, nos trouche o sossego em que vós nos achais.

E então brevemente lhe contou tudo, o que tinha acontecido, ao que lhe ele replicou, que não se espantava de haver tamanhos extremos no seu socorro, sendo nelas tão extremado tudo, porém que não deixava de ter grande enveja àquele cavaleiro quem quer que fosse, pois era tão mimoso da fortuna, que até perdido lhe dava ũa ocasião, pela qual de boa vontade se perderam os melhores livrados.

— Não sei senhor (lhe disse Beliandra) a tenção com que vós dizeis isso, mas em verdade que se ele estimar uma vontade agradecida, que a tem em nós tão certa, quão certo é o benefício com que no-la[51] soube merecer.

— Parece-me, prima (acodio Arquediana), que duvidais bem em dizer se ele a estimar, porque a mi me parece que o pobre homem se tomara antes bem longe daqui, que ter-nos tão obrigadas, porque como é cristão deve cuidar, que está de todo cativo e a essa conta me parece que se mostrou ao princípio tão desmaiado.

— Não creais tal (lhe disse Albaizar) nem é possível que quem teve valor [22r] para vos defender tão bem, que lhe falte juízo para conhecer quanto ganhou em fazê-lo e asseguro que se eu não viera a estorvar, tão depressa que já tivéreis bem conhecida a verdade disto que vos digo. Mas se como dizeis está ferido eu lhe quero ir a dar as graças primeiro que se vá a curar, pois não sou quem menos interessado o está neste socorro.

E com isto pondo-se diante delas que o foram seguindo, indireitou para onde Vasperaldo estava com o qual passou o que ao diante veremos.

[51] A: no-la / B: nela

## Capítulo 8

Do que Albaizar passou com Vasperaldo e do grande perigo em que ficou.

Fraco, maltratado, sentado sobre o usso e encostado ao venablo com que o matara estava Vasperaldo, quando Albaizar chegou a ele e àquelas princesas, que o vinham seguindo. E não o conhecendo assi, por quão descuidado estava de que poderia ser ele como por aquela postura, que acaso tomara dava-lhe[52] a encobrir parte do rosto. Disse-lhe:

— Quem tem ventura, cavaleiro, para escapar das tormentas do mar e valor para livrar doutras aos príncepes na sua própria terra, não é razão que se mostre tão opresso da fortuna, inda que os desastres, sejam [22v] maiores. Quanto mais que os vossos não serão tão grandes, que vos obriguem a não vos alegrar com o que tendes feito, ao que vos eu hei tamanha inveja, que a troco do sucesso, tomara de boa vontade outros muitos maiores.

Vasperaldo que ouvio falar Albaizar (tão vivas tinha na alma suas cousas, que na primeira palavra o conheceo logo) e vendo que seria em vão encobrir-se naquele estado, nem defender-se dele do perigo em que se via, contando-se de todo por perdido acabou de ouvir sossegadamente como estava e detreminando não mostrar tanto ânimo, que parecesse que desatinara com medo, nem tão pouco que se cuidasse que estava dele vencido, vendo que parava, levantou o rosto e quietamente lhe respondeo o seguinte:

— Daquelas cousas que os casos acaso dão espontaneamente, não tem muito de que se alegrar nenhũ homem sisudo, que só deve estimar as eleições, que ele fizer de prepósito, pois o mais da mesma maneira o ofrece a quem val muito como aos que não valem nada, governando-se nisto pelo que acha mais perto. E assi do sucesso que dizeis me alegro pelo que essas senhoras interessaram nele e mui pouco pelo meu interesse,[53] pois a qualquer marinheiro que aqui arrojara o ímpeto da fortuna, que me trouche, ficara ele tendo a mesma ocasião. E para assegurar o perigo delas, qualquer bastara também. E assim não vos espanteis de me ver com pouco alvoroço, que ainda que [23r] não sabia onde estava, agora depois que vos vi conheço que me adevinhava o espírito o pouco que me podia aproveitar em ũa mui desviada[54] e antiga pertensão minha e entristecia-me assi com a sua tristeza. Mas pois o mal está tão

[52] A: dava-lhe / B: ajudava-lhe
[53] A: pelo meu interesse / B: por ter eu sido o meo deste seu interesse
[54] A: desviada / B: desejada

conhecido e sem remédio, mostrar-lhe-ei o rosto igual, porque nunca ũ homem se deve cansar muito por aquilo que como homem não pode remedear.

Albaizar, que ao levantar Vasperaldo o rosto o conheceo subitamente esteve para cair no chão espantado daqueles passatempos da fortuna, imaginando Carmélia, logo e logo Vasperaldo, Beliazém logo e logo Floriano e Targiana e tudo o mais que o seu pensamento lhe trazia diante dos olhos sempre e todavia aproveitando-se do seu ânimo e entendimento dissimulou com aquele exército de contrariedades, que no peito lhe ferviam e os olhos postos em Vasperaldo, sem os mudar nunca, ouvio toda aquela arenga, que lhe ele esteve fazendo. E em acabando, por não dar lugar à paixão que o precepitasse a algũa detrimanação mal ponderada, disse-lhe brevemente:

— Todavia cavaleiro, não tendes pouco por que vos alegrar disto, a que chamais caso, que ainda que não seja muito para remedear descontentamentos grandes, grande parte poderá ser para se não multiplicarem. Todos nos conhecemos os cavaleiros que andamos pelo mundo e todos queremos mostrar que desprezamos assi o que mais estimamos, [23v] como aquilo que mais tememos. Vós ide-vos a curar onde ordenar minha irmã, que vos tem tomado à sua conta e não vos julgueis por tão sem remédio, que sejais ingrato à fortuna, nem tampouco por tão remediado, que deixeis de cuidar se convém encobrir-vos com maior cuidado. E como estiverdes são, a senhora Arquediana nos dará licença para vos pagarmos tudo, o que todos vos devemos.

E com isto tomando-a a ela pela mão, voltou-lhe as costas, sem aguardar mais reposta. E como na praia havia já muita gente, assim da que tinha fogido como dos criados de Albaizar e outra, que vinha da cidade, lhe disse a ela que mandasse algũa pessoa de confiança, que levasse aquele cavaleiro para sua casa e o curasse e o tivesse a bom recado, porque lhe parecia que o homem estava com tanto descontentamento de se ver naquela terra, que julgava, que intentaria qualquer cousa arriscada por se ver fora dela e que ele lhe tinha lástima, por ser moço e de bom termo.

— Eu (lhe disse Arquediana) estou como pasmada de ver o que falastes com ele e ele convosco, que a nenhũ entendi e a ambos desejei de entender. E quanto a mim, ou aquele homem é doido, ou é algũa grão pessoa, porque não se acha aquele modo nos ordinários.

Albaizar sorrindo-se lhe disse, que nem ũa cousa, nem outra. Que aquilo era ũa fonfarrice [24r] muito costumada entre os cristãos, mostrarem coração grande quando a

ocasião era mais apertada, posto que também podia ser terem-no os trabalhos do mar e das feridas, de alguma maneira[55] inquieto e que para isso servia juntamente não o deixarem tratar com muita gente, porque assi sararia mais depressa: Arquediana então encarregou aquilo a ũ cavaleiro velho, que lhe servia de estrebeiro-mor a ela. E ele se foi logo buscar a Vesperaldo, o qual tanto que Albaizar voltou com as princesas, tornou-se, quanto à pessoa a ficar no próprio sossego em que de antes estava, porém dentro no ânimo conhecendo que não podia escapar do que Albaizar quisesse ordenar dele encomendava suas cousas a Deos e pressupondo comprir em todas as que se lhe oferecessem com o que devia a ele e assi, voltou o pensamento a Flérida e começou a dizer:

— Bem sei eu, senhora, que se vós vos lembráreis de mim, que não caíra eu no perigo em que me vejo, mas bem é, que quem não soube merecer memórias vossas, que lhe não faltem todos os que o mundo tem, porém venham muito embora, que enfim, quaisquer que eles forem importarão sempre pouco a respeito do que eu sinto só o não ver-vos. Albaizar me tem em seu poder, quanto ao que parece para si.[56] Ele com todos os mais que o cuidarem se enganam. Eu sou vosso e não posso ser de outrem e quando lhe dever livrar-me da carga deste corpo, que [24v] me oprime, quanto mais cedo for, será a divida maior porque então vos poderei seguir como sombra vossa, livre de me a fortuna tornar a apartar de vós e, livre também de vós não[57] cansardes comigo, porque não me vendo, não vos serei importuno.

Cortou-lhe o fio daquelas finezas o hóspede, que o vinha buscar, dizendo-lhe a ordem, que para o levar trazia e mostrando estimar muito aquela mercê, que a princesa lhe fizera. Ele lho agradeceo também. E pondo-se em ũ rocim, que lhe chegaram cuberto com um capelhar, o foi seguindo a maior perigo do que Arquediana cuidava, nem Albaizar quisera, porque aquele cavaleiro era pai do escudeiro de Beliazém, que estivera com ele em Constantinopla todo o tempo que por lá andou e achou-se à sua morte no navio em que fora a batalha e tinha tornado com os de Albaizar à própria cidade em companhia dos reis desencantados naquela galiaça, na qual como naquele lugar dissemos, se recolheo toda a gente dos navios do próprio Albaizar e Dom Floris, assim a donzela, que os ali trouchera como os marinheiros e todos os mais e em Constantinopla seguiram cada ũ sua fortuna, porque os reis, ou o alvoroço de se verem livres

[55] A: maneira / B: maneira interiormente
[56] A: para si / B: mas assim
[57] A: vós não / B: vós vos

os não deixasse atentar nos escudeiros, a[58] gente que ali vinha, ou que de indústria o não quisessem [25r] fazer dando-lhes lugar para que fogissem. Não diz Henrique Frusto que fizessem com eles demonstração algũa e assim se tornaram os escudeiros livremente a suas terras. Este pois conhecia a todos os príncepes gregos e sabiam como Vasperaldo e Dom Floris mataram Beliazém e chegaram ao último fio da vida a Albaizar. E tendo seu pai, não estando ele em casa, agasalhado e curado a Vasperaldo com tanto cuidado e deligência como lhe fazia ter o gosto, que nisso entendia dava à princesa, regulando-o pela obrigação em que lhe ela estava. Entrou a vesitá-lo, chegando de ir ver o usso, que ũ grande povo tinha trazido à cidade, assim por sua muita ferocidade como pelo perigo em que pusera aquelas princesas. E conhecendo-o logo tanto que o vio, querendo dissimulá-lo não o soube fazer de maneira, que deixasse de dar indícios ao próprio Vasperaldo de que estava conhecido.[59] Disse-lhe Vasperaldo que o deixasse repousar e voltou-se para a parede a dormir.

O escudeiro, pois, cuidando que tinha achado ũ tesouro, não falou palavra a ninguém de casa por não aventurar as alvíssaras e foi-se logo ao paço, onde já estavam as princesas, a quem Albaizar até os muros viera acompanhando. E querendo falar só com Targiana esperou que se apartasse da filha com quem estivera chorando o perigo passado, ainda como presente. E como [25v] vio que a deixara para vir falar a muita gente que vinha visitar daquele sobressalto, chegou-se a ela e disse-lhe que convinha que o ouvisse em segredo. Targiana o fez e ele após lhe pedir suas alvíssaras, contou-lhe o que tinha em sua casa, do que ela espantada e alegre, depois de lhe replicar se se afirmava bem, dando graças aos deoses, que lhe trouxeram a seu poder ũ tal penhor de Floriano e que por si não desmerecia nada nos desserviços daquela casa. Mandou o escudeiro que lhe chamasse o pai e do em que se detreminou, daremos conta no capítolo seguinte.

[58] A: a / B: e
[59] A: conhecido / B: conhecido, mas como tinha já bebido aquele trago

## Capítulo 9

Do que Targiana passou com aquele cavaleiro em cuja casa estava Vasperaldo.

Com grandes sobressaltos esperava Targiana o pai do escudeiro, que por ele tinha mandado chamar porque não se segurava que seria certa tão boa ventura como ela cuidava, que tinha em ter aquele cavaleiro em seu poder. Não deixava naquele ponto o amor de fazer seos ofícios por Vesperaldo, trabalhando de lhe mitigar a paixão em que ele ardia, ora com a inocência do mancebo, ora com respeitos [26r] de seu pai, mas serviam de maior indignação todos os motivos, que ela tomava de abrandar e assi resoluta cada vez mais a satisfazer em Vasperaldo parte do ódio que com seu pai tinha e com ele juntamente. Estando já informada do que com Albaizar tinha passado, não via a hora em que se assegurasse do que desejava e temia. Veio o escudeiro e o pai e tomando Targiana a ambos de parte, disse para o velho:

— Tendes em vossa casa o maior presseguidor, que tem esta minha. Permitiram os deoses que viesse a nosso poder para tomarmos algũa satisfação dos males, que ele e seus parentes nos têm feito. E para vos não deter na confusão destas cousas, vosso filho vos dirá o mais. O que agora resta é que logo sem outra alguma detença vos torneis e me tragais a sua cabeça, porque do sangue dela detremino fazer ainda esta noite ũ aceito sacrifício a nossos deoses.

O velho não caindo em quem poderia ser a pessoa, de quem Targiana dizia aquelas cousas, informou-se do filho como lhe ela mandava e depois que o ouvio mandando-o para casa disse para elas[60]:

— Muito me alegro senhora de que tenham os deoses tão particular conta com vosso descanso, que com tão pequeno custo vosso, vos metam de posse de vosso maior inimigo. E muito também [26v] de que seja eu a chave de ũ tesouro com que vos mostrais que folgais tanto, o qual está tão seguro, quão segura é a confiança que de mi podeis ter. E quanto à execução, parece-me que vos apressais, porque se aventura a perder na brevidade muito, e na dilação, nenhũa cousa. A primeira razão é que eu não cuido que meu filho fala verdade no que se lhe devia de antojar. Senão dizei-me vós, que causa tinha ele para conhecer Vasperaldo, que não seja muito inferior à que Albaizar tem para o mesmo conhecimento? Albaizar

[60] A: elas / B: ela

conversou, tratou, teve brigas com ele. De crer é que o deve conhecer. Vio-o hoje desarmado e quasi meio despido. Falou-lhe devagar e sobre isso mandou-me que o trouxesse e que em minha casa o curasse e regalasse. Como pois se ele fora Vasperaldo, o não havia de conhecer vosso filho e o meu si. Ora matemos este homem inda que não seja Vasperaldo, pouco importa. Cristão é e não há algum que entre eles, ou por obras antigas, ou perdas já[61] presentes, não mereça muito bem este castigo aos mouros. Passadoura razão era, senhora, quando vós não fôreis quem o mandava matar e quando o morto vos não tivera obrigado com ũ benefício tamanho e tão fresco como há poucas horas deste homem tem todo este reino recebido. E é isto de tanta consideração, que duvido, que se ainda [27r] ele fora, não digo eu Vasperaldo, mas o próprio Floriano, se convinha fazer antes grande gasalhado a sua magnanimidade e conhecimento de Vossa Alteza, [62] deixando livre homem que vos livrou vossa filha e vossa sobrinha, de tão manifesto perigo, que a vingança dos agravos esquecendo estoutros respeitos. Mas nisto não estamos agora, senão em matar ũ homem por outro. Ao que respondo, que estando ele seguro em vosso poder, pera ordenardes sempre que queirais o que fores servida, não há para que vós percipiteis a cousa, de que depois vãmente vos chegue o arrependimento. A mi, senhora, isto é o que me parece, vede agora o em que vos detreminais, que eu não tenho mais obrigação que de vos lembrar o que entendo e de fazer sobre isso aquilo, que vós mandardes.

Targiana bem indinada soía ser por natureza e mulher era em que parece, que a fúria inda que grande, não chega quasi nunca a se querer banhar em sangue, porém estava escandelizada de Floriano em matérias de seu gosto e indinada[63] do tempo e da experiência do governo, a que se devem concluir depressa aquelas cousas, de cuja execução, sendo acertada, pende a segurança dos impérios e errando-se não se perde muito.E governando-se por aqui, via que se aquele era Vasperaldo, que matando-o logo, [27v] logo satisfazia a paixão e a dor própria e a segurança da vida do filho, que nas mãos daquele homem tão aventurada estivera e podia estar vivendo e tinha por grande dita não o conhecer Albaizar, porque sabia os amores de Carmélia. E não duvidava que se o conhecesse, ou por aquele respeito o deixaria ir livremente, ou por brio, ou opinião se quereria vingar dele de pessoa a pessoa o que poderia ser muito peor de sofrer para ela. De outra parte, não lhe parecendo que o escudeiro se podia

[61] A: perdas já / B: desejos
[62] A: a sua magnanimidade e conhecimento de Vossa Alteza / B: a magnanamidade e agradecimento
[63] A: indinada / B: ensinada

enganar em cousa tão sabida e que afirmava tanto, vinha a entrar em consideração de que Albaizar o conhecera e poupava para algũ daqueles efeitos. E tudo isto a provocava a descabeçar o coitado, que atualmente a sono solto como dizem estava dormindo então. Enfim resoluta em o matar, tornou a dizer àquele seu alcaide, que logo em ũ momento lhe fosse pela cabeça de Vasperaldo com pena da sua.

Estava Arquediana só ouvindo aquela prática, porque depois de se aquietar mais a casa, deixando a Beliandra na sua pousada destoucando-se e vindo para falar à mai, soube como tinha mandado chamar aquele criado seu, que agasalhara Vasperaldo e cuidando que devia ser para lhe encomendar o seu regalo por amor dela [28r] assi para ouvir as palavras com que o fazia como para saber novas dele, veio[64] e daquele lugar ouvio como dissemos toda a história. E ficando-lhe claro pelas práticas daquela tarde, que o escudeiro dizia verdade e que sem dúvida Albaizar o conhecera também e queria encobrir por algum fim. Como ela amava muito ao irmão, detreminou-se em estorvar a resolução da mai enquanto pudesse e saindo fora a tempo que o mouro abaxava a cabeça para sair aonde ela o mandava, disse-lhe:

— Bem folgo eu, Agrimo (que este era o seu nome), de vos achar agora aqui, porque com as visitas, que tivemos, me tinha esquecido dar-vos ũ recado, que meu irmão me deu para vós, quando se despedio de mi.

Targiana cuidando que acaso a filha chegara àquele tempo, não o fez muito daquilo e respondeo-lhe que o deixasse ir a ũ negócio apressado a que o mandava e que logo voltaria.

— Não sei se poderei eu estar aqui tanto, lhe respondeo ela, por isso lho direi primeiro que pouco o pode deter.

— É segredo? Perguntou a mai.

— Não por certo, replicou Arquediana. Disse-me meu irmão, que[65] tivésseis muita conta com o seu hóspede, porque importava assi e que amenhã se havia de ver minha mai para lhe dizer certas cousas acerca dele, de que se ela não espantaria pouco, que entretanto o vegiásseis de maneira que nem se fosse, lhe doesse [28v] a cabeça, senão que a de nós todos lho havia de pagar.

Disse isto com tão boa sombra e tão levemente Arquediana, que nenhũa sospeita deu a sua mai da indústria com que o fizera. E deixando-lhe fixo no ânimo que Albaizar conhecia a

[64] A: dele veio / B: dele deixou-se estar detrás de um pano até que ele veio
[65] A: que / B: que vos dissésseis que

Vasperaldo, não ousou a tirá-lo das mãos por aquele caminho e mais esperando que ao outro dia lhe comunicasse ele suas detreminações. E assim fazendo deter a Agrimo, disse à filha, que os deixasse sós, porque ela estava com ele em ũ negócio, a que não importava sua assistência. E ela que o desejava muito mais, saío-se logo. E chamando ũ donzel, de quem se fiava, disse-lhe que aguardasse a Agrimo na sala e que lho levasse a sua pousada, por ũ retrete seu de maneira que o não vissem os que ficassem dentro da antecâmara. E entretanto que a mai falava com ele, fez ela ũ escrito para o irmão em que lhe dava conta de tudo o que tinha passado. E Targiana depois que vio ida a filha, disse para Agrimo:

— Conforme aquele recado, que vos deu Arquediana, não se podia[66] pôr dúvida na verdade de vosso filho. Vasperaldo é este e digo-vos certamente que se o matásseis esta noite, que não faríeis pequeno serviço a Albaizar, nem aos deoses. Mas bem sei que nem vós o querereis fazer, nem eu vo-lo aconselharei já agora, porque com os príncepes mancebos não se pode entrar em questões contra seu gosto. Mas queiram os deoses, que me minta [29r] a mi o que o espírito me adevinha, acerca do sucesso destas cousas.

Ao que lhe ele respondeo:

— Bem vejo, senhora, que vossa muita prudência vos ensina a temer, ainda o que está tão seguro. Mas não é razão, que seja de maneira, que faça o temor os mesmos efeitos que o mal. Daqui à menhã breves horas há, virá Albaizar, dar-lhe-eis vossas razões, ouvireis as suas e não é de crer que sendo ambos tão parentes e estando igoalmente interessados nesta matéria, sejam as tenções e os ânimos desiguais nela.

E com isto despedindo-se foi a dar no donzel, que o esperava. E indo-se com ele achou a Arquediana, que lhe disse, que tudo o que com sua mai passara tinha ouvido e que lhe agradeceria da parte de seu irmão o que fizera, que logo sem parar lhe levasse aquele escrito seu e que tomasse as ordens, que lhe ele desse para as não alterar em nada, porque a sua mai naquela malícia[67], não se havia de obedecer, ainda que desacatar de nenhũa sorte. E que da reposta a avisasse ainda aquela noute, porque ficava aguardando por ele em certo lugar que lhe nomeou.

Foi-se voando o mouro ter com Albaizar, que ainda não achou recolhido porque a cidade era perto, a pressa fora muita. E ele todavia sobressaltando-se de o ver àquelas horas,

[66] A: podia / B: pode já
[67] A: malícia / B: matéria

teve por averiguado primeiro que lhe falasse, que ou Vasperaldo fogira, ou estava conhecido. E de qualquer destas duas cousas se enfadou bastantemente[68] [29v] porque com ũa perdia o serviço, que detreminava fazer a Carmélia e com a outra o amor da mai e dos vassalos, contra quem detreminava defendê-lo, ainda que se arriscasse a perder tudo. E enfim perguntando a Agrimo como estava o ferido ele lhe deu o escrito da irmã com o qual depois que o leo, tomou o assento que em outro capítulo veremos.

[68] A: bastantemente / B: brevemente

## Capítulo 10

Do que Albaizar resolveo acerca de Vasperaldo.

Depois que Albaizar leo o escrito, sentindo muito estar o negócio tanto adiante, detreminou-se todavia em ver se podia enganar a mai e salvar Vasperaldo e para isto disse a Agrimo:

— Muito bem fizestes, no que aconselhastes a minha mai e muito bem também em lhe quererdes obedecer sobre tudo. E se matares[69] a Vasperaldo antes de minha irmã falar convosco, ainda que o eu sentira muito não tivéreis errado em cousa algũa e assim vos agradeço tanto o que quisestes fazer antes de ouvir Arquediana como o que tendes feito depois que falastes com ela, porém na execução do que agora vos quero encarregar, consiste o remate de meu serviço. Se o fizerdes como vos disser, podeis fazer conta que me tendes muito obrigado para vos fazer muita [30r] mercê sempre. E faltando no mais pequeno ponto, também entendei que se vos acabou a vida e a honra. E porque espero que fareis tudo como desejo, não me detenho em vos ouvir protestações, senão em vos declarar aquilo que quero que façais e é que a primeira cousa seja somir vosso filho para que não apareça tão depressa nesta terra. E depois haveis tomar Vasperaldo ainda esta mesma noite e entregá-lo a Arquediana, que o mandará meter onde lhe eu avisarei no escrito, que haveis de levar meu. Então a qualquer a hora que fôreis, falareis a minha mai e dir-lhe-eis que vos valha comigo, porque vigiando vós o preso como vos eu mandei, achastes que tinha corrompido vosso filho e que estava ordenando acolher-se com ele e que sobre lho quereres estorvar e eles matar-vos a vós, porque o não fizésseis, os matáreis a ambos facilmente, por estarem desarmados, querendo antes arriscar-vos ao que eu de vós quisesse fazer para matar ũ enimigo comum, que a merecer a morte pelo guardar tão mal, que o deixásseis fogir. E com o sangue de quaisquer cães se pode fabricar o engano.

E dizendo o mouro que muito mais que aquilo faria por seu serviço escreveo logo Albaizar à irmã dando-lhe conta e advertindo-lhe tudo. E pedindo-lhe que até se ele ver com ela recolhesse a Vasperaldo em certo desvão, que naquele quarto havia, onde não entrava de presente ninguém. E que em tempo dos reis passados era o recolhimento [30v] dos eunucos de

[69] A: matares / B: matareis

que todas as princesas se serviam, porque receava que se o mandasse ir logo a sua casa, que fosse sentido e que ao outro dia se veriam. Partio o mouro com esta ordem e falando a Arquediana que o esperava, deu-lhe o escrito do irmão. E depois que o leo, pareceu-lhe dura cousa mandar-lhe ele que agasalhasse ela aquele príncepe, porque ainda que era em parte tão desviada e remota do seu aposento era todavia das suas portas adentro e não o podia levar ali, senão sua própria pessoa, ou a de quem se fiasse. E para aquilo não queria que cuidasse seu irmão que ela tinha de quem se fiar. Mas enfim o tempo era breve para réplicas e ela havia começado aquele jogo e assim houve de obedecer e dizendo a Agrimo onde havia de levar a Vasperaldo, mandou-lhe que ambos trouchessem de casa em que se ele agasalhasse, porque da sua nenhũa creatura havia de ir ali. E despedindo-o ela se foi a buscar as chaves de ũ postigo, por onde haviam entrar e ele a dar à execução o que Albaizar lhe encarregara na matéria de seu filho, ao qual achando na vigia de Vasperaldo por se livrar de embaraços matou-o a punhaladas sem que o sentisse ninguém. Estranha e desacostumada maldade certo e prova notável eficacíssima de quanto mais pode com os homens o gosto de obedecer aos príncepes e a ambição de seus favores, que a força da religião, [31r] que a do entendimento e o que é mais, que as universais leis da natureza. E tornando aquele bárbaro, que por outra parte tão político e homem de bem se tinha mostrado, depois de efeituado aquele abominável homecido, foi ter com Vasperaldo, que a sono solto como dissemos dormia e acordando-o lhe disse o mesmo Vasperaldo, que se era chegada a hora de seu sacrifício, que lhe desse dous paos, de que fizesse ũa crux com que morresse abraçado. Andava o mouro cheio de sangue do filho e de alguma dor natural de o ter morto e muito mais do receio daquelas cousas e do fim e paradeiro que teriam e só lhe respondeo, que se levantasse e visse se se podia armar, que lhe traria ũas armas.

— Si posso (lhe respondeo Vasperaldo) e saltando fora da cama vestio-se enquanto o outro lhe foi por elas, das quais também ajudado dele se armou assaz depressa e não[70] lhe disse Agrimo mais que[71] enquanto ele ajuntava uma pouca de roupa que convinha levarem consigo, degolasse ũ moço mouro, que na casa de fora dormia. E recusando, Vasperaldo constantemente desviar as mãos naquele sangue inocente, pôs a perigo toda aquela negoceação. Enfim o mouro enfadado, depois de profiar ũ espaço, houve de fazer aquela

[70] A: e não / B: então
[71] A: mais que / B: que

execução, também com não pequena lástima de Vasperaldo, que por vezes esteve para o estorvar e fizera-o se Agrimo não dissera que era o caminho de se poder [31v] livrar. E que soubesse que estava conhecido sem[72] mor perigo por isso, do que com isso[73] correra. Depois daquilo feito, carregando ambos a cama às costas, puseram-se a caminhar para aquele postigo, onde os esperava Arquediana o qual acharam aberto com não pequeno trabalho seu, que por haver muito tempo que se não abrira, por ela não querer acompanhar-se com ninguém naquilo. Primeiro que fizesse dar volta à chave, não lhe custou[74] pouco. E sentindo que vinham, desviando-se para onde a não vissem, os vio entrar carregados como camelos com o que a provocaram a não pequeno riso. Agrimo pois que sabia o que havia de fazer, indo-se depois de entrar pelo postigo a ũ laranjal, que crescera na barbacã do muro, foi dali a demandar outra porta, pela qual se ia ao primeiro páteo daquele apartamento em que estavam sóteas bem escuras e trabalhosas para aquelas horas.

E deixando cair o que levavam, tornou-se e Vasperaldo com ele a fechar sobre si todas aquelas portas, que tinham deixado abertas. E despedindo-se na derradeira, disse-lhe que ao outro dia àquele ponto, o viesse esperar ali mesmo, porque o viria a visitar. E dali se foi levar a Targiana o presente daquelas duas cabeças, que cortaram e trazia penduradas do cinto, o qual ela mostrava que desejava tanto e inda que já era muito tarde, não a achou recolhida, porque as ordinárias ocupações [32r] do governo, costumam a desvelar muito e então muito mais com a ocasião que tinha entre mãos. Fê-lo ela entrar tanto que lhe disseram era ele e descobrindo o mouro em sua presença ũ alquice, que trazia vestido, apareceu-lhe cheio de sangue e de suor em bem nojenta e asquerosa vista em verdade, mas não o foi para ela, porque imaginando o que desejava, levantou-se e foi correndo quasi a abraçar-se com ele e disse-lhe:

— O Agrimo verdadeiro vassalo e amigo meu, o mais verdadeiro instromento e ministro da vontade dos nossos deoses. É verdade o que eu sospeito, ou que causa vos traz desta maneira?

Ele lhe deu então conta de tudo o que passava, na conformidade que Albaizar lhe tinha encarregado. E mostrando-lhe a cabeça do filho, que ela conhecia e a do moço, que ele dizia ser de Vasperaldo, a deixou de todo quieta daquele cuidado e levantando até o ceo tamanha lealdade e constância. Com aquele fervor quisera logo publicar o caso, a respeito também de

[72] A: sem / B: e em
[73] A: com isso / B: com o usso
[74] A: lhe custou / B: se cansou

assegurar com o aplauso comum a cabeça de Agrimo. Porém ele que estava seguro, aconselhou-lhe, que o não fizesse, porque se Albaizar quisesse cair na conta, que não sabendo ninguém que Vasperaldo era morto, nem que viera ali ter, poderiam ficar com o gosto da vingança e sem o ódio dos príncepes gregos por aquele respeito, se por alguns importasse [32v] não os irritar tanto como com a morte de Vasperaldo provavelmente ficariam. E que para tudo era necessário avisá-lo a ele primeiro. A Targiana lhe pareceo bem o conselho e o mandou para sua casa, prometendo-lhe que em amanhecendo iria ter com seu filho a dar-lhe conta de que tinha passado e a precurar que lho agradecesse ele aquele serviço tão bem como tamanha cousa merecia. E assim o fez às horas que tinha dito e lá com as melhores palavras que soube, quis persuadir a Albaizar ao desempenho da obrigação, que devia a Agrimo e o que mais passou, veremos no capítulo seguinte.

## Capítulo 11

Do que Albaizar respondeo a sua mai e do que Vasperaldo passou no lugar aonde estava com o próprio Albaizar.

Não se mostrou Albaizar muito contente com aquelas novas, que sua mai lhe trazia e dando-lho assim a entender, respondeo-lhe que a vida dos príncepes inda que inimigos, não era razão, que fora dos atos de guerra estivesse só posta nas[75] mãos da gente ordinária, sem ordem expressa do conselho.[76] Que ele conhecera mui bem a Vasperaldo, [33r] mas que pelo ver tão mal tratado como estava e por servir e assegurar as vidas de Arquediana e Beliandra, não quisera por então ordenar algũa cousa dele, detreminando também dar-lhe a ela conta disso como cuidava fazer aquele dia. Porém que as cousas daquela calidade como eram feitas, não havia percurar para elas remédio, cores si. Que Agrimo vivesse embora e que a morte de Vasperaldo se publicasse, pois não era possível que estivesse em segredo com tantas outras, mas quem era o morto não, por nenhũ caso, até que o tempo mostrasse o que mais se devia fazer naquilo. Com o que contentando-se por hora Targiana, despedio-se do filho e foi levar aquela nova a Agrimo. Ele e ela a deram logo ao povo das mortes daquela noute, das quais disseram, que fora a causa querer fogir aquele cristão e matar sobre isso o filho e criado de Agrimo e que ele acodindo à revolta, temendo que o matasse também lhe tirara com uma lança de arremesso com que lhe acabara a vida.

Arquediana para maior dissimulação[77] se mostrou mui descontente,[78] e Beliandra mais,[79] que de tudo cuidou que era verdade. Porém a demais gente, particularmente os que tinham fogido do usso, que não estavam com pequena vergonha e inveja, assim de aquele cristão o matar como dos bens, que por isso imaginavam que lhe as princesas fariam, não puderam ouvir cousa que mais os contentasse, condoendo-se todos geralmente [33v] do desastre de Agrimo e afirmando que com nenhũ cristão se devia ter piedade alguma. E assim brevemente se perdeo a memória daquele caso.[80]

---

[75] A: só posta nas / B: solto posta as
[76] A: expressa do conselho / B: de alguns principes outros
[77] A: Arquediana para maior dissimulação / B: do que Alquediana por amor da simulação
[78] A: mui descontente / B: pouco contente
[79] A: mais / B: menos
[80] A: caso / B: caso em toda aquela terra e na propria Beliandra juntamente

Tornando a Vasperaldo, diz o nosso cronista, que amanheceo quando ali o deixaram em ũ páteo cercado de paredes altíssimas, sem alguma outra vista mais que a do ceo, que tinha aberto e elas[81] até a altura de dous homens cubertas de azolejo, de obra e lavor antigo, mostrando em lugares que tinham sido dourados. Tinha aquele páteo, que era lajeado de pedras brancas e negras, a feitio de enxadrez, uma grande fonte de alabastro no meio, mas sem ágoa e com sinais de haver muito tempo, que ela ali não viera. Havia à roda muitas portas de casas pequenas, todas daquele azolejo. E no topo de ũa das paredes do páteo debaixo de um arco estava ũa porta grande defronte daquela por onde ele entrara fechada. Lá por dentro saía a por onde ele tinha entrado a um quintalão cheio de laranjeiras altas e velhas, sem cultura, nem ornamento algũ como cousa que se não habitava havia tanto tempo. Vasperaldo que se vio naquela prisão não a julgando pouco áspera naquilo que via, retirou-se a ũa daquelas casinhas, alimpando-a primeiro como poude com ramos das laranjeiras, que quebrou para aquilo. E como o teve feito estendendo a roupa que levara, fez a cama o [34r] melhor que soube e desarmando-se, se sentou nela com algũa pena de suas feridas, que posto que estavam bem atadas e que não eram grandes, todavia lhe doíam com o trabalho daquela noite. E assi esteve naquele dia revolvendo na fantesia a que fim e com que ordem Agrimo o trazia ali e os mais mistérios daquela aventura. E finalmente não assentando em nada, tornou-se a entregar ao sono, de que não tinha pequena necessidade. E assim passou, até que tornando a levantar-se, por enlear o cuidado entreteve-se em alimpar aquela fonte de todas as areas e mais imundícias, que tinha, até lhe parecer que eram horas de ir esperar a Agrimo. E então tornando-se a armar embraçando o escudo e tomando a espada na mão foi-se à porta onde o outro já o aguardava e sem entrar dentro deu-lhe ũa bersoleta e despedio-se dizendo-lhe, que fechasse bem as portas, porque dali a dous dias o não tornaria a ver. Apertava a sede a Vasperaldo e querendo falar-lhe naquilo, ia já o outro tão longe, que sem gritar não poderia ser ouvido. E não ficando ele mui consolado, tornou todavia a segurar aquela porta e as outras e foi-se à sua pousada. Porém em entrando no páteo sentio que corria ágoa na fonte. E chegando-se ali vio com a luz das estrelas que era copiosamente. Então lhe pareceo, que não estava de todo desemparado, porque já na borseleta [34v] tinha achado tâmaras e ũ bolo grande e umas empanadas, algumas talhadas de deacidrão cuberto e ũ vaso de prata.

[81] A: que tinha aberto e elas / B: e celas

Ora diga Vasperaldo o que quiser e sejam as memórias da senhora Flérida[82] o seu verdadeiro mantimento, mas aqui em segredo não cala Henrique Frusto, que deixasse ele de estimar e muito aquele presente com que passou os dous dias, que Agrimo o não veio visitar, sem deixar nunca contudo suas ordinárias contemplações e enleios. Passados os dous dias, tornando à porta, achou Agrimo, o qual com ũa nova ordem, que levava, o deteve em práticas diferentes e confusas, um grande espaço. E quando lhe pareceo, que era tempo, dando-lhe outra bersoleta, recebeo a que tinha deixado e foi-se. E Vasperaldo tornando-se a sua pousada e emparelhando com a fonte, à qual por ordem de Arquediana, se tinha soltado ágoa lá por dentro, para acodir em tudo à necessidade daquele seu hóspede. Deu-lhe pelas feridas[83] de uma daquelas portas certa claridade como luz de vela no rosto e acodindo ele ali, vio que saia por ela fora uma molher com uma lucerna na mão, vestida ao modo de Grécia, risonha e bem assombrada. E ele tendo-lhe já passado o sobressalto do primeiro movimento, recebeo-a com a cortesia, que a todas se deve. E sentando-se ela em ũ dos poiaes, de que toda a fonte era [35r] rodeada, fazendo-o assentar em outro, lhe falou desta maneira:

— Senhor Vasperaldo, para que encurtemos rezões eu sou Arquediana, a quem vós, com tanto risco de vossa vida, livrastes de ũa horrenda e desabrida morte. Sou filha de Targiana e irmã de Albaizar, o qual vos conheceo naquela mesma tarde tão bem como vós a ele. Mas assim para vos pagar em parte o socorro que me fizestes como para vos guardar para outros fins, não sei com que intentos, não quis que por então ninguém mais vos conhecesse. Não consentio isto a sorte, antes vos fez descobrir a minha mai.

E dali por diante lhe disse com grande pontualidade tudo quanto tinha passado, acrescentando depois:

— Mas não considerou Albaizar, que éreis vós filho de vosso pai e eu de minha mai e que parece que herdamos ambos a fortuna de ambos, porque eu me acho tão penhorada do vosso valor, do vosso parecer e idade e da obrigação que vos tenho e de vossos desastres juntamente e com ũa tal força, que me obriga de tal sorte, que me faz vir meter em vosso poder, para que nos vamos a embarcar em ũa galé que para isso tenho prestes, cerrando os olhos a todos os exemplos e razões, que me poderam fazer deter. Não convém já outra algũa detreminação, porque a mais pequena detença, ou repulsa, será igualmente o cutelo de ambas

[82] A: e sejam as memórias da senhora Flérida / B: e a senhora Flérida seja
[83] A: feridas / B: fendas

nossas vidas.

E calando-se trás isto ficou olhando [35v] para Vasperaldo como turbada na cor e inquieta na pessoa. Porém ele, que a esteve ouvindo sossegadamente, vendo que tinha acabado e que aguardava que lhe respondesse, fê-lo na sentença seguinte:

— Pesa-me muito, senhora Arquediana, de ter depois que entrei neste lugar tão sabida[84] a morte, que já me será mais fácil padecê-la em ũa hora, que sofrê-la[85] em tantas, para não poder cuidar que faço algũa cousa em a sofrer por servir ao senhor Albaizar em algũa maneira o a que me tem obrigado com os benefícios que me acabais de dizer que dele tenho recebido. E fora este respeito, o vosso me obrigará também a não pagar tão mal vontade tão boa. E maior força que tudo isto tem o não ser eu meu, nem ter a vontade livre. O sê-lo meu pai, o deve desculpar de algũ excesso, se o fez nas cousas que vós assinais. Todas estas razões me obrigam a não satisfazer ao que me mandais. E bom fora que quem se aventurou à morte por vos salvar a vida, queira poupar a vida para vos perder a honra. Não temos que falar nisto, senhora, antes vos deveis tornar logo por onde viestes, senão ir-me-ei entregar ao primeiro homem que encontre, porque conhecendo muito bem quanto por outra parte ganho nesta conversação em que estou, confesso-vos que de melhor vontade sofrerei os rigores com que vossa mai [36r] quiser tratar-me, que as branduras com que agora vós me favoreceis.

E com isto querendo levantar-se sentio ruído como de armas naquela casa de que a princesa saíra. E logo vio vir pela porta dela ũ cavaleiro armado de todas as peças, tirado o elmo com outra lucerna na mão e outra molher consigo, muito melhor vestida e sem comparação mais fermosa. Conheceo Vasperaldo logo que era Albaizar, o qual por fazer aquela experiência de sua tenção, ordenou com Arquediana, que era a que com ele vinha, que se viessem ali lançar como em cilada enquanto Vasperaldo estava falando com Agrimo e mandaram-lhe por ũa criada sua fazer a arenga, que ouvimos. Porém ele, que não sabia da travessura, tanto que o vio sair, de todo se deu por perdido, cuidando que estava a casa chea de gente para o matarem. Mas como estava armado, detreminou vender a vida ao mais caro preço que pudesse. Pondo mão à espada, foi-se a buscar o perigo e Albaizar lhe disse o que em outro lugar vos contaremos.

[84] A: sabida / B: bebida
[85] A: sofrê-la / B: esperá-la

## Capítulo 12

Do que fazia el-rei Vencislao e como Dramusiando e seus companheiros conheceram o Cavaleiro do Sol. [36v]

Tornando a dar conta de el-rei Vencislao diz a história, que depois com consentimento de sua filha e aprovação de seus vassalos, se detreminou em a mandar a Constantinopla. Publicando-se como dissemos, a jornada entendeo logo em preparar ũa grão frota em que ela fosse e que assegurando sua pessoa, mostrasse também a grandeza de seu estado. Mas Dramusiando e o embaxador do emperador entendendo que se perdia tempo baldadamente naquela fábrica, disseram-lhe conhecendo-lhe a tenção, que não quisesse Sua Alteza pois tinha concedido o mais ao embaxador, dilatar ao emperador[86] o gosto, que ele teria de ver a princesa em sua casa, perdendo na armada que se aprestava muito tempo, sem nenhũ fruto, porque a multidão de baxéis não a seguravam[87] a ela de tromentas e fúrias do mar e dos ventos. E que para os inimigos quando os houvesse, se ele e os companheiros que ali tinha não bastassem, que mal poderiam bastar os mais com que Sua Alteza detreminasse a acompanhá-los. E que para constar ao emperador a[88] sua corte e a grandeza de Boêmia, não podia haver mais eficaz testemunho, que a pessoa da princesa. E com estas razões atalharam aquela máquina, para que se ia armando aquele rei, porém não deixou de se aprestar com grande coriosidade a nao em [37r] que havia de ir Fidélia. E nos dias em que se entendeo nisso, avisou Dramusiando ao emperador do que tinha negociado e prevenio para esperar por eles brevemente.

Entretanto tornaram a seu acordo de todo Primaleão e Pavorante, melhorando de maneira que se reduziram à primeira saúde, principalmente Pavorante, porque Primaleão tanto que começou a conhecer que vivia não vendo a Ardélio, nem sabendo onde estava, nem sendo respondido daquela donzela, que o curava em cousa algũa, por que lhe preguntasse, lembrando-se da batalha, que com Pavorante tivera, não se lembrava bem com quem ficara a vitória. Com este cuidado, não somente não melhorava, antes tornava muitas vezes atrás com estes pensamentos. E se de todo lhe não impediam o curso da saúde era porque os de Fidélia lhe não davam vagar para se deter muito com eles. E ainda que pareça que estes eram os que

[86] A: ao embaxador, dilatar ao emperador / B: ao emperador dilatar-lhe
[87] A: não a seguravam / B: não asseguravam
[88] A: a / B: e

mais o haviam de inquietar, não sabendo dela, assi fora se ela não estivera tanto ao vivo debuxada n'alma, que daquele retrato seu se valia contra todas as perturbações de suas saudades. E por isso as outras memórias lhe causavam tanta pena, que[89] lhe impediam, a seu parecer, gastar todo o tempo em contemplá-la.

A este respeito era tanto o que ficava atrás de Pavorante, sendo suas feridas menores, que a donzela que o curava se via muito enleada com ele, porque para as chagas do amor, não sabia ela cirurgia certa.[37v] E comonicando este seu enleio com a companheira, ambas se não sabiam detreminar naquele caso, porém o mestre que as ali tinha mandado, que era o grande sábio Daliarte e que não perdia o cuidado daqueles feridos entendendo que não convinha deixar vacilar mais tempo, nem a elas na cura, nem a Primaleão nos pensamentos, que o não deixavam cobrar perfeita saúde, avisou-as ũa noite do que haviam de fazer. E foi, que chamassem Dramusiando e os cavaleiros, que com ele estavam e que a todos juntos metessem na casa, onde Primaleão estava e que entregando-lhe a ele e a Pavorante, se tornassem logo pelo caminho que troucheram.

Ordenou Daliarte isto desta maneira, assim para segurar a saúde daquele príncepe naquela ocasião como na do perigo, que ele e Dom Floris, necessariamente correriam sobre o conhecer. E também com outros intentos, os quais iremos vendo e se seguiram a sua manifestação.

As donzelas pois seguindo a ordem que se lhe deu, foi-se ũa delas ũ dia, pouco antes da partida da princesa, à cidade e entrou no paço, a tempo que el-rei acabava de jantar com Dramusiando e seus companheiros, os quais conhecendo-a e vendo-a alegre e risonha como cada dia a esperavam com alvoroço[90] a preguntar-lhe por seus acenos, que tais estavam os feridos? Ao que ela lhe respondeo com clara e inteligível [38r] vox:

— Não é tempo, senhor, de falar dessa maneira. Pavorante está são e o Cavaleiro do Sol sem perigo, mais que o de ũa profunda malencolia em que caío, a qual segundo entendo, vós muito melhor que eu podeis curar. Por isso vos venho a dizer que queirais ir esta tarde ao mosteiro entregar-vos-emos ũ e outro, porque a nós nos convém fazer ũa jornada, a que não podemos faltar. E ficando todos em extremo contentes com o que lhe ouviram, querendo dar-lhes o agradecimento ela lhe disse, que à vista dos feridos o esperava como lugar próprio. E

[89] A: lhe causavam tanta pena, que / B: o cansavam tanto, porque
[90] A: a esperavam com alvoroço / B: esperavam ũa boa nova começaram com alvoroço

voltou tão depressa, que quasi a não viram.

Começou logo a espalhar-se a nova enchendo de alegria todas as pessoas, a que chegava. E assim nem no paço, nem na cidade ficou ninguém, que a não tivesse grande, porque bem poucas eram aquelas, que com grande afeto não desejassem a saúde àqueles cavaleiros. A Pavorante, pelo conhecimento, que já tinham com seu pai e ao do Sol, pelas obras, que dele tinham visto e sabido. Não era a princesa Fidélia a que menos quinhão tinha naquele público alvoroço. E entre os efeitos dele, vendo como Dramusiando e aqueloutros cavaleiros se faziam prestes para ir ao mosteiro, lembrando-se do temor, que o do Sol deixara[91] de ser conhecido deles, querendo atalhar-lhe todo o disgosto, chamou Pleonido, que ainda [38v] que ia e vinha ao mosteiro, nunca mais ousara a falar-lhe em nada das cousas passadas. Nem ela posto que de todo o não entendera, lhe[92] deu ocasião para ele o poder fazer. E disse-lhe:

— Agora, Pleonido, é tempo de servirdes ao Cavaleiro do Sol, de cuja saúde à vossa conta, me não tenho alegrado pouco. Estes cavaleiros vão lá. Cuido que não folgará ele que o conheçam. E como as donzelas que o curam o não sabem, será impossível escapar ao enfado que disso há de ter, se vós não fizerdes deligência achando-vos lá primeiro pelo que[93] Ludínio disse a el-rei meu senhor que lhe ele dissera ao tempo que se acabou a sua batalha e que juntamente lhe daríeis ordem para se esconder importando-lhe. E assim o fareis entregando-o em segredo ao abade da parte de meu pai. E dizei da minha parte ao Cavaleiro do Sol, que eu me vou a Constantinopla, que se ali lhe puder mostrar em algũa cousa quanto desejo que todas as suas tenham bom sucesso, que não deixarei passar ocasião de o fazer. E não vos digo a vós que vos fiqueis de todo com ele, porque não fique à minha conta o vosso arrependimento. Bastar-me-á, o com que ficarei do que vos tenho feito, quando não responderdes ao que isso vos obriga.

E o enano ainda que aquilo eram umas palavras nascidas da gratidão e generosidade daquela princesa, sem cheirarem a outra algũa cousa, todavia como era ver na sua memória [39r] o Cavaleiro do Sol, fosse qual fosse o respeito, alvoroçou-se de maneira, que lhe disse:

— Já agora, senhora, não quero eu senão servir-vos, pois que vos lembrais de quem tão bem vo-lo merece. Eu irei aonde me mandais e perdoar-me-eis se o contentamento de me

[91] A: deixara / B: mostrara
[92] A: lhe / B: não lhe
[93] A: primeiro pelo que / B: primeiro que eles cheguem e dizei-lhe que eu vos dei este aviso pelo que

mandardes, me fizer acrescentar algũa cousa mais a esse recado.

Já estas últimas palavras não ouvio a princesa, porque se levantou a ir receber seu pai, que entrava a dar-lhe pessoalmente a nova da saúde daqueles feridos. E assim sem outra reposta se foi o enano a sua comissão, na qual aproveitou pouco, posto que fez bem deligências, porque as donzelas, que estavam prevenidas, nem por bem, nem por mal quiseram abrir a porta dos aposentos enquanto Dramusiando e seus companheiros não chegaram, de que Pleonido vendo-os vir estava para se enforcar. E finalmente não podendo ser mais entrou de companhia com eles, até o leito de Primaleão, o qual àquele tempo estava dizendo:

— Se isto é encantamento, não me queixarei de todo, porque ainda que me faltam olhos para vos ver, vejo-me com alma para vos contemplar. E ainda que desta memória[94] nasce estoutra pena, tenho por muito mor bem, ter-vos algũa hora visto, que por mal o deixar de ver-vos agora. A razão é clara. Como pode igualar a glória, ou a pena dos sentidos, à pena, ou glória, que estiver dentro d'alma? Mas valha-me Deus. Eu entrei aqui ferido e fora de [39v] meu joízo, agora estou são e estou com ele! Quem me fez estes tamanhos benefícios, porque não há de querer, que lhe deva eu outros maiores? Triste de mi, senhora, que me não lembro se fui vencido à vossa vista! Mas se fosse, que importa? Havia-vos eu obrigar por vencedor? Ou cuidei alguma hora que podia eu fazer cousa algũa com que vos obrigar? Ou porventura sois vós como as outras molheres, que vos havíeis arrojar trás a fortuna?

Não respeitou o ruído com que aqueles seus conhecidos entraram naquela casa, que lhe ficava a oração imperfeita e ele como se sentio atalhado nela, correo a cortina do leito em que jazia e deu com os olhos neles e eles nele e ainda que descorado e fraco, não deixando de conhecer, correram logo a abraçá-lo como doudos de contentamento. E Dramusiando lhe disse:

— Eu vos prometo, senhor Primaleão, que ma tendes feito boa, não só nas feridas de Pavorante, mas em me fazerdes (por vos quererdes emboçar) ter ódio mortal até 'gora a ũa cousa tão conjunta à senhora Miraguarda. Mas a fé, que me vingue e que tenha em que, se minhas sospeitas me falarem verdade.

Dizia ele isto, porque logo daquela hora por diante assentou consigo o que lhe a Primaleão ia em Fidélia. Não sentio ele pouco ver-se conhecido, porque cuidou (não sabendo

[94] A: memória / B: maneira

o mal, que lhe estava ordenado[95]) que lhe [40r] poderiam estorvar a ficar em Boêmia. Mas como em cousas sem remédio, trabalhando por se lhe não entender a pena, nem a causa, respondeo com ũ grande abraço a Dramusiando:

— Não vos haveis vós livrar por aí da parte que tendes no mao tratamento que Pavorante me fez, porque se eu algũa hora me vir em Constantinopla, nenhũ segredo vos detremino guardar. E contudo, dizei-me donde estamos e que é feito de Pavorante e quem o trouche aqui a ele e a vós e as estes cavaleiros, aos quais abraçou logo com aquele amor que todos se tinham.

Pleonido se atravessou então, o mais alegre homem do mundo e disse-lhe:

— Como onde estamos, senhor Cavaleiro do Sol? Já vós perdestes a memória de Boêmia? Já vos não lembra Pleonido? Se isto é estando ainda aqui, que será quando vos virdes mais longe?

Primaleão se estremeceo todo com a vista do enano e apartando-o consigo, respondeo-lhe:

— Como quereis vós, Pleonido, que deixe de duvidar onde estou, se vos não via comigo, merecendo-vos tão bem o não vos apartares de mi nunca?

— Ma páscoa venha àquela fea, que vos curou, (disse Pleonido) que nunca me ela quis deixar cá vir, porque ainda que vos vejo são por sua indústria, não perderei nunca esta queixa e outra a que inda hoje neste dia me deo causa. Mas isto não é tempo de sentimentos, Levantai-vos e vamos, que para a vossa terra imos.

Não [40v] o entendeo Primaleão, porém Dramusiando, que era prático, estando já cheio dos pensamentos que dissemos, vendo aquela vista[96] do enano e aqueles afetos de Primaleão, acabou[97] de persuadir-se que era ele instromento de algumas secretas inteligências.[98] Mas deixemo-lo julgar temerariamente nesta matéria agora, que porventura, pouco mais tarde, ou mais cedo, veremos verificadas as sospeitas de Dramusiando, o qual para lhe dar lugar a que mais se explicasse começou a falar com o enano[99] no que imaginava que ele folgaria. Disse-lhe o que mais abaxo Henrique Frusto nos refere.

---

[95] A: não sabendo o mal que lhe estava ordenado / B: sabendo mal o que estava ordenado
[96] A: vista / B: visita
[97] A: do enano e aqueles afetos de Primaleão, acabou / B: do enano e a *demestiquos* que com aquele cavaleiro mostrava, sabendo o que também com sua senhora tinha, acabou
[98] A: inteligências / B: intiligências daqueles príncipes, coitada de Fidélia
[99] A: lugar a que mais se explicasse começou a falar com o enano / B: lugar que falasse com o enano

## Capítulo 13

Como el-rei e a princesa souberam quem era Primaleão e de como ela se partio para Constantinopla.

Cheio e confirmado pois Dramusiando nas imaginações, que no capítulo passado vimos, acerca dos cuidados de Primaleão, disse para ele antes que respondesse ao que o enano lhe acabava de dizer.

— Ora, senhor, já que ficais tão bem entretido, não quero que vos pareça hipocresia não vos pedir licença para ir ver Pavorante, que aqui está vosso vizinho. Dai-no-la se sois servido e vede se [41r] vos parece que avisemos entretanto el-rei de quem vós sois, porque eu sei que não deseja ele pouco conhecer-vos.

— Eu lhe devo tanto, disse Primaleão, sem me conhecer, que não poderei melhorar no conhecimento, senão vergonha minha, pois será impossível servi-lo como me tem obrigado. Mas como vierdes far-se-á tudo aquilo que ordenardes.

Então ficando-se só com Pleonido, soube dele tudo quanto tinha passado hoje na corte e quão a ponto estavam para partir para a de seu avô. E rodeando enfim Primaleão (espantado e contente do que ouvia) preguntou por Lidínio e por Enáclia e veio a falar também na princesa que era o que ele queria. Perguntando porém com a modéstia acostumada como tomava ela aquela jornada e outras generalidades tocantes àquilo, a todas as quais Pleonido lhe respondeo mui bem, mas não lhe quis dizer nada do que lhe ela dissera para que lho dissesse de sua parte, porque depois que entendeo que ele era ũ tão grande príncepe, ainda que dias havia que andava com aquela imaginação, todavia vendo-o claro, não lhe pareceo que convinha tratá-lo já a princesa com o descuido que costumava, quando não sabia quem era[100], porque ainda que da sua parte dela o mesmo seria ũa cousa que outra, não quis ele aventurar as singilezas de sua senhora, às interpetrações de ũ príncepe moço e na sua [41v] opinião afeiçoado. E finalmente tornando Dramusiando com Pavorante, que já andava de pé sobre ũ bordão, trataram depois dos ordinários abraços e comprimentos, de eleger quem levaria o aviso a el-rei e o mesmo Dramusiando aconselhou que fosse Pleonido, cuidando que granjeava acaso muitos prepósitos. Partio ele logo e meteu el-rei e toda a sua casa em

[100] A: quando não sabia quem era / B: quando o não conhecia senão por ũ cavaleiro andante

estranhos alvoroços com a nova, que levava.

A princesa no primeiro movimento, não foi das pessoas que menos a festejaram, depois entrou em considerações mui conformes às que o enano tivera, para não dar o seu recado. E não pareça a ninguém dizer que é disparate que ũ enano e ũa princesa tiveram o mesmo discurso, porque afora o que temos já dito quão entendido ele era e mostrando em suas cousas, se deve saber que as almas dos príncepes não são de melhor sangue que as de seus vassalos, se bem é verdade que as cultivam onde se cultivam[101] melhor e que os órgãos por onde elas entendem entendem outras e os de fora são mais aptos pela razão das contemplações para o entenderem melhor[102]. Mas não se segue logo por isso que os outros que não são príncepes, não possam entender tão bem, antes se os príncepes se não aplicarem e não cultivarem com grande cuidado e deligência[103], ficam em eminente perigo de afogarem aquelas boas influências e disposições [41r](42r)[104] de sua boa natureza entre a demasiada ociosidade e delícias, de que por seu estado abundam, que de nenhũa outra cousa servem quando não são exercitadas no estudo de todas as boas artes, senão de matarem os corpos e entorpecerem as almas.

E tornando à princesa, nasciam aquelas suas considerações fora as cousas, que temos dito, de lhe entrar também de súpito no pensamento, pensamentos, que até então não conhecera e ainda que nem os temia, nem os agasalhava estranhava-os contudo. Ria-se[105] algũas vezes consigo, se cuidaria alguém vendo-a ir à Constantinopla, tendo estado ali Primaleão, aqueles dias, que seria trato de ambos, ou pelo menos granjearia dele só. Outras vezes não querendo cuidar em nada, mal se podia furtar a si mesma naquela matéria. Preguntou ao enano se dera seu recado a Primaleão?

— Não, senhora, disse ele, porque como lhe não pude falar primeiro que Dramusiando, que o deu a conhecer, depois pareceo-me que não tinha lugar e que não quereríeis vós, que ele soubesse que vos lembrava.

A ela lhe não pesou, porém respondeo-lhe que pouco ia em dizer-lho, ou deixar de lho

[101] A: onde se cultivam / B: onde vem cultivar
[102] A: que os órgãos por onde ũas entendem entendem outras e os de fora são mais aptos pela razão das contemplações para o entenderem melhor / B: os graos por onde elas entendem e raciocinam são nelas mais aptos pela razão das compleições para entenderem
[103] A: se não aplicarem e não cultivarem com grande cuidado e deligência / B: se não cultivarem e disciplinarem com grande deligência e cuidado
[104] O copista de A numerou o fólio 42 como 41. Entre parénteses anotamos a numeração real dos fólios, que voltará a corresponder à numeração do copista no fólio 61r.
[105] A: ria-se / B: e cansava-se com eles como hóspedes pejados, ria-se

dizer, porque nunca em nenhũ estado lhe esqueceria o que el-rei seu pai e ela deviam ao Cavaleiro do Sol, para deixar de lhe procurar e desejar todas as boas venturas e então melhor [41v](42v) que se ia a casa de seus pais, onde crescendo a obrigação e o conhecimento, não era possível deixar de crescer a amizade. E o enano que esperava diferentes alvíssaras daquela sua circunspecção, vendo a singileza e descuido daquela reposta, ficou assentando consigo o que acima dissemos, que para Fidélia o mesmo era ũ príncepe herdeiro de senhorio tão grande, que ũ cavaleiro andante não conhecido de ninguém. Assim o cuidava eu também e cuido ainda agora, porém Henrique Frusto, neste lugar, a este mesmo prepósito algũa cousa dá a entender que ia lá dentro em seu peito, porque em ponderando as calidades naturais de Fidélia e os seus procedimentos passados, rebenta em ũa exclamação queixosa dos feitiços, que os cetros e coroas em si têm, a qual por muito proluxa deixo de tresladar e contudo me parece que está desarrezoado, porque ainda que as demonstrações desta princesa foram menos escuras, quanto a mi mais se deviam atribuir que à força de impérios, a lanços de entendimento, porque tendo ela tanto como podia ignorar que indo a Constantinopla a casar e sabendo-se que Primaleão estava naquele vale fazendo as justas, que dissemos, que podia faltar gente, a quem parecesse que por seu respeito dela se faziam? E inda que não fosse[106], que perdia ela nisso para se inquietar, [42r](43r) porque não tendo mais culpas, que as perfeições que a natureza lhe dera e quem lhe podia tomar conta, ou obrigá-la a que a desse de pensamentos alheios? Na reputação e no crédito, nada perdia, é verdade, nem ela podia cuidar outra cousa, mas naquela presente ocasião, ficava arriscada a uma, que para sua opinião, não podia deixar de sentir muito. E era: que estes que imaginassem Primaleão ser tão grande[107] príncepe e tal cavaleiro e a ela ũa princesa que pelo ser e só por ser filha de seu pai e sua herdeira era forçado que casasse logo, haviam de julgar que era o casamento com ele uma muito justa e arrezoada conveniência. E destes juízos e discursos poderia tomar motivo Primaleão para se julgar digno dela. E isto é o que Fidélia não quereria e o que a podia inquietar, porque casar, fá-lo-ia com quem e quando seu pai e o emperador lhe ordenassem, mas cuidar ninguém de antemão, que por razão, ou por razões, seria neste, ou naquele lugar era uma maneira de limitar-lhe ou o merecimento a ela, ou o poder à natureza na produção das cousas. E seguindo esta regra, vinham a necessitá-la a conformar-se com ela, tomada de ũa certa maneira as mãos, isto inda que[108] seja força, gosto

[106] A: fosse / B: fosse hora
[107] A: ser tão grande / B: ser perdido considerando a ele tão grande
[108] A: isto inda que / B: isto para quem cuidava com tantas causas tanto de si inda que

não pode ser e persuado-me a isto por outras palavras do próprio Henrique Frusto, que diz [42v](43v) logo abaixo e são que Fidélia se arrependeo verdadeiramente de ter dito a seu pai que iria a Constantinopla e que estivera para desbaratar tudo o que sobre isso estava feito, mas que enfim por o não disgostar a ele e dar nota de si estando já as cousas daquela jornada tanto adiante, se acomodara a fazê-la por cima dos inconvenientes que lhe cresceram com a manifestação daquele príncepe. E não deve fazer contra minha opinião, se adiante virmos outras ações diferentes porventura, porque afora que os corações humanos são flexibles e não permanecem[109] nunca num ser, as matérias desta calidade todas têm princípios. Deixando Fidélia a Pleonido[110] naquela imaginação que vimos, foi-se a seu pai, que vinha a festejar com ela o conhecimento de Primaleão com tanto alvoroço como se já ouvira o que[111] o espírito lhe revelava. E depois de passarem ambos muitas palavras de contentamento sem particularidade algũa, se recolheo Fidélia a sua pousada, onde a aguardava Enáclia já tão mudada interiormente do ódio, que tivera a Primaleão, que nela assentaram bem melhor todas as sospeitas do nosso cronista. E disse-lhe Enáclia:

— Eu vos confesso senhora que vos acompanhava nesta jornada pela obrigação, que vos tenho e pelo amor com que professo vosso serviço, [43r](44r) o qual me levará sempre após vós a outras muito mais trabalhosas, se as fizéreis, mas o gosto em Boêmia ficava. Não é agora assim porque sendo Primaleão tão conhecido naquela casa e tendo recebido tanto gasalhado nesta, não será possível, que vo-lo não paguem lá e que o não procure ele. E bem se deixava ver que não podia aquele homem deixar de ser ũa grão pessoa.

— Que é isso Enáclia, respondeo a princesa, assim vos mudam as cousas, que andam sobre a terra? Olhai que este é o mesmo Cavaleiro do Sol, que derribou Lidínio e para quem Pleonido vos pedio a banda e toda aquela história da vossa indignação e seu castigo. Que mais veio agora a este homem? Que maravilhas foram estas, que vos fazem esquecer não só do ódio dele, mas do amor da pátria? Vede bem que as damas não podem confessar assim suas paixões, nem falar desse modo nos cavaleiros quaisquer que sejam.

— Ora basta, basta senhora (disse Enáclia) basta isso. Não é necessário tanta cousa para me repreender. Eu confesso que folgo que Primaleão seja pessoa de tanta estimação. E vós deveis de folgar também. Senão que quando ele era tido por ũ cavaleiro andante eu me

[109] A: permanecem / B: prevalecem
[110] A: deixando Fidélia a Pleonido / B: e nem nestes eu vejo ainda a Fidélia a qual deixando ainda a Pleonido
[111] A: ouvira o que / B: vira no que

fazia grave em suas cousas e vós mandáveis-lhe relíquias. Agora que sabemos que é ũ príncepe se lhe eu quiser mandar ũa fita enforcar-me-eis vós com ela. Respeitos que o mundo pôs nas diferenças [43v](44v) das pessoas estão aprovados já do uso como que foram cousa natural negar-se a própria natureza. Mas não falemos mais nisso, que porventura não serei eu a primeira que comece[112].

— Quem vos há de esperar Enáclia? (Respondeo a princesa nem colérica, nem branda) Eu vos sofro por essas mesmas diferenças que dizeis, que a cousa por onde os descontentamentos são tão geraes, é porque quem alcança mais, quer regular pelo seu entendimento os erros de quem não entende tanto. E contentar-me-ei que seja assim que não sejais vós a que comeceis primeiro.

E acabou-se de destoucar para se recolher primeiro que todos e mais enfadada, do que o começara aquele desalinho. Porém pouco lhe dava a Enáclia daquele enfadamento, que já por seus pontos a aguardava onde lhe pagasse o novo e mais o velho como dizem, mas enquanto isto não chega (se chegou) não nos apressemos nós.

Amanheceo ao outro dia e veio Dramusiando com todos aqueles príncepes a jantar com el-rei, que levou nos braços a Primaleão com tanto alvoroço como se já verdadeiramente o tivera por filho. E fazendo depois muitos cumprimentos a Pavorante, levou-os a uns e outros, ao aposento da rainha, onde estava também a princesa, diante da qual, quando Primaleão se vio, por muito que trabalhou, não poude tanto que deixasse de dar manifestos indícios da fraqueza grande, que alguns atribuíram ainda a sua [44r](45r) passada indisposição, porém não Dramusiando, nem Pleonido. Em verdade a princesa não sei se se tinha armado para aquilo, se foi natural, porque fez ũ ato excelente, mostrando o maior alvoroço com a maior singileza que se pode imaginar. E tal, que aos mesmos, que a espreitavam, não deixou de a embaraçar muito. E passando muitos comprimentos com ele, assim sobre a saúde como sobre a jornada, indo todos a encaminhar-se a encomendar-se-lhe ali na sua terra como estrangeira, veio a mostrar e meter em consciência a Dramusiando que, ou se enganava no que cuidara dela ou era diabo aquilo e não molher. A Pavorante fez também muitos agasalhados. E passado aquele dia e os mais em que se acabaram de fazer prestes, a princesa se embarcou para Constantinopla em quatro naos somente deixando em seu pai e em seus vassalos lágrimas de saudades e de alvoroço, das quais ela não ia também de

[112] A: que comece / B: que *omese* outra vez

todo isenta. E do sucesso desta viagem daremos conta a seu tempo.

## Capítulo 14

De ũa aventura que aconteceo a Dom Floris depois que saío de Constantinopla.

De Dom Floris, que em companhia de Vasperaldo [44v](45v) partio de Constantinopla como atrás fica escrito, diz agora a história que logo na primeira jornada se apartou dele e caminhou só com a proa em Boêmia, para cumprir com o que Carmélia lhe encarregara. E fazendo seu caminho naquela volta, não achando aventuras que o ocupassem e vivendo ‘té então senhor de seus pensamentos, indo assim ocioso, se pôs a discorrer ũ dia por aquela coriosidade de Carmélia. E querendo investigar a causa em que se fundaria achou-se entalado entre cortesia e respeito, que ainda com o pensamento se devem respeitar às damas e chamá-lo ela em segredo, descorar-se quando lhe falou e mandá-lo enfim a cousa que nenhũa conveniência pública tinha com ela e não soube defender-se de si mesmo no juízo que se lhe oferecia, o qual se fortificava bem[113], ponderando por outra parte o modo de que Gridônia, Flérida e Valerisa, lhe preguntaram e o apertaram para que lhe dissesse a elas o que a outra queria. E cuidando que pelo menos não podia deixar de ser cousa que entre todas se não soubesse, ou ao menos se não sospeitasse, vinha a confirmar-se em ũa opinião sua antiga e era, que molheres que sejam muito a um homem e que possam muito nele, fora um escusado brinco, porque se ainda aquelas pelas calidades de suas pessoas e purezas de seos procedimentos, quando menos não deixam viver a fé ociosa, que havia de ser onde se declinasse daquilo? [45r](46r) Praticava ele com Gravanao estas cousas como que falava em geral, o qual sendo como algũas vezes temos dito homem sisudo e entendido, repreendia-o daquele conceito indigno na sua opinião de todo o bom juízo. E dizia, que singularizar-se ũ homem naquela matéria era ũ vício, raiz e fundamento de muitos outros e de ũ perpétuo descontentamento na vida e muitos escrúpulos na alma, afirmando o que se havia tratar das cousas com destinção, dando-lhe suas diferenças como a natureza o fizera. E que nenhũa confiança era demasiada quando a calidade e respeito da pessoa pediam toda a confiança, porque assim como tê-la onde faltavam estes requisitos, ou havia conjecturas, que se deviam considerar era argumento de honra e frieldade[114] e insensível faltar com ela, onde elas[115] não

[113] A: bem / B: também
[114] A: frieldade / B: afistulada
[115] A: elas / B: eles

faltavam, seria indício de maldade grande e pecado torpíssimo contra o decoro de tanta molher honrada como o mundo tinha e contra o que ũ homem honrado se devia a si mesmo. Não ignorava Dom Floris aquela filosofia, inda que tão especulativa, porém histórias de velhos experimentados e estímulos[116] de sua própria natureza puxavam ũ pouco por ele neste particular. Bem[117] tomara ele todavia que nem Gridônia pelo sangue, nem Valerisa pela pátria e estado entrassem naquela matéria. E não se podendo ele apartar deste pensamento, dizia dentro de si (como depois confessava) [45v](46v)

— Acharam elas pois bom homem, para meter nestas cousas. Juro em verdade, que se do conhecimento deste, que vou buscar, resulta alguma veemente sospeita, que não só me pague ele o trabalho, mas guardando-se todavia os respeitos que se deverem, saiba o emperador o que tem em sua casa, porque se é razão não romper o segredo, a quem vo-lo encomenda, caminhos há para que em cumprindo com esta diligência e obrigação, acuda também à do homem cujo creado me fiz.

Bem poderá alguém desculpar Dom Floris e não achará[118] poucas razões para isso. Eu agora o não quero fazer, porque verdadeiramente me parece sobre todas quantas se nos ofrecem que ia grosseiro e pesado. E assim o castigaria logo a Fortuna e o Caso, porque não andou muito envolto nestes discursos por aquela estrada que levava, que não visse atravessar por diante de si aquele cavaleiro grande e bem feito, armado de todas as peças em cima de ũ cavalo castanho escuro com a lança atravessada por cima do pescoço dele e com ũ tão apressado galope, que mais parecia correr, que outra cousa. Despertou Dom Floris ao ruído que o cavalo vinha fazendo e tomando a lança a seu escudeiro, atravessou-se no caminho com tenção de lhe preguntar pela pressa e pela causa dela, mas o outro que não se queria deter, nem falar palavra algũa, indireitou [46r](47r) para ele o conto da lança e deu-lhe tal golpe, que sem se poder valer pelo desaprecebimento com que estava e o descuido de que o outro lhe desse tal reposta, se achou ligeiramente estirado em terra. Mal se pode crer a ira e cólera em que Dom Floris entrou, quando se achou caído daquele modo, vendo ir correndo quem o derribara. Levantou-se como ũa víbora pisada, porque o seu cavalo não se deixava tomar, temendo que se lhe apartasse muito o cavaleiro, fez descer Gravanao e pondo-se no seu palafrém, tirou após ele, deixando-lhe encomendado, que em tomando o cavalo, se fosse

[116] A: estímulos / B: estimulados
[117] A: particular. Bem / B: particular e sobretudo o que Gravanao lhe dizia, bem
[118] A: não achará / B: achará

depressa seguindo-o. Ia-lhe o cavaleiro grande espaço já adiante, porém como ainda o não tinha perdido de vista, consolava-se, mas não lhe durou aquela consolação muito porque a pouco caminho começou-lhe a cansar o palafrém e o cavaleiro a transpor ũ oiteiro com que lhe fogio dos olhos. Ali foram as esporadas no triste do sindeiro e as impaciências de quem ia nele tais, que não deixaram de provocar o riso a quem quer que fora o que de fora o visse. Enfim chegando mal e por mal[119] ao alto daquele cabeço, se bem dele se descobria ũa grande varja abaixo, não vio o cavaleiro. E então com uma indinação diabólica se desceo do rocim, que já se não podia mover e com a lança às costas, se lançou pelo oiteiro abaxo, muito mais mouro, do que quantos havia naquele [46v](47v) tempo em Fez.

E tanto que chegou à raiz do outeiro, querendo tomar ũ de muitos caminhos que ali se viam, vio vir por ũ, que rodeava o monte pela parte direita outro cavaleiro armado de ũas armas ricas e louçãs em cima de ũ cavalo russo rodado, mais fermoso e galhardo para passear as ruas de alguma grande cidade, que para peregrinar o mundo buscando aventuras nele. E assim vinha o cavaleiro passeando muito de seu vagar, cantando e não mui bem ao parecer de Dom Floris, que de cansado já não se podia bolir. E todavia, tanto que o outro emparelhou com ele, dando-lhe os sinais do que o derrubara, preguntou-lhe se o encontrara e se ia longe? Porém o músico como se lhe não falara alguém, passou adiante sem interromper a música, nem apressar o passo. Dom Floris pois vendo aquilo, rebentando em nova fúria começou a correr para ele, dizendo-lhe a vozes altas:

— Homem, homem bestial como não respondes a quem te fala?

O outro voltou então e pondo-se quedo defronte dele disse-lhe cantando:

*— Nunca fora cavaleiro*
*de damas tão bem servido.*
*donzelas curavam dele,*
*Y duenhas de su rocino.*

Dom Floris, que desejava brigas e comprara então aquelas a muito mais preço, ainda por ver se podia melhorar de cavalo com que seguisse [47r](48r) ao outro, lançando o escudo para trás, traçando a lança nas mãos, remeteo a ele dizendo:

— Ora não me ajude Deus, se eu desta vez vos não ensinar outros romances mais modernos.

[119] A: mal e por mal / B: mal e por mao cabo

O cavaleiro músico vendo-o vir daquela maneira, afastando-se ũ pouco, disse-lhe:

— Esperai, cavaleiro, já que quereis que nos combatamos, averiguemos primeiro bem a causa de nossa batalha. Dizeis que me falastes e que vos não respondi. É verdade. Que quereis que faça? Tenho ũ pouco de poeta e ia fazendo ũa glosa àqueles quatro versos, que são de ũ romance velho, que me caío muito em graça. E vós quereis que vos responda? Ora afirmo-vos em verdade que se vos vira a cavalo, que me houvéreis de pagar o perturbar-me, porque com vossa impertinência, me fogio ũ consoante e vou-me após ele a ver se o acho.

E começou outra vez a cantar e ir por diante.

Mal se poderá explicar a paixão do triste Dom Floris e peor crê-la quem não o vio metido na confusão daquelas cousas, porque o desejo de ir após quem o derrubara puxava por ele com estímulos da honra e de vingança e o desprezo, que lhe estoutro fazia, obrigava-o com ũa raiva viva de injúria fresca. E ũ ia por ũa parte e outro pela oposta daquela. E ele via-se a pé no meio impossibilitado de todo para seguir a nenhũ deles. E contudo resolvendo-se a voltar as costas à música, tirou pelo caminho que [47v](48v) dantes trazia, ao passo que o trabalho passado e o peso das armas consentiam. Com o qual não tinha andado muito quando encontrou ũa donzela que vinha correndo à mor fúria do seu palafrém. E detendo-se perto dele, disse-lhe:

— Se não ides, senhor cavaleiro, guardar alguma vinha aqui perto, ou não é penitência que vos deram andar dessa maneira, por vida vossa que vos apresseis, que por esse caminho adiante achareis uma ponte, onde com a maior traição do mundo estão matando o melhor cavaleiro dele.

— Senhora donzela (disse Dom Floris), de mui boa vontade farei eu isso que me mandais, mas temo que se os treidores se não derem devagar, que cheguemos nós tarde com o socorro. Porém se esse vosso palafrém sofresse ancas, porventura que não fosse ele de todo fora de tempo.

Mas ela, que lhe não parecia boa a companhia, assim sem lhe responder, tirou por diante com a mesma pressa com que vinha. E Dom Floris também pela estrada que levava com aquele vagar que até ‘li trouchera, porém com desejos novos de chegar à ponte por se acaso a donzela lhe tivesse falado verdade. E não pouco espantado de como Gravanao já não vinha. E finalmente como se a Fortuna quisera desenfadar-se com ele aquela tarde, assim lhe iam acontecendo as cousas, que cada vez mais o incitavam a novas raivas, porque a pouco

espaço que se [48r](49r) tinha apartado da donzela, sentio de trás de si ũ estrépito tão grande, que o obrigou a voltar e fazer-se prestes juntamente, cuidando que o acometiam. E vio que era a donzela, que com ele tinha falado e o cavaleiro músico, que não quisera brigas. E ambos vinham correndo a mor pressa que podiam por aquele caminho, que ele levava. E querendo dizer-lhes se iam ao socorro da ponte, que o levassem, porque lhe importaria mais sua companhia, que chegar uma hora mais cedo com o mesmo desprezo e silêncio, que de antes, passaram por ele sem o quererem ouvir, nem responder-lhe. Com o que perdida de toda a paciência, o coitado de Dom Floris deu com a lança e com o escudo no chão, querendo quebrar tudo e sentou-se em estado, que fora perigosa cousa ir alguém a conversar com ele naquela hora. E assim esteve até que chegando Gravanao fez o que adiante veremos.

## Capítulo 15

Do mais que ali aconteceo a Dom Floris com o socorro dos cavaleiros da ponte e de como conheceo o músico.

Pouco menos que desesperado estava Dom Floris, quando apareceo Gravanao em cima do seu cavalo e com o palafrém pela rédea, que achara no caminho, que por não se poder bolir o fizera [48v](49v) deter tanto. E não vinha também pouco raivoso de cuidar que tinha perdido o amo, parecendo-lhe impossível se assim não fora, que o não tivera já encontrado, pois caminhava a pé. Enfim Dom Floris, tanto que ele chegou, pondo-se a cavalo e dizendo-lhe que o melhor que pudesse o seguisse, foi-se com ũ galope apressado por onde vira ir o cavaleiro e a donzela. E em chegando a uma tresposta que no cabo da varge[120] se fazia, vio que o caminho ia descendo para ũ vale, por onde corria ũ rio de tanta ágoa, que não fazia vao em parte algũa. E chegando a ele vendo rasto fresco pela ribeira arriba, caminhou por ali seguindo aquele rasto, o qual o levou a dar com os olhos em ũ castelo roqueiro, situado da outra parte do rio, que estava atravessado[121] com uma ponte de pedra, larga e fermosa, capaz de se combaterem seis cavaleiros nela. E entre ũa porta grande[122] que entre a ponte e o castelo havia, andavam três em batalha com mais de trinta entre os quais havia dous gigantes de extremada grandeza. E chegando-se mais perto, vio no chão outro gigante morto e quatro ou cinco cavaleiros mais e conheceo, que um dos três companheiros era o cavaleiro que o derribara e o outro o músico, o terceiro não o conheceo e aquele se combatia com ũ dos gigantes e ainda que se defendia valerosamente trazia as armas tão rotas e andava tão ferido, [49r](50r) que não parecia, que podia durar muito. O cavaleiro, que o derrubara detinha o outro gigante, que não fosse ajudar a seu companheiro e o músico entre os cavaleiros dava e recebia feridas tão vivas e esforçadamente que Dom Floris folgou de o ver. E porque se deteve um pouco alentando o cavalo e concertando-se na sela, a donzela que estava escondida entre uns choupos, de que as margens daquele rio eram povoadas, conhecendo-o, saío a ele e disse-lhe:

---

[120] A: varge / B: várzia

[121] A: rio, que estava atravessado / B: **rio** em cima de um penedo tão guerreiro e bem feito que lhe trouxe à memória o seu de Almourol e não o **rio** que cá estava atravessado

[122] A: entre ũa porta grande / B: em ũa praça grande

— Que fazeis, cavaleiro, que não acodis àqueles homens? pois deparar-vos Deus cavalo a tal tempo, não parece que foi para outra cousa.

— Tudo o que não for aventurar esse vosso palafrém, me parece que vos devem eles, lhe respondeo Dom Floris, porque[123] se vós quiséreis, mais depressa fizera eu isso, porém graças a Deus que não tardamos de todo.

E como isto disse, passando a ponte, chegou-se àquele cavaleiro mais ferido e rogou-lhe que quisesse descansar ũ pouco, deixando-o com aquele monstro, que já tinha encetado, porque ele lha daria conta da empresa, particularmente achando-a das suas mãos tanto adiante. O cavaleiro guardando-se de ũ golpe que o cavaleiro lhe atirara que era o gigante[124] com quem se combatia, lhe respondeo:

— São tantos estes homens, senhor cavaleiro e de tão má condição, que hei medo, que a nenhũ de nós deixem descansar e sendo assim melhor [49v](50v) será morrermos fazendo o que devemos, que mostrarmos de alguma maneira que estamos mortos antes de o ser. Socorrei vós lá esses cavaleiros, que assaz de necessidade têm, que eu já hei de acabar minha porfia com este.

E dizendo isto tornou a remeter ao gigante que também andava tão mal tratado, que bem via, que se lhe chegava a derradeira hora, porque o cavaleiro era tal, que ainda que acometido com tanta desigualdade, tinha morto outro gigante e dous cavaleiros, peleijando só com todos enquanto não chegaram os dous, que o tinham socorrido e trazia ao gigante no estado, que dissemos, posto que tanto à sua custa. Dom Floris pois pasmado e invejoso, de o ver e ouvir, voltando os olhos aos companheiros, vio que o que se combatia com o gigante e era o que o derrubara, que passava mui mal, porque não fazendo os cavaleiros muito caso do músico, se bem seus golpes não eram para desestimar, apartaram-se uns poucos para ajudarem os gigantes. E querendo primeiro acabar com aquele, carregaram-no de maneira, que a tardar mais Dom Floris, já não achara a quem poder socorrer, porém ele que o sentio, lançou-se entre eles e como lobo entre carneiros, assim começou a derrubar uns e outros, sem se lhe defenderem mais, nem terem mais resistência a seus golpes.

E chegando com esta fúria ao gigante gritou ao cavaleiro que se apartasse e assentou-lhe [50r](51r) ũ golpe em cima da cabeça tão bem acertado, que dele lhe começou a correr

[123] A: porque / B: mas isto não porque
[124] A: que o cavaleiro lhe atirara que era o gigante / B: que lhe tirava o gigante

mais sangue, que de todos os outros, que até então tinha recebido. E voltando como ũ leão[125] furioso a Dom Floris começou com ele ũa assaz perigosa batalha. E o cavaleiro com quem a fazia, vendo-o embaraçado nela, foi-se a socorrer o músico, que não andava já com pouca necessidade disso. Não durou muito a contenda de Dom Floris, porque ele vinha fusco[126] e colérico e os gigantes ainda que poucos[127], todavia algũas feridas tinha e posto que se defendia e ofendia terrivelmente acompanhado de ũa boa tropa daqueles cavaleiros, que o vieram ajudar, aproveitaram pouco todos, porque o haviam com aquele mancebo, que naquele tempo só o nome de Dom Duardos lhe faltou para ser julgado pelo melhor do mundo e nada mais em verdade, mas ainda com o seu, o não tiveram por segundo de ninguém e assim a pouco espaço a puras cotiladas estirou o gigante no chão morto e desbaratou e rompeo aquela companhia, que os criava[128] e defendia.

Também àquele tempo acabou de cair de todo morto[129] o gigante, que com o cavaleiro ferido se combatia, deixando-o porém em estado, que a ser de menor ânimo, mal se pudera ter em pé com as muitas feridas, que tinha e muito sangue que por elas derramava, mas todavia, aproveitando-se de [50v](51v) si mesmo encostou-se na espada e deixou-se estar descansando ũ pouco e vendo também com não pequeno espanto as maravilhas daqueles cavaleiros, que o socorreram a nenhũ dos quais conhecia, particularmente de Dom Floris, que o não tinha pouco espantado. Vio a facilidade com que vencera aquele gigante, as feridas, que lhe dera e o estrago que andava fazendo nos cavaleiros, porque tanto que ele se desembaraçou do gigante, vendo que os companheiros não passavam mui bem metidos entre o número grande de seus contrários e que pondo ũ as costas no outro por os não tomarem no meio, se defendiam já froxamentre foi-se logo a socorrê-los e pondo-se junto ao músico disse-lhe em vox alta:

— A elos compania[130] a elos, que elos xaborenos sone.[131]

E após isto fez ũa tal entrada entre os miseráveis, que a uns cortava pernas, a outros braços e a outros partia as cabeças, de maneira que mais parecia fúria do ceo mandada a destruir aqueles homens, que homem mortal. E os dous companheiros sentindo em si o benefício daquele tal socorro, apartando-se começou cada ũ também a fazer milagres. Não

[125] A: leão / B: galeão
[126] A: fusco / B: fresco
[127] A: os gigantes ainda que poucos / B: o gigante ainda que poucas
[128] A: os criava / B: o cercava
[129] A: morto / B: o outro
[130] A: compania / B: compadre
[131] A: xaborenos sone / B: xaboneros son

durou muito a batalha, porque vendo os cavaleiros que ficavam os gigantes mortos e assim desbaratados de todo, dez ou doze deles[132], que ainda estavam mais inteiros, cuidando salvar-se no castelo, foram-se retirando para lá com [51r](52r) tenção de fecharem as portas, mas afora que Dom Floris e seus companheiros lhe não davam lugar[133], o outro cavaleiro ferido, que primeiro ali viera ter entendendo que naquilo havia de vir a parar a contenda, foi-se melhorando com toda a sua fraqueza, tanto, que tinha já tomado a porta do castelo e sentado nela o acharam os que vinham fogindo dos outros e vendo-se assim colhidos no meio estimulados da própria consciência e desemparados de todo o juízo e rezão, não querendo, ou não se lembrando de pedir misericórdia aos vencedores, de quem facilmente a alcançaram, deram consigo no rio, que por ali era mais alcantilado e cheio de mais despenhadeiros com que antes de chegarem à ágoa foram feitos em pedaços, não ficando vivos de tão grande companhia mais que alguns poucos feridos, que pelo campo jaziam em braços quasi da morte. Os cavaleiros que se viram desembaraçados daquela gente, vendo ocupada a porta por aquele, a quem sem conhecerem, uns e outros socorreram, foram-se todos a ele, que assentado como estava lhes começou a dar graças daquele socorro, que lhe fizeram. E antes de os cavaleiros lhe responderem, chegou a donzela, que os ali fizera vir, que vendo acabada a briga tanto a sua satisfação, vinha se alegrar com todos daquele sucesso e a ela disseram[134] uns e outros, [51v](52v) que se devia tudo e assim era a verdade.

— Ora, senhor (disse Dom Floris para aquele cavaleiro que estava sentado), vejamos se há neste castelo comodidade de vos curardes dessas feridas, pois tendes tanta necessidade disso como elas mesmo[135] mostram, depois averiguaremos estes cavaleiros e eu, uma queixa, que deles tenho, a qual cada vez me escandeliza mais, porque não posso entender como homens tão esforçados como eu tenho visto que são, usassem comigo cada ũ por seu modo tamanhas vilanias como de ũ e outro, não há muitas horas tenho experimentado.

— Cavaleiro (disseram eles) já vós nos tratais peor com as palavras, do que nós vos tratamos com as obras. Mas faça-se primeiro isso que dizeis, que é curar este cavaleiro, que socorremos e então entenderemos em o que dizeis, porque já nos não iremos daqui sem que vos demos satisfação de nossas obras e sem que vós no-la deis da descortesia de vossas

[132] A: de todo, dez ou doze deles / B: descendo-se deles
[133] A: lugar / B: vagar
[134] A: disseram / B: deixaram
[135] A: mesmo / B: mesmas

palavras.

— Pois eu (disse o ferido) de nenhũa maneira me hei de bolir donde estou, até que vos veja pacificados, porque nem a ocasião das brigas deve ser grande, nem eu deixarei nelas indo-me a descansar pessoas a quem tanto devo. Pelo que vos peço, se não quereis perder em mi o socorro, que fizestes, que não queirais por hora tratar dessa matéria, nem ainda em outro tempo, porque como digo, não deve de ser mui forçosa [52r](53r) a causa dessa desavença.

Dom Floris estimava muito aquele cavaleiro pelo que lhe vira fazer e também não lhe durava muito a paixão, quando lhe parecia que estava na sua mão a vingança e vendo aqueles dous cavaleiros cansados e com algũas feridas e a si sem nenhũa e tão inteiro na força como se não tivera trabalhado e esquecendo-se de todo da ira com que os vinha seguindo, disse para o ferido:

— Ora, senhor, vamos a acomodar-vos a vós e depois porventura que vos faça eu juiz da razão, que contra estes cavaleiros tenho.

— Tarde vem isso (disseram eles). Cure-se[136] primeiro que tudo este cavaleiro, depois bem nos entenderemos.

Então se chegaram todos a ele para o ajudarem a levantar e a donzela juntamente. E entrando pela porta do castelo, vieram-nos a receber alguns servidores dos gigantes e certas mulheres, que eles ali tinham presas, as quais soltou a gente de serviço para que entrecedessem aos cavaleiros por eles[137]. Tudo gente coitada. Levaram-nos à melhor parte do castelo, onde do necessário não faltava nada, nem do que era regalo havia cousa algũa. E querendo despir aquele cavaleiro para o curar a donzela, que ali trouxera o socorro, que disse que o sabia fazer em lhe tirando o elmo, conheceram os três cavaleiros, que o tinham entre si enquanto os servidores o desarmavam, que era o valente e [52v](53v) esforçado Palmeirim, príncipe de Inglaterra, que pelo modo que adiante diremos, ali viera ter. E eles, que o viram tirando também subitamente os seus, ficaram todos conhecidos, abraçando-se uns e outros, muito mais estreitamente. E era o que derrubara Dom Floris el-rei Garciano de França e o músico Beroldo seu primo, rei de Espanha. E de como ali se ajuntaram uns e outros e de quem eram os gigantes mortos, dará a história conta a seu tempo.

---

[136] A: cure-se / B: mas como temos dito, cure-se

[137] A: presas, as quais soltou a gente de serviço para que entrecedessem aos cavaleiros por eles / B: presas, cujo o castelo era que estes soltaram para que entendessem e os cavaleiros por eles

## Capítulo 16

Do que passou na corte de Targiana antes que Albaizar fosse armado Cavaleiro.

Para melhor se entenderem algũas cousas, de que há de dar notícia a nossa história, convém tornar ũ pouco atrás e contarmos como entre a multidão dos reis e califas, que no cerco de Constantinopla morreram, foi el-rei de Etiópia, príncepe de maior estimação, pelo valor e boas partes de sua pessoa, que pela grandeza de seu senhorio, se bem não era dos mais pequenos. Deste ficou ũ filho chamado Aliboazém, que na corte de Targiana se criou também em companhia de Albaizar, sendo todos de ũa mesma idade. Mas porque [53r](54r) nos exercícios de moço em que os mais se ocupavam, se mostrava menos pronto e corioso, que seus companheiros, não gostava Albaizar muito dele naqueles princípios, nem Aliboazém lhe lembrava então que havia Albaizar[138]. Andava[139] monteando, quando esgrimia, quando lutava, quando fazia mal aos cavalos, quando jugava a pela e finalmente quando Albaizar se ocupava em os entretenimentos daquela sua idade, Aliboazém não se apartava nunca do estrado de Targiana e das almofadas e jogos em que Arquediana se entretinha, não perdendo ũa hora de poder vê-la, no que não se atentando pela tenra idade de ambos, atribuía-se aquele fogir dos perigos e trabalhos pueris, à falta de ânimo e de coração com o que se não fazia muito caso dele, julgando-o por não bem entendido, afeminado e para pouco. Aconteceo pois, que crescendo a idade, cresceo o amor com ela e não puderam estar em segredo seus intentos, que os não compreendessem logo mai e filha. Zombava Arquediana a princípio daquele seu servidor com lhe mostrar bom rosto a ele e festejar-se a si, a sorte de a ele querer servir. Que é ũ modo com que as que se estimam muito, costumam castigar pensamentos, de quem não querem que valha ante elas nada.Tanta era a desporporção, que Arquediana cuidava que havia entre ela e Aliboazém. E considerando-se [53v](54v) a si a maior princesa do mundo e a ele ũ criado de seu irmão, sem valor, nem opinião algũa. Porém Targiana que era sesuda e sabia que o amor não mostra seus poderes senão nas maiores desigualdades entendendo também que não era grande a que entre Aliboazém e Arquediana havia, foi apartando aquela ocasião industriosamente impedindo-lhe as entradas, dizendo que sua idade era já maior do que

[138] A: Albaizar / B: Albaizar no mundo
[139] A: andava / B: nem outra algũa cousa mais que Arquediana pela qual bebia os ares e nascia daqui que quando Albaizar andava

convinha para quem houvesse de andar tanto das portas adentro. E ele pois que se vio como desterrado do mundo, trabalhava de não perder hora de poder ver Arquediana e assim a vegiava de noite e de dia com tanta prontidão e cuidado, que veio a ser matéria de sospeita a Albaizar, dizendo-lhe que andava ao sereno, que se levantava de madrugada, que finalmente não havia medo ao sol, nem à chuva. E como a natureza dos moços é serem travessos e aqueles que se criam deliciosamente muito mais, detreminou Albaizar ver com seus olhos aquela verdade e os mistérios dela se a[140] fosse.

E tomando ũa noute consigo a Beliazém seu valido, pouco antes de serem cavaleiros, foram-se com as espadas e rodelas a esperar se Aliboazém saia da sua pousada com tenção de lhe fazerem algũ medo. E não estiveram muito postos a ũ canto, que o não vissem sair só com outra espada e rodela, o mais encuberto que poude. Porém eles, que o conheceram foram-no seguindo [54r](55r) de uma rua em outra, até que rodeando ũ muro, o viram parar junto a ũa torre, que no quarto de Arquediana estava. E chegando-se então mais para o investirem, julgando o lugar por acomodado para o que eles queriam por ermo quasi de todo, ouviram que falava consigo palavras, que se lhe não entendiam. E porque eles ‘té então não tinham notícia alguma daqueles acidentes começaram a rir tão descompostamente que ele os sentio. E cuidando que era gente, que passava, não querendo que o vissem parado naquela parte, deu ao andar, fazendo que ia para outra, até que aqueles homens passassem. Porém Albaizar cuidando que fogia já com medo de os ter visto, arrancou da espada e correo depressa após ele e Beliazém juntamente. Aliboazém se voltou a eles não os conhecendo e arrancando também da espada e cobrindo-se com a rodela, que levava, de maneira lhas teve tesas a ambos, que sem lhe fazerem perder muita terra, ficaram todos feridos e conhecidos da gente que logo acodio à briga.

Em extremo sentio Targiana aquele acontecimento, que logo se soube, porque ainda que os feridos riam e zombavam e que negavam conhecerem-se, a ela lhe não parecia possível. E ponderando o lugar em que fora, cuidava que já a matéria pedia mais consideração, do que ela quisera. E posto que as feridas não foram de momento e que sararam [54v](55v]) logo, não deixou de ficar nos feridos entranhável ódio, ũ contra o outro, particularmente em Albaizar, que sentia sobremodo não lhe sair certa a experiência, que ali o

[140] A: a / B: o

tinha[141]. E finalmente continuando Aliboazém em seus amores, Albaizar em seu ódio e Targiana no cuidado, que sobre eles trazia, chegou a nova àquela corte que levou Albaizar à de Constantinopla como temos contado, o qual caminho fez sem dar conta a Aliboazém, de que o mouro quando se ele publicou, ficou tão escandelizado e desenganado do ânimo que ele tinha em suas cousas, que armando-se logo cavaleiro se despedio do serviço de Targiana com tenção de se ir também em busca de Albaizar, para se experimentar com ele, sem a obrigação de seu creado. E querendo falar primeiro a Arquediana ela que tinha já melhor opinião dele não quis ouvi-lo, nem Beliandra, que era sua parenta e amiga e que o ajudava em suas pertensões, poude acabar com ela nunca outra cousa.

Não sentio ele tão pouco aquele desengano, que junto ao rigor com que logo o começaram a tratar suas saudades, ido dali, que se pudesse defender de maneira à dor, que de ũa e outra cousa lhe nascia, que deixasse de cair em ũ momento numa prolixa e dilatada enfermidade, na qual passou todo o tempo, que por cá vimos o mundo sem ele. E como os mouros não são muito escrupulosos, afora que naquele tempo[142] [55r](56r) era cousa muito ordinária, consultou ele ũ feiticeiro, que no seu estado vivia, para saber algũa cousa do serviço[143] de seus amores. Este lhe disse que havia[144] grandes dificuldades no negócio, porém que o fim parecia próspero. Que lhe aconselhava que para mitigar Targiana a que quisesse casar a filha com ele, trabalhasse de haver às mãos a Floriano, rei de Trácia, para lho entregar a este partido, porque ele achava por suas artes, que por meio daquele príncepe, havia de alcançar o fim de seu desejo. E ainda que aquilo lhe parecesse impossível, que não desesperasse, porque ele via ũa certa desposição nas estrelas, que o animava muito, porque não passaria muito tempo, que aquele cavaleiro não tornasse a seguir as aventuras peregrinando o mundo como na sua primeira idade e que quem andava nelas nunca se podia contar por seguro.

Aliviado com isto Aliboazém, poude convalescer de sua enfermidade e sofrer com mais temperança os outros efeitos das suas dores, até que dali a algũ tempo vindo-o visitar aquele seu amigo, pedio-lhe alvíssaras de o Cavaleiro do Salvagem andar já só pelo mundo e que sem dúvida lho meteria nas mãos se se Aliboazém deixasse governar conforme lho

[141] A: que ali o tinha / B: com a opinião que de Aliboazém tinha
[142] A: naquele tempo / B: naquele
[143] A: serviço / sucesso
[144] A: havia / B: via

aconselhasse.

E concertando-se ambos ali[145], tomando consigo quarenta cavaleiros e três gigantes irmãos seus vassalos e o sábio, meteram-se em ũa nao e vieram ter ao reino de Dácia. E ali antes de serem [55v](56v) sentidos, desembarcando uma noite, tomaram por força aquele castelo em que Palmeirim e seus valedores estavam e umas molheres, que nele viviam seguras, que eram aquelas, que seus criados soltaram como temos dito, porque só prendê-las lhe tinham feito os que as tomaram, fazendo-se fortes nele como por aquela parte não havia outra passagem, por amor do rio, prendiam a todos os que vinham, afirmando o sábio que entre eles seria Floriano. E assim tinha acontecido o dia antes que Palmeirim ali viesse pelo modo que no próximo capítulo veremos.

[145] A: ali / Aliboazém

## Capítulo 17

De como el-rei Floriano veio ter àquele castelo e foi ali preso.

Contado deixamos atrás como com a nova que o escudeiro de Vasperaldo levara de sua prisão a Constantinopla, se despejara aquela corte de todos os cavaleiros, que nela de presente estavam. Não foi dos últimos seu pai, o qual com a dor, que o perigo do filho lhe causara, armando-se das armas, que em outro lugar diremos com só ũ escudeiro consigo, saío daquela cidade, sem dizer a pessoa algũa que o havia de fazer, a mesma noute do dia em que o escudeiro chegara. E caminhando por diversas partes sem lhe [56r](57r) acontecer aventura que de contar seja, nem achar nova algũa do que buscava, detreminando passar à Ilha Perigosa para consultar Daliarte. Aquela tarde de antes que Palmeirim por ali viesse, chegou à vista do castelo e ainda que nele estava Aliboazém com a companhia, que dissemos era tão encubertamente e com tanto sossego, que não o entendiam os de fora, senão aqueles que já tivessem notícia do exercício em que se ocupavam. E como Floriano não era algũ destes, julgando o castelo por despovoado, vendo-o tão forte e bem feito, não pouco contente daquela fábrica esteve olhando para ele pasmado de quão só lhe parecia. Enfim passando a ponte como para sair à estrada por força se havia atravessar aquela praça e todo o castelo por baixo de uns arcos em que uma cortina dele estava edificada, foi demandar aquela entrada e passando seguramente à outra parte, vio entre o castelo outra praça como a que deixava e ũ fosso antes cheio[146] de ágoa daquele rio não pouco profundo e largo, sobre que se descia ũa ponte levadiça quando seu dono queria que se passasse, a qual de ordinário estava levantada, fortificando mais outra que do castelo saía àquela parte. Ora vendo-se ali o Cavaleiro do Salvagem cortado para não poder ir adiante, não folgando de tornar atrás, bateo rijo em ũas argolas, que na ponte que estava levantada, se via penduradas, [56v](57v) parecendo-lhe já que não podia ali deixar de haver gente. A poucos golpes lhe apareceo entre ũas ameas[147] ũ homem velho, grave no aspecto e venerável na pessoa, a quem o cavaleiro disse:

— Meu amigo, se isto é passagem pública, mal fazeis de a ter tão fechada, que mais lhe podemos chamar prisão que outra cousa. E se todavia o não é, por vida vossa que me

[146] A: e ũ fosso antes cheio / B: um poço cheo / D: e a passou cheio
[147] A: ameas / B: ameas do portal

mandeis ensinar algũ outro caminho com que se for possível não torne outra vez atrás.

— Senhor cavaleiro (lhe respondeo o velho) comum soía a ser este,[148] porém de alguns anos para cá não o é, porque a malícia de uns homens, fez acautelar a singileza de outros para procurarem de se assegurar em suas casas, particularmente os velhos, que podemos pouco. E porque isto são histórias largas, se quiseres agasalhar-vos aqui esta noite, fazer-se-vos-á toda a cortesia, que aos cavaleiros andantes é razão que em nenhũa parte falte. E haverá lugar para vo-las contar todas. E quando não vos queirais deter nem tornar atrás eu mandarei lançar a ponte para passardes além, que desta parte não há outro algũ caminho. Por isso vede agora o em que quereis que vos sirvamos.

O Cavaleiro do Salvagem, a quem seu grande coração não deixava temer nada, vendo também a facilidade com que o velho lhe falava e sendo as horas mais de repousar, que de ir por diante, resolvendo-se em ficar, [57r](58r) agradeceo ao velho a boa vontade e aceitou-lhe a oferta. Foi para cima e vio somente ao velho e a algũas pessoas de serviço que lhe vieram abrir ũ postigo, que para aquela parte saía, lavrado em ũ través da cortina pelo qual entrou o cavaleiro e seu escudeiro e foram recebidos naquele páteo primeiro das pessoas que dissemos, que logo lhe tomaram os cavalos. Ele se foi por ũa escada que lhe mostraram a ũas varandas, onde o velho o veio a receber tão contente como o fazia ser o gosto de o ver naquela casa, porque este era o sábio que ali trouxera a Aliboazém, o qual conhecendo logo a Floriano por avisos de seus ministros dando a ordem que se havia ter com ele, guiou o negócio assim como íamos contando. O Cavaleiro do Salvagem lhe deu as graças do agasalhado e ele lhe fez muitos comprimentos e o foi levando à pousada, onde detreminava agasalhá-lo, que era ũa das melhores quadras que no castelo havia. E ali fazendo-o desarmar ficaram praticando enquanto se ordenava a cea em algũas particularidades daquela terra e sítio.

E trazendo-lhe brevemente recado que estava prestes, foram-se a outra casa, onde a mesa estava posta e ali cearam com pouca cerimônia, mas limpa e coriosamente. E depois de levantadas as toalhas e despejada a casa, disse o velho para o cavaleiro:

— Ora, senhor, não detremino dilatar mais dar-vos satisfação da guarda, que tenho nesta casa, que será só com vos dizer [57v](58v) a causa dela, porque logo vereis que me não obriga a menos, porém quero que seja diante de ũ donzel meu neto, que aqui está comigo em presença do qual a conto sempre que se oferece fazê-lo, assim para que se não enfade da

[148] A: este / B: este caminho

prisão em que o tenho para sua segurança como porque se lhe eu faltar antes de ele estar remedeado, saiba o que lhe convém fazer para o que seja.

E logo fez vir Aliboazém, que inda que já era cavaleiro como nunca usara as armas e tinha ũ parecer muito delicado e meúdo, sendo particularmente muito moço com facilidade creria Floriano o que lhe contava o velho, o qual começou logo a compor ũa ficção, dizendo que aquele moço era seu neto, filho de ũa filha sua e do filho maior de el-rei de Dácia, cujo vassalo ele era. O qual casando segunda vez e havendo outro filho daquele matrimônio, por fazer a vontade à rainha sua molher (que com peçonha tinha morto o enteado) quisera também matar o neto, para que o filho dela tivesse a herança e sucessão segura e que ele sendo avisado daquilo, tivera modo com que furtando o menino, se viera meter naquele castelo, até ver em que parava a fúria daquela tirana. E que agora que se via a si tão velho, que não cuidava que a poderia vencer em dias,[149] estando para sair com o moço a Constantinopla pedir ao emperador que quisesse tomar a proteção daquele órfão el-rei lhe mandara notificar, que lhe levassem [58r](59r) o neto, porque queria pois era seu herdeiro e se não criara na corte, que pelo menos pois já tinha idade, que se fizesse cavaleiro nela e conhecesse os homens, que haviam de ser seus vassalos e eles a seu príncepe, para o que lhe dava dous meses de tempo com todos os salvos-condutos, que quisesse, sendo certo que não aparecendo naquele termo, que desporia da sucessão de seu estado como lhe parecesse e procederia contra ele como contra rebelde e levantado.

— E eu (dizia o velho) como a mulher de el-rei vive,[150] temo que o dia que lá aparecermos seja o derradeiro de nossa vida. E indo-se passando o termo não sei em que me resolverei. Esta, senhor cavaleiro, é a causa por que vivo com o recato que vistes e a que tenho para os temores, que vos conto. Folgara que me aconselháreis algum bom meio se vos corre,[151] que como vos tenho dito a mi se me não oferece cousa segura para a vida deste moço, que a minha só por seu respeito dele a procuro.

Floriano que o esteve ouvindo, não concebendo nenhũa má sospeita dele, vendo que acabava, perguntou-lhe quanto era dali ao lugar em que el-rei residia? E respondeo-lhe o velho, que jornada de três dias. Ele lhe disse então que assim porque os cavaleiros não traziam

[149] A: vencer em dias / B: vencer
[150] A: dizia o velho como a mulher de el-rei vive / B: dizia o velho ainda que vejo que el-rei tem razão como sua molher vive / D: dizia o velho, inda que velho a el-rei tem rezão como sua molher vive
[151] A: corre / B: ocorre

armas senão para o remédio de sem-rezões tais como aquela, que ele cuidava que el-rei lhe queria fazer como também pelo gasalhado que ali tinha recebido ele se queria partir pela menhã a partir-se e ver-se [58v](59v) com el-rei e assegurar-lhe com sua pessoa o salvo-conduto que lhe ofereciam, porque dado a ele não lho quebrariam. E que também era possível que tivesse el-rei melhor ânimo, do que lhe ele imaginava. E que de lá lhe mandaria recado ou para ir, ou para se pôr em salvo, porque ele se obrigava a entender pelo menos a obrigação ou a detreminação,[152] e fim daquela notificação, que se lhe fizera, ainda que sobre isso aventurasse sua pessoa.

O velho se lhe mostrou mui obrigado, dando-lhe grandes agradecimentos. O mesmo fez Aliboazém não pouco espantado do valor e bondade daquele cavaleiro, que tão liberalmente só por cumprir com ũa obrigação geral, se oferecia a desafiar ũ rei dentro em seu reino, quando não tomasse resolução de que se ele contentasse. E com isto despedindo-se uns dos outros para se recolherem, tanto que Floriano se despedio entrou na câmera em que havia de repousar e deitando-se na cama, de tal arte era composta, que subitamente ficou roubado de todo seu juízo entregue nas mãos de quem o buscava, para o apresentar a Targiana, que lhe tinha o amor, que nesta história tantas vezes temos dito.

Este modo de prender a Floriano elegeo aquele velho honrado, para o entregar mais são a Targiana e por não aventurar a seus golpes a vida de algũ daquela companhia, nem a sua dele, quando se quisesse defender à fúria dos gigantes. [59r](60r) E porque também por sua arte tinha alcançado, que se depois de preso o detivessem ali, o tornariam a perder e assim juntamente logo aquela mesma noite, tomando-o consigo naquele desacordo em que estava com Aliboazém e alguns poucos companheiros, se foi meter no navio em que ali vieram, que perto na foz daquele rio, que entrava no mar, tinham prestes. E tanto que se embarcaram, fazendo-se à vela, deixaram os gigantes e mais companhia no castelo com a tenção, que adiante diremos e eles se foram direitos a sua terra.

[152] A: a obrigação ou a detreminação / B: a determinação

## Capítulo 18

Da tenção com que os gigantes ficaram no castelo e como o sábio Daliarte veio ter a ele.

Os gigantes que com Aliboazém vieram estavam descontentes do silêncio com que Astronômico (que assim se chamava o[153] sábio) os fazia estar, porque como eram muitos e valentes, vendo-se naquele castelo tão forte e com a companhia de tantos cavaleiros, bem lhes parecia não só que poderiam fazer progressos grandes naquela terra de cristãos, mas que com pouco trabalho ganhariam o próprio reino e assim sentiam muito a ociosidade em que viviam. Porém Astronômico, que mais pertendia a pessoa de Floriano, [59v](60v) que todo o senhorio daquelas partes, julgando que para se fazer senhor dela mais eficaz lhe seria a dissimulação, que a força,[154] tinha-os enfreados ainda que com dificuldade. E tanto que ele disse, depois de Floriano preso, que convinha partir-se no mesmo momento, não o desaprovaram os gigantes com que os deixassem a eles ali.

Trabalhou Astronômico de lho impedir, revelando-lhe todos os secretos de suas adevinhações, mas serviram de mor indignação[155] em seus ânimos deles e de mor justificação no de Astronômico, que enfim não lhe podendo impedir o ímpeto de sua fortuna, os deixou ficar com todos os mais cavaleiros, a quem eles com as quasi certas esperanças de seus ganhos persuadiram a não os desacompanhar. E não lhes tardaram os que eles mereciam mais, que aquela própria noute, porque ao outro dia veio por ali aquele excelente príncepe Palmeirim de Inglaterra, que partindo de Constantinopla após seu irmão, na demanda do sobrinho, tendo acabado algũas aventuras, que para outrem não foram pequenas, o guiou Deus àquela parte para impedir os valerosos[156] intentos daqueles homens. E passando a ponte sem achar quem lho defendesse como já ali se não vivia com a prudência do sábio, senão com a soberba dos gigantes em querendo Palmeirim entrar nos arcos, para sair à outra banda, de debaixo deles lhe saío ũ cavaleiro armado, [61r] e a cavalo, dizendo-lhe que se viesse meter na prisão que o esperava. Palmeirim se rio e tornando-se à praça o cavaleiro o foi demandar com a lança baixa a todo o correr de seu cavalo e foi recebido de maneira que atravessado na lança de seu

[153] A: o / B: aquele
[154] A: a força / B: a força e o ruido que ela levantaria
[155] A: indignação / B: adevinhação
[156] A: valerosos / B: malévolos

contrário, veio a terra morto.

Estava neste tempo posta na ponte aquela donzela em que tantas vezes falamos, a qual ia sem saber da gente que ali vivia, a ũ castelo de certa parenta sua. E cuidando que com aquele encontro ficava a passagem segura entrou na praça para dar as graças, a quem lha franqueara. Mas desenganou-se depressa, porque vio sair logo dous cavaleiros e acometerem juntamente a Palmeirim, o qual tirando a lança do morto, tornou a derrubar ũ dos dous no mesmo estado, não o movendo a ele da sela os dous encontros que lhe deram com serem ambos à pancada. Arrancou da espada e ao revolver que o outro fez, lhe deu por ũ ombro tal golpe, que o braço com todo aquele quarto lhe lançou em terra. Já ũ dos gigantes vinha como ũa fúria infernal a socorrer aqueles seus ministros, quando vio cair o segundo. E dando grandes vozes a Palmeirim, que se espantava pouco delas, foi acometê-lo com ũa cimitarra, que nas mãos trazia, cuidando parti-lo pelo meio com o primeiro golpe.

A donzela vendo cousa tão fera, tornou a passar a ponte mais depressa [61v] para se acolher do que o fizera para ir adiante. E não lhe parecendo que Palmeirim poderia durar muito contra aquele inimigo, não quis esperar a ver matá-lo e foi-se andando pelo caminho, onde encontrou com Dom Floris com o qual passou o que vimos. E indo mais adiante topou a Beroldo, que enlevado na sua música ia caminhando devagar esperando também por Garciano, de quem aquela menhã se tinha apartado.

E dizendo-lhe a donzela o que vira na ponte, cuidando ele que poderia ser o primo, tornou a socorrê-lo e ela o quis acompanhar, parecendo-lhe que já ambos poderiam vencer ao gigante. Porém quando chegaram que a donzela vio tanta mais gente da que deixara,[157] disse

[157] A partir deste ponto, há uma divergência entre os manuscritos, por isso transcrevos também a outra versão. **B:** deixara, porque começando o gigante a enfraquecer com aqueles golpes de seu contrário, que a ferrugem da pez ainda não tinha entorpecido, não quiseram seus irmãos que ele chegasse ao cabo nem que o cavaleiro se lhe fosse e eles com todos que consigo traziam saíram a socorrê -lo dos quais Palmeirim se defendia o melhor que lhe era possível e apertando com o primeiro, tinha-o estirado quando a donzela chegou ajudado já de Graciano, que primeiro que o primo ali veo. Ora ela pois vendo o que passava dixe para Beroldo: Eu senhor cavaleiro não tinha aqui visto tanta gente e seja-vos prova disto acompanhar-vos ate aqui, porque o não fizera certo se o soubera. Peço-vos que nos tornemos, porque querer cometer esta aventura mais parecera doudice atentar a Deos que não prudencia e esforço. Beroldo que se achava já ali e que vio Graciano seu primo (a quem conheceo logo) naquele trabalho, não se querendo assi livrar dele, dixe: A mi senhora assi me parece como vós dizeis, mas pois viemos tão depressa buscar este desenfadamento, vós bem podeis tornar embora que eu aqui quero que seja de mi o que for destes cavaleiros, apos as quais palavras se lançou entre os contrários, fazendo as maravilhas que ele sempre costumou. Mas tudo apro(sic) se Dom Floris não chegara a tempo que temos dito com o qual Beroldo não quis brigas quando ia cantando pelo ver a pé e não fazer caso dele. E Graciano que se tinha apartado aquela menhã do primo por ir a socorrer um pobre homem a quem certos ladrões ali perto tinham tratado mal e roubado tornando de castigar aquele insulto, topou um peão que vinha fogindo da ponte onde deixava a Palmeirim já embaraçado com toda aquela gente e dando-lhe a nova daquilo ele cuidando tambem que o poderia ser Beroldo, partio a

para Beroldo:

— Eu, senhor cavaleiro, não tinha aqui visto mais que ũ gigante e seja-vos prova disto acompanhar-vos até cá, porque o não fizera certo se tal soubera. Peço-vos que nos tornemos, porque querer acometer esta aventura, mais parecerá doudice e tentar a Deus, do que prudência e esforço.

Beroldo, que se achava já ali e que via Graciano seu primo (a quem conheceo logo) naquele trabalho, não se querendo assi livrar dele disse:

— Senhora, assim me parece como vós dizeis, mas pois viemos tão depressa buscar este desenfado vós bem vos podeis tornar, que eu aqui quero que seja de mi, o que for destes cavaleiros.

Após as quais palavras, se lançou entre os contrários [62r] fazendo as maravilhas, que ele sempre costumou. Mas tudo aproveitara pouco se Dom Floris não chegara a tempo que temos dito com o qual Beroldo não quis brigas quando ia cantando, pelo ver a pé e não fazer caso dele. E Graciano que se tinha apartado aquela menhã do primo por ir a socorrer ũ pobre homem, a quem certos ladrões ali perto tinham deixado mal enroupado, tornando de castigar aquele insulto, topou ũ peão, que vinha fogindo da ponte onde deixava Palmeirim já embaraçado com toda aquela gente, porque experimentando o gigante os golpes daquela valerosa espada, que a ferrugem da pax inda não tinha entropecido, não quiseram seus irmãos, nem que ele chegasse ao cabo, nem que o cavaleiro se lhe fosse a eles e com todos os cavaleiros, que consigo tinham saíram a socorrê-lo, dos quais Palmeirim se defendia, o melhor que era possível. E apertando com o primeiro tinha-o estirado. E porque Graciano cuidou que fosse Beroldo partio a socorrê-lo com tanta pressa, que por se não querer deter encontrando a Dom Floris no caminho, se quis livrar por aquele modo dele.[158]

E dando conta a Palmeirim de tudo, depois de conhecidos e sossegados estando festejando todos a ira de Dom Floris e o descanso de Beroldo entrou pela porta o sábio Daliarte vestido de peles de animaes como caçador e com ũ cutelo grande na cinta [62v] e abraçando uns e outros enchendo-os de infinito[159] alvoroço, disse para seu irmão:

— Já outra vez senhor, muitos anos há, vos apareci nestes trajes e com esta mesma

---

socorrê-lo com tanta pressa que, por se não poder deter encontrando a Dom Floris no caminho, quisesse livrar por aquele modo dele

[158] Aqui termina a divergência entre os manuscritos.

[159] A: infinito / B: estranho

ocasião, que era termos perdido o Cavaleiro do Salvagem. Porém assim como então Deus o livrou da prisão de Alfernao, também o livrará agora doutra muito semelhante a ela com que vai preso. Por isso tratemos de vossa cura e da destes cavaleiros. E quanto a Dom Floris eu lhe cuido pagar o socorro que vos fez, assim com lhe entregar Gravanao, que sem minha guia não viera daqui a muito tempo como com o livrar de certo cuidado com que anda.

E assim era verdade que Gravanao tinha tomado caminho, que o levava tão desviado de seu amo, que em muitos dias o não pudera ver se Daliarte, que sabia a estimação, que Dom Floris fazia dele e juntamente aquela fresca obrigação em que lhe estava recolhendo-o, trouche-o consigo aonde aqueles cavaleiros estavam. Não sabia Palmeirim que seu irmão era perdido e querendo informar-se daquilo, Daliarte lhe contou brevemente o que passava, que o não sobressaltou pouco, posto que ele o assegurava. Enfim desarmando-se uns e outros, foram curados os feridos. E do que mais passou se dará conta a seu tempo.

## Capítulo 19

[63r] De como Floriano foi desembarcado em terra e do que aconteceo a Vasperaldo naquele páteo onde o deixamos.

Barceliano estava fazendo justas em Constantinopla e pondo toda aquela corte em afronta. Carmélia esperando por Dom Floris. Dom Duardos chorando por Carmélia. Vasperaldo chamando por nós, que o tiremos daquelas masmorras. E temos também no mar a princesa Fidélia ameaçada do comum e ordinário uso da fortuna. Cada qual destes sojeitos puxa incessavelmente, porém uns ou[160] outros nos ham de perdoar, que a afeição antiga, o perigo presente me levam (diz Henrique Frusto) após o Cavaleiro do Salvagem. E também cumpre assi a história para ficarem mais claros os sucessos dela.

Caminhavam com alvoroço inexplicável Aliboazém e Astronômico. Este pelo crédito e reputação da arte, vendo vencidos os perigos e carrancas daquela jornada e o outro por se achar com o remédio de seus cuidados na mão e a medida do amor que Arquediana tinha era o gosto que sua mai receberia da prisão de Floriano. Floriano só não sentia seu perigo, inda absorto no mesmo sono, que lhe roubara os sentidos. E neste estado chegaram todos ao porto, a que caminhavam, que era [63v] do reino de Aliboazém e o mais perto, que ele tinha do lugar onde residia Targiana. E ali desembarcando de noute com grande segredo a Floriano, porque Astronômico, que governava tudo, julgava que assim convinha. Recolheram-se a ũa casa forte, que os reis de Etólia ali lavraram, melhor para resestir a algũ assalto de inimigos, que suntuosa e magnífica para mostrarem sua grandeza e dela começaram a tratar do modo que teriam, para que aquela entrega lhe rendesse o que pertendiam. E porque eles tinham já entendido, que Albaizar, a quem algũ tempo tiveram por morto, não só era vivo, mas estava em sua casa, durando-lhe a Aliboazém o ódio antigo, julgando por si o que o outro lhe teria, parecia-lhe mais dificultoso o negócio, que se com só Targiana, o houvera de resolver. Mas tal era o penhor que nas mãos tinha, tal também o esforço, que Astronômico lhe dava, que sobre todos os inconvenientes passeava a sua esperança. E querendo passar do estado de esperar ao de possuir julgou que lhe convinha assegurar-se primeiro com gente e monições para soster ũ largo cerco naquele seu castelo e depois mandar recado a Targiana em segredo. E porque se

[160] A: ou / B: e

ela o quisesse enganar ou tomar-lhe por força aquele preso, não o achasse tão desaprecebido, que lho não pudesse defender. E fazendo-o assim, ou que a potência não fosse grande, ou que o desejo de [64r] lograr Arquediana não o deixasse obrar como convinha por se apressar, contentou-se com menos do que lhe era necessário e com pouco apercebimento se julgou por seguro e mandou sua embaxada a Targiana, pelo mesmo Astronômico, que se lhe ofereceo para isso, não adevinhando bem, o que dela lhe havia de resultar.

Será necessário para procedermos com a costumada clareza e destinção, que digamos primeiro o que passaram Vasperaldo e Albaizar naquele páteo, onde os deixamos. Para o que é de saber que detreminado Albaizar de soltar a Vasperaldo, posto que com coração nobre e generoso, não o soube fazer de maneira, que deixasse aquele ato de cheirar a ũa certa soberba e vaidade, querendo que visse o outro, que lhe devia a liberdade e a vida e que lho confessasse. Porque para o que ele fez escusada cousa fora vir ali, nem trazer a irmã, nem mandar-lhe fazer aquela arenga. Se bem ũ autor árabe, que escreveo a Crônica dos Turcos, diz, que ele fizera aquilo imaginando que Vasperaldo com o desejo de se livrar, se inclinasse a lhe fazer mercês e ofensas,[161] para que também fossem as suas finezas maiores. E finalmente resolto Albaizar de restituir a Vasperaldo a sua liberdade, o tratou com sua irmã e juntamente lhe disse que queria mostrar-lhe ũ irmão de Carmélia e que ela lhe falasse, para que por ali julgasse a razão que ele tinha de não viver contente ausente dela. E assim de acordo [64v] de ambos no que haviam de fazer, deram ordem a Agrimo, que o detivesse na porta como temos contado e eles se foram meter naquela casa, da qual ouvindo o que passava ficaram espantados e[162] saíram como[163] vimos. E remetendo Vasperaldo a ele com a espada na mão, cuidando que de todo estava perdido, Albaizar sem arrancar da sua lhe disse:

— Senhor Vasperaldo, nesta casa, onde eu posso ordenar de vós à minha vontade, não quero brigas convosco. Não digo que vos forro delas, porque não vivirei[164] quieto enquanto me não vingar de vós e de Dom Floris, mas não será razão que das ofensas, que como cavaleiro recebi, me vingue como rei. E para que como cavaleiro o pudesse fazer, vos disse o dia, que vos encontrei na praça,[165] que vos não tivésseis por de todo perdido, para deixardes de pôr cuidado em vos encobrir, detreminando pôr-vos em vossa liberdade como melhorásseis do

[161] A: mercês e ofensas / B: mores ofensas
[162] A: ficaram espantados e / B: ficaram corrido Albaizar e espantada Alquediana
[163] A: como / B: pela porta fora no modo que
[164] A: viverei / B: morrerei
[165] A: praça / B: praia

trabalho do mar e vermo-nos logo de pessoa a pessoa. Não houve lugar para isto, porque não faltou quem vos conhecesse e o manifestasse a minha mai. O que sobre isso se fez, não há para que vo-lo eu diga. Com o cavaleiro que vos aqui trouxe, que à porta por onde entrastes vos espera, vos podeis ir. Ele vos dará umas armas melhores que essas que tendes vestidas e vos embarcará com que vos ponha em Grécia, porque eu não quero como a princípio detreminei, averiguar cá convosco nossas paixões, porque [65r] se me matardes, não vos será esta terra tão segura como eu sei que me ficará a de lá quando acontecesse outra cousa. Pesa-me só do serviço, que fizestes a minha irmã e à senhora Beliandra e também muito de que o emperador me mandasse para minha casa, onde estou, porque já o que faço convosco, é dívida a estas obrigações e quisera eu que fora sem elas, mas disto não há que tratar com quem não conhece corações, nem os estima. A senhora Arquediana quis que vivêsseis,[166] assim para que vos agradeça o que em seu serviço fizestes como para serdes testemunha em Constantinopla do que vos ela parecer, se bem espero nos Deoses, que todos nos veremos lá cedo e de maneira que se acabem de ũa vez, cousas que se principiaram tantas.

Vasperaldo esteve ouvindo toda aquela prática de Albaizar com mais ou menos alteração, assim como o pediam as cousas, que ele ia propondo. E vendo que calava, meteo a espada na bainha e disse:

— Tendes-me forrado senhor Albaizar, de todo o agradecimento da liberdade, que me dais com confessardes que a deveis ao procedimento do emperador meu Senhor e ao serviço, que eu fiz à senhora Arquediana, porém não daquele a que me obriga quererdes que a visse eu a ela. E a esta conta vos descubro ũ segredo, que com menor mercê, que esta, não se fizera, porque não folgo de vo-lo [65v] dizer e é confessar-vos que desde a hora que vos vi na praia e entendi que me conhecíeis, me tive por livre de todos os perigos, que nesta terra pudera temer. No mais de nossas paixões, pois entendeis que mais seguro campo será para vós Trácia que para mim Turquia, lá vos esperarei, senão tardardes muito porque senão fores depressa eu por cima de todos os inconvenientes vos virei cá buscar, porque só ũ de nós há de viver no mundo. Da senhora Arquediana dera eu testemunho onde me achasse, que lhe estivera mui bem ser senhora de todo ele, senão tivera visto ũa dama por quem já fiz e farei sempre esta confissão. Porém guardando o respeito que devo a este respeito, a quem me devo todo, digo-vos em verdade senhor Albaizar, (e perdoai-me) que não cuidava eu que o ceo se fizera para os

[166] A: vivêsseis / B: vísseis

mouros.

Ele lhe respondeo então rindo com grande festa:

— Muito embora senhor, sejam logo os mouros feitos para outro ceo, que iremos lá buscar à vossa terra. E porque me parece que são horas para a senhora Arquediana se recolher estando em nossos primeiros pressupostos, vos quero dar ũ abraço para o sábio Daliarte e despedir-me.

Arquediana, que até então não falara palavra espantada e temerosa do que aqueles cavaleiros entre si trataram e em extremo satisfeita de Vasperaldo, lhe disse:

— Pesa-me [66r] dessas desavenças, que entre vós e meu irmão vejo, porque me não deixam ter convosco os comprimentos, a que me tendes obrigada, mas espero nos Deoses, que se acabem elas pelo meio que eu desejo, para que possais entender como estimo aquilo que vos devo. À senhora Carmélia vossa irmã, dai muitos recados da minha parte e para mostra do que desejo servi-la, vos peço que lhe apresenteis[167] este anel, que tem antidoto contra males, de que ela se deve temer.

E com isto tirando-o do dedo, deu-lho e ele o tomou. E fazendo-lhe também muitos comprimentos, foi-se com Agrimo, que o veio buscar, o qual o levou a ũ navio, que tinha prestes com ordem de o lançarem no primeiro porto do império. Metendo-o na câmara, lhe mostrou entre outras cousas de sua comodidade umas armas, que Albaizar lhe mandava e pedio-lhe as suas para as guardar como ũa grão cousa, por haverem servido a tal pessoa. Vasperaldo lhas deu e sua palavra juntamente de lhe satisfazer algũ dia o trabalho que lhe tinha dado, o qual Agrimo não estimou pouco encomendando-lhe que se não mostrasse muito aos marinheiros. Declarou-lhe que com ordem de Albaizar lhe[168] dera a entender que o levavam a ele próprio. E dando-se os últimos abraços tornou-se no batel a terra e o navio se fez à vela naquele silêncio da noite e navegou com vento próspero, até lhe acontecer o que em seu lugar diremos. [66v]

[167] A: apresenteis / B: presenteis
[168] A: lhe / B: lhes

## Capítulo 20

Do sucesso, que teve a embaixada que Aliboazém mandou a Targiana e do mais que ela ordenou.

Dous dias havia que Vasperaldo era partido da corte de Targiana, pelo modo que dissemos, quando chegou a ela Astronômico com a embaixada de Aliboazém para aquela princesa, a qual em sustância, continha que Aliboazém lhe entregaria el-rei Floriano de Trácia, que tinha preso naquele seu castelo, se lhe ela quisesse dar a troco sua filha, para se casar com ela, pois por sangue e pessoa, não desmerecia e pelo amor que lhe tinha a merecia melhor que todos os homens que havia no mundo, que pudessem pertender aquele casamento.

Negociou Astronômico ũa boa audiência e alcançou-a com pouca dificuldade, porque como Targiana governava seus estados e os de seus filhos,[169] ouvia a todos os que a buscavam com grande paciência e remedeava o que podia com não menor juízo e prontidão. E assim poude Astronômico fingindo-se um requerente ordinário dizer-lhe o que levava à sua conta.

Não se sobressaltou ela pouco com aquelas novas, porém dissimulou com grande quietação, porque a idade e a experiência do governo, a tinham feito ũa grande [67r] mestra daquela arte, dizendo que era negócio aquele que pedia consideração, acrescentou que queria ela algũ tempo para se resolver, mas que procuraria que fosse breve. Que entretanto se agasalhasse e repousasse com o maior segredo, que pudesse, porque Albaizar o não sentisse. E ficando só começou a cuidar na matéria e enfim depois de se detreminar consigo no que havia de fazer nela, rompeu em louvores de seus Deuses, que lhe meteram na mão ao filho, que cuidava tinha descabeçado e que lhe traziam agora o pai para que também lhe cortasse a cabeça. Esperando que Astronômico tornasse a buscar a reposta, tendo prevenido para aquela hora o que ele não soube prevenir. Vindo ele disse-lhe Targiana:

— Que segurança me há de dar Aliboazém de me entregar esse homem, quando eu quiser vir no partido, que me comete? Ou como estarei certa de que é verdade, que o tem ele em seu poder?

— Senhora (respondeo Astronômico) primeiro que Arquediana vá, não detremina Aliboazém entregar a Floriano, temido da violência do maior poder. Se houver algũ meio,

[169] A: e os de seus filhos / B: e os de seu filho

para que com segurança de ambas as partes a troca se faça ao mesmo tempo este se deve buscar, que quanto a ter ele Floriano não duvideis vós disso, porque eu o conheço bem e sei o que está em seu poder e a bom recado.

— Folgo muito disse ela então, porque o meio eu o tenho buscado o mais oportuno, que pode ser. E será cortar-vos a vós [67v] esse pescoço, pois vos atrevestes a trazer-me tal recado e o de Aliboazém e de seu hóspede, após isso.

E fazendo sinal com ũa campainha, saíram dous cavaleiros, que ela tinha em certo apartamento e enlearam todos os bons agouros com que o pobre Astronômico tinha consolado sua velhice, porque o ataram e levaram logo, onde por justo juízo de Deus lhe fizeram aquele ofício, que ele com tanto cuidado e indústria andava procurando, que se fizesse a quem nenhũ mal lhe tinha feito nunca. E após isto chamou Targiana seu filho e disse-lhe que ela tinha recebido no tempo de suas ausências agravos de Aliboazém, que tocavam no crédito e honra de sua casa, de que não era o menor buscar meios e feiticeiros[170] para se casar apesar de tudo com Arquediana. E que vendo sair em vão aquelas traças, procurava haver com grande treição el-rei Floriano às mãos, para que a troco dele conseguisse o fim de seus desejos e que tendo-o em seu poder estava atualmente ajuntando gente para que com mão armada lhes viesse cometer aqueles partidos. Que lhe parecia que convinha com brevidade arrancar aquela má erva, que ia crescendo, primeiro que com o tempo viesse a danar toda a terra de Berbéria. E que se enquanto ele com algũ descuido estava aguardando reposta de um atrevido recado que lhe mandara, dessem sobre ele, que entendia, que facilmente seria tomado, [68v] e castigado.

Menos que aquilo bastava para acender a vontade, que Albaizar lhe tinha. E depois de se espantar de tanta cousa e de duvidar prudentemente da verdade delas, sendo informado com mais particularidade pela mai, de donde as sabia e das alvíssaras que dera, a quem lhe trouchera aquela nova, achando-se mais que nunca inflamado em ira contra aquele mouro, quis todavia saber de ũ cavaleiro velho, grandemente entendido, que no seu conselho tinha, se fora o que a mai fizera em matar Astronômico, que lhe viera com ũa embaxada, violar a razão das gentes e profanar o direito comum, que sempre em todos os casos assegura os embaxadores, porque quando o fosse ele se não queria meter naquelas cousas. E pois não podia castigar sua mai, assim por ser mai como por ser ũa princesa livre, independente em seu

[170] A: feiticeiros / B: feitiçarias

estado, não queria pelo menos cooperar com ela naquele caso em alguma matéria,[171] nem mostrar que favorecia o que ele julgava abominação grande.

O velho lhe respondeo que folgava de o ver, sendo tão moço com tão boa inclinação, para observação da fé e da verdade, a qual nunca faltava nos príncepes, por tão justificadas cousas, que os deixasse com desculpa.

— E bem sabem os Deoses (dizia ele) quanto trabalhei porque o turco vosso avô [68v] não se arrogasse a prender Polendos, quando em tempos passados lhe trouche vossa mai a sua casa com ordem do emperador seu pai. Do qual ato eu por sem dúvida tenho, que nasceo a perdição e estrago, que depois estes reinos tiveram, que por isso os pecados dos príncepes são maiores e suas roins inclinações se devem estorvar com mais cuidado, porque quasi nunca as pagam eles sós. Mas pois vós nos assegurais do bom ânimo que nesta matéria tendes, vivirei contente isso que viver e morrerei consolado de ver o rei que deixo em minha terra. Porém neste caso de vossa mai, me parece que não há para que tenhais escrúpulo, porque as embaxadas, a que se ham de ter esses respeitos, nunca são senão entre iguais, quero dizer, de ũ príncepe livre para outro. E posto que Aliboazém é ũ rei, todavia, não é livre, porque ainda que direitamente não seja vassalo, vossa mai (de cuja coroa suas terras são feudatárias) o pode ter por tal. E concertos entre vassalo e rei, tratados com segredo e sobre matéria perjudiciaes ao bem público, mais se devem chamar treições, que composições e justamente pode o príncepe supremo castigar de seu moto próprio, assim o cometedor dos tais partidos, se entende que é ofendido neles como o meio por onde se lhe cometem. Assim que por esta cabeça não tivera escrúpulo, porque nem [69r] aquilo foi embaxada, nem aquele homem se podia chamar embaxador propriamente, porém razão me parecia a mi, que considerássemos se os meios, porque Aliboazém tem procurado casar com vossa irmã, merecem o castigo, que lhe vós quereis dar e se a podeis vós casar melhor em vossa terra e se convém casá-la em outra à sucessão de vossos estados, particularmente estando vós sem filhos e por casar.

E trás isto se ia preparando o velho para disputar estas rezões, ou questões,[172] e resolvê-las (pelo que se depois entendeo) em favor de Aliboazém. Mas Albaizar, que se vio quieto no escrúpulo que tinha, dizendo-lhe que por aquilo só lhe perguntava, o deixou menos contente de seus procedimentos, do que de antes lhe dissera que estava. Entendeo que o que

[171] A: matéria / B: maneira
[172] A: rezões, ou questões / B: questões

lhe parecera vertude era só vaidade, porque esta pode ser de ũa só cousa e as virtudes como são encadeadas, não pode estar ũa sem outra. E finalmente ficando-se só[173] em suas (aos olhos de Albaizar) preluxas pronostiquidades ele se foi a compor ũ arrezoado número de gente, assim da contínua de sua casa como de algũa outra paga, que de ordinário para segurança daqueles portos do mar neles residia, alvoroçado em extremo para aquela expedição, cuidando castigar Aliboazém e tomar Floriano e fazer por meio de seu resgate com Carmélia, o que o outro [69v] cuidava fazer com Arquediana.

Assim que por aqui, ou por ali, sempre a cabeça daquele pobre rei, vinha a ser destinada a arras de matrimônios indignos, matérias, que ele algũ hora tratava e quasi parece que para dizermos, que pagara por onde pecara. E embarcando a gente com este alvoroço com grande silêncio e segredo, deu tão de súbito sobre o triste de Aliboazém, que não esperava tão depressa por aquilo, que quasi lhe teve ganhado o castelo de todo naquele primeiro assalto, porém defendendo-se valerosamente foi necessário que Albaizar desembarcasse toda a gente e pusesse o cerco com formalidade. Assim o fez e continuando com os assaltos, veio a necessitar e se[174] resolver, no que no próximo capítulo veremos.

[173] A: só / B: o velho
[174] A: necessitar e se / B: necessitar Aleboacém a se

## Capítulo 21

De como Aliboazém acordou Floriano daquele sono em que o tinha e de como Albaizar[175] foi preso.

Continuando (como dizíamos) Albaizar naquele cerco, a pouco e pouco, vieram seus inimigos a padecer fome e todas as mais moléstias, a que os obrigava o rigor dele, às quais se iam rendendo de maneira, que Aliboazém não sabia o que fizesse. Ignorava ele até então o que ao seu embaxador tinha [70r] acontecido, porém vendo tanta tardança, bem lhe parecia que não podia deixar de haver, ou algũa treição de Targiana para Astronômico, ou de Astronômico para ele. E vendo a sua gente pouca e medrosa, os mantimentos gastados, o campo de seu contrário cada dia mais crescido entendendo que o ânimo, que ali o trouxera, não se satisfaria, até que tivesse nas mãos o que não parecia que podia tardar muito, resolveo-se em ũa cousa, que lhe foi a total saúde na vida e nos primeiros intentos, mas por meios diferentes dos que até então tinha procurado. Quis fogir e levar consigo a Floriano, mais porque Targiana não tivesse o gosto daquela presa, que por amor que ele tivesse à vida daquele preso. E acordando-o ũa noite do sono em que estava com ũa erva, que Astronômico para aquilo lhe deixara, deo-lhe conta brevemente do estado em que estivera e da causa que ele tinha para lho procurar e do das cousas presentes. E que queria morrer nas mãos de ũ tão valeroso cavaleiro como ele era, confessando-lhe sua culpa e não as de quem com tanta violência lhe procurava tirar a vida e o reino. Que ele tinha aprestada ũa fusta ligeira para se irem nela, que mandasse governar para onde fosse servido e que depois de estar de todo em salvo, ordenasse dele o que lhe parecesse. Floriano acordando do sono e vendo aquelas cousas, [70v] então lhe pareceo que sonhava e dormia ainda. Contudo dando graças a Deus de se ver livre, julgando aquilo por obras e maravilhas suas, disse para Aliboazém:

— Bem pudéreis vós senhor tratar primeiro da venda, que do preço, porque quando Targiana estimara mais sua filha, que sua vingança, não ofendêreis a quem nunca vos ofendeo e a vós primeiro com obra indigna de todo o homem honrado. Mas demos todas as culpas a este negro Amor, que a ninguém que se lhe entrega deixa com joízo para se saber aconselhar. E ainda que forçado de vossa necessidade me soltastes, não deixo de vos agradecer a obra,

[175] A: Aliboazém / B: Albaizar

nem deixarei de vos ajudar no que puder, para que não percais vosso estado. Folgara eu de vos poder aproveitar naquilo que estimáreis mais. Não vejo por hora bom meio, dá-lo-á porventura o tempo e então trataremos dele. Agora só o devemos fazer de nos remediar a nós. E pois dizeis que tendes a fusta pronta, não nos apressemos sem ver primeiro o rosto à derradeira necessidade. Que as cousas de guerra como estão sojeitas à Fortuna, seguem muitas vezes a sua natureza dela, variando-se, quando menos se espera. Dizei-me que gente tendes, que mantimentos e que regra neles? Vejamos os lugares fracos e que fortificação se lhe pode fazer, porque se nos pudermos deter algũ tempo, não estamos mui longe de terra de cristãos, de quem com o primeiro [71r] aviso seremos socorridos logo.

Aliboazém confortado com aquelas razões e muito mais com ver o ânimo que mostrava o autor delas, derrubou-se a seus pés e disse-lhe:

— Não me posso arrepender de vos ter cativo[176], pois foi o meio de conhecer-vos e de me conhecer a mi pelo mais ditoso homem do mundo só por isso. Vedes-me aqui tendes de hoje para sempre tão pronto a tudo, o que me mandardes, que vos dou minha palavra, que ainda que Targiana me cometera o partido que enjeitou, que escolhera eu antes morrer às mãos de meos pensamentos, que enfim me ham de matar, que ofender-vos a vós na mais pequena cousa de vosso gosto.

E com isto dizendo-lhe o por que Floriano lhe tinha perguntado, a ele lhe pareceo que não estavam para desesperar tão depressa, antes detreminou que logo aquela mesma noute fizessem ũa saída fora, assim para mostrar a Albaizar que não estavam tão perdidos de ânimo como ele os imaginava como também, porque segundo os estimavam pouco, não deixariam de estar muito descuidados e que estando-o, lhe poderiam dar ũa demão com pouco risco seu. E quando não que lhes não podiam tirar recolherem-se seguros.

Não foi fácil de averiguar[177] isto com alguns dos principais, que Aliboazém chamou para lhe mostrar Floriano, dizendo-lhes que era ũ dos seus Deoses, que os vinha libertar. [71v] E todavia foram tantas e tais as razões, que lhe ele deu[178], que os persuadio ao que queria. E escolhendo de quinhentos de cavalo que eram por todos cento e cincoenta encarregou Aliboazém que com os outros estivesse a ũ postigo, por que saíram tendo-o sempre aberto, sem se apartar deles para o que o podesse suceder.

[176] A: cativo / B: errado
[177] A: averiguar / B: acabar
[178] A: que lhe ele deu / B: as que lhe deu Aleboazém

Bem quisera ele acompanhá-lo, mas vendo que não ficava de quem se fiar, veio naquilo. E aguardando que a gente estivesse bem entrada no sono, saío Floriano por aquele postigo com tão grande desejo de se exercitar contra aqueles inimigos de Deus pelo serem como era o valor, de que ia acompanhado. Os quais sem trincheiras, sem valos, sem vigias como se estiveram no maior repouso de suas casas, dormiam a sono solto como dizem, do que não é para pôr muita culpa a Albaizar porque era moço e sabia melhor peleijar como cavaleiro, que governar exércitos como capitão, também não se temia, senão que por mar lhe fogisse Aliboazém. E o mar é que mandava guardar com grande prontidão e cuidado. Mas a Fortuna não quis levar estas desculpas em conta, antes fazendo seu ofício brevemente lhe ensinou, que nunca nenhũ inimigo se há de desestimar e que por crédito ao menos da milícia, na maior segurança se hão os capitães mostrar mais prontos e mais vigilantes e ham de prevenir como for possível aquilo, que os outros homens por impossível julgarem.[72r]

Deu pois Floriano naquela gente em tal hora e com tal fúria, que primeiro que entrassem em si, se alagava o campo com rios de sangue. A grita e a confusão, faziam o medo maior. As feridas, que recebiam, desenganavam a seus donos, que não sonhavam. Albaizar que acodio[179] ao primeiro ruído, não tendo dado ordem algũa, para que em ũ caso daqueles a gente soubesse o que havia de fazer, não soube prover naquele conflito, a nada do que convinha ao bem comum daquele exército, mais, que com o valor de sua pessoa com o qual armando-se começou com ũ coração intrépido a esforçar e deter os que fogiam e a derrubar igualmente amigos e inimigos. Porém como não era em efeito mais que ũ só homem e o medo dos seus tão grande, aproveitava pouco, porque os cercados se cevaram de maneira, que cada ũ parecia ũ leão entre aquelas ovelhas. E não parou o dano de Albaizar só nisto, que querendo a Fortuna chegar[180], trouxe aquele valente Cavaleiro do Salvagem, cuberto de sangue alheio, por onde ele estava ajuntando algũa gente para fazer ímpeto nos inimigos. E ũ dos seus, a quem ele sem o conhecer tinha escandelizado, disse-lhe:

— Vós senhor sois o que nos matais a todos. Como cuidais que havemos de esperar, nem defender-nos, pois em nenhũ estado é lícito a seu vassalo pôr as mãos em seu rei? E de verdade que não posso crer senão que de acordo com [72v] Aliboazém nos trouxestes aqui para isto.

[179] A: Albaizar que acodio / B: a Albaizar que acordou
[180] A: chegar / B: chegar ao cabo

Notou Floriano as palavras e entendendo por elas que era Albaizar a quem se diziam. Enchendo-se de maiores esperanças, que as com que saíra do castelo, disse para algũ dos seus, que achou junto consigo:

— Aquele homem, que ali está, é Albaizar? Se o podemos prender, temos acabada a guerra. Eu me abraçarei com ele e vós de nenhũa outra cousa trateis, mais que de o atar e levar logo, porque eu vo-lo defenderei depois, de todos os que vo-lo quiserem impedir.

E isto assim dito rompendo por toda a gente ele que estava cercado, remeteo a ele dizendo em vox alta:

— Chegado é o tempo Albaizar em que vos arrependereis em vão de me querer antes por inimigo, que por parente.

E o outro que o ouvio e vio, veio-se a ele como ũ raio e levantando a espada, deo-lhe ũ tal golpe em reposta por cima da cabeça, que não lhe valendo a Floriano o escudo em que o recebeo, nem a fineza do elmo, sobre que veio a cair, ficou com ũa não leve ferida nela, mas ele que só levava o tento no que tinha dito, não curando daquele golpe, nem de outros, que juntamente lhe deram, foi tanto adiante, que se poude lear com ele e apertá-lo de maneira, que sem se poder defender, se sentio atar dos outros que o seguiam, arrancar da sela e levar para o castelo, onde Aliboazém o recolheo logo, sabendo quem era, tão espantado daquele caso e sucesso, [73r] como quem nunca, nem com a imaginação lhe chegara.

Floriano depois teve mais trabalho em recolher os seus, que em se defender dos valedores de Albaizar, porque se como toda a gente que ele tinha lhe fora inimiga, não houve pessoa em tão grande número delas, que o seguisse, nem tratassem mais que de fogirem do perigo que todos tinham por mortal. Cansaram enfim aqueles poucos de Floriano de matar, recolhendo-se ao sinal, que ele primeiro que saíssem lhe tinha dado, acharam-se só cinco menos, que Albaizar matara entre os mais e algũs feridos. Recebeo-o Aliboazém como a quem devia tanto e querendo que se curasse e descansasse ele o não quis fazer até saber onde estava Albaizar. E sendo-lhe dito que ainda assim atado em ũa não mui boa casa, fez que o passassem à melhor, que no castelo havia, que para o próprio Floriano estava concertada. E ali ordenou que o soltassem e servissem como quem era, pondo-lhe guardas onde ele as não visse. E depois de ser isto feito, advertindo Aliboazém que não o descobrissem em nenhũ caso a nenhũa pessoa, curou então da sua e do que mais lhe aconteceo daremos razão a seu tempo.

## Capítulo 22

Em que se da conta do sucesso, que teve Vasperaldo no navio em que [73v] ia e de como foi ter ao campo de Albaizar e do que ali passou.

Pouco faltava a Vasperaldo tendo caminhado alguns dias para chegar a terra de cristãos, indo tão bem servido dos marinheiros, que o levavam como se o eles foram e de muita obrigação sua quando se lhe trocou o vento de maneira e tão de súbito, que não esteve longe de lhe acontecer outra peor, que a de que tinha escapado na costa de Berbéria e desandando com aquela tormenta em poucas horas o caminho que em muitas mais tinha feito, amanheceo debaixo das ameas do castelo de Aliboazém, onde seu pai estava, ao segundo dia da prisão de Albaizar e entre a sua armada, a qual porque Aliboazém tinha[181] com que lhe fazer dano, não se movera do lugar em que estava. E recolhia ali as relíquias daquele desbaratado exército, que parado[182] na fogida tornavam poucos e poucos a demandar a armada como parte mais segura, porque quasi que toda a terra, que haviam de atravessar era do senhorio de Aliboazém, a quem tinham tamanho[183] medo, cuidando que dele lhe viera o dano, que só no mar se contavam por seguros.

Entrando pois Vasperaldo no meio daquela frota, reconheceram-na os marinheiros e a terra juntamente do que contentando-se ele pouco, quis encobrir-se entre o número grande daqueles navios enquanto o tempo não dava lugar [74r] para fazerem volta. E ainda não estava de todo surto, quando começou a ver sinais de tristeza em todos eles e depressa a desordem na embarcação da gente. Os marinheiros também que não sabiam a que fim ali se ajuntariam tantas naos, desejando entendê-lo e pedindo-lhe licença, foram uns poucos no batel a informar-se daquelas cousas e não tardaram muito que não viessem referindo variamente uma só verdade, que era ser Albaizar preso, ou morto e seu exército desbaratado por Aliboazém, a quem vieram cercar.

E como eles iam cheios de sospeitas, que ou levavam Albaizar, ou cousa muito sua, desenganando-se do primeiro pensamento, mostraram-se a Vasperaldo ainda mais tristes, do que aquela perda de seu príncepe os fazia. Mas não se querendo ele quietar em caso de tanta

[181] A: tinha / B: não tinha
[182] A: parado / B: parando
[183] A: tamanho / B: tomado

importância com a fidelidade dos marinheiros, meteo-se no batel armado de todas as peças e fê-los voltar outra vez, para ir pessoalmente a entender de raiz, o que podesse do sucesso, de que lhe davam novas.

E sem fazer grandes deligências não tardou muito que não soubesse, chegando-se aos primeiros navios, mais do que queria sentindo-o com o maior extremo que se pode imaginar, porque se via atalhado do caminho, que com tanto gosto fazia, para ir ver a Flérida. E obrigado dos benefícios, que de Albaizar recebera, a procurar servi-lo naquela [74v] miserável fortuna em que a Sorte o pusera[184]. E resolvendo-se em fazê-lo, ponderando o risco a que se aventurava se o conhecessem, não sentia senão não ver caminho com que Albaizar tirasse algũ bom fruto de sua perdição dele, que a troco disso nada lhe dava de perder-se. Notável exemplo certo, do que pode a gratidão e a honra, nos ânimos generosos, ainda que inimigos e de fé diversa.

Finalmente depois de estar cuidando ũ pouco por onde começaria aquela obra, mandou-se levar à capitania da armada e dizendo ali que queria falar ao general dela, sobio e achou-o, que sem se saber detreminar no que naquela ocasião faria estava praticando com alguns cavaleiros, que vieram de terra a apertá-lo e a persegui-lo[185] que se fosse, dizendo-lhe: que com maior poder e os aprecebimentos, que convinham para aquela expedição (os quais pela pressa de Albaizar se não puderam trazer) tornariam a libertá-lo.

Vasperaldo[186] pois, que como ũ dos outros entrara armado daquelas armas, que lhe Albaizar dera, que eram ricas e fortes à maravilha, cubertas todas de infinita variedade de flores e no escudo em campo verde ũa horta cercada de grandes muros com ũa fonte no meio à maneira de copa, que em lugar de ágoa se enchia com ũ coração e ũa letra que dizia *Videre satis* as quais Albaizar mandara assim fazer porque [75r] entendendo todos o que a Vasperaldo lhe ia em Flérida, quis aludindo à história do antigo Julião fazer-lhe aquele regalo, ou travessura. Armado pois destas armas pelas quais em toda aquela terra o tempo, que nela esteve lhe chamaram o Cavaleiro da Horta, fazendo-se dar lugar assim pelo continente da pessoa como pela riqueza das armas.

Não cuidando se poderia, ou não ser conhecido, levantando a viseira intrepidamente

---

[184] A: miserável fortuna em que a sorte o pusera / B: miserável calamidade em que a fortuna o pusera
[185] A: a persegui-lo / B: persuadi-lo
[186] A: libertá-lo. Vasperaldo / B: libertá-lo, porque nem sua pessoa era de crer que correria perigo nem quando o houvesse de correr eles dali lho podiam evitar. Vasperaldo

disse para aquele general e cavaleiros, tendo ouvido primeiro o que tratavam:

— Eu sou senhores ũ cavaleiro estranho, que desejando conhecer a Albaizar pelo preço de sua pessoa, ouvindo dizer acaso em que ele estava ocupado nesta guerra, o vinha a servir nela e não pude chegar, senão a esta hora naquele navio, que ainda tem por tomar de todo as velas. E informando-me logo alguma gente a quem perguntei por ele, do que poucos dias há lhe tinha acontecido, mais por desordem de vós todos, que por valor de vossos inimigos. vinha-vos a ver e oferecer-me a vós para o que cumprisse ao serviço de Albaizar, cuidando que se trataria aqui disto. Mas vejo-vos com ũa detreminação e ouço-vos uma lingoagem, não só indigna de tais homens, mas ainda dos mais ordinários peães, que em nenhũ exército se juntaram nunca. Dizei-me por vida vossa, quem vos leva? De quem fogis? E para onde fogis? Leva-vos medo de quatro [75v] homens cercados, mortos de fome, que com desesperação se vos vinham entregar, se os vós soubéreis recolher. Fogis donde fica preso vosso rei, tão mal ajudado de vós, que o deixastes prender sem nenhũa resistência vossa. Ides para onde está ũa mai, que o ama muito a dar-lhe tão boas novas de vossa honra e da vida e crédito de seu filho. Reparai por vida vossa no que fazeis e quando vos não mover o respeito de vossas honras, mova-vos pelo menos o desejo de vossas vidas. Como cuidais vós de escapar da justa ira e indignação de Targiana, aparecendo diante dela dessa maneira? Não tivestes muita culpa no que aconteceo. Acidentes são que algũas vezes se viram já na guerra. Cegar-vos a confiança e muito mais a razão de a ter grande, cousas são, que se podem desculpar, mas levantar o cerco, dar tempo ao inimigo que se apreceba melhor, ou se vá com Albaizar a parte, onde todo o paganismo inteiro lhe não possa valer, quem poderá desculpar isto? Ou em que entendimento cabe, fazer com um erro grande, maior outro, que o não era tanto? Que vos parece que será, se deixando este porto e esta terra livre a Aliboazém ele levar a poder do emperador de Constantinopla a Albaizar. Já que digais que per si só[187] se não poderá defender em seu estado, que lhe não daríeis então por seu resgate, ou porque preço a vida[188] de ũ homem, para lha tirarem, de quem tanto se temem e tanta razão têm para temer-se? [76r] De meu conselho senhores deveis de mudar de intento e hoje mais que nunca apertardes este cerco, que tínheis posto, assim por mar como por terra e com tanta pressa que quando chegar a nova a Targiana da prisão de seu filho, lhe chegue juntamente a do muito que por sua liberdade tendes

[187] A: per si só / B: por isso
[188] A: a vida / B: deixarão os cristãos de comprar a vida

trabalhado. E se me crerdes empenhar-vos-ei minha cabeça, que só com vos deixares estar os do mar aqui e os da terra em seu lugar com mais algũa vigilância, do que tiveram, que sem golpe de espada, ou que vossos inimigos vos cometam os partidos, que melhor vos estiverem, ou que façam outra saída em que se percam todos só com lhes armaremos a porta, sem ser necessário mais gente, nem mais apercebimentos, quanto mais se o tempo mostrar que convém engraçar-se o campo. Não está Targiana tão longe, nem os estados de Albaizar, nem os seos tão desprovidos, que se não cubram todos estes caminhos de gente, à hora, que se souber de seu trabalho. Mas vede vós se vos convém que venha outrem remediar aquilo que começastes a perder e perdereis de todo, indo-vos da maneira, que detreminais. E eu tomo por testemunhas a todos vós, que com esta pessoa, que só pessuo estou prestes para tomar o castelo a Aliboazém e me ofereço a fazê-lo, se me vós ajudardes só com vossa assistência sem mais nada. E protesto-vos, que dareis conta de todos os perigos de Albaizar e dos danos, que vierem a sua [76v] terra, se deixardes, que o levem daqui, aonde o tendes seguro e donde ninguém vo-lo poderá tirar, se quiserdes não dormir.

Espantados e confusos, ficaram os mouros, de ouvirem as razões daquele mancebo e tanto mais, quanto mais convencidos e atalhados se achavam com elas. E ele lhe parecia mais para ser aconselhado, que para aconselhar. E não tendo réplica que lhe fazer, responderam-lhe, que queriam, morrer todos constantemente naquela empresa, se lhes ele prometesse que os acompanharia nela. E que logo se fossem a terra tratar daquilo com ũ cavaleiro velho da casa de Targiana, a quem depois de Albaizar perdido, se obedecia em ũa e outra parte, porque queriam que o ouvisse, para se não prosseguir na embarcação da gente como com ordem sua iam fazendo.

E indo-se Vasperaldo com eles, deixou encomendado primeiro ao general do mar, que se espalhasse com navios no porto de maneira, que lhe não pudesse fogir por ele nada. E indo-se depois de desembarcados à tenda de Albaizar, acharam, que já nela se andava entroxando o fato para embarcarem.

E entrando na primeira casa deu Vasperaldo com os olhos em Agrimo (que ele era o que presidia àquela gente) e não lhe pesando com aquilo começaram os outros mouros da armada a mostrar-lhe aquele cavaleiro como cousa vinda do ceo e a referir-lhe as suas razões. Agrimo então postos os olhos nele, assustou-se de maneira, [77r] cuidando que eram descubertas suas cousas e que os companheiros com aquela eronia lhe vinham a tomar conta

delas, que esteve para cair no chão. Porém Vasperaldo, que lhe conheceo aquela interior perturbação, acodindo depressa, assegurou-o com algũas palavras equívocas, daquele temor particular e com outras semelhantes às que dissera no mar, ou as mesmas da razão geral, que todos tinham para se não irem. E reduzindo uns e outros a sua openião, quiseram eles entregar-lhe o governo do exército e da armada. Não o consentio Vasperaldo, dizendo, que estava bem em Agrimo.

E começando logo a levantar valos e trincheiras, mais perto dos muros, do que antes, rodeou delas todo o sítio, que ocupava aquela gente, que logo se tornou a recolher. Tão animosa ia[189] e tão pronta como se todos tiveram o seu mesmo coração. Mandou levantar uns bestiaes como cavaleiros, que pôs[190] aos muros, os quais brevemente passaram a altura deles. E trás isto, fez que Agrimo e o general do mar com outros principais, mandassem uma embaxada a Aliboazém encomendando-lhe o tratamento de Albaizar e amiaçando-lhe a vingança juntamente. Depois disto fazendo ũa relação de tudo o que passava e estava feito, mandaram-na a Targiana, desculpando uns procedimentos com os outros e protestando-lhe que primeiro haviam de morrer todos, que apartar-se daqueles [77v] muros[191] enquanto Albaizar não estivesse em sua liberdade. Do em que se ela resolveo com aquele recado e do que se fazia dentro na fortaleza, dará razão a história no seguinte capítulo.

[189] A: ia / B: já
[190] A: pôs / B: opôs
[191] A: muros / B: muros e intentos

## Capítulo 23

Do que se fazia no castelo de Aliboazém e do em que se detreminou Targiana quando soube da prisão de Albaizar.

Grande matéria de espanto tinha dado a Floriano e a Aliboazém, o novo proceder daqueles homens, de quem mais que nunca se achavam apertados então, quando de todo os julgavam por perdidos, sabendo particularmente que não lhes era vinda gente alguma de novo. Aquela forma de assegurar o exército com valos e trincheiras, de levantar bestiais nelas para peleijarem à mão tente com os que guardassem os muros enleava muito a Floriano, porque era invenção moderna e não praticada ‘té então entre os mouros. Porém parecendo-lhe que a necessidade engenhosa lhes teria ensinado aquilo começou também da sua parte a usar de novas indústrias, para defender aquelas paredes e os que as habitavam. Mas mor aparência[192] punha em ter preso Albaizar, a cujo troco [78r] cuidava que se livrariam todos, que nas outras defensas, porque bem via que se os inimigos procedessem como iam fazendo, que brevemente se lhe gastariam todos os mantimentos e inda aquela viveza em que a vitória fresca conservava a sua gente.

Mandou fazer ũa cava por dentro do muro e trabalhava por a poder encher de ágoa do mar, quando lhe fosse necessário. E entretanto da profundidade daquele fosso começou a lavrar ũa mina que fosse sair ũ[193] daqueles bestiaes, que maior dano lhe fazia, descobrindo-lhe uma praça de armas e impedindo-lhe o uso dela e queria dar-lhe fogo, quando estivesse mais ocupada de gente. E desta maneira o pai contra o filho e o filho contra o pai exercitavam toda a sua indústria e valor para defenderem e ajudarem aqueles inimigos não só seus, mas de todo o cristianismo junto.

Albaizar, que já havia outo dias, que estava preso, inda se não tinha desarmado, nem quis que ninguém o visse, senão ũ só pajem de Aliboazém, que ele bem conhecia, pelo qual lhe tinha mandado dizer, que só para não sair dali, cuidasse, que estava preso e que em tudo o mais seria servido e obedecido como em sua própria casa. E ele usando desta liberdade, tinha proibido o verem-no. E daquele só pajem se deixava servir e admenistrar o necessário. Tal era

[192] A: aparência / B: esperança
[193] A: ũ / B: a ũ

o sentimento que tinha de [78v] se ver naquele estado, não por lhe parecer cousa nova nos poderes da Fortuna, senão por cuidar que o culpariam por imprudente e por ser Aliboazém quem o prendera, tendo-o por castigo dos Deoses, pela pouca conta em que sempre o tivera. Mas como as dores grandes não continuam em ũ mesmo rigor muito tempo, foi Albaizar temperando a sua com o mesmo tempo. E como lhe pareceo vendo da casa donde estava o seu exército tanto melhor ordenado do que ele o tinha, que brevemente tomariam as cousas outro assento, também isto o consolava.

Targiana recebeo o recado de Agrimo com prudência[194] varonil, mas com entranhas de mai. E ainda que lhe parecia que quando o mal fosse muito que Arquediana só seria quem o pagasse, ser tanto contra sua vontade e com tanta quebra de honra de seu filho, não lhe deixava lugar de consolação. Pasmava do atrevimento de Aliboazém. E às vezes cuidava se nasceriam aquelas obras da fonte que elas tinham, mas não assentava nisso, parecendo-lhe que não se fiaria ele de Floriano para o soltar, nem Floriano dele para viver ali solto e em sua liberdade. Desejava também saber que Cavaleiro da Horta era aquele, que tamanho serviço lhe tinha feito e só Arquediana o sospeitava, assi porque sabia da divisa como por algũas palavras, que Agrimo lhe escreveo, mas também não sabia como pudesse [79r] ser tendo-se partido tanto tempo antes.

Finalmente Targiana se resolveo em ir ela em pessoa a apertar aquele cerco, mais para que com sua presença obrigasse a seus vassalos a acodirem melhor a suas obrigações do que o faziam, porque eles por serem todos de ũa mesma costa[195], não entravam de boa vontade na destruição de Aliboazém, julgando que o que convinha era fazer-se o casamento e soltar Albaizar, porque aquele homem era ũ homem rei e enfim seu parente em parte e cujo pai morrera em serviço de sua coroa e que ele se criara em sua casa e tinha saído tão bom cavaleiro como o próprio Albaizar com tanto custo seu experimentara. E isto é que os mais principaes responderam a Targiana em ũ conselho a que os chamou para resolverem o modo que haviam de ter na liberdade do filho e fez que se detreminasse no que temos dito. E pondo-o por obra, levou consigo a mais e melhor gente, que poude e Arquediana, que também não ia de boa vontade, temendo o sucesso daquelas cousas e entendendo que não podia escapar, ou de ser o cutelo de seu irmão, ou o seu resgate e qualquer destas, não era pequeno para sua

[194] A: prudência / B: paciência
[195] A: costa / B: casta

opinião, posto que todavia lhe não parecia Aliboazém tão mal, que encontrasse a força com que a natureza obriga a não aborrecerdes, a quem sabeis que vos ama.

Chegou finalmente Targiana com esta tão custosa[196] companhia ao seu exército, o qual sendo avisado [79v] já antes de sua vinda, a esperava com alvoroço. Receberam-na com grandes demonstrações de humildade e submissão, desculpando-se ainda pela boca de seus maiores do passado descuido, se bem tinham uns e outros mui bem merecido o perdão. Vasperaldo foi agasalhado dela com grandes favores, mas não com pequenos sobressaltos, parecendo-lhe aquele cavaleiro muito com Floriano e inda eles foram maiores se Vasperaldo na sua opinião não fora morto. Arquediana o festejou com maior alvoroço interior, mas com menos cerimônias públicas, assim por seu estado como porque lhe parecia que descobria tudo só com olhar para ele, natural cousa em quem receia muito. Beliandra, que pudera alterar toda aquela dissimulação com que os dous irmãos procederam naquele negócio, não vinha ali, porque por muito parenta e amiga de Aliboazém como fica dito, não quis ser presente às ruínas, que todos lhes temiam e deixou-se ficar.

Targiana mandou logo em chegando visitar seu filho e dar-lhe conta de sua vinda, porém não teve efeito aquela embaxada, porque como Floriano andava já desgostoso e enfadado de ver como a sua gente lhe esmorecia cada vez mais, principalmente depois que começou a soar que Targiana vinha com ũ grão poder, sobre eles e vendo também como se acrescentava por horas o campo de seu inimigo com [80r] soldados, que a desfilada cada dia vinham e assim com pouco mais remédio, que o que a prisão de Albaizar lhe oferecia, tendo intentado vãmente o pedir socorro em terra de cristãos, por não poderem sair duas barcas, que a horas diferentes despedira. Andando como digo aborrecido e cansado destas cousas, aconselhou a Aliboazém, que lhe foi a dar conta de como à porta estava gente de Targiana e ao que vinha, que não deixasse ver Albaizar, por lhes não dar tudo tão folgado. Assim o fez ele despedindo os embaixadores, dizendo-lhes que Albaizar estava doente, do que resultou o que adiante diremos.

[196] A: custosa / B: lustrosa

## Capítulo 24

Do desafio, que entre Vasperaldo e Floriano houve.

Confusa e medrosa da vida e saúde de seu filho, se achou Targiana, quando os homens que tinha mandado a vê-lo, lhe tornaram com a reposta que no capítulo passado vimos. E não a deixando sossegar aquele temor, tornou logo a mandar lá escrevendo a Aliboazém que fazia mal não lhe deixar comunicar Albaizar, porque para o que ele pertendia, de necessidade o havia de fazer, pois sem seu consentimento, não disporia ela de sua irmã, nem ele lhe aconselharia que o fizesse, nem lhe vinha bem ser [80v] de outra maneira.

Tornou Aliboazém a responder que ele não pertendia mais que mostrar ao mundo como ela o queria obrigar com o aperto em que o punha, a que degolasse Albaizar e se fosse depois para a terra dos cristãos, deixando-lhe despejada a sua e a de seu filho, de que se ela queria fazer senhora com alguns intentos, que o respeito de Albaizar lhe desejava[197] impedir e que por isso o queria matar por aquele modo. E depois de ter respondido isto, sendo avisado que os vassalos de Albaizar, não estavam mui satisfeitos de alguns procedimentos da mai, na matéria de seu governo, acrescentou muitos papeis de suas justificações, que mandou espalhar pelo exército, nos quais dizia, que estando quieto em sua casa, Albaizar mal persuadido de sua mai, que lhe queria mal por cousas, que se não podiam dizer, o viera buscar com mão armada para o destruir e matar e que ele em sua necessária defensão e ajudado de sua inocência o prendera e que mandando dizer a Targiana que o soltaria sem nenhũ resgate, mais que somente esquecer-se dos disgostos e ficar-se cada ũ no sossego em que de antes viviam, não só o não quisera ouvir, nem responder-lhe, mas ajuntando nova gente e novo exército, apertar[198], para que com desesperação se precepitasse a algum conselho terrível na vida de seu filho. Por quanto ao[199] casamento da senhora Arquediana, que se dizia que intentara por meios não lícitos, que ainda que [81r] o não confessava, nem lhes provariam, que todavia nenhuns, que o podessem ser de conseguir aquele fim, lhe a ele pareceriam mal, tanto mais quanto mais conhecia que a senhora Arquediana não era merecida de ninguém. E que não faltando nos

[197] A: desejava / B: devia
[198] A: apertar / B: o vinha apertar
[199] A: porquanto ao / B: porque quanto ao

merecimentos de sua pessoa dela, poderia em abonação sua alegar[200] cousas, que o desculpassem, mas que o não fazia porque como tinha dito não confessava naquela matéria mais que pensamentos, porém tão regulados, que até na filha fora crueza o castigo por eles, quanto mais em sua mai. E com estas e outras razões, que acomulou, levantou tamanho alvoroço e poeira nos mouros com que Targiana se aconselhava e nos mais graúdos daquele campo, que quasi se vio perdida. Mas Vesperaldo que entendeo a flor de Aliboazém, dizendo a Targiana, que chamasse o conselho, quietou tudo, porque lhe disse, que aquilo eram estartagemas de cercados e lanços muito conhecidos de quem podia pouco como se conheceria facilmente[201].

— Como pode, senhores, Targiana (dizia ele) casar sua filha, sem dar conta a Albaizar estando vivo? E como, se o não é, aconselhareis vós que o faça com quem o matou? E de que maneira se pode conhecer verdade disto, não querendo Aliboazém dar cópia dele, nem sem este conhecimento, tratar-se desta matéria? Diz Aliboazém que o queria soltar, a troco de ficarem todos quietos e que o não quiseram ouvir. A quem, por quem, quando e aonde cometeo este partido? [81v] E se o quer fazer como o não trata e oferece agora? A verdade é que deve ser Aliboazém mui discreto e ter juntamente quem o avise da pouca obediência com que se aqui procede. E quer vendo-se sem remédio, servir-se de vossa alteração para sua segurança. Não digo eu que não é razão que case ele com a senhora Arquediana, nem trato de julgar merecimentos de quem não conheço, se bem pelo que tenho ouvido e visto dela não há pessoa em quem esta princesa não seja mal empregada. Nem também vos aconselho que vos destruais uns aos outros enfraquecendo-vos, para vos não poderdes, não só vingar[202], mas nem defender dos cristãos como aqui alguns têm apontado, digo só, que não se pode nem deve responder a cousa algũa, que Aliboazém diga, ou cometa, sem que ũ, ou dous de vós, de quem mais se fiar a senhora Targiana veja com seus olhos Albaizar, pelo menos, quando lhe não premitam falar com ele. Porque vindo nós aqui para o libertar, porventura se for morto, outros intentos se ham de ter. Mas eu não entendo que o será, porque na sua vida deve Aliboazém ter toda a sua esperança. E com razão antes cuido, que como quem está seguro com tão bom penhor na mão, nos faz estas carrancas do que[203] ele deseja e lhe convém cometer. Porém pois

[200] A: poderia em abo~~mi~~nação sua alegar / B: alegar
[201] A: como se conheceria facilmente B: como vindo a ponto cru poderiam entender facilmente
[202] A: não só vingar / B: não só não vingar
[203] A: do que / B: para que nós sejamos os cometedores do que

a Ventura lhe deu esta ventagem, nós não lha podemos tirar, porque de muito maior importância é o disgosto de Albaizar [82r] que todas as vinganças, que se podem tomar de Aliboazém[204]. Mas o que me afirmo é que se ele se escusa de o deixar ver e quiser defender de pessoa a pessoa, pois é tão bravo, que não faz vilania nisso, que eu lhe provarei o contrário com a minha, neste campo, ou lá dentro dos seus muros, assegurando-mos ele.

Em extremo ficou satisfeita Targiana das razões daquele cavaleiro e não menos Arquediana, que espreitava. Os mouros amigos de Aliboazém, se aquietaram por então. E assentou-se que se lhe mandasse logo ũa trombeta com a sustância daquela resolução e desafio. O que fazendo-se assim Aliboazém, que verdadeiramente era bom cavaleiro, o quisera aceitar subitamente sem outras cerimônias mais. Mas dando todavia conta a Floriano primeiro como costumava fazer de tudo ele cuidando que lhe vinha Deus bater às portas, depois de o persuadir que deixasse toda aquela matéria em seus ombros, ordenou-lhe que respondesse, que não somente deixaria ver Albaizar, mas que o entregaria, se fosse vencido, deixando a eles[205] e Targiana livres todos os mais homens que naquele castelo estavam. E que se o vencesse levantassem o cerco, ficando Albaizar na sua prisão para se tratar de seu resgate pelos caminhos ordinários.

Não poude deixar de contentar a Targiana este partido muito, porque como só pertendia a segurança do filho, vendo-se quieta naquilo e sem lhe falarem no casamento [82v] da filha, abraçou-o como dizem com ambas as mãos, fazendo conta que quando Aliboazém saísse vencedor e quisesse inovar cousas depois de levantado o cerco, que aí ficava o caminho por onde tornaria a cercá-lo e com muito maior número de gente e que se não bastasse este meio, não podia faltar a pessoa de Arquediana. Com que enfim ela estava tão segura da vida de Albaizar, despois que ouvio a Vasperaldo como o mesmo Aliboazém o estava da sua com ter a de Albaizar em seu poder. E tratando-lhe[206] da segurança de ambas as partes, pela de Aliboazém foi repondido, que ele se contentava com a palavra de Albaizar se desse. E que para os segurar a eles o daria em depósito à senhora Arquediana, se enquanto durasse a batalha ela quisesse ser seu carcereiro. E que podiam vir dar conta a Albaizar do que se tinha assentado quando quisessem. Esta maneira de Aliboazém proceder, não só lhe granjeava crédito grande para com os mouros, mas também para com Targiana e Arquediana e com

[204] A: de Aliboazém / B: dele
[205] A: a eles / B: ele
[206] A: lhe / B: se

Albaizar mais, depois que soube, porque entendia melhor o preço daquelas cousas, ao qual dando-se conta delas ele aprovou tudo, não pouco espantado de Aliboazém saber, fazer e dizer aquilo. E querendo saber quem era o Cavaleiro da Horta um pouco sobressaltado de ouvir nomear aquele nome, Agrimo, que era ũ dos dous que lá foram, apartando-se com ele lhe deu conta de tudo, o que tinha acontecido [83r] a Vasperaldo e de quanto em seu serviço tinha feito, assim como aqui está escrito.

— Valham-me os Deoses (disse Albaizar com ũ profundo sospiro) que nem em cortesia querem eles que eu vença a meus inimigos! Ora faça-se sua vontade e vivam esses homens, para serem senhores de todos os outros. E vós dizeis a Vasperaldo, que lhe rogo, que não chegue ao cabo com Aliboazém, porque quero que me fique alguém no mundo com quem eu faça gentilezas, pois com ele não posso.

E com isto dando a palavra, que se lhe pedia e dizendo que também ele se fiava da de Aliboazém sem querer ir ao campo, concertaram Agrimo e seu companheiro a batalha para o outro dia, no qual sucedeo o que abaixo veremos.

## Capítulo 25

Da temerosa batalha, que aqueles cavaleiros houveram.

Com dificuldade tinha Floriano acabado com Aliboazém que o deixasse fazer aquela batalha, porque a ele parecia-lhe grande quebra de sua pessoa, sofrer aquele engano e o do Salvagem havendo de tratar da segurança própria estando ele presente na sua liberdade não queria aventurar-se na farsa de Aliboazém, nem de outrem. Guiou-o assim a Fortuna, para que pai [83v] e filho pagassem ambos aqueles seus primores e os inimigos da fé, sendo ũ o cutelo e o menistro do castigo do outro, naquela horrenda batalha em que logo os veremos.

Amanheceo o dia triste e malencólico, como que não queria ver[207] caso tão indigno. Concertou-se ũ cadafalso no campo em que havia de ser a batalha, no qual se sentaram Targiana e sua filha para serem os juízes dela. E Albaizar como dissemos não quisera sair do castelo, fiando-se também na palavra de seu dono. De uma janela que caía sobre aquela parte se pôs juntamente a ver e dali falou a sua mai e irmã e foi aclamado de seu exército com ũa alegre e confusa salva de vozes e gritos vários.

Saío Vasperaldo da sua tenda armado daquelas fermosas e fortes armas, que temos dito em cima de ũ cavalo alazão folgado e forcoso, acompanhado de seu amigo Agrimo e de outros principaes senhores, que lhe traziam a lança e o escudo. Vinha tão airoso e tão gentil-homem que até a muitos que lhe não desejavam a vitória, não deixou de o parecer. E chegando onde estava Targiana com sua filha, fazendo-lhes ũa grande inclinação, não poude Arquediana dissimular tanto, que lhe não dissesse:

— Pesa-me muito Cavaleiro da Horta de me parecerdes tão bem, porque hoje era o dia em que vos não quisera assim.

— Não tendes rezão senhora (lhe respondeo ele) porque se eu presto para algũa cousa, muito melhor [84r] vos ficará parecendo aquele que me vencer.

E rindo-se uns e outros, cuidando que ambos zombavam, passou Vasperaldo adiante e ficou ela não de todo contente, porque pelo menos não quisera vergonha àquele seu servidor, o qual saío do castelo, armado das armas, que de Constantinopla trouxera, que eram verdes com uns borrifos de ouro e no escudo em campo azul o laberinto de Creta com ũa espada

[207] A: não queria ver / B: não quisesse o sol ver

atravessada por ele, que o desfazia e dizia a letra *Quando falta o fio*. Vinha sobre ũ cavalo ruço, grande, mas magro e fraco como quem também sentia o aperto daquele cerco. Não lhe trazia ninguém o lança, nem outra algũa peça. Somente o acompanhavam seis companheiros[208], dos que dentro havia. A todos pareceo bem aquele cavaleiro e a Albaizar melhor e contentou-se muito da divisa julgando-a por arrogante e engenhosa.

Remeteram eles um, ao outro, logo que estiveram na praça com bem pouco alvoroço seu, nem dos mais que os viam. Seu, porque parece que a carne lhe recusava e revelava o que era. Dos outros porque ninguém senão só Targiana folgava de qualquer sucesso, que o negócio tivesse. Os encontros foram acertados em cheio e dados com tanta força, que Vasperaldo se apegou ao pescoço do cavalo e faltou pouco para vir de todo a terra. Floriano e o seu cavalo caíram ambos juntamente com não pequeno risco de o tomar [84v] o cavalo de baixo, mas saío-se dele levemente com aquele coração e brio que lhe a natureza dera. E não descontente de se ver derrubado, porque bem entendeo ainda que o encontro fora grande, que na fraqueza do cavalo estivera o dano. Assim lho pareceo a Albaizar também e por isso crendo que era Aliboazém e tendo conhecido e experimentado Vasperaldo, ficou assombrado do encontro, que ele lhe dera e o próprio Vasperaldo ainda mais, que até então não tinha recebido nunca outro tal.

E apeando-se e vendo que o seu contrário o aguardava embraçando bem o escudo e arrancando da espada, foi-se para ele, que já o vinha buscar. E por escusarmos particularizar golpes e estocadas, que nunca deleitam, quanto mais naqueles sojeitos, só diremos, que se trataram por espaço de hora e meia, que não descansaram, de maneira, que obrigados de ũa mesma necessidade, se apartaram cada ũ para sua parte, igualmente feridos e cansados. Albaizar, que como temos dito os via e conhecia Vasperaldo estava como homem fora de si e julgava Aliboazém pelo melhor cavaleiro do mundo, porque verdadeiramente lhe parecia, que em se saber poupar e ferir mais a tempo, tinha ventagem ao outro. E dizia consigo:

— Quem havia cuidar isto deste homem? O caso é que o Amor faz milagres e não é possível menos. Estas maravilhas Arquediana as obra e já se eu posso ela pagará a Aliboazém o que lhe deve, por ser tão bom instromento de seus poderes. [85r] Bom era mandar eu dizer a Vasperaldo, que não chegasse ao cabo com Aliboazém e parece-me em verdade, que a ele houvera eu de dar o recado, ou a ambos pelo menos.

[208] A: companheiros / B: cavaleiros

Floriano estava rebentando em paxão, porque cuidando que o havia com ũ cavaleiro ordinário, achou-se tão apertado, que se não foi de Palmeirim seu irmão, que às vezes com ele combateo e depois em Constantinopla de Dom Floris, nunca em tal estado se vira. E ũas vezes dizia consigo que era aquilo justo juízo de Deus por seus pecados. Outras estava menos contrito e pondo os olhos em Targiana, dizia-lhe dentro de si:

— Que vós senhora me mateis, muitas razões há para isso, mas que consintaes que me mate outrem à vossa vista, não vejo eu algũa, que vos possa desculpar de rigor tão implacável. Este homem, que peleja da vossa parte em vosso nome e por cousa vossa, se me defende tanto, que o comparo comigo quando eu merecia pordes-me esses olhos, porque com o seu favor desbaratava eu o mundo todo. Ora senhora querei-me antes matar vencedor por vós, que vencido por outrem e não faça menos o gosto da vingança ficar com algũ alívio o condenado. Não sei como vos parece que posso eu ter maior pena, que carecer da vossa graça!

Vasperaldo naquele tempo, não estava menos contemplativo e enfadado, antes envolto em imaginações daquela calidade, dizia falando consigo:

— Que é isto Vasperaldo? Ũ triste mouro [85v] não conhecido, nem estimado no mundo, te tem a ti neste estado? Que Dom Duardos? Que Dom Floris? Que Primaleão? Que Pavorante? E que Albaizar que agora pario África de novo? Por certo que me defenderia eu mui bem de qualquer deles se nos encontráramos ambos no campo. Senhora Flérida, não é possível que deixasses vós de entender o pouco que valho e o pouco para que presto. Agora vos acho razão nos rigores com que me tratais, inda que me parecem menos do que merece ũ homem, que sendo tão fraco, ousa a pôr o pensamento em vós, dotada das perfeições que nunca tiveram igual e afora isso filha daquele excelentíssimo príncepe, contra quem nunca ninguém teve mãos. Perdoai-me senhora este atrevimento, posto que bem cuidava eu que não era ele grande nesta parte, imaginando que nela se me pegaria algũa cousa do Cavaleiro do Salvagem, desditoso só em meter a mi por filho, que tanto degenerei de seu valor. E que fizera ele agora se me vira quasi atado como vítima, que nem para me defender presto. Enfim, Deus cria homens em toda a parte. De África foram aqueles valerosos Anteos e outros muitos de cujos louvores as histórias andam cheas. E provera a Deus fora este algũ deles, porque ficara então com algũa desculpa minha fraqueza, pois não poderei já como cuidava parecer-lhe a ele Alcides.

E como isto disse tornou-se [86r] a juntar com seu contrário e começaram com fúria

nova a tratar-se de sorte que esgotaram em si o sangue e nos que os viam as esperanças de que poderiam viver. Albaizar que de todo estava fora de si e o mais afeiçoado homem do mundo a Aliboazém, vendo que os espíritos sós eram os que os tinham em pé, detreminou-se a não deixar acabar assim o que ainda havia neles de vida, porque na morte de um perdia ũ parente que já estimava tanto e na do outro o que nele já tinha feito. E posto que ficava desobrigado da nova dívida em que o ele alcançara, ficar-se sem lho pagar, lhe parecia ainda maior perda.

E querendo atalhar ũa e outra cousa como ali estava tudo, à sua ordem, saío pela porta do castelo fora e foi-se aonde a batalha se fazia, seguido de tanta gente da sua que logo se lhe juntou, que se perturbou ũ pouco Floriano e disse para Vasperaldo:

— Que é isto cavaleiro? Qual de nós quebra a palavra? Albaizar parece este que lá vem.

Respondeo ele:

— Não deve vir fazer vilania, mas de mi vos digo que em defensa vossa me achareis quando a haja enquanto puder ter esta espada na mão.

Chegou Albaizar àquele tempo e tomando a Floriano pelo braço com mostras de grande humanidade lhe disse:

— Agora verdadeiramente sou vossa presa, porque aquela parte minha a quem milhões[209] de ferro não chegavam, tendes atada a vós com vínculo muito mais forte. E pois esta batalha se faz [86v] sobre minha liberdade eu não quero que vá por diante, pelo que toca ao Cavaleiro da Horta que por amor de mi tem entrado nela. E por vossa parte vos peço que hajais assim por bem, porque eu me contento de tornar preso ao castelo e de vos dar por meu resgate a cousa de meus senhorios que mais estimo.

Floriano, que se vio naquele aperto, tomado de Albaizar pelo braço, rodeado de seus vassalos, defronte de Targiana e sua filha e julgado de uns e outros por Aliboazém, não sabia que caminho tomasse para se não descobrir o que era e o que não era. E todavia recorrendo prontamente ao remédio, desatou aquela laçada da maneira que no próximo capítulo veremos.

[209] A: quem milhões / B: que grilhões

## Capítulo 26

Do sucesso, que aquelas cousas tiveram e como Vasperaldo e Floriano se conheceram.

Posto Floriano naquele aperto, que acabamos de ver no capítulo passado e atochado entre as dificuldades, que se ali apontam, respondeo a Albaizar vendo que parava:

— Porque senhor este cavaleiro me tem em estado, que não sei se o que agora fazeis comigo, é lástima que me tendes, mais que outra cousa, vos quero preguntar primeiro que vos responda. E se eu não quiser deixar esta batalha e fazer [87r] o que me pedis, se vos tornareis vós à prisão em que estáveis, sem me fazer[210] com a gente, que aqui tendes, a que faça o que vós quiserdes, ou com vontade, ou sem ela.

Ao que Albaizar com ũa pouca de alteração lhe disse:

— Eu não sou homem que por nenhũa cousa que aconteça quebre minha palavra. E nesta conformidade não só se despejará logo a praça, mas também o campo. E eu me torno ao castelo contente de vos ter declarado minha vontade e vós fareis o que tiverdes na vossa.

Então mandando despejar quis fazer volta por onde viera, porém Floriano tendo mão nele, tornou-lhe a responder:

— Da praça me contento por hora que se vá a gente como está feito. E antes que vós vos vades ao castelo, quero que vejais ũa deligência, que farei com este cavaleiro, que vos servirá de reposta daquilo que me dissestes.

E voltando-se então para Vasperaldo, que o estava ouvindo e notando seus procedimentos, julgando entre si por eles, ou pelo valor da pessoa, por ũa grão cousa e não indignos[211] já dos merecimentos de Arquediana, disse-lhe:

— Vós cavaleiro desdizei-vos das calúnias que me levantais acerca da morte e retenção de Albaizar.

— Daquilo que eu disse (respondeo Vasperaldo) não me desdirei nunca e foi que faríeis vilania se impedisses que o vissem seus vassalos, levando-lhe recados de sua mai. O mesmo torno a dizer agora e sobre isso tornarei a entrar cem vezes convosco em campo e com qualquer outra pessoa, que [87v] quiser defender o contrário.

---

[210] A: fazer / B: forçardes
[211] A: indignos / B: indigno

— Muito embora (disse Floriano) eu quero tomar essoutra parte, porque muitas razões podia haver no estado em que nossas cousas estão para que sem culpa algũa se impedisse a comunicação que dizeis. E quanto aos procedimentos, que com a pessoa de Albaizar se tiveram até agora, dos de lá de dentro pode ele ser testemunha, dos daqui por diante sê-lo-eis vós. E virando-se para Albaizar, que estava esperando em que aquilo pararia, lhe disse:

— Desde agora, senhor Albaizar, estais livre para poderdes fazer de vossa pessoa o que vos pedir a vontade. As mercês e amizades, que me ofrecestes, não aceito agora, porque parecerão (como vos disse) mais lástima de meu estado presente, que merecimentos de minha pessoa. E ide-vos embora e nisto só guardo o poder que em vós tinha; eu me ficarei no meu castelo. E, se depois de estares nas vossas tendas e eu entre as minhas paredes, que não tenho por de todo rendidas, vos parecer que me deveis algũa cousa, então se poderá tratar disso e antes nem ũa só palavra que toque a tal matéria. E nossas questões, senhor cavaleiro, (tornando a falar com Vasperaldo) averiguemo-las de hoje a um mês com estas mesmas armas no lugar que vós escolherdes.

Ia-lhe Vasperaldo já tomando a mão, mas Albaizar atravessou dizendo:

— Não há de ser, senhor Aliboazém, tudo como vos quiserdes e bast, que eu só vos obedeça e nessa conformidade me vou ao raial, de [88r] donde cuido responder-vos ao mais. E quanto ao desafio eu tomo sobre mi, que este cavaleiro vos responderá como quiserdes, mas há de ser desafiarde-lo vós também, quando se não possa cuidar, que o fazeis fiado em tantos padrinhos como aqui já tendes. Antes para que leveis todas as gentilezas ao cabo vos peço que o vejais[212] curar convosco no vosso castelo, porque pelo que lá vi, não haverá cá fora tão bom aparelho para se fazer. E então se tratará dos desafios.

Não aguardou Vesperaldo que o outro respondesse, porque primeiro que o pudesse fazer disse para Albaizar:

— Eu, senhor, entrei nesta batalha para vos servir e pois estais solto e acabado este respeito, ela também para aqui está acabada, porém pelo que agora a mi me toca, dar-me-eis licença para não querer estar por isso que tendes assentado, antes pois este cavaleiro e eu estamos armados e ainda há tempo para averiguar suas dúvidas e sotilezas, será bem que o não percamos, porque eu verdadeiramente não só estou firme em minha opinião, mas cuido de novo que tudo isto que ele faz são fonfarrices de quem vos conhece e sabe que pelo mesmo

[212] A: vejais / B: queirais

caso, que se não pode defender, não haveis de querer vós apartá-lo.

Não recusava Floriano as brigas, antes ardendo em nova cólera instava por elas. Albaizar mostrava-se enfadado, porque tinha naquele caso forçada muitas vezes a natureza, que não era hora muito de forçar ninguém ou de temperar para dizer melhor [88v] a Targiana[213] que conhecia o filho entendendo-lhe a vontade e temendo que todavia não quisesse declará-la mais, tomando Arquediana pela mão, foi-se lá e pôs o negócio em paz. E querendo levar o cavaleiro da Horta, Albaizar, que se temia, que o poderiam conhecer e que teria outros novos trabalhos com ele e que já a essa conta tinha dito ao outro, que o levasse para o castelo, pedio à mai, que o deixasse ir, dando-lhe a entender que assim convinha, para que com a conversação se fizessem amigos. E vindo ela facilmente naquilo, querendo recolher-se com Albaizar apartou primeiro o que cuidava, que era Aliboazém e disse-lhe em segredo:

— Tende a bom recado o preso, que ainda vos há de render mais do que cuidáveis.

E ele vendo-se tão perto dela, ainda que as suas feridas eram as que temos dito, fazendo-se tão loução como se não tivera nada[214], lhe respondeo:

— Na mão tendes vós senhora o preso, que não sei eu algum, que tanto o seja vosso.

E ela então rindo-se, cuidava, que eram galantarias à conta da filha deixou-o e foi-se a buscá-la e ao irmão, que até então tinha estado em comprimentos com Vesperaldo pelas obrigações em que de novo o metera. E dizendo-lhe, que por o ter mais seguro no castelo o fazia ir para lá e que o iria ver como passassem as dores dos primeiros pontos e que então falariam no que convinha a suas cousas.

Espediram-se uns dos outros com grande contentamento de todos. Os da parte [89r] de Albaizar porque cuidavam que tinham em Aliboazém e no da Horta dous excelentíssimos cavaleiros para irem sobre os príncepes gregos, dos quais se julgavam já senhores.

Targiana porque via Albaizar em seu poder e já que sospeitasse que Aliboazém lhe ficaria em casa, de o ver a ele tão bom cavaleiro e mais que tudo com ter por certa a cabeça de Floriano por arras daquele casamento de Arquediana. Arquediana, por amor do irmão, no gosto e contentamento do qual, tinha posto todo o seu. Albaizar, por se ver em estado de poder gratificar a Vasperaldo os novos benefícios e a Aliboazém juntamente. A ũ com lhe entregar o

[213] A: hora muito de forçar ninguém ou de temperar para dizer melhor a Targiana / B: hora muito de temperar ninguém, porém Targiana
[214] A: se não tivera nada / B: se estivera mais são e muito mais longe de Trácia

pai que cuidava que tinha preso e mandá-los livremente e a outro a irmã com ũ grande estado, que juntasse ao seu. E também mais de lhe parecer que deixava com ela[215] a mai bem acompanhada e bem governado o reino, para que com menos inconvenientes do bem público, se pudesse ir buscar a Carmélia, cujas saudades o não deixavam repousar.

Só Aliboazém não estava satisfeito daquele redondoso[216] engano, porque o acusava a honra de ter consentido nele e ainda que Vasperaldo lhe parecera terrível inimigo, antes tomara morrer a suas mãos, que haver de viver sempre com aquele escrúpulo. Vasperaldo não ia consolado do estado em que ficara a batalha e seu pai menos, que tinha mais antigo costume de acabar melhor as suas e [89v] mais pendia ainda sobre seus ombros a solução daqueles enredos e não lhe via ele era[217] mui boa. Enfim ele se foi com o filho em tanta conformidade interior[218] como se o conhecera, ou como se o sangue, que de ambos corria, fora tirado por outras mãos. E depois de entrados dentro e fechadas as portas e postas vegias onde convinha com todo o recado e vigilância, que de antes, havendo-se tratar da cura dos feridos, quis Floriano que fosse primeiro acodido Vasperaldo, assim por hóspede como para que livre pudesse tratar com Aliboazém do que lhe convinha. E sendo levado à casa em que Albaizar estivera e desarmado pera o lançarem na cama, foi conhecido de seu pai com tanta maravilha e sobressalto, que juntando-o à fraqueza em que a perda de tanto sangue o tinha posto, deu consigo no chão como homem morto. E julgando todos que era desmaio, correram a tirar-lhe o elmo e então vos digo eu que Vasperaldo ficou bom. Enfim eles caíram um para uma parte e outro para a outra, porém não houve quem conhecesse a causa.

Tornou em si Floriano e vendo o que tinha passado, fez lançar ágoa no rosto àquele cavaleiro com que também lhe passou o acidente. E querendo romper em queixumes de sua fortuna, o pai lhe disse apertando-lhe ũa mão, que não era tempo, que se curassem e que depois falariam. E para melhor o poderem fazer ordenou que lhe trouxessem a sua cama ali também, dizendo que a fraqueza, que o desmaio lhe deixara, o impedia para se não bolir daquele lugar. [90r] Fez-se o que ele ordenava e sendo ambos curados, Aliboazém, que a tudo tinha assestido, os deixou repousar e foi-se entender em outras cousas, que ocorriam. Assim os deixaremos por hora até seu tempo.

---

[215] A: ela / B: ele
[216] A: redondoso / B: rendoso
[217] A: era / B: hora
[218] A: interior / B: exterior

## Capítulo 27

Do que aconteceo à princesa Fidélia depois que se partio para Constantinopla.

Inda que enfim de naufrágios perigosos, de peregrinações lastimosas, de injúrias e sem razões da Fortuna, se livrou a princesa Fidélia, também (como no cabo veremos) contudo muitas vezes estive para não ir com esta história por diante e deixá-la antes de chegar a este lugar, porque muito mais doe ver males mal merecidos, do que alegra ver bens, que por merecimentos se devem. E assim a mágoa de ver a Fidélia no estado em que a pôs a condição humana, não sei se podemos dizer que a não consola vê-la depois socorrida pela bondade divina. Pelo que aconselho a qualquer pessoa, a quem estes nossos escritos chegarem à mão, que passe sem ler, o que a obrigação de meu ofício fez que escrevesse, mais com lágrimas de meus olhos, que com outra algũa tinta, porque nem por isso lhe ficará a história menos clara e poupar-se-á sentimento, a que nem as pedras resistiram, nem os mais ofendidos corações [90v] da própria Fidélia, se aí houvera alguns tão ditosos, que ainda para ofendê-los lhe lembrassem.

Partio da corte de seu pai a princesa Fidélia em ũ muito fermoso navio com mais três que a acompanhavam. Iam embarcados em ũ deles todos os cavaleiros mancebos da casa do emperador, que temos contado se acharam em Boêmia. No da princesa ia só Dramusiando e o embaxador que tinha vindo por ela. E nos mais a sua recâmera e alguns poucos vassalos seus, que el-rei seu pai todavia quis que fossem em sua companhia mais para lhe tornarem a dar novas dela e da jornada, que por outro algum respeito, porque como também fica dito, tudo Dramusiando quis que ele escusasse. Entre eles ia Ludínio, a quem os amores de Enáclia levavam trás si, tão perdido e tão contente, que para com mais liberdade poder cuidar nela enjeitou o lugar que Primaleão no seu navio lhe dava.

Caminharam pois com tão bom tempo os primeiros dias e alguns com outro não muito mao. Dispô-los a Fortuna (só nisto piedosa) pouco a pouco desta maneira para os acometer depois como fez com toda a força de seus nunca bem conhecidos poderes. Assim aconteceo que tendo andado quasi a maior parte do caminho, trocou-se-lhes ũ dia o vento e fez-se de todo ponteiro, não os deixando seguir de nenhũa maneira a derrota que levavam. E porque os navios não abolinavam bem, vendo Dramusiando que abatiam muito de parecer de seus

ofícios[219], [91r] mandou tomar as velas e pôs-se a pairar árvore seca.

Crescia o vento engrossava o mar cada vez mais com que a nao da princesa começou a trabalhar tanto, que foi necessário largar[220] a cevadeira e voltar a popa ao vento, para que se aliviasse algũa cousa. Não bastou o remédio, porque a tormenta ia-se declarando por momentos com grandes chuveiros e fozis. E como aquilo era à tarde, vinha-se chegando a noite a mais escura e mal assombrada, que se podia imaginar. Os marinheiros começaram a encher-se de medo, mas não ainda de maneira que deixassem de acudir a tudo, o que era necessário, prontamente. Dramusiando temendo o enfado e o perigo da princesa, também não estava muito livre de imaginações tristes. Ela só era a que mostrava melhor ânimo, não deixando de sentir contudo aqueles desabrimentos com que o coração persago de seus danos, costuma prevenir sempre a seu dono.

Primaleão que vio começar aquela tormenta e vir-se cerrando a noute, achando-se em outro navio, não se podem dizer as perturbações e sobressaltos em que entrou. E porque aqueles seus companheiros ou por fanforrice, ou por não entenderem o risco em que iam, não só se não mostravam muito receosos dele, mas antes começavam a zombar dos marinheiros se enquietarem mais, do que a seu parecer aquela ocasião pedia. Não ousava Primaleão a mostrar-se muito tímido por não aventurar a que declarassem suas [91v] demonstrações a causa de seus temores. Porém crescendo como dissemos o vento e escurecendo-se o tempo cada hora mais, não podendo ele já sofrer a boca fechada aquilo que dentro em si sentia, disse para os companheiros:

— Parece-me que devíamos advertir aos marinheiros, que façam deligência para que com a escuridão da noute, que demonstrações vai entrando, não percamos a nao da princesa, para o que também será bom dar recado a Dramusiando que faça ter conta com o farol.

Entraram a este tempo o mestre e o piloto onde eles estavam e disseram-lhes, que se não podia esperar o tempo daquela maneira, porque crescia muito Que deviam dar ũ pouco da cevadeira e correr em popa, porque tudo o mais era perdição conhecida. E que se espantavam de não ter já feito o mesmo a capitania.

Parece que com a cerração do tempo e com o sobressalto do perigo, não tinham eles visto como Dramusiando havia espaço já como dissemos, ia à vela. Primaleão lhe respondeo

[219] A: ofícios / B: oficiaes
[220] A: largar / B: dar

que tudo o que não fosse apartarem-se da capitania, fizessem sem o[221] consultar com eles.

Dramusiando pois, que vigiava com os olhos de Argos, não querendo correr tanto, fez outra vez tomar a cevadeira e cingir ũa moneta no castelo de proa. E preparado desta maneira chegou-se ao navio de Primaleão onde também levava o sentido e gritou-lhe pela trompa de donde poude ser ouvido, que fizessem eles aquela mesma deligência e que acendessem [92r] também o farol, para que melhor se pudessem ver uns e outros.

Bem zombava a Fortuna destas preparações, porque ainda que foram as que convinham e todas mui a tempo feitas e advertidas, nada pode aproveitar, quando ela está contraposta, as forças e indústrias humanas. Assim foi, que cerrando-se a noite de todo começaram a ameudar os chuveiros, a cintilar os fuzis, a assobiar a enxárcea, a gemer os mastros, a crescer o vento, a atravessar-se a nao, a tomar ágoa pelos portalós[222], a desatinarem os homens, a levantarem-se os gritos e finalmente a representar-se a cada pessoa a morte na mais horrenda imagem que ela pode ter.

O embaixador velho e mimoso, não acostumado àqueles jogos e passatempos da Fortuna, recolhido ao seu gasalhado, desejava acabar de todo para se livrar do sentimento, a que não podia resistir. Pleonido com o juízo perdido estava com ũ tronco na câmera da princesa atado a uns paos fixos, para que os balanços o não lançassem de ũ canto a outro.

Enáclia com lágrimas amargosas chorou o perigo da princesa e o seu juntamente enquanto teve tino para o conhecer, mas depois que de todo lhe faltou o ânimo, ficou caída a seus pés como se totalmente fora morta.

Fidélia tinha-se recolhido a ũa alcobilha, que na sua câmara havia, a qual primeiro se forrou com muitos colchões, a respeitos dos balanços, que eram terríveis e assi ficando segura deles com ũ rolo bento metido em ũa lucerna estava rezando diante de [92v] ũa imagem de Nossa Senhora do Pôpulo afligidamente mas de nenhũa maneira perdida de ânimo, antes de quando em quando consolava Enáclia, que só ficara ali enquanto ela teve acordo para ouvir.

Dramusiando confuso e triste sobremodo, não de se ver morrer, senão de entender quão perto a princesa estava daquilo, julgando-se pelo mais mofino homem do mundo, por ser à sua vista dele sem lhe poder valer em cousa algũa. E tendo tragada a morte, andava da maneira que podia pelo navio esforçando os marinheiros e fazendo calar a gente, cujos gritos

[221] A: fizessem sem o consultar / B: fizessem seo consultar
[222] A: pelos portalós / B: pelas mesas de guarnição

eram para ele outro perigo maior.

Os faroes não duraram muito acesos, porque sendo rendido o quarto da prima e entrando dous relógios já pelo da modorra, deu ũ chuveiro na armada com tão grande força de vento, que em todas as naos voaram as obras mortas e os mastareos juntamente, a nao de Primaleão quebrou também o mastro grande.[223] Apartaram-se uns dos outros, guiando cada ũ para sua parte. Mais arriscada que todas esteve a nao de Primaleão naquela fúria com que o vento os investio, porque quebrando o mastro quasi pelos taboretes com a inclinação houvera de meter o navio no fundo e ficando preso pela enxárcea começou a bater tão rijo, que se lhe não acodiram em pouco espaço o abrira de todo. Mas recorrendo-se prontamente ao remédio cortando tudo o que era impedimento para ir ao mar, livraram a nao daquele evidente[224] [93r] perigo.

Ludínio no seu navio passava[225] melhor até então, porque não curando os seus marinheiros muito de terem conta com a capitania enquanto Dramusiando pairou, correram eles e ainda que acharam adiante o vento mais brando, não foi todavia tanto, que se pudessem livrar daquilo de que fogiam, porque achando-se ao amanhecer apartados da mais companhia querendo tomar fala ũ do outro, chegaram-se tanto, que sem o poderem remediar, se encontraram de maneira, que a companheira se foi logo a pique sem se salvar dela cousa algũa. E Ludínio meio aberto.[226] Dali a dous dias foi dar à costa à Inglaterra e dali a cabo de muito tempo chegou a Constantinopla em conjunção, que em seu lugar diremos.

Primaleão e seus companheiros tendo remedeado o dano do masto, foram passando até que amanheceo, o que se entendeo mais pelas vezes que tinham voltado os relógios, que pela claridade que o sol desse, porque não cessavam os chuveiros e a cerração era tão grande que nenhũa cousa se via. E contudo entrando o dia mais algũa cousa começou a não aparecer o outro navio, que foi a maior desconsolação para todos. Confesso que não posso continuar com tanto motivo de dor sem tomar ũ pouco folgo ao menos, já que de todo não quer a ordem da história que deixemos esta lastimosa matéria. [93v]

[223] A: grande / B: grande e posto que com aquele se não cobraram
[224] A: evidente / B: iminente
[225] A: no seu navio passava / B: e o outro navio passavam
[226] A: Ludínio meio aberto dali a dous dias / B: Ludínio aberto e meio perdido dali a dous dias

## Capítulo 28

De como se continuou a tormenta e do que faziam os que a passavam.

Com a claridade que o novo dia trouche consigo se viam Primaleão e os que com ele iam sós, sem outro algum navio e o seu de todo aberto, porém vendo que governava e que podiam vencer a ágoa com as bombas começaram os marinheiros a trabalhar com menos força de quem os mandava e arrochando o navio como melhor puderam, correram para onde o vento os levava com algũa esperança, mas Primaleão, que não via a nao da princesa, nem o seu piloto lhe sabia dar razão dela, vendo continuar o tempo naquele mesmo rigor e não ousando fazer maiores extremos, do que os outros faziam, vinha a ficar atochado entre o respeito e a dor com outro maior extremo a que não achava remédio e rebentava o pobre homem desejando mil vezes arrojar-se ao mar, para se poder livrar de si mesmo.

Pavorante, que com o amor natural não sentia pouco o perigo de seu pai, rompeo o silêncio em que todos iam dizendo:

— Não queira Deus que perigue a princesa, porém digo-vos em verdade, que quando acontecesse, que não pode haver mofina igual, porque afora as partes daquela senhora em quem todos os males serão tão mal empregados, arrancarmo-la nós quasi por força a seu pai, para este fim, única herdeira e único remédio seu, a quem não [94r] cortaria a alma? Nem sei que o emperador pudesse fazer com que o triste velho se possa consolar.

— Para que é falar nisso (disse Primaleão) quem há de tratar de viver mais no mundo, nem de cousa algũa dele se tal acontecesse? Digo isto por nós outros, a quem seu pai a entregou. Eu de mi vos afirmo, que deixando o gasalhado, que naquela corte recebi, a que estou tão obrigado, que só por me achar nesta jornada, se o sucesso fosse esse, que não sei extremo que não fizesse. Que tal será o pesar de meu pai e da minha mai?

— Nós senhores (disse Ardemião) imo-nos afogando sem nenhũ remédio e vós pondes-vos agora a chorar quem porventura estará melhor levada.[227] Tratemos nós de escapar e então vos fazei cartuxos embora quando vires essoutro. Ainda que eu vos digo em verdade, pelo que tenho alcançado, que se nos nós perdemos e o mundo todo também e ficar viva a princesa, que lhe dê a ela bem pouco disso, porque em minha vida vi molher que tão

[227] A: levada / B: livrada

despegada[228] me parecesse.

— Que dizeis a isto (replicou Almourol) parece-vos que pode negar Ardimão que é francês? É Fidélia[229] para querer viver sem ela quem ũa vez a vio? Quanto mais nós que tanta mercê temos recebido em sua casa e sendo pessoas a quem seu pai a entregou. Bem vejo eu a pouca culpa, que temos em seus desastres, mas nós não nos queixamos de culpados, doemo-nos de mofinos.

Primaleão estava indignado bravamente contra Ardimão e assim por [94v] não responder algũa cousa, que o escandelizasse como por poder ficar só, disse para eles:

— Contudo me parece que trate cada ũ de si como Ardimão diz e que deixemos os marinheiros tratar de todos.

E recolheo-se a ũ gasalhado seu particular, onde começou a fazer tão lastimosas queixas à fortuna, que se ela não fosse surda de todo, facilmente se abrandara.

No navio da princesa não se passava melhor, porque como a mais da gente, que nele ia eram molheres de seu serviço, ũas que haviam de ficar e outras tornar-se, foram maiores os gritos e a confusão enquanto elas vencidas de todo da grandeza do perigo, não perderam o ânimo e com ele o sentido juntamente. E então ficando o navio em silêncio quanto aos gritos da gente, posto que não ficou por isso remedeado, poude todavia Dramusiando com menos trabalho acodir ao remédio de todos, o que fazia com tanto coração e deligência, que não era possível deixar de o dar grande com seu exemplo aos marinheiros, que vendo aquele homem tão honrado e já com mais sinais de velho, que de mancebo, andar pelo navio descalço, mal coberto escalavrado dar[230] muitas quedas, que dava com os balanços, ora pegando nas cordas, ora não largando as barras do cabrestante e outras vezes pondo talhas ao leme, para poderem com ele. Mais com vergonha, que com esperança de salvação, o ajudavam naqueles menistérios.

Tinham-se derrotado todas as naos como temos dito, mas não dava lugar a cerração para se ver que faltavam. [95r] O tempo se não crescia, não abonançava. A noute vinha-se outra vez chegando e os ânimos[231] começavam a render-se de todo ao ímpeto de tão porfiada fortuna.

---

[228] A: despegada / B: despejada
[229] A: é Fidélia / B: perda é a de Fidélia pesar de tal
[230] A: dar / B: das
[231] A: ânimos / B: homens

O beliche da princesa tinha ũa portinhola pequena para habitácula, pela qual ela abrindo de quando em quando uma corrediça de madeira com que se fechava, perguntava pelo tempo ao marinheiro da cadeira. E fazendo-o em conjunção que Dramusiando ali tinha acodido para tomar ũa ordem do chapitéu,[232] disse-lhe:

— Por vida vossa Dramusiando que vos recolhais, porque isto parece que não pendia[233] de remédios humanos e quietamente demos graças a Deus e consolemo-nos, porque tão longe[234] é daqui aos ceos como de qualquer outra parte. Se me puderes dar ũa vela folgarei, porque se me vai gastando[235] outra que tinha e cá dentro não há pessoa que esteja em si.

Não poude ser tamanho o ânimo de Dramusiando, que pasmado e enternecido, de ver a princesa descorada, o toucado menos composto, o tom da vox quebrantado e posta em tanta miséria que não tinha quem lhe desse ũa vela, que deixasse de lhe rebentar ũ rio de lágrimas pelos olhos, mas dissimulando-as o melhor que poude, respondeu-lhe:

— Grande é senhora o trabalho em que imos, mas espero em Deus e na vossa boa ventura, que nos livrarão depressa dele. Esta gente há mister quem a esperte e ainda que pela vida não se pode fazer tanto, por vos servir a vós, não se pode deixar de aventurar a vida e a autoridade. [95v] A vela tomaremos aqui a este marinheiro e veja Vossa Alteza pois a gente de lá vai nesse estado, se quer que lhe façamos de cá algũa cousa, que coma.

Tomou a princesa a vela, que o marinheiro deu logo e sorrindo-se do mais despedio-se e cerrando a portinhola, tornou a continuar com suas orações e Dramosiando com coração novo seus exercícios.

Passou-se a noute com grande trabalho e depois de ter bem amanhecido, foi ainda maior, porque rendeo de todo o mastro pelo meio e para se porem ũas xomeas faltava tudo. Tratou Dramusiando delas e a pura força[236] trouche os marinheiros a isso. Puseram-se como melhor poude ser.

E do meio dia por diante aprouve a Deus que começou a aclarar o tempo e a abrandar o vento tão conhecidamente que os marinheiros se alentaram e o piloto disse a Dramusiando,

---

[232] A: chapitéu / B: chapiteo, vendo correr-lhe o sangue do rosto da cabeça e de mil partes outras compadeceo-se estranhamente dele e chamando-o
[233] A: isto parece que não pendia / B: isto não me parece que depende já
[234] A: longe / B: perto
[235] A: gastando / B: apagando
[236] A: pura força / B: força

que lhe parecia, que se estivessem perto de terra, ou a nao lhe durasse, que se salvariam, porque a tormenta era de todo passada e que se recolhesse ao seu gasalhado a descansar e que já o não havia mister. Contudo não o quis ele fazer, antes visitando de novo a bomba e o leme, foi apertando a enxárcea e os mastos e dar a cevadeira e içar ũ pouco a verga grande, para meter a nao a caminho e ainda que se não podia fiar muito nem do masto, nem do próprio casco, porque ũ como dissemos rendera e o outro não deixava de fazer ágoa, que se bem não era tanta que se não vencesse com as bombas era todavia a que bastava para a [96r] não largar nunca da mão.

E tendo tudo isto feito e vendo a gente do mar cada vez mais contente e o tempo melhor assombrado, foi-se então ao seu camarote e achando já alguns criados seus ressuscitados, vestio-se e curou-se e mandou acender o fogão depressa e fazer algũa cousa, para que a princesa comesse. E sabendo que estava quieta, porque nunca mais abrira a portinhola, imaginando que dormia, não quis que lhe dessem recado, por mais que os marinheiros lhe queriam pedir alvíssaras, até estar feito o que lhe ordenara. E como esteve[237] prestes, fazendo-o trazer àquela parte, bateo na adufa e continuou com algũ sobressalto, porque lhe não respondiam. E como havia tantas horas que a princesa não falava e o trabalho tinha sido tão grande, tudo o que fosse mao se podia sospeitar. Finalmente a princesa, que depois de queimada a vela, que lhe deram com a ânsia e tristeza daquele estado, tendo feito sua confissão com Deus, se tinha rendido ao sono estando sonhando cousas conformes àquele trance, acordou aos golpes com que a chamavam. E inquieta do sonho vã e do perigo verdadeiro, disse após ũ cansado suspiro:

— Premeti vós Senhor, que se há de ser verdadeiro o que tenho sonhado, que se acabe aqui primeiro a vida.

E trás isto, abrindo a corredilha, vio a Dramusiando que chamava por ela com vozes alegres. E achando-o risonho e composto e a gente já por ali junta, quieta e sossegada, bem lhe [96v] pareceo que era passada a tormenta, porém o temor do sonho não a deixou lograr ainda aquele gosto de todo, porque de maneira lhe tinha o coração ocupado, que não dava o lugar, que estoutro efeito pedia. E finalmente depois de boas novas dadas e das alvíssaras pedidas e prometidas, presentou-lhe Dramusiando o que naquele breve espaço se lhe tinha mandado fazer para que comesse. E dizendo ela, que seria necessário acordar primeiro algũa de sua

[237] A: esteve / B: o teve (o alimento)

família, ũ marinheiro que ali tinha continuado muito com grande satisfação de Dramusiando e dela, lhe respondeo:

— Comei senhora se quiserdes e comeremos nós também e daqui vos serviremos. Pois a tormenta vos fez falar comigo, faça-vos também não desestimar ũ prato da minha mão e ficaremos assim os rústicos devendo mais à tempestade que à bonança.

A princesa voltando então pera Dramusiando, disse rindo:

— Mais me parece que pegastes a este homem a vossa galantaria, que ânimo para trabalhar. E pois assim é, quero comer. Mas esperai ũ pouco, que sinto gemer Enáclia, acodir-lhe-emos também.

E metendo-se para dentro a achou no estado que no capítulo seguinte se dirá.

## Capítulo 29

De como a princesa tomou terra e do que aconteceo a Primaleão e a seus companheiros. [97r]

Acordada Enáclia daquele mortal paracismo em que o perigo passado a metera, ainda como molher pasmada estava sentada rodeando os olhos pela câmera, sem fazer mais que dar de quando em quando uns lastimosos sospiros. Neste estado a achou a princesa e acordando-a de todo, sentio que Pleonido já também acordado, chamava por ela da porta da câmara, onde tinha ficado. E da mesma maneira foram os mais tornando em si como o tempo ia melhorando, uns peor, outros melhor tratados, segundo se entraram mais ou menos do medo.

Comeo a princesa enfim e tornaram as cousas a seu lugar, porém não apareciam as naos da conserva com que o gosto não era perfeito em alguém. E posto que o piloto dizia, que poderiam não ser perdidas, não o cria ele assim mui firmemente, porque nem a sua ia tão segura, que se pudesse fiar muito dela. Mas correndo para onde os levava o vento, anouteceu-lhes sem nenhũa vista, nem sinais de terra, de que os marinheiros se não contentaram porque não havia quem deixasse de entender o pouco que podia durar aquele casco.

A princesa, que já sabia que os mais não apareciam começou a entrar com sentimentos novos, mas sem nenhũa particularidade e todavia lançando-se na cama, para descansar do trabalho passado, tornando a entrar em sono, tornou a entrar no sonho que a tinha molestado a noite de antes e despertou-a dele ũa grande pancada, que o navio deu ao amanhecer, [97v] com o qual parecendo que se desfazia de todo, tornou-se outra vez a levantar a grita e o sobressalto, ao seu primeiro vigor. A princesa sentindo aquilo disse:

— Vistamo-nos Enáclia e parecia-me a mi, que fosse do melhor que trazemos, para que quem nos achar mortas na praia entenda que éramos gente honrada e como a tal nos tratem ainda naquele estado.

Ela lhe respondeo:

— Bofé Senhora, que nos não devíamos levantar e pouparemos esse trabalho a nós e aos pexes.

Contudo derramando muitas lágrimas vestio-se e deo de vestir a sua senhora. Dramusiando, que tinha acodio[238] com sua costumada deligência aquele alvoroço, trazendo

[238] A: acodio / B: acodido

consigo ũ golpe de marinheiros e grumetos, não vendo a terra em que tinha parecido que o navio dera, ordenando lançarem a prumo, viram ũ grande pedaço de nao, que se perdera, ir-lhe escorregando por popa e pegando ali no leme embaraçou-se de maneira, que de todo o fez em pedaço, sem lhe poderem valer. E como a menhã vinha aclarando, viram então o com que se consolaram, que foi ũa serra bem alta, que lhes não ficava longe, na qual levavam direitamente a proa. E cuidando que ali poderiam escapar, não se lhe deu da perda do leme, nem da nova ágoa, que o navio com a pancada abrira, que foi de calidade, que a tomá-los mais atrás, nenhũ remédio puderam ter, porque em espaço de três horas, que tardaram em chegar a terra, foi [98r] tanta, que não se podendo vencer com bombas, nem com garrotes, ia já por cima da segunda coberta. E finalmente, tendo-se dado recado à princesa, que iam chegando a terra e que se fizesse prestes para desembarcar ela com pouco alvoroço mandou dizer a Dramusiando, que para morrer ia prestes, que fizesse Deus o que fosse servido.

Chegou o navio enfim e assentando-se em um banco de area, que só havia em toda aquela costa, deu lugar não só para que a princesa saísse no batel muito comodamente e toda a mais gente que ali vinha, mas para se desembarcar o fato e mantimentos, que traziam, inda que alguns molhados. E em se acabando aquela obra, acabou o navio de se abrir também de todo dando em pedaços à costa.

E porque a terra não era conhecida, nem havia nela por aquela parte casa, ou outra algũa cousa que os pudesse abrigar, mandou Dramusiando enquanto durava o dia, a toda gente que podia trabalhar, uns a cortar estacas a uns pinhais, que pelo monte se viam, outros a abrir ũ fosso com a maior largueza e profundidade que naquele breve espaço puderam incluindo dentro no circuito que abraçava ũa fonte de ágoa, que ali havia.

E tanto se trabalhou em ũa e outra cousa que em poucas horas de noute estava ũa estacada feita com alguns redutos e neles ũas pipas cercadas[239] pelo meio cheas de terra, que faziam ũ modo de baluartes com seus traveses mui em ordem. E rodeada [98v] com aquela cava não ficava pouco segura praça, para se defender de algum assalto. E depois disto fez com panos de armar e outras roupas, tantas tendas, cubertas das velas do navio, que se poude agasalhar a princesa e todas as mulheres de seu serviço, senão com a comodidade necessária, pelo menos com bem maior do que poucas horas antes ninguém esperava.

E tendo-lhe mandado fazer de comer, deu-lho e foi-se depois de a deixar quieta

[239] A: cercadas / B: cerradas

repousando, a dar ordem também ao seu gasalhado dele e do embaxador, o qual contente de se ver em terra, acomodando-se ao estado presente, tinha já feito ũas ramadas, ou choupanas em que se passou aquela noute tão bem, que se não fora o cuidado, que lhe dava a falta das naos, que não viam, mais parecia aquilo romaria alegre, que naufrágio perigoso. Mas não havia em toda aquela companhia a quem não lembrasse tanto a perda de seus companheiros, que pudesse festejar o ver-se salvo. Pleonido era quem com mais públicos extremos mostrava seu sentimento, sem poder Dramusiando consolá-lo, ao qual andava pegado sempre, porque como a princesa se não servia dele senão para passatempo, naquelas horas nem o chamava nem o achava menos.

Enfim repartindo-se a vigia em quartos e pondo-se guarda nos mantimentos, que Dramusiando fez recolher juntos em ũa [99r] tenda particular para o que pudesse acontecer, repousaram uns e velaram outros, bem fora de cuidar quão perto estavam da cidade de Alta Rocha, tão cômoda e capaz então como agora, mas menos célebre e menos conhecida no mundo do que ao depois a fizeram seus naturais com universal proveito e espanto do próprio mundo, pela qual tinha entrado sem nenhũ risco o navio de Primaleão e de seus companheiros, com aquela bonança com que Dramusiando também tomara terra ao norte da mesma barra. E surgindo com grande alvoroço dos marinheiros que a conheceram, pediram alvíssaras a todos e mais particularmente a Recindos, de cujo senhorio era a cidade.

Porém, posto que não pareça possível, pouco alvoroço se vio naquela companhia nem ainda em Ardimão, que contudo o que tinha dito não deixava de sentir com os outros parecer-lhe que seria perdida a nao da princesa com as mais, que não apareciam. E tratando logo aqueles príncepes do que se devia fazer, foi assentado por todos, que esperassem ali dous dias sem se darem a conhecer e que se no cabo deles não viesse a nao, que aguardavam, que ou na em que vinham, ou em outra, que se fretaria, tornassem a buscar novas dela.

E porque o seu navio não estava para navegar sem algum concerto, para o que era necessário mais tempo do que eles tinham tomado, Primaleão [99v] que só em encobrir suas dores padecia outras dores maiores, não tendo sofrimento para pairar aquela tormenta arrojou-se a novas detreminações. E em se acabando o termo dos dous dias, tendo já feito buscar embarcação pelo seu Ardélio, só com ele se tornou a entregar ao furor das ondas, dizendo a seus companheiros que lhe parecia que se dividissem, para se não estorvarem naquela demanda. E posto que lhes a eles não pareceo mal o conselho, não o seguiram, movidos de

outra opinião, que não foi pouco proveitosa para outras cousas. E todos juntos ao quarto dia, que ali chegaram tendo reparado o navio e não vendo nova algũa do que esperavam, tornaram a buscar aquela costa e outras, acontecendo-lhes no cabo o que ao diante diremos.

## Capítulo 30

Do que aconteceo ao príncepe Primaleão naquela demanda a que fora.

O príncepe Primaleão, que partio como fica dito em ũ navio legeiro, dous dias primeiro[240] vendo-se desembaraçado deles e bem apartado da terra, informando-se dos marinheiros, que o levavam da parte em que se poderiam ter recolhido os navios, que se salvassem da tormenta [100r] daqueles dias, tomando-os na altura, de que lhes deu conta, mandou-lhes que as buscassem e assim navegando com a proa ao norte, vio os rios de Galiza, os portos de Biscaia, os de Inglaterra e alguns de França depois e não achando em todos eles cousa que lhe aliviasse a paixão, antes indo-se desenganando cada vez mais daquilo que temia, não podendo já com a carga de tão pesados pensamentos rendido de todo deles, chegou a estado de o vegiarem os marinheiros por que se não lançasse ao mar, a quem ele chamava avaro depositório de seus cuidados, injusto possuidor de seus tesouros e outras mil locuras, que o amor e já quasi perdida fantesia lhe punham na boca.

E não lhe parecendo aos marinheiros que o poderiam salvar, detreminaram-se de tomar a primeira terra, que achassem e lançá-lo nela, ao menos para o não verem morrer e acertou de ser em a província da Lusitânia, a que tinham voltado a seu rogo dele, por se não apartar tanto donde lhe parecia que seu bem ficara, quasi cincoenta légoas da cidade de Alta Rocha em outra que então era a metrópoli daquele reino, ou província. E deixando-o ali seguiram seu caminho para onde lhe melhor esteve mais satisfeitos da paga, que da boa sombra da pessoa, a qual ajudando-o Deus para que se não matasse com suas próprias mãos, o deixou todavia nas do seu livre alvedrio, para que [100v] as outras cousas e detreminações se não perdessem.

Enfim ele se resolveo em deixar o mundo de todo, mas como a causa não era o próprio Deus, por quem isto se deve fazer quando se fizer, o modo também não foi o que devia para que aquela obra tivesse na essência a valia, que na aparência poderia parecer a alguém, que lhe não faltava. E aquela mesma noite, que chegaram teve maneira como se esconder de Ardélio e trocando os vestidos com os de ũ pobre homem que achou, que pedia esmola, pôs-se a caminhar a pé, aquele mancebo herdeiro de senhorio tão grande, tão nobre no sangue, tão valeroso na pessoa, guiado de ũa desesperação amorosa e tão entregue aos cuidados, que dela

[240] A: primeiro / B: primeiro que seus companheiros

lhe resultavam, que nenhũa outra cousa lhe lembrava mais, que achar um lugar onde acabasse a vida, absorto na dor de suas mágoas e só na conservação[241] delas.

E assim foi andando tanto, fogindo dos povoados sempre, até que no cabo de alguns dias parou em ũ sítio que lhe pareceo acomodado a seus intentos, porque era ũa charneca grande, avezinhada só com alguns casais de lavradores e de poucos pastores, que acodiam a seus misteres, cultivando aqueles alguns vales, que entre os montes se faziam e apascentando os outros seu gado, rústico e proveitoso exercício de gente descuidada e livre. Ali chegou Primaleão cuberto [101r] de seus pobres panos, a ponto que[242] já maltratado do longo caminho e da má comodidade e muito peor da contínua dor, que o atormentava sempre, todavia, inda ũ daqueles lavradores, a cuja porta ele chegou a pedir gasalhado, lhe pareceo que empregava mal a idade e força, naquela maneira de vida e cometeo-lhe se o queria servir naquele exercício de guardar gado em que trazia ocupados dous ou três mancebos.

— Não me parece (lhe respondeo ele) que vos merecerei com esse ofício o gasalhado que vos peço, porque tenho uns acidentes, que de ordinário me impedem ser senhor de mi, obrigando-me a parar perdendo o cuidado de tudo em qualquer parte em que me tomam, porém se sem obrigação de serviço enquanto eu por aqui me detiver, quiserdes fiar o tratamento do vosso gado de minhas enfermidades, de boa vontade vos ajudarei naquilo para que prestar.

O lavrador se contentou inda mais da reposta que do parecer. E regalando-o conforme a sua rusticidade, rogou-lhe que se deixasse ficar por aquela terra algum tempo, que era boa e temperada e que porventura se acharia ali melhor de seus achaques. Assim o fez ele encarregando-se de ũas poucas de cabras, que escolheo e começou a dar seus queixumes àqueles montes com tanta dor, que não parece possível haver nas suas plantas e pedras sentimento, pois o não ajudavam a celebrar suas tragédias, mais [101v] que com um profundíssimo silêncio. Não aconteceo assim às cabras, nem ainda às aves, que com certo instinto natural o consolavam e assestiam de maneira, que bem se deixava ver como as comovia a mágoa daquele seu pastor.

Granjeou Primaleão em poucos dias amor e respeito grande entre os companheiros e no próprio amo, porque em algũas horas, que lhes não podia furtar, os conversava[243] a seu

[241] A: conservação / B: conversação
[242] A: a ponto que / B: e posto que
[243] A: conversava / B: conservava

modo deles e a ele[244] acodiam todos em suas diferenças e dúvidas, ficando todos tão quietos com suas resoluções como se por qualquer deles se dera a sentença. Tanta brandura, tão bom termo e tais procedimentos eram os seos, que vieram a despertar o ânimo rústico daquele seu maior e fazê-lo entrar em consideração de aquele homem não ser pastor. Mas como os interesses da guarda do gado e da fidelidade eram grandes, não tratou de inquirir mais fosse quem fosse, nem de o despertar tão pouco.

Não esteve ele muito naquela vida, que se não chegasse o tempo em que ũ cavaleiro velho senhor daquelas fazendas costumava a vir viver a elas em ũas casas, que tinha nas faldas daqueles montes e perto de ũ grande rio, que por aquela parte corria, cuja vezinhança e a comodidade de casas, de que assim ele como o monte eram povoados, faziam naqueles meses e sítio, mais aprazível e acomodada vivenda. Tinha este cavaleiro muita família de criados, [102r] e de filhos e ũa filha entre estes moça de mui boas partes e em extremo fermosa, a qual saindo uma tarde à caça de esmerilhão com ũa criada sua e algũa outra companhia, foram para aquele parte, onde Primaleão traziam[245] as suas cabras e acertou de chegar ela só a hora em que o pobre homem estava lançado de peitos em terra, ao longo de ũ penedo entre ũas árvores altas, dando tantos sospiros como quem acabava de sair de ũ mortal paracismo em que estivera e dizia:

— Que é isto natureza? Donde tirais vós força para poder sofrer os males, que são insofríveis? E se não basta a dor para acabar a vida, a vergonha de ela ser tão pequena em causa tão arrezoada como não a acaba? Como pode ela durar em quem conhece o que deve e falta ao que queria? Bem sabeis vós espírito bem aventurado, quanto descansara eu em tomar vingança com minhas próprias mãos da dureza destas cadeas, a que me vejo atado, mas também sabeis, que o que me detém, é crer firmemente, que não é este o caminho por onde vos posso ver, antes o que me desvia de vós eternamente. Esta consolação só tem o rigor de minhas saudades e cuido verdadeiramente que isso mesmo é o que as eterniza, porque quando entendo que por meio de tantos tormentos se soltara esta alma, para poder voar a ver-vos, o gosto que esta esperança me dá, deve ser o que detenha a vida enlevada na suavidade deste pensamento. Ah mar forioso! Ah pobre [102v] velho! Ah respeitos e advertências humanas tão mal fundadas como sucedidas! Que inconveniente podia haver de se embarcar em ũa

[244] A: deles e a ele / B: deles, mas com desacostumada modéstia e humanidade e a ele
[245] A: traziam / B: trazia

mesma nao, quem vinha para servir ũa mesma pessoa? Alguns deviam ver os que vem muito Eu este só vejo. Tinha-me destinado o ceo para esta maneira de vida como se me havia de cumprir senão[246] com tão infausta[247] morte? Certo[248] que se herda[249] a fortuna dos pais como se fora olhos azuis, ou verdes. Mas coitado de mim, que digo que se herdem? Não quis a própria Fortuna deixar-me a mi nos lemites de nenhũa esperança e assim era bem que fosse, que só eu fora o que padecesse. Cresciam os extremos, também era razão que crescessem os desastres, mas que os passara eu, primeiro que vós os exprimentásseis, fora justiça. Não sei qual seja o que o consinta, se não é apressar-vos a vós a morte, a ventura de quem vos desejava a vida. E estando neste sentido eu fui.

E com esta palavra dando ũ sospiro se tornou a desmaiar e a revolver pelo campo tão fora de si e tão oprimido da paixão que o sofocara como se de todo estivera na sua derradeira hora. Daraja, que aquela era a donzela, que dissemos e a própria por quem Barceliano fazia suas justas em Constantinopla, vendo aquele caso e ouvindo as palavras daquele pastor, crendo firmemente que era algũ cavaleiro, que com desesperação de algũa cousa, que lhe sucedesse, vivia naquele [103r] hábito, afirmando-se mais depois que ele voltando-se descobrio o rosto, ainda que descomposto e queimado, conheceo nele ũ certo fio e levantamento, que se não acha em gente, que por natureza vista aquele trajo. E estando-o vendo não pouco compadecida de seu trabalho, sentindo, que ia tornando em si, não querendo que visse ele que estavam descubertas suas razões pelo menos foi-se para onde deixara a sua gente, levando[250] o esmerilhão em[251] ũa cotovia, levando a tenção que adiante veremos, da qual resultou o que também havemos de ver.

[246] A: cumprir senão / B: atalhar
[247] A: infausta / B: gloriosa
[248] A: certo / B: estranho caso certo
[249] A: herda / B: herede
[250] A: levando / B: cevando
[251] A: em / B: com

## Capítulo 31

Em que se da conta do que fez Ardélio quando achou o amo menos e de muitas outras cousas.

Enquanto Primaleão passava o que temos dito, Ardélio seu escudeiro, que o estava aguardando aquela noute e ao outro dia em ũa pousada em que ele se desarmara e o deixara, vendo que não vinha entendendo que com o cuidado e tristeza de que andava cheio, se arrojaria a algũa detreminação perigosa, depois de algũas infrutuosas deligências, que pelo achar fez, derramando muitas lágrimas, tomou as suas armas, que ele ali deixara e detreminou-se em ir a Constantinopla dar conta daquele caso aos [103v] príncepes[252] Florendos e ao emperador, para lhe procurarem o remédio, que podia ter matéria tão desesperada.

E embarcando-se em ũ navio, que partiu para levante, não andou muitos dias no mar, que não encontrasse com outro navio grande, que veio a bordar o seu e como o teve feito, perguntando por novas a gente que vinha nele Ardélio que estava no castelo da proa, na fala, no navio, nos sinais das novas por que perguntavam, conheceo que eram os príncepes com quem seu senhor viera embarcado de Boêmia e que deixara na cidade de Alta Rocha com disínio de se dividirem como atrás fica dito, para que apartados seguissem aquela demanda os quais tanto que Primaleão os deixou pelo modo, que temos contado, tomando nova resolução por algũ bom influxo que os movera todos juntos como vinham se fizeram à vela e saíram pela barra fora. E tendo navegado alguns dias sem levar proa certa em parte algũa, indo por onde a Fortuna os encaminhava, acharam aquele navio com o qual pegaram como tinham feito com alguns outros que encontraram para saberem novas em[253] perguntar por eles.[254]

Ardélio, que os conheceo, deu-se-lhes a conhecer também e passando-se a eles, avisou-os da perda de seu amo, metendo-lhes novos sentimentos nos ânimos com os quais deixando o navio de Ardélio e caminhando com a ordem que dantes começaram a buscar piores novas cada dia crendo que as não poderiam já [104r] achar boas de cousa que desejassem. Porém Deus por meios de ũa tormenta em que brevemente entraram os levou a socorrer a Floriano e Vasperaldo, a quem Targiana tinha chegado a última desasperação, naquele mesmo dia que

[252] A: aos príncepes / B: o príncipe
[253] A: em / B: ou
[254] A: eles / B: elas

eles ali chegaram, foram[255] cinco, ou seis depois de passada a batalha, que tiveram.

E foi o caso, que uma sobrinha de Drúsia Velona, que dela tinha aprendido algũa parte de suas boas artes, vendo a tia presa em Constantinopla e desesperada de a poder ver livre por meios humanos, não tendo já também confiança algũa nos de que ela mais usava, por achar prevenidos todos seus intentos pelo saber de Daliarte, que não se descuidava sabendo o ódio de Targiana e o que no castelo de Aliboazém tinha acontecido entendendo os enganos de Agrimo e de Albaizar, determinou-se em descobrir tudo a Targiana, para ver se a podia precepitar a algũa vingança violenta, tomada na pessoa daqueles príncepes, pai e filho, que iam melhorando de suas feridas a mais que de passo, porque como a falta de sangue fora o maior mal com grande celeridade se iam reparando, porém sabendo juntamente quão contraposta estava a vontade de Albaizar com a da mai, para aquelas execuções, para que lhe não fosse impedimento, a primeira cousa que fez, foi tecer ũ engano com que não somente o apartou então das tendas daquele exército, mas de todo seu estado, por bem largos tempos.

E foi que indo ele ao outro dia [104v] da batalha a montear um porco, que tinham <u>empresado</u> e[256] Arquediana, Milênia (que assim se chamava aquela donzela) ou os menistros de quem se ela servia, o levaram cevado no gosto de o matar correndo após ele tanto, que veio a dar-lhe a derradeira lançada junto ao mar, a tempo que já anoutecia. E vendo-se ali não seguido de ninguém, nem com comodidade algũa de recolher a sua presa, não querendo perdê-la apeou-se, para cortar uns ramos com que a cobrisse e pôs-lhe[257] balizas com que atinasse quem ele mandasse buscá-la, detreminando tornar-se às tendas. E tanto que esteve a pé, querendo entrar no mato com o intento que dissemos, deu de rosto com ũ cavaleiro grande e membrudo armado de todas as peças, que cruelmente arrastava ũa donzela pelos cabelos, a quem tinha atadas as mãos atrás e posta ũa mordaça na boca, para que se não queixasse e tal foi a lástima que lhe ficou de ver a enormidade de tão monstruoso espetáculo, que sem considerar que estava desarmado e seu contrário não, arrancando de ũ cutelo de monte que levava, remeteo ao cavaleiro dizendo:

— Como traidor[258] nesta terra e em minha presença ousais vós a pôr as mãos em ũa molher dessa maneira.

---

[255] A: foram / B: que foram
[256] A: empresado e / B:emprasado a
[257] A: pôs-lhe / B: pôr-lhe
[258] A: como traidor / B: Dom traidor

E ele levantando então o rosto, tomando a donzela nos braços, mostrando que o conhecia, todavia lhe respondeo:

— Aconselhara-vos eu que não fiásseis tanto do poder que a isso[259] [105r] só desarmado e nesta parte, vos deixeis dizer essas palavras, porque podeis topar com quem entenda, que nem sempre se ham de sofrer impertinências de príncepe, ou os desconheçam de todo. Mas esta me pagará o que me vós mereceis.

E dizendo isto foi-se andando com ela com o rosto na praia. Albaizar colérico sobremodo se foi após ele tão apaixonado e cego, que vendo-o entrar em ũ batel, se arrojou à ágoa, por que se lhe não fosse e com ela pelos peitos se chegou a lançar também dentro. E querendo juntamente dar com o cutelo pela cabeça àquele descomedido cavaleiro, ofereceu-se-lhe ũa fantasma à vista horrível e medonha, a quem todavia ele quis acometer, mas caío enfim rendido à força de poder superior e quando acordou, que foi dali a espaço, vio-se só naquele batel metido dentro no mar e no mais escuro da noute, onde o deixaremos por tornar a Milena, autora daquela peregrinação.

[259] A: a isso / B: assi

## Capítulo 32

Como Milena apareceo a Targiana, do que lhe deu e do que ela sobre isso fez.

Depois que Milena pelo modo que dissemos teve apartado Albaizar do seu exército, segura já de lhe não estorvaria ele o que ela com sua mai [105r] negociasse, foi-se a demandar as tendas em que Targiana estava envolta no prazer de ver o filho solto, Floriano preso e Aliboazém acreditado, aguardando o novo dia para descansar de todo com a cabeça que cuidava cortar e casamento que esperava fazer. Nisto se começou a perturbar[260] interiormente fazendo-se-lhe[261] sospeitosa a tardança de Albaizar enchendo-se[262] de medo e imaginações tristes.

Chegou-se enfim a noite, [263] e chegaram os monteiros, que tinham perdido Albaizar cuidando que se tornaria às tendas. Então foi o temor maior e o sobressalto dobrado com o que trouxeram e o que não traziam. E finalmente passando-se toda a noite em deligências, que pelo monte se fizeram, ocupando-se em o resolver[264] quasi todo aquele exército, não resultando delas algũ bom efeito, ao outro dia tendo Milena bem agitado já o coração da pobre Targiana, apareceo-lhe e disse-lhe que a vinha a socorrer e ajudar em seus trabalhos. Não era ela pouco conhecida naquela corte por sobrinha de sua tia e assim ainda que havia dias, que não vinha a ela pelas ocupações de seu ofício e estado,[265] não houve muitos espantos e assombros na sua vista.

E porque nos não detenhamos em lágrimas de Targiana e em preparações retóricas de Milena ela lhe palrou tudo o que passava acerca da fingida morte de Vasperaldo e da prisão de Floriano, descobrindo-lhe a traça, que Albaizar e Arquediana deram ao engano. E o que Aliboazém de Floriano tinha [106r] feito com todas as particularidades, que destes dous casos temos contado. E acrescentou mais cega da sua paixão imprudentemente que Albaizar era ido a fazer-se cristão e a pedir Carmélia por mulher a troco dos presos que naquele castelo cuidava que tinha. E digo que acrescentou isto imprudentemente cega da ira e ódio, que aquela

[260] A: nisto começou a perturbar / B: e ajuntando-se-lhe bem, sem que se deixasse ver começou a perturba-lá
[261] A: fazendo-se-lhe / B: como ũa fúria infernal fazendo-lhe
[262] A: enchendo-se / B: enchendo-a
[263] A: chegou-se enfim a noite / B: cerrou-se a noite enfim
[264] A: resolver / B: revolver
[265] A: estado / B: estudos

gente tinha, porque pertendendo ela que Targiana os descabeçasse, parece que se verdadeiramente Albaizar se tivera ido com aquela tenção, que estudiosamente a houvera Milena encobrir a sua mai, pois era veressímil cousa, que não quisesse Targiana arriscar a vida do filho enquanto estava em terra de cristãos, matando cá a Floriano e Vasperaldo.

Mas ou que Milena tivesse bem conhecido quanto maior era o ódio de Targiana àqueles homens, que os receios da vida de Albaizar, ou que seja assi que a ira não deixa fazer muito ajustados discursos ela lho disse como temos contado e Targiana ficou tal em o ouvindo, que a primeira cousa foi querer enforcar Agrimo e dar peçonha a Arquediana. E indo-lhe a natureza à mão nesta parte e não sei que efeito na outra, todavia os mandou prender a ambos, a Agrimo em ferros ásperos e a Arquediana na sua pousada, tirando-lhe as criadas e pondo-lhe guardas para que ninguém a visse, nem ela pudesse escrever, nem tratar com pessoa algũa. E pos isto chamando os principais do exército, avisou-lhes tudo o que passava e atribuindo aquilo a seus pecados e a feitiços dos cristãos, [106v] reduzi-os a que se tomasse logo Floriano e Vasperaldo e lhe cortassem as cabeças, para que (afora a vingança, que se pertendia) desesperassem a Albaizar de não ter nunca paz com os príncepes gregos com o que ele se casaria com Beliandra e ficaria quieto logrando seus estados e procurando a satisfação da morte de seu pai e parentes.

Não era a razão má se ele estivera posto em seguro como temos apontado, mas metido onde ela imaginava, arrojar-se àquela detreminação, claro argumento era do pouco que a vida do filho lhe lembrava em respeito da morte dos outros e manisfesta prova era também não lhe contrariar aquilo algum de tantos homens como se ali acharam, do poder que a vontade declarada dos príncepes tem, para entorpecer os juízos, ou os ânimos dos vassalos, ou a ambos se convém encontrá-la. Enfim assentada a resolução sem controvérsia algũa, deu-se de súbito ũ assalto ao castelo e tão apertado, que assim pelo descuido em que a confiança das amizades tinha feito cair a Aliboazém como por lhe faltar Floriano, que estava com seu filho no estado que temos dito, ainda que as portas estavam fechadas e os muros com sentinelas, não se poude resestir a tamanho e tão improviso ímpeto, porque quebrada à viva força entraram os inimigos no castelo gritando:

— Morram, morram os traidores, destruição e estrago da nossa lei e gente e sangue.

Acodio Aliboazém [107r] ao rumor, descomposto e apressadamente se bem não cuidava ainda que era dano tanto. E vendo que não podia ter a fúria daquela gente, recolheu-se

com alguns criados à casa em que Floriano estava, o qual já achou em pé e armado com Vasperaldo juntamente porque como ouviram a grita e entendendo o que podia ser, detreminando venderem as vidas ao maior preço que lhes fosse possível, tais quais estavam se despuseram logo a fazê-lo.

Entrou Aliboazém pois, de quem se eles também temiam, cuidando que se teria concertado com os outros para aquilo e assegurou-os conhecendo-lhe o ânimo com tão singelas e boas palavras, que lhes tirou toda a roim sospeita. E prevenido naquele breve tempo o que puderam, fizeram meter naquela casa algũ mantimento e ágoa e carvão, mas a pressa e confusão era já tanta, que pouco disto se poude haver às mãos, porque os que entravam raivosos das cousas passadas, a ninguém perdoavam a vida e com aquela fúria foram a cometer a casa, na qual acharam tão dura resistência, que os tornaram a lançar pelos corredores fora até o primeiro páteo com tanto dano e estrago, que os inimigos se começaram a cortar de medo e desesperação da empresa, de maneira que se tardara Targiana em socorrê-los com todo o resto do exército, sem dúvida de todo perderam o que tinham ganhado no castelo. Mas com sua vinda e a da gente fresca que traziam, avivaram aqueles de tal modo, que tornaram a ganhar parte [107v] do que tinham perdido. E em efeito sem deixarem descansar a dez ou doze homens, que não eram já mais os que resestiam, os tiveram todo aquele dia ocupados neste exercício. E vindo a noite afloxando no combate, deram-lhe lugar, para que com indústria de Aliboazém se cortasse parte de ũa varanda, que ia àquela casa em que se eles defendiam com mais[266] edifício do castelo. E em se começando a obra caio a varanda logo arruinando com os golpes e com o peso da gente, matando e estropeando algũa. E assim até o outro dia bem tarde os não puderam acometer porque gastaram todo aquele tempo em fabricarem uns palanques de maneira que chegassem à casa. Mas que aproveitava se nela não havia saúde, nem mantimento, nem ágoa para dous dias e até fogo faltava para poderem queimar aquele palanque, que viam levantar tanto em seu dano. E nem comodidade de poderem sair a dar nos inimigos para acabarem mais gloriosamente tinham.

Assim que lhe será[267] forçado esperarem a vida e a morte de suas mãos deles. E ainda que as aparências eram tão claras contra Albaizar, nunca Vasperaldo consentio em pensamento algũ que o culpasse, julgando toda aquela tormenta por fruto de algũ engano ou

[266] A: mais / B: o mais
[267] A: lhe sera / B: lhes era

estratagema de sua mai a furto seu dele. Aliboazém lhe dizia, que ele se contentaria[268] com sua cabeça deixando-os ir livres, que logo se lhe iria entregar e eles lhe respondiam que sobre [108r] conservarem o menor cabelo, haviam de perder as vidas. E continuando-se o assalto logo em se acabando o palanque, valia que pela estreiteza e fraco fundamento que tinha não era capaz de muita gente e essa que chegava, ia escramentada de maneira que se a saúde dos dous príncepes fora melhor e tiveram ali o provimento necessário, parece que se puderam defender largo tempo, se bem as contínuas vigias os oprimia mais que tudo. Gastou-se enfim a pouca ágoa que puderam meter e quasi nenhũ mantimento e veio a desfalecer a natureza. O que conhecendo os cercados abriram a porta para saírem pelo palanque fora e darem o último suspiro entre seus inimigos. Es que[269] a este tempo chegou àquela parte o navio de Pavorante e seus companheiros como veremos no próximo capítulo.

[268] A: ele se contentaria / B: se se ela contentasse
[269] A: ex que / B: e a

## Capítulo 33

Como Pavorante e seos companheiros socorreram a Floriano e do que depois aconteceo.

Tristes e melancólicos, navegavam Pavorante e seus companheiros com a certeza que todos tinham na perda de Fidélia e com a nova que Ardélio lhes dera da de Primaleão. Cada um deles ia tão aborrecido, que não só se não tratavam, [108v] e conversavam como soía, mas nem palavra se falavam. E mandando tomar terra de comum consentimento por se apartarem e fogirem uns dos outros, deu-lhes uma tormenta, que os não alargou[270] pouco no princípio e no cabo ainda mais, porque quando lhes deu, cuidavam que os aliviaria ela da vida e dos cuidados e ao fim levou-os aonde justamente se puderam e deviam alegrar. E foi como no capítulo passado dissemos, debaixo do castelo de Aliboazém àquele mesmo tempo em que ele e Floriano e Vasperaldo e os mais companheiros remetiam à guarda que no palanque Targiana lhe tinha posta esperando que eles mesmos se lhe entregassem, sabendo a necessidade em que viviam e não querendo aventurar mais vidas a sua desesperação.

E ouvindo o rumor, que logo se começou a levantar sobre a gente, vendo a detreminação dos cercados espantados e não sabendo ainda onde estavam, chegaram-se assim à vela como vinham a um navio, de que se chegaram[271] mais perto, nos quais também havia vigia grande, por que senão tentasse por ali a fogida. E dos marinheiros foram brevemente informados, não os conhecendo por cristãos, de como se ali achavam el-rei Floriano e seu filho e do estado em que estavam. De que não pouco alvoroçados de sua vinda ser a tal tempo, não considerando que poderia haver outro perigo maior, que a tardança do socorro em ũ momento saltaram todos em terra e misturando-se [109r] com os mouros, que assim pela sua multidão como pela pressa que todos se davam, por se acharem no sacrafício, que eles cuidavam que naquela hora dos cristãos se faria não os estranhariam.

E entrando pela porta do castelo, que estava patente, para levarem[272] sempre o palanque de gente fresca, ouviam cada vez mor grita e viam maior confusão, porque os cercados com a desesperação de seu remédio, faziam tais maravilhas, que não somente tinham despejado o palanque da gente que entrara nele, mas entrado em outra casa em que se ele

[270] A: alargou / B: alegrou
[271] A: chegaram / B: acharam
[272] A: levarem / B: cevarem

começava. E ganhando todo aquele quarto sem haver quem lhe fizesse rosto, viram Targiana, que de ũa baranda[273], defronte de donde a briga era estava envergonhando seus vassalos e animando-os juntamente por que sobissem ũa escada pela qual se ia àquela casa, que os príncepes tinham ganhado, os quais detreminados a descer por ela a ir buscar quem os matasse e a quem matassem começaram a querer fazê-lo, quando Pavorante, Almourol e os mais, rompendo pela gente do páteo, que facilmente lhes deu lugar, meteram os pés no primeiro degrao para sobirem.

Descia Floriano tão maltratado e fraco, assim das feridas, que tirara da batalha de seu filho como do mao tratamento do cerco e trabalho daquele dia, que só um ânimo como o seu pudera não estar rendido e oprimido de todo. E vendo vir aqueles dous gigantes e outo cavaleiros, que os seguiam tão resolutos pela escada acima, voltando para Vasperaldo, [109v] que lhe estava ao lado lhe disse:

— Demos graças a Deus filho, que nos não desfavorece na morte, querendo que seja antes da mão de inimigos tão fortes e poupados, que da destoutros miseráveis, de que enfim não poderemos escapar. Aqui será bem perdida a vida, mas seja todavia fazendo até o último dela, o que lhe a eles[274] e a nós mesmos devemos. E dai-me ũ abraço, para que livres da carne nos vejamos depressa, onde só os[275] trabalhos dela se não sentem.

Vasperaldo querendo responder a seu pai, vio que os gigantes no pé da escada voltando o rosto aos inimigos, vinham os outros companheiros com os elmos fora, tendo conhecido a pai e filho, pelo modo de que vinham e pelas novas que lhes deles deram, dizendo:

— Deixai-nos a nós, senhores com esta gente agora e vós tornai-vos a descansar, que já pela bondade de Deus, pois nos ele aqui trouxe a tal tempo, não será para que nos desampare, senão para vos livrarmos destes inimigos.

Floriano, conhecendo logo, a primeira cousa foi pôr-se de giolhos e levantar as mãos ao ceo, dizendo:

— Premeti vós senhor que antes que ser eu o cutelo destes inocentes, seja o que só pague, aquilo que só devo, se não fordes servido de nos livrar a todos.

Isto dizia ele, porque bem via, que ainda que o socorro era[276] grande para o estado em

[273] A: baranda / B: varanda
[274] A: eles / B: ele (Deus)
[275] A: só os / B: os
[276] A: erra / B: era

que eles estavam, que para prevalecerem no cabo, se Deus milagrosamente não concorresse, que tudo era pouco. E trás esta breve oração, os abraçou a todos com grande [110r] consolação, mas com menor alvoroço, do que se pode crer.

Targiana, que via tudo, bem entendeo, que era socorro, mas como ela era sesuda e prudente, ainda que a cantidade lhe não pôs espanto grande, todavia não deixou de temer que poderia ser maior e estar no mar. E não querendo fiar-se de que os seus cavaleiros a livrariam do castelo ou fazendo rosto aos que viessem, ou tornando-lhe a ganhar se aqueles os lançassem fora, não detreminando ficar ali presa, retirou-se subitamente ao campo donde tinha a sua tenda dentro dos reparos, que Vasperaldo mandara fazer para assegurar o exército. E bem lhe foi a pressa necessária, porque Pavorante e Almourol e os mais entendendo que a gente começava a despertar por si mesmas[277], deram com tanto ímpeto neles que, se Aliboazém não caíra desmaiado das muitas feridas que tinha com o que Floriano, vendo o castelo despojado de todo da gente de Targiana em que os gigantes levavam postos os olhos, tocou a recolher para lhe acodir estimando já muito sua fidelidade. Porventura que se acabara aquele dia aquela guerra com a prisão de Targiana, a quem os gigantes seguiram, mas obedecendo à ordem de Floriano se recolheram.[278]

Correram-se após isto as casas e ofecinas do castelo e acharam-se da gente de Aliboazém mais de duzentos presos, que Targiana tinha salvado do furor da sua gente, contentando-se com se vingar nos [110v] que já eram mortos e nas cabeças principais. Também se acharam alguns soldados seus escondidos, que não puderam despejar tão depressa e muitos feridos. Todos estes se mandaram lançar livremente fora, sabendo primeiro deles que Albaizar era desaparecido com o que seu crédito tornou ao lugar, que na opinião de muitos tinha perdido, ainda que não faltava quem tivesse por arteficiosa ausência aquela sua a tal tempo.

Soltos os presos e postos os soldados feridos e os sãos fora começou logo a Fortuna a mostrar bem diferente rosto aos de dentro, do que ‘té então tivera, porque para a vigia dos muros e para o serviço daqueles príncepes, aquela gente bastava. E os mantimentos eram

[277] A: despertar por si mesmas / B: despejar por si mesma

[278] A: Targiana em que os gigantes levavam postos os olhos, tocou a recolher para lhe acodir estimando já muito sua fidelidade. Porventura que se acabara aquele dia aquela guerra com a prisão de Targiana, a quem os gigantes seguiram, mas obedecendo à ordem de Floriano se recolheram / B: Targiana, tocou a recolher para lhe acodir estimando já muito sua fidelidade, porventura que se acabara aquele dia a guerra com a prisão de Targiana em quem os gigantes levavam, deixaram por então o alcançe e fechando-se as portas do castelo foi acodido e remediado Aliboacem que tornando a si não cessava de dar graças a Floriano a quem devia a vida tantas vezes.

tantos, assi dos que Aliboazém nos seus almazéis tinha como dos que a gente de Targiana não se descuidara em meter, que a outro número muito maior pudera bastar, ũ largo tempo. Com o que Floriano, que tudo tinha visto na fraca disposição em que estava, se começou a contar por mais seguro. E vendo que não seria possível, inda que Targiana pressistisse no cerco impedir-lhes mandarem recado nos navios em que os príncepes vieram, a quem com armadas grossas os viesse socorrer sendo necessário. E com esta quietação de espírito, tendo-se já dado conta uns aos outros de suas cousas, tornaram a ser curados de novo ele e seu filho e Aliboazém e os mais que tinham necessidade disso.

E Deus que não queria que [111r] ali se perdessem tais pessoas, ainda que Targiana depois de recolhida ao seu exército, tratava de lhes apressar as mortes por todos os meios que podia, animando aquela gente com que se achava e despachando capitães para fazerem vir mais de suas terras com todos os aprecebimentos que lhes pareciam necessários para espenhar[279] o castelo, acabou Deus de assegurar de todo com as pessoas do grande Palmeirim de Inglaterra, de Dom Floris, de Beroldo e Graciano, que ali foram ter dous dias depois do acontecido.

[279] A: espenhar / B: expugnar

## Capítulo 34

De como Palmeirim partio com seus companheiros do castelo em que mataram os gigantes de Aliboazém e de como foram ter aonde ele e Floriano estavam.

Escrito fica atrás o modo de que Palmeirim de Inglaterra, Beroldo, Graciano e Dom Floris se ajuntaram no reino de Dácia naquele castelo em que Astronômico prendera a Floriano. E também como Daliarte os viera a visitar e lhes dera novas de sua prisão com as quais ainda que assegurado por Daliarte, não deixou Palmeirim de passar os dias, que se deteve na cura de suas feridas com tamanho sobressalto, que não havia algũ em que se não tornasse a afirmar com Daliarte [111v] sobre o que lhe tinha dito. O qual quando lhe pareceo que as feridas que ele curava estavam para não impedirem a seu dono, disse-lhe que convinha a segurança do irmão partirem-se.[280] Embarcaram-se juntos assim como estavam fiados em que Deus os guiaria ao fim, que por todos era desejado.

Porém Dom Floris, que por amor de Beroldo, que lhe rogara se detivera naquela parte tanto, crendo que ofendia já a deligência com que Carmélia o mandara, disse-lhe que não tinha melhor prova, que lhes dar de quanto o obrigava sua honra a não os acompanhar, que não o poder fazer, indo eles a empresa tão duvidosa e sendo as pessoas, a quem por razão e por obrigação mais devia servir. E Daliarte então lhe respondeo rindo:

— Quando aqui cheguei se vos lembra vos prometi senhor Dom Floris, que vos havia de pagar o socorro que fizestes a estes cavaleiros com vos livrar de certo trabalho em que andáveis. Em comprimento disto vos digo, que o homem que ides buscar para saber quem é não está no lugar para que detreminais partir, senão em outro muito desviado e onde vós sois melhor conhecido que ele. Tudo o que desejais e vos importa saber para satisfazerdes a quem vos meteo nisto, acompanhando estes senhores o alcançareis e depressa, por isso não há para que vos escuseis, que mal cumpriria eu com o que vos devo e com o amor, que vos tenho, se vos deixara torcer em vão tanto caminho, indo adonde quereis e não onde vos cumpre que vades.

Dom Floris ouvindo aquilo [112r] lhe disse:

— Eu me deixo persuadir senhor Daliarte mais da obrigação, que tendes de não

[280] A: irmão partirem-se / B: irmão

enganar a quem se fiar de vós, que do muito que alcançais para não serdes enganado de ninguém. E assim remetendo tudo à vossa disposição estou prestes para seguir estes príncepes, onde a Fortuna os levar, lembrando-vos porém, que ficais obrigado a ser testemunha de meu ânimo, pois o sois de meu segredo.

Com o que embarcando-se todos quatro, Daliarte se despedio deles deixando-os continuar sua jornada, direitos àquele porto de Aliboazém, onde (por confissão de algũa gente de serviço dos gigantes) souberam que Floriano era levado e chegaram brevemente a salvamento a ele, porém tiveram mais trabalho para sair em terra, que os primeiros que os socorreram, porque como Targiana se temia do mar, inda que os mouros não são grandes homens dele, mandava-o vigiar pelos navios, que ali tinha com mui grande prontidão e cuidado.

De entre estes pois em Palmeirim entrando na baía, antes que tivesse tempo para surgir, saío logo ũ bergantim ligeiro e bem chusmado, a ir saber quem era e donde vinha. E sendo-lhe respondido, que mercadores de Trípoli, não aparecendo gente, nem sendo mais que ũ só navio, facilmente creu o capitão do bergantim. E detreminando tomar logo a salva às mercadorias, fez atracar-se à nao para sobir acima e os cavaleiros que já tinham visto na desposição [112v] da área que na embarcação em que vinham não seria possível chegarem ao castelo e tendo por certo que nele estava Floriano preso, detreminando buscar todos os meios de poder entrar nele, tanto que aquele cobiçoso mouro começou a sobir eles pelos mesmos cabos armados de todas as peças, se lançaram todos quatro tão de súbito dentro no bergantim, levando-o diante de si, que nem o pobre homem poude impedir-lhe a entrada, nem ter-se, que não desse consigo entre os bancos com os focinhos e pernas quebradas.

Os companheiros, que vinham com ele vendo ocupada a pousada com aqueles hóspedes espantados da aparência e da resolução como rãs saltaram todos na ágoa e foram dando rebate em toda a armada, a qual logo se levou da maneira que poude contra o bergantim e os cavaleiros, que estavam nele fazendo remar por força a chusma, puderam chegar ao muro em que a ágoa batia, porém cubertos de setas e pedras com que lhe tiravam de algun s navios, porque iam passando.

Não ficaram eles ali melhor livrados, antes com muito maior perigo, porque os do castelo acodindo ao muro com o rumor que sentiram na armada e no exército, que logo tomou o rebate ainda que viam vir um bergantim demandar aquele abrigo, fogindo à força de remo e

do chuveiro de setas e pedras que caía sobre ele e que os navios o seguiam também, conhecendo-o por daquela mesma armada dos inimigos, persuadiram-se [113r] a que seria estratagema com que os queriam descuidar e assaltá-los logo por mar e por terra juntamente. E com isso deixavam cair as ameas inteiras, quasi que a prumo sobre os tristes, e tão espessas que a durarem, o remédio fora tornarem a fogir para a parte de que fogiam.

Ora os cavaleiros, que se viam atochados entre aqueles extremos, fazendo parar a voga e levantando todos os escudos juntos para repararem o ímpeto das pedras, disse Dom Floris aos do muro que lhe chamassem o capitão. E Pavorante que estava ali perto lhe respondeo, que era o que lhe queria? Disse Dom Floris, que saber a razão por que mandava receber assim os hóspedes que o vêm a ver. Ao que Pavorante respondeo, que o castelo estava de guerra e cercado dos homens de cuja parte eles vinham e que como não traziam nenhũa insígnia de pax, não podiam deixar de ser assim agasalhados. Pois em verdade, replicou Dom Floris, que nos não fazem a nós de cá esses mimos para sermos da sua parte. E parecia-me a mi que verde-los vós como vedes era a melhor bandeira branca que pudéramos trazer. Mas enfim se sois servido dizei-nos se é de Aliboazém este castelo e por quem está e quem o tem cercado, porque de parte muito remota vimos a buscá-lo quatro companheiros.

Não cessavam entre tanto as pedras e setas da armada contra o bergantim, mas com pouco dano, porque ele era tão sotil e a baía tão aparcelada, que [113v] não podiam chegar-lhe senão embarcações muito pequenas. E posto que destas não faltavam muitas eram-no todavia tanto, que lhe ficava mui superior a todas e assim sem ousarem a chegar-lhe uns e não poderem chegar-lhe outros, lhe ladravam de longe todos. Ora Pavorante ouvindo aquelas razões de Dom Floris e considerando que a indústria de querer entrar dentro no castelo tão pouca gente, não podia ser de muito dano, tornou-lhe a responder:

— O castelo, senhor cavaleiro, de Aliboazém é e por ele esta gente de Targiana e de seu filho o tem cercado, quanto a isto. E quanto a entrar cá, se sem armas e ũ e ũ o quiserdes fazer, dar-se-á recado a quem pode dar licença. Veremos o que detremina.

— As armas, replicou o outro, não havemos de deixar e ũ e ũ entraremos e ainda que fora todos quatro juntos, pouco podereis recear tão pequena companhia, quanto mais que a favor de Albaizar, nenhũ de nós aventurara sua pessoa por hora, porque a buscar Aliboazém é só o que nos aqui traz.

— Ora esperai, lhe disse Pavorante, que eu torno logo.

E encomendando aos companheiros, que ali estavam com ele que lhe não deixassem tirar, foi dar conta a Floriano (que estava na cama) daquele caso. Bem se tinha lá sentido o rumor e com ele se levantaram Vasperaldo e Aliboazém, porém Floriano lhe não consentia saírem fora, nem armarem-se, por lhes assegurar [114r] mais a saúde, dizendo-lhes que se fosse necessário, também ele não dormiria. E ouvindo uns e outros, o que Pavorante referia, logo com o primeiro movimento bem lhes pareceo a todos que os deviam deixar entrar como eles quisessem, por um postigo, que saía ao mar, porque ainda que fossem inimigos, contando[281] ali tais cavaleiros não havia que temer e não o sendo era grande crueldade entregá-los quando nisso se não perdesse mais. Porém cuidando Floriano um pouco, resolveo no que abaixo veremos.

[281] A: contando / B: estando

## Capítulo 35

Da detreminação, que tomou Floriano e de como aqueles cavaleiros entraram e se conheceram.

Considerando Floriano um pouco mais naquele negócio como dizíamos no capítulo passado, respondeo àqueles cavaleiros, que primeiro tinham dito seu parecer nesta sentença seguinte:

— Estes homens, senhores, dizem que vem buscar Aliboazém de longe. Possível é, pois perguntam quem o tem cercado, que não saibam o que aqui tem acontecido e como eu e meu filho estamos neste castelo em amizade e proteção de Aliboazém. E posto que eles digam que não tomaram armas em favor de Albaizar, [114v] será porventura com estoutra singileza e ũa cousa é para ũ mouro ser mais amigo de Aliboazém, que de Albaizar, que ambos são mouros, que sê-lo mais de ũ cristão e mais eu, a quem estes todos por herança desejavam a morte. Assim que podem estes cavaleiros, sem encontrarem o que primeiro disseram (depois de se verem cá dentro entre nós outros) arrepender-se de terem entrado por mais amigos, que de Aliboazém sejam, porque já o não ham de considerar a ele contra Albaizar, senão a nós inimigos seus por obras e por religião contra os professores de sua mesma seita. Pelo que meu parecer é senhor Pavorante, que desçais, abaixo e que aberto o postigo lhe faleis mui clara e desembuçadamente dizendo-lhes de quem e por que causa Aliboazém estava cercado como me tem consigo em seu favor e a vós outros também. E se sabido tudo quiserem entrar, recolhei-os a ũ e ũ. E quando não, vão-se com Deus onde melhor lhes estiver, que amigos enganados inda é maior afronta para quem os assim procura, do que é perigo os que são enganosos a quem se engana com eles.

A todos pareceo bem a honrada resolução de Floriano e assi o abraçaram todos.[282] Foi Pavorante com a reposta e comonicando-a aos mais companheiros que o aguardavam, desceram todos abaixo à porta para segurança do que pudesse suceder. E os quatro companheiros que naquele [115r] tempo, que se tardou nestas idas e vindas, detreminaram entre si dizerem, que sabendo na sua terra como Albaizar queria fazer guerra a Aliboazém eles

[282] A: a todos pareceo bem a honrada resolução de Floriano e assi o abraçaram todos / B: não merecia por certo menos esta tão honrada resolução Floriano, que achasse abraçado, por fruto dela no cabo, dos maiores amigos que ele tinha

inda que cristãos, se resolveram em o vir ajudar, para se poderem encontrar com ele e se satisfazerem de certo agravo, que lhes tinha feito. E que introduzidos assim com esta cautela no castelo, procurariam depois saber o que era feito de Floriano, governando-se em tudo conforme o que o tempo lhe fosse mostrando.

Abrio-se o postigo e puseram-se da banda de fora, Pavorante e Almourol. armados de todas as peças, os escudos lançados para trás e cada ũ com sua alabarda nas mãos, tão temerosos e bem postos, que bem puderam fazer medo a todo o exército.

Chegou-se logo Palmeirim, que quis ser o primeiro que entrasse e pondo-se defronte dos gigantes, Pavorante lhe contou em conformidade do que Floriano lhe ordenara tudo o que atrás fica dito. E no cabo arrematou dizendo:

— Agora vede o que quereis fazer de vós, porque ainda que Aliboazém é senhor do castelo e da terra eles e todos os mouros que aqui estão vivem à ordem de el-rei Floriano com alguns outros cavaleiros cristãos, que aqui tem consigo, para o libertar das afrontas, que lhe Albaizar e sua mai querem fazer.

Palmeirim que estava ouvindo aquela história com tanto contentamento como se deve crer, depois de dar entre si muitas graças [115v] a Deus, respondeo a Pavorante:

— E é verdade cavaleiro, que estão aqui el-rei Floriano e seu filho e em seu livre poder servidos e obedecidos desses que dizeis?

— Verdade (lhe tornou ele) e que os cristãos que vos disse, são todos parentes seus, tirando nós, que somos seus criados e cristãos também.

Então lhe disse Palmeirim já com algũa sospeita de quem seriam:

— Não quero maior prova de me não enganardes, que ver se me conheceis.

E tirando o elmo, mostrou-se patentemente àqueles cavaleiros, que tanto que o viram lançando as alabardas em terra e correram[283] a lançar-se-lhes aos pés aqueles dous arrogantes e tremendos gigantes, fazendo o mesmo os que estavam de dentro, mostrando uns e outros o contentamento, que de sua vista tiveram com tantos extremos, que mais pareciam de ânimos furiosos, que de corações alegres.

Postraram-se-lhe todos com os elmos fora e quasi empuxando-se para chegar primeiro a abraçá-lo pelos pés. E ainda que à autoridade e valor daquele príncepe tudo se devia e mais aqueles homens, que tantas razões tinham para o respeitarem, todavia é forçado que digamos,

[283] A: e correram / B: correram

que nasceo aquela demonstração daquele natural e terno afeto com que todo o homem agasalha o vizinho (não digo já o amigo, nem parente) quando acerta de se encontrar com ele em terras alheas, quanto mais em casos perigosos e arriscados. E se isto é verdade, verdade é também, que os príncepes são de nossa [116r] mesma massa quanto à natural especie, que são comuns e têm também ũas mesmas paxões com que as diferenças com que os temos por Deoses, mais foram certo adulações dos homens, que previlégios, nem mimos da natureza.

Mas deixada esta matéria, que só serve de acrescentar dor sem remédio em uns e escândalo desarrezoado em outros, Palmeirim abraçou e recolheo a todos aqueles mancebos com o alvoroço, que se pode imaginar. Não tardaram os três companheiros em acabarem de aprefeiçoar aquela comum e pública alegria, tomando Graciano e Beroldo seus filhos entre os braços com o amor que a natureza obriga e que com tais filhos era razão não faltasse. E assim juntos se foram a Floriano a quem já tinham chegado as demonstrações, que na praia havia, que o não tinham com pouco cuidado.

Ali vos digo eu que o alvoroço foi grande, quando aqueles dous irmãos, que tanto se amavam, se viram, cuidando ũ que se tinha o outro perdido e andando com tanto trabalho e perigo a buscá-lo e aquele que estava em parte donde pelo[284] menos tinha contra si os mais poderosos príncepes dos mouros e o natural ódio, que todos lhes tinham e vendo-se metido entre ũas fracas paredes e conhecendo com seu grande discurso, que enfim a largo andar se Targiana presistisse, que todo o poder dos cristãos o não poderia livrar, sem particular milagre. E finalmente por não desacreditarmos cousa tamanha nem faltar também em matéria tão sabida, não [116v] trataremos mais senão do modo com que todos se foram a Constantinopla e do que primeiro deixaram naquela terra feito, o que diremos com a maior brevidade que pudermos, por acodir também a outras partes, que nos esperam há dias.

[284] A: donde pelo / B: onde quando

## Capítulo 36

De como aqueles cavaleiros se ordenaram para dar nos inimigos e do que Targiana passou com sua filha.

Depois que a vista de Floriano acabou de aquietar a Palmeirim do cuidado que sua prisão lhe dava a ele e a seus companheiros, todavia, as novas que ali acharam de Dramusiando, Fidélia e Primaleão não deixou de aogoar grandemente aquela alegria de se verem juntos, porque o quanto todos amavam a Premaleão e Dramusiando e o que ouviam de Fidélia aos cavaleiros que a viam lhes fazia tamanha lástima, que não admetia consolação, ainda que seus entendimentos lha não oferecessem pequena fundados na experiência e sucessos de seus passados casos e desastres.

Dom Floris foi o primeiro que pronosticou bem naquelas desventuras, conferindo as palavras, que acerca da sua jornada a Boêmia lhe dissera Daliarte e disse para Palmeirim:

— Eu senhor estou mais aliviado nessa matéria do que parece que pede a carranca, que ela mostra, porque por certo respeito [117r] forçado e preciso, me importava ir a Boêmia buscar a Primaleão a quem não conhecia senão pelo Cavaleiro do Sol e esta era a causa por que em Dácia vos eu não queria acompanhar e Daliarte (se vos lembra) me disse então, que o homem, que ia buscar, não estava na parte para onde queria partir, senão em outra mui diferente e onde eu era melhor conhecido que ele e que acompanhando-vos a vós entenderia isto mais claro. Isto suposto, no mundo está Primaleão e ainda que ele fora maior, não se nos poderá esconder. O mesmo espero em Deus, que aconteça a Dramusiando e a essa princesa, porque se não há de crer de sua misericórdia, que fizesse acabar dessa maneira ũa perfeição em que ele meteo tanto cabedal como estes cavaleiros afirmam e assim como os livrou a eles da mesma tormenta, terá também livrado a ela e a Dramusiando. Não cuido outra cousa, nem é razão que se cuide, posto que muito se tema. E o que me parecia era que tratássemos de nos ver logo com a gente de Targiana e com Albaizar, que por cima do que aqui tenho ouvido da sua ausência não estou sem algũa imaginação que não estará mui longe e que se fosse desaparecido por conta de Vasperaldo.[285] E não é de todo má esta vergonha, porque eu

[285] A: e que se fosse desaparecido por conta de Vasperaldo / B: e que por dar cor a palavra quebrada a Vasperaldo, se faça desaparecido

confesso que depois que me ele quis matar à treição, de nenhũ vício me pareceo nunca que a teria. E devemos apressar-nos antes que se junte mais gente, [117v] e mais aprecebimento de sua parte, porque o que agora porventura será fácil, depois hei medo que se faça dificultoso, por não dizem[286] impossível.

A todos contentou o que Dom Floris aconselhava, mas pelo que tocava a Albaizar Vasperaldo lhe respondeo ũ pouco carregado:

— Não creais senhor que Albaizar tem culpa algũa nestas cousas, porque não está presente, nem sei como se possa cuidar que o esteja. E se vós tivéreis a experiência dele que eu tenho, desta maneira o crereis, ainda quando não constara tão claramente que se tinha ido, o que devia fazer por casos forçosos, que costumam oferecer-se aos homens quando menos cuidam. E no que lhe aconteceo convosco eu fui o culpado, que me apressei em vos gritar e não ele, que vinha tão sem pensamento do que eu cuidei, que nem se adiantou como pudera, nem fez ato algũ por onde possamos julgar que se chegara a nós antes de vós terdes soltado a Floramão, que não fizera ele o mesmo ofício, que eu fiz, senão que mais compostamente. Por amor de mi vos peço que entendais isto desta maneira, porque tudo o que for primor e fidalguia, Albaizar há de fazer sempre.

Dom Floris lhe tornou a dizer:

— Farei o que me mandais, crendo contra a experiência, porque vos possa servir com algũa potência livre. E o tempo mostrará qual de nós se engana.

Palmeirim então tomando parecer com seu irmão com Beroldo e Graciano e com aqueles cavaleiros mancebos e com Aliboazém, [118 r] que estava presente a tudo e não pouco espantado de ver em sua casa a flor do mundo junto e que o descurso e cuidado e traças de todos eram sobre o acomodarem e assegurarem a ele, havendo tantas razões para que só se empregassem em sua destruição. Depois de ventilados todos os inconvenientes, que se ofereceram para conseguir o fim que pertendiam, foi assentado que primeiro que tudo Aliboazém que tinha muitas inteligências no exército de Tragiana, procurasse de alcançar com certeza a gente que havia nele e que vigia e guarda tinham, que tenção fora a daquela retirada, que prevenções fazia[287] e se era verdade que Albaizar se fora realmente ao campo logo.

Logo aquela noite Aliboazém escreveo a seus parentes e amigos, afirmando-lhes que

[286] A: dizem / B: dizer
[287] A: fazia / B: Targiana fazia

lhe era chegado tal socorro, que não somente estava quieto e seguro, mas que cuidava ganhar todo o senhorio de Albaizar com sua ajuda. Que os avisa[288] daquilo pelo gosto que sabia disso haviam de ter e o que[289] avisassem também daquelas cousas, que lhe nomeava. Targiana entretanto não dormia, antes vigilantissimamente tratava das suas, e ponderando-as com prudência e discurso grande, achava-se muito embaraçada, porque por ũa parte via a reputação arriscada, porque se empenhara por paxão e estava-o já por honra e por razão de estado. Por outra não se fiava da gente que tinha em seu serviço, julgando-a toda por parcial de Aliboazém. E até de sua própria filha (a quem tinha naquela [118v] forma de prisão que dissemos) se temia também, parecendo-lhe da deligência, que ela e seu irmão fizeram por salvar a Vasperaldo, que não podia deixar de haver secretas inteligências[290] entre todos. Não acabava de entender como Floriano se fiava de Aliboazém, nem Aliboazém de Floriano, para que ũ soltasse o outro e aquele se deixasse viver solto tão atrevidamente em sua terra dela.

Milena, que a pudera aquietar nestas dúvidas era acolhida, porque como vio o primeiro socorro entendendo o fim a que as cousas caminhavam, não curou de estar ali mais. E sobretudo o desaparecer Albaizar sem algum rasto dele, a descompunha interiormente de maneira, que não havia então, não digo eu no seu serviço, mas em todos seus estados, mais aflito coração, que o daquela pobre senhora. Representava-se presa em poder de seus inimigos entendendo que não podia resistir ao valor de Floriano, ao de seu filho, nem aos dos socorros, que lhe eram vindos.

Considerava que assim como aqueles vieram, podiam vir outros maiores, sem que lho pudessem impedir os seus navios, tendo o mar aberto enfim. E assim pouco obedecida entendendo[291] que aquela mesma Fortuna, que a atochara entre estes inconvenientes, não se contentaria até a meter entre outros maiores, querendo apressar-se em prevenir seus desastres, resoluta no que havia de fazer para isso, fez vir sua filha ante si e disse-lhe:[119r]

— Molher era eu, obrigação me tínheis vós para me tratardes verdade e não pordes-vos da parte de ũ apetite leve e fazerde-vos a ũa com vosso irmão, para me desautorizar a mi e aventurardes-vos a vós e ofender todos nossos estados. Quis ele e quisestes vós, que vivesse Vasperaldo, a quem não conhecíeis e que chegou a vosso irmão ao derradeiro fio da vida,

[288] A: avisa / B: avisava
[289] A: o que / B: porque
[290] A: inteligências / B: deligências
[291] A: entendendo / B: e receando

podendo mais com ambos ser irmão de Carmélia, que todas as obrigações, que ambos tendes hoje aos Deoses, a vós, a estes reinos e a mi. Os frutos desta resolução já os começamos a gostar, acabaremos cedo de o fazer, porque no castelo está Floriano e está Vasperaldo e estão também aqueles, que nos-los poderão tirar das mãos. Vosso irmão é ido após o seu desatino e nós estamos aqui expostas a infidelidade e fraqueza da gente, que nos acompanha, que se o tempo me adevinha, antes de poucas horas nos entregarão presas a Aliboazém. E eu creio isto de maneira, pelo que vejo neles, que de todo me tivera já afogada, se não confiara mais para o respeito de nossas pessoas, dos cristãos, que estão no castelo, que dos mouros com que viemos a ganhá-lo, porque todos estes cuidam que vos servem a vós e a Albaizar, não só em vos entregarem a Aliboazém, se não em vos livrarem de mi, que tão roim companhia vos fiz sempre. Estou detreminada a mandar dizer a Vasperaldo que aqui vos tem, para que satisfaça a Aliboazém com vossa pessoa, que deve ser a promessa,[292] que seu pai lhe deve de ter feito. E digo vo-lo [119v] a vós primeiro para que vos não apresseis, ou alguém, cuidando que vos granjea, sequer para que aquilo que se há de fazer ainda que nós não queiramos, seja pelo que toca ao decoro de vossa pessoa com menos pressa e menos[293] autoridade. E trás isso eu me irei para os estados, que meu pai me deixou, que não devem nada a vosso irmão. Vós ficareis nos que escolhestes e ele nos que ganhar nas suas peregrinações.

E dando com isto fim ao que dizia, Arquediana que estava sossegadamente ouvindo, respondeo o seguinte:

— É verdade, minha mai e minha irmã,[294] que procurei conformar-me com meu irmão para que não morresse com treição ũ homem, que com valor me tinha livrado da morte. Não tinha com ele outro conhecimento mais, que esta obrigação, porém despois que as cousas aclararam mais, antes tínheis vós que nos agradecer estorvarmo-vos informando-vos[295] com tão desarrezoada crueza, que não dê que nos repreender de comprirmos com o que todos os príncepes se devem a si próprios. E porque razão, senhora, será melhor em Vasperaldo, acabado de se livrar de vossa fúria, tornar-se a entregar a ela esquecido de sua segurança, só por livrar vosso filho da prisão e ter mão no vosso exército entrar em desafios por vosso serviço, conservar-vos a reputação e a honra, livrar a Albaizar no fim de tudo com tanta

[292] A: que deve ser a promessa / B: a promessa
[293] A: menos pressa e menos / B: menor pressa e mor
[294] A: minha mai e minha irmã / B: senhora
[295] A: informando-vos / B: infamarde-vos

despesa de seu sangue e perigo de sua vida, à conta somente de lhe pagar a ele o tê-lo livrado de vós? Por me ter servido a mi é que o fiz e não por irmão de Carmélia. [120r] Porque comigo[296] será isto melhor para o ele[297] fazer, que por[298] Albaizar, que para nós[299] procurarmos que vós o não matásseis, bastava ter-me dado a mi a vida e a Beliandra,[300] também com não pouca despesa de seu sangue. Se contra vossa honra, se contra vosso estado, foram nossos procedimentos, justa matéria de queixa me parecera a vossa, mas contra ũ apetite[301] de todo o coração generoso e com tanto segredo pelo que tocava a vossa autoridade, que para que ninguém o soubesse buscou a Albaizar sendo moço em idade e príncepe livre e independente no estado, tantas invenções e traças, que não o pudera fazer melhor se seu principal intento fora a conservação do respeito, que se vos deve. E isto senhora assim feito, não é culpa que se haja de castigar com pragas nele, nem com prisões em mi. E se eu não tivera mais presente vossa veneração, que meu agravo, porventura que vos lembrara quais são os erros, que os pais não devem perdoar aos filhos. E quanto ao que toca a casar-me, a mi me parece que se não deve por hora tratar disso. E se temeis que a gente que aqui está vos não ajudará bem a apertar este cerco. Não podeis temer que vos não acompanhará de boa vontade, se vos quiserdes tornar a vossa casa. Se é assim que por não destruírem a Aliboazém não querem fazer o que podem. E lá tereis tempo de fazer eleição em vassalos mais fieis e em mor número se ainda cuidardes que deveis castigar quem por meios decentes vos pede [120v] vossa filha para se honrar com ela. Não vos obrigando isto a mais que uma roim reposta quando muito sabereis também, ou procurareis sabê-lo, que é feito de Albaizar e vão-se Floriano e Vasperaldo embora, que tempo era já de não lembrar se ũ era morto se vivo e nunca o foi de querer matar ao outro depois que entrou nesta terra. Fique-se Aliboazém também em sua casa e de mi podeis estar segura, que nem seus intentos me afeiçoam, nem me escandelizam, porque nem dele, nem deles me lembrei nunca em verdade.

Não lhe pesou a Targiana de ouvir a reposta da filha, porém não lhe querendo mostrar, disse-lhe, que por hora repousassem e que ao outro dia se resolveriam, mas não lhe deu tempo para muito repouso o efeito das cartas que Aliboazém tinha escrito como veremos na história

[296] A: comigo / B: como digo
[297] A: o ele / B: ele
[298] A: por / B: para
[299] A: que para nós / B: e para mi
[300] A: matásseis, bastava ter-me dado a mi a vida e a Beliandra / B: matásseis vós, tendo acabado de nos dar a Beliandra e a mi a vida
[301] A: apetite / B: apetite indigno

que se segue.

## Capítulo 37

Do que fizeram os homens a quem Aliboazém escreveo, da resolução que tomou Targiana, de como casou sua filha e como os príncepes partiram para Constantinopla.

Maravilhas tinham obrado as cartas de Aliboazém, [121r] porque como os mais daqueles homens, a quem foram escritas eram os principais do exército de Targiana e estes desejassem ũ tempo por bem comum ver aquele casamento, vieram depois a desejá-lo com mais particularidade por se irem descansar a suas casas e lograrem seus filhos e fazendas, livres das moléstias daquela guerra.

Mas agora vendo Albaizar ausente considerando os acidentes da Fortuna e a natureza inquieta dela,[302] bem lhes parecia, que não estava longe da cabeça de Arquediana a coroa de Babilônia, nem a que de sua mai esperava. E querendo cada ũ deles que Aliboazém lhe devesse fazê-lo senhor de tudo, acrescentou o desejo de o favorecer, a medida da cobiça, que cada um tinha. E para isto vendo como dizíamos, Albaizar ausente, Arquediana presa, assim cobiçosos e fracos, Aliboazém socorrido, Targiana obstinada, resolveram-se em prendê-la a ela e soltarem a filha e fazerem o casamento. Porém para honestarem esta rebelião, quiseram fazer-lhe uma fala primeiro.

E indo a buscá-la àquela hora em que ela falava com a filha, sabendo o em que ela estava ocupada e nada contentes de verem Arquediana solta, pois lhe ela não devia a liberdade, faltando-lhe o maior fundamento da arenga, que traziam estudada, deixaram o negócio para o outro dia com tenção não de verem o que faziam, senão o modo de que o haviam de fazer, pois já não podiam fundar-se [121v] em dizer que soltavam ũa filha de seu rei, que viam presa. Parece que cuidavam estes que podem os vassalos pedir conta da vida de seus príncepes, inda que seja a seus pais próprios.

Mas não faltando entretanto[303] algum de melhor ânimo, foi Targiana avisada aquela noite do eminente perigo em que se achava, bem conforme ao que ela persentia[304]. E vendo que não tinha aquilo reparo, levantou-se de madrugada e mandou chamar todas as cabeças daquela conjuração e depois de os ter juntos, disse-lhes, que ela estava detreminada a casar

[302] A: dela / B: dele
[303] A: entretanto / B: entre tantos
[304] A: persentia / B: adivinhava e temia

sua filha com Aliboazém e ir-se para o seu canto, porque quando prestasse para governar de lá seus estados em pax, não cuidaria que fazia pouco, quanto mais andar na guerra capitaneando exércitos escalando[305] fortalezas. Que pois seu filho, que era homem a deixara, que ela molher e veúva, não se atrevia com aquela carga. E que comonicando isto com sua filha lhe respondera que até vir seu irmão, ou recado certo dele, não detreminava obedecer-lhe naquela matéria. E que os chamava então a eles para lhes dar conta disto. E perguntou-lhes se a forçaria a fazê-lo, ou o em que se detreminaria. E que do que resolvessem lhe havia de dar cada ũ seu escrito, ou ũ só assinado por todos, para o poder mostrar a Albaizar quando viesse.

E esperando a ouvir o que lhe respondiam, ũ daqueles homens prudentemente, mas com pouco pejo, disse, que primeiro que tudo para poderem responder, haviam de falar sós com Arquediana, [122r] adevinhando, ou temendo, não fossem aquilo porventura, indústrias e estratagemas da própria Targiana. A qual entendendo-o, levantou-se em pé e com ũa indignação terríbel como se fora o mais valeroso e obedecido príncepe do mundo, lhes disse:

— Ide-vos logo traidores diante de mi, que antes de duas horas vos farei cortar as cabeças a todos.

Estranho poder é certo, o que a natureza deu aos príncepes sobre os outros homens, que sendo-o estes e estando resolutos sobre tanto conselho com tanta[306] detreminação a porem a sua no sito, como dizem, vendo-se de[307] uma molher só e desacompanhada afrontados e ameaçados dela, ao tempo de prestar, ao som de ũa só palavra, mudos e confusos, sem coração, sem mãos, sem língoa e com os pés embaraçados e mal prontos, se saíram pela porta da tenda fora e sem se falarem tornou cada ũ para a sua, aguardando pela derradeira hora de suas vidas.

E Targiana vendo a tenda despejada, não lhe querendo dar tempo, que aquela natural compunção, que o seu respeito lhe infundira, se acabasse neles e lho tornassem a perder como fariam, não tendo com que os oprimir, nem esperando bom fruto já daquele negócio, resolveo-se ao pôr todo na cortesia de seus inimigos. E querendo que fosse Agrimo o medianeiro daquilo, mandou-lhe tirar os ferros e que lho trouxessem diante de si. Bem cuidou o pobre velho que ia ao sacrifício e conforme a esta [122v] imaginação era o rosto, que levava, porém ela lhe tirou depressa o medo dizendo-lhe:

---

[305] A: escalando / B: sitiando
[306] A: com tanta / B: tanta
[307] A: de / B: diante de

— Ide-vos ao castelo com ũa bandeira branca e ũa trombeta e dizei a Vasperaldo de minha parte e que debaixo de minha palavra lhe rogo, que me venha ver, porque me importa tratar com ele do remédio de todas as cousas presentes. E que lhe dou por reféns de sua segurança ao emperador Primaleão, que sabe de mi, que em matéria de verdade não faltei nunca.

Foi o mouro recolhido no castelo pelas insígnias que levava e perguntando por Vasperaldo, o qual com o alvoroço da vinda do tio e amigos já parecia muito mais são do que andava. Disse-lhe (depois de seus alvoroços e abraços de parte a parte)

— Eu vos trago senhor ũa embaxada a mais nova, que nunca ouvi, que se mandasse no mundo.

E dando-lha acrescentou:

— E parece-me em verdade que quer esta molher, que pois eu fui o meio de vos livrardes ũa vez dela, que o seja agora de vos tornar a meter em suas mãos. E sobre irdes, ou não irdes, não me parece que há que falar nisso, sobre eu não haver de tornar diante dela, é o que nos havemos de tratar, inda que a mi me parecia que tinha pouco que discorrer. E Vasperaldo então rindo-se do que Agrimo lhe dizia, lhe respondeo:

— Bem dizeis Agrimo que há pouco, que duvidar nessa matéria. Eu hei de ir donde Targiana me chama e fora neste mesmo momento, se as chaves desta portas estiveram na minha mão. Tem-nas meu [123r] pai, a cuja ordem aqui vivemos todos. É forçado que lhas vá pedir, não cuido que mas negará. E quanto a vós também haveis de ir comigo, assim porque não é razão que deixeis de tornar aonde Targiana vos espera como também porque alguém não cuide, que queremos cá mais reféns, que os que vós de sua parte oferecestes. E não vos enfadeis de esperar, que eu torno logo a vós.

Com o que deixando-o foi dar conta a seu pai e a pedir-lhe que lhe lançasse ũa benção e lhe mandasse abrir as portas, porque ele não podia, nem havia deixar de ir.

Juntos estavam todos aqueles príncepes quando Vasperaldo chegou, porque vendo homem do exército, bem lhe parecia que haveria que ouvir e ajuntaram-se para responderem. A todos lhes pareceo o negócio novo e duro. As razões de não ir Vasperaldo eram claras e muito urgentes à importância de sua pessoa, à infidelidade dos mouros, à ira de ũa molher tão declarada contra aquele primeiro homem. E contudo, não sei que eles achavam de obrigação naquele recado, que parecendo mal a cada qual que Vasperaldo fosse, nenhum o dizia

claramente, nem deixara de ir se o chamaram e assim sem se falarem com os rostos baixos, não davam reposta algũa. O que ele entendendo, disse-lhes:

— Eu senhores, hei de ir vivo se me derem as chaves e morto quando mas neguem, porque me lançarei pelos muros fora. Não é Targiana quem me chama, é minha honra, pela salvação da qual, a bem diferentes perigos nos aventuramos [123v] todos cada dia, que este só as aparências têm para espantar, que o mais não deve de ser cousa de momento, porque Targiana já agora com minha morte não interessa nenhũ daqueles fins porque a soía desejar.

— Antes parece senhor Vasperaldo, acodio Dom Floris, que sim. Isso[308] não se sofre. Basta que vós vades deixando-nos a todos mortos e invejosos a todos com a resolução, que tomais, digna de vosso ânimo tão grande, mas querer-nos pressuadir que a desestimais, é envergonhar-nos a todos, os que como digo a envejamos.

E com isto alegrando-se uns e outros, tomando a benção ao pai e pondo somente ũa espada de vestir na cinta, foi-se acompanhado daqueles cavaleiros a buscar Agrimo para se irem, o qual entretanto esteve culpando a vaidade dos moços e o nenhũ freio que tinha aquela idade, parecendo-lhe que só isso era o que levava Vasperaldo a ũa tão conhecida e desaproveitada morte. E tendo bebido já a sua foi-se com ele com menor alvoroço do que trouxe.

Não fizeram pouca festa no campo ao seu Cavaleiro da Horta, se bem em todo[309] ele já se sabia o pouco quinhão, que tinham em suas cousas, porém são isto previlégios, que o valor não perde nunca, ainda com os ânimos menos valerosos.

Targiana tinha já tragado aquele cálix. E posto que à vista de Vasperaldo não lhe esqueceo que o tivera por morto um tempo com [124r] ordem sua e que depois o tivera outro muito em seu poder, nem foi para lhe doer não o ter feito, nem para folgar de que o não fizera e só sem comprimentos, nem rodeos, dizendo-lhe o para que o chamava, acrescentou, que bem sabia não era matéria em que ele per si só se resolvesse, tendo a quem dar conta no castelo. Que lhe rogava que com brevidade fosse e tornasse, porque o seu presente estado não dava lugar a detenças grandes.

Vasperaldo não gastando também palavras, foi onde aqueles príncepes estavam e agasalharam com extraordinário alvoroço. Tais eram as dúvidas, que de sua vinda todos

[308] A: que sim isso / B: vendo isso
[309] A: em todo / B: entendo

tinham e disse-lhes que Targiana lhes mandava dizer, não sabendo inda quem eram, que ela estava escandelizada da sua gente e temida de discortesias importantes em sua pessoa, que se lhe encomendava como ũa pobre molher desemparada. E que falara no casamento de sua filha, se lhes não parecesse a eles que o fazia obrigada da miséria de seu estado. E que fiava tanto daquela companhia que lhe pedia conselho e favor junto com ele.

Bravamente se enterneceo Palmeirim de ouvir o que o sobrinho dizia da calamidade daquela princesa, que estando em sua terra e em seu livre poder, rodeada de ũ exército e de ũa armada sua, tão infiel lhe era a gente que a seguia, que de puro necessitada a obrigava a valer-se dos que viera buscar como inimigos com aquele mesmo exército e armada. [124v]

Mandou-lhe pedir licença para ir ver pelo mesmo Vasperaldo, que lhe tornou com a reposta. Ela espantada e alegre de saber que ele ali estava, tendo mão em Vasperaldo para lhe perguntar mais por aquilo, mandou-lhe dizer por Agrimo, que se tardasse em vê-la, que ela iria buscá-lo.

Veio Palmeirim enfim e depois de muitos comprimentos dele e lágrimas dela e de ũa longa arenga das saudades de Polinarda sua amiga, veio tamber[310] Arquediana com a qual também teve Palmeirim muitos comprimentos e ficou mui satisfeito do seu parecer e bom termo. Sobre o negócio houve muitas palavras e cortesias, assentando com elas o que entendia que lhe convinha. Fez vir Aliboazém e todos os cavaleiros cristãos, que no castelo estavam exceto Floriano. E sendo presentes as principais pessoas do exército, foram casados a seu modo aqueles dous príncepes com grande satisfação sua e de todos. E detendo-se com eles quatro, ou cinco dias, se embarcaram para Grécia deixando grande saudade em Aliboazém e Arquediana e levando mui encomendado Albaizar de sua mai, que com todos fez aquele ofício, particularmente com Vasperaldo com quem ele já era menos necessário, porque os atos multiplicados da amizade, prevaleceram enfim contra aquele ódio antigo de maneira, que quando Albaizar veio a perecer às mãos de outrem, não teve [125r] melhor defensor como em seu lugar diremos algũ dia e o sucesso desta jornada diremos a seu tempo, que agora havemos de tratar de Dramusiando e de Fidélia.

[310] A: tamber / B: tambem

## Capítulo 38

De como Dramusiando e a princesa Fidélia souberam em que terra estavam e do em que se resolveram.

O trabalho da tormenta passada, a segurança das vidas, que tão perdidas tiveram, a comodidade em que se achavam quietaram de maneira os espíritos de toda a companhia, que Dramusiando tinha à sua conta, que passaram a noite em tanto sossego e descanso como se estiveram já no fim de toda sua jornada.

Não aconteceo assim ao próprio Dramusiando, nem à princesa, que se bem estava cada ũ deles contente, de se ver livre de tão perigoso naufrágio, todavia, a ele lembrava-lhe que poderia ser morto seu filho e todos os outros príncepes, a quem igualmente amava e que tinha à sua conta aquela princesa, que lhe seu pai entregara em confiança, que se via em ũa terra despovoada ao parecer de todos e não conhecida até então de ninguém, sem navio em que se embarcar, nem comodidade outra algũa de poder sair [125v] dali. Representavam-se-lhe todos os inconvenientes, que em semelhantes casos costumam oferecer-se a todo o homem honrado e sesudo.

E a ela não lhe saía também da memória a perdição dos príncepes granjeada por a acompanharem e servirem. A de seus criados e naturaes. O sossego da casa de seu pai, os desastres da Fortuna, a quem se via sojeita como se fora a mais ordinária donzela de seu reino. Lembrava-lhe Primaleão entre todos com ũ afeto mais brando, o que ela conhecendo, atrebuía aquela diferença, ũa vez ao ter tratado mais tempo, outra ao roim gasalhado, que esperava de seus pais, por lhe ser ocasião de sua morte.

E com estas imaginações era o repouso de ambos muito diferente do de toda a outra companhia que sem nenhũa lembrança do mal por que tinham passado, nem receio algũ do que ainda podiam ter, dormiam a sono solto, do qual os despertou a menhã e a música dos passarinhos, de que as árvores estavam povoadas, que com ũa natural melodia recreavam os ânimos de toda aquela gente como que se alegravam com os hóspedes, que eram chegados.

Levantou-se Dramusiando cheio de seus cuidados e vacilando no remédio deles. Levantaram-se também os marinheiros e toda a outra gente, mais e menos alegres, conforme eram os discursos que faziam.

Quis-se afirmar Dramusiando outra vez com o piloto, a ver se com o novo sol tinha mais algũa notícia daquela [126r] terra e ele lhe disse que não. E que só cuidava pela disposição dela, que não era ilha. Tinha ela parecido no dia de antes despovoada àqueles homens e naquele se acabaram de confirmar nisso, porque a mansidão dos pássaros, o descuido das lebres e coelhos, a segurança dos cervos e gamos, que logo apareceram eram tanto junto com a frescura da terra e erva mimosa e pouco ornamento que as árvores mostravam que parecia estar inda ali o mundo como na sua primeira idade.

A tormenta tinha cessado de todo e o mar vinha a ferir nos penedos, de que aquela praia era cheia com tão vagaroso movimento como se temera de quebrar as ondas na aspereza deles. E chegando todavia, fazia ũ som tão saudoso e contemplativo, que começou a comover o coração a Dramusiando, que o contemplava enternecendo-o mais, do que no presente estado ele quisera mostrar. Mas acodio Fidélia, mandando-o chamar, àquele paracismo de saudades, que contra gosto seu se ia empinando. Foi ele e depois de práticas conformes àquele tempo e estância, perguntou-lhe a princesa, se se tinha algũ conhecimento da terra e que opinião havia nos oficiaes do mar das outras naos, que faltavam.

Dramusiando lhe respondeo que era a terra já conhecida[311] e que as outras naos deviam estar salvas, porque tomando-as a mesma tormenta que a eles e sendo aquela costa de terra firme conforme ao parecer do piloto, pois o [126v] mar não soçobrara a uns, também o não faria aos outros e era de crer que pouco abaixo, ou acima achariam algum porto em que se recolhessem.

— Assim queira Deus (disse a princesa) que vos juro em verdade que temer o contrário, me não deixa cuidar que estamos salvos. E parecia-me, se julgais por bom este sítio, que mandásseis algum destes homens a longo do mar para baixo e para cima, quanto se puder ir, a ver se descobrem algũa notícia dos companheiros e da terra. E vós em nenhũa maneira do mundo vos bulais, porque não sei que sinto no ânimo, que me parece que vos hei de haver mister, para ofícios em que já algũa hora me não quisestes servir.

Ele lhe respondeo que logo ia a mandar os homens e que quanto ao que ela temia era fantesia do naufrágio ainda, que estivesse de bom ânimo, porque naquele sítio estava tão segura como em Boêmia. E que não cuidasse mais que em matar daquelas lebres, porque ali andavam. Que de si não tinham que dizer, pois só então lhe parecia que estava salvo quando a

[311] A: era a terra já conhecida / B: a terra não era conhecida

pudesse servir em cousa algũa.

E dando-se recado à princesa que vinha o embaxador a visitá-la, Dramusiando se foi a dar ordem aos exploradores, que detreminava mandar. E escolhendo quatro marinheiros, que lhe pareceram mais práticos, despedio-os por diferentes partes e tornou a entender na segurança daquela sua nova cidade, fortificando-a com estacadais, repartindo estâncias e ranchos e mandou a uns homens à caça com os instromentos, que puderam [127r] haver para provimento de todos, porque ele tinha detreminado de não bolir no que se desembarcara conquanto o pudesse remedear com o que houvesse na terra, não sabendo o que lhe seria necessário.

Não tardaram os caçadores, nem lhes foram necessários muitos instromentos para virem carregados da caça, que quiseram e de frutas tão várias e tão frescas, que inda que fora muito maior o número da gente, não deixaram de ficar banqueteados todos. Também vieram depressa dous dos homens, que foram espiar o mar abaixo ou[312] acima, afirmando cada ũ deles, que os caminhos ao longo de ágoa eram intratáveis de todo por respeito dos barrancos, riscos e despenhadeiros de toda a costa e que os da terra o eram também pela espessura e aspereza do mato, afora que querendo entrar por algũ que não era tão forte, ouviram bramidos e uivos de animais terríveis, que não sabiam se os viriam a acometer dentro naqueles reparos como lhe cheirasse a gente e que ao menos convinha ter prontíssima vigilância.

Não acabavam estes bem de referir o que lhes pareceo das partes, a que tinham ido, quando chegou ũ dos que levaram outro caminho, trazendo o vestido em pedaços escalavradas as mãos e os focinhos, de querer porfiar a entrar pelo monte, que perto do[313] lugar era de ũa mesma maneira e mostrando-se daquela em que vinha, não houve para que se lhe perguntasse mais pelo que negociara.

Não eram boas novas aquelas para quem se via atochado entre mar [127v] sem navio e terra sem caminho e sem mantimento que pudesse durar muito e sem instromentos de o buscar no mato como sua vezinhança abrisse os olhos aqueles animais, que se até então lhe não fogiam, não era de crer que o deixassem de fazer como se vissem hospedar tão mal ou para falar mais propriamente pagar tão mal de sua hospedagem, mas trouxe-lhas Deus melhores, antes, que o rigor daquelas lhes pudesse penetrar os corações de todo, porque o outro

[312] A: ou / B: e
[313] A: perto do / B: por todo o

companheiro, que faltava, chegou algũas horas mais tarde, o qual posto que não trazia a pessoa mui sã, todavia teve muito melhor fortuna.

E contou que passando ũ daqueles montes, que aparecia, vira ũ rio, que se ia meter no mar ao sul donde eles estavam, que naquilo que vira dele, lhe parecera em extremo fresco, assim pela doçura e limpeza de suas ágoas como pela cantidade de árvores, de que suas margens eram povoadas. E que indo seguindo o curso que trazia pela ágoa acima, lhe dera fim[314] topando com ũa serra asperíssima, a que dava volta e que estando cuidando por onde o tornaria a buscar, ouvira à sua mão direita golpes como de machado, que cortava lenha, aos quais atinando sobira com pouco trabalho certo outeiro, que lhe estava defronte, cheio de castanheiros e pinheiros. E que olhando dali descobrira ũ homem mancebo, vestido de panos mui pobres, que com ũ podão alguns ramos secos cortava daquelas árvores e fazendo ũ feixe deles para [128r] levar como fizera, às costas e por lhe ficar mais perto quisera lanção[315] mão dele por lhe não fogir, se porventura quisesse, porém que ele levantando o podão com ũ grande sossego, preguntara que era o que queria? E que então dissera, que saber dele que terra era aquela e se havia por ali algũa povoação em que se reparasse a gente de ũa nao, que o dia de antes dera ali a costa e estava sem remédio.

— Ao que me ele respondeo (dizia o vilão) que a terra era de Espanha, província de Lusitânia e a povoação ũ oratório, que ali perto estava, em que vivia ũ pobre ermitão. E que o socorro e consolação que de seu estado e pobreza se podia esperar, teríamos ali certo. E que eu podia, se quisesse, ir logo com ele a buscá-lo. Porém certificando-me que a ermida não estava longe daquele monte, por vos não dilatar estas novas, não quis passar adiante e voltei a dar-vo-las, deixando balizas no caminho, que são uns ramos, que em todas as árvores que há nele tenho quebrados com o que não o podemos perder. E agora vede se mereço alvíssaras.

[314] A: lhe dera fim / B: lhe perdera o fio
[315] A: lanção / B: lançar

## Capítulo 39

Do alvoroço que Dramusiando e a princesa tiveram de ouvir aquelas novas e do em que se resolveram. [128v]

Temos já dito no capítolo passado que as aflições e discursos de Dramosiando e da princesa eram muitos e assi parece que podemos escusar de dizer agora o alvoroço com que os deixou a nova, que aquele homem lhe dava, pois à medida de ũa cousa, é bem de crer, que a outra fosse, particularmente não havendo muito que o piloto tomando o sol lhe tinha dito a ele em segredo, que lhe parecia que estavam nas costas de África, que era, se fora certo, o que peor estava a Dramosiando, por quanto mais arriscada ali, que em qualquer outra parte, ficaria a autoridade[316] da princesa e ver-se agora aportado em Espanha e não só em Espanha, mas em Lusitânia, donde se ele julgava por natural e vizinho, não cabia de contentamento. Não falava[317] ele em Fidélia, que depois de mandar pagar mui bem àquele homem, disse para Dramosiando rindo:

— Já agora Dramosiando, quer vós queirais, quer não, não nos iremos desta vez sem ver o Castelo de Almourol, que não é possível que esteja daqui mui longe

— Tempo foi senhora (respondeo ele) que esse vosso desejo pudera fazer bem grande dano a muita gente.

— A Miraguarda, lhe replicou ela.

— Não digo tal, acodio ele depressa rindo. E agradecei-me não me vingar com ũa grossaria dita acerca de quererdes que acaso[318] dissesse outra. Mas porque vejais quão duvidoso está o juízo dessas cousas, falando já [129r] como velho eu vos prometo, se quereis e estamos onde nos dizem, de vos ir mostrar o escudo, que nos ali teve a tantos tanto tempo, que não há muito que Dom Floris me disse, que sua irmã lho dera para o tornar àquele seu castelo. Ainda que segundo a condição deste mancebo, hei medo que o tenha lá mais escondido agora, do que no tempo da irmã o estava.

— Eu aceito a promessa, disse Fidélia e também vos prometo, que diga livremente o que me parecer, sem respeitar injúrias alheas, nem próprias.

---

[316] A: autoridade / B: autoridade e vida
[317] A: falava / B: faltava
[318] A: acaso / B: acinte

E passando ao que importava, Dramosiando quisera ir-se com aquele homem à ermida, para se inteirar melhor do que lhe convinha saber, mas de nenhũa maneira veio Fidélia nisso. E porque abalar toda aquela gente sem mais clareza não parecia a prepósito, tomou-se ũ assento, que porventura foi o peor de todos, mas se à vontade dos príncepes não é razão que se resista, aos apetites das princesas e mais fundados em devação vede quem resistiria.

Resolveo-se Fidélia enfim em ir àquela ermida, acompanhada de Dramosiando e de alguma gente, que iam despejando o caminho dos ramos e mais cousas, que o embaraçavam e uns homens que a levavam e a Enáclia em ũas cadeiras, que da nao tiraram, acomodando-as e compondo-as com hásteas de lanças de maneira que puderam ir [129v] com comodidade. Pleonido se concertou com ũ marinheiro, que o levasse às costas e não foi mao entertenimento para o caminho, porque o vilão fazia-lhe travessuras e Pleonido queixava-se engraçadamente delas.

Concertou-se a jornada para o outro dia e ficando o embaxador encarregado de tudo o mais, que ficava, partio a princesa na forma e com a companhia que temos dito e posto que não saío tarde das tendas, nem a distância era grande, nem o vilão errou as balizas, tal era o caminho e tantas foram as vezes que conveo que as cadeiras descansassem, que não puderam chegar ao sítio onde a ermida estava, senão a horas, que lhe ficavam já bem poucas ao dia para se não acabar de todo.

Pararam as cadeiras em ũ outeirinho menos povoado de árvores e de penedos toscos e não mui grandes, cubertos a lugares de ũ musgo verde, não mal assombrado à vista e rodeados pelos pés de ũa erva muito meúda e fresca com algũas moutas de zimbros e buxos, pouco mais altas, que a mesma erva. Ia o sol já para se meter nas ondas do mar, que dali apareciam clara e destintamente deixando uns horizontes tão fermosos, que junto à graça daquele sítio e ao inquieto rumor que fazia por entre as pedras certa ágoa, que por ali corria e uns gritos, que de quando em quando soavam mais abaixo de melros e rouxinoes, que eram ordinários habitadores daqueles montes, suspenderam de maneira o ânimo [130r] da princesa, que esteve vendo e notando tudo, que perdido, ou esquecido todo o passado temor, disse a Dramosiando (querendo ficar mais livre para contemplar aquelas cousas) que se fosse a ver o oratório e falar com quem estivesse nele, porque ela queria ficar ali entretanto, que ele não vinha.

E deixando a cadeira, apartou-se com Enáclia e Pleonido, ũ pouco mais adiante, donde se divisava o mar mais descuberto, sentando-se em ũ pequeno plano, que ao pé de ũ daqueles

penedos se fazia, pondo as costas nele e o rosto ao mar começou-se a entregar outra vez à incerteza[319] daquela jornada, aos desastres a que se via sojeita e derramando algũas lágrimas de compaxão de si mesma, ia entrando em maiores paracismos, mas despertou-a ouvir cantar ũa vox tão branda e tão suavemente, que a não se sobressaltar com aquela novidade, mais poderosa fora aquela música para a suspender do uso de todos os sentidos, que para a tornar em si como fez, porque acordando ela com aquele sobressalto do que ouvira, tornou todavia a aplicar-se à música, que saia de entre outros penedos, que estavam ũ pouco mais abaixo daqueles de donde ela a ouvia. E com ser muito perto, nem ela via quem cantava, nem era vista da pessoa, que o fazia, porém a vox era tão clara e tão enternecida juntamente e Fidélia tão pronta e tão esperta, que poude entender bem que era ũa ode, que dizia assim: [130v]

Forçada obediência
Sonhe, invente, discorra o entendimento,
que nunca poderá ter[320] fundamento,
Que abone a resistência,
Que fazeis ao preceito e a aspereza,
Que entoadas[321] soe achar nossa fraqueza.

Obedecer é força,
Mas não o é obedecer forçado,
Que depois de vos terdes declarado
Se obedeço por força,
Mostro em vosso perceito tirania,
E na minha obediência grossaria.

Convém obedecermos,
E pois convém, convém[322] que obedeçamos,
De modo que algũa cousa mereçamos,

[319] A: à incerteza / B: à contemplação daquele estado em que se via, à incerteza
[320] A: ter / B: achar
[321] A: entoadas / B: em todas
[322] A: convem convem / B: convem

Pelo menos nos termos
Confirmando[323] a vontade com a vontade,
A que não é bem mostrar contrariedade.

Mandaste-me,[324] obedeço,
Não quereis que vos veja, não vos vejo.[325]
Mas se ficou comigo ainda[326] o desejo,
Que prêmio é o que mereço?
Antes castigo sim, porque defeito
É tudo o que respeita a meu respeito.

Ver-vos é glória minha,
E não vos ver é glória e gosto vosso.[131r]
Inteiramente bem cumprir não posso
Com a obrigação, que tinha,
Enquanto não tiver de todo posto
O que era gosto meu no vosso gosto.

Enquanto a ter não chego
Por deleitosa a pena de não ver-vos,
Só pelo bem que tem de obedecer-vos,
Contra vento navego,
E não será possível que cheguemos
A dobrar nunca o cabo dos extremos.

Perturbam-me os sentidos,
Mas as potências d'alma me defendem.
A[327] mistérios de amor não os comprendem

[323] A: confirmando / B: conformando
[324] A: mandaste-me / B: mandastes-me
[325] A: vos vejo / B: vejo
[326] A: comigo ainda / B: ainda

Corações abatidos.
Regula-se a grandeza dos objetos
Pela grandeza dos seu[328] efeitos.

Da terra se levantam
Pela atração do sol corpos pesados,
Depois noutra substância transformados
Descem e não nos espantam,
Antes bem vista a causa se faltara,
Aquele efeito então nos espantara.

No fluxo e no refluxo,
Destas ágoas, que crescem e que decrescem,
A força grande os homens reconhecem
Do poderoso influxo,[131v]
Com que a lua governa e senhorea
Estes úmidos corpos,[329] que menea.

Nas nossas cousas[330] várias,
Se mostram as influências das estrelas
Não dependemos nós em tudo delas,
Porém se são contrárias,
É cousa perigosa, porque inclinam
De modo, que parece, que dominam.

Quem vê que a borboleta
Com gosto obedecendo à luz, que a[331] chama,
A morte vem buscar na ardente chama!

---

[327] A: a / B: os
[328] A: dos seu / B: às vezes dos
[329] A: corpos / B: campos
[330] A: cousas / B: sortes
[331] A: à luz que a / B: a quem a

A virtude secreta
Da natureza logo ali compreende
Mais misteriosa quanto mais ofende.

Com tanta pressa corre
Buscando a ágoa do mar a ágoa do rio,
Que não sei se é obediência,[332] ou desafio,
Mas o certo é que morre
Por chegar a morrer com tanta pressa
Que gosto na obediência se conheça.

E pois creaturas rudas
Do natural impulso só levadas
Vêm[333] contra si a obedecer, mandadas
Por ũas vozes mudas,
Que muito que quem mais de[334] rezão sente
viva e morra com gosto obediente? [132r]

Se só por ser mandado
Vos devo obedecer, ao[335] que vos devo,
Por me mandar, cuidá-lo não me atrevo,
Porque tão obrigado
Me sinto a este tamanho benefício
Que inda devo mais gosto ao sacrifício.

Oh se alguém algũ hora
Isto, que aqui escrevemos porventura
Julgar por sonhos vãos, ou por pintura,

[332] A: obediencia / B: obra
[333] A: vem / B: vão
[334] A: de / B: da
[335] A: ao / B: o

Ignorará senhora
De toda[336] a causa sua, que a sabê-la,
Diferentes efeitos crerá nela.[337]

Cessava a música e ficavam ainda os acentos enchendo os vãos, que em alguns daqueles penedos havia com ũ som tão brando e saudoso, que aparecia, que se comoveram eles próprios da dor com que seu dono os pronunciara. Que faria logo aquela princesa, que por entendimento e por saudosa de seu passado descanso estava mais obrigada àquele sentimento? Assim foi, que com perenes lágrimas solenizava o que ouvia. E antes que se elas acabassem começou outra maneira de música menos suave nos números, mas não no brando das palavras, que foram ũas com que entre profundos sospiros aquela mesma vox dizia:

— Valha-me Deus senhora! Como é possível que sem ofensa do que vos quero, porfie [132v] tanto comigo para apagar em mi o desejo, que tenho de ir a ver-vos, sendo ele efeito daquela causa?[338] Que separação é esta que faz a fantesia entre obedecer-vos e amar-vos? Eu a não entendo em verdade, nem deixo de cuidar às vezes, que poderá ser ilusão dos sentidos, para se aliviarem a si da pena deste desterro, deixando as culpas n'alma, donde só se sentem os gostos da obediência. De tudo é razão, que se tema, quem vos descontentou sempre com tudo, porém estando sempre como estou certo de que vos amo e que vos obedeço, o modo governe-o o Amor como quiser, que bem sei que nem este, nem aquele ham de chegar nunca a vós, porque nem para vós vos escandelizares de mi vos lembra se sou nascido. E entre as outras obrigações em que me põem meus cuidados, não é pequena a deste desengano com que enfim se quietam estoutras dúvidas, porque ficando de mi para o amor e do amor para mi as satisfações e os escândalos, governando-me ele e não vos lembrando vós, de quem me posso temer nos modos deste meu amor que não entendo?

Não poude o pobre homem ir por diante mais, nem sei se pudera ouvir-lhe mais quem o ouvia, porque lhe não cortava menos à princesa ouvi-lo, do que lhe cortava a ele o que dizia. E de maneira a tinham apertada as lastimosas queixas daquele [133r] homem, que a não parar naquele ponto em soluços, que não ficaram em segredo, porventura que dera ela sinal em os seus, da lástima, que aquelas razões lhe fizeram. Mas parando como digo, poude a princesa

[336] A: toda / B: todo
[337] A: crerá nela / B: haverá dela
[338] A: causa / B: mesma causa

moderar aquele efeito, que provocara nela a generosidade de sua condição, o lugar em que estava, as queixas daquele quereloso e ansioso termo, por que eram derramadas.

E querendo chamar a Pleonido (que também tinha-o passado consigo ũ par de discursos tristes) para o mandar a ver-se donde aquilo saía, Dom Duardos (que este era o das queixas) parecendo-lhe hora de se ir para o seu recolhimento enxugando como melhor poude suas lágrimas, pondo-se em pé escutou aquela deligência do enano, porque logo ficou patente aquela companhia. E ele a vio também logo. E muito mais espantado do parecer de Fidélia, que da novidade de a ver naquela parte, deixou-se estar quedo com não pequeno sobressalto, porém foi bem maior o que a princesa teve daquela visão, que súbito lhe apareceo assi aos olhos, julgando-o por algũ bruto daquele mato, não crendo que dele tinha saído a vox que ouvira. E não era muito porque estava tão desfeito da aspereza e rigor com que se tratava e o traje era tão mao, o cabelo tão crescido e descomposto, que em nada se parecia consigo, mais que no juízo e criação com o qual conhecendo [133v] a perturbação em que sua vista metera aquela gente, que no parecer e traje não julgou por ordinária, fez o que adiante diremos.

## Capítulo 40

Do que Dom Duardos passou com a princesa e o mais que ela fez no tempo que ali esteve.

Entendendo Dom Duardos como no fim do passado capítulo dissemos, quão inquietas tinha aquelas mulheres a súbita aparição sua, querendo livrá-las daquele sobressalto e não havendo outro caminho para se ir, senão o por onde elas estavam, houve de o fazer por força. E como esteve mais perto, disse-lhes com grande comedimento, que ele chamaria ũ religioso, que ali perto vivia, para que as viesse consolar do trabalho com que deviam vir. E sossegando-se mais a princesa vendo ũ termo tão dessemelhante daquele trajo e sítio, respondeu-lhe:

— Nós temos já mandado por ele a gente, que vem conosco e entretanto nos dizei vós que terra é esta e que povoação a que lhe está mais perto.

— Porventura que por vos obedecer (lhe replicou ele) quebrara eu o perceito de outra obediência, se houvera de tardar quem melhor o pode fazer.[339] Por isso dai-me licença para me ir, que não será razão pois me destes a primeira ocasião de comprir este perceito, que digo, que me deis também o de o quebrar [134r] logo.

E com muita modéstia se despedio sem falar mais palavra algũa e não pouco condoído de lhe parecer que algum desastre grande arrojaria ali aquela gente e de lhes não ver bom meio para se irem, a respeito da aspereza da terra e calidade do sexo e pelo perigo das feras, que por todos aqueles montes habitavam. E indo com este cuidado, deu de rosto com Dramosiando, que tornava para a princesa contente e devoto, tendo feito oração na igreja e levando-lhe aquele religioso. Logo Dom Duardos o conheceo e ficou o mais atribulado homem do mundo, cuidando que também seria conhecido dele. Não soube que fazer, senão encomendar-se a Deus que lhe valesse naquela aflição e a baixar a cabeça ao passar por ele. Mas o religioso o deteve, dizendo-lhe:

— Temos hóspedes filho, será razão que os agasalhemos com nossa pobreza, por isso tornai conosco, que para algũa cousa vos haverão mister.

— Aqui abaixo fica gente (lhe replicou ele) e eu vos ia agora chamar para lhe responderdes ao que a mi perguntaram. E pois lá ides, se vos parecer, verei se há algũa cousa que fazer em casa.

---

[339] A: melhor o pode fazer / B: melhor vos pode satisfazer

— Embora (lhe disse o padre) e foi-se com Dramosiando, que não caíra em Dom Duardos, inda que lho nomearam.

E também ia tão contente de saber que não estava mais de seis légoas da cidade de Alta Rocha e que ali tinha certo tudo o que a princesa havia mister, que nenhũa outra cousa lhe lembrava já mais, que os navios, que faltavam.

Chegaram enfim [134v] aonde ela estava a horas que o sol era de todo posto. E depois que a princesa tomou a benção àquele religioso com muita devoção, quis a levassem à igreja, para passar ali aquela noite em oração, preparando-se para se confessar e comungar ao outro dia. E tornando a tomá-la na cadeira os homens, que a trouxeram e a Enáclia, foram-se lá. E Dramosiando despedio dali a guia ao embaxador com ordem da princesa, avisando-o do que tinham achado e do que esperava fazer ao outro dia, que era mandar à cidade buscar ũ navio, que os houvesse de tomar naquela parte onde ele ficara, porque para ir tanta companhia por terra, não havia caminho, nem comodidade e pedindo-lhe que lhe mandasse algũas cousas, do que a princesa tinha necessidade.

Ficou Dramosiando à porta da igreja com os homens, que tinha consigo, fazendo guarda à princesa, que com Enáclia e Pleonido dentro dela, passou toda a noite, ora rezando, ora encostada sobre ũas cortiças, que ali havia. E o religioso e seus companheiros nos seus buracos, ou covas, a passaram também, mas com diferentes cuidados uns dos outros, porque a princesa e Enáclia davam graças a Deus de se verem livres e examinavam suas consciências, para se confessarem ao outro dia. Dramosiando cuidava em mandar à cidade em amanhecendo dous daqueles homens buscar embarcação para os mais e não se resolvia [135r] se aventurasse a princesa outra vez ao mar, se a levasse por terra, inda com o trabalho que prometia a aspereza daquela. O religioso pesava-lhe de ver ali tanta gente, porque lhe inquietavam o seu repouso e temia que já daquela vez ficaria aquele sítio sabido e vesitado de algũa que a princesa mandaria vir da cidade para o que lhe fosse necessário com o que se profanaria a solidão em que tantos anos havia conservava seu espírito quieto.

Dom Duardos era o que peor livrava, porque por muitas vezes esteve para deixar de todo aquela morada, havendo-a já pelas mesmas razões do religioso por incapaz de seus segredos. Maldizia sua fortuna, que nem ũa tão pequena e tão remota parte da terra lhe quisera deixar livre para suas obediências. E ũas horas cuidava que era impossível conhecê-lo Dramosiando, outras que também o seria deixar de conhecer. Espantava-se de como ali viera.

E parecendo-lhe que vira já aquela senhora a quem ele acompanhava, não podia cair adonde fora, nem quem ela era. E como da conversação daquele religioso, da aspereza do sítio em que vivia, da mortificação com que se tratava, tinha aprendido a invocar a Deus nas maiores opressões, levantou-se e foi buscar o religioso para se confessar com ele e amansar assi a força daqueles pensamentos, que o afligiam.

Ouvio o religioso e aconselhou-lhe que por então, não fizesse mudança, porque se Dramosiando o não conhecesse, que não era necessário [135v] nem podia ir a outra parte onde melhor estivesse e que quando houvesse nele ainda sinais, por que fosse conhecido, que sempre lhe ficava tempo para mudar de sítio, porque não era de crer que o quereria aquele gigante forçar a segui-lo, porque lhe parecia homem brando, a[340] fora em tudo das condições dos outros gigantes.

Não tinha Dom Duardos dito ao frade quem era e assim não foi muito que lhe falasse daquele modo com ũa natural singileza, movido também do amor, que pela conversação daquele tempo, que havia que o tratava, já lhe tinha, desejando que não deixasse sua companhia. Assim o fez ele por então e tornou-se a aguardar a menhã no seu cubículo, a qual vindo, confessou-se a princesa e confessou-se Enáclia e comungaram ambas depois da missa que o religioso lhe disse com grande devoção sua e edificação delas.

Foi-se o ermitão despir à sancristia e[341] tornou outra vez a fazer oração à igreja e a falar à princesa acabada ela. Com quanto[342] eles estavam naquela conversação, Dramosiando tinha feito acender fogo no campo e da provisão, que já viera das tendas, ordenou que se fizesse de comer à princesa.

Perguntou ela ao religioso pelo companheiro que lhe vira o dia de antes e que então não aparecia, guardando para aquela hora, o que lhe detreminava perguntar a ele da música, que lhe ouvira. O frade lhe disse que andaria ocupado lá por dentro, cuidando que o poderia esconder, mas enfim fazendo [136r] ela força, houve de vir a falar-lhe. Dom Duardos com pouco gosto pelo que temia e com menos ainda de lhe parecer que não era cousa de morto, nem de mortificado, falar com vivos e alegres, mas obrigado enfim da obediência de quem o governava e do respeito de quem queria que viesse, chegou aonde o aguardavam e o religioso

[340] A: a / B: e
[341] A: foi-se o ermitão despir à sancristia e / B: e depois pôs-se a conversar com o ermitão que indo-se a despedir à sacristia
[342] A: com quanto / B: e enquanto

lhe deixou o lugar e foi-se a mostrar o caminho aos homens, que Dramosiando mandava à cidade.

De lanço em lanço finalmente veio a entender a princesa, que embrulhado naquele burel se escondia ũa grão pessoa, porque ainda que Dom Duardos respondia descuidadamente a muitas das cousas, por que lhe ela perguntava era aquele seu descuido tão atinado e o juízo da princesa tão pronto, que o maior argumento, que ela teve para aquela imaginação, foi o próprio meio, que ele tomava, para que a ela tivesse diferente. E assentando consigo que aquele homem fazia aquela vida por algũ respeito humano, perdeo-lhe a devação de penitente e mortificado, mas respeitou-o como discreto e mofino, se se pode chamar assi a quem com gosto próprio, se deixa tiranizar de sem-rezões alheas. E porque vio que a conversação lhe ia já sendo pesada, o despedio e ficou preguntando a Enáclia e a Pleonido, o que lhes parecera daquele companheiro do ermitão? Ao que Pleonido lhe respondeo:

— Se eu senhora não temera que me julgásseis ainda por enjoado, afirmara-vos [136v] que não vi em minha vida cousas entre si tão semelhantes como fora este ermitão com o Cavaleiro do Sol, se ele fora ermitão, ou estoutro cavaleiro.

E não dizia mal o enano, que não se pareciam pouco aqueles dous primos, se não que Primaleão era mais preto e Dom Duardos andava-o então tanto que vinha a sê-lo mais.

Porém Enáclia lhe disse:

— Ora vos digo Pleonido, que já sou mais amiga do Cavaleiro do Sol, do que o vós sois, porque me parece que nunca tal injúria se fez a homem.

— Nas injúrias não me meto disse a princesa, nem nos pareceres também, mas digo-vos de verdade que é mais que ermitão isto que aqui anda.

— Não sei certo (replicou Enáclia) em que a Vossa Alteza lhe parece isso. Um maricão muito longo, atado pela cinta e os pés gretados, que fala manso porque lho ensinaram assim na sua regra. E quanto ao cantar de ontem, veja Vossa Alteza em que lugar ele estava e de que parte nós vínhamos e com que conceitos de sítio, para nos não parecer ũ anjo, tudo o que não fosse ũ usso, ou ũ leão. Aposto que se agora tornasse a cantar, que fogiríamos, ou taparíamos os ouvidos pelo não ouvir.

— Não canta mal (tornou a dizer a princesa) mas ainda a mi me parece que fala melhor. Vós sois má de pressuadir e eu não vos quero pregar. Contudo se nos viremos algũ hora em Constantinopla com Daliarte (que eu desejo muito de ver) lembrar-vos-á que lhe

perguntemos qual de nós se engana. [137r]

Apartou Dramosiando aquela contenda com vir dizer à princesa o que tinha prestes e ela se foi a comer debaixo de ũas árvores, que ali havia perto. E do que mais passou daremos conta a seu tempo.

## Capítulo 41

Em que se da conta de como Palmeirim de Inglaterra e seus companheiros chegaram ao sítio em que se perdera a nao da princesa e do que ali fizeram.

Partido Palmeirim de Inglaterra e os mais que com ele vinham do porto de Aliboazém como temos dito e navegando na volta de Constantinopla, conveo-lhe, pela paragem em que estavam, o virem a demandar a costa de Espanha para embocarem o estreito e entrarem na navegação de Itália e Grécia e sendo tanto avante como a boca dele acharam o vento tão ponteiro, que de nenhũa maneira o puderam entrar. E havendo por força de pairar por ali, perguntou el-rei Beroldo ao piloto, quanto se fazia da Serra da Lua?

— Poucas légoas, lhe respondeo ele, e é o vento tão bom para lá, que se vos cumprisse, antes de dous dias acabados estaríamos na Roca.

E ele então, que nunca a tinha visto e tinha grandes enformações das maravilhas dela e andava quando Daliarte [137v] o mandou chamar para ir a Constantinopla, cada dia para fazer jornada àquela parte e edificar nele[343] se lhe parecesse conforme com as relações, que se lhe mandavam, ũa casa de campo tão suntuosa, que igualasse as perfeições naturaes do sítio. Vendo-se então naquele lugar e com aquele vento, sabendo que o mesmo com que haviam de entrar no estreito, lhe servia d'acolá, dando conta a Palmeirim e a Floriano e aos mais, daquela vontade e do fundamento dela com geral aprovação de todos, indireitaram a proa para lá e em menos tempo do que o piloto lhes afirmara, se acharam defronte da nova cidade, que Dramosiando tinha edificado ao mesmo ponto em que ele começava a caminhar com a princesa para a ermida e divisando gente, quasi ouvindo o rumor dela como eles iam cheios de que a terra era despovoada e misteriosa, julgaram aquilo por ũ dos seus mistérios.

E alvoroçando-se os mancebos, cuidando que tinham ali as aventuras certas em que arriscassem suas pessoas, que era a fruta em que os daqueles tempos mais desejavam cevar-se, apressaram os marinheiros para que tomassem terra. Lançou-se o batel fora e sorgio o navio o mais perto que poude. E porque já dali viram com mais clareza que havia gente de trás daquelas estanças,[344] quis Palmeirim contudo que fosse ũ escudeiro prático a tomar língoa

[343] A: nele / B: nela
[344] A: estanças / B: estacas

daquela novidade.

Os da terra que ainda não sabiam [138r] bem aonde estavam, não deixaram de se alvoroçar de ver navio naquele porto, não cuidando que seria peor a mais má companhia que lhe pudessem fazer, que aquela que esperavam, que o longo andar daquele deserto lhe faria. Mas contudo, detreminando de se defenderem se porventura fossem acometidos, fizeram-se prestes conforme a ordem que Dramosiando lhe dera, vendo vir o batel a eles. Chegou ele enfim e saindo o escudeiro em terra, vio logo arvoradas algũas bandeiras da que o embaxador trazia na nao, que o não descontentaram, porque eram das armas do emperador Primaleão, que ele bem conhecia.

E finalmente em poucos lanços lhe ficou patente que gente era aquela e, ao embaxador que falava com ele, qual era a que vinha no navio. E fazendo com isto tamanhos extremos de contentamento como é de crer, escreveo logo a Dramosiando, despachando-lhe ũ peão e trás isto meteo-se no batel, dando mais crédito ao escudeiro do que porventura as regras da prudência prometiam,[345] e foi a buscar aqueles príncepes, os quais não menos contentes de o verem, particularmente os que se embarcaram com ele em Boêmia, fizeram-lhe ũ gasalhado e recebimento, porém quando depois entenderam que a princesa e Dramosiando eram salvos e estavam ali mesmo então foram os alvoroços e os contentamentos [138v] sem termo.

Não quis Palmeirim que se dilatasse o ver aquela princesa, que era o desejo que então mais o acompanhava pelas cousas que dela lhe diziam. E desembarcando todos conforme o batel os podia sofrer, viram e consideraram aquele sítio e louvaram por extremo a indústria, deligência e juízo de Dramosiando e logo mandaram outro peão a avisá-lo que se não bolisse (temendo que o traria a eles o primeiro recado que lhe o embaxador mandara) porque queriam ir acompanhar a senhora princesa e vesitar também a ermida, de que ali acharam novas.

E entretanto aqueles cavaleiros mancebos, armados como todos saíram começaram a entrar pelo monte divedidos entre si a matar dos gamos e gazelas, que por ali havia, mas não se detiveram neste exercício muito, que não os ajuntasse ũa roim nova, que é a melhor trombeta, que se pode achar, a qual lhes trouche o peão, que Palmeirim tinha despedido em companhia de mais dous que encontraram como a seu tempo vos dirá a história, que agora torna a dar conta da princesa.

[345] A: prometiam / B: requereram

## Capítulo 42

Das novas que a princesa teve ali aonde estava e de como Dramosiando se foi e roubaram a princesa. 139r]

Levantou-se para ir comer debaixo de ũas árvores a princesa Fidélia como em seu lugar dissemos e ainda estava à mesa falando com Dramosiando, que lhe assestia a ela, quando chegou a eles um dos marinheiros, que ficaram com o embaxador com a carta, que lhe ele escrevera. E dando-lhe e pedindo-lhe alvíssaras juntamente, Dramosiando a abrio com licença da princesa e vio que o embaxador lhe dizia como àquela hora surgira naquele sítio ũa nao em que vinham Palmeirim de Inglaterra e Floriano seu irmão e Beroldo rei de Espanha e Graciano de França e com eles Vasperaldo, Trineo, Recindos, Arnedos, Frenélio, Belcar, Ardimão de França, Polendos, Pavorante, Almourol, Palmeirim de Lacedomônia e Dom Floris de Lusitânia. Os quais não tinham ainda desembarcado, mas que vendo do mar aquela fortificação em que eles estavam recolhidos, parecendo-lhes cousa nova, mandaram o batel a terra a informar-se dela e que da gente que nele viera fora avisado da nova que lhe escrevia e que logo se ia no próprio batel a vê-los e dar-lhes razão de si e da princesa. Que esperava que todos sairiam a terra em sabendo que ela e ele estavam por ali.

Mal se pode duvidar do contentamento com que Dramosiando leu aquela carta e não o mostrou também a princesa pequeno, porém com ũ grande sobressalto, que dentro de si sentia [139v] disse para ele:

— Em verdade Dramosiando que não pode ser mais alegre e milagrosa nova, que esta sobre o que nos tem acontecido. E bem se vê que se não esquece Nosso Senhor de nós, mas não vos posso negar que me fazem saudades os companheiros, que faltam. Quererá ele que todos sejam salvos, para que em tudo conheçamos suas misericórdias.

Então reparou Dramosiando, mas tal o tinha o alvoroço da vida,[346] e da vinda dos amigos, que nem ainda assim penetrou a verdadeira causa de donde aquelas palavras saíram, parecia que em castigo de adivinhar, ou sospeitar que[347] a não havia. E cuidando que a falta de Ludínio e dos outros criados da princesa a faziam dizer aquilo, respondeo-lhe que estivesse de

[346] A: vida / B: vida do filho
[347] A: que / B: quando

bom ânimo, que Deus lhes havia de querer fazer inteiramente aquela mercê, que começara e que muito cedo esperava nele, que teriam tão boas novas de Ludínio como dos mais até então tinham. E que se lhe parecesse, pois tudo estava já seguro, que ele iria a visitar aqueles príncepes de sua parte e a trazê-los ali, para detreminarem diante dela o caminho, que haviam de tomar.

E a princesa, ou que com a perturbação das novidades, que sentia, se esquecesse de seus passados temores, ou que se enfadasse de lhe ele pedir aquela licença, sobre lhe ter dito algũas vezes, que a não desacompanhasse, disse-lhe que fizesse o que lhe parecesse, porém que a visita de sua parte fosse só aos cavaleiros, que com ela vieram de Boêmia, dizendo-lhe [40r] que se alegrava de terem escapado da tormenta. Ele se foi, deixando ali os homens.[348] E a princesa então sem saber o que dizia pondo os olhos em Pleonido, disse-lhe:

— Que vos parece Pleonido de vosso amigo o Cavaleiro do Sol?

— Ai Senhora (lhe respondeo ele) não me faleis nisso, que me rebenta o coração de cuidar que pode ser morto, pois não vem com os companheiros com quem o deixamos.

— Galante homem sois vós (lhe replicou ela) Está o outro em Constantinopla gozando os mimos de sua mai e os favores de suas parentas e vós chorai-lo aqui por morto? Os mortos, Pleonido, somos nós, na sua memória pelo menos, mas melhor o fez Deus, que sem sua ajuda e cuidado, nos tem livres.

— E de donde infere Vossa Alteza isso? (tornou a dizer o enano) Que eu afirmo a Vossa Alteza que se o cuidara, que lhe perdoara facilmente esse que julgais por descuido, porque ele não é gaivota, nem golfinho, para andar por cima das ondas em busca de quem a fúria delas não quer deixar lugar em si seguro.

— De donde o eu infiro (respondeo a princesa) é de estarem ali os companheiros com quem vinha embarcado e ele não. E eu não quero crer que se lançaria ao mar, porque como vós dizeis, não é golfinho, nem gaivota.

Enáclia que ouvio a princesa, pareceo-lhe aquilo mistério e trazendo-lha guardada havia dias, atravessou dizendo:

— Mais razão me parece a mi que Vossa Alteza tem de se doer de [140v] Primaleão por desditoso, que de se queixar dele por descuidado, porque verdadeiramente melhor se pode julgar que ele só se apartaria dos outros para buscar a Vossa Alteza, que não para se ir a sua

[348] A: homens / B: homens das cadeiras, partio-se logo com tenção de tornar no mesmo dia

casa, deixando-os a eles nessa demanda. E a prova é tão clara, quão certo é que estejam ali Palmeirim, Floriano e os mais, de quem necessariamente havemos de dizer, que ou se vão direitos a Constantinopla, ou se vinham direitos a esta terra em companhia do rei dela com algũ intento, porque chegarem ali, onde diz que eles estão, não foi tormenta, nem parece acaso e se Primaleão se quisera ir a sua casa, não tinha para que os deixar. Mas Vossa Alteza não deve ignorar isto, senão que folgara de o ouvir, porque o não quer confessar nem agradecer.

A princesa então tornando em si e vendo onde a levara aquele efeito, que sem ser dela conhecido se lhe ia apoderando do entendimento, a furto porém da vontade, respondeo-lhe:

— Por vida vossa Enáclia, que me não deis tão roim conta de vós como será mostrardes-vos mui senhora de vossos sentidos, no estado em que nos vemos. Eu não sei o que disse, nem entendo isso que vós dizeis. Vejo-me fora da casa de meu pai, posta em ũ monte habitado só de feras e de penedos. E vejo que Ludínio e tudo o mais que tem nome de nosso, é o que só falta. Que melhor sorte cuidais vós que nos espera? Até Dramosiando com quem parece que pudéramos estar mais seguras, sendo tão entendido e de bom termo, [141r] e tendo-lhe eu pedido que nos não desacompanhasse, não bastou nada com ele para nos não deixar aqui como vedes, onde a maior segurança, que podemos ter, é não haver quem queira ofender-nos e isto por ir a ver uns homens, que se forem os que a fama poblica, não tardarão em vir a socorrer-nos por donzelas desemparadas ao menos. Ora como cuidais vós, que tendo eu os olhos nestas cousas, posso atinar, nem cuidar em outras algũas?

Enáclia então teve tamanha lástima dela, que arrependida do que lhe tinha dito, rebentando em soluços começou a derramar juntamente com Pleonido, grande cantidade de lágrimas, de que a princesa a tornou a repreender, consolando-a juntamente porque lhe disse que aquelas demonstrações não eram para as molheres como ela. Sentirem seus trabalhos si, mas esperar quieta e sossegadamente em[349] Deus o remédio deles e que julgando tudo o que vissem por vindo da sua mão, viriam a ausentar-se dos poderes da Fortuna, achando nos trabalhos a suavidade que tem aqueles que o Senhor dá.

Parece que se preparava a princesa a si mesma por secreto vaticínio do coração para os em que havia de entrar dali a breves horas e que queria o ceo fortificá-la com aquele conhecimento das cousas, a que estava obrigada, para não desmaiar nas tribulações, que por seus ocultos juízos choveram logo sobre ela, porque ainda não tinha bem acabada de

[349] A: sossegadamente em / B: confiadamente de

pronunciar estas últimas palavras, quando ali [141v] apareceo um gigante de monstruosa grandeza e deformidade e quatro homens de serviço com ele armados de capacetes e alabardas e vinham todos fazendo tanto rumor por aquele mato, que posto que procuravam encobrir-se, não poude a princesa deixar de senti-los e vê-los, ainda ũ pouco apartados e notando como indireitavam para onde ela estava, representando-se-lhe subitamente tudo quanto tinha sonhado e temido, disse para Enáclia:

— Enáclia amiga, presente tendes agora, o que eu há dias trago sempre presente. Não é tempo para muitas palavras e muito menos para esmorecimentos, nem desmaios, digo-vos só que é licito a ũ homem matar a outro, que o quer matar a ele e que também parece que uma molher honrada se pode privar a si da vida, para conservar sua honra. E não cuideis que pode faltar meio para isto inda que nos atem as mãos, que com recolhermos os alentos dentro de nós mesmas, brevemente levantaremos um grande muro entre o fruto e a esperança de quem cuidar colhê-lo. Porém isto há de ser quando de todo o dano for sem remédio.

E em acabando de falar se deixou ficar não amarela, mas descorada esperando aquela tormenta maior e muito mais perigosa, que todas as por que até então tinha passado. Enáclia não poude tanto consigo, que por cima de todas as advertências de sua senhora, deixasse de lhe cair aos pés de todo desmaiada, junto a Pleonido, que também sem sentido algũ, jazia já como [142r] um morto. Chegou o gigante enfim e detendo-se ũ pouco a tomar folgo, disse trás isto com ũa vox ronca e pesada, qual se saíra do pé de ũa daquelas árvores.

— Folgara, ó princesa, que estivesse aqui convosco, todo o reino de vosso pai junto, para vos defender de mi, porque vendo quão mal o podiam fazer, não vos tivéreis por mal empregada em Paludrão (este era o seu nome) pois os Deoses vos não fizeram a vós tão fermosa, senão para me satisfazerem convosco aquilo que mereço. E levantai-vos a dar-lhe graças de vos trazer a meu poder e se deixardes vossa fé, sereis senhora de mi e do mundo, que para vós conquistarei.

— Bendito sejais, senhor meu Jesu Cristo (disse a princesa[350]) que já me dais melhor causa para perder a vida que aquela por quem eu imaginava perdê-la. Encomendo-vos senhor a minha alma, a minha honra e do mais faça o mundo o que lhe vós premetirdes.

E sentindo-se no fim destas palavras mais animada, respondeo a Paludrão:

— Pois me conheceis por quem sou, não vos espantareis do pouco temor que vos

[350] A: princesa / B: princesa cos olhos postos no ceo

tenho, porque nem os príncepes temem nunca, nem ninguém se atreve em suas pessoas aos príncepes. Eu não tenho aqui nem o reino de meu pai, nem mais companhia que o dessa pobre donzela, que vedes e desse enano, que para homem tão valeroso como vós dizeis que sois, bem bastava isto para guardares para outra hora este assalto, [142v] porém assi tão só não me faltará o Deus a quem adoro e que só é Deus com cuja ajuda a mi me dá bem pouco de vós.

Fermosa era Fidélia em aquele extremo, que muitas vezes temos dito, porém considerando bem a natureza dos gigantes e particularmente a brutalidade daquele, não haverá quem negue que lhe pôs Deus ũ mesmo[351] decoro naquela sua fermosura, de que a tinha dotado e tão eficax, que refreou a fúria daquele monstro no maior fervor de sua indignação, que com as palavras que ouvia começou logo a crescer e querendo-o guiar por onde ela o guiava e encaminhava, achou-se tão vencido daquele parecer da princesa, que sem lhe responder mais nada, mandou aos peães, que trazia, que a tomassem ao colo e a Enáclia, que já tinha tornado em si e que os[352] levassem e ao enano juntamente para o mar, porém a princesa não perdendo aquele brio e império, que a natureza lhe dera, disse ao gigante, que mandasse os homens a ũa casa, que ali estava perto, por ũa cadeira em que a levassem, porque não queria ir de outra maneira.

Guardava Paludrão parece tudo para algũa boa hora, que devia imaginar que teria, se como acima temos dito, não era tê-lo Deus mudo, para não pronunciar palavras indignas dos ouvidos daquela senhora, porque ele lhe obedecia com o maior silêncio e prontidão do mundo. E mandando dous daqueles homens a buscar a cadeira [143r] deixou-se ficar olhando para a princesa sem lhe falar palavra. E os vilãos, que chegaram à ermida, acharam o pobre ermitão e o seu primeiro companheiro, que já tinha-o visto o gigante, sentados de giolhos na igreja rezando encomemdando-se a Deus e à princesa. Os peães os trataram tão mal como deles se esperava. Preguntaram-lhe pela cadeira.

O frade lhes começou a pregar e eles enfadados, não lhe pagando bem a doutrina, deixaram-nos oferecendo a Deus suas dores. Começaram a gritar por ũ dos homens da princesa, que viram ir-se acolhendo como os mais já tinham feito, tanto que tiveram vista do gigante. E enfim encontrando com as cadeiras ambas, levaram-nas e sentando-se a princesa na sua, tomaram-na dous deles e outros dous a Enáclia e foram caminhando com Pleonido

[351] A: mesmo / B: novo
[352] A: os / B: as

também para o mar, onde tinham deixado ũ batel ao passo, que o mato e o passo[353] do gigante, que os seguia, consentiam. Mas ainda assi chegaram lá mais cedo do que lhes compria como adiante diremos.

[353] A: passo / B: peso

## Capítulo 43

De quem era aquele gigante, que levava a princesa e como veio ali ter.

Escrito fica atrás como Milena, aquela [143v] sobrinha de Drúsia Velona, que meteu Targiana naquelas fúrias e vinganças, que escrevemos, a deixara e desaparecera do campo, tanto que vio o primeiro socorro, que aos cercados viera entendendo o paradeiro, que aquele negócio teria. Esta pois alcançando também o pouco dano, que podia fazer à casa de Grécia, a quem ela naturalmente[354] desmancava,[355] pelo contínuo cuidado e vigilância, que Daliarte sobre todas as pessoas dela trazia, não desesperando de a poder tomar em descuberto algũ dia, quis entretanto molestá-la em tudo o que lhe fosse possível. E para isto foi-se, quando se foi do campo de Targiana, buscar aquele gigante, que em terra de Pérsia vivia com quem ela tinha algum conhecimento e que naquele tempo era o mais fero e mais terrível homem daquela casta, que no mundo havia. E enchendo-o de esperanças de lhe meter nas mãos a mais fermosa princesa deste mundo e ũ grande estado juntamente fê-lo embarcar em ũ batelão grande com aqueles coatro homens, que ele escolheo por mais animosos e cruéis. E guiando-o após a nao em que vinha Palmeirim e seus companheiros, que ela trazia em olho para se aproveitar em seu dano de qualquer descuido em que os visse.

Detreminava entrar com eles no porto de Constantinopla, porém vendo-os fazer aquela nova navegação da Serra da Lua onde foram por respeito de Beroldo como fica dito, não os querendo largar, também se lá foi com [144r] eles. E tanto que vio surgiam bem aonde agora se chama o Rio das Maçãs, que era o lugar em que Dramosiando fizera a sua fortificação ela se foi surgir mais abaixo, pegado ao rostro da Roca e ali consultando com seus ministros o em que poderia domar[356] aqueles homens, ũ deles, que mais desejava fazer-lhe a vontade, lhe significou como ali estava a princesa Fidélia com pouca guarda e que depressa ficaria só de todo, que de presente não havia cousa em que ela pudesse fazer mor pesar a seus inimigos, que no roubo daquela princesa, nem com quem pudesse desempenhar melhor sua palavra com Palurdão, que com ela, porque afora ser formosíssima creatura era única filha de ũ rei mui poderoso e herdeira sua. E que parecia que só por ela se fizera a promessa.

---

[354] A: naturalmente / B: mortalmente
[355] A: desmancava / B: desamava
[356] A: domar / B: danar

Bem sabia o diabo (cujo aquele conselho era) que não havia de ter efeito maldade tão grande, mas quis-se aproveitar daquele meio, assim porque nunca deixa de atentar tudo como porque ainda que lhe não saísse cumprida sua vontade, não deixaria de desgostar muito aqueles que o não seguiam e também para ocasionar com ele outros novos escândalos como fez.

Ora aconselhada assim Milena, fez-se patente ao gigante, que inda que ela governava o navio, nem sempre lhe aparecia, porque tal era ele, que com Milena ser costumada a ver visões do inferno, a sua não a podia esperar. E disse-lhe, que se animasse, porque antes de muito [144v] lhe cumpriria sua palavra na parte de mais seu gosto. E dando-lhe conta do que passava, guiou-o por aqueles matos e a seus homens ao sítio, aonde a princesa comia. E tão cerrado era o bosque onde o fez parar, que estando muito perto e vendo-a claramente por entre os ramos, ficava-lhe à princesa escondido.

Não teve Melênia pouco trabalho de o fazer esperar que Dramosiando se fosse, não querendo que se aventurasse a empresa, porque tanto que ele vio a Fidélia, assi se assombrou[357] para aquela fermosura como se seu coração fora capax de entendê-la. Mas que muito que o parecer de Fidélia fizesse aquelas operações em ũ homem posto que bruto irracional[358] por natureza, se não parece possível a Henrique Frusto, que deixassem as árvores e os penedos daquela serra, de sentirem em si os mesmos efeitos? E é conceito seu, que eles ficaram mais brandos, depois que a viram e trataram e ela mais asperamente[359] depois que os tratou e vio a eles.

Quisera Puladão[360] enfim não esperar ũ momento e dizer-lhe Milênia, que deixasse ir Dramosiando, o desesperava de todo, porque bem cuidava ele que se todas as moutas e penedos que via se convertessem em gigantes armados não lhe defenderiam a presa que tinha diante. E finalmente profiando Milênia em o deter, Paludrão em chegar, Dramosiando em se ir e a sorte da princesa em a entregar, chegou a horas, que converteo as lágrimas de Pleonido [145r] em medo e as de Enáclia em desesperação em verdade os sonhos, temores e sospeitas da princesa. Largou Milena a trela a Paludrão como faz o monteiro prático ao zabujo[361]

[357] A: assombrou / B: abraçou
[358] A: irracional / B: racional
[359] A: asperamente / B: aspera
[360] A: Puladão
[361] A: zabujo / B: sabujo

quando vê a caça,[362] e desapareceo juntamente se não arrependida de todo daquilo que tinha feito, pelo menos raivosa da sorte daquele bruto. E ele correo à caça tão desatinadamente, que obrigou a princesa com o estrépito, que vinha fazendo a vê-lo de tão longe, que poude passar com Enáclia o que temos contado primeiro que ele chegasse.

[362] A: a caça / B: tempo

## Capítulo 44

Do que aconteceo a Paludrão chegando ao seu batel.

Dissemos no fim do capítulo 42 que inda[363] Paludrão caminhara devagar com a presa que levava por respeito do mato e embaraço das cadeiras, que todavia chegara ao batel mais cedo que lhe compria e assim foi, porque querendo Deus livrar aquela princesa do tão notável perigo como o em que ia, tinha metido no ânimo de Dom Duardos contra os conselhos do ermitão, que lhe não convinha estar mais tempo naquela ermida e porque já que não fosse conhecido de Dramosiando, não podia deixar de falar com Fidélia. E ainda que sua fé não perigasse, nem com tão poderosa e vizinha ocasião, que todavia [145v] era ofensa de Carmélia conversar com gente e fazer cousas de vivo.

E com esta detreminação naquele mesmo ponto em que o ela deixou ir e se foi a comer ele sem entrar na ermida, nem falar ao frade, se apartou o mais que poude por aqueles montes com tenção de não tornar àquele sítio enquanto aquela gente ali estivesse. E indo seguindo o menos espesso do mato com o rostro no mar, desceo à praia naquele próprio lugar onde Paludrão tinha deixado o seu batel em ũa calheta, que ao pé da rocha se fazia. E logo que o vio lhe veio outro desejo de achar quem o levasse daquela a outra terra onde fosse menos conhecido com o qual entrou logo dentro, porém achando-o de todo só, de que não ficou pouco espantado e muito mais ainda vendo nele algũas armas como de gente de pé, capacetes, alabardas e entre elas ũa facha de aço aguda e pesadíssima ao parecer. E é cousa notável que aquele cavaleiro, que tão esquecido do mundo e tão mortificado andava em vendo armas assi criou brio, assi se lhe avivaram e acenderam os espíritos, que ele próprio se desconhecia.

Estando porém provando a levantar a facha, inda que ela era de ambas as mãos, não se poude por então haver[364] bem com ela. E rindo-se consigo de se ver naquele estado, sentou-se para descansar do caminho que fizera. E estando pondo os olhos em todas as cousas daquele navio, vio ũa como escotilha aberta e nela algũas [146r] cousas de comer, pedia-lhas a natureza e ordenou Deus que não resestisse ele àquele impulso para poder melhor com o trabalho que o esperava. E depois de se satisfazer com algũas cousas fiambres, que ali achou,

[363] A: inda / B: inda que
[364] A: haver / B: avir

não esteve muito que não ouvisse soar entre os matos uns gritos lastimosos e tristes, que o enternecia[365] estranhamente. Vinha-se aquele rumor chegando cada vez mais a ele e esforçava-se ele também cada vez mais com a mistura de outras vozes vivas,[366] e confusas, que o acompanhavam.

E era o caso que Enáclia e Pleonido, tornados em si cada ũ por modo,[367] vendo como os levavam e à princesa juntamente começaram a fazer um pranto, que só àquela gente não comovera, os quais iam tão longe de enternecidos, que de quando em quando davam uns piparotes no pobre do enano e lhe puxavam muitas vezes pelos narizes, de que ele vinha mais exasperado. [368]

O gigante caminhava de trás de tudo cansado, mas contente. E a princesa com ânimo constante oferecida à morte como honrada, mas com os espíritos comovidos para a temer como humana. E assim caminhando, chorando uns, rindo outros e a princesa rezando, descobriram o batel, a cuja vista em ũ pequeno arraial[369] que o mar ali fazia, puseram os vilãos as cadeiras para esperarem o gigante, que não acabava de chegar. E querendo ũ deles ir ao barco buscar alguma provisão para se alentarem do trabalho [146v] do caminho, vio aquele hóspede, que lá tinham e que já os tinha visto a eles. E conhecida a causa dos gritos e quem os dava e pasmado primeiro do poder da Fortuna, temendo depois a vida de Dramosiando, que ele sabia estava em guarda daquela gente, dava infinitas guardas[370] a Deus de o ter trazido ali a tempo, que ou lhe fizesse algum serviço na emenda daquela força, ou morresse em tão justificada demanda.

Estando passando isto pela fantesia, vio chegar o gigante o mais fero e medonho, que ele nunca imaginara que pudesse haver. Não trazia elmo cerrado por respeito do caminho e só cobria a cabeça com ũa celada de aço tão forte e grossa, que quasi vinha a ser impenetrável. Trazia o escudo lançado para trás e tamanho o peso, qual em outro lugar nos pinta Henrique Frusto. E nas mãos ũ venablo em que se encostava e com que às vezes cortava os ramos, que lhe impediam o caminho, ou para melhor dizer as árvores inteiras, tão carregado e grande, que excedia a toda a credulidade. Ũ cutelo na cinta pequeno como de monte, mas ainda assim

[365] A: enternecia / B: enterneciam
[366] A: vivas / B: várias
[367] A: modo / B: seu modo
[368] A: narizes, de que ele vinha mais exasperado / B: narizes (que não foram enanos em um gigante) tão pesadamente que o levavam muito mais corado que algũas papoulas que pelo mato havia
[369] A: arraial / B: areal
[370] A: infinitos guardas / B: infinitas graças

pudera ser montante no comprimento a qualquer outro homem.

Com estas armas e nesta postura o tinha visto Dom Duardos e não duvidando já da morte de Dramosiando encomendou-se de todo o coração a Deus. Quis dar princípio à vingança,[371] ou fim a sua vida deles.[372] E levantando aquele hábito comprido, [147v] que trazia, por que o não embaraçasse, pôs ũ daqueles capacetes na cabeça e tornou a remeter à facha com que de antes não pudera bem. E todavia levantando-a e querendo saltar fora, aconteceo-lhe o que logo veremos

[371] A: vingança / B: vingança dela
[372] A: deles / B: dele

## Capítulo 45

Da batalha, que Dom Duardos teve com aquele gigante.

Tão justos como incompreensíveis são sempre os juízos de Deus, aos quais não pode resistir nunca força humana, nem penetrá-los algũa humana prudência. Facilmente se persuadiram Dramosiando e Fidélia, que se perderiam sem remédio naquela tormenta, que correram, quando estavam nela e de que todavia se viam salvos quando nenhuma esperança tinham disso. Mas quem lhe pudera persuadir, que livres do mar e desembarcados em ũ porto de ũ rei amigo e tão amigo e tendo a menos de ũa légoa de distância dezasseis cavaleiros com as armas nas mãos, os mais valerosos que nunca as vestiram no mundo e que todos aventurariam as vidas pelos servirem como pela salvação de suas próprias pessoas, ũ só gigante com o rosto desarmado e quatro vilãos, lhe haviam levar a princesa com [147v] tanta culpa e vergonha do próprio Dramosiando! Com tanta pena e confusão dos outros! Com tanta desconsolação, afronta e perigo da princesa! E quem pudera fazer crer a Paludrão o mais soberbo e arrogante homem da terra, que aos mesmos, que adorava por deoses não estimava, a respeito do que de si cria, que em ũa charneca despovoada, armado de todas as armas, que ele usava, à vista da sua embarcação, rodeado dos creados, que ele escolhera por mais fieis e animosos, um pobre mancebo, descalço, morto de fome embrulhado em um saião e atado com ũa corda pela cinta com as suas mesmas armas dele Paludrão em campo aberto em igual batalha (se nesta podia haver igualdade) lhe havia de matar os criados e degolá-lo a ele, tomar-lhe o batel e a presa com que vinha rico e contente! Não cabe isto por certo no entendimento dos homens. Porém quem crê o que Deus pode e obra pelos mesmos homens quando é servido, pouca dificuldade lhe farão maiores maravilhas ainda.

O vilão pois, que tinha visto Dom Duardos no batel como no capítulo passado dissemos, cuidando que era algũ salvagem daquele mato, que entrara a roubá-lo, não quis chamar pelos companheiros, porque se lhe não acolhesse, antes encobrindo-se o mais que podia, foi-se quietamente a demandá-lo. E tanto [148r] que chegou onde lhe pareceo que o tinha seguro, deo-lhe ũa grande grita e quis feri-lo com a alabarda pelos peitos. Porém Dom Duardos que os vira vir estando já com a cabeça armada e a facha nas mãos, desviando-se facilmente do bote, deo-lhe com a facha de prancha (não querendo feri-lo) sobre ũ ombro, mas

bastou todavia para aleijar o triste de maneira, que não se poude mais bolir. E saltando fora foi receber os outros, que tendo visto o que passava como cães danados o iam já investir. E dando no que vinha diante outra pancada como a passada, de maneira lhe amolou[373] a cabeça como se nascera sem ela. E os companheiros se detiveram então, assim com medo daqueles piparotes como com respeito aos gritos, que lhe o gigante dava que parassem, porque queria ele sacrificar por suas mãos, aquele homem a Netuno para lhe fazer bom agasalhado no seo reino, pois não aparecia o piloto, que os trouchera.

Não tinha o gigante ‘té então paixão algũa, porque do lugar em que estava não vira matar aos criados, nem cuidava que Dom Duardos lhe podia fogir e só não queria que outrem o matasse. Porém chegando mais perto e vendo ũ estirado que se não podia mover, o outro que parecia que engolira a cabeça pelo pescoço e aquele homem com ũ dos seus capacetes na cabeça e a sua facha nas mãos e que compunha aquele trajo, que trazia em maneira, [148v] que ficasse mais ágil e desembaraçado, fazendo em tudo demonstrações de querer peleijar muito de siso. Ao princípio rio-se o gigante e logo começou a blasfemar lançando tanto fumo pela boca e narizes, que quasi escurecia o ar e enfim disse para os vilãos:

— Metei vós outros as cadeiras no barco, não veja a princesa tamanha afronta minha como é não morrer de pasmo diante de mi ũa tão vil creatura.

Não podia Dom Duardos estorvar aquela deligência porque o gigante estava em sítio que se havia passar por suas mãos, para se haver de chegar às cadeiras.

A princesa bem tinha visto e conhecido a Dom Duardos e havendo-lhe lástima, cuidando que acaso se achava ali, quisera-lhe aconselhar que se fosse, pois mais levemente o podia fazer, que os inimigos segui-lo, mas não lho deram lugar os vilãos, que logo embarcaram as cadeiras.

Estava Dom Duardos parado vendo embarcar Fidélia, porque ũa vez que não podia estorvar fazerem-no, não desse ocasião com que se apressassem a levarem-na com algũa descompostura, quando o gigante furioso remeteo a Dom Duardos querendo assoprá-lo nas ondas como se fosse algum alfinete e Dom Duardos tendo a facha levantada lhe disse:

— Besta monstruosa, não cuideis que tens diante de ti ũ homem mortal, senão o braço de Deus, que te quer mostrar com quão pequenas cousas confunde grandes soberbas.

E deixando-lhe cair a facha em cima de um [149r] ombro, fez-lhe ũa tal ferida nele,

[373] A: amolou / B: amassou

que a qualquer outro homem acabara de todo. Mas Paludrão como se o picara ũa mosca, ardendo nele todas as fúrias do inferno juntas, tirou-lhe com o venablo, que trazia com tanta força, que desfizera ũ sovreiro[374] se o acertara. E guardando Deus a Dom Duardos, passando o venablo a dar em ũ penedo, dos que por ali havia, foram tantas as lascas e pedaços, que saltaram dele acesos em fogo, que uma delas com não pequeno perigo da princesa, matou dentro do batel ũ daqueles homens, que a meteram nele.

Recebeo entretanto Paludrão outra ferida em ũa perna, tão bem acertada, que quasi se não podia ter nela. E vendo que iam já sendo pesadas aquelas zombarias, arrancou do cutelo, que na cinta trazia e foi-se melhorando como melhor poude, tão desejoso de acertar algum golpe, que se esqueceo de puxar pelo escudo, que lhe não valera pouco, porque Dom Duardos apartando-se daquela conversação o mais que podia, não ficava hábil para o ferir senão de longe. E fora com pouco dano, se Paludrão se lembrara do escudo. Ainda que o gigante desejava muito chegar a Dom Duardos, todavia entendeo a flor com que ele se apartava, que era para o cansar. Ia com sua comodidade sempre após aquele desejo. E finalmente Dom Duardos lhe fez outra entrada com sua acostumada ligeireza dando-lhe pela cabeça com ũa ponta da facha [149v] de maneira que a tomá-lo com mais ferro, ou a não ser a celada de tão fina têmpera, bastara para o partir pelo meio, segundo foi dado com força, porque os braços, que o meneavam andavam já favorecidos das esperanças de acabarem bem aquela empresa. Mas contudo descendo ao rosto lhe fez a mais fea ferida, que nunca ninguém recebeo, porque lhe dividio todo em duas partes como se fora de queijo, ou de manteiga.

Não sabia já o gigante onde estava, nem se ouviam em todo aquele monte mais que urros e blasfêmias em que rebentava. Perdida de todo aquela circunspecção e indústria com que aspirava a ũa vitória, que no acerto de ũ só golpe tinha certa começou a dar tantos no ar e a andar após Dom Duardos tão apressadamente como se ele fora ũ cavaleiro muito são e muito leve e não gigante ferido e carregado. Não poude escapar Dom Duardos a que enfim o não colhesse ũ de tantos golpes e foi ele tal, que de todo lhe tirou as esperanças do remédio a ele e à princesa e aos mais presos, que estavam vendo tudo e já tão contentes, que lhe tinha dito Pleonido entre temor e alvoroço, ũa cousa antiga, que ouvira referir muitas vezes a diferentes prepósitos:

— Que gracia seria matar Julian aquel fiero hombre!

[374] A: sovreiro / B: sovereiro

Foi o golpe, que dizíamos, tal que cortou como se fora a ũ junco a haste da facha bem pelo ensejo[375] do ferro, de maneira que só o pao lhe ficou nas mãos a Dom Duardos com o que faltou [150r] a confiança nele e começou a crescer ânimo no gigante e nos seus criados, que ainda viviam. E quis Deus que julgasse Paludrão tudo por acabado, para que Dom Duardos tivesse tempo de ver onde lhe ficava a salvação.

Assim foi, que tanto que o gigante o vio desarmado, cuidando que o tinha seguro, não quis perder mais sangue e também porque com a pressa, que se dera, se tinha cansado muito. E estando certo na vingança parou naquela fúria, que trazia e chamou o seu vilão, que ainda estava inteiro e disse-lhe que trouchesse ataduras do batel e unguentos, de que se então usava, sem os quais não andavam nunca os cavaleiros e que o viesse curar, para depois disso agradecer àquele padre o agasalho, que lhe fizera. Fê-lo o vilão assi e entretanto Dom Duardos fez o que adiante diremos.

[375] A: ensejo / B: encaxo

## Capítulo 46

De como o gigante foi morto e mais que sucedeo.

São e inteiro estava Dom Duardos e quasi que esquartejado o gigante, porém tal era ele, que ainda que Dom Duardos estivera melhor armado, mais se podia chamar de prudência e siso, desesperar daquela empresa (não deixando de fazer o que devia nela) que valor, nem valentia, prometer-se vitória tão duvidosa, que só consistia em o contrário [150v] não acertar ũ muito leve revés.

Com o golpe que lhe cortou o ferro da facha como dissemos, ficou aquele pobre cavaleiro vestido como estava em ũa túnica de burel mal são e ũa vara nas mãos, de que se poder defender de Paludrão, que estava o mais terrível homem, que vio olho do sol de muitos anos àquela parte e que ainda que tão ferido como temos visto, todavia com mãos para esgremir o seu cutelo, conforme[376] para poder com as armas de que estava carregado e com pés, ou com pé para andar e correr se lhe fosse necessário e com ũ surgião, que depressa lhe curaria e apertaria as feridas muito devagar e com muita comodidade sua como já estava fazendo.

Dom Duardos estava vendo como se aquela obra prosseguia. Enfim vendo-se naquele estado e o vagar, que o gigante lhe dava, revolvendo a vista por aquele arraial em que a batalha se fazia, bem se lhe ofereceram logo as alabardas dos mortos, mas entendendo que não podia fazer com elas progresso algum nas armas do gigante, não se moveo a levantar nenhũa. Pouco mais adiante estava o venablo com que o gigante lhe tirara e vendo-o também Dom Duardos, ali lhe pareceo que estava o remédio de sua vida.

E com este alvoroço enquanto o gigante se curava se foi chegando para o levantar, porém Paludrão, que não tirava os olhos dele entendendo ao que caminhava, correo a estorvá-lo, receando já mais do que [151r] lhe confessara pouco antes.

Bem cuido certo, que a pressa e sobressalto de Dom Duardos vendo-o vir, lhe ajudou a poder com o venablo, que em boa pax, não entendo que o pudera levantar, mas ou ajudado naturalmente daquele ímpeto, ou de Deus, que é o mais certo ele tomou o venablo com ambas as mãos e rodeando-o por cima da cabeça, acertou o gigante, que chegava, pela garganta de tal

[376] A: conforme / B: com força

maneira, que a cabeça foi logo fora dos ombros ũ grande espaço. E ele com a força do golpe e peso daquela bizarma veio de focinhos a terra com não pequeno risco de se perder, porque o peão, que estava curando o gigante, junto ao qual Dom Duardos foi a cair, vendo-o assim no chão, levou da espada, que tinha na cinta e ia a pregá-la na area. Mas porém levantou-se vivamente e assim lhe convinha tendo ainda aquele inimigo, o qual depois de o ver em pé, não lhe vendo arma algũa ofensiva, nem defensiva, porque com a queda lhe caíra o venablo e capacete, detreminou de vingar o gigante com não menor maravilha, da com que ele fora morto, mas como Deus concorrera com ũa, não querendo concorrer com a outra, não teve efeito aquele desejo, porque desviando-se Dom Duardos dos golpes com que o vilão trabalhava executá-lo, poude haver às mãos a hástea, de que caíra a facha com a qual remetendo a ele, não poude também colhê-lo, porque tanto que lho vio tomar [151v] não querendo mais brigar, foi-se correndo ao batel com tenção de o desatar e alargar-se nele e poude desatá-lo antes que Dom Duardos chegasse. E cuidando que ele só queria fogir para se valer do valor[377] da princesa, não se apressou, porém vendo que desatava o barco e que estava puxando para o mar, correo quanto mais poude a impedir aquela deligência dizendo entre si:

— Essa será ela.

E metendo-se pela ágoa até os peitos, poude o alcançar com ũa mão, que já ia em nado e levantando com a outra o pao para dar no vilão ele se lhe pôs detrás da princesa. E então suspendendo o golpe, lançou-se dentro no batel. Porém o vilão, que tinha o Diabo no corpo, tanto que o lá vio, tomando na mão o cabo, que desatara, lançou-se pela outra parte ao mar e margulhando foi enquanto lhe durou o fôlego metendo-os ao pego. E depois vindo acima veio nadando para a terra, deixando-os já na corrente, que a pouco e pouco, os ia cada vez mais apartando daquela praia.

Não havia no batel remo, nem vela, nem cousa alguã com que se pudesse governar, inda que Dom Duardos o pudera e soubera fazer, porque como Milena fora o piloto dele, não governava com instromentos corporais e visíveis. E só naquela confiança e ajuda se vinha Paludrão embarcar muito seguramente. Nem também Dom Duardos sabia nadar com o que a pouco custo pudera remedear aquele trabalho, pelo mesmo meio com que o [152v] vilão o metera nele. E ficou aprendendo com grande disgosto seu, que todas as cousas de homem, ũ homem há de saber. Enfim havia de ser aquilo.

[377] A: valor / B: favor

A maré começava a encher e com ela veio entrando ũa viração, que em pouco espaço passou depressa e foi levantando o mar mais do que a eles lhes convinha. Fidélia vendo-se naquele estado e a Dom Duardos, que com a hástea da facha trabalhava em vão de tornar o batel a terra, que cada vez mais como já dissemos, se ia apartando dela, disse-lhe:

— Por vida vossa cavaleiro, que já assim quero chamar-vos, que não porfieis mais com inimigos, que não se deixam vencer, que são os fados com que eu nasci. Pesa-me muito de vos pagar tão mal o socorro, que me fizestes, que depois de vencedor de tão perigosa contenda, vos obrigue a vos perder-vos a vós com este novo desastre, que eu já me não posso deixar de contentar por salva, pois ainda que aqui morra, será porque sou mortal, mas não porque nasci molher como até'gora imaginava.

Dom Duardos deixando então aquele inútil trabalho, não pouco espantado da constância e entendimento daquela senhora, respondeo-lhe:

— Não pode temer perder-se, quem vos acompanha, porque não é de crer que fizesse Deus tamanha cousa como vós sois, senão para fins soberanos, que se não conseguiriam se vós senhora aqui agora acabásseis. Eu tenho[378] perdido todo o receio desta nossa navegação, que a todos parecerá duvidosa. E assim [152v] vos peço que vos sossegueis vós também e que vos recolhais e a vossa companhia neste gasalhado que aqui está, por amor do vento, que vo-la não fará cá fora boa.

Tinha o batel ũ leito não grande que podia recolher o gigante, inda que encolhido, mas para outra gente era ũa grã casa. Continuou Dom Duardos:

— E eu espero em Deus e no que vós mereceis, que nos levará depressa a porto de salvação.

E a princesa lhe tornou a dizer, que ainda que se não podia temer do vento quem tinha tão bebida a morte, todavia, queria tomar seu conselho para mais quietamente se encomendar a Deus. E entrando no gasalhado com Pleonido e Enáclia, que ainda que não temiam tanto o perigo em que iam como o de que escaparam, todavia não lhes deixava lograr o gosto da morte do gigante, ver o pouco, que a princesa mostrava. E correndo ũa adufa com que aquela câmara se cerrava, abriram ũa janela, que em ũ dos lados havia pela qual se descobria o mar, que inda que levantado, não acabavam os dous de cair no trabalho em que estavam e assim não lhe fazia muito medo.

[378] A: eu tenho / B: e estou tão persuadido a isto que tenho

Dom Duardos ficou-se em cima do leito da proa, de donde vio vir o batel atravessado à vontade da ágoa e do vento, que inda que por momento se ia afastando da terra, não a tinha até então perdido de vista, antes lhe parecia que a ia costeando em volta aquela corrente que os levava. E desta maneira com os olhos no mar e o coração em Carmélia, se [153r] lhe veio a cerrar a noite, a tempo, que se lhe ia segurando,[379] que se lhe estreitava o mar e que divisava terra também pela outra parte, mas o escuro, que logo cobrio o mundo, tirou-lhe a vista por então de todo e só ficou sentindo que o batel hora atravessado, hora direito, caminhava com grande pressa.

Saío a lua dali a grande espaço, tornou a ver com a claridade dela, que por ũa parte ia junto a ũa terra muito escampada e baixa e que pela outra não em demasia longe, se via terra mui distintamente. E afirmando-se mais entendeo, que estava tão pegado com terra por aquela banda, que poderia prender com as mãos ũas sombras, que ele cuidava seriam árvores. E querendo fazê-lo todavia, não alcançou as sombras. E para se desenganar tomou a hástea, que tinha deixado e estendendo-a, tocou aqueles ramos, que tão inquieto o levavam. E alegrando-se por amor da princesa, mais do que se podia crer de suas mortificações, não quis todavia dar-lhe a nova até se assegurar mais nela, mas outrem foi quem lhe pedio as alvíssaras, porque indo Dom Duardos nesta fadiga e o batel todavia caminhando por diante, posto que vagarosamente já, porque se acabara a maré, que o levava e corria contra ele a ágoa de ũ rio, por onde tinha entrado, foi dar assim atravessado como ia por certas redes que uns pescadores ali tinham lançado, os quais começaram a gritar tão descompostamente [153v] como sempre costumam com menos ocasião que aquela os homens daquele ofício.

Acordou a princesa aos gritos, que vencida dos trabalhos passados e da imaginação dos presentes, se deixara vencer também do sono. E chamando por Enáclia e pelo enano, que da mesma maneira havia muito que dormiam, perguntou-lhe que seria aquilo? Mas eles não lhe sabendo dar razão de nada, temiam todavia o peor. Não cessavam o gritos entre eles, começou a chover ũa nuvem de pedras sobre o arrais do batel, porque vendo os outros que nem respondia nem arribava, nem fazia demonstração algũa de lhe não querer destruir suas redes, antes meter-se cada vez mais nelas, cuidando que o fazia acinte, multiplicando injúrias e pedradas, apertaram-no de maneira, que lhe acertaram algũa na cabeça e como ela não era de

[379] A: segurando / B: afigurando

prova, não fora muito que pudera fazer ũ pescador com ũ sexo,[380] o que não poude Paludrão armado. Porém Dom Duardos vendo a fúria com que era acometido da gente, que inda não vira, nem sabia em que a tinha ofendido, tomou o tampão daquela escotilha ao[381] paiol de que já falamos, para se reparar em algũa maneira. E querendo gritar também aqueles bárbaros a ver se os podia meter em razão, vio ao longo de si três ou quatro batelinhos muito pequenos, que de baixo ladravam como gosos com a gente dos quais lhe aconteceo o que logo diremos.[154r]

[380] A: sexo [seʃo] / B: seixo
[381] A: ao / B: ou

## Capítulo 47

Do grande perigo em que Dom Duardos e a princesa estiveram e de como se livraram dele e saíram em terra.

Vinham-se chegando aqueles bateis ao de Dom Duardos com ũ ânimo danado e furioso, assim para vingarem a perda das redes como a afronta do desprezo. E tanto que chegaram perto, desconhecendo e estranhando-o na grandeza, pararam ũ pouco suspensos a olhá-lo e então Dom Duardos lhes disse:

— Amigos, que grita é esta? E que mal vos tem feito quem nem vos conhece, nem sabe onde está? Nem por onde aqui veio? Dizei-me em que terra estamos e que gente sois e em que vos tenho ofendido, porque podendo satisfazer-vos, não haverá cousa por hora que com melhor vontade faça.

Os outros, que com a claridade da lua viram ũ homem com ũa vara nas mãos como eles, vestido no mesmo traje que eles, julgando-o por do mesmo ofício, cuidaram então de todo que zombava e disseram-lhe:

— Vós falais, vilão muito roim, porque estais de alto, mas a fé que depressa fiquemos todos iguais e que nos pagueis muito a nossa satisfação assim as redes como o lanço.

Então sem quererem escutar mais palavra, tirando-lhe uns com aquelas suas pedras apressadamente chegaram-se outros bem ao corpo do batel e com uns trados, que traziam [154v] lhe começaram a dar furo ao lume d'ágoa por cinco ou seis partes. E como o tiveram feito, afastaram-se todos com ũa grande grita, deixando espantado Dom Duardos da brutalidade daqueles bárbaros, sem saber o dano, que lhe fizeram.

A princesa entre o alvoroço de lhe parecer, que havia já por ali gente, que pudesse governar o batel e o disgosto de ver o mal que se domesticava, ia espreitando atentamente o que Dom Duardos com eles passava. E não temendo até então mais que não achar outros que os encaminhassem melhor, os furos que se tinham dado, desenganaram a ambos, de que estavam em maior perigo, porque começaram a recolher ágoa em tanta quantidade, que depressa com não pequena perturbação lhe ficou a Dom Duardos a maldade clara.

A lua tinha-se de todo posto e a menhã se bem vinha perto, não se mostrava ainda, nem ele se podia ver mais que estar metido no pego em ũa lancha, que se ia ao fundo a mais que de

passo. Quis tirar a princesa acima e já quando chegou à porta lhe dava a ágoa pelo joelho e achou a adufa tão carregada, que a não poude abrir, nem porfiou muito porque não entrasse mar de borbotão na câmera. Era ela calafetada, mas não de maneira que pudesse resestir àquela força de ágoa, que a cometia e ia-se já rendendo ao peso e começando a quebrar os encaixos em que fechava a corrediça.

Começou a princesa finalmente [155r] a mudar-se de ũ sítio para outro, desasossegando-a os hóspedes, que a visitavam. Não se vio nunca Dom Duardos (dizia ele depois) tão atalhado e confuso em nenhũ caso que lhe acontecesse, porque nem ele sabia esperar remédio no perigo em que estava posto, nem entendia o como viera a ele depois de cuidar que estava salvo das mãos de Paludrão e do desemparo em que se vira no batel.

E finalmente doendo-lhe o perigo da princesa igualmente que o seu, sobio-se ao leito a ver se por cima podia despregar algũa táboa com aquela hástea, que tinha nas mãos para a alar por ali. E depois de estar lá vio ũa escotilha que ia para baixo a ũ cobícolo pequeno, que se dividia com outras táboas mais fracas, do gasalhado grande em que a princesa ia. E descendo-a ele achou que algũas delas não estavam bem bregadas e acabando de as tirar, fez lugar por onde a princesa Enáclia e Pleonido se vieram ao cobícolo e dele ao alto da popa. Pleonido teve muito grande trabalho, porque saío primeiro e foi-se para a proa, para que a princesa e Enáclia sobissem sem o pejo de sua vizinhança e voltando para a popa como vinha pela borda por tudo o mais estar já cuberto de ágoa escorregou para fora e ficou preso com as mãos dando muitos gritos, aos quais acodio Dom Duardos e o livrou, a quem ele dizia:

— Bofé, senhor cavaleiro penitente, que não sei se nos fizestes bem, se mal em matar aquele gigante. Peça-vos Deus conta disso, que [155v] eu daqui perante ele que vo-lo não perdoo.

Não podia a princesa deixar de se rir, porém Dom Duardos, que andava com aquela mesma imaginação, parecendo-lhe que apressara a morte àquela senhora e que tirada Carmélia lhe parecia a mais digna de viver, que quantas havia no mundo, não só não se rio, antes ficou perdido e atalhado de todo.

E querendo tornar-se para o seu lugar, topou com os pés no tampão que fechava aquele cobícolo por onde a princesa saíra e tomando-o nas mãos, parecendo-lhe que seria bom para que a princesa se pusesse, ou pegasse nele, quando de todo o barco se metesse no fundo, presentou-lho dizendo:

— Pois senhora vos tem servido de mal os serviços, que como cavaleiro vos fiz este que vos faço como marinheiro quererá Deus que tenha melhor sorte. Guardai esta táboa para a última hora, que ainda que parece que não está longe, contudo, confiai em Deus, porque aí vos pode conservar a vida como já conservou a de ũ homem dentro em ũ pexe. E perdoai-me a tenção com que me dispus àquela obra que ainda que ela como este enano diz, não mereça perdão, a vontade por certo que o não desmerece.

E querendo apartar-se como teve aquele dito, a princesa o deteve e respondeo-lhe:

— O que vos eu pudera não perdoar era imaginardes de mi, que não fiara eu de melhor vontade o corpo vivo do mais violento fogo que possa haver no mundo, que morte das [156r] mãos de quem vós o livrastes. E se não tivéreis tão poderosa desculpa como é a tribulação desta hora, arrependera-me de vos ter julgado melhor do que vós me julgais.

O barco entretanto tinha-se fixado no fundo e quis nosso Senhor e a boa ventura daquela companhia, que tão quieta e compostamente como se com as mãos fora posto no lugar em que no rio era mais baxo e com a maré que já descia muito mais baixo ainda. Ficou o batel com a popa e proa fora da ágoa e as superficies do leitos e quasi que os bancos, por que se ia de um a outro. E como se estiveram em cima de um penedo estava aquela gente segura e sem perigo, porém não sem o sobressalto dele, porque nunca o entenderam senão depois que a menhã foi de todo clara com a qual conheceo Dom Duardos a misericórdia que o Senhor tinha usado com eles e vio por ũa parte a terra tão perto que se lhe figurou que tirando com o enano facilmente o lançara nela. Vio também aqueles bateis que o perseguiram virem-se remando outra vez para eles não sei se já arrependidos, se ainda indignados. Vio ũ rio manso e fermoso, que com ũa e outra margem fertilizavam uns campos muito largos, que cada ũ por sua parte se iam rematar dali bem longe a certos outeiros verdes e muito bem assombrados. E fazendo discurso sobre tudo aquilo, caio no que podia ser e entendeo que a maré metera o batel pela foz [156v] daquele rio, que lhe devia ficar pouco atrás. E dando dentro de si infinitas graças a Deus por tanto milagre junto começou a consolar e animar a princesa com as melhores palavras, que ele soube, a qual não podemos negar que também se alegrou com a vista daquelas cousas.

Pleonido estava já tão contente que desenfiava[382] a todos os barcos, que vinham, os quais em efeito chegaram com roim ânimo ainda, porém vendo a princesa onde parece que o

[382] A: desenfiava / B: desafiava

sol vinha apontando para tomar[383] sua fermosura, ficaram tão comedidos e tão outros como se foram melhor criados e mais entendidos. E ainda que o parecer de Fidélia pudera e fizera aqueles milagres em qualquer outra parte, contudo naquela não foram eles tão grandes, porque a natureza daqueles rústicos, até aos seus mais bárbaros naturaes dá ũa certa devoção daqueles mistérios com que se deixam penetrar mais facilmente do merecimento deles, que todos os homens de qualquer outra nação. E assim aqueles tanto que chegaram, a vê-la não só se despiram do mao ânimo, que traziam, mas compadecendo-se daquele espetáculo, pediram-lhe humildissimamente perdão e ofereceram-se-lhe a fazerem tudo o que ela mandasse.

E em efeito eles a levaram nos seus bateis e a toda sua companhia a ũ lugar grande, que dali cinco ou seis légoas pelo rio acima estava, banqueteando-os no caminho com suas pescarias e dizendo-lhe que aquele era o famoso [157r] Rio Tejo, que entrava no mar na cidade de Alta Rocha, pela qual ele sem a verem passaram e que o lugar aonde os levavam se chamava Escalibis, onde achariam provimento de tudo aquilo que quisessem e outras particularidades daquela terra com que os foram entretendo até chegarem a ũ pequeno lugar chamado Ferruge situado em a raiz de ũ monte aonde está Escalabis. E despedindo-se ali com grande cortesia, se tornaram ao batel alagado para se aproveitarem do que nele houvesse com licença, que a princesa para isso dera, não pouco sentida de lhe não poder dar mais por então.

Posta a princesa em povoado começou a princesa[384] a entrar em outras dificuldades, que não tinham fácil o remédio, porque a seu parecer via-se em maior perigo naquele estado, que os de que tinha escapado. A sua autoridade não parece, que se podia conservar desacompanhada, nem ela vinha em publicar sua calidade. Acompanhá-la Dom Duardos naquele hábito não era possível e em outro, já afora que não havia comodidade para isso, não se despunha ele bem a tornar a entrar no mundo. Mas vendo que sem notável culpa e grosseria sua, não podia deixar naquele estado ũa donzela, que tão principal pessoa lhe parecia em tudo, cuja salvação lhe tinha custado tanto e a quem Dramosiando [157v] acompanhava e servia, pedio-lhe que o ouvisse ũ pouco apartada de Enáclia e fez-lhe a oração que adiante veremos.

[383] A: o sol vinha apontando para tomar / B: o sol (que começava a pontar) vinha a tomar
[384] A: começou a princesa / B: começou

## Capítulo 48

Em que se dá conta de como Palmeirim e seus companheiros tiveram novas da perdição da princesa e o que sobre isso fizeram.

Escrito deixamos atrás como Palmeirim e seu irmão e os mais tinham desembarcado naquela nova cidade, que Dramosiando com tão grande prudência eficácia,[385] e como depois dos louvores, que uns e outros, por aquela obra lhe deram, Palmeirim lhe escrevera a ele e os mancebos se dividiram uns após os gamos e gazelas, que por ali descuidadamente atravessavam e outros, ao longo do mar notando as concavidades, que viam naqueles penedos.[386] E dissemos também que os ajuntara ũa roim nova, que o peão, que tinha despachado a Dramosiando, lhes trazia em companhia de mais dous, que com ele vinham.

Diz a história, que a pouco espaço, que aquele homem tinha caminhado, vio vir outros dous, que logo conheceo, que eram companheiros seus e daqueles quatro, que tinham levado a princesa, os quais deixando Dramosiando [158r] com ela como fica dito, viram o gigante do lugar em que estavam e trataram de se salvar a si embarcando-se,[387] e ũ só, que era mais animoso, fiando-se na aspereza do mato, detreminou em segui-lo, até onde pudesse e assim o fez. Os outros vendo de donde estavam escondidos levar a princesa, quando lhe pareceo que o gigante estaria já bem apartado, vieram a demandar o sítio para avisarem Dramosiando do que tinha acontecido e achando-o antes de chegarem ao sítio, deram-lhe aquela nova, a qual o parou de maneira, que mal se pode dizer, porque no primeiro movimento sem juízo de homem racional, nem escrúpulo de cristão esteve para se deixar cair sobre sua própria espada, porém vendo depois que para se matar sempre haveria tempo, quis ver se poderia alcançar inda o gigante. Mandou àqueles homens que o guiassem pelo caminho que lhe viram tomar, porém tal era o medo que a catadura de Paludrão lhes fizera, que a poucos passos, dous se deixaram ficar e só seguio o caminho ũ e os dous se tornaram ao sítio onde estava a fortificação e no caminho encontraram ao homem, que Palmeirim mandara, o qual dando-lhe a nova que traziam, fizeram que também voltasse.

Esta era a companhia que os príncepes viram ao seu peão e entendendo deles o que

[385] A: eficácia / B: edificara
[386] A: que viam naqueles penedos / B: que ele naqueles penedos tinha feito
[387] A: embarcando-se / B: três deles, se emboscaram

[158v] sucedera, os mais descontentes homens que nunca se viram, quiseram caminhar logo naquela volta guiados dos fugitivos, porém Trineo e Franélio, que tinham considerado a aspereza daquele mato entendendo o vagar com que era forçado caminharem, disseram para Palmeirim, que se lhe parecesse eles iriam no batel acosteando a terra, porque também seria possível que aquele gigante viesse ali por mar. A Palmeirim lhe pareceo aquilo tão posto em razão, que quis ser ele o que se embarcasse. E dando ordem aos mais mandou a Belcar e a Ardimão, que se ficassem naquele sítio em companhia do embaxador, porque se quisesse vir porventura roubá-lo quem roubara a princesa, o não achasse tão desprovido que o pudesse fazer.

E ordenou que Palmeirim de Lacedemônia, Pavorante e Almourol se fossem ao longo do mar na volta da roca, que era o caminho que os vilãos diziam que Paludrão tomara. E que Floriano e Vasperaldo fossem direito à ermida e Beroldo, Graciano e Dom Floris entre a ermida e o mar e tomando consigo no batel Polendos, Trineo, Arnedos e Recindos, foi-se direito ao navio, que estava surto e deixando nele aos três encomendou-lhes que se fizessem ũ pouco ao mar com grande vigia sempre a ver se descobriam algũa embarcação e que pegassem [159r] com ela fosse qualquer que fosse e ele com Polendos no barco, se tornou a demandar a costa, para ir quanto mais pudesse pegado a ela descobrindo as covas, calhetas, que tivesse.

E posto que isto foi ordenado tudo tão prudentemente e executado por todos com grande pontualidade e cuidado, se Dom Duardos se não tivera antecipado, não deixara Fidélia de ficar obrigada, porém não ficara livre em verdade. Contudo não foi pequena dita que Palmeirim se embarcasse, porque poude chegar mais depressa, que todos ao sítio onde fora a batalha, para estorvar com isso a morte de Dramosiando, que ali veio ter como adiante diremos, o qual sem dúvida algũa se matara, se se achara só e vira que a princesa se bem ia livre do gigante não aparecia.

Ora assim foi que Palmeirim costeando aqueles penedos, veio com o seu batel à própria calheta, onde estivera o batel de Paludrão, que já não aparecia. E vendo por ali mato quebrado de fresco, saltou logo em terra e em descobrindo outros penedos mais altos vio o areal e nele aquele horrendo espetáculo do corpo morto do gigante e o do vilão e pondo-se a vê-lo devagar não pouco espantado daquele sucesso, ũas vezes lhe parecia, que poderiam ser obras de Dramosiando, que chegaria mais depressa e que teria levado a princesa outra [159v] vez à Espanha, outras duvidava-o pelo tempo, não entendendo que lhe podia Dramosiando

trazer tanta ventage, conforme ao que os vilãos disseram, que tivesse lugar para fazer aquelas cousas todas.

E estando nesta confusão e todavia olhando, admirando a monstruosidade daquele tronco, as grandes feridas, que tinha e a grandeza das armas, que por ali jaziam com não pequena inveja do autor daquela maravilha fosse quem fosse, Polendos, que se ocupava menos naquilo, ouvio ruído de gente entre ũa daquelas moitas, que lhe ficavam mais perto, e dizendo para Palmeirim:

— Ali está gente se me eu não engano.

Arrancou da espada e meteu-se na mouta, ficando Palmeirim de fora a ver o que resultava daquela deligência.

Não tardou Polendos muito que não saísse arrastando ũ vilão pelos cabelos, que de nenhũa outra maneira queria vir. Era ele o que lançara o batel com Dom Duardos e a princesa ao mar e tanto que o teve feito e que o vio ir desamarrado de todo, foi-se àquele seu companheiro, que estava aleijado e empedido e querendo curá-lo do modo que pudesse com os unguentos e ataduras, que do batel para curar o gigante tinha trazido. E estando já com as mãos na obra, deu sobre ele o vilão da princesa, que desde que a tomaram a ela os vinha seguindo como temos dito, sempre e tendo visto a batalha [160r] de Dom Duardos e tudo o mais que ali sucedera, cuidando que aquele criado do gigante estaria quebrantado da perda e morto o seu amo, fiado na fraqueza alhea, mais que na virtude própria, quis obrigá-lo a que se lhe entregasse, porém o outro, que era animoso e estava desesperado e melhor armado que ele, facilmente o manietou e pondo-lhe ũa mordaça na boca por que não gritasse, o poupava vivo para o guiar, por aqueles montes entendendo que seria natural deles.

Este pois sentindo vir o batel, que trazia a Palmeirim e a Polendos, sobio-se a ũ penedo a divisar o que seria e vendo aqueles dous cavaleiros vir direitos para aquela parte, ainda que não sabia a tenção, quis todavia assegurar-se escondendo-se e retirou-se e o preso e o ferido àquele lugar, onde Polendos o achara. E tratando já de querer degolá-los a ambos porque se não quietavam, um deles com as dores da pancada, que o tinha estropeado e perdido e outro sentindo ali gente com desejos, que o socorressem e livrassem e este era o rumor, que Polendos ouvira.

E colhendo-o enfim pelos cabelos primeiro que pudesse fogir, nem executar os outros, trouxe-o daquela maneira aonde Palmeirim estava e deixando-lho ali tornou a buscar os

outros, que também trouxe, desatando primeiro as mãos e a língoa ao boêmio, o qual informou a Palmeirim de tudo quanto ali tinha sucedido tão pontualmente [160v] como quem com seus olhos o tinha visto e notado. E no cabo, acusando mais aquele seu amigo de ter desamarrado o barco, fez com que Palmeirim o quisesse saber dele, o que não somente confessou com levidão, mas mostrou-se sentido e pesaroso, de não matar aquele frade, que com feitiçarias e conjuros, tinha morto a seu amo, cousa que quinhentos cavaleiros juntos não houveram de fazer.

Pasmados estavam Palmeirim e Polendos das cousas que ouviam e ũa vez lhes parecia que seria aquilo ũ anjo, que viesse livrar a princesa, outra não sabiam, que cuidassem. E razão é que os deixemos assim nesta perplexidade por acudirmos a Dramosiando, que não tem pequena necessidade de que lhe acudam.

## Capítulo 49

De como Dramosiando veio ter com Palmeirim e do que passou com ele.

O vilão, que só ficou com Dramosiando sabia tão mal o caminho por onde havia de guiar como ele próprio e também a pouco espaço que caminhou com ele emprendeo que lhe convinha não se lhe chegar mui perto, porque tal ia aquele pobre homem, que a cada árvore, que encontrava arremetia, cuidando que era o [161r] gigante que buscava. E ficando em nova fúria quando se desenganava, fazia às vezes querê-la desenfadar com o triste vilão, que ia como pasmado das locuras que lhe via fazer esgrimindo a espada pelos ares e desafiando a todo o inferno junto, pelo que o mais que o vilão podia se afastava e Dramosiando ora caindo, ora levantando-se e chorando sempre, apareceo sobre aqueles penedos, onde Palmeirim e Polendos estavam, naquele mesmo,[388] em que tendo ouvido os vilãos, faziam as conjecturas, que já dissemos.

Vinha ele sem nada na cabeça, porque para caminhar depressa tirara o elmo e trazia lançado para trás ao ombro o escudo e ele todo escalavrado e descomposto das quedas, porém muito mais da dor que interiormente trazia, os olhos vinham encarniçados, a boca vinha escumando fúrias e cóleras vivas, contra si primeiro e logo contra quem lhe levara a princesa e dava de quando em quando uns urros, fora, não só de seu costume, mas de todo o homem racional e humano. E vendo da ponta do monte no areal aqueles cavaleiros, sem discernir se eram homens ordinários, ou gigantes começou a correr e a dizer-lhes com ũa vox fera e medonha:

— Louvado seja Deus traidores, que inda vos acho, onde vingarei em vós com crueldades, que nunca costumei, o roubo, que me fizestes e depois a vida, que a mi mesmo hei de tirar, que [161v] não é razão, que pague com menos o disgosto que minha brutalidade tem dado à senhora princesa.

E levantando inda mais a vox começou a chamar por ela dizendo:

— Acodi senhora de donde estais, falai-me, que posto já não sou aquele Dramosiando, que vos soía servir, sou todavia quem vos saberá livrar. Vede-me e ouvi-me senhora princesa, não para me perdoar erros, que não têm desculpa, senão para serdes testemunha de como

[388] A: mesmo / B: mesmo tempo

castigo monstros, que vos desgostaram e logo ũ velho parvo, que vos deixou em seu poder.

Palmeirim que o via e ouvia daquela maneira, julgando-o por fora de todo seu juízo, rebentando-lhe muitas lágrimas pelos olhos, foi-se a recebê-lo,[389] para se lhe dar a conhecer, porém caro lhe houvera de custar aquela cortesia, porque tal vinha Dramosiando que sem nenhũ discurso, nem consideração, sem embraçar o escudo, nem armar a cabeça, tirou com o elmo, que trazia na mão a Palmeirim com tanta força e ímpeto, que se o acertara em cheio, facilmente lhe quebrara o coração dentro nos peitos e inda colhendo-o por ũa ilharga o fez dar duas voltas em redondo e no cabo cair de mãos em terra e não parando ali o elmo foi colher o criado de Paludrão pelo alto da cabeça de sorte, que deixou mui bem vingado a Dom Duardos, chegou a Polendos ainda com tanta fúria, que bateo com ele em [162r] terra de tal sorte amortecido, que não tornou em si daí a ũ bom espaço.

Trás isto arrancou da espada e dessarte remeteu a Palmeirim, que pasma Henrique Frusto, de como ele o poude meter em razão, sem maior perigo ainda do que com ele correo, assim por estar também desarmado da cabeça como porque não tratava senão de que o outro de todo estava incapaz. Enfim diz ele, Palmeirim ora reparando-se, ora desviando-se e falando-lhe sempre, o trouxe a conhecimento daquilo que fazia.

Então parando Dramosiando, deixou cair a espada no chão e assentou-se em ũa daquelas pedras a olhar para Palmeirim, sem lhe poder falar palavra. E vendo todavia Paludrão morto, Polendos caído e os outros estirados, não se lembrando do golpe, que tinha feito, cuidando que tudo eram obras de Palmeirim, rompendo aquele silêncio, disse para ele:

— Tudo vejo senhor, senão a princesa. Dizei-me onde a tendes pois a livrastes e também se sabe ela se sois vós a quem o deve. E não para que com isto fique desculpado meu erro, senão para que veja, já o que fiz, que foi por quem a soube e poude resgatar a ela.

E com isto arrasando-se-lhe os olhos de ágoa, não poude ir mais por diante. E Palmeirim no mesmo estado, se foi então abraçar com ele dizendo-lhe:

— Senhor [162v] Dramosiando em tão justa matéria de sentimento, toda a demonstração é também justa. Nem eu livrei a princesa, nem sei que seja dela. Cheguei aqui naquele batel com a nova de sua perda e achei esse gigante morto e essoutro homem junto dele e novas, que me tiveram de todo[390] consolado, se as eu crera de todo, porque milagres

[389] A: recebê-lo / B: recebê-lo tirando o elmo
[390] A: de todo / B: não pouco

não os faz senão Deus,[391] por meios milagrosos salva, mas não castiga. Aquele peão que é vosso e o outro que está ferido, que era do gigante, vos dirão o que a mi têm dito enquanto eu vou ajudar alevantar aquele cavaleiro, que vós derrubastes, que é Polendos vosso servidor.

E mandando trás isto àquele peão que arrojasse o ferido para onde Dramosiando estava ele se foi acodir a Polendos, que ia devagar tornando daquela pancada. Porém Dramosiando, que ouvio dizer a Palmeirim que inda faltava a princesa, tornando a entrar em novos paracismos de ira contra si, suspendeo todavia os efeitos dela, até ouvir o que aqueles homens diziam escutando-os atentamente. Eles lhe tornaram a referir tudo o que tinha passado depois que ele se apartara da princesa. O que acabando de entender o pobre homem e acodindo-lhe Deus com ũ raio de sua luz, que lhe aliviou o entendimento, sentando-se em giolhos levantou as mãos para o ceo e disse:

— Dou-vos Senhor [163r] muitas graças, que me mostrais, que só vós sois poderoso e digno de ser servido. E isto que eu sempre cri, depois que por misericórdia vossa vos conheço, vejo agora claramente pois ordenais que ũ moço descalço e vestido em ũ saco, seja melhor para guardar ũa princesa, que Dramosiando armado de todas suas armas. E pois é assim Senhor eu me consolo e a tenho por salva a ela na companhia que lhe vós escolhestes, pois nem em vossa guarda pode perigar alguém, nem ser guardado sem ela.

E em acabando de pronunciar estas palavras últimas, chegaram ali molhados e feitos pedaços, Palmeirim de Lacedemônia, Almourol e Pavorante, que ao longo do mar fizeram aquele caminho, que se lhe tinha ordenado e valeo-lhe serem gigantes para poderem atravessar alguns passos, que necessariamente havia de ser pela ágoa e a Palmeirim valeo-lhe vir em sua companhia, que o passavam às costas, porque de outra maneira não fora possível. Tão áspera, tão intratável era a via, que troucheram.

Após estes chegaram também os reis de França e Espanha e Dom Floris, que se embarcaram com ũ usso, que encontraram com o qual Dom Floris teve ũa porfiada contenda primeiro que o pudesse matar, por lhe não dar lugar o sítio a se valer mais que da ágoa.[392]

Uns e outros consolavam a Dramosiando depois [163v] que eram informados do que tinha acontecido. E vendo o gigante e ouvindo o que o seu criado contava dele e da batalha que com o frade tivera, por averiguado tinham que não podia ali faltar assistência particular de

[391] A: Deus / B: Deus e Deus
[392] A: ágoa / B: adaga

Deus e por isso faltava também a inveja neles, porque milagres quando muito serão matérias de desejos, mas de enveja nunca o podem ser. Provavam alevantar o cutelo, o venablo e o elmo, que jaziam pelo chão e depois o escudo, que lhe tiraram todos do pescoço àquele cadáver e tal era o peso e grandeza de qualquer destas cousas, que com Pavorante e Almourol serem gigantes e moços, dotados cada qual de forças muito grandes e com Dom Floris, que tinha[393] mais que todos os cavaleiros daquele tempo, boliam-nas e levantavam-nas, mas cuidar que poderiam usar delas em defensa própria, ou ofensa alhea era matéria de riso com o que ficavam cada vez mais confiados naquela sua opinião primeira.

E contudo tratando Palmeirim, Beroldo, Graciano e Dramosiando do que fariam, para que não ficasse de todo a salvação da princesa à conta de milagres, que não sabiam se Deus quereria continuar, bem lhe parecia que a primeira cousa que convinha era despedirem logo aquele batel após ela e que devia ser conforme e por onde corresse a ágoa da maré, quando o seu desamarrou, porque pois não levava com que se governar, [164r] mais veressímel era que faria o caminho, que ela lhe mostrasse, mas porque daquele sítio se descobria o mar, que por toda a parte que a vista alcançava e o batel não parecia, necessariamente convinha porverem primeiro o seu de vela e mantimentos para quem houvesse de ir nele, porque a pressa com que Palmeirim se embarcou e cuidar, que se não deteriam muito, não o deixou trazer mais que quatro marinheiros remando terra, terra.

E como aquele inconveniente era tão perciso, assentaram que o batel se tornasse logo a ter mão no navio, ou nos companheiros, que iam nele, para que com aquela ordem, que lhes deram, não corressem mais do necessário e que os avisassem que tornassem ao porto, onde estava o embaxador, que embarcasse tudo, o que havia em terra e que o batel se provesse do que havia mister para navegar per si aquela costa, até a cidade. Deixando dito mais aos do navio, que depois de recolhida a gente, não se bolisse, porque eles o iriam demandar pelo caminho da ermida onde queriam chegar como viesse Floriano e Vasperaldo, que ainda faltavam. E tomado assim este assento embarcou-se Polendos, que inda estava maltratado da pancada para ir dar pressa àquelas cousas e ficar-se curando no navio e do que fez daremos razão.[394] [164v]

[393] A: que tinha / B: ter
[394] A: razão / B: conta e razão no capítolo seguinte

## Capítulo 50

De como Polendos achou o navio e do que fizeram aqueles príncepes que estavam em terra.

Não foi pequena a ventura de Polendos em achar o navio porque aqueles cavaleiros, que iam nele cuidando por seus discursos que levavam melhor empresa que os de terra entendendo que o roubador da empresa[395] não deixaria de se embarcar, detreminavam buscar devagar aquelas alturas, fazendo também conta que se ficasse em terra que se não poderia esconder a tantos. E que achando-o inda que o navio lhe tardasse, que se contentariam com o gosto de sua felicidade[396] e assim que não era razão aventurarem a poder levá-la por mar e perderem-na, por falta de a buscarem. Com esta detreminação iam todos, porém, como a principal cousa era vigiar a costa, indo dando o primeiro bordo[397], avisou o gageiro que via ũ batel. Tiveram todos o maior alvoroço do mundo e foram a demandá-lo.

O mesmo fez Polendos quando do batel se vio o navio e depois de conhecidos, a lhes não dar novas da morte do gigante e do mais que tinha acontecido, não lhes deram boas alvíssaras os da nao. E posto que então lhes ficava a obrigação mais certa para navegarem, contudo, obedecendo foram-se ao porto em busca do embaxador e recolheram-no e a [165r] toda a mais gente, não sem muitas lágrimas das criadas da princesa e da outra gente sua que ali estava.

E depois de feito isto deixaram-se estar juntos esperando a Palmeirim e aos mais como lhes fora ordenado, os quais no sítio em que ficaram, vendo que se cerrava a noute e que Floriano não vinha e vendo também que Dramosiando com toda a sua contrição, mostrava que se não podiam descuidar dele, porque não abria a boca, que não dissesse desconcertos e cousas de quem tinha o siso muito abalado, suspendendo-se tudo em olhar para o corpo de Paludrão e acodindo de quando em quando com disparates estranhos, quis Palmeirim tirá-lo dali e levá-lo à ermida (que ele também desejava ver) assim para lhe afastar aquela ocasião, porque a[398] conversação do frade, a quem pelas informações julgava por homem santo e com a devoção daquela casa se amansasse nele aquela tácita cólera em que ardia contra si mesmo,

[395] A: empresa / B: princesa
[396] A: felicidade / B: liberdade
[397] A: indo dando o primeiro bordo / B: aquele primeiro bordo por ali o deram
[398] A: porque a / B: como porque com a

imaginando juntamente que pois Floriano não chegava e partira com a proa na ermida, que devia estar lá esperando que eles fossem. E comonicando a Dramosiando aquela detreminação ele encolhendo os ombros disse-lhe, que a toda a parte o segueria, ainda que deixarem-no ali fora a mercê, que ele mais estimara.

Palmeirim então querendo dar ordem como se levasse aquele criado do gigante ferido, tanto para o curar e repararem, [165v] como para que se tivesse ainda mais que lhe dizer o fizesse, acharam, que tinha de todo expirado com que se acabou toda aquela companhia do gigante como mereciam seus intentos. E ficando então desembaraçados daquele peso, fazendo medir a altura e grossura de Paludrão, que era monstruosa ũa e outra, caminharam para a ermida, guiados daquele peão de Dramosiando, ou de Fidélia, que Polendos soltara. E chegando ali já noute de todo, acharam a Floriano, que ao mesmo ponto chegava também, que por perder o carreiro, que do mar estava feito para aquela parte, lhe foi preciso dar tantas voltas e por partes tão altas, que não puderam chegar antes e ainda assim foi mais acaso, que sabendo para onde iam. Dramosiando pois, vendo-se ali e vendo a Floriano seu grande amigo, foi-se correndo a abraçar com ele e disse-lhe sem mais algũ preâmbulo:

— Naquela parte, senhor Floriano, a deixei eu, naquela lhe estive falando.

E Floriano ainda que não estava informado do que ele passara com seu irmão e qual vinha, bem lhe pareceo como devia estar, por ter caído naquele descuido de deixar a princesa. Abraçando-o também, lhe respondeo:

— Mui certo[399] Senhor Dramosiando espero em Deus, que riremos daquilo, de que agora choramos, porque ele, que creou a princesa com tanta diferença da outra gente, a guardará e quando não seja por nosso meio, muitos [166r] tem ele, de que o podemos esperar. Não nego que faltará[400] razão de sentimento ainda depois disto, mais pois a principal dor é a de ter perdido também o principal contentamento, deve ser o vê-la salva. E ficando-nos então só na consideração de nosso defeito, se bem o devíamos sentir como próprio, também por próprio o não devemos mostrar como molheres, antes engoli-lo como homens, quanto mais Dramosiando, que se não pode negar que é muito maior o poder da Fortuna, que a prudência humana. E é matéria de zombaria cuidar ũ homem que se pode prevenir aquilo, ou aqueloutro, ou que atalhará o inconveniente em que se acha, porque sendo assim como é, que lhe não

[399] A: certo / B: cedo
[400] A: faltará / B: não faltará

faltam a ela meios para desbaratar todos nossos discursos, claro fica, que ou estando comendo, ou dormindo, vos puderam levar a princesa, se a Fortuna quisera e a todos nós, que a estivéramos guardando. Que esteja salva, para mi é certo, porém não para que deixemos de a buscar. E se quisermos lembrar-nos o que por cada um tem passado e de quantas cousas vimos, de que não temíamos os sucessos nessas mesmas cousas, que também não esperávamos, não será menor a confiança, do que é razão que seja a deligência.

E chegando logo os mais companheiros a falar a Floriano e informando-o do que não sabia, passaram todos a noite o melhor que puderam, vigiando contudo sempre a Dramosiando. [166v] E em amanhecendo acodio logo o frade a consolá-los e a fortificá-los na esperança, que tinham de que a princesa ia salva com rosto e palavras tão alegres e claras, que eles se alegraram também muito julgando-as mais por revelação, que por consolação.

E querendo-se informar dele se tinha algũa notícia daquele mancebo, que matara o gigante, pois estava vestido no seu hábito, o frade que até então não tinha ouvido aquilo e posto que faltava Dom Duardos, cuidava que estaria escondido pelo monte, por amor de Dramosiando o não conhecer esperando que se fosse para tornar, que era o que lhe ele tinha comunicado como fica escrito, ouvindo agora aqueloutro e vendo que os sinais, que lhe dele davam eram os mesmos de que não podia duvidar, postos os olhos no ceo começou a entoar aquele verso do salmista:

— *A Domino factum est istud et est mirabile in oculis nostris*.

E após isto lhe deu conta de como ele ali viera, do exemplo e contínua mortificação com que vivia, da contínua tristeza que o acompanhava sempre, de como se quisera ir quando ali vira Dramosiando e a princesa enfim tantas outras cousas, que começou o coração de Palmeirim a dar-lhe saltos e a enquietar-se bravamente lembrando-se de seu filho, de quem não tinha novas havia tanto tempo. E perguntando ao frade se lhe sabia o nome, ou se havia ali algũa cousa que trouxesse vestida? O frade [167r] entrou na igreja e tirando a espada do altar onde a tinha na forma que temos contado, trouxe-lha e contou-lhes como lha quisera quebrar, se lho ele consentira.

Não havia ali ninguém, que não conhecesse aquela espada e vendo-a e vindo por ela em conhecimento de seu dono, todos olharam para Palmeirim, mas nenhũ com os olhos enxutos enternecidos da mágoa e saudade, que lhes aquele cavaleiro fazia e do quão apartado o viam do mundo, sendo tanto para viver nele e o remédio do próprio mundo segundo suas

obras. Dramosiando somente entre aquele comum descontentamento, se mostrou contente no rosto, no gesto e nas palavras, afirmando que então estava descansado, pois que a princesa ia em poder de Dom Duardos. E descobrindo-se uns e outros ao frade ele os venerou como a tais pessoas se devia, particularmente a Beroldo, mas não com a adoração, que costumam, os que não estão tão despidos das cousas deste mundo. Antes dizendo-lhe aquele rei que queria mandar ali edificar ũ mosteiro muito suntuoso ele lhe rogou que o não fizesse. E porque estorvar aquela obra que podia ser muito do serviço de Deus o deixasse sem escrúpulo, aconselhou-lhe que lá ao longo do mar, mais perto da cidade o podia fazer, para a glória de Deus e remédio dos que navegassem, mas entregando-o a outros religiosos de outra porfissão porque nem a todos convinha estarem no ermo, [167v] nem a ele trocar aquela solidão em que vivia.

E indo-se com isto a vestir para lhe dizer missa deixou-os edificados e confusos. E dita a missa, tomando-lhe uns e outros a bênção despediram-se dele, pedindo-lhe que os encomendasse a Deus e foram-se a embarcar onde o seu navio os aguardava. Palmeirim[401] que não perdia a mágoa de não achar o filho, parecendo-lhe que poderia porventura tornar ali, deixou-lhe ũa carta escrita e ũas armas com a sua espada e tudo o mais, de que lhe pareceo que tornando podia ter necessidade. E posto que alguns entenderam que pelo menos aquela espada não devia ficar, tendo Deus detreminado que socorressem outrem com ela, ordenou Palmeirim, que ninguém lhe contradissesse o deixá-la.

Querendo depois de chegarem ao navio, que se tomasse o porto de Alta Rocha, para deixarem ali Beroldo e Graciano, nenhũ deles o consentio, antes não se tratando já de buscar a Fidélia como estava assentado, tomando outro acordo, assentaram em fazer sua viagem direitos a Constantinopla, mas Dramosiando quis todavia que o deixassem em terra, porque de nenhũa maneira (dizia ele) deixaria de fazer seu caminho na sua demanda. E estando já todos seguros da sua quietação e vendo também que não era desarrezoado aquele intento, porque nunca se pudesse dizer que perdera a Fidélia como apressado e que deixara de a buscar como preguiçoso, tomando-lhe a palavra de que iria àquela corte, antes que se recolhesse a sua casa, meteram-no no navio e estando tanto avante como a boca da barra, dali o mandaram para terra no batel e depois deste recolhido, velejou o navio para o estreito e daí para Constantinopla,

[401] A: aguardava. Palmeirim / B: aguardava com grande contentamento, julgando que não guardava ali Deos tanto tempo a Dom Duardos encaminhando as cousas ao fim que viera para que no cabo deixasse de sua mão aquele príncipe e aquela princesa, porém primeiro que partissem, Palmeirim

não lhe acontecendo cousa que de se conta seja até desembarcarem em Grécia. E do que lá lhe sucedeo, daremos conta a seu tempo, que agora torna a história a dar conta da princesa Fidélia.

## Capítulo 51

Em que se dá conta do que fizeram Dom Duardos e a princesa Fidélia naquele lugar, a que foram ter e de como dele se partiram.

Escrito fica atrás a necessidade em que a princesa Fidélia se achava, de quem a acompanhasse e servisse e as dificuldades, que se ofereciam a Dom Duardos para o fazer e juntamente como detreminado a não a deixar, a apartou para lhe fazer ũa fala, a qual começou desta maneira:

— O trajo em que me vedes, o lugar e modo de vida em que me vistes, as cousas, que Deus foi servido obrar por mi em benefício vosso, todas vos pareceram mui repugnantes ũas de outras e se de princípio vos pudera contar [168v] minha vida em nenhuns sucessos dela, achareis conformidade, porque sendo de desventuras todos eles elas se foram empinando sempre de maneira, que contra o natural costume das gentes, muito menos me doe o mal presente, que aquele, que está por vir. Eu senhora sou cavaleiro, mas tenho deixado há dias este exercício. Os respeitos porque o fiz me dificultam o poder servir-vos e acompanhar-vos. E são eles tão forçosos, que se eu vos vira com menos necessidade de companhia, antes me arriscara a parecer-vos grosseiro deixando-vos, que aos meus respeitos atrevido, tornando a entrar no de que fogi. Mas pois a fortuna vos trouxe a haverdes mister o mais desvalido homem da terra, não será razão que pondo-me da parte dessa própria fortuna, vos falte eu também com esse pouco que posso. Só tomara saber de vós para onde quereis fazer caminho, porque como não seja para ũa só parte a todas as outras vos seguirei com menos pejo.

Sossegadamente esteve a princesa ouvindo aquela arenga. E vendo-a acabada, respondeo-lhe com o mesmo sossego estas palavras:

— Dias há, cavaleiro, que me conheço por pouco obrigada à fortuna e ainda que isto fora até ‘qui o conhecimento[402], agora dissera o mesmo, pois me necessita a pagar-vos tão mal o que vos devo aceitando-vos ũ tão forçado comprimento, [169r] mas também vos afirmo, que se vos devera menos, que nem neste, nem em outro peor estado o aceitara. Porém porque podeis perder em me deixar, mais do que tendes ganhado em me socorrer, não detremino largar-vos nas mãos de vossas malencolias, temerosa de que vos troçam por caminho, que vos

[402] A: o conhecimento / B: o contrário

esteja mal e tanto como será o desacompanhardes-me neste estado. Eu sou natural de Boêmia. Quando saí daquele reino, caminhava para Constantinopla. Arroujou a tempestade do mar e do vento, ũa nao em que eu vinha, naqueles penedos que vos veríeis[403] escapando contudo a vida de todos os que nela vinham embarcados. Aquele gigante, que vistes comigo quando cheguei à ermida, me levou lá importunado de mi, que tendo notícia dela por ũ homem, por quem mandamos espiar a terra, a quis ir ver. E porque estando ali nos troucheram recado, que era chegado àquele porto, onde nos perdemos, gente muito conhecida sua, havendo a parte em que eu estava por segura, me deixou, por ir agasalhar aqueles hóspedes. Entretanto veio, não sei donde o outro gigante, que matastes, o qual me fez levar com esta companhia que vinha comigo da maneira que vistes, ao lugar em que vós estáveis, não sei com que intento. Digo-vos isto tudo, para que considereis se antes de nos apartaremos desta terra, convém mandar à de que viemos, que não deve ser longe, pois ontem de tarde saímos de lá, porque [169v] cuido verdadeiramente que não tardaria muito em ser avisado o meu guardador e os cavaleiros, que de novo chegaram. E creio também que uns e outro, não deixarão de fazerem todas as deligências possíveis por me acharem. E se ainda por ali andarem, bem pode ser, que fazendo o que vos deveis a vós e a mi, satisfaçais também (deixando-me com eles) a esses respeitos, que tão apartado vos trazem do mundo, dos quais nem eu quero julgar agora, nem ser melhor informada.

Dom Duardos então abrindo os olhos do entendimento, ouvindo falar em Boêmia, subitamente a conheceo pelo retrato que tinha visto seu, na Ilha Perigosa, onde se criara. E entendendo juntamente que Dramosiando a devia levar a Constantinopla com algũ fim, alegrou-se interiormente muito de que não fosse morto por Paludrão como tinha crido. E estimando notavelmente o valor e juízo daquela princesa, a fora as outras partes naturaes, que tinha, vendo-a naquele estado, não poude deixar de lhe ter ũa grande lástima e grande inveja juntamente à constância, que mostrava nele. E resolvendo-se em acompanhá-la até as portas de Constantinopla, quando antes disso não achasse a quem poder entregar decentemente, tornou-lhe a responder na sentença seguinte.

— Já devo senhora a vos ouvir ũa tamanha parte de minha alma como é a memória, que os trabalhos me tinham tirado de todo. Restituída [170r] ma tem vossas palavras. Sei que sois de Boêmia e o que sois em Boêmia também o sei. Nem se podia achar o valor de que

[403] A: que vos veríeis / B: em que vós víeis

acompanhais vossas cousas, senão em ũ sojeito, onde a natureza ajuntou tantas grandezas. Vamos a Constantinopla, pois lá era o vosso caminho, que segundo tenho ouvido daquele emperador, que ali reina, não deixará de vos agasalhar de maneira, que não deis por bem passados todos os trabalhos, que pelo ir ver passastes. Deter nesta terra, nem tornar à outra de que saímos, me parece escusado, sem embargo de vos parecer o contrário, porque sendo certo[404] que o vosso gigante e os outros companheiros, que lhe chegaram haviam de fazer muitas deligências por vos achar, tanto que fossem informados do que vos tinha acontecido, claro está que parariam ali poucas horas, porque a serra era tão pequena e a perda e desastre tão grande, que brevemente a revolveriam toda. E não achando rastos de quem vos roubou nela, sem nenhũa dúvida era[405] que nos navios em que esses cavaleiros chegaram, serão partidos a buscar-vos, onde a fortuna os levar e assim infrutuosamente gastaremos nós o tempo esperando aqui ou indo a buscá-los lá. Pode ser que a sorte nos ajunte. Não é possível[406] que a boa fortuna dessa casa a quem vós ides honrar, deixe de vos levar lá com a brevidade, que vós desejais e lhe a ela cumpre. E por hora me parecia que nos recolhêssemos a [170v] algũa pousada, da qual aquele vosso enano negociará com a ordem, que lhe eu darei, o que havemos mister para a jornada. E repousareis vós entretanto, que algũa necessidade deve de haver disso.

A princesa se teve por bem aconselhada e sem fazer mistério, ou caso algũ de que a ele conhecesse, lhe disse, que se buscasse a pousada e fizesse o mais conforme lhe tinha parecido. Foi à deligência Pleonido, que para aquilo valia ũ tesouro e achando ũa, que lhe contentou, levou-os a ela e depois da princesa e Enáclia recolhidas onde lhe tinham prestes conforme ao trato da casa e terra, tirando Dom Duardos o relicário de pedraria, que como fica dito, sempre conservou consigo, abrindo-o meteu as relíquias em ũa bolsinha que lhe ali deram e mandou ao enano que o fosse vender e comprasse vestido, armas, cavalo e palafréns. Melhor provido, que agora devia ser então aquele lugar em que estavam, porque tudo o enano achou, senão com coriosidade e riqueza, que as calidades das pessoas requeriam com a comodidade ao menos, que o presente estado delas havia mister, mas porém não do procedido do relicário, porque dando o enano conta daquilo à princesa, ordenou ela que ainda naquele estado fosse

[404] A: porque sendo certo / B: que sendo verissímil, antes certo
[405] A: era / B: creo
[406] A: ajunte. Não é possivel / B: ajunte e quando não, não pode faltar Constantinopla, que não é possível

Dom Duardos o devedor do cavalo e armas e assim[407] mandou pagar tudo, sendo os anéis e broches, que Enáclia trazia, o preço daquelas compras, as quais feitas e vestido e armado Dom Duardos, [171r] ainda que a sua muita tristeza e as penitências passadas o tinham dessemelhado como atrás fica dito, logo se mostrou com tanta diferença, não só do que antes parecia, senão de todos os cavaleiros, que Pleonido até então tinha visto, que ele, que o ajudava a armar (sobre ũ banco trepado) vendo-o naquele hábito, a que tornava, confuso e alegre, não poude deixar de lhe dizer:

— A fé, senhor padre, que muito tempo há que houvéreis de ter enforcado o hábito, porque neste sospeito, que servireis melhor a Deus e à gente, que vos há mister.

E deixando-o provocado ũ pouco a riso, foi dar aquela nova à princesa com grande alvoroço, a qual assim pelo que tinha visto como pelo que julgara do que lhe ouvira, o reputava e estimava tanto que nada lhe acrescentou a opinião, o que dele de novo lhe diziam. E gastando ali aquele dia e parte do outro, que bastou para se acabarem de aviar de tudo o que lhe era necessário, partiram enfim na volta de Constantinopla. A princesa em ũ ordinário palafrém e com ũa guarnição ordinária e Enáclia e o enano em outros da mesma maneira. Dom Duardos em ũ bom cavalo e com armas de boa cor somente negras, que eram como ele as desejava, mas no mais pouca para esperarem os reveses de Paludrão se ressuscitara. E contudo só da sua espada tinha saudade, parecendo-lhe que o mesmo valor com que esforçaria as armas enfraqueceria mais aquela, que [171v] levava, de que não ia nada satisfeito. E caminhando tudo o que daquele dia lhe ficou ao longo do Tejo, foram andando, sempre para cima.

Diferentes cuidados os ocupavam a todos, porque a princesa ũa vez divertia-se na fermosura daquelas ágoas, outras arrebatava-se na contemplação dos poderes da fortuna, vendo-se a si em estado, que não conservava de quem era senão os dotes da alma em que ela não tinha jurisdição.

Dom Duardos dava em satisfações ao rigor de Carmélia, os desastres daquela mesma princesa e as calidades dela. E também não cuidando que o ouviam às vezes dava vozes, que bastavam para o fazerem tornar em si, queixando-se da crueldade da fortuna o obrigar com razões tão poderosas, não só a tornar ao mundo, de donde lhe parecia que sua senhora o tinha desterrado, senão a andar por Espanha feito outro novo Cavaleiro das Donzelas a todos os

[407] A: armas e assim / armas, que ela e seus criados de palafréns e antifaces e assim

olhos, que o vissem.

Enáclia chorava sua senhora e as saudades de sua terra. Pleonido só se ocupava com todos, porque agora discorria por quem seria aquele cavaleiro, que os acompanhava, ora do que teria feito a sorte dos que faltavam e logo pelo sucesso, que os esperava na jornada que faziam.

E indo uns e outros com estas imaginações como dizíamos, tomou-os a noite em ũ campo. despovoado de todo e sem comodidade algũa, de a poderem passar, [172r] senão ao sereno. E como Dom Duardos levava grande regalo ou cuidado no cômodo daquela princesa[408], afligia-se muito de ver o roim aparelho que por ali havia, porém ofereceu-se-lhe logo à vista ũ castelo, que estava da outra parte do rio e não mal assombrado ao que àquela hora se podia divisar. E juntamente vio ũa barca que passava para lá algũa gente do campo. E querendo aproveitar-se do gasalhado, que a vista do castelo prometia, disse à princesa, que deviam de embarcar, pois de cá não havia onde pudesse agasalhar-se. Ela lhe respondeo que embora, mas que o caminho que faziam era tão comprido, que por força achariam muitas incomodidades daquelas primeiro que chegassem e que ia pouco em ũa mais, ou menos.

Mas Dom Duardos que era de opinião, que não se havia de estranhar o mal quando viesse, nem fogir ao bem oferecendo-se embarcou[409] e a toda a companhia e a si depois e brevemente foram da outra parte. E começando, tanto que saíram em terra, de caminhar para o castelo, que não estava longe, indo já quasi ũ tiro de besta dele encontraram passeando em ũ arneiro, ũ cavaleiro desarmado já de idade, rezando por ũas contas e descontente no parecer, o qual sendo homem de boa criação e entendimento, tanto que vio Dom Duardos com aquela companhia e que as horas não eram de passar adiante, nem no sítio havia outra pousada, senão aquele castelo, de quem ele era o dono, foi-se a Dom [172v] Duardos e ofereceo-lho com rosto alegre e vontade limpa. Aceitou ele o agasalhado, que ia buscar com mostras de o estimar muito e pondo-se a pé foi juntamente com o hóspede acompanhando a princesa, que sem tirar uns antifaces, que levava, lhe tinha também agradecido aquele seu bom termo.

Enfim chegando ao castelo acodio logo gente, uns a tomar e agasalhar os cavalos e palafréns, outros com tochas a alumiar-lhes por ũa escada acima, por onde sobiram a ũa casa grande e bem assombrada e dela entraram em outra da mesma maneira, na qual a princesa

[408] A: grande regalo ou cuidado no cômodo daquela / B: grande cuidado no regalo daquela
[409] A: embarcou / B: embarcou-a

tirou o rebuço, porque vio que à porta dela a esperava a molher daquele cavaleiro, que era ũa dama de mui boa presença inda que também de dias e da mesma maneira no parecer descontente.

Esta pois e o marido vendo descuberto o rosto da princesa, ainda que não traziam mal acostumados os olhos, tal foi o seu espanto, que sem o poderem encobrir começaram a dizer-lhe cousas, que ela por sua grande modéstia se pejava. E finalmente naquela casa foi a princesa agasalhada e servida, dos senhores dela com toda sua tristeza com tanta coriosidade e decência, que inda que ela não viera tão trabalhada, não pudera deixar de lhe parecer mui bom o caminho, que para ali fizera Dom Duardos, que a foi acompanhando até a entregar àquela dama.

Tornando-se a outra casa, a onde seu hóspede o levou, também [173r] estivera muito a seu prazer, se suas malencolias o deixaram, porém por não parecer ao hóspede o que ele lhe tinha parecido, dissimulando-as o mais que poude, ceou e contemporizou com ele, até que ficando só com Pleonido, tornou a largar a rédea a seus cuidados, de maneira, que sem respeito daquela vizinhança ficou como em êxtacis e o pensamento e coração em Carmélia. E o enano, que o vio assim recolheo-se aonde lhe tinham feito ũ ninho, dizendo entre si:

— Ficai-vos embora Dom Beatão, que como nos deixares em Contantinopla não se me dá de vós e depois muito menos.

Assim os deixaremos nós também até seu tempo.

## Capítulo 52

Do que aconteceo a Primaleão naquele monte em que vivia.

Deixamos, se nos mal não lembra, ao príncepe Primaleão apascentando cabras pelas ladeiras de ũs montes compondo diferenças de pastores e ultimamente dando voltas sobre certas aroeiras à vista de Daraja opresso de suas dores e sofocado das desesperações que a imaginação da morte de Fidélia lhe causava.

Dissemos também que Daraja ouvidas as lágrimas[410] em que ele tinha rompido lhe voltara as costas chea de pensamentos, [173v] que nem aquilo eram palavras de pastor, nem o sentimento, de que elas nasciam, se agasalhava em corações rústicos e humildes e que se fora com estes conceitos cevar ũ esmerilhão com que saíra à caça.

Assi foi, que por então acordado Primaleão daquele êxtacis, tornou a seu ordinário exercício e nele foi continuando chorando sempre com lágrimas irremediáveis a perda de Fidélia, tão perdido cada dia de novo por aquilo, que o amor lhe esculpira n'alma, que quanto mais se confirmava em que Fidélia era morta, tanto mais morria porque a não acompanhava na morte como o fizera na vida. E assim viveo ali naquele sítio, que ele achava acomodado àquela maneira de vida, que escolhera enquanto Daraja justa matéria das justas queixas de Braciliano, lho consentio.

Mas ela, a quem o Amor injuriado de suas ingratidões, quis mostrar que cousa era perder sospiros em quem sospira por outrem, obrigando-a a cuidar muitas vezes naquele pastor, nas palavras, que aquele dia e alguns outros lhe ouvio, nos procedimentos que tinha ainda naquele ofício, que exercitava, pouco a pouco lhe meteu n'alma pensamentos tão encontrados com seu sangue e estado e opinião como merecidos de sua pouca fé e pouca verdade.

Resistio a pobre moça contudo, tanto que conheceo o perigo, ajudando-se e armando-se [174r] destes respeitos que dissemos e do juízo com que conhecia e avaliava em seu favor aqueles mesmos respeitos, mas a força, que a tiranizava tinha-se já introduzido tanto dentro de suas veas e foi tão absoluta senhora de todas suas potências, que só lhe servia a resistência de lhe mostrar quão invencíveis eram os inimigos com que pelejava.

[410] A: lágrimas / B: lástimas

Tirou-se de ir ao campo como costumava. Desfez-se dos instromentos da caça com que se entretinha. Deixou a lição das histórias humanas em que se ocupava, porque achava nelas alguns exemplos de que seus ocultos inimigos se valiam. Não tirava nunca o bastidor e a almofada do regaço. As lágrimas eram contínuas. Os acidentes terríveis. A cor do rosto perdia-se e a carne desfalecia. As forças acabavam-se.

Enfadava-se o pai, desconsolava-se a mai e espantavam-se os criados. Os físicos não atinavam e a doença crescia.

Levada finalmente Daraja daquilo que a levava, foi-se ũa tarde em cima de ũ pequeno palafrém ruço, que tinha mandado selar com ũ silhão de veludo negro, gualdrapa e guarnições do mesmo, bordada ũa e outra cousa de ũas rosas do mesmo todas guarnecidas de ouro e prata ela vestida com ũ guarda-sapato de setim de ouro encarnado com ũas bordaduras ricas e bem botadas, um capote de veludo negro também forrado em peles arminhadas[411], sombreiro negro daquela [174v] mesma seda com martinetes brancos. Levava tantas cadeas, broches e botões de diamantes como se aquele fosse o dia em que quisesse assoalhar todas as suas joias. E desta maneira acompanhando-a seu pai e ũ criado com que folgava em outro palafrém, se foi passeando para aquela parte, onde sabia que Primaleão apascentava suas cabras.

Não chegou o pai tanto adiante com ela, porque se lhe ofereceo logo em que se ocupar e também não era cousa ordinária nele acompanhá-la, nem nova nela andar por ali com menos companhia ainda da que levava. Não lhe mentio a esperança a Daraja no como foi achar aquele pastor, porém não lhe falou verdade no mais, que ela daquelas vistas esperava, porque ele que trazia o coração morto para todas as cousas de vivo, que não eram lágrimas, nem o inquietou Daraja naquele traje em que vinha, nem cuidou que havia nela novidade. E posto que ela lhe falou com algũa diferença, do que costumava, nem isso fez cair ao pobre homem, nem lhe respondeo, senão com a singileza com que outras vezes o fizera.

Consolava-se a afligida Daraja à vista daquele desprezo com lhe parecer que a estimação de sua pessoa, teria atada a língoa e ainda ligada a vontade daquele homem, porque se nem todos os de profissão diferente (dizia ela) ousam a arrastrar[412] impossíveis, que fará ũ triste pastor de poucas cabras e alheas?

— Mas não (tornava a dizer logo consigo) Não são os olhos da carne, os que aqui

[411] A: arminhadas / B: arminhadas de preto
[412] A: arrastrar / B: arrostrar

[175r] falam verdade. Outra cousa vê o espírito, outra revela o coração. Não só não é pastor este mancebo, antes não é possível que deixe de ser algũa grão pessoa. E triste de mi, se o cuidado, que o traz de si tão longe, o não deixará entender-me, nem ainda depois de mais declarada! Tal acontecerá certo, que impossível era se assim não fora, que me não tivesse este homem já entendido, tendo particularmente tão bom entendimento como em suas queixas mostra. Vamo-nos, vamo-nos daqui Daraja. Sacrifique-se o gosto à honra e pegue-se antes a língoa nas suas fauces, que pronunciar palavras com que se ofendam tão honradas obras como as com que meus passados ganharam a estimação, que eu possuo.

E voltando desta vez a rédea ao palafrém, partio-se cortando pelo meio as razões, que o Amor, ou fúria, que a agitava, lhe punham na boca para se declarar. Com que até então verdadeiramente a não tinha entendido, mas importou pouco aquela dilação breve, porque a tormenta de seus próprios discursos comparando-a ũa vez com Vênus e aquele pastor com Adônis e outra lembrando-lhe a história de Endimião e Diana, achava-os sempre a estes peores, do que Primaleão lhe parecia e a si de nenhũ valor, a respeito das outras, a quem a gentilidade adorava por deosas. E vindo a inferir destas premissas ũas consequências de que não tinha comparação a sua resolução com a das outras, ainda quando aquilo não fosse mais que pastor. Porpostas [175v] todas as razões, que até então a tiveram muda com os olhos correndo ágoa, os beiços secos, a cor do rosto perdida, os membros tremendo encolhida a pessoa, houve enfim (vendo-se outra vez só com Primaleão naquele mato) de lançar pela boca cousas, que despertaram o seu descuido dele e que foram toques de fineza para o seu amor.

E em verdade, que quem vira a Daraja em o lugar em que estava, na idade que tinha com o parecer com que a dotara a natureza e lhe ouvira as palavras, que disse e notara nela os efeitos da verdade daquelas palavras mesmas, que não pudera duvidar de que amava com grande excesso, não sei eu quem deixara de se despenhar trás ũa ocasião tão poderosa, ainda que por outra molher ausente suspirasse, quanto mais chorando-a morta. Mas Primaleão era constante por herança de seus pais e muito mais constante pela perfeição com que amava e também as sombras de Fidélia tinham tanta luz, que não podiam deixar de ver os erros, para os não fazer, quem sempre trazia os olhos cheios dela.

E assim ele com pouco sobressalto, não dando lugar as palavras da tiranizada Daraja a dissimulação algũa, lhe respondeo tão honrada e sesudamente, que bem lhe pudera aquela reposta ser maior motivo de amor, que as outras cousas em que o fundava. E assim a reposta

como os efeitos, que fez veremos em o capítulo que se segue.[176r]

## Capítulo 53

Do que Primaleão respondeo àquela donzela e do que ela fez sobre isso.

— Não vos desconsoleis senhora (respondeo Primaleão) se cuidando que falais com ũ homem livre, vos achais falando com ũ monstro aborrecido da fortuna e desprezado da morte. Eu não tenho de vivo mais que o sentimento de não ser morto, nem cuido que vivo no mundo, senão, porque não mereço viver naquela parte, aonde se foi quem eu adorava na vida. E também tenho por não pequeno castigo meu, ver-vos a vós tão necessitada[413]. Não porque haja tentação algũa, que arrisque em mi a firmeza com que amo, aquele espírito, que o ceo me tem roubado, senão porque sendo vós quem sois e dotada daquelas perfeições, que eu vejo, nada tenho, que oferecer a meus cuidados, na repugnância desses desejos, tão indignos de vós como mal merecidos de mi. Porque de tal maneira conheço a perfeição do espírito, que adoro, que a tentação resistida, que nos outros homens costuma a ser merecimento em mi se algũa cousa me fizesse, ficara sendo heregia certa e treição indesculpável. Vede logo pois como se pode casar, ou cuidar nisso, quem vive tão alheio de si e quem tem tantas razões para se queixar da vida, quantas são as que há para desejar a morte. Mas porque não pague mal de todo a mercê, [176v] que me quereis fazer, não vos quero deixar com tão justa queixa de vossa eleição como podereis, tendo postos os olhos só no que aqui vedes. Cavaleiro fui, senhora, ũ tempo que vivi no mundo. E cousas ajuntou a sorte no meu nascimento, que sabidas puderam desculpar convosco os intentos, que vos aqui trouxeram. Isto que posso fazer sem ofensa de minha fé, faço em vosso serviço. E se não bastar e for necessário para quietação vossa deixar eu este sítio, fá-lo-ei também, inda que não com pequena saudade dos sospiros, que nele deixo, porque ainda que vós não sirvais de perigo a minha fé, não será justo que o seja eu a vossa reputação.

Tudo Daraja ouvio, porém não respondeo a nada. Voltou subitamente em acabando Primaleão de falar, as rédeas ao palafrém e quanto ao que então lhe pareceo, primeiro voltou as do coração. Foi cousa graciosa que sendo Primaleão quem a ofendera, ou desservira, Daraja depois apartada ũ pouco daquele lugar, se começou a queixar do triste de Barceliano como se dele recebera aquela, que por injúria reputava.

[413] A: tão necessitada / B: nesse estado

— Vingado estareis já Barceliano (dizia ela) E não sei verdadeiramente que tenha o a que chamais agravo, que possa obrigar mais ao ceos a que vos mostrem a vós esta desejada vingança, que a favorecer-me a mi, por me tirar de ũ trato em que ele era ofendido. Eu arriscada e vos não satisfeito? Impossível é que tanta lembrança do que me convinha como alguã hora me fizestes, nascesse sempre do vosso primor, [177r] e da vossa fidalguia. E bem claro o mostra o que depois intentastes e muito mais e melhor, o por que vos desviastes[414]. Cansáveis-vos comigo e tínheis razão, que eu não nasci, senão, para cansar ũa gente e para escandelizar outra. Mas se isto assi é, Barceliano inimigo, se me eu não queixo, porque vos queixais vós? Ou que justiça e razão pode haver como digo em vossas queixas, para me ver castigada só por elas com ũ desprezo, qual nunca padeceo a mais enorme pastora destes montes? Mas ai de mi triste, que se isto é obra do ceo como confesso, quem poderá culpá-lo a ele, nem acreditar-me a mi? Do ceo é o castigo bem o vejo e vejo também que não sois vós não Barceliano a causa. Bastante causa é minha vaidade. Bastante a arrojar-me eu tão desatinadamente por ũ pensamento vão e desordenado, para outros castigos maiores, quais foram o desenfreado apetite, se me leváreis a menos regulada parte. E se eu tivera juízo, agora havia eu de amar aquele pastor. Agora lhe devera os extremos, que por ele cuidei fazer e não a ira de que me vejo ocupada para lhe procurar a morte. Ai Deus, que ventura foi a minha, que conheço o que sou e o que fizestes em mi para me ofender de quem me enjeita e não para agradecer a quem me defende de mi mesma, pois sou mais inimiga de mi, que quantas tenho. Enfim não será razão pois que o amor tem triunfado de Daraja, que triunfe também no [177v] mesmo tempo a ira. E se fui molher e operei[415] naquele efeito em estoutro não o quero parecer. E enquanto a dor não tem de todo o juízo ofuscado, vamos a prevenir seus efeitos, para que quando chegue aquela fúria, que me ocupe toda, não ache nesta parte em que possa executar suas tiranias. E também poderá ser que sirva esta minha deligência de ficar eu só sendo o objeto de minhas vinganças, pois eu só sou em quem melhor as posso e devo tomar.

E dizendo isto tornou a voltar para onde estava Primaleão, que sem se bolir daquele lugar, nem lhe lembrar o que ali tinha passado, o achou outra vez entregue aos mesmos pensamentos, de que sempre andava cheio. E tanto que chegou a ele, disse-lhe:

— Tenho-me por tão bem paga nesta hora, do que vos mereci há poucas com não

[414] A: desviastes / B: desaviestes
[415] A: e operei / B: ou o apareci

estimardes esta obrigação, que não quero deixar de avisar-vos que vos cumpre mudar de sítio, porque não venha vossa vizinhança a profanar minha ingratidão como profanou algũ espaço a pudicícia de meus pensamentos, porque hei medo de resestir peor ao que me obrigar ũa ira tão mal entendida, do que o vós tendes feito a ũa vontade não bem ordenada. E pois este será o último benefício, que recebais do meu amor, querei gratificar-mo, rogo-vo-lo com me não deixar lugar, de parecer molher em tudo, pois para ũ aborrecimento eterno, bem basta a parte em que vo-lo devo tê-lo parecido. Não será isto torcerdes de vossa fé e não seja embora [178r] fazerdes algũa cousa pela conservação dela. Leve-vos Deus aonde descanseis, ainda que eu fique onde não descanse nunca. E quererá também Deus que eu ache por este caminho, o que por outro como cristã não posso, que é tirar-me a morte o que eu não espero da vida.

E também sem esperar reposta voltou como da outra vez e tão apressadamente que ainda que o outro quisera responder-lhe, não pudera. E assim ficou nas considerações que adiante veremos.

## Capítulo 54

De como Primaleão se partio daquele sítio e que castelo era aquele a que fora ter a princesa Fidélia.

Ficou Primaleão (vendo ir a Daraja segunda vez com aquela pressa) ponderando com mais algũa atenção suas cousas. E tendo-a visto a ela e conhecendo suas calidades, não lhe poude negar ũa lástima grande. E querendo satisfazê-la em algũa parte, ordenou de deixar aquele sítio em que verdadeiramente se entretinha com algũ alívio, assim pela solidão e apartamento dele como por secreta força com que a natureza[416] lhe obrigava a vontade. E logo com novos queixumes da ventura despedindo-se amorosamente daqueles penedos, [178v] com quem aqueles dias conversara, tirou pelo rio abaixo, até ir parar em outro lugar como diremos e Daraja não parando apartada dele senão em casa de seu pai. Apeou-se ali e indo a sua pousada arrojou de si o pesado e inútil ornamento de sua fermosura e ficando carregada consigo mesma, lançou-se com o rosto sobre umas almofadas e começou a dar tantos sospiros e a derramar tantas lágrimas, que revolveo toda a casa, cuidando-se que acabava de todo. Passou aquele dia e o outro naquele exercício e a o terceiro ouvindo acaso queixar-se o amo de Primaleão de se lhe ter ido sem saber por onde nem para onde, dizendo que perdera o seu remédio naquele homem e louvando-o a seu modo de todas as virtudes, que lhe a ele eram de estima, mostrando notável saudade da sua conversação.

Cresceo com a desesperação o amor e depois[417] com a mesma produzia terríbeis efeitos de ira, dobrando-se os acidentes. E houve enfim de se fazer o mal de calidade que a não deixava levantar da cama, nem lho consentiam seus pais, temendo-se que as fúrias em que muitas vezes entrava, a levariam a total roína sua e assim a guardavam.

Neste estado estava Daraja, quando Dom Duardos e a princesa Fidélia chegaram a casa de seu pai, que aquela era aonde as[418] deixamos e esta a causa da tristeza, que eles mostravam como naquele capítulo contamos. E porque se ela [179r] desassossegou de maneira, que obrigou à mai, que estava entretendo a princesa, a que a deixasse e lhe fosse acodir tornando daí a pouco com as lágrimas nos olhos, pedio perdão à hospeda e deo-lhe juntamente conta

[416] A: a natureza / B: a natureza da mai
[417] A: depois / B: ele depois
[418] A: as / B: os

daquele mal, que a filha padecia, a que não sabia o nome. Compadeceu-se ela muito de ouvir aquilo e ouvindo tão bem as boas partes, que a mai sesudamente afirmava, que a filha tinha, quisera logo ir a visitá-la, porém não lho consentio a dona da pousada, dizendo-lhe que descansasse e que a o outro dia lhe faria aquela mercê.

Assim se fez e recolhida a princesa no gasalhado, que se lhe tinha prestes, a mai se tornou para a filha e deu-lhe tais novas da hóspeda, que tinham, que lhe imprimio ũ notável desejo de ir a vê-la, porém como suas fúrias eram em ũa só matéria, não tinha perdido para as outras o comedimento e certeza[419], que era razão, que lhe não faltasse. E assim alvoraçada para ver aquele extremo de fermosura, deixando-a repousar, passou ela também a noite com mais algũ repouso, do que soía.

E compondo pela menhã a cama e a pessoa com mais coriosidade, aguardou pela visita, que lhe não tardou muito porque a princesa com o desejo de caminhar, não houve mister quem a chamasse. E depois de estar em ordem para o poder fazer, sabendo que a esperava a doente, foi alegrar com sua presença a Daraja, parecendo-lhe a mais bela creatura, que ela soubera [179v] nunca imaginar. Também a princesa se alegrou muito de a ver a ela e compadeceo-se juntamente, porque ainda que lhe pareceo melhor que todas as molheres, que ‘té então tinha visto, todavia, bem conheceo, que o mal que padecia lhe tinha roubado grande parte de sua fermosura. E sentando-se junto dela e tomando-lhe as mãos começou a a consolar e animar com tão boas palavras com tanta brandura e bom termo, que Daraja se enterneceo de maneira que começou a derramar infinitas lágrimas, lembrando-se do que tinha passado por ela. E finalmente como a descrição da princesa igoalava sua fermosura, tantas cousas lhe disse, que Daraja lhe perguntou se se atrevia a ficar ali ũ espaço com ela só?

— Si por certo (respondeo a princesa) antes o desejo, porque me parece que à falta de ũ médico como eu estais vós doente.

Há pouco que gabamos a Fidélia de discreta, por isso me não atrevo a dizer nada deste juízo, que ela logo fez. Ficaram sós enfim e foi estranho sucesso o que daquilo resultou, porque descobrindo Daraja todas as chagas de sua alma, ficou com consolações e advertências, se não de todo sã em grande parte melhorada e a princesa ouvindo ponto por ponto toda a história de Primaleão, as queixas, que fazia da fortuna e o sentimento, que mostrava, ponderando bem as primeiras palavras, que lhe Daraja ouvira, tomando os sinais da

[419] A: certeza / B: cortesia

pessoa, que ela muito bem soube pintar sem nenhũa [180r] dúvida, lhe ficou claro quem era o queixoso e qual juntamente a causa dos queixumes. E conferindo as cousas passadas com aquela fineza, não só do desprezo daquela molher, que tão bem lhe parecia, mas do nenhũ movimento, nem alteração, que mostrara com aqueles oferecimentos. Tendo o Amor começado já a abalar o fundamento de sua liberdade, aproveitando-se agora de seu próprio juízo dela, contra sua natureza, vendo-se avaliar aquelas cousas como elas mereciam e ajudando-se também do clima daquele sítio, onde o pecado a levara, de todo, ou quasi de todo deu com o edifício em terra. E ficou a senhora Fidélia dali por diante, se não tão agradecida da Primaleão como lhe suas cousas mereciam, pelo menos tão lembrada dele para desejar vê-lo como alegre de achar aquelas novas.

Em efeito despedindo-se de Daraja, sem lhe dizer de si, se não só que ia direita a Contantinopla e que dali por via de Miraguarda com quem lhe ela dissera que tinha parentesco e correspondência aquela casa, avisaria como chegasse com mais particularidade, do que então o podia fazer. Partio-se com a sua companhia deixando mui bem paga a pousada com a melhoria, que Daraja mostrou em seus acidentes. E seguindo o caminho, que fazia, aconteceo-lhe o que a seu tempo diremos.[180v]

## Capítulo 55

Do que aconteceo a Albaizar em aquele batel em que ia.

Navegava Albaizar desarmado na pessoa, confuso no entendimento, vendo-se em ũa tão pequena embarcação metido no coração do mar, sem marinheiros, que trabalhassem, sem mestre que mandasse, sem piloto que governasse, sem vela, nem instromento algũ, de quem pudesse fiar sua salvação e saúde e todavia o batel caminhava direito e ele quando eram horas, via diante de si tudo o que não só à sua comodidade era necessário, mas ainda o regalo e grandeza de seu estado com tanta abundância e cerimônia como se estivera na mais provida cidade de seus reinos. Porque Milena como fica dito, foi a autora de sua perigrinação e o foi também do provimento de sua pessoa com o cuidado e decência, que dissemos.

Desta maneira foi alguns dias descuidado da alteração em que a novidade do caso o pusera nas primeiras horas e dos sucessos, que teriam as cousas de Aliboazém e Vasperaldo, que deixara naquele termo como de matéria sem remédio, que lhe ele pudesse dar ao menos. E assim voltando todo o cuidado àquela parte, que o pessuía todo, julgava-se por bem livrado e ditoso, se aquele caminho tão estranho, o levasse a ver Carmélia única e só senhora de seus pensamentos, verdadeiro [181r] ídolo de sua adoração e própria alma daquela sua vida, que enquanto era daquela presência[420], que tinha sempre na memória, sentia comonicar-se-lhe os espíritos de que vivia. Não esperava ele tanto bem de sua fortuna, porém o desejo não se satisfazia com menos. Dificultava-lho a razão, facilitava-lho o amor e entre estes dous extremos, vinha a ficar às vezes com ũa paz interior, que o não consolava pouco, cuidando que por mais desviado que aquele batel fizesse seu curso de Constantinopla, nunca podia pô-lo mais longe daquela terra, do que estava na sua, a respeito de poder ir buscá-la, porque donde quer que a fortuna o lançasse, livremente o poderia fazer, sem contemporizar com mai, irmã e vassalos e com o governo, pesado jugo para ânimos inquietos. E assim entendendo que poderia seguir seu desejo livre daqueles embaraços, pelos passos por onde ele o encaminhava, se entretinha este cavaleiro esperando o fim daquela navegação, que o a ele trazia cego e sem a qual não cuidava que a tinha, nem que o mundo tinha sol[421].

---

[420] A: que enquanto era daquela presência / B: que então o era enquanto daquela presença

[421] A: navegação, que o a ele trazia cego e sem a qual não cuidava que a tinha, nem que o mundo tinha sol / B: navegação tão incerta tendo sempre pelo mor perigo carecer daquela luz que o a ele trazia cego e sem a qual nem

Amanheceo ũ dia enfim em que às primeiras horas dele, o batel parou em ũa praia do reino de Macedônia e não muitas jornadas de Constantinopla, mas nem ele conheceo a terra para se alegrar, nem vio por ali a quem perguntasse por ela. E todavia, posto que não conhecida e ele desarmado e só, a houve por mais [181v] segura, que a embarcação em que vinha, se bem acomodadamente. Em vendo parar o batel sem aguardar mais, saltou depressa na area e o batel subitamente se desfez logo ali em ar e fumo, matérias, de que parece que era composto. E como Albaizar pouco mais, ou menos, sospeitava isto, deo-lhe pequeno sobressalto aquela resolução. Porém vendo-se em terra e naquele hábito, não deixou de lhe lembrar, que bem pudera quem tão regalado e bem provido o trouxera no mar, provê-lo com pouco trabalho das cousas do que na terra padecia de presente necessidade. Mas nem detendo esta consideração os passos, nem desmenuindo a necessidade no ânimo começou a caminhar entrando pela terra dentro, por um carreiro, que lhe pareceo mais seguido e andou tanto por ele ‘té que sentio rumor de gente, que ainda vinha longe, o qual o fez ir mais sobre si. E finalmente indo ele e vindo os outros, depressa se viram todos.

Eram os que vinham três peões armados de capacetes e alabardas e traziam entre si ũ homem mancebo com as mãos atadas atrás e ũa mordaça na boca com tenção segundo depois disse o preso, de o lançarem no mar, porque não aparecesse mais nunca na terra. E alterando-se com a vista de Albaizar, quiseram logo ao princípio torcer o caminho, mas despois vendo que era só ũ homem e desarmado de todo, foram por diante, detriminando fazerem-lhe o mesmo que ao outro. E emparelhando com [182r] ele, ũ dos três, que se adiantou, foi a lançar-lhe as mãos sem nenhũa maneira de comprimento, nem cortesia. Porém Albaizar arrancando do cutelo de monte, que trazia, castigou com ele o atrevimento deste e com a alabarda, que lhe tomou, a tirania e ingratidão dos outros, que vinham a socorrer o companheiro. E poude remedear a Trigônio escudeiro de Dom Duardos, que este era o preso, dos que o traziam que eram dous dos seus marinheiros com quem vinha e o vilão dos gigantes, que os persuadiu a todos a fazê-lo como atrás fica escrito.

Dos quais diz a história, que apartando-se daquela costa em que o deixavam com o alvoroço, que contamos, sem quererem ouvir o triste escudeiro, navegaram contentes para a sua terra, feitos tiranos da fazenda e vida alhea. E chegando depois de várias fortunas, que correram, àquele reino, de que eram naturaes, antes de entrarem no seu próprio lugar, que não

---

cuidava que o sol a tinha

era dali longe, quiseram estes dous e o vilão, que os tinha desenquietado, desapressarem-se[422] dos mais companheiros e de Trigônio juntamente. E de acordo nisto, deram todos três de súbito neles, que sem se poderem valer do mal de que se não temiam, foram todos mortos e lançados ao mar, tirado a Trigônio, que vendo-os embaraçados naquela crueldade, trazendo-o eles já solto, porque às vezes os ajudava a trabalhar, melhorou-se a ũ castelo do navio e nele se defendeo com pedras e uma alabarda de maneira, que lhe não puderam fazer [182v] dano, porém fez-lho o fogo, porque vendo os vilãos que perdiam tempo naquilo, governaram para varar o navio em terra daquela costa, que era o que já tinham assentado e dizerem que se perderam e que os companheiros se afogaram.

E tardando dous dias naquilo por respeito da corrente que não podiam vencer, tendo atalhado o passo a Trigônio, deixaram-no ficar. E em efeito chegaram à terra mea légoa acima daquela em que eram moradores. E depois de encalhados, despejando quanto no navio havia, feriram fogo para lhe pegarem, querendo antes perdê-lo, que deterem-se em haver brigas. Então deixando-as arriscaram-se a que o escudeiro os descobrisse no lugar, a que sobiam[423], que estavam pegados, porém ali posto, que[424] acrescentou às penitências passadas o rigor daquele jejum dos dias em que não somente não comeo, nem bebeo, mas nem dormio esperando que cada hora o acometessem. Vendo o que mais detreminavam, resolveo-se em saltar por onde pudesse e ir-se a cometê-los a eles.

Tinham os vilãos enfraquecido com medo do que tinham feito e sem dúvida se Trigônio de todo se não dispusera[425] àquilo, ou estiveram mais perto[426] eles lhe fogiram, porque ainda assim vendo que ele tinha intentos de se ir cometeram-lhe que o deixariam livre e que lhe dariam da provisão que lhe tinham tomado ũa boa parte porque os não descobrisse.

Veio o escudeiro naquilo apertado de sua necessidade e tendo o fogo que todavia ardia, feito saltar em terra [183r] aos outros, saltou ele também e lá descuidando-se eles o investiram e trataram da maneira, que Albaizar o achou, o qual indo a desatá-lo das mãos e língoa, bem lhe pareceo que o tinha já visto, mas não se lembrava aonde. Não aconteceo assim a Trigônio, que com todo seu trabalho o conheceo subitamente e pasmando de o ver daquele modo,

[422] A: desapressarem-se / B: desaprezarem-se
[423] A: Então deixando-as arriscaram-se a que o escudeiro os descobrisse no lugar, a que sobiam / B: nem deixando-as arriscarem-se ao escudeiro os descobrir no lugar a que sabiam
[424] A: porém ali posto, que / B: porém ele, posto que
[425] A: não dispusera / B: dispusera
[426] A: estiveram mais perto / B: estivera mais forte

achando-se livre com muito acatamento e cortesia, lhe deu os agradecimentos daquela obrigação em que o pusera, sem porém lhe declarar, que o conhecia, não sabendo o gosto, que ele teria disso. E do mais que ambos passaram nos dará razão o capítulo que se segue.

## Capítulo 56

Do que passou Albaizar com Trigônio e de como comprando armas e cavalo, se partio daquela terra.

Vendo-se Albaizar desembaraçado dos vilãos e com aquele escudeiro que livrara deles a seus pés, dando-lhe os agradecimentos daquele bem que lhe fizera, perguntou-lhe que terra era aquela em que estavam, porque ele a não conhecia, por haver poucas horas que havia entrado nela por caminho pouco para crer e menos para contar e também por que causa aqueles homens o traziam daquele modo?

Tregônio lhe respondeo, que também ele [183v] o não conhecia porque a noite de antes tinha chegado por mar a ela com aqueles homens, que eram marinheiros, a quem não dera outra ocasião para o que lhe fizeram, senão crerem dele, que descobriria certa treição, que tinham feito a ũ cavaleiro, a quem ele acompanhava e servia e depois a seus próprios companheiros, a quem mataram para lhe caber melhor parte no móvel do cavaleiro com que se tinham levantado.

E trás isto (querendo Albaizar sabê-lo miudamente) lhe contou ponto por ponto o que fizeram a Dom Duardos e como mataram os outros e o prenderam a ele e como o levavam não sabia aonde, senão era a lançá-lo no mar mais apartado da costa, deixando primeiro escondidas as armas de seu amo e o mais fato, que lhe tomaram ali perto.

Não se espantou Albaizar muito daquelas cousas, porque daquela calidade de gente pouca mais virtude se podia esperar. E consolando ao escudeiro perguntou-lhe se se atrevia a atinar onde os vilãos deixaram as armas de seu amo e se lhas queria ele emprestar até haver comodidade de se prover de outras. Vertude era de Albaizar querer as armas emprestadas, ainda que cheirasse ũ pouco a hipocresia pedi-las por aquele modo a ũ homem, que as tinha perdidas e a quem ele acabava de dar a vida e que lhas não poderia defender inda que quisera. Porém o pedi-las fosse o que fosse, o querer não deixá-las e aproveitar-se delas sem dúvida foi parecer-lhe que seriam de algũ cavaleiro ordinário, [184r] e elas peores do que as ele queria.

Respondeo-lhe Trigônio, que as armas estavam perto como lhe tinham dito, que ele as vira esconder e iria por elas, das quais e dele podia usar como lhe parecesse, porque o cavaleiro, cujo ele e elas eram, o haveria assim por bem em qualquer tempo, que o soubesse e

não só pela liberdade e vida, que lhe tinha dado, senão pelas haver mister naquele estado em que então se achava. Não lhe pareceo a Albaizar, que o escudeiro tinha roim doutrina e foi-se com ele pelo caminho, que trouxera, até onde acharam as armas e algum outro fato, do que Trigônio para o serviço de seu amo tinha embarcado.

Não foram tão pequenas as maravilhas, que à vista de Albaizar se fizeram[427], ou outras da mesma pintura e divisa, nem ele teve tão pouca inveja de ũas e tão pouca de outras, que se pudesse esquecer de quem com elas as obrara, ainda que o tempo tivera muito mais corrido e assim subitamente as conheceo e conheceo a Trigônio por ũ dos criados de Dom Duardos, que em Constantinopla o serviam. E dando ũ profundo sospiro, disse para ele:

— Eu escudeiro não vos sei o nome, mas em Constantinopla vos vi algũ dia em serviço do dono destas armas, a quem devo livrar-me com muitos outros, de ũa mui trabalhosa prisão ũa vez e outra de não menos perigosa e arriscada aventura. E vós me deveis também conhecer, se os trabalhos vos [184v] não têm tirado a memória, ou as saudades mudado a mi a figura. As armas estimo achar, não para as vestir, que não se pode isso fazer, sem ofensa de seu dono, nem sem perigo grande da honra própria, porque não respondendo o valor de quem as vestir à estimação, que no mundo justamente se tem delas, ainda as cousas bem sucedidas, serão afronta de quem as deixou e glórias alheas para quem as vestir. Não me parecia mal deixá-las aqui em trofeo, mas não sei se merece esta terra enriquecermo-la com tão famoso despojo. Também espero, que a boa ventura com que vosso senhor acaba cousas tamanhas, o terá livre do perigo, que o vosso amor lhe teme e aqueles bárbaros lhe procuraram e assim será razão levardes-lhas, para lhas poderes restetuir, onde a sorte vos ajuntar com ele.

Trigônio então posto o giolho em terra lhe disse:

— Eu vos conheci senhor muito bem logo em vos vendo, mas por não saber se folgaríeis vós com isso, não vo-lo quis mostrar, porque para vos servir com o respeito, que se deve a tão grande príncepe, bastava conhecer-vos e para calar o que vos cumprisse, a criação, que tive, sem mo vós encomendardes e a obrigação em que me pusestes. E assim não me quis apressar em perturbar-vos com vos verdes conhecido de ũ escudeiro, de quem sabíeis mal, se se podia fiar cousa tamanha estando particularmente em terra de cristãos como mostram algũas cruzes, que encontrei por este caminho. E a este respeito, me não parecia [185r] a mi que deixasses de vos armar, porque nunca Dom Duardos em qualquer hora, que o saiba,

[427] A: Albaizar se fizeram / B: Albaizar com aquelas armas se fizeram

deixará de o estimar muito e não sei se haverá comodidade de outras armas tão cedo, ao menos tão boas não há duvida e também que não falte quem vos conheça vendo-vos desarmado.

— Enfim (lhe respondeo Albaizar) vós sois grego e assim me não espanto que sejais tão cortesão, demais que a criação, que tivestes, ainda de qualquer outra nação, que fôreis, pudera fazer-vos o que eu vejo que sois. Mui bem dizeis em tudo e bem vejo que Dom Duardos, por qual o fez Deus, folgará de que eu me aproveite de suas cousas, porém ainda havemos de fazer mais deligência, para ver se podemos escusar de profanarmos este tesouro convertendo-o em usos, para que se ele não fez. E porque também assim como assim, nas armas falta a espada e havemos mister também cavalos, vamo-nos andando até perto de algum povoado, se o por aqui houver. E se encontrarmos gente primeiro eu porei o elmo, ou ũ meio rosto voltado nos fará desconhecidos, se porventura não for máscara mais poderosa o não se poder cuidar tamanhos poderes da fortuna que traga Albaizar por esta terra e neste estado.

E com isto fazendo Trigônio ũ lio das armas e do mais que lhe pareceo não deixar, carregando-as às costas na hástea de ũa das alabardas dos vilãos mortos começou a caminhar detrás daquele cavaleiro, que com passo grave e [185v] coração quieto, ia desarmado pela terra de seus inimigos e julgando-se por tão seguro de todos os perigos, que deles se podia temer como se Albaizar caminhara aqueles campos com ũ exército em sua defesa. Levava-o o amor e assim nenhũa outra cousa podia dificultar aquele curso.

Mas não ia Trigônio ainda muito cansado com a carga, quando de ũa pequena portela, que sobiram, viram pouco abaixo ũ lugar não pequeno. Esperando ali desviando-se ũ pouco do caminho, tirou Albaizar ũa cadea de que pendia o seu cutelo de monte com que saíra à caça e deu-a a Trigônio para que fosse ao lugar a ver se havia armas e cavalos, para que os comprasse, porém respondeo-lhe ele que no fato de seu amo trazia recado para tudo e foi-se aonde o mandaram.

Folguei por certo de achar isto em Henrique Frusto, porque em todas as histórias, que tenho lidas desta calidade, não vi nunca fazer caso de alforje e tinha grande inveja àqueles tempos, parecendo-me que tudo era comum neles, mas conforme o que temos contado nem então se davam debalde as cousas na terra.

Foi Trigônio como dizíamos comprou cavalos e levou ũ armeiro com algũas esquipações de armas, a prová-las em Albaizar e foi ele tão ditoso para que das de Dom

Duardos se lhe não pegasse o não o ser[428] com Carmélia, que entre elas achou ũas negras, que lhe vieram mui a sua vontade. Escolhendo também das espadas a que melhor lhe [186r] contentou, seguio seu caminho, sabendo primeiro com não pequeno alvoroço seu em que terra estava, acompanhado de Trigônio, na qual lhe aconteceo o que a seu tempo diremos.

[428] A: ser / B: ter

## Capítulo 57

Em que se da conta do que aconteceo a Primaleão, depois que deixou o sítio em que vivia.

Caminhava Primaleão ao longo do Tejo, descontente de deixar o sítio em que até então vivera, assim pela quietação com que nele se entregava a seus cuidados como por lhe parecer que já qualquer daqueles penedos estava tão penetrado de seus suspiros e da dor da perda de Fidélia, que os podia conversar como a gente queixosa de ũa mesma pena. E também por esta razão lhe foi penosa a partida, julgando que se apartava de quem por seu respeito falava em Fidélia[429].

Mas posto que Daraja como lhe afirmou, lhe não dava cuidado, nem arriscava sua fé, contudo, por cortesia ao menos se dispôs a fazer-lhe a vontade em ũa tão justa cousa como era ir-se daquele monte, donde ele lhe servia a ela de escândalo e de perigo e ela lhe podia ser importunação e tormenta. Assim foi até parar (contra sua vontade, que não buscava povoados) no lugar de Escalibis e nele naquela [186v] própria pousada em que Dom Duardos e Fidélia estiveram.

E como a fermosura daquela fermosura[430] era tão grande, que enlevava e suspendia os melhores entendimentos que a viam e assim era assombro, milagre e maravilha à outra gente, que não alcançava tanto, para a não perder nunca da língoa, nem da memória e acrescentando-se a isto a fealdade de Pleonido e o hábito em que Dom Duardos ali chegara, tinha-se constituído ũ costume em a gente daquela casa, que não sabiam falar em outra cousa a todo o prepósito e com toda a gente, e assim foram a buscar a Primaleão no mais escondido e desprezado lugar da estalage em que ele estava e tão acaso como todos faziam.

Alguns assaltos lhe deu o coração ouvindo falar em o enano e em fermosura não acostumada na terra. E perguntando com mais atenção por aquela história, ouvio cousão[431] que o inquietavam muito porque Enáclia e o enano, falaram, parece, ao hóspede em perdições do mar e em perigos da terra e posto que confusamente não deixou Primaleão de achar naquilo ũas certas notícias, que o alvoroçaram fora de seu costume, mas não fiando tanto bem de sua

[429] A: falava em Fidélia / B: falava em Fidélia, chorava por Fidélia e morria por Fidélia
[430] A: fermosura / B: princesa
[431] A: cousão / B: cousas

fortuna, temeu-se daquelas cousas como de ilusões, que[432] a natureza fraca o queria fazer afroxar no rigor do sentimento, que a perda de Fidélia se devia.

E castigando-se por aquele breve espaço em que as crera muito de [187r] prepósito, levantou-se de madrugada e foi seguindo seu caminho, ‘té que se achou na cidade de Alta Rocha, de donde havia muito tempo que tinha saído em busca de Fidélia como deixamos escrito. E enfadando-se de se ver entre tanta gente como já então povoava aquelas ribeiras entrando pela terra dentro e perguntando sempre pela parte mais desabitada, o levou Deus, que queria servir-se dele naquilo para que o criara, não só à Serra da Lua, mas nela àquele mesmo oratório onde Dom Duardos estivera e estavam ainda os dous religiosos com quem Dom Duardos ali vivera, os quais a princípio cuidando que era o mesmo, se alegrarão muito de o ver, mas logo desenganando-se, consolaram-no como a perdido.

E finalmente ali soube tudo o que por Fidélia tinha passado, até tornar a desamarrar o batel com ela e como Palmeirim de Inglaterra e os mais se foram a buscá-la com tudo o que acerca disto atrás temos contado. O que o ermitão lhe disse tão particularmente porque confessando-se Primaleão primeiro lhe tinha dito quem era. Parece que deve ser a circunstância necessária. E em verdade, que pressupostas as tristezas e desesperações passadas deste cavaleiro e os poderes que têm ũa súbita alegria, que lhe não acho desculpa a não endoudecer pelo menos com tais novas, se não foi só doer-lhe muito o cabelo, de que a princesa fosse acompanhada com Dom Duardos, [187v] porque do temor de se tornar a perder outra vez no mar, o tinham já livrado as notícias, que em Escalabis acharam, as quais então creo de todo e assi o disse ao religioso, que todavia se mostrava temeroso do sucesso, que teria aquele batel, que com tanto perigo se desamarrara da costa.

E não estava o trabalho de Primaleão em lhe parecer que a princesa se obrigaria do serviço, que tinha recebido de Dom Duardos, nem da conversação daquela longa jornada, mas parecia-lhe impossível, que a fermosura e merecimentos da princesa o não obrigassem a ele servi-la e tinha-o por duro e pesado competidor naquela matéria. E assi ardendo neste novo fogo, contente todavia de que a princesa tivesse escapado, do que lhe ele tanto temera, impetrando facilmente daqueles religiosos a espada e armas, que Palmeirim ali deixara para o filho se tornasse, sabendo que ele já ia provido daquilo e com a proa em parte donde não tornaria facilmente àquela, despedio-se deles e tornou-se à cidade, na qual negociando o que

[432] A: que / B: com que

lhe mais era necessário, partio na esteira de Dom Duardos, tão desejoso de ver a Fidélia como de achar algũa boa ocasião de se revolver com ele de maneira, que pudesse por meio de qualquer rompimento apartá-la de sua companhia.

Ora vede que efeitos são os desta negra paxão, que tendo visto as lágrimas e finezas deste príncepe enquanto teve a Fidélia por morta, os desprezos que fez a Daraja, as saudades que levava de uns penedos, porque cuidavam que da sua conversação [188r] tinham já aprentido[433] o nome de Fidélia e vindo a certificar-se de que era viva, não só não tinha ânimo de servir e agradecer a quem a servira e livrara como parece que devia a seus primeiros pensamentos, mas sabendo que era Dom Duardos quem o fizera, seu primo com irmão, seu íntimo amigo e com quem desde a idade de berço se criara e sem cuidar ainda que Fidélia o estimaria e preferiria a todos em seu serviço, ia morto pelo matar, só por lhe parecer que quereria Dom Duardos servir a Fidélia com a particularidade com que ele o desejava fazer.

Diferentes pensamentos, certo, foram os do próprio Dom Duardos para com Albaizar, quando soube a estimação, que ele fazia de Carmélia, porque ficou seu amigo e afeiçoado, amando em Albaizar efeitos, que Carmélia fazia como na primeira parte desta história dissemos. Mas a verdade é que tudo tem suas razões.

Estes dous cavaleiros ambos amavam muito e assim como não era possível que Dom Duardos sem ofensa de Carmélia pudesse temer-se de Albaizar, não o era também que Primaleão sem ofender a sua prudência primeiro, depois as calidades do próprio Dom Duardos, deixasse de se recear dele como não pudera também deixar de dar[434] indícios de ânimo froxo e de entendimento fraco, se não receara os efeitos, que a fermosura e calidades de Fidélia, podiam fazer no coração de ũ príncepe, mancebo, valeroso e entendido, nascendo destas mesmas partes de ũ, a emulação do outro.

Enfim entre o alvoroço [188v] da vida de Fidélia e as invejas da dita de Dom Duardos, atravessou Primaleão todo o reino de Espanha, parte do de França e Alemanha e Hungria, sem nunca achar as novas que buscava, nem nós as podemos dar das aventuras que em tanta terra não é possível que lhe faltassem, porque ou que não fossem tais, que a respeito do seu valor mereciam fazer-se caso delas, ou que Henrique Frusto se descuidasse, não escreve senão só ũa, que já entrando nas terras do império de Grécia lhe aconteceo, a qual veremos no seguinte

[433] A: aprentido / B: aprendido
[434] A: não pudera tambem deixar de dar / B: não pudera deixar de ser Primaleão grosseiro e descortês, se quisera antes Fidélia perdida que acompanhada de Dom Duardos não podia deixar também de dar

capítolo.

## Capítulo 58

Do que aconteceo ao príncepe Primaleão indo após Dom Duardos.

Entregue a seus pensamentos caminhava Primaleão e tão descuidado de toda a outra cousa, que não deu fé em certa parte[435], depois de entrado em o império de Grécia, de duas donzelas, que havia espaço, que vinham junto dele, caminhando também para ũ lugar de que lhe tinham dado novas, que pouco adiante estava, não querendo passar a noute no campo, posto que a quentura do dia a não fazia mal assombrada nele.

Vinham vestidas de ũ mesmo traje e em dous palafréns ambos da mesmas cor e ambas traziam uns veos brancos por diante dos rostos, que lhos defendia em algũa maneira do pó e dos olhos alheos, sem impedirem a [189r] vista dos próprios, nem passo ao ar para que as refrescasse e aliviasse da calma.

Notaram elas de longe aquele êxtacis em que Primaleão ia na floxidão com que o cavalo andava e no pouco cuidado que ele levava na compostura da pessoa. E chegando-se-lhe mais perto vendo como a sospeita lhe falava verdade, deixaram-se ir espreitando a ver se lhe ouviam algũa cousa, que lhe desse ocasião a se entreterem, porém o cavaleiro, que fazia seus colóquios dentro de sua alma, nem as sentio a elas, nem fez mais que dar ũ profundo sospiro e tornar a continuar aquele mesmo silêncio.

Quebraram-lho elas enfim não querendo caminhar tão devagar, nem deixar de ouvir algũa cousa àquele homem e emparelhando bem com ele ele[436] acodio com a satisfação, que ao comprimento e sexo se devia. Após o que lhe perguntaram se tinha notícia de ũ lugar, de que atrás lhe tinham dado novas, porque o trabalho do caminho lhes fazia parecer toda a pousada longe.

— Pouco sei do lugar (lhe respondeo ele) porque não sou desta terra, nem me enformei donde o lugar seja, porque como em nenhũ espero achar repouso, para todos caminho devagar.

Ũa delas, que então fazia profissão de descontente, olhando-o com melhores olhos, disse-lhe:

— Por certo cavaleiro, que se essas vossas palavras não nascessem do ordinário

[435] A: em certa parte / B: ũa tarde
[436] A: ele ele / B: ele, salvaram-no mui cortesmente ao que ele

costume, que todos os homens têm quando se vem com molheres, que não estimara eu em pouco encontrar ũ homem triste, porque não os achar depois que saí de ũa [189v] terra, de que sou natural, onde a tristeza se dá melhor, me faz ter maiores saudades dela, ainda que com todo o outro trato que me tem dado, as não merece na verdade.

— Costume é a tristeza em mi (lhe tornou ele) mas não é costumado de ninguém este modo de tristeza. E assi senhora se bem tendes achado ũ triste, nem por isso cuideis que achastes o que desejáveis, que pois falta a semelhança, é força que falte a conformidade. Eu sei que minha paixão não pode ser aliviada, senão de quem não quererá fazê-lo. Como logo poderá ser alívio a quem o busca em sentimentos alheos?

— Em verdade (replicou aquela donzela, indo todavia caminhando) que se é verdadeira profissão[437] essa vossa, de que não pode haver conformidade, onde faltar a semelhança, que também o deve ser que donde houver semelhança, não possa faltar a conformidade. E assim achando-me eu aliviada das penas com que vivo, só por ouvir falar nas vossas penas, claro me fica que algũa semelhança poderá haver entre ũas e outras. Porém eu não quero averiguar agora questões de filosofia, digo-vos só que vos devo, o que há muitos dias não devo a outrem, que é fazerdes-me falar e folgar de ouvir. E pesa-me de que vejo o lugar perto, desejando-o assi há tão pouco espaço. Mas se a jornada que fazeis não é a parte certa, muito folgara eu de que fizésseis a minha, que é a Constantinopla, porque o interesse de vos ouvir falar tão bem no que todos agasalham tão mal, quando me não cure a mi de todo, deixar-vos-á a vós curado dessa [190r] opinião, que tendes de seres só em o sentimento.

Ouvia Primaleão tantas cousas, que aquela donzela lhe dizia[438] e ainda que reparava no modo de que eram ditas e que verdadeiramente lhe pareciam atinadas e a prepósito e ela airosa e pelo que se deixava ver pelo veo, mui bem assombrada, mais julgou aquelas razões por fruto de ũa natural vaidade, que as mais das mulheres têm, que por dor profunda, nem sentimento grande, que lhe imaginasse.

E como ele ia tão cheio de suas saudades e tão invejoso de Dom Duardos e tão escandelizado da fortuna, porque nem novas lhe tinha consentido achar dele com nenhũa cousa se entretinha e bastava muito menos para se molestar daquela conversação[439]. E assim ũ

[437] A: profissão / B: proposição
[438] A: ouvia Primaleão tantas cousas, que aquela donzela lhe dizia / B: e tendo tantas causas para tanto sentimento, ia Primaleão ouvindo aquela donzela e ponderando juntamente as cousas que lhe dizia
[439] A: para se molestar daquela conversação / B: para que o não fizesse naquela companhia

pouco seco lhe respondeo, que ele andava após ũa cousa, que não esperava achar em parte algũa, nem podia deixar de buscá-la em todas. E que também cuidava ir àquela corte, porém que havia de ser depois de se deter alguns dias por outros lugares. E que era matéria tão percisa, que por isso se não oferecia a acompanhá-las. E com isto sendo já entrados no lugar despedio-se delas, para ir agasalhar-se em diferente pousada.

O mesmo fez a donzela tendo-o já por menos triste, do que a princípio cuidara. E assi com algũas ruas no meio, passaram uns e outros a noite naquele lugar, o qual estava tão perto de Constantinopla, que ao terceiro dia de caminho, quem não tivesse impedimento, poderia lá ir jantar, sem muito grande deligência.

E informado [190v] disto Primaleão, desejando muito ver-se naquela terra, onde verdadeiramente cuidava, que Fidélia já estaria, madrugou por se não encontrar com a companhia da tarde de antes, que para lá lhe dissera que caminhava, querendo antes haver-se só com suas tristezas e conversar só suas memórias sem o peso e embaraço daquela gente, que o alívio que lhe elas prometiam nessas mesmas penas. E assi lhe levou tanta dianteira, que ainda que as donzelas se não detiveram, muito mal o puderam encontrar, se lhe não acontecera no caminho, o que adiante diremos com o que tiveram tempo de chegar, onde ele estava, metendo-o em novas obrigações de lhe fogir de novo, por circunstâncias, que se não adevinharão facilmente.

## Capítulo 59

Do que aconteceo a Primaleão, partido daquele lugar com dous cavaleiros que achou em batalha.

Depressa caminhava Primaleão por fugir aos inconvenientes, que no capítulo passado vos contamos, quando tendo já deixado ũ grande espaço atrás o lugar em que dormira, ouvio à sua mão esquerda soar golpes como de quem se combatia e parando para se afirmar, cada vez lhe parecia que se enganava menos, pelo que torcendo a rédea ao cavalo, foi-se atinando àquela parte, aonde soavam os [191r] golpes com ũ galope tão vivo, que depressa o pôs à vista de ũ cavaleiro tão grande do corpo, que quasi igualava à altura de ũ gigante com quem andava em batalha.

Vestia ũas armas pavonadas e roxas, a quarteirões, apartadas as cores com uns perfis de prata e no escudo, que ainda estava são por haver pouco que se começara a batalha, trazia pintado o roubo, que em figura de touro Júpiter fizera em Europa. As armas do gigante eram de ũa cor azul apertada, cubertas em muitas partes de nuvens carregadas e negras e no escudo em campo da mesma cor outra nuvem daquelas rota de muitos raios, que de dentro mostrava que saíam.

Ambos estavam a pé e os cavalos mortos no chão parece que do encontro. Combatiam-se tão apressada e vivamente, que Primaleão se alegrou de os ver. E deixando-se estar parado a olhá-los ũ espaço, vio que continuando naquele mesmo fervor começavam já as armas a resistir mal à fúria de tamanhos golpes. E não querendo (se pudesse) deixar de os pôr em paz, chegando-se bem a eles, disse-lhes que se aquela batalha se fazia por algũa leve causa, lhe rogava que a quisessem deixar, a troco de os ele servir em qualquer outra cousa, que cada ũ deles lhe mandasse.

Ao que o gigante respondeo tendo-se ambos apartados pelo ouvirem:

— É por tão leve causa nossa batalha, que não está em mais o deixá-la eu, que dizer-me esse cavaleiro o para que busca outro, por quem me [191v] perguntou.

Ao que o outro replicou:

— Se me a mi parecera que dizer-vo-lo bastara para me deixardes, porventura que o fizera com o medo, que vossos golpes me fazem, mas porque temo que me fiqueis com maior

ódio, não vos quero acrescentar a fúria para que os golpes não sejam maiores.

— Os vossos me tem a mi mostrado que zombais (replicou o gigante) mas tais quais os meus são, haveis exprimentá-los até ao cabo enquanto me não disserdes o para que buscais esse homem.

E então tornando-se a ajuntar continuaram sua batalha, que a Primaleão parecia cada vez mais crua e os cavaleiros muito mais alentados. E pesando-lhe de os ver tão metidos na braveza e que não achava razão para os apartar, sendo os golpes que davam puramente de ponto, o qual entre homens briosos, quasi nunca têm remédio esteve outra vez vendo como se reparavam[440] e como finalmente cada ũ deles tratava de levar a sua[441] avante. O cavaleiro era mui forçoso e fiado naquilo ainda que o havia com ũ gigante combatia-se mais como valente, que como destro. O gigante cobria-se como prático, feria a tempo e punha os pés no chão mui em ordem. E ainda que nem por isso deixava de andar bem mal parado, todavia, peor ferido estava o cavaleiro. Tornou enfim Primaleão a entrar outra vez entre eles dizendo:

— Ora senhores, parece-me certo, que basta o que está feito, para vos dardes por satisfeitos [192r] um, do outro, porque nem a razão por que vos matais pode[442] tanto, nem eu vejo alguém por quem vos deixe matar trazendo-me aqui Deus a tal tempo.

O cavaleiro das armas pavonadas era soberbo e andava escandelizado, assim da dor de suas feridas como de lhe parecer que com pouca ocasião o outro começara a o obrigar[443] e muito mais de se lhe ele defender tanto, porque não era costumado a lhe durar ninguém muito em campo e assim voltou para Primaleão com a espada levantada dizendo:

— Ora já que sois tão mavioso, vinde-o vós também ajudar, que a ambos castigarei, se ainda sou o que me conheci não há muito.

E em acabando de dizer isto assentou-lhe ũ tal golpe em cima do elmo, que facilmente lhe pudera partir a cabeça pelo descuido com que Primaleão estava, se o gigante, que tinha a espada prestes a não atravessara depressa pelo defender e ainda assim o carregou tanto, que o fez juntar a barba com os peitos e abalar quantos dentes o pobre tinha na boca.

Valha-me Deus! tigre faminto, víbora pisada, leoa, que vê levar ao caçador os filhos,

---

[440] A: como se reparavam / B: como se feriam como se aparavam
[441] A: sua / B: sua opinião
[442] A: pode / B: pede
[443] A: começara a o obrigar / B: começara as brigas

não são tão furiosos, nem arremetem com tanta ferocidade[444] como Primaleão o fez àquele descomedido cavaleiro. Tanto[445] que recebeo o golpe, largar a lança, meter mão à espada e dar-lhe ũ revés com que lhe levou meio escudo deixando-lhe ũa ferida no braço e ũ talho, que se abalou a viseira do elmo sobre o [192v] rosto fazendo-lhe saltar o sangue pelos ouvidos, olhos e narizes, foi tudo ũa cousa mesma e tão súbita, que por mor pressa, que o gigante se deu para se meter entre eles, tão indignado já de ũ como de outro, antes de estar feito isto, que dissemos, não lhe foi possível.

Após o que apeando-se Primaleão com a mesma paixão e presteza, dizia já com outro terceiro golpe, que o gigante recebeo no escudo, que meteu no meio e tal que lhe não entrou pouco por ele e não querendo inda dar-lhe a reposta, tomou outro golpe com que o cavaleiro vinha sobre Primaleão tão bem acertado, que o deixou ferido em ũ ombro de maior ferida que todas quantas até então tinha recebido. E vendo como a cousa ia e que nenhũ deles queria dar lugar nem à sua batalha, nem à sua razão começou também a desenfadá-los a ambos juntamente e cada ũ deles ao gigante e ao outro. Esta foi a mais nova batalha, que jamais se vio, porque cada ũ dos três cuidava que o havia com os dous que lhe estavam diante e assi os acometia e se guardava deles como se real e verdadeiramente com ambos foram as brigas.

O cavaleiro que primeiro brigara com o gigante vendo que ele ia a ferir Primaleão, cuidando tomá-lo em descuberto, guardando-se de ũ golpe, que lhe Primaleão atirava, descarregou o seu por cima da cabeça ao gigante com tanta força, que torcendo-se-lhe a espada na mão, quebrou em três pedaços, ficando-lhe só na mão a empunhadura. [193r] E o elmo do gigante assi por ser colhido com tal pancada em descuberto do escudo como por andar já mais abalado das outras que tinha recebido, quebradas as embraçaduras lhe saltou fora da cabeça. Primaleão com o golpe que o gigante lhe dera naquele mesmo tempo, ficou tão desacordado por ũ breve espaço, que não deu fé do <u>disbarate</u> dos outros e assi quando em si tornou os achou abraçados, trabalhando por se derrubarem, porque vendo-se ũ sem elmo e não vendo que ao outro lhe quebrara a espada e aquele que se sentio sem ela, não caindo em que ao outro lhe faltava o elmo, cada qual de boa vontade correo àqueles abraços, cuidando melhorar-se por aquele modo a falta em que se achava.

Chegou Primaleão cheio de ira em que ardia, porém vendo-os daquele modo,

[444] A: ferocidade / B: velocidade
[445] A: tanto / B: porque tanto

abraçados, não o cegou ela contudo para fazer o que pudera, antes advertindo-os, disse-lhes o que veremos no capítulo seguinte.

## Capítulo 60

Do fim que teve aquela batalha e de como o gigante foi conhecido.

Se aqueles cavaleiros, que andavam abraçados tinham dado a Primaleão não pequenas causas para a ira e cólera, de que ele contra ambos vinha [193v] cheio, também com aqueles abraços lhe deram assaz comodidade para se satisfazer em ambos, mas cercou-os ũa névoa escura que os defendia do que Primaleão lhe quisesse fazer, porém nem ela sendo tamanha que lho pudesse impedir, nem a dor das feridas, nem o sangue fresco, que corria delas, nem a ingratidão com que responderam a seu bom ânimo, que doe às vezes mais que tudo, lhe puderam ofuscar o entendimento para deixar-se levar do que lhe não convinha a respeito de quem era e do valor, de que a natureza o dotara, antes tornando daquele desacordo em que a força do golpe o metera e vindo a satisfazer-se dele, vendo aqueles cavaleiros abraçados daquele modo, suspendendo os efeitos de sua paixão, chegando a eles lhes disse, sem ver ainda as armas, que lhes faltavam:

— Soltai-vos e procurai de vos defender de mi, porque não hei de deixar de castigar a homens, que tão mal sabem agradecer a cortesia, que com eles se usa.

Soltaram-se eles e depressa, tanto que o ouviram, receosos de que deixasse de[446] levar aquela cortesia ao cabo. O gigante remeteo ao elmo que lhe caíra a ver se o podia acomodar em sua defesa e o cavaleiro à lança, que o próprio Primaleão tinha deixado cair a princípio como dissemos, porém Primaleão não querendo, que com as suas armas lhe fizessem guerra e tendo também conhecido já aquele gigante, que estava com o elmo nas mãos na fadiga de lhe concertar as enlaçaduras com não [194r] pequeno espanto de o ver, meteu-se depressa entre a lança e o cavaleiro e foi dita, porque segundo ele era demasiado se a pudera haver à mão, porventura dera causa a maiores danos. E impedindo-lho Primaleão com esta deligência, disse-lhe então, conhecendo já que lhe faltava a espada:

— Que dizeis agora cavaleiro? Parece-vos que tenho eu mais razão para vos castigar por soberbo, do que vós a tivestes para me acometer por comedido? Ou por mavioso?

O cavaleiro, que estava parado lhe respondeo:

— Nem sei a razão, que tínheis, nem o que podereis fazer, que ainda que me falta a

[446] A: deixasse de / B: não quisesse

espada como eu me não hei de faltar a mi mesmo, nem a vós, nem a ninguém temo. Mas se sois tão comedido emprestai-me essa vossa e acabarei com ela a minha batalha com aquele cavaleiro. Se me ele matar, vingado ficareis de mi e se acontecer o contrário, à vossa espada deverei a vitória e torna-vo-la-ei e com a daquele gigante averiguaremos ambos qual de nós tem mais razão de se sentir do outro.

Desesperou entretanto o gigante de poder concertar o elmo e arrojando-o com fúria pelo campo, ouvindo o que eles tratavam, foi-se para onde estavam e disse para Primaleão:

— A mi me parecia cavaleiro, que vós e eu acabássemos primeiro nossa contenda e depois não poderá deixar de ficar livre a espada, que esse cavaleiro há de mister.

Primaleão que conhecia Dramosiando, que este era o gigante e sospeitava que o outro podia ser algũ de seus amigos ainda [194v] que a grandeza do corpo lho fazia duvidar, não se querendo dar a conhecer, nem tão pouco prosseguir a batalha, respondeo-lhe:

— Pois como sem elmo e quasi sem escudo quereis vós levar comigo estas brigas ao cabo, não vos obrigando a isso, nem honra ofendida, nem palavra empenhada?

Ao que Dramosiando replicou:

— Estais enganado em me julgares sem elmo, porque como vós não podeis chegar-me à cabeça, antes fico eu com ventagem em andar mais desembaraçado. Mas pois sois tão honrado e esta vos não parece boa razão, tirai vós o vosso e ficaremos ambos iguais.

O outro cavaleiro, que desejava ver o fim das brigas sem ficar de fora, antes que Primaleão respondesse, temendo-se que aceitasse a condição, disse para Dramosiando:

— Por vida vossa que tiremos todas as escusas a este cavaleiro e lancemos sortes vós e eu, qual de nós fará ũ empréstimo ao outro, ou eu a vós do elmo, ou vós a mi da espada e com isto se acabarão estas cousas.

Não teve Dramosiando tempo para lhe responder primeiro que àquele lugar chegassem as duas donzelas, que a tarde de antes entraram com Primaleão na vila, onde dormiram, as quais levantando-se pela menhã e prosseguindo em seu caminho, aconteceo-lhes o mesmo, que a Primaleão, trocarem-no pelo ruído dos golpes que ouviram. E como ali chegaram vendo e ouvindo, o que passava, ũa delas que sem ter visto a Dramosiando o conhecia mui bem por muitos [195r] retratos seus que já vira, disse para ele:

— Por certo Dramosiando que não vos estima tanto como mereceis, quem não faz aquilo que lhe pedirdes.

Todos voltaram então a ela e Primaleão só a conheceo, porque não trazia veo, ficando muito mais espantado de a ver, que de quanto lhe tinha acontecido, depois que das suas cabras se partira, porque aquela era Daraja, que com os intentos, que adiante diremos se partio de casa de seu pai, na volta de Constantinopla. E enquanto ele ficou revolvendo na fantesia o ânimo e resolução daquela molher, Dramosiando pondo os olhos nela, parecendo-lhe em extremo fermosa e não a conhecendo, disse-lhe:

— Por certo senhora, que não sei eu razão, que ninguém tenha para me estimar muito quanto mais vós, que me vedes poder tão pouco. Duvidara se me conhecíeis, se não vira que me nomeáveis, mas ainda assim não deixo de me espantar de ver que conservo sinais por onde alguém me conheça, porque tais são as cousas, que por mi têm passado, que eu mesmo me desconheço a cada passo. E daí veio dar tão má razão a este cavaleiro do que me perguntou[447]. Mas todavia, folgaria de saber quem sois e a quem devo essas memórias, a que tão obrigado me sinto.

O cavaleiro antes que lhe ela respondesse, se bem o tinha o parecer daquela donzela o mais embaraçado homem, que nunca se vira entendendo que era aquele Dramosiando e o mesmo por quem lhe ele perguntara, sobre[448] que foram as brigas, atravessou [195v] dizendo para ele:

— Eu não sei se vós vos conheceis ou vos não conheceis a vós, mas sei que me não deveis[449] desconhecer a mi, quando vos pergunto[450] pelo que me não quisestes dizer, que impossível era fazeres tal, se vos não doera a consciência do que me mereceis[451]. Mas[452] pois nossa batalha se começou por vos perguntar novas de vós, acabar-se-á agora pelas ter sabido, que vos não nego já que vos busco para me satisfazer do engano, que fizestes a ũ pobre rei velho e bom homem, que se fiou de quem não devera, nem conhecia. E se este cavaleiro me não quiser emprestar a sua espada por cortesia com as unhas e os dentes procurarei vingar ũa tão grande maldade esperando que favoreça o ceo a quem peleja pelo que ele estranha.

A reposta de Dramosiando com o que mais passou veremos no próximo capítulo.

---

[447] A: cavaleiro do que me perguntou / B: cavaleiro, acenando para o despavonado e o porque me preguntava
[448] A: sobre / B: e sobre
[449] A: deveis / B: haveis de
[450] A: pergunto / B: perguntei
[451] A: mereceis / B: merecieis
[452] A: mas / B: que agasalháreis tão mal o em que aventuráveis tão pouco

## Capítulo 61

De quem era aquele cavaleiro e da causa daquela batalha.

Para que melhor se entenda quem era aquele cavaleiro, a quem Primaleão achou em batalha com Dramosiando e da causa dela e da má vontade que lhe ele mostrava, convém tornar ũ pouco atrás e dar razão de como o arqueduque de Áustria, irmão da rainha Rodogênia molher de el-rei Vincislao de Boêmia pai da princesa [196r] Fidélia, ao tempo que ela partio para Constantinopla, não estava contente com el-rei seu cunhado, assi por respeito das divisões de seus estados e pagamentos de dotes como porque o dito rei lhe não quisera nunca diferir ao casamento, que lhe ele cometia, de ũ filho seu mancebo e muito bom cavaleiro com a princesa Fidélia. E não tinha el-rei vindo naquilo, tanto por não ser em sua mão apartar a filha de si (o que já fica dito) como porque Leopoldo (que assi se chamava o filho do arqueduque) ainda que mancebo, não tinha opinião por aquelas partes setentrionais de homem bem entendido, nem de bom termo. E esta foi ũa das mais eficaces razões com que se el-rei persuadio a mandar a filha a Constantinopla, porque entendia que enquanto a tivesse consigo, não se desporia nunca a casá-la e não querendo que o tomasse a morte enquanto ela solteira, tímido da vezinhança e parentes[453] do cunhado, quis livrá-la a ela de si e do primo por aqueloutro caminho.

E o primo, a quem a esperança daquele casamento, ainda que com tantos desenganos, não tinha deixado lançar mão de outros, cuidando que ou por morte do velho, ou por mudança que algũa hora faria de opinião, se veria brevemente com a coroa de Boêmia na cabeça, tanto que soube a resolução que el-rei tomara e como mandara a princesa a Constantinopla entregue a Dramosiando, ardendo em ira, assim pelo desprezo, que se [196v] dele fizera como pelo risco com que a herança ficava com o primeiro movimento se saío da corte de seu pai, só com ũ escudeiro, detreminando de ir à do emperador Primaleão e desafiar ali a Dramosiando, de quem se dizia, que fora o principal trocedor, que el-rei tivera, para mandar a princesa e impedir por qualquer meio, que pudesse o casar-se ela com outrem.

E caminhando por suas jornadas direito à Constantinopla, oferecendo-se lhe muitas e mui perigosas aventuras, pelas quais passou sempre a sua honra com penachos, porque era

[453] A: parentes / B: parentesco

extremado cavaleiro, posto que mais soberbo, do que fora razão que se mostrasse, diz a história que aquela menhã tendo-se agasalhado debaixo de ũas árvores, que no campo havia, indo pelo caminho adiante encontrou com Dramosiando, que depois de ter revolvido no mundo o que naquele pouco tempo lhe fora possível em busca de Fidélia, sem achar nunca nova, que o contentasse, tendo ganhadas aquelas armas no preço de ũas justas, que no reino de Macedônia se fizeram, detreminou chegar a Constantinopla tendo para si que ali saberia algũa cousa da princesa e que se fosse o que ele desejava não tinha mais que buscar, quando não, que sem se dar a conhecer com alguém, tornaria a sua demanda, porque detreminado estava de a não deixar, até que Fidélia aparecesse no mundo.

Ora encontrando-se estes cavaleiros como dizíamos, Leopoldo, depois de se saudarem cortesmente, lhe perguntou se acaso [197r] saberia se estava Dramosiando em Constantinopla?[454] Dramosiando lhe respondeo:

— Sei que não está lá, mas se vós me disseres o para que o buscais eu vos direi outro lugar, onde sem nenhũa dúvida o achareis.

— Muita mercê me fazeis vós nisso (replicou Leopoldo) mas dizer-vos o para que o busco não posso, antes de me encontrar com ele.

Andava Dramosiando naqueles dias aborrido[455] e rabugento e assim não me espanto se com tão leve ocasião se resolveo a ter brigas com aquele cavaleiro, porque com esta reposta, que lhe ele deu, lhe tornou Dramosiando a responder:

— Ou vós me haveis de dizer o para que buscais esse homem, ou quem sois, para eu ver se daí o posso inferir.

— E quando eu não quiser por minha vontade (disse Leopoldo) far-mo-eis vós dizer por força?

— Sim por certo (acodio Dramosiando)

— Pois não sou eu muito acostumado a me fazerem forças (tornou o cavaleiro) salvo pessoas de quem me eu não posso vingar.

— Não será logo muito (tornou a dizer Dramosiando) que conteis entre essas a minha.

E então apartando-se cada ũ para sua parte e tomando do campo o necessário, remeteram um ao outro com as lanças baixas, bem cubertos dos escudos e topando-se com os

[454] A: se estava Dramosiando em Constantinopla / B: se estava em Constantinopla Dramosiando, a quem andava buscando havia muito tempo para certa cousa que lhe não importava pouco
[455] A: aborrido / B: aborrecido

corpos os cavalos caíram mortos em terra e as lanças voaram pelo ar em hastilhas. Porém saindo-se os cavaleiros dos cavalos como melhor puderam metendo mão às espadas começaram aquela batalha em que Primaleão [197v] os achou, a pouco espaço, que a tinham começado como no capítulo passado vos contamos. E sucedendo o mais que se ali escreve, continua agora o que Dramosiando respondeo ao cavaleiro quando o ouvio falar daquela maneira, não atinando de nenhũ modo a razão que para isso tivesse, disse-lhe:

— Se eu soubera que para satisfação de queixas me buscáveis, não deixara de vos dizer quem era, mas assim como as eu não tenha de ninguém, senão da fortuna, também cuidei que não viveria alguém queixoso de mi. Quais as vossas sejam não sei, nem a matéria delas. Enganos sei que não fiz nunca, nem a ũ cavaleiro ordinário, quanto mais a rei algum a quem todo o homem honrado está obrigado a falar verdade sempre. A batalha que quereis acabemos, acabemos. E pois não pode ser como a começamos, seja da maneira que podemos. Tirai o elmo se vos parecer, que eu da minha espada bem vedes que o faço (e em dizendo isto remessou-a pelo campo ũ grande espaço donde eles estavam)

Não tinha o outro tardado em tirar o elmo e arrancar de ũ punhal como Dramosiando tinha feito. Porém Primaleão e Daraja, que eram presentes, metendo-se entre eles, disse-lhe Primaleão (namorado cada vez mais de Dramosiando e nada descontente de Leopoldo):

— Em verdade senhores, que não é possível, que deixeis de me ter a mi em muita má [198r] conta[456], pois escandelizando-me ambos e ferindo-me com tão pouca causa, vos desarmais à minha vista, deixando-me a mi armado, sem fazerdes nenhũ caso de minha vingança, devendo crer, que ou não quererei[457], ou não poderei[458] tomá-la.

— Senhor cavaleiro (respondeo Leopoldo) é minha razão tão justificada e os golpes, que de vós exprimentamos tão grandes, que sem mais conhecimento, nem palavras eu sei que não fareis vilania, nem vos aproveitareis das armas contra quem as não tem, nem estorvareis a satisfação, que me a mi cumpre tomar.

Era Leopoldo como temos dito, tão grande de corpo, que lhe faltava pouco para igualar a Dramosiando era ruivo como são os mais dos homens daquelas partes com algũas lentilhas, ou sardas pelo rosto e mãos, mas não mal afigurado e de pouca mais idade que os príncepes

[456] A: que deixeis de me ter a mi em muita má conta / B: que me não tenhais a mi tambem em muito boa ou em muito má conta
[457] A: quererei / B: querereis
[458] A: poderei / B: podereis

gregos. E ainda que o tinham infamado em casa de seus parentes no que tocava ao entendimento e mais partes da pessoa, tinha mais culpa naquela infâmia sua pouca ventura e criação deliciosa, que a natureza, ou fosse que aquilo se levantasse, ou que a criação o tivesse mal polido e limado.

No que temos visto até aqui e no que iremos vendo, necessariamente havemos de ter o testemunho por falso, ou atribuir a melhoria das cousas de que o culpavam ao rompimento da pessoa pelo mundo, deixando a assistência e mimo da casa própria. [198v] Pelo menos Dramosiando, que com o punhal na mão tinha como dissemos, remetido a ele, ouvindo o que respondera àquele cavaleiro e fazendo reflexão sobre tudo o mais que lhe tinha ouvido, vendo a boa presença da pessoa e conhecendo com tão custosa experiência quão excelente cavaleiro era entrou em consideração de não ser possível, que aquele homem se movesse levemente para aquele tão declarado ódio, que lhe mostrava e não dando fé de causa que tivesse dado a alguém para tamanha demonstração, resolveo-se deixada toda a fúria de procurar sabê-la, para ver se com sua honra podia satisfazê-lo. E assentando isto consigo, fez o que logo diremos.

## Capítulo 62

Do que Dramosiando mais passou com aqueles cavaleiros e como estando para começar a batalha, chegaram àquele lugar Dom Duardos e Fidélia.

Resoluto Dramosiando em satisfazer aquele cavaleiro se a matéria de sua queixa o pedisse como no capítulo passado temos visto, disse para Primaleão, que ainda estava entre eles:

— Este cavaleiro, senhor, vos tem respondido por ambos e sinto-me eu tão obrigado [199r] pela parte que me cabe de tão boa reposta que antes que passemos a mais, lhe hei de pedir aqui diante de vós e desta senhora, que me queira dizer que queixa é a que tem de mi, porque se for tão justificada de sua parte como a ele pinta, lhe darei toda a satisfação, que de mi souber desejar.

— Vedes ali o que tem erros grandes (respondeo Leopoldo) que vos pudestes-me ofender, segundo tenho entendido e segundo agora vos vejo, não me podereis satisfazer, nem deixar com mais gosto, que o que me der ũa pequena vingança. E posto que as calidades deste cavaleiro sejam iguais a seu esforço e a fermosura e merecimento desta donzela tal como vemos, de melhor vontade vos dissera a vós só o agravo, que me tendes feito, pelo que toca a terceiros, do que vo-lo direi diante deles, pois o fazê-lo não servirá de mais do que de ter testemunhas de minha razão sem haver juiz de quem espere justiça, porque vou vendo que nos não ham de deixar acabar nossa batalha e assim pois vos mostrais tão inocente, que não caís no que vos digo, para de hoje a ũ mês vos desafio com as armas que os cavaleiros costumamos, para a corte do emperador Primaleão em cuja presença vos direi o que aqui não há para que faça, pois se não pode seguir trás isso, o que eu não deixarei depois de declarado. E entretanto cada ũ de nós procure sua saúde, após do que vos peço em cortesia que me queirais dizer que feito é da companhia que de Boêmia trouxestes?

Todas [199v] as pessoas que se ali acharam estavam em extremo satisfeitas do termo daquele cavaleiro e Dramosiando com mor extremo ainda. Porém ouvindo-lhe falar em Boêmia, cuidando que a perda da princesa era a matéria do queixume, inda que o via tanto maior no corpo que Primaleão, não bastara menos que vê-lo desarmado para deixar de o julgar e ter por ele.

E enfim perdendo, ou não podendo ter esta imaginação respondeo-lhe:

— Se a vossa queixa, senhor cavaleiro é pela roim conta, que vos eu posso dar dessa companhia a mi me parece tão justa, que não tereis melhor companheiro em ninguém, que em mi, para vos ajudar a vingar dela, mas isto é sendo culpa e[459] não engano, porque este não o houve, senão foi em confiar da fortuna sobre o que parece que ela não tinha poder. Não posso deixar de vos confessar em mi a maior culpa ainda que[460] em Constantinopla achemos toda a companhia que de Boêmia saío como eu espero em Deus que aconteça.

Respondeo Leopoldo dando com grande alteração alguns passos adiante:

— Não está em Constantinopla a princesa? Pois donde pobre de mi? Que mofina foi essa senhor Dramosiando que ainda eu não cuidava que era ela tamanha?

Primaleão, que estava ouvindo toda aquela arenga, vendo a demonstração que o outro fazia, ainda que o nome da princesa lhe tocou na mais sensível parte de sua alma, onde ele a trazia sempre, não poude deixar de se indignar bravamente [200r] contra Leopoldo, parecendo-lhe que algũa cousa queria ele mostrar que lhe ia na princesa. E querendo-lhe responder, vio que Dramosiando lhe dizia:

— Muito desejo senhor de vos contar toda essa história, porque ainda que para mi tem sido a mais penosa cousa que me aconteceo na vida e que renová-la é o mesmo que tratar sempre com medicamento áspero a chaga, que está fresca, nem eu busco gostos, nem alívios, nem tenho perdido a memória de minha pouca ventura de maneira, que seja remédio seu o não falar algũ momento nela. Mas pela mesma razão, que vós destes há pouco para não me dizer a queixa, vos não quero eu agora dar a satisfação, porém só vos digo, que enquanto me virdes vivo a mi entendais que o é a princesa, porque posto que por minha culpa não sei aonde ela está, sei todavia que vive, porque me vejo a mi vivo. O mais sabereis nessa corte para onde me desafiais e eu aceito o desafio com as condições, que apontastes, ainda que vos confesso que ver-vos tão interessado na perda, que me a mi traz tão perdido, não é pequena parte para me atar as mãos com que não acuda como devo ao roim crédito que de mi vejo que tendes.

Não se queria quietar o cavaleiro, nem se quietara Primaleão, ordenando-se outra vez outra mais intrincada e mais perigosa contenda, se àquele mesmo tempo não aparecera entre eles, ou pouco mais apartados (vede quais eram os acontecimentos daqueles tempos!) Dom

[459] A: mas isto é sendo culpa e / B: mas sendo a culpa mofina e

[460] A: poder. Não posso deixar de vos confessar em mi a maior culpa ainda que / B: poder e a outra não pode deixar de havê-la e confessá-la ainda que

Duardos e a [200v] princesa Fidélia Enáclia e Pleonido, que caminhando sempre na volta de Constantinopla não deixando de encontrar algumas aventuras em que a princesa via quão bem acompanhada e segura fazia seu caminho, não podendo nunca contudo acabar com ele que lhe dissesse quem era, nem lho preguntando todavia de maneira que ficasse o negar-lho grosseria, nem nela ser o querer sabê-lo porfiada.

Aliviava-lhe, ou entretinha-lhe a ũ e outro Pleonido algũas vezes os cuidados e melancolias, de que de ordinário cada ũ por seu modo eram acometidos. Andaram tanto, ‘té que entraram com grande alvoroço da princesa e grandes sobressaltos de Dom Duardos naquela terra do império indo com a proa na cidade, que dali estava tão perto como atrás fica dito. Levava ele detreminado de chegar até os muros com Fidélia e dali mandar por Pleonido ũ recado ao príncepe Florendos da parte de certo cavaleiro andante a chamá-lo e depois de se ver com ele sem se lhe dar a conhecer entregar-lhe a princesa dizendo-lhe quem ela era com que lhe parecia que cumpria com sua obediência e ao serviço de Fidélia.

Com esta detreminação pois desviando-se ũ pouco do caminho para irem demandar o gasalhado, que ofereciam ũas árvores, que lhe ficavam à mão direita porque se ia fazendo hora de repousar, chegaram àquele sítio, onde os outros estavam nas questões, que temos dito.

Costumava a princesa [201r] caminhar com o rosto cuberto e Enáclia também, porque afora que o pó e sol o podiam, uma aventura por que tinham passado, lhe ensinou o que por se livrarem de outras semelhantes[461] e foi o quererem salteá-la certos cavaleiros que a viram espantados e desculpados em parte com aqueles extremos com que a natureza representara nela todos os seus poderes e não foi o brinco tão leve que deixasse de custar sangue a Dom Duardos, porque eram muitos a lho tirar e as armas, que trazia não lho defendiam. Ora mui bem, no cabo eles ficaram castigados e Dom Duardos melhor armado tomando-lhes ũa espada, que lhe contentou mais que a que trazia. A sua companhia também melhorou de palafréns passando-se aos cavalos dos mortos.

E advertida juntamente do que lhe cumpria como dizíamos e naquela forma chegou a nossa ou a sua gente, porém Pleonido que nem se temia de danar o carão, nem de o cobiçarem por ele, não vinha embuçado. E ali não havia quem o não tivesse muitas vezes visto, porque Leopoldo de quem o não dissemos até ‘gora era o que melhor o conhecia que do arqueduque seu pai tinha ele sido primeiro e o arqueduque o mandara à sobrinha e muitas vezes tinha

[461] A: semelhantes / B: semelhantes lhe convinha

tornado com recados seus e da mai a sua casa, antes que os desgostos se declarassem tanto.

Daraja era quem menos tempo havia que o vira e Primaleão e Dramosiando mal podiam ter perdido a memória dele e assi tanto que aquela gente chegou, alterando com o rumor [201v] dos cavalos as demandas e repostas, que entre Dramosiando e o outro passavam e à vista destes, primeiro ao descuido com que ela caminhava[462], se viram espantaram e gritaram, que se falassem e perguntassem por cousa algũa, porque Primaleão quasi que caio, Dramosiando gritou, Daraja foi correndo abraçar a Fidélia e Leopoldo com a mesma pressa a Pleonido.

Dom Duardos lhe pesou de achar Dramosiando, cuidando que se lhe não poderia encobrir, mas detreminado a fazê-lo esteve vendo a resolução, que a princesa tomava. E Primaleão também passado aquele acidente do primeiro susto, vendo-se com Dom Duardos diante dos olhos, antes atravessado na garganta, a respeito de poder haver brigas com ele, não se achando até então conhecido de ninguém, resolveo-se no que abaixo diremos.

[462] A: primeiro ao descuido com que ela caminhava / B: ao descuido com que ela caminhava primeiro

## Capítulo 63

Do que passaram aqueles cavaleiros e de como a princesa recebeo Dramosiando.

Entendendo Primaleão que não era conhecido de pessoa algũa que por ali estivesse, morrendo por haver brigas com Dom Duardos, quis esperar quietamente o fim, a que aquelas cousas caminhavam espreitando algũa boa ocasião para o rompimento que desejava. E a princesa vendo a Dramosiando, [202v] e conhecendo o primo, não sei se por retratos, se por o ter visto, porque não declara esta circunstância Henrique Frusto, não se espantando também pouco de ver a Daraja, a quem deixara doente e sossegada em casa de seu pai, não lhe parecendo tempo de mais rebuços, tirou o seu e depois de agasalhar a Daraja, disse para Dramosiando com aquela sua graça:

— Ora Dramosiando, quero-me vingar de vós em falar primeiro a este cavaleiro e se o não conheceis, ainda ficarei melhor vingada, porque quanto mais desarrezoada vos parecer mais claro vos ficará o desejo, que tenho da minha vingança.

E em dizendo isto, recolheo a Leopoldo, que já estava junto dela com tanta alegria e com tão boa sombra como se o sangue, que tinham estivera confirmado com a amizade e correspondência como temos dito isto ao contrário.

E o triste Primaleão, que a tudo era presente, ainda que tinha ouvido o tudesco e que via logo aquela demonstração da prima para ele sem saber que o era, só com Dom Duardos, que estava de parte encostado na lança sem se bolir, nem falar palavra eram as raivas e só contra ele os discursos e imaginações. E vendo Fidélia quando o primo chegou mais a ela, que estava ferido e atentando mais que Dramosiando o estava também, parando nas zombarias com algũ sobressalto, quis que se tratasse da cura, que poderiam ter, porém voltando primeiro para Dom Duardos disse-lhe:

— Não vos espanteis cavaleiro das minhas demonstrações [202v] que quando souberdes em que se fundam, não entendereis que desdizem da opinião que de mi tendes. E por vida vossa, que nos vamos com estes cavaleiros àquelas árvores, que íamos demandar e lá saberemos uns dos outros o que mais falta de saber e se dará também ordem à cura dos feridos com mais comodidade, do que aqui poderá haver.

Ao que lhe ele respondeo que pois via arriscado o preço de seu serviço com aquela

companhia, que pelo menos não queria arriscar o da obediência.

— Bem sei que me haveis de dar alvíssaras (replicou a princesa) quando souberdes que vos podeis livrar da carga que até ‘gora vos fiz, mas porém se não forem muito a minha satisfação, não vos desobrigarei.

Dramosiando, que desafogado em lágrimas de contentamento (eram devidas ao caso, não lho estranhe ninguém) não pudera falar-lhe ‘té então palavra estando de giolhos diante dela e tendo-a pelas guarnições do palafrém, rompendo aquele soluço, disse-lhe:

— Ora senhora, dizei-me se sois essa e então matai-me embora e quando nem ũa, nem outra cousa queirais fazer, aqui está este cavaleiro (acenando para Leopoldo) que o acabará como tem já começado, só por lhe eu não dar estas novas, por que vos pergunto.

— Vejo-vos ferido (lhe respondeo ela) e pesa-me, que por força me ham de doer vossas feridas. E se por esta confissão não entendeis que sou esta, nenhũa pessoa há que melhor vo-lo possa dizer, que aquele cavaleiro, que vem comigo, ao qual devo achar-vos aqui agora, mas todavia tanto à minha [203r] custa, que sem sua licença não poderia falar-vos mais palavra, nem sei como tenho dito tantas.

Que pudera dizer mais esta senhora, se muito de prepósito quisera fazer acintes a Primaleão? o qual devia ser o mais galante homem do mundo, porque dou ao demo a cousa que lhe ele[463] dava de nada que a princesa dissesse, nem fizesse em favor de Dom Duardos, dele para ela era o seu trabalho. Estava enfim melhor fundado em Primaleão o crédito de Fidélia, que em seu próprio primo, porque ele que até então não lhe tinha lembrado Dom Duardos, quando a ouvio falar a ela daquela maneira, nele começou a cuidar, o que a Primaleão nem pela imaginação lhe passou, trazendo atravessado o outro.

E dá a entender Henrique Frusto tratando este lugar, que ũas das razões, que naqueles princípios confirmaram Leopoldo no amor de Daraja, foi julgar Fidélia por obrigada ao cavaleiro que com ela vinha. Ah discursos e entendimentos humanos, quem se fiara de vós? Enfim era Leopoldo tudesco, não certo Dramosiando, o qual ouvindo o que a princesa dizia, respondeo risonho e apressado:

— Não, não senhora, não curemos nós disso. Se ele é quem vos livrou de Paludrão eu sou a quem vosso pai vos entregou e onde quer que vos achar, tanto[464] menos tiverdes de

[463] A: ele / B: a ele
[464] A: tanto / B: quanto

vossa, tanto me corre a mi mais a obrigação de vos não consentir ser alhea.

— Não[465]? Ora[466] má (lhe tornou ela) Deixemos essas zombarias, pois se parecem com verdades e falemos de siso[467]. Vamo-nos [203v] às árvores e curar-se-ão os feridos e contar-nos-emos os nossos casos, que em verdade ainda agora espantam.

— Vamos aonde mandardes (disse Dramosiando) posto que nem eu tenho que mais queira saber que ver-vos, nem minhas feridas podem ter outro melhor remédio que este.

E querendo falar a Primaleão, a quem não conhecia e se sentia obrigado e ele não se lhe dar a conhecer pelos respeitos que temos dito, falou Primaleão primeiro e disse a Dramosiando:

— Senhor cavaleiro eu vos deixo quieto com esta companhia com quem parece que tendes muito conhecimento. E como só o sossegar-vos foi o meu primeiro intento, a troco de o conseguir, dera por bem livradas muitas feridas. Todavia folgara de saber o em que ficais acerca do desafio, que vos fez esse cavaleiro, porque se houvera de ter efeito, folgara de me achar presente.

Leopoldo, que ouvia tudo, tendo achado a princesa e tão bom gasalhado nela, não lhe parecendo haver mais brigas sobre aquilo, atravessou e disse:

— Se Dramosiando me levanta a palavra eu lha levanto a ele, porque a pessoa a quem a senhora princesa mostra tão boa vontade, não parece razão que a tenha eu diferente.

— Bem me parece isso, replicou Primaleão e Dramosiando não quererá outra cousa. E pois aqui tudo é pax, não quero eu estorvá-la com minha presença, que não presto para mais que para cansar aos que trato e morrer pelo que vejo. Porém antes que me vá falarei à senhora princesa.

E chegando-se aonde ela estava, disse-lhe o que no seguinte capítolo veremos.[204r]

---

[465] A: não / B: alhea não
[466] A: ora / B: ara
[467] A: de siso / B: de siso, que se não entretém a quem ouve, não dá matéria de arrependimento a quem o fala

## Capítulo 64

Do que aquele cavaleiro disse à princesa e o que ela lhe respondeo e o que disso se seguio.

Chegou como dizíamos, Primaleão à princesa, que estava com a companhia que temos dito e com tamanha trovação como comedimento, lhe disse:

— Segundo o que vejo, senhora e segundo o que tenho entendido a estes cavaleiros, mal comprirei eu com o que devo à vossa pessoa e estado e com o que me devo a mi, se quando não prestar para vos acompanhar e servir, não preste pelo menos para me oferecer a fazê-lo e para sentir muito se me não deres licença para que o faça.

E abaixando ũ pouco mais a voz acrescentou:

— Particularmente que não haverá pessoa no mundo, que com maior gosto vos servira, nem quem mais obrigado a isso esteja.

A princesa, que se tinha enfadado dele abaxar a voz, vendo-o caminhar por ali, atalhou depressa dizendo com mais sequidão do que costumava:

— Guarde-vos Deus cavaleiro por essa boa vontade, que mostrais a minhas cousas. O trabalho de acompanhar-me podeis escusar, que eu tenho achado pessoa[468], que me basta por hora e vós tereis que fazer em outras partes.

Não cuidou Primaleão que era aquilo dito a homem não conhecido, nem com a ocasião, que lhe ele dera sem cair no que fazia, se não que ela o conhecia mui bem e que por algũ respeito o desestimava e despedia com aquela aspereza, porém não bastando [204v] isso para lhe deminuir ũ ponto de seu amor, bastou todavia para lhe acrescentar o desejo de se vingar daqueles agravos em Dom Duardos, ainda que não cuidava, que fosse ele a causa, de que nasciam. E de maneira se afervorou neste desejo, que cuido verdadeiramente que ao próprio Dom Duardos lhe não dar a ocasião, que logo veremos para pegar com ele, que sem algũa o fizera, sem esperar mais nada.

Escrito deixamos atrás como Palmeirim de Inglaterra deixara na ermida em que Dom Duardos na Serra da Lua estivera com a espada, que lhe ali ficara ũas armas e tudo o mais, de que o filho se tornasse ali podia ter necessidade. Também naquele lugar escrevemos como daquele depósito se aproveitara outrem, o que vimos comprido em Primaleão, que lá foi ter

[468] A: pessoa / B: companhia

com igoal necessidade à com que o primo partira e os respeitos, por que o religioso, que tinha tudo em seu poder liberalmente lho entregara.

Ora Dom Duardos, que esteve atentamente olhando para Primaleão enquanto falara à princesa, mui satisfeito da sua disposição e criança, vio-lhe na cinta a sua espada, de quem só em razão de armas vivia com saudades enquanto aquela princesa aí havia mister, porque depois não fazia ele tenção de lhe serem necessárias. [469] E lembrando-se do lugar em que a deixara espantando-se de como a poderia haver aquele cavaleiro, afirmando-se bem em que se não enganava, depois que a princesa o despedio e ele se levantou, chegando-se mais perto do que estava [205r] lhe disse:

— Por vida vossa senhor cavaleiro, que me queirais tirar de ũa dúvida em que estou, que me não tem com pouco cuidado.

E antes que fosse mais por diante lhe disse Primaleão:

— Eu vivo com tantas e tão pesadas, que não sei se vos poderei satisfazer, porém a troco de outras cousas, que detremino saber de vós, não deixarei de dizer o que souber acerca do que me preguntardes.

— O que eu quisera saber agora (lhe tornou Dom Duardos) essa espada que trazeis donde a houvestes? Ou como veio a vosso poder? Porque se eu a não desconheço de todo, bem poderá ser que a tenhais vós com bom título, porém ela não é vossa.

De maneira folgou Primaleão de ouvir aquilo para fundar as brigas, que desejava como se não fora Dom Duardos o com quem as ele queria, ou como se ele o não conhecera. E assim lhe respondeo logo:

— Nem a espada é minha, nem a tenho com bom íitulo, porque a não tomei por força a seu dono, porém sem ela ma não tirará a mi ninguém da mão. E se vos a vós vai algũa cousa nisso, ou logo, ou quando vos parecer mo podereis perguntar, porque ela mesma vos dará sem cólera[470] a reposta.

Era Dom Duardos brandíssimo de natureza e muito devagar se enfurecia. E posto que o termo daquele seu parente pudera provocar a qualquer homem, contudo ele ainda muito fora de paixão lhe disse:

---

[469] A: enquanto aquela princesa aí havia mister, porque depois não fazia ele tenção de lhe serem necessárias / B: se não estivera detriminado a deixar o uso delas tanto que achasse ocasião de não haver mister aquela princesa às suas

[470] A: dará sem colera / B: dara

— Que a não tomáreis a seu dono por força, sabia eu, porque nem ele vo-la largara por esse modo, nem [205v] vós a quiséreis assim dele, por isso vos perguntava qual fora o modo por que a houvéreis, mas pois confessais que não é bom o título com que a pessuís, licença me dais para que a cobre de vós, porque sei cuja é e que lhe não custou pouco a ganhar o seu dono.

— Pois em verdade que por muito que fosse (replicou Primaleão) que bem mais lhe custará agora que eu a tenho, se a quiser. E se vós a quereis vede aonde, porque não estou para muitas detenças.

Sorrio-se então Dom Duardos e disse:

— A senhora princesa deseja recolher-se àquelas árvores como tem dito, assim para poder melhor passar a calma, que vem caindo como para que estes cavaleiros feridos tratem de si com mais algũa comodidade. Acompanhemo-la lá e então entenderemos nessoutro negócio e porventura que no cabo vos não pareça que nos detivemos muito.

Ouviam muito bem tudo o que estes cavaleiros passavam, assim a princesa como toda a companhia e ninguém deixava de ter sentimento de como as cousas se despunham. E se não era Daraja, que conhecendo Primaleão pelo cavaleiro, que na tarde de antes se despedira secamente dela, não lhe pesava de haver ocasião em que arriscasse a vingança, que daquilo desejava. Que fora se de todo o conhecera!

Mas Fidélia, inda que tinha tantas e tão calificadas provas da valentia daquele seu guardador, não folgava de o ver entrar tantas vezes em questões, de que a Fortuna é juiz, sabendo quantas ela julgou cegamente e mais sendo naquela hora em que estava tão [206r] contente com achar Dramosiando e seu primo, que ainda que o não estimava para o que ele pertendia, para acompanhar naquela entrada, que esperava fazer em Constantinopla com ninguém outrem que topara estimara tanto.

E Leopoldo que tendo-lhe passado a paixão se sentia obrigado ao bom ânimo que Primaleão mostrara em o querer apartado da batalha em que o achara estando por outra parte a servir e agradecer, a Dom Duardos o serviço que tinha feito a sua prima, também sentia muito vê-los revoltos ũ com outro e mais não conhecendo Dom Duardos e tendo experimentado os golpes de Primaleão, temia que se visse em mor trabalho por cobrar a espada do que parece que ele receava.

Em o sentimento de ver aqueles cavaleiros embaraçados se conformava Dramosiando

com Leopoldo, mas nestoutros temores estava encontrado com ele, porque ainda que também tinha visto quão valente cavaleiro era Primaleão como conhecia a Dom Duardos, no outro receava os danos e pelas mesmas razões de Leopoldo lhos não quisera ele ver. E juntamente lhe pesava com Fidélia de se atravessar cousa àquele tempo, que aogoasse[471] de alguma maneira o gosto daquelas aparições e cuidando no modo com que o estorvaria enquanto se lhe não oferecia outro, respondeo ele antes que Primaleão o fizesse ao que ultimamente Dom Duardos lhe dissera a cerca de levarem a princesa à sombra das árvores, aonde espero [206v] que se porá tudo em bem.

E partindo a princesa com Enáclia, Daraja e sua criada, assim como estavam a cavalo para aquele sítio, os cavaleiros todos a pé as foram seguindo e acompanhando, praticando uns com os outros com tão poucas mostras de paixão como se as não levaram tão grandes nos ânimos. A princesa, a quem Daraja começara a dizer que saudades suas a tiraram da casa de seu pai, pesando-lhe daquela resolução e enfadando-se de a ouvir, dizendo-lhe que mais devagar falariam, chamou Leopoldo e depois de lhe perguntar pelo pai e por quanto tempo havia, que o deixara e outras generalidades destas, quis saber dele se conhecia o cavaleiro, que levava a espada do seu governador[472].

Respondeo-lhe ele às primeiras perguntas com pouco[473] menos clareza, que Daraja, mas porventura que com mais verdade que ela. E cuido eu que ainda fora maior a clareza e a verdade, se a não tivera muito daquela vista[474], ou por causas, que se não alcançam, ou porque não fosse de todo mentira o que se dele sospeitava. Nasceo desta conversação[475] deixar com menos ofensas os ouvidos da prima, inda que ao[476] parecer mais agravado. E do que tocava ao cavaleiro, lhe deu a rezão que sabia. Com o que ela[477] desejava que o negócio tivesse algũa boa saída, lhe tornou a replicar o que adiante veremos. [207r]

[471] A: aogoasse / B: agoasse
[472] A: governador / B: guardador
[473] A: pouco / B: muito
[474] A: tivera muito daquela vista / B: tivera visto da qual vista
[475] A: nasceo desta conversação / B: nasceo
[476] A: ao / B: o
[477] A: ela / B: ela que

## Capítulo 65

Do que a princesa fez para aquietar aqueles cavaleiros.

Desejava como dissemos, a princesa, que não fosse adiante aquela batalha. Não sei que lhe revelava o espírito. E vendo que Leopoldo não conhecia a Primaleão, tornou-lhe a perguntar que meio lhe parecia mais oportuno para não ir adiante aquela contenda, significando-lhe, que sentiria não poder estorvá-la.

— Fácil cousa (lhe respondeo ele então) me parece acabardes com este cavaleiro, que vos acompanha que não peça a espada a outro até chegarmos a Constantinopla pelo menos e lá porventura que o tempo aplacará tudo sem muita negociação nossa.

— Bem cuido que seria fácil acabar isso com ele por sua modéstia e bom termo, mas acabar comigo pedir-lho não é cousa tão fácil, porque a matéria parece mui de honra e não quisera eu ser-lhe ocasião de algũa quebra na sua pelo que lhe devo.

Com título[478] de honra é a matéria. (respondeo Leopoldo) mas que homem pode agora ser este que vem convosco, a que se haja de ter esse respeito? Quanto mais que a ele lhe fica tanta de vos acompanhar, que ainda que por amor de vós deixe essoutra empresa, sempre ficará ganhando.

Fidélia então lhe replicou rindo:

— Não me espanto primo de me terdes em tão boa conta porque há pouco que andais pelo mundo. [207v] Depois de o tratardes mais tempo entendereis que não é razão estimar-me tanto, porque achareis a cada passo gente que valha mais que eu.

E não querendo ouvir-lhe mais finezas daquelas chamou por Dramosiando e esteve aguardando a que chegasse, porque ele mais por gordo, que por ferido caminhava devagar. E dizendo-lhe o pesar que levava de se lhe não oferecer bom meio de estorvar a batalha. Dramosiando lhe disse que também o sentia muito porque da mesma maneira lhe pareciam cheos de inconvenientes todos os que se lhe ofereciam:

— Porque (dizia ele) mandar ao vosso guardador que suspenda por hora o que tem começado, que é o que primeiro me ocorreo, de nenhũa maneira parece que cumpre porque se o faz obriga-vos a vós muito e se o não fizesse, pareceria que vos quisestes vós desobrigar,

[478] A: devo. Com título B: devo o contrário [o contt.º]

dando-lhe esta ocasião, do que até agora lhe divíeis, vendo-vos com parentes e criados com que o não haveis mister. Fazerdes-vos juiz da contenda pedindo a espada ao outro para a dardes a quem com melhores razões provar que é sua, é desonrar este homem, que vem convosco, parecendo que vos temeis de seu perigo e fazer muita confiança de quem não conheceis. Deixá-los haver brigas, afora ser crueldade em vós, a todos nos deixará magoados quarquer sucesso que elas tenham. Mas pois já estamos aqui (tinham chegado ao sítio que buscavam) apear-vos-eis e eu falarei com eles, verei se os posso reduzir a algũ concerto.

— Muito folgaria (respondeo ela) mas com condição que de nenhũa [208r] maneira entre nele o meu respeito.

E com isto, descendo-se em ũas táboas em que mandou a Leopoldo e a Dramosiando, que a tomassem e sentando-se com bem de calma já debaixo de ũ frexo, Dom Duardos se chegou a ela e disse-lhe:

— Se não tivera sabido os conhecimentos, que tendes com estes dous cavaleiros, não me metera em brigas, que me estorvaram o acompanhar-vos até o lugar a que ides. Mas vós estais já tão bem acompanhada, que mais vos servirei eu de moléstia ou embaraço, que de autoridade, nem segurança, por isso sem vossa licença, vendo em poder alheio ũa espada que conheço e a seu dono também, tratei de a cobrar, que[479] a princípio minha tenção era contentar-me com qualquer aparente razão até ter melhor hora, mas este cavaleiro fechou-se de maneira, que já agora sem discrédito meu, não posso deixar de levar este negócio adiante. Peço-vos que o hajais assi por bem ao menos, para que se nesta batalha me acontecer algũ trabalho, não vá com outro tão grande como para mi será cuidar que vos haveis por mal servida de alguma ação minha.

— Não quero crer (lhe respondeo a princesa) se não que desde o princípio vos obrigou vossa honra a puxar por esta matéria com a qual não podem dissimular os que são honrados, porque a entendê-lo de outra maneira, queixa me ficaria de vós por melhor acompanhada que me deixáreis, não vos despedirdes de mi. Ao menos nesta conformidade podeis fazer o que vos convém, que aqui o veremos todos, ainda que a hora e o lugar mais era, certo, para [208v] descansarmos, que para cousa, que tão pouco repouso traz consigo.

Ardia Primaleão em ódio de Dom Duardos, mas ainda era muito maior o amor que tinha a Fidélia e ouvindo-a falar daquele modo e vendo-a afrontada do caminho e do sol, que

[479] A: que / B: ainda que

era grande, sem mais comodidade de se defender dele, que as folhas de uma árvore, houve tamanha lástima dela, que o mostraram bem seus olhos, pois dentro do elmo lhe caíam as lágrimas em grande cantidade. Mas dissimulando-as como melhor poude, resoluto no que havia de fazer, chegou-se bem a ela e sentando-se de giolhos lhe disse:

— Naquele lugar de que vimos me despedistes de vossa companhia e querendo eu obedecer ao que me mandáveis e ir-me diante pedir alvíssaras em Constantinopla de vossa chegada este cavaleiro me deteve com as razões, que ouvistes e depois me mandou que viéssemos até ‘qui para que vós melhorásseis de sítio. Mas porque a vitória, que ele cuida tem certa de mi, lhe não custará todavia pouco tempo, não me parece rezão, que neste, que vós haveis mister tanto para repousar, vos seja eu ocasião de novo trabalho. E ainda que conheço muito bem o que aventuro na opinião de quem me vê deixar estas brigas eu quero antes arriscado o crédito da minha honra, que o descanso, que vós haveis mister. Vedes aqui a espada, que ele tanto deseja e que tem muita razão de desejar. Muito bem lha podeis dar, que sua é e a mi licença para ir buscar outra com que algũa hora lhe mostre com menos inquietação vossa, qual foi o respeito desta prodigalidade [209r] minha.

E trás dizer isto, tendo descingida a espada lha pôs diante com não pequeno espanto seu dela e dos mais que aquilo ouviam, particularmente Leopoldo, que tinha experimentado que não podia aquilo ser medo e estava admirado de ver tal gentileza. Porém Daraja, pesarosa de se atalharem aquelas bulhas, que ela quisera ver, tomando a mão primeiro que a princesa respondesse, disse para ela:

— Discreto homem é este verdadeiramente porque sempre acha boas razões para o que não quer fazer. Ontem (posto que em matéria diferente) aconteceo com ele quasi outra cousa como esta. E ninguém haja dó dele por ficar sem espada, que se lhe ela for necessária ele se saberá sanear com tão bom termo, que lhe fiquem devendo dinheiro.

Engraçadamente disse isto Daraja, porém nem sempre é tempo de gracejar. Assim mostrou Fidélia que a entendia e aqueles cavaleiros, porque ouvindo-a todos, só Leopoldo, a quem suas cousas obrigavam cada hora mais, mostrou que folgara de a ouvir. A princesa pois como teve lugar, havendo entendido bem a Primaleão e tendo já melhor opinião dele, que até ‘li, tomou a espada na mão e respondeu-lhe o que no outro capítulo vos diremos.

## Capítulo 66

Do que a princesa respondeo àquele Cavaleiro e como Dom Duardos se apartou dela. [209v]

Pendendo estava toda aquela companhia do que a princesa responderia àquele cavaleiro, cujo ato foi para Dramosiando e Dom Duardos, de estimação grande e para Leopoldo novo e não acostumado na terra, quando ela como dizíamos tomando a espada na mão e tendo os olhos nele disse:

— Muito vos agradeço cavaleiro este serviço, que me fazeis, que verdadeiramente estimo, pelo que a vós como a todos os que aqui estamos, podia ser de pena qualquer sucesso que a batalha tivesse. Porém nem eu quero que vós fiqueis sem a espada, nem que este cavaleiro (se ela como dizeis é sua) tenha agora duas. Dera-vo-la eu de boa vontade, mas para vós não é mais que ũa espada e para mi ficará sendo perdida. Contudo, para a emprestar tomo licença com este título a levai e como achardes outra em Constantinopla ma podeis restituir, pois dizeis que ides para lá.

E voltando então para Dom Duardos, disse-lhe:

— Rogo-vos que hajais isto assim por bem, se a espada é vossa e se o não é, que não queirais agora ser procurador de ninguém.

Dom Duardos, que estava invejoso do procedimento daquele cavaleiro e alegre também do termo, que a princesa tomara, porque verdadeiramente lhe pesava das brigas, mais pelo perigo alheio, que pelo próprio. Pondo-se também de giolhos, respondeu-lhe:

— Não lhe pareça a Vossa Alteza menos dever-mo o empréstimo, que a espada, para deixar de a dar a esse cavaleiro em quem ela será bem empregada, porque a soube ganhar com termo bem mais para invejar [210r] certo, que aquele com que eu a houve. Porque se o deixar de lha dar é o não me querer honrar tanto, para o eu ficar muito bem basta o empréstimo. E se é não querer que eu perca tudo com me forrar o trabalho de a procurar, quando a ele não restituísse levando-a com essa obrigação, ficava bem pago. Quem o não estará servindo a Vossa Alteza?

Não aguardou Primaleão que a princesa respondesse, antes em Dom Duardos acabando de clausular suas razões, quis ele começar outras em reposta do que lhe ela tinha dito e fê-lo assi:

— Primeiramente senhora eu não fiz menos em vos dar a espada, que pudera defender, para a restituirdes a este cavaleiro, do que ele faz em consentir que vós ma empresteis a mi, porque ele obedece nisso a ũa vontade vossa declarada e eu obedeci a outra, que soube adevinhar. Mas vós parece que quereis antes ficar obrigada à sua obediência, que à minha prontidão e a obrigação e conhecimento antigo podem dar crédito e valia àquele serviço, que sem estas calidades não valera tanto. Bem poderá ser que o meu se iguale com o deste cavaleiro, que inda que se me adiantou nas cousas em que vos tem servido, algũas razões podem concorrer nas minhas com que lhe não fiquem inferiores em tudo.

Ia-lhe parecendo já a Dramosiando aquele cavaleiro pronóstico e misterioso. E enfadado de tanta parola, que se não deixava entender lhe disse:

— Vede a mercê que a princesa vos faz, se a sabeis entender e se não tomai a espada e ide-vos embora sem cuidardes que vos falaram [210v] nela e sem que caminheis muito vos alcançará o arrependimento de não aceitardes o meu primeiro conselho. E não nos detenhais mais em práticas, que estas senhoras ham de repousar e nós queremos curar nossas feridas.

Estava Primaleão já resoluto no que havia de fazer e ouvindo a Dramosiando lançou mão às enlaçaduras do elmo e tirando-o da cabeça disse para Pleonido:

— Sereis vós também contra mi nesta companhia?

Já então Dramosiando o tinha apertado consigo, dizendo em vozes altas:

— Pois Corpo de Deus, Senhor, não pudera ser isto, sem nos pordes primeiro a mão na boca a todos?

E a princesa dissimulando os novos e grandes sobressaltos, que dentro de si sentia, vendo-o em giolhos diante de si, lhe disse com aquele bom modo, que ela em tudo tinha:

— Não sei certo o para que vos encobristes tanto, se vos ia alguma cousa em que vos recebêssemos melhor, porque nem aos não conhecidos se costuma fazer mais gasalhado, nem sei se será agora razão que festejemos a quem tão mal no-lo fazia. Contudo alegro-me de vos ver, porque temia que vossa falta me faria odiosa em Constantinopla.

— Quisera eu ir senhora (replicou ele) a pedir alvíssaras como vos disse, de vossa vizinhança, onde por esta nova eu sei que fora melhor recebido, que pelo parentesco, que naquela casa tenho. Mas pois este cavaleiro (pondo a mão em Dom Duardos) me impedio este bem, haverá de o pagar com eu aceitar o comprimento da espada que ele deixou. [211r]

E Dom Duardos ouvindo-lhe aquilo, temendo e cuidando que estava conhecido e que o

daria a conhecer, apertou-lhe a mão, que lhe pusera de maneira, que o fez torcer as mesmas palavras a diferente sentido do que levava e continuou dizendo:

— Que ele deixou aonde a eu achei.

E falando trás isto a Enáclia e Pleonido, cada ũ a seu modo lhe fez extraordinário gasalhado. Falou também a Dramosiando e teve com Leopoldo muitos comprimentos.

Daraja que por particular mercê do ceo o não conheceu de nenhũa maneira pelo seu pastor esteve também com ele desculpando-se do que lhe dissera, dando-lhe remoques a parentesco, cousa bem certa a quem cuida nelas. Esta foi a hora em que Daraja pareceo melhor àquele cavaleiro, que nunca, porque entre aquele alvoroço grande, que tinha de achar Fidélia, o ia buscar o temor de ser conhecido daquela donzela cousa que de nenhũa maneira lhe podia estar bem a seu parecer e ouvindo-a falar com aquela singileza com ele estimou-o em particular mimo da fortuna e respondeo-lhe bem melhor diante de Fidélia, do que outras vezes lhe fizera estando dela ausente.

E após isto desviando-se ũ pouco os feridos para se curarem, não se gastando muito tempo nisso porque o não pedia o mal, Dom Duardos se apartou com Dramosiando e Primaleão de quem se vio, muito contra sua vontade, conhecido e depois de lhes pedir com algũas palavras nascidas do amor que lhes tinha, que se não [211v] escandelizassem de sua fortuna, que tão apartado o trazia dos homens. Deo-lhes breve conta de como o desemparo daquela princesa, o fizera acompanhá-la até ‘li, sem se lhe dar a conhecer e que assim lhes rogava, que o não descobrissem a ela nem a outrem, porque ele pois Deus os tinha ali trazidos a eles, detreminava ir-se aquela noute onde lhe importava, deixando-lha entregue. E que para lhe dizerem que o ficavam de seu acompanhamento e serviço até Constantinopla e para não fazerem diligência por ele quando vissem que faltava lhes dizia aquilo, o que também escusara, se lhe parecera que compria sem isso com o de que se tinha encarregado.

Muito bem pareceo sempre Dom Duardos a Primaleão, porque o julgava[480] por seu competidor nos cuidados, o medo, que tinha de que se ele[481] adiantasse, lho pintava ainda muito melhor do que era, mas agora ouvindo-lhe dizer que a princesa o não conhecia e que ele se queria ir aquela noute, pareceo-lhe tanto melhor que nunca, que não teve comparação o amor que lhe sempre tivera quando era muito com o que lhe ficou tendo dali por diante. E

[480] A: o julgava / B: até quando o julgava
[481] A: se ele / B: se lhe ele

assim se abraçou com ele derramando lágrimas de verdadeira compaxão de o ver naquele fadairo,[482] como lhe chamavam todos.

Não o desacompanhou nisto Dramosiando. E vendo que era impossível o dissuadi-lo, dando-lhe a palavra, que lhes pedio, tornaram a recontar as porfias da espada, mas já por outro [212r] caminho, porque Primaleão dizendo que se ia a Constantinopla, onde acharia espada a seu contentamento, queria-o obrigar a que levasse a sua, que não tinha o mundo outra melhor. E recusando-o Dom Duardos houve de lhe dizer, que não cuidava que ele tinha necessidade dela e que ainda assim lha oferecia. Com que o ânimo dos dous se tornou a enternecer de novo.

E porque os escudeiros os chamaram da parte da princesa para agasalharem Leopoldo, ou para a[483] desembaraçarem dele, que se fora para ela enquanto eles estavam nas práticas, que contamos, foram-se lá e depois de passarem algũas alegres acerca de sua jornada comeram e repousaram,[484] e passada a sesta tornaram a caminhar até os tomar a noite em ũ lugar, a que foram ter, onde Dom Duardos dando ũ escrito a Pleonido para a princesa, desapareceo com tanta pena dela quando ao outro dia o soube como se o conhecera, mas regulava-o pela nobreza de sua condição e pela obrigação particular, que lhe ele dava[485] para a deixar, porque essas mesmas lhe mostravam que o não tornaria a ver tão cedo. E com esta pena caminhou acompanhada daqueloutros companheiros[486] para Constantinopla e dela e dele dará a história razão a seu tempo, que agora tornaremos a buscar Palmeirim de Inglaterra e sua companhia que há dias trazemos embarcados. [212v]

[482] A: naquele fadairo / B: naquela opinião e fadeiro
[483] A: a / B: se
[484] A: comeram e repousaram / B: começaram a repousar
[485] A: que lhe ele dava / B: que ele tinha e o que mais sintia eram as razões que lhe ele dava
[486] A: companheiros / B: cavaleiros

## Capítulo 67

De como Palmeirim e seus companheiros chegaram perto de Constantinopla e desembarcaram em terra.

Navegava o príncepe Palmeirim de Inglaterra e seus companheiros com tão bom tempo, depois que deixaram Aliboazém com Arquediana e sua mai, que parece lhes queria restituir a fortuna naqueles favores, os trabalhos e tormentas com que até então os tinha perseguido. E não se arrependendo, que foi outro espanto maior em pouco tempo, não só houveram vista do império, senão chegaram àquele promontório, que se fazia na Floresta das Três Fontes, onde Trigônio trouchera a sétia a Dom Duardos quando se saío de Constantinopla como temos contado no primeiro livro e ali[487] conhecendo Palmeirim a terra com o gosto[488] daqueles mancebos que desejavam entrar nela não conhecidos, para que havendo algũa novidade na corte a pudessem alegrar, assim encubertos, fizeram portar, ou surgir na praia e lançando os cavalos fora, saíram todos em terra armados de suas armas e com as lanças nas mãos, porque nenhũ escudeiro quiseram levar consigo.

E depois que estiveram passando pela memória o que ali acontecera havia tão pouco tempo e o notável perigo, que alguns naquela parte correram, o [213r] estranho valor com que Dom Duardos os livrara dele com novas saudades suas começaram a caminhar contentes e alvoroçados por outra parte e desejosos de acharem algũa aventura em que pudessem mostrar os preços de suas pessoas, mas Dom Floris, que não lhe parecia que podia haver nenhũa para que fossem necessários tantos, disse para eles:

— Em verdade senhores, que se fôramos cercar, ou descercar Constantinopla, que não pudéramos ajuntar melhor companhia e eu não sei como nos pressuadíssemos a que podíamos entrar encubertos, indo tantos juntos.

— Estamos tão perto (respondeo Palmeirim de Inglaterra) que já agora parecerá invenção o divedirmo-nos havendo de caminhar todos a ũ fim e antes mal o podíamos fazer pois vínhamos embarcados.

— Todavia (replicou Dom Floris) nesta floresta achou Dom Duardos a ocasião de

[487] A: ali / B: eles

[488] A: conhecendo Palmeirim a terra com o gosto / B: conhecendo a terra, sabendo quão perto era dali à cidade, condescendendo Palmeirim com o gosto

maior honra, que ele tem ganhado e não fora tão boa, se ele não viera só.

— Forte cousa é (disse Palmeirim de Lacedomônia) quererdes vós senhor Dom Floris singularizar-vos sempre entre os outros homens, sendo assim que não prestais para mais que eles, nem será razão que o cuideis de outra maneira. E não sei verdadeiramente se tão solitário éreis, para que vos saístes dos outeiros da Lusitânia, onde pudéreis estar sempre sem ninguém ir lá, por ser ombro por ombro convosco?

Tinha Dom Floris a sua arte como temos dito e ainda que por ela não era bem [213v] quisto daqueles cavaleiros mancebos, Palmeirim de Lacedomônia (que também era feito a seu modo) e Ardimão de França entre eles eram os que maior mal lhe faziam,[489] mais declarado ao menos que os companheiros, nos quais uns o sofriam melhor por brio e outros por obrigação, mas a verdade é que a todos foi sempre uns tempos pedra no sapato Dom Floris. E ele posto que por arte e por natureza se apartava de seus caminhos e conversação, não sendo como não era com aborrecimento das pessoas, nem com algũ outro afeto que pudesse ter tacha em ũ, nem tachado em outros. Amava-os por outro caminho e desejava servi-los a todos sem querer nada de algũ. E tanto que ainda que algũas vezes via que se carregavam com ele, ou não o entendendo, ou não fazendo caso disso, não deixava de lhes ter aquela boa vontade que dissemos. E ouvindo agora as palavras, que lhe Palmeirim dissera tão fora de prepósito (a seu parecer) não deixou de se espantar muito no princípio, mas todavia lhe respondeo rindo:

— Não sei senhor Palmeirim que ocasião vos tenha dado para me dizeres isso. Porque por esta de inculcar iremos[490] sós, cuidava eu que me devíeis[491] vós alvíssaras. Mas pois me enganava nesta opinião emendar-me-ei nela. E de mi vos confesso, que tenho tão roim natureza, que se todos os homens que há no mundo folgassem de andar sempre juntos, que de todo o julgara por despovoado a ele e a mi [214r] por muito mais só entre eles, que nesses oiteiros, que dizeis.

Atravessou depressa el-rei Beroldo tímido da condição de ambos e disse com graça para Palmeirim de Lacedomônia e com algũa soberbazinha também:

— Não nos digais senhor Palmeirim tanto mal da nossa terra, porque se vos a vós cumprisse, até os penedos dela vos serviriam melhor, que os homens de algũa outra, a quem vós estimareis mais.

---

[489] A: faziam / B: queriam
[490] A: iremos / B: irmos
[491] A: devíeis / B: désseis

Ajudaram também Palmeirim de Inglaterra, Floriano e el-rei de França e assi daquela vez não foi aquilo mais por diante, mas todavia ficou fermento com que depois cresceram os humores de maneira, que não cabendo nos peitos, ocasionaram as maiores[492] ruínas e dissensões com que veremos revolto o mundo na terceira parte desta história, se Deus nos deixar chegar a tresladá-la, não sendo pequena matéria também Valerisa disto, porém então sossegadamente e sem mostra algũa de alteração, se foram caminhando e conversando uns com outros. Até que ao sair da floresta tendo já quasi à vista as ameas, torres e carocheos[493] de Constantinopla, que com sua vezinhança e variedade começavam a alvoroçar os ânimos de todos, por ũ caminho que se vinha a ajuntar com o que eles traziam, viram vir ũa companhia se não com tanto número como a sua, de diferentes cores e de pessoas não muito diferentes.

Vinham três cavaleiros armados de ricas e custosas[494] [214v] armas, se bem encetadas por algũas partes como que se não vestiam só para parecerem bem. Entre eles quatro donzelas, ũ escudeiro e ũ enano. Viram-se uns a outros em distância que puderam caminhar ũ espaço sem se ajuntarem, porque não o faziam encontrados, senão que ambas as tropas levavam o rosto em Constantinopla estes por aqui aqueles por acolá, posto que como dizíamos à vista.[495]

Chegando a ũa estrada real, que por aquela parte recolhia a todos os caminhos que levavam à cidade e neste espaço foram diferentes as considerações de cada qual daquelas companhias, porque as donzelas e seus guardadores tinham algũa prática da corte, quando a princípio viram caminhar aquela gente junta para a cidade e àquela hora, que faltavam poucas para se acabar o dia, cuidaram que poderia ser o emperador, que teria saído à caça e se fosse recolhendo. E antes de se resolverem no que fariam se fosse ele, se resolveram em que o não era, assi por que não viram aves, nem cãis como nem molheres, sem as quais não costumava ir àqueles passatempos.

E assi entendendo por estas e por outras conjecturas que não ia ele ali, pareceo-lhe maior novidade verem tantos cavaleiros juntos e tão bem postos e ricamente armados como aqueles iam. E apressando-se[496] para o que fosse necessário foram seguindo seu caminho, ocupando sempre os olhos naquela vista, cada vez mais contentes uns cavaleiros da gentil disposição, [215r] e maneira dos outros, os quais com muito alvoroço os viam a eles pelas

[492] A: maiores / B: misérias
[493] A: carocheos / B: corucheos
[494] A: custosas / B: lustrosas
[495] A: vista / B: vista cada vez mais perto porque cada vez mais se iam
[496] A: apressando-se / B: apercebendo-se

roupas de cores, que levavam, porque como os mais eram moços, ali se lhe foram logo todos os sentidos. Porém Floriano foi o primeiro que alterou o silêncio, que o seu respeito e de seu irmão e de Beroldo e de Graciano lhes fazia ter, dizendo para Dom Floris:

— Digo-vos que tendes a maior razão do mundo, que não pode ũ homem andar senão só, porque se o eu agora viera, a fé que não passara sem mostrar aquelas senhoras, que muitas vezes não está a segurança no número de muitos guardadores como elas devem cuidar.

E Palmeirim seu irmão tomando a mão, lhe respondeo pelo outro e disse-lhe:

— Eu me espantava já de vos ver tão calado. Era tempo pois de não tratar destas cousas, ao menos pelo exemplo de Vasperaldo e destoutros moços.

— Senhor Palmeirim (lhe tornou ele) muito foi o em que me guardei de vós nestas matérias, mas já agora que o mesmo tempo me não tem deixado mais que a língoa para falar nelas, não ma queirais vós também tirar, se de todo me não quereis morto, antes vos peço por vida vossa, que me deixeis lá chegar (iam eles já mui perto) que me não sofre o coração não quebrar esta lança à honra da minha devoção antiga. E a troco de me terdes segredo com minha molher eu não calarei à senhora Polinarda, que foi isto contra vossa vontade.

E picando o cavalo adiantou-se, deixando ao [215v] irmão risonho e aos mais, porém estes invejosos juntamente de lhes parecer que lhes ia a tomar o preço da cinta,[497] e da justa se a houvesse.

Era a que ali vinha a princesa Fidélia, de quem diz a história, que caminhando com sua companhia ocupada da pena de se lhe ir Dom Duardos, tratava menos com aqueles cavaleiros, que dantes, o que só a Leopoldo parecia mistério e assi se confirmava cada vez mais em seus novos cuidados. E indo-se sem lhe acontecer cousa que de contar seja, a princesa sempre com o rosto cuberto e as mais, aquela tarde, que faziam conta de entrar em Constantinopla, se lhe atravessou Floriano diante com o qual lhe aconteceo o que no capítulo seguinte podereis ver se quiseres.

[497] A: cinta / B: justa

## Capítulo 68

Do que aconteceo a Floriano com aquela gente e como se conheceram e do mais que fizeram.

Vendo a princesa, que caminhava do modo que temos dito, apartar aquele cavaleiro dos outros e vir a demandá-la, ainda que a pena de não conhecer a Dom Duardos a trazia aborrida ũ pouco, se o tinha parecido aos que a acompanhavam, não o quis parecer àquele que de novo vinha, antes como esteve tão perto que não se podia duvidar [216r] se tomaria outro caminho, porém[498] naquele que fazia aguardando que chegasse, o qual depois que também parou vendo tudo embuçados lhe disse com aquela boa graça, que Deus lhe dera:

— Em verdade senhoras que senão tivéramos o povoado tão perto, que me pudera temer de quem se encobre tanto. Vimos-vos de longe e porque nos pareceo que folgarieis de ver cair ou a nós, ou a estes vossos cavaleiros, vos vinha oferecer este passatempo, cuidando que havia de julgar pelo rosto a pessoa com quem havia de falar. Mas pois vós não quisestes fiar esta distinção do meu juízo, obrigadas estais a responder-me, se porventura estes cavaleiros não são tão ciosos, que vos defenderam falar, assi como vos defendem o ser vistas.

A princesa que só com se deter a ouvi-lo pelos respeitos apontados, cuidava que tinha acabado não pouco consigo, tornando a seguir o[499] deixar-se levar de sua natureza, que nem nunca, nem naquele estado em que ela ia lhe sofria desenfadamentos que não fossem forçados respondeo-lhe:

— Em nós cavaleiro há pouco que ver, porém ainda em vós há menos razões para nos deter.[500] As justas, se fica em nossa vontade, também as escusaremos, porque vimos de longe buscar o povoado e à vista dele nada que detenha pode ser alívio a quem caminha. Quanto mais que vindes tantos, que mais parecerá[501] se nos detiverdes querer-nos saltear para ofender-nos, que justar para que [216v] nos entretenhamos.

Não lhe pareceram a Floriano palavras vulgares aquelas, nem ditas por pessoa vulgar, antes achando-se obrigado do respeito, que a ũa e a outra cousa se devia com mais alguma compostura lhe tornou a dizer:

---

[498] A: porém / B: parou
[499] A: o / B: ou a
[500] A: nos deter / B: querer ver-nos
[501] A: parecerá / B: parecera

— Ainda que senhora nós fôramos gente que vos não soubéramos servir, sabeis vós tão bem ensinar, que o divíeis ser de todo o mundo, o que não será possível que deixem de fazer ainda os mais rústicos homens dele. E pois vos parecemos muitos para nos temer, não pode ser que vo-lo pareçamos para vos servir e acompanhar até esse povoado pelo menos. Assi eu em meu nome e de meus companheiros vos peço licença para o fazer.

Dramosiando então, a quem a falta de Dom Duardos e o enfadamento da princesa não levava contente, antes que ela respondesse disse para o cavaleiro:

— Isso senhor cavaleiro, conosco se havia negociar, mas o pouco caminho, que há daqui ao povoado nos livra dessas questões. Podei-vos ir muito embora, que nem nesta pouca distância sereis necessário ao serviço destas senhoras, nem que fora maior elas haviam mister.

— Ah como eu folgo com isso (lhe respondeo Floriano) Destes-me a vida em verdade, que me tinha morto o respeito, que criava em mi o bom termo desta senhora para não fazer senão o que ela ordenasse. E agora acompanhá-la-ei eu em que vos pês e se lhe a ela não pesar, não a acompanhareis vós. [217r]

— Valha-me Deus (acodio a princesa) e que pesados cavaleiros são os desta terra. Ora vos digo em verdade, que se tudo me parece assim nela, que por meio de bem grandes trabalhos, vimos buscar bem grandes enfadamentos.

E Dramosiando que já se tinha concertado na sela para remeter ao outro, disse primeiro à princesa:

— Não julgueis mal senhora os homens desta terra pelo que vos este parece, porque não haverá nenhũ nela que vos não sirva de boa vontade e não é pequena desculpa para este cavaleiro esta obrigação, porém ele tem as costas quentes e assim não é muito que nos desestime aos poucos. Mas eu lhe detremino mostrar o que há debaixo de ũa roim capa como dizem.

E com isto querendo partir a satisfazer-se daquelas demasias, que o tinham bem mais colérico do que mostrava, achou-se impedido, porque o bom parecer e boa disposição de Pleonido, reduzio tudo a pax e conformidade.

Tinham chegado aqueles cavaleiros mancebos, que também se apressaram e como todos (tirado Dom Floris e Vasperaldo) se haviam embarcado em Boêmia em serviço e acompanhamento da princesa, conhecendo-o a ele e por ele a ela, uns correram a meter-se no meio dos cavaleiros, que tendo tomado o necessário do campo, voltavam já sobre si para se

acometerem, outros tirados os elmos a alegrarem-se com a princesa de a acharem e a tal tempo.[217v] Palmeirim, que também já ali estava, sabendo quem ela era, também sem elmo posto a pé, deu exemplo aos mais que o não tinham feito e foi-se a falar-lhe daquele modo e fazendo-lhe tantos comprimentos como se deviam a suas calidades e parecer, que já[502] tinha manifestado como conheceo os cavaleiros para se alegrar também, do qual Palmeirim por mais informado, que estivesse e por mais bem acostumado que andasse, não poude deixar de se espantar muito.

A princesa sabendo de Pavorante quem era o que lhe falava, fazendo primeiro força para se descer e não lho consentindo os que a rodeavam, respondeo-lhe de maneira que o deixou com dúvidas de qual era o maior extremo entre o que parecia e[503] alcançava. Chegaram enfim uns e outros a se falarem.

Conheceo-se Leopoldo e fez-se-lhe grande acolhimento por parente de Fidélia, a quem todos veneravam com ũ estranho respeito. Conheceo-se também o Cavaleiro do Sol e depois de agasalhado brandissimamente de Palmeirim e Floriano e ter falado aos mais, queixou-se com Dom Floris de ser o último a lhe falar, lançando a culpa a sua condição. Mas posto que até ‘li aquela fora a causa, outra tinha já aquele presente descuido de Dom Floris, porque o ocupava de maneira o desejo de se achar só por só com Palmeirim de Lacedomônia que todo aquele tempo lhe levava revolver na fantesia modos de romper com ele sem escândalo de suas obrigações, porém tornando sobre [218r] si falou ao sobrinho e aos mais, risonho e bem assombrado.

A princesa o recebeo mui bem, porque desejava vê-lo pelas notícias, que dele lhe tinham dado.

Nem foi pequena a cerimônia com que aqueles príncepes receberam e falaram também a Daraja, pedindo-o assi a princesa, que ainda que não vinha mui satisfeita dela, nos atos públicos, todavia, não deixou de honrá-la sempre.

Dom Floris a conheceo por vizinha e por parenta com que cresceo a estimação nos príncepes e a ufania nela e o amor em Leopoldo. Parece que era este cavaleiro senhor de seus efeitos e que tinha também muita conta com sua honra, porque regulava o amor e desamor, pelo que ele julgava que lhe convinha, ou não convinha. E querendo Dom Floris perguntar a

[502] A: já / B: ela já
[503] A: e / B: e o que

Daraja pela ocasião daquela jornada, a princesa que o sentio, temendo-se que lha dissesse ela levemente lhe respondeo:

— Eu sou Dom Floris, quem vos há de dar conta disso, mas nem será agora, nem também vos quero tão vizinho de Daraja, porque como sois ambos portugueses, ou vos ficareis aqui em comprimentos, ou nos fareis (em esperar-vos) que não cheguemos hoje a casa.

E voltando sem esperar reposta para Palmeirim de Inglaterra, que estava festejando o que ela dizia, disse-lhe:

— E pois senhor vós e estes príncepes não sois portugueses, ou vos ponde a cavalo, ou me deixar[504] descer a mi, porque para me honrar como a ũa molher mal tratada da fortuna bem basta o que está feito e continuando mais, [218v] antes o teria por escândalo que por obrigação em verdade.

Estava o dia já de todo acabado e eles ainda que muito perto da cidade não tanto porém que pudessem chegar ao paço, se não mui de noite. E não querendo Palmeirim que àquelas horas a princesa fizesse a primeira entrada em casa do emperador estando particularmente juntos a ũa mui boa casa de campo, que ele ali tinha onde muitas vezes ia a entreter-se, respondeo-lhe:

— Em verdade senhora, que já nos começais a pagar o desejo, que temos de vos servir em vos pordes da nossa parte contra os portugueses e mais diante de seu rei e de Dom Floris e dessa dama, porque nestas matérias até agora com nenhũ deles nos atrevíamos nós a falar. E fora disto, parecia-me, que assi como todos estamos, nos fôssemos àquela casa que ali está, que é do emperador, nela podereis passar a noite e avisá-lo-emos, que não será razão tomá-lo de sobressalto, para que amenhã se vos faça o recebimento, que vossa pessoa merece e o seu desejo pede. E também estamos aqui três homens, que temos lá filhas e matar-nos-ão, se lhe não mandamos dizer, que se armem de paciência ao menos para vos receberem.

— Não debalde me temia eu (disse a princesa) a[505] que havia a esta hora de vir a parar em escândalo, tanta cortesia, porque não basta quereres-me homiziar com o senhor rei de Espanha e com Dom Floris entrepetrando[506] minhas palavras, senão que me quereis tirar [219r] o benefício das tochas nesta entrada. Mas enfim lá me fica a jornada larga para que

[504] A: deixar / B: deixai
[505] A: a / B: de
[506] A: entrepetrando / B: intrepetando mal

apelar e primeiro que tudo para os extremos dessas senhoras, que quanto são maiores, tanto maiores desculpas nos ficarão sendo. E assim venho levemente em ficar, porém em avisar ao emperador de nenhũa maneira. Amenhã nos iremos, se isto não são horas, que impossível será que a quaisquer que nos conhecerem por vós e por estes príncepes, nos não façam bom gasalhado.

Então voltando para Beroldo, que estava em ditos[507] com Dom Floris e Primaleão acerca do que ele[508] dissera, disse-lhe:

— E vós senhor julgai-me pelo que eu digo e não pelo que diz o senhor Palmeirim, porque pelo tratamento, que se me fez na vossa terra, vos não quisera escandelizado certo, antes me parece, do que tenho ouvido, que deve fogir toda a molher mais de agravar a ũ português, que a qualquer homem de toda a outra nação, porque os outros vingarão ou mordendo nas sombras, ou no que eles puderem e dos portugueses ouço que sabem com sofrimento fazer merecimento dos escândalos, que é tanto mais cruel vingança, quanto menos perdoa a ânimos onde nenhũas outras setas chegam. E já o vejo em Dom Floris, que tendo-me dito que não é mudo, o está, tendo-lhe eu dado[509] tanta ocasião para me matar.

— Parece-me (disse Beroldo) que quereis que fiquemos mortos todos ouvindo-vos, porque se gabais (que enfim isso é o que quereis dizer) tirar merecimentos de sofrer agravos de damas, que não tem [219v] outro algum reparo em quem se entende honrar e acreditar com esses mesmos agravos como vós aqui tendes feito, tanto é mais para gabar, quanto menos o costuma, nem entende ninguém na terra. Eu digo isto por mi, Dom Floris diga o que quiser, que tudo será pouco para celebrar com a[510] servir mercê tão desacostumada. Mas não é muito senhora, que onde tudo são extremos, faltasse[511] esse extremo também.

Palmeirim atravessou a atalhar aquilo dizendo para eles ambos:

— Vamo-nos senhores que é tarde, que eu antes quero ficar peor livrado, que ver a senhora princesa[512] com opiniões tão verdadeiras.

E assi rindo uns e outros, se foram às casas, onde a princesa e os mais repousaram aquela noute. E ao outro dia entrando na cidade lhes aconteceo o que logo diremos.

---

[507] A: ditos / B: dichos
[508] A: ele / B: ela
[509] A: dado / B: cuidado
[510] A: com a / B: e
[511] A: faltasse / B: não faltasse
[512] A: princesa / B: princesa tanto à sua custa

## Capítulo 69

De como a princesa entrou na cidade.

Já quando depois de passada a noite Fidélia e os mais se tinham posto a cavalo, para entrarem em Constantinopla, Palmeirim de Inglaterra tinha sabido que Dom Duardos deixara a sua companhia pelo modo que fica dito e a princesa sabido também quem ele era, porque o pai perguntou pelo filho a Dramosiando e ele [220r] lhe disse o que lhe não poude negar, porque como todos sabiam que entrara ele no batel com Fidélia, não ficava lugar de o encobrirem senão a própria princesa, que de todo até então o ignorava com não pequeno sentimento segundo vimos e chegando-lhe aquela hora a notícia, de novo se confessou obrigada a seu pai e queixosa a Dramosiando e Primaleão, por lho não dizerem antes.

E assi uns e outros ainda que com grande sentimento[513] o dissimulavam. Não iam tão contentes como na tarde de antes se achavam, porque a Palmeirim ia-lhe o filho como se de todo o perdera, aos amigos a falta da pessoa a quem mais amavam, a Fidélia pesava-lhe em extremo de levar tão roins novas, de quem e aonde se elas desejavam diferentes, afora que não sentia também pouco parecer-lhe, que a falta de conhecimento daquele cavaleiro a fizera não o tratar como a sua pessoa merecia. Primaleão sentia com a dor da perda daquele parente, quieto já em sua primeira opinião, o[514] que Fidélia mostrava entendendo que lhe fora ele em algũa maneira causa daquela pena, por lhe não dizer o que lhe não perguntara. E desta maneira com os ânimos malencólicos, posto que com rostos alegres partiram e entraram em Constantinopla, que àquele tempo estava só e tão descontente que até nos edifícios, parece que se enxergava a tristeza de que seus donos andavam carregados, porque faltavam novas de [220v] todos os homens, que ali vinham. E o emperador e Florendos com aquilo não saíam a público, nem se deixavam ver senão em secreto e da mesma maneira a emperatriz e princesas, que soíam com suas presenças fazer alegre e contente tudo, raras vezes se manifestavam.

Ajudava também a isto a importunação com que Barciliano, aquele cavaleiro, que na primeira parte desta história contamos, que viera ter à corte com o retrato de Daraja, se tinha na sela em as justas, que começara, porque pedindo ele licença para as continuar dous meses,

[513] A: sentimento / B: entendimento
[514] A: o / B: a

não houve em todos eles quem lhe fizesse perder os estribos, se bem foram muitos os cavaleiros, que concorreram a ver-se com ele, assim de fora como da corte. E não se contentando daquelas vitórias, pedindo-lho particularmente o emperador, que folgava de o ver justar, se deixou ficar outros dous meses e outros e alguns ociosamente porque já não havia com quem exercitar sua força e assim continuava o paço e falava àquelas senhoras e tinha seus argumentos com Floramão, que a rogo de Florendos, também ali assestia. E esta era a ocupação e entretenimento com que ali se passava.

Aquela menhã pois que a princesa Fidélia com a companhia, que dissemos entrou na cidade tinha entrado também ũ cavaleiro, que de longe caminhava, após novas, que desejava e não tinha. E chegando ao terreiro do paço, vendo o padrão e tendas de Braciliano, que nunca mais [221r] se tiraram, informando-se do que aquilo era, pôs-se em ordem de justar e havia já tanto tempo, que se aquilo não fazia, que por novidade foram dizer a Florendos, que andava na horta passeando com Floramão, porque o emperador estava em negócio. Vieram eles e chegando a ũa janela de donde se descobria o terreiro, viram que estando já os da justa para se acometerem entrava na própria praça aquela tão lustrosa companhia notável pelo número e notabilíssima pela valia, mas não podendo ainda julgar deste primeiro alvoroço o outro que se lhe esperava, fez Florendos sinal à gente de baxo, que já eram muitos[515] a que dissessem a Barceliano, que os esperassem,[516] porque ia dar recado ao emperador, que lhe parecia, que a aventura era para ele poder ver.

Barceliano o fez assi, contente do que a fortuna lhe trazia e encostado na lança esteve olhando para o retrato de Daraja, tão são já das feridas, de que seu original lhe fora causa, que o que mais sentia era ter-se queixado algũa hora delas. Milagres são do tempo e de sem razões grandes, porém não lhe podendo negar obrigação pela honra, que lhe ocasionaram naquelas suas vitórias, dizia-lhe entre si:

— Pois vossas sem razões para comigo, têm acabado já de todo em mi os afetos com que vos eu merecia qualquer mercê que me fizésseis, nem será justo querer-me aproveitar mais tempo dos favores, que este vosso retrato, (inda que a furto da vossa vontade) me comonicava, nem que ele os faça, a quem os não merece [221v] a seu dono, as vitórias, que até ‘gora aqui tive, vossas são. Provera a Deus que me vira eu antes vencido sem ofensa de

[515] A: eram muitos / B: era muita
[516] A: os esperassem / B: esperasse

vossa fermosura, que dever-vos a parte, que nos olhos de alguns livres, terei nelas, porque quanto menos tiver que vos restitua, tanto mais ficara sendo, o que liberalmente vos perdoo. E nesta conformidade a troco de vos não dever nada, quero antes perder ũa tão poderosa ajuda para o perigo, que me espera, que ficar obrigado a agradecer mercês furtadas. E pelo passado vos fique em conhecimento, não aventurar agora, o que vós podeis perder, se a fortuna fizer comigo, o que costuma com todos.

E dizendo isto, tirou o retrato do lugar em que estava, sem que ninguém desse fé disso, porque a presença da princesa Fidélia, inda que com antifaces, o número grande de sua companhia, a riqueza e louçania das armas daqueles cavaleiros, sobretudo a alegria[517] do vulgo e a novidade, que para aquela terra era naqueles dias o verem gente estranha, tinha tão ocupados a todos, que de nenhũa outra cousa se lembravam. E estas mesmas cousas trouxeram ao terreiro ũa multidão grande do povo e trouxeram também às varandas e corredores do paço, a emperatriz e as princesas e quantas damas tinham. O emperador veio juntamente e enfim encheo-se tudo como se fora algũ aprazado torneio, ou desafio. Palmeirim vendo o abalo, que sua vinda tinha feito e as janelas bem povoadas, disse para Fidélia:[222r]

— Quem senhora assi acode a ver-vos embuçada, que fará quando vos manifestardes de todo?

— Por vida vossa senhor (lhe respondeo ela) que nos cheguemos mais, porque quero assi embuçada ver aquelas senhoras, por se me não enxergar meu descontentamento no rosto, que já com o que daqui vejo, julgo que não pode faltar, ainda a quem tivesse mais razão de ser estimada, que eu tenho.

E chegando-se com isto ao posto que ela queria, lhe ficou claro quão pouca culpa tivera Primaleão, se antes de ir a Boêmia se afeiçoara naquela casa. Se se lhe mudou a cor, ou não, não se pode julgar, pois estava embuçada. O que depois de estar entre elas lhe vio, foi, ũ tamanho alvoroço, que se lhe pudera mui bem chamar entendimento de fea e confiança de fermosa. Daquele lugar as esteve olhando a todas tão enlevada como Trineo o fazia para Gridônia e Vasperaldo para Flérida. E detreminando-se mal, nem bem,[518] onde dera ali Páris a maçã, não sei que diabo tinha esta Carmélia, que ela lhe levava os olhos mais que todas.

— Ora estando já nas varandas tudo o por que se podia esperar, para que a novidade

[517] A: alegria / B: leveza
[518] A: nem bem / B: ou não se detriminando mal nem bem

fosse maior entraram pela praça sete cavaleiros todos de ũas armas e devisas, não menos ricas e louçãs, que as dos mais que ali estavam, nem eles menos airosos[519] de ũa cor de névoa clara e atravessados das cores[520] de que se nos eles mostram, nos escudos [222v] outro arco daqueles em campo da mesma cor. Levaram assi aqueles cavaleiros os olhos de toda a gente, tanto pelo tempo, a que chegavam como pela conformidade com que vinham armados, os quais tendo desembarcado havia pouco espaço, sendo avisados do que no terreiro passava, chegaram desejosos de se figurar naquilo.

Mas já quando o cavaleiro estranho, que primeiro viera, tendo visto a Pleonido, a quem conhecia e alegrando-se de vê-lo à medida da razão, que logo veremos, que para isso tinha, remetia a Barceliano, que o aguardava, acabando[521] seus colóquios, o qual ou que fosse com o gosto de se ver livre com aquele ato que fizera da hipocresia, que já era ter naquele lugar aquele retrato, ou que o atromentasse algum arrependimento de o não ter[522] feito errou o encontro, porém ajuntando-se com os corpos e cavalos seu contrário e ele, foi tal a pancada, que o cavaleiro estranho, que tinha acertado o seu, veio a terra desacordado de todo e o cavalo de Barciliano ficou tal, que não poude servir mais. E tomando outro, de alguns, que Florendos lhe tinha mandado dar, indo-se a pôr no posto, vio que havia rumor e diferença entre os sete companheiros dos Arcos e a companhia de Palmeirim, sobre quais justariam primeiro, o[523] qual cresceo de maneira, que a não mandar acodir depressa o emperador uns e outros fizeram a festa, porque ũ dos sete cuidando que lhe dava justiça pôr-se[524] primeiro no posto enquanto Barceliano mudava de cavalo, de nenhũa maneira o queria largar a Belcar, [223r] que lho vinha a pedir, alegando com melhor fundamento ter chegado à praça muito antes, que ele e seus companheiros entrassem nela. E sobre isto foram tantas as porfias, que para não remeterem uns aos outros, não foi necessário menos, que mandar o emperador a resolução do negócio e depressa entendendo logo ao que se ele encaminhava. Foi em favor de Belcar e de seus companheiros, ao que obedecendo os dos Arcos contra sua vontade cometeram de novo outro partido e foi, que eles queriam pôr-se todos sete da parte de Barceliano pois estava só e justarem todos os outo juntos, contra outros tantos dos da outra companhia.

---

[519] A: airosos / B: airosos nem peor postos na sela. Eram as armas
[520] A: atravessados das cores / B: atravessadas como em *espas* de dous arcos celestes esmaltados das cores
[521] A: acabando / B: havendo acabado
[522] A: o não ter / B: o ter
[523] A: o / B: a
[524] A: pôr-se / B: para ser primeiro, pôr-se

— Em verdade cavaleiros (lhe disse Braceliano, que já andava entre todos) que para homens, que trazem por divisa serenidade do ceo, que vos mostrais mui desejosos de brigas na terra, ainda que o que me ofereceis vos tenho em mercê, porém só entrei neste trabalho e só detremino sair dele. Não vos descontenteis disto, que segundo estes cavaleiros me parecem, não deixarão de me derrubar depressa, nem de vos acodir a vós a essoutra mágoa, que o dia tem ainda horas para tudo.

E acabado isto remeteo a Belcar, que lhe gritava que se guardasse, porém o sucesso veremos em outro capítulo.

## Capítulo 70

De como se continuaram aquelas [223v] justas e do fim que tiveram.

Maior cólera tinha Belcar contra os dos Arcos, que contra Barceliano muito, posto[525] que me não espanto de que lhe não fizesse grandes injúrias, de Barceliano si, que sendo homem brando e comedido, respondeo àquilo tão mal, que com a sela entre as pernas, o lançou por cima das ancas do cavalo fora, passando por ele com ũa estribeira perdida e da mesma maneira se houve com Frenélio, Arnedos, Polendos e Trineo, a alguns de dous encontros e não recebendo ele nenhũ, que lhe não fizesse fazer seus reveses maiores, ou menores, conforme ao acerto, ou força de quem lhos dava, de que nascia ũa admiração grande em Florendos e Floramão e os mais cavaleiros, porque nunca ali viera algũ de quem o outro recebesse maiores encontros. Mas não era esta boa comulação[526] para eles, nem para os amigos entre os quais começava já a ferver o desejo de ser o primeiro entendendo que dos que ficavam, qualquer que o fosse, seria o que levasse o preço aos outros. Aos dos Arcos também lhes pesava, cuidando que quanto mais Barceliano se detivesse em cair, mais tempo lhes tomava para derrubar os que ficassem.

E o emperador vendo como a cousa ia disse para Florendos e Floramão, que estavam sentados em ũ banco junto à sua cadeira:

— Parece-me que temos bom dia se[527] os sete companheiros são como Barceliano e os outros são também igoais.[528]

Respondeo [224r] Floramão:

— Vejo entre os que chegaram primeiro gigantes. Barceliano tem bom dia, porque os cavaleiros são muitos.

— Não pode ele já ganhar pouco, inda que caia (disse Florendos).

E tornando a pôr os olhos no terreiro, viram correr primeira e segunda e treceira lança a Ardimão com terríveis encontros de cada parte, mas do terceiro foi Ardimão a terra,

[525] A: posto / B: pelo
[526] A: comulação / B: consolação
[527] A: que temos bom dia se / B: que se
[528] A: igoais / B: igoais que com poucos encontros nos deixaram ir daqui estes homens nos corpos ao menos.

passando Barceliano com os estribos perdidos e encostado no arção torcido[529] mais do que ele quisera, mas a cavalo. Então todavia, se declarou de todo a cobiça e raiva entre os que ficavam. E querendo Palmeirim escusar algũa desordem, disse para eles:

— Pois havemos de cair todos, segundo me parece, quero já ser agora o primeiro, terei passado este trago.

— Para isso (disse Floriano) melhor será ser o último, porque quando lá chegar, já não poderá ser tão amargoso.

— Virei nisso (respondeo ele rindo) se todos estiverdes pela nomeação que eu fizer sem alteração algũa.

E conformando-se naquilo, fez ele sinal a Palmeirim de Lacedomônia, que partisse, ao qual aconteceo o mesmo, que a Ardimão, que foi, cair de três encontros, passando Braceliano por maior trabalho, porque perdeo os estribos e abraçou-se com o pescoço do cavalo, que atochado[530] no chão não acabou de cair e ali quebrou a lança, que até então lhe tinha durado inteira. O que visto, disse Dom Floris para Vasperaldo:

— Folgo de ver quebrar aquela lança a este homem, porque sospeitava que seria encantada, [224v] como aquela de ouro como escreve o outro. Eu não sei que diabo pode ser este, que assi nos vai medindo a todos por ũ mesmo compasso.

— O encantado me parece a mi que é ele (disse Vasperaldo) e que agora tudo será perder. Porque que honra se pode ganhar em derribar ũ homem que anda tão cansado?

— Ora digo-vos que sois galante (lhe tornou Dom Floris) Tomara eu quando me coubesse justar com ele, que lhe dera o ar, ou que venham os senhores dos Arcos a porfiar comigo como com Belcar, porque em verdade que os não descontentara tanto.

— Segundo isso (lhe disse Palmeirim, que os ouvia e com bem grande riso) não me peitareis vós porque vos mande logo. E pois assim é vá Recindos.

Partio ele, porque já Barceliano tinha tomado outro cavalo e estava aguardando o que sairia. E parecendo-lhe que sempre o derradeiro era o que o deixava mais ofendido olhou com mais atenção para Recindos. E como ele não tinha trocado armas, nem cavalo, depois que fora seu hóspede, conheceo e a Arnedos e a Trineo, que estavam no chão também. E pesando-lhe do passado, não o podendo remedear, detreminou no porvir, de fazer o que pudesse por que

[529] A: torcido / B: traseiro
[530] A: atochado / B: ajoelhado

Recindos não fosse ofendido dele e assim ao tempo de o encontrar, levantando a lança, passou por diante, quebrando Recindos a sua nele, sem lhe fazer outro dano. Não cuidou ninguém [225r] que fora cortesia aquilo e que de prepósito o fizera, senão que acontecera acaso, porém desenganaram-se depressa, porque na segunda carreira lhe viram fazer o mesmo e Recindos que também tinha outra vez quebrado a lança e feito[531] ũ bom[532] desairoso revés, voltando sobre ele, arrancou da espada com a maior cólera do mundo e disse-lhe:

— Não sei cavaleiro que nova cortesia é esta que quereis usar comigo. Sei que eu vo-lo agradeço tão pouco, que o reputo por muito maior injúria que se me derrubáreis. E nesta conformidade metei mão à espada, que com a minha detremino mostrar-vos o quanto me tendes obrigado.

A que o outro lhe respondeo:

— Ninguém como vedes nesse padrão pode justar mais de três encontros comigo, nem fazer batalha das espadas, se antes me não derrubar. Inda vos falta ũ, se quereis correr outra lança aqui me tendes, se me derrubares, vingado ficareis dessa grande injúria, que vos tenho feito e senão deixando-me vossos companheiros em estado, que vos possa responder eu o farei de maneira, que fiqueis satisfeito de mi.

— Para me detreminar nesse encontro, que falta (replicou Recindos) quero saber primeiro de vós se haveis de fazer nele o que nos outros tendes feito.

— Si hei (respondeo Barceliano)

Pois eu o guardarei para outro tempo (tornou Recindos) e afastou-se enfadado, [225v] e confuso.

Contentes ficaram os circunstantes de ũ e outro e admirados também não sabendo a razão em que Braceliano se fundara para fazer com Recindos, o que com ninguém tinha feito. Ao emperador lhe pareceram as justas das boas, que em sua vida tinha visto e assim aos caídos como a quem os derrubava estimava em muito servindo os muitos que Barceliano tinha derrubado levemente, de estimação àqueles que derrubava agora com tanto trabalho.

Floramão, que depois que disse ao emperador que via gigantes entre aquela companhia a esteve sempre olhando com mais curiosidade, veio a formar conceito do que era, ponderando para isso o número de tantos e dos gigantes e ver também donzelas com eles. E

[531] A: feito / B: feito lhe fazer
[532] A: bom / B: bem

sabendo que se esperava Fidélia por horas e que antes havia já muitos dias que tardava, de todo se resolveo em que os cavaleiros eram os príncepes, que em Boêmia se sabia que estavam para a acompanhar e os gigantes Dramosiando, seu filho Pavorante e Almourol, mas enleava-o Leopoldo, que quasi parecia também gigante.

E com tudo comunicando aquele discurso com Florendos, a ele lhe pareceo tão ajustado, que o disse logo ao emperador, que não somente o confirmou de todo, mas mostrou Dramosiando com a mão, assi como, porque como temos dito engrossara algũ tanto com a idade como por ũ certo ar, que tinha diferente dos outros homens [226r] de sua corte. E posto que logo quisera parar as justas, contudo detreminou a ver (com algũa carne e sangue) se entre[533] aqueles seus cavaleiros vinha algũ, que não deixasse a Braceliano inteiramente contente. E todavia, para o que pudesse suceder, mandou a Florendos, que secretamente lhe tivesse ũa faca selada e ao pé da escada em que iria a receber a Fidélia, quando para outra cousa não fosse necessária.

E tornando a continuar com as justas, vio como Leopoldo acabava de correr três lanças com Braceliano, sem que algũ deles caísse, cousa que até então não tinha acontecido, ficando cada ũ tão escandelizado da fortuna como queixoso do cartel, aquele porque o via limitado, o outro porque o limitara, mas acodio logo Almourol, que os consolou a ambos. A Braceliano porque ao terceiro encontro deu com ele e com o cavalo no chão, ficando-lhe porém o seu espadoado e ele de todo fora da sela posto nas ancas, de donde se tornou a melhorar e a Liopoldo com se não ver vencido de quem os vencia a todos.

Disse então Palmeirim para Dom Floris:

— Ora já me parece tempo de que nos franqueeis a passagem, porque a zombaria vai sendo pesada.

— Parecia-me (respondeo ele) não justar hoje mais ninguém com este homem. Deixemo-lo descansar e amenhã faremos isto com mais algum gosto.

— A mi assi mo parecia (disse Palmeirim) mas não sei o que ele quererá, nem o emperador, [226v] que está vendo.

— O emperador (tornou Dom Floris) quererá isto, se vós lho mandardes dizer e o cavaleiro inda que se faça de rogar eu vos[534] afirmo que se contente e inda mal, porque tem

[533] A: a ver (com algũa carne e sangue) se entre / B: a ver se o sucesso delas chegava a batalha que ele não consintira e tambem que algũa carne e sangue não deixava de desejar que entre
[534] A: vos / B: me

tanto de que.

Os dous príncepes Primaleão e Vasperaldo, que ainda estavam por justar e Pavorante esforçaram as razões e opinião de Dom Floris, sendo mui conforme ao que eles desejavam. Barceliano tornando a tomar outro cavalo fresco e outra lança, ainda que mais quebrantado do que se ele nunca vira, todavia contente foi-se a pôr no posto e vendo que tardavam em lhe sair, foi-se passeando por onde eles estavam e disse-lhes:

— Não sei se são senhores cavaleiros estas vossas detenças comprimentos, ou porfias, mas sei que se me deres licença enquanto vos detreminais, que folgaria de satisfazer aqueles dos Arcos, onde não vejo já a tormenta em que no-los queriam meter tão levantada.

Ficava-lhe Dom Floris mais perto e assim lhe tocou responder, o que ele fez com menos satisfação, do que o cavaleiro até ‘li tivera, porque lhe pareceram aquelas palavras escumas de suas vitórias e ainda que então desejou mais que nunca vê-lo descansado, contudo não lhe quis dizer cousa que cheirasse àquilo, antes comedidamente lhe tornou:

— Muita razão tendes de cuidar que poderam ser comprimentos isto em que estamos, porque para tudo vo-la dá vossa boa[535] ventura, porém o que tratávamos era, que ficassem [227r] as justas para amenhã, não para vos querer mais poupado, mas porque nos não derrubásseis tão cansado como agora estareis.

Braceliano tornando então em si ao som daquelas palavras corrido das que tinha dito, disse para ele:

— Por certo que se eu cuidara que vos podia derrubar, que viera nesse partido de mui boa vontade, porque vos não nego que estou cansado e muito mas porque temo o contrário, me hei de aproveitar dessa vossa mesma razão, que não quero perder tão boa desculpa da queda, que esta tão certa.

Os Cavaleiros dos Arcos dão[536] pressa, o emperador estava a janela, aquelas senhoras da mesma maneira, a princesa Fidélia no campo, o sol era cada vez maior e os comprimentos iam-se empenhando[537] cada vez mais.

Chegou ao emperador da causa daquela detença e parecendo-lhe mui bem a tenção, que todos tinham estando para se levantar, vio que as justas todavia se continuavam com a ocasião que adiante diremos.

---

[535] A: vossa boa / B: nossa pouca
[536] A: dão / B: davam
[537] A: empenhando / B: impinando

## Capítulo 71

Da batalha que se começou entre Braciliano e Dramosiando e do sucesso dela e recebimento da princesa.

Ponderando Dramosiando as ocasiões [227v] ou causas, que no fim do capítulo passado apontamos, que se ofereciam para se concluir aquela matéria. E vendo como Dom Floris e Braceliano estavam em gentilezas àquelas horas enfadando-se deles e muito mais das queixas[538] de seus companheiros, saío do lugar em que estava com a lança na mão e disse para Dom Floris:

— Ora senhor pois esse cavaleiro porfia em justar e vós em o não fazer eu lhe quero satisfazer o desejo, assi, porque não sou tão delicado como vós como porque também entendo, que os muitos anos que tenho às costas me são de maior embaraço para estes brincos que a ele as muitas justas deste dia.

E afastando-se todos e tornando Barceliano a pôr-se no posto, partio Dramosiando para ele, que já também o vinha buscar e encontrando-se ambos no meio do caminho, foi com tanta força, que falsados os escudos e passadas as lanças por entre os braços e os corpos, topando-se com eles e com os cavalos, ambos vieram ao chão com ũ estrondo como se caíam duas grandes torres, levantando o povo ũa grande grita em favor de Dramosiando como se fora ele o que mais ganhara na justa. Porém erguendo-se logo ũ e outro sem falarem palavra, arrancaram das espadas e bem cubertos dos escudos começaram ũa batalha tal que se pudera mui bem meter na conta das mais famosas, que naquele terreiro entre dous cavaleiros se vira, porque a paixão era grande, a força muita e a desenvoltura nenhũa,[539] ou que a ira não deixasse [228r] usar dela, ou que eles tivessem pouca.

O emperador pois que estando para se levantar como fica dito, havendo por mui justa a escusa de Dom Floris, vendo continuar as justas esperou, mas depois que os cavaleiros caíram, logo se veio pôr a cavalo entendendo o paradeiro que aquilo teria, se ele tardasse muito. Acompanhavam-no a pé Florendos e Floramão. E posto que se deu toda a deligência possível, já quando chegou, os cavaleiros tinham dado com seu sangue novos esmaltes a suas armas, no

[538] A: queixas / B: quedas
[539] A: nenhũa / B: ũa

que iam continuando com tal porfia e teima e tão a pé quedo como dizem, que se tardara mais o socorro, não pudera deixar de ser o dano gravíssimo.

Chegou o emperador e não com pouco trabalho da sua guarda, porque como o povo e mais gente, havia muito tempo que o não vira, foi tanta a grita e alvoroço[540] em todos e chegaram-se-lhe tanto, que o impediam para poder chegar aos cavaleiros, que também se soltaram andando aquele tempo abraços e dando-se com as maçãs das espadas pelos lugares por onde lhes parecia que fariam mais dano e assim mais podemos dizer que o emperador entrou na praça em que se combatiam em braços de homens, que na faca em que ia. Na qual estavam os cavaleiros que tinham justado e haviam de justar, a princesa Fidélia e suas donzelas e ninguém mais.

Entraram enfim o emperador, Florendos e Floramão com algũa gente, que ficou das[541] cadeas que se abriram e foi-se direito aonde [228v] os dous combatentes estavam como dissemos, parados, obrigando-os o rumor e alvoroço grande que houve com sua vinda, os quais vendo que os ia a demandar, vieram-se ambos a ele e chegando-se lhes perto sentaram-se ũ e outro de giolhos, cada ũ a seu estribo. E era tão pequena a faca, que Dramosiando ao menos lhe ficava quasi igoal ainda naquela postura.

E o emperador então em virtude do que o coração lhe revelava, lançando-lhe as mãos nas enlaçadeiras do elmo, lhe disse:

— Estais já mui gordo Dramosiando, para desconhecido, dai-me conta da senhora princesa Fidélia, senão comigo há de ser a batalha.

Bem folgara ele de ser menos poderosa a força que o obrigara a deixar aquela, porém subitamente tirando o elmo respondeo ao emperador com a boca chea de riso:

— Vede-la ali está senhor que não ousara eu a aparecer diante de vós com outras novas.

Já neste tempo Palmeirim, Floriano e os mais com os elmos fora e a princesa sem antifaces, postos todos a pé a vinham acompanhando para onde o emperador estava, porque em a princesa o vendo na praça, logo disse a Palmeirim que não esperassem mais. E apeando-se enquanto ele estava com Dramosiando naquelas práticas, foram-se a demandá-lo. Tinha ele voltado ao que Dramosiando lhe dissera e vendo-a vir daquela maneira, sem esperar que

[540] A: alvoroço / B: o alvoroço
[541] A: ficou das / B: furou pelas

Florendos o apeasse, deixou a faca tão levemente como se tivera melhor idade e indo a recebê-la ela se quis pôr em giolhos para lhe [229r] falar, mas ele prevenindo aquilo, a deteve e abraçou como se fosse ũa de suas netas, dizendo-lhe:

— Injúrias em minha casa, não mas fará ninguém inda que traga Dramosiando em sua companhia. E contudo, bem pudéreis vós filha e senhora, não querer entrar embuçada aqui, pois não merece sobressaltos o alvoroço e cuidado com que vos esperamos.

— Quisera senhor (lhe respondeo ela) dar-vos primeiro novas destes príncepes para vos merecer com mais, que com desejos, que tenho de vos servir, a mercê, que sei tenho certa em vós. Mas pois vosso discurso me tirou estas alvíssaras, contento-me que ele próprio vos mostrará a verdade deste mesmo desejo em que se funda todo o meu merecimento para convosco.

Estava o emperador com os olhos nela satisfeitos sobremodo de seu parecer e bom termo. E tornando-a a abraçar, tornou também a lhe dizer:

— Ora já que vos temos onde as verdades de todos vos mostraram que não podeis fazer menos conta desta casa por vossa, que da de el-rei vosso pai, deixai-me agora falar a estes cavaleiros, a quem eu não estimo menos por vos saberem acompanhar e servir, que pelas outras razões que há para os estimar muito.

E querendo abraçar a Palmeirim, Floriano e os mas,[542] atravessaram-se-lhe diante os dos Arcos dizendo:

— Ora senhor não será razão que em tudo sejam estes cavaleiros preferidos a nós, pois que também vos não faltam por cá penhores.

E ele olhando então, vio aqueles cavaleiros, que sem [229v] elmos o tinham rodeado, sentandos todos em giolhos e conhecendo-os que eram seu filho Platir, Francião, Polinardo, Pompides, Blandidon, Dragonalte e Dom Rosuel com inteiro alvoroço se abraçou com eles, dizendo:

— Se eu soubera que éreis vós, eu vos deixara que me vingáreis de Palmeirim e destoutros cavaleiros por não quererem que os conhecêssemos.

Uns e outros se abraçaram e festejaram então com o amor, parentesco e criação que entre si tinham. E logo foram Platir e os mais falar à princesa Fidélia com tanta cortesia e ceremônia como ela merecia e as demonstrações do emperador lhe tinham ensinado. Da

[542] A: mas / B: mais

mesma maneira foram recebidos dela. E porque em outro lugar diremos o como aqueles cavaleiros chegaram ali àquele tempo e quem lhes dera aquelas armas e o porquê, continuaremos agora com a entrada da princesa no paço.

Tinha-se lá sabido por avisos de Florendos o que passava, porque ele enquanto o emperador se detinha com a princesa e com aqueles cavaleiros, mandou avisar a emperatriz dos hóspedes, que lhe iam, a qual com o maior alvoroço que se pode dizer, os estava esperando.

As princesas ferveram e não houve algũa entre elas, que não folgara de ter o açafate na manga, porém pois não era aquilo, perguntavam-se pelo menos ũas às outras se tinham os olhos no seu lugar. Flérida quis por força que Carmélia estivesse descorada. Houve dúvidas,[543] mas não pelas razões que [230r] Flérida cuidava, senão pelas com que ela mandara a Boêmia Dom Floris, que então se lhe representaram todas com demasiada força, temendo que viesse ali Dom Duardos, que sem nenhũa dúvida fora pera ela o mesmo que a morte. Não cuidava a prima aquilo estando junto a Valerisa, que não tinha[544] perdido nada de sua agudeza entendendo-a, respondeo-lhe:

— Aventura mais que nós, por isso não é muito que esteja com maior cuidado.

Ludímio era o primeiro cavaleiro, que justou, o qual tendo peregrinado quasi por toda a Europa depois que saío do seu naufrágio, chegou ali aquele tempo. E enquanto o emperador, depois de ter falado à princesa, recebia aqueles cavaleiros, se chegou ele a beijar-lhe a mão com que acabou a princesa de ficar contente, porque sendo vassalo e criado antigo e homem tão principal, perdendo-se particularmente em seu serviço, grande sem razão fora se ela não sentira tê-lo perdido como também não se alegrar de o ver salvo. O mesmo fez Enáclia com toda a sua isenção.

E voltando outra vez o emperador à princesa para que se fossem a casa ela lhe pôs diante a Daraja e a Leopoldo para que dele se servisse como de sobrinho se sua mai.[545] O emperador se sobressaltou de ver a Daraja parecendo-lhe que não era aquela a primeira vez. E fazendo-lhe muita festa, abraçou a Leopoldo como a qualquer de seus netos, pela razão, que com a princesa tinha.

---

[543] A: houve dúvidas / B: eu não o duvido
[544] A: Valerisa, que não tinha / B: Valerisa deu-lhe de cotovelo e acenou para a outra e Valerisa que não tinha
[545] A: para que dele se servisse como de sobrinho se sua mai / B: dizendo-lhe que a Daraja estimasse como a cousa da senhora Miraguarda e de de Leopoldo se servisse como de sobrinho da rainha sua mai

Então tomando-a pela mão sem que a ele[546] pudesse obrigar a outra [230v] cousa, assi a pé a foi acompanhando até o paço, seguido e acompanhado daqueles cavaleiros, onde se encerrava a flor do mundo todo.

Acharam a emperatriz e princesas no alto das escadas e o que ali passou de comprimentos e cerimônias, o que de sobressaltos de ũas e outras, o que de contentamentos e disgostos, nem Henrique Frusto quis particularizá-lo, nem ainda que ele o fizera eu me atrevera a dizê-lo. Basta saber-se só que foi recebida a princesa Fidélia naquela casa com o mais notável amor e gosto universal de todos, do que o nunca fora em outra alguma pessoa e que ficou nela estimada e venerada como se a já viram com a coroa de Grécia na cabeça. E que sendo amicíssima de todas com Carmélia tinha competências,[547] com Valerisa questões nos conselhos para as perturbações,[548] que a própria vida traz consigo e com ũas e outras os passatempos que também são necessários à mesma vida.

[546] A: a ele / B: o ela
[547] A: tinha competências / B: fiaram os amores e particularidades
[548] A: questões nos conselhos para as perturbações / B: os conselhos, nas perturbações

## Capítulo 72

Do que mais passou na corte, depois da entrada da princesa Fidélia e de como Platir e seus companheiros ali chegaram.

Depois de passado o que escrevemos e o que não escrevemos, sendo agasalhada a princesa em ũa assaz cômoda pousada, que para ela se tinha concertado [231r] havia dias e dado outra a Daraja no quarto de Gridônia, sossegados os alvoroços daquelas primeiras entradas começaram logo a espalhar-se as novas dos acontecimentos de cada ũ.

Soube Carmélia ao que tinha mandado Dom Floris, ainda que para sua satisfação já lhe bastava não ter vindo Dom Duardos naquela companhia, para a sua dele, não, porque lhe era necessário, que Fidélia lhe contasse o como e donde o achara e sendo este testemunho menos sospeitoso, não ficou ele peor acreditado.

Souberam-se os sucessos e perigos daquela princesa, os riscos e tormentas de Vasperaldo, a ventura de quem o socorreo, as histórias de Arquediana e sua mai, Agrimo, Aliboazém, o socorro, que Graciano, Beroldo e Dom Floris fizeram a Palmeirim e entre tudo se não festejava pouco a queda e impaciência do mesmo Dom Floris, só as finezas de Primaleão e seus exercícios, ficaram em silêncio à gente, mas não porém àquela parte adonde elas se encaminhavam. Soube-se quem era Daraja e também quem era Braceliano, mas não convém que nós digamos mais dele[549] acerca disto, por escusar alguns juízos maos de leitores muito agudos. Baste só que ficou em casa do emperador honrado e estimado dele e com crédito e amigos e que suas obras virão mostrando o como merecia, ou desmerecia isto e o que resultou do conhecimento de todas estas cousas foi em geral ũ espanto, ũa maravilha grande como verdadeiramente se lhe devia nos entendimentos [231v] e língoas de todos e em particular.

Primeiramente Carmélia, não poderemos dizer que se mostrasse de todo arrependida das penitências em que trazia a Dom Duardos, nem muito desejosa de que as deixasse, mas podemos afirmar que com as novas, que ouvio suas, se lhe varreo totalmente Albaizar da memória como se o não tivera nunca visto, nem ouvido nomear, ou como se o outro com algum ato seu lhe merecesse aquela súbita mudança, se assi se pode chamar àquele

[549] A: dele / B: dela

esquecimento, que só[550] ser súbito e naquela ocasião, me parece que lhe dá o nome, que no mais, será grande temeridade querer dizer que tivesse algũa vez esta princesa inclinação a Albaizar de maneira que se esquecesse de quem ela era e do que devia a si mesma, pressuposto que não podem os historiadores fazer juízo, nem ninguém dos pensamentos, que nascem, vivem e morrem dentro de ũ coração humano. Flérida ouvindo a história de Vasperaldo com Arquediana com ũa lástima grande do perigo de quem fizera aquela fineza, cuidou que a tinha satisfeito e assi o cuidara e entendera Vasperaldo se lho ela confessara.

Gridônia não lhe faltou que agradecer a Trineo. São revelações de ânimos afeiçoados, que no maior silêncio se entendem, mas ele era emperador e Gridônia tinha irmão.

Nem ao entendimento de Fidélia podia escapar, vendo as grandezas daquela casa, que pelo menos era muito maior que elas o amor, que as trocava pelas ladeiras do Tejo e pelo ofício de [232r] pastor e mercenário, porém ao que isso a obrigasse eu não me atrevo a dizê-lo, porventura que vo-lo diga algũa hora Enáclia e mais Pleonido, se os apertarmos muito.

Leopoldo ou desesperando de pertensões antigas, ou castigado dos fados, por ter sido o interesse o primeiro fundamento delas, ouvindo dizer (como atrás escrevemos) a razão, que Daraja tinha naquela casa e vendo-a a ela cada vez menos quebrantada do caminho e a seu parecer mais fermosa, não se tinha arrependido da escolha que fizera. E na verdade Daraja se estivera até então metida em ũa gaiola, por seu parecer e pelas outras boas partes naturaes, que tinha, não desmerecia que qualquer cavaleiro livre fizesse extremos grandes por ela, mas há pessoas às vezes no mundo, que convertem em instromentos de perdição e discrédito, o que a natureza lhe deu para se honrar a si e a elas.

Soube-se também que Platir e seus companheiros, andando cada ũ por sua parte na demanda a que daquela corte saíram emendando forças, desenganando veúvas e socorrendo donzelas, sem saberem novas do que buscavam, nem uns dos outros, se acharam em Constantinopla,[551] trazido cada um deles ali pelo sábio Daliarte, o qual recolhendo-os de donde andavam espalhados para que em Constantinopla não faltasse naquele público e comum contentamento, ũa tamanha parte como naqueles homens se incluía, por meio de seus ministros e de ũ profundo sono [232v] que em todos infundio, os trouxe ali. Acordados do qual se viram uns, aos outros, armados naquelas frescas e luzidas armas e com ũa carta de

[550] A: só / B: sem
[551] A: acharam em Constantinopla / B: acharam juntos naquele navio em que chegaram a Constantinopla

Daliarte diante em que lhes dizia, que se deixassem governar de quem os levava, porque parariam onde lhes por ora mais cumpria. E que advertissem a Vasperaldo quando o vissem, que ũ anel, que se lhe dera em certa parte para dar a outrem, não largasse de si, até ver outro aviso seu, porque sem culpa de quem lho dera, se incluía nele ũa bem grande treição.

Por descuido o não tinha ele já dado a Carmélia. E ouvindo aquele aviso, buscou-o e achou-o. Quiseram aquelas senhoras vê-lo e saber também quem lho dera, porém o emperador, que estava presente, tendo por longas experiências notável fé nas cousas de Daliarte, disse a Vasperaldo:

— Não tenho o anel seguro em vossa mão, pois que estas senhoras o querem ver. Dai-mo a mi, que lho saberei negar se mo pedirem. E nenhũa cousa façais nesta matéria daquilo que elas vos pedem.

Então tomando o anel, que Vasperaldo lhe entregou logo, vio que era uma zafira e não a melhor do mundo com alguns caracteres estranhos esculpidos nela. E metendo-a no dedo sem reparar muito nas figuras, disse para as princesas:

— Aqui o pode ver agora quem estiver apetitosa, que eu confesso, que com inveja de Vasperaldo lho tomei e não para o guardar melhor, senão para eu ser a quem o desse.

— Eu não sei o que dirá Vasperaldo (respondeo Gridônia) mas segundo o aviso de Daliarte, nem o anel é seu, nem de Vossa Majestade [233r] pois lho deram para o dar a outrem. E o mais é tomá-lo a seu dono.

— Se o tomaria seu dono, é para saber filha (lhe respondeo o avô então) que a mi me parece que deve ter encargos que valham muito mais, que ele.

— O anel vemos agora (replicou Carmélia) o mais não sei o que será.

— Segundo isso senhora (disse o emperador) não falta lá quem o queira.

— Depois que foi à mão de Vossa Majestade (acodio Valerisa) com que perigo pode ele ficar para deixar de se querer?

— Torne Vossa Majestade o anel a Vasperaldo (acrescentou Fidélia) que deve ser diabólico verdadeiramente esse anel, pois só o ser depositário dele, tem metido a Vossa Majestade no trabalho em que se agrave[552] conosco.

Flérida estava com mais pejo naquela matéria, a[553] respeito de Vasperaldo. E não

[552] A: agrave / B: agora vê
[553] A: a / B: per

costumando ela a ter muito nas daquela calidade, deu argumento ao emperador seu avô para lhe dizer com algũa sospeita da razão porque não falava:

— Pois que é isto minha filha? Só vós não quereis nada desta peça? Ou calai-vos como mais agravada?

Não foi o remoque mui escuro e assi não me espanto se ela mudou de cor tão claramente como Henrique Frusto nos conta, mas querendo ela desmentir as espias como dizem e dar zombando a causa verdadeira de se ter atalhado de siso, respondeo ao avô:

— Entendeo-me Vossa Majestade. Eu esperava pelo anel com seus encargos e sentimentos,[554] que Valerisa achasse primeiro que nós todas a razão de se querer.

Então virando-se o emperador para Vasperaldo lhe disse:

— Isto senhor [233v] está perdido e eu não sei que vos faça, porém pois não posso defender o anel como juiz, quero entregá-lo como velho e seja a Flérida para que vos não queixeis de mi de todo.

— Por amor de mi (disse a emperatriz) que o não deis a ninguém, porque temo que vos não possa eu valer com as escandelizadas.

Tinha Flérida já naquele tempo o anel na mão e tomou-lho a emperatriz que não foi pequena dita, pois aquele breve espaço que o teve, bastou, para lhe não parecerem de tão má cor as cousas de Albaizar como soía. Acabaram-se aquelas práticas com ũa novidade, que entrou pela porta, para dar conta da qual é necessário que tornemos em busca de Dom Duardos, que tinha deixado a Fidélia. E para entrarmos nisto com fôlego fresco, acabaremos aqui este capítulo.

[554] A: sentimentos / B: senti muito

## Capítulo 73

Do que aconteceo a Dom Duardos depois que se apartou da princesa Fidélia.

Apartado Dom Duardos da princesa Fidélia, de Primaleão e de Dramosiando, da maneira que naquele lugar contamos, caminhou toda aquela noite pela parte, que mais desviada lhe pareceo da estrada, por que o poderiam buscar, se o buscassem e fez assi ũ caminho muito encontrado com aquele, que trouxera. O seu cavalo não era o melhor do [234r] mundo e as jornadas passadas tinham-no em estado, que lhe era mais necessário o repouso e bom penso, que aquele novo trabalho, ao qual se acabou de render de novo e de todo. Ainda antes que lhe amanhecesse, foi forçado enfim que se apeasse. Fê-lo e tirando-lhe o freo e desapertando-lhe a sela, sem mais prisões ficou o rocim seguro e ele quieto.

Após isto tirando o elmo e o escudo e pondo ũa e outra cousa junto a ũa árvore encostando-se neles começou a largar as rédeas a suas imaginações e fantesias, sem saber que estava em ũa floresta verde e bem assombrada, cheia de várias árvores silvestres, cortada por muitas partes de ribeiros de ágoa clara e fermosa. Mas não eram necessários estes incentivos para o uso daquelas imaginações a ũ espírito, ao qual era o mesmo o bolhício de Constantinopla, que a solidão e apartamento da Serra da Lua e assi não era estimulado da comodidade da floresta, de que ele não sabia, nem da escuridão da noute, nem do silêncio do mundo, senão só da veemência de suas dores.

Começou-se a tomar estreita conta a si mesmo das trégoas, que algũa hora a conversação e acompanhamento de Fidélia lhe fazia ter de seus cuidados. Discorria pelo que lhe acontecera com ela e já que lhe parecesse forçado fazer em seu serviço a batalha, que fez com Paludrão entrar no barco, correr aquela mesma fortuna até chegar a Escalabis, dali por diante temia que lhe não levasse o Amor [234v] em conta o acompanhamento e mais serviço que lhe fizera antes, pondo-se contra si mesmo naquela parte como fazia todas as vezes que o respeito de Carmélia se encontrava com o seu gosto. Considerava para se condenar que, se se não apressara a oferecer-se àquela princesa, que ou a ela lhe não faltara naquele lugar quem melhor que ele a acompanhasse e servisse, ou ũ mosteiro de religiosas em que pudesse estar até avisar a rainha Dramosiana,[555] que acodiria logo à autoridade e segurança de sua pessoa

[555] A: Dramosiana / B: Dramaciana

como lhe a ela convinha e que ainda quando nada daquilo houvesse,

— Que sou eu a Fidélia? (dizia ele) Que obrigação podia ser a que lhe tinha, que não fosse muito maior e mais precioso,[556] a de obedecer a Carmélia? Não me proibio ela o que eu tenho feito, é verdade, porém se lhe eu obedecera como devia muito há que não fora vivo. E deste erro, de que parece que eu faço tão pouco caso, mal se pode negar que tenha nascido estoutro com todos os mais, que só por vivo tenho cometido, dos quais ninguém pode desculpar-me, porque não é boa razão dizer que como a havia eu deixar só naquele estado sendo ũa princesa daquela idade e daquele parecer entregue ao rigor da fortuna, inimiga cruel de toda a gente honrada, porque se é verdade que perdera eu honra fazendo-o, também logo o deve ser que tenho mais cuidado da minha honra, que da minha obediência. Sendo assi triste de mi, perdido eu com Carmélia, que crédito, que [235r] honra, que opinião ficava que aventurar, nem que perder? Tarde chegou o conhecimento desta verdade, mas não é possível que chegue também tarde o castigo, que me dará de mi mesmo o arrependimento de tão abominável desordem, porém entretanto não vos peço eu perdão senhora Carmélia para viver perdoado, peço-vo-lo só para não morrer deixando-vos ofendida, que perder eu a vida porque vós quisestes tirar-ma, interesse é, pelo qual de boa vontade não só morrera contente, mas tomara ressuscitar mil vezes, para tornar outras tantas a perdê-la. Que morra Dom Duardos por não saber obedecer a Carmélia, que cousa fica na vida ou que cousa terá a morte, que possa consolar esta pena? Senhora Fidélia, se vosso entendimento é o que me ele pareceo e se todas as vossas partes dizem igoalmente com esse tão sem igoal entendimento, acodi na conversação em que vos imagino, a quem por amor de vós se tem arriscado a um tamanho excesso, e não valha convosco para me ajudar aquilo que eu já algũa hora vali para servir-vos,[557] senão, seja-vos[558] a causa aquele mesmo serviço da vista, da companhia, da conversação e da amizade de Carmélia, que tudo isto creio, que haveis de achar nela, porque fazendo-vos Deus para vos não faltar nada, sem este bem, depois que o tiverdes, bem confessareis comigo que inda não tínheis[559] tudo.

Rematava sempre Dom Duardos estes colóquios com paracismos tão mortais, que não ficava nele mais sinal de vivo, que só a [235v] respiração, faltou-lhe então Trigônio, que o

[556] A: precioso / B: precisa
[557] A: servir-vos / B: serviço
[558] A: seja-vos / B: ser-vos? ser vós?
[559] A: inda não tínheis / B: inda vos faltava

soía ajudar, faltaram-lhe os companheiros da Serra da Lua, faltou-lhe Pleonido, que também lhe tinha acodido a alguns e assim esteve sem acordo até que o sol benefício comum de todos os viventes, o veio a despertar dando-lhe nos olhos. Levantou a cabeça enfim o pobre cavaleiro em tão miserável estado, que a toda a criatura movera a piedade, senão só ao seu cavalo, que ainda tomara que ele acordara mais tarde.

Finalmente enxugando as lágrimas, vio ũ pequeno ribeiro, que junto dele corria por cima de ũa relva tão brandamente e com ũa ágoa tão clara, que deixava ver tudo quanto no mundo[560] escondia.

Chegou-se a ele, lavou as mãos e o rosto e não fora muito tornar a entregar-se logo em outra batalha como a de que tinha saído, se o rocim temendo-se do tratamento, que lhe ele fazia, não se esforçara vendo-o em pé, para lhe fogir, ao que acodindo, poude defender-se da força, que a vista daquelas cousas lhe fazia, que ainda que temos dito não havia ele mister aqueles estímulos, não se pode negar que o eram eles bem grandes a qualquer ânimo saudoso.

Contente pois da floresta, incerto do caminho e resoluto só em se apartar do povoado o mais que lhe fosse possível, apertou a sela ao cavalo enfreou-o, pôs o elmo na cabeça, lançou o escudo ao pescoço, tomou a lança na mão e pondo-se a cavalo começou a caminhar Dom Duardos por entre aquelas árvores [236r] tão triste e tão descontente como sempre o vimos e ainda com menos alguns dos acidentes, que então levava, para que fosse maior aquela sua tristeza em terra de que fogia, mal armado e cavalgado peor, sem companhia, nem notícia algũa da estrada, de que devia fogir para conseguir o seu principal intento. Indo assi atochado entre estes inconvenientes, ao sair daquela floresta a uma várgea[561] grande, por onde cruzavam diferentes estradas e todas com rastos frescos, antes que se detreminasse em qual tomaria, vio vir de longe ũa donzela acompanhada de ũ escudeiro, não correndo, mas a mui bom passo. E ele se foi então direito a ela com tenção de lhe perguntar a que parte ficava Constantinopla para se desviar de ir ter ali no cabo de caminhar muito que era o que mais temia. Porém a donzela que trazia a pressa que dissemos, não esperou que lhe ele falasse, antes chegando a tiro de se poder ouvir como se viera a buscá-lo, parando o palafrém, lhe disse entre suspiros e lágrimas, que derramava:

— Senhor cavaleiro, a quem Deus dê boa ventura. Peço-vos pela ordem de cavalaria,

[560] A: mundo / B: fundo
[561] A: várgea / B: várzea

que recebestes e pela cousa do mundo que mais amais, se amais algũa, que me queirais otorgar ũ dom, mediante o qual me livrarei[562] desta aflição em que me vedes, de que depois darei mais larga conta.

Bem detreminava Dom Duardos não se embaraçar com cousa algũa de vivo, porém aquele conjuro era para ele não só poderoso, mas tremendo. [236v] E assim ainda que contra o prepósito, que tinha feito, lhe respondeo:

— Se posso senhora donzela fazer isso que me pedis eu vos otorgo o dom, por isso dizei-me o que quereis de mi?

— O que eu quero (respondeo a donzela) é que vos vades logo comigo a Constantinopla, que está daqui a duas jornadas somente e que lá desafieis ũ cavaleiro, que ali vive chamado Braceliano, porque em ũas justas, que muito tempo sustentou naquela corte com certas condições, venceo ũ cavaleiro, que me servia a mi, de que resultou perder-me o amor, que me tinha.

E após isto ia dizendo outros tais e maiores desparates, ao que atalhando Dom Duardos lhe tornou a dizer:

Ainda que senhora donzela vossa queixa me não parece muito justificada, não deixara eu de provar o que na satisfação dela posso, se não houvera de premeio cousa que de todo me impede a fazê-lo nessa corte e é estar obrigado a outro mais antigo e mais forçoso voto, para não entrar nela em certo tempo. Mas porque vos não pareça que é isto escusa para não comprir ao que não estou obrigado, contudo pelo que tem de sombra de palavra e[563] promessa, que condicionalmente vos fiz, ainda que tenho bem que fazer em outras partes, pois Constantinopla é tão perto eu me irei convosco até duas légoas dessa cidade e dali mandaremos desafiar esse cavaleiro e se vier, farei o que puder para que vos satisfaça do agravo em que a meu ver vos tem pouca culpa.

— Mal hajais vós (gritou ela logo como se o outro lhe negara de todo, o que [237r] de todo lhe não prometera nunca) E mal haja o primeiro que vos vestio as armas, pois tão pouco sois para elas. Mas se eu posso Dom Traidor, falsificador de palavras, vós me pagareis essa, que me quebrais agora com bem maior dano vosso, do que comprindo-a vos pudera suceder.

E dizendo isto voltou por onde viera com muito maior pressa ainda daquela, que de

[562] A: livrarei / B: livrareis
[563] A: e / B: a

antes trazia.

Dom Duardos a quem a princesa[564] de sua verdade assegurava, sem nenhũ cuidado daquilo, deixou-se ir pelo caminho que ela tomara, crendo que não seria o de Constantinopla, pois não queria ir lá, sem o recado, que buscava, até que saío de todo daquela várgea. E entrando em outro caminho mais áspero, de que também saío já quando o sol obrigava a buscar repouso. E querendo ele desviar-se para onde lhe pareceo que o seu cavalo acharia e que era só quem lhe fazia observar aquelas horas, sentio ruído como de gente, que vinha caminhando para ele. E estando ũ pouco quedo a escutar, vio vir a donzela sua amiga com ũ galope apressado e ũ cavaleiro grande e bem feito, do mesmo modo após ela. E em se descobrindo uns aos outros, a donzela, que o conheceo, lançou as mãos ao toucado e com gritos, que atroavam todas aquelas partes disse para o cavaleiro, que a seguia:

— Vedes ali senhor o traidor que após me desonrar, matou cruelmente a meu irmão. A cabeça deste homem é o que me tendes prometido, [237v] que nem meus agravos se satisfazem de outra sorte, nem vossa palavra se satisfará com menos.

E em dizendo isto lançou-se do palafrém abaixo como que desmaiada caíra. O cavaleiro, que a acompanhava, que já tinha parado o cavalo, pondo os olhos em Dom Duardos, que estava também quedo considerando aquela maldade e inocência do triste, que tão depressa vinha a seu próprio sacrefício, disse para ele:

— Por certo cavaleiro (se merece este nome, quem com tão enormes treições o tem infamado) que não sei o que não dera por me não achar aqui para o castigo de procedimentos tão torpes, porque ainda que aos que o são tanto[565] como vós, os algozes nas forcas, os houveram de castigar e não as armas[566] no campo. Porém porque se não detenha o justo galardão de vossa maldade eu quero antes padecer a vergonha de sujar as mãos em vós, que deixar-vos ũa só hora com elas, para não fazerdes outras habelidades como as de que se queixa esta donzela. Por isso tomai do campo o necessário, que já que vindes armado como cavaleiro quero cuidar que o sois para vos acometer como a tal.

Estava Dom Duardos como dissemos, ouvindo falar aquele homem tão sossegadamente como se lhe contara algũa história, que ele folgasse muito de ouvir. E vendo que parava naquelas verdadeiras razões, respondeo-lhe com aquela mesma quietação e

[564] A: princesa / B: inocência
[565] A: aos que o são tanto / B: aos maos se não há de deixar viver no mundo, aos que o são tanto
[566] A: armas / B: armas dos cavaleiros

sossego:

— Em verdade [238r] cavaleiro, que em minha vida ouvi melhores palavras que essas para injuriar ũ traidor, mas também vos confesso, que as não vi peor empregadas nunca, porque nem eu sou o que vos devem ter dito, nem vo-lo hei de parecer nas obras, se todavia quiserdes crer antes lágrimas fingidas, que desculpa verdadeira.

Porém como o outro não cuidava que o poderiam ser as que lhe ele naquela matéria desse, voltando para se pôr em postura de acometê-lo, o obrigou a que fizesse o mesmo. E do sucesso daremos conta no capítulo seguinte.

## Capítulo 74

De quem era aquele cavaleiro que se combateo com Dom Duardos e do sucesso, que a batalha teve.

Apartados os cavaleiros na solidão daquela estrada, servindo-lhe de trombeta o importuno canto das cigarras e de juiz e testemunha aquela honrada senhora, que os metera naquilo, remeteram ũ ao outro na maior fúria que os cavalos os puderam trazer. O de Dom Duardos era qual vo-lo temos pintado e assi com menos poderoso encontro, que o que recebeo, dera consigo e com seu dono em terra como fez com aquele. O mesmo aconteceo ao outro [238v] posto que viesse mais poupado. E levantando-se cada ũ dos cavaleiros rija e esforçadamente, não pouco espantados do que lhe tinha acontecido começaram ũa batalha tal como de quem eles eram e se podia esperar.

E assi dando e recebendo golpes, andaram ũ bom espaço, no qual o sangue da cada ũ deles começou a sair das veas em não pequena abundância. Dom Duardos era o que conhecemos e o outro o valente, mas naquelas matérias pouco venturoso Albaizar, porque sendo tão esforçado como Henrique Frusto no-lo mostra, sempre o diabo lhe deparava ũ Vasperaldo, ũ Floriano e agora Dom Duardos com quem nunca podia ganhar honra. E suposto que a não perde quem faz tudo aquilo que pode por levar sua opinião avante (na matéria sojeita falamos) contudo, não pode ser dita encontrar-se ũ homem sempre com mentes, que são imóveis por sua natureza.

E tornando à batalha, as armas de Dom Duardos eram roins e as de Albaizar pouco melhores, que ambas foram tomadas acaso como temos contado, porém as espadas de ambos eram tão igoalmente más, que aquilo lhes valeo para que as feridas não fossem maiores. E a este respeito não foi pequena dita a de Dom Duardos em Albaizar não querer vestir as suas, que lhe Trigônio dava, porque segundo ele era valeroso elas finas e a espada de seu contrário bota e sem fios, não fora possível deixar de se ver em notável perigo com ele, nem a [239r] fortuna de Albaizar lhe poude fazer maior mimo, que persuadir a Dom Duardos, que não tomasse a sua espada, que lhe dava Primaleão quando se despedio dele, porque verdadeiramente que a trazê-la, tal era a sua força e sua destreza, que ainda que Albaizar viera melhor armado, pudera mal escusar-se de ũ trabalho grande, quanto mais vindo-o da maneira,

que temos dito.

Ia-se a batalha alargando com igual espanto de ambos de dous, que nenhũ deles creo a princípio que lhe ela durasse tanto, mas porém com algũa desigualdade, porque todavia Dom Duardos apertava de maneira, que mostrava a Albaizar que não podia ser verdade o que a donzela lhe dissera, porque não costumam a sair as obras, de que ela lhe pedia a satisfação, das mãos, que faziam as que ele tanto à sua custa experimentava. E assi não lhe esqueciam a ele naquela hora as batalhas, que com Vasperaldo tivera, que foram, as que em mor risco da vida o tinham posto. E contudo na fúria dos golpes, na duração do alento, na desestimação do inimigo, no ar e no compasso dos pés, diferente homem lhe parecia aquele com quem então o havia.

Dom Duardos também como temos dito não cuidara a princípio que lhe durasse aquela batalha tanto. Vendo-se ferido e vendo que o cavaleiro não dava sinal algũ de que se ele pudesse contentar, julgava-o dentro de si, por ũ dos melhores do mundo, não tendo exprimentado até então maiores golpes, [239v] senão foi de Dom Floris aquele breve espaço que se combatera com ele no navio. E vindo-lhe com estas considerações ũ novo esforço e ũ brio novo como faz toda a cousa natural a par de outra contrária, a que os filósofos chamam antipatia, remeteo a Albaizar de maneira que o fizera ũ lobo faminto a ũ cordeiro.

Confesso que, quando cheguei a este passo no original de que trasladamos, que foi o meu sobressalto tamanho, temendo a vida e honra de Albaizar, que saltei de voo ao cabo do capítulo não ousando a ver os progressos daquela fúria de Dom Duardos e fiquei persuadido que guarda Deus a Albaizar para algũa grande cousa de seu serviço, porque o livra sempre quando homem o imagina menos, conservando-lhe honra e conservando-lhe vida. Senão vede vós ũ homem como este das suas calidades e opinião, só em ũ deserto em batalha com Dom Duardos, e batalha cometida por ele para a não deixar, e Dom Duardos já feito cafre de emperrado, peleijando com tenção de brio e de melhoria, quem senão Deus o pudera livrar de suas mãos honrado e vivo? Pelo que me parece que podem esperar todos os devotos daquele cavaleiro que as carrancas e pronósticos de Drúsia Velona e Milena acerca de sua vida, se dessolvam em névoa e ar, pois esta experiência de agora assegura que lhe assiste Nosso Senhor com particular providência.

Assim foi que indo Dom Duardos a cometê-lo invejoso dele, raivoso e desconfiado de si [240r] mesmo, não se fiava todavia de sua espada, moderou ũ pouco a fúria, porém não de

maneira que deixasse de fazer muitas mais perigosas deligências, que antes, nas armas de seu contrário, o qual também nem estava perdido de ânimo, nem deixava de lhe dar boa reposta, que não era muito o que ficava devendo. E como havia ũ grande espaço, que se a batalha começara, não podendo a natureza aturar naquele fervor, sem se refucilar ũ pouco, ambos se tiraram a fora, ũ mais, outro menos cansado, mas cansados ambos.

Notando estava Dom Duardos o valor daquele cavaleiro e com muito grande desejo de conhecê-lo e não pouco receio de que seria pessoa em que lhe fosse algũa cousa juntamente a maldade da donzela, que sentada na capa do seu escudeiro estava vendo aquela batalha tão coriosa e desenfadadamente como se fora algũa argolinha, que em seu serviço se fizera.

E tornando a pôr os olhos no cavaleiro, no qual conhecia já que de algũa maneira afrouxava, deu juntamente com eles em Trigônio, que também com o escudeiro da donzela tinha chegado. Valha-nos Deus! Quem poderá negar o poder da natureza? Ou quem em ũ caso súbito defender-se dos primeiros movimentos? Criara Dom Duardos a Trigônio, servia-se dele com amor e satisfação grande em ambas as fortunas, desapareceo-lhe diante dos olhos com tanto perigo como temos visto, achava-o agora quando menos cuidava. [240v] Que culpa se lhe pode dar, se arrebatado da humanidade, sem saber o que fazia com os braços abertos e com ũa vox estranha, se foi correndo a ele dizendo:

— Trigônio, é verdade isto?

Não tinha o escudeiro perdido o tino naquela hora,[567] e assi subitamente lhe respondeo também gritando:

— Verdade senhor, que as diferenças dos júbilos de minha alma agora e os de algumas vezes que tenho sonhado o que vejo, me mostram claramente que me não enganam essas palavras, que ouço.

E deixando-se a seus pés, tornou-lhe com lhos tocar a memória, que o gosto de o ver lhe tinha tirado de todo com o que lhe não pesou pouco do que por ele passava.[568] E vendo[569] que também fora ofensa, senão contra Carmélia, pelo menos contra os persupostos que tinha feito, de viver como se fora morto enquanto a morte não vinha, pois o ser cristão lhe tirava abreviá-la pelo modo que pudera. Pensamentos e imaginações, que ele só sabia e o frade, que na Serra da Lua o confessara. Porém vendo que o que estava feito não tinha remédio e

[567] A: naquela hora / B: daquela vox
[568] A: passava / B: passara
[569] A: e vendo / B: havendo

entendendo juntamente que lhe não faltaria comodidade de se furtar a Trigônio com menos risco do escudeiro e menos cuidado seu, o recolheo e agasalhou com bem melhor ânimo e mor brandura, que ele para si tinha.

Albaizar, que daquelas demonstrações e da experiência que tinha feito, inferio logo quem o cavaleiro era, ficando-lhe pela mesma razão também claros os enganos da donzela começou a duvidar ainda mais da sua [241r] empresa por não ser justa, que por ser Dom Duardos com quem o havia. Tal era a força da verdade naqueles tempos. Deixar a batalha de nenhũa maneira detreminava fazê-lo, tanto por ser todavia aquele discurso seu verdadeiro como porque era Dom Duardos o inimigo. E não queria ele fiar ainda do seu mesmo juízo, se o cavaleiro fora outro, se o deixara, ou não, só pelo que lhe parecia. Mas melhor o fez com ele a sua boa sorte, porque a donzela tanto que vio o conhecimento, que havia entre o escudeiro de seu valedor com o cavaleiro, de quem se ela queixava como ofendida, temendo que se concertasse ũ e outro em seu dano, porque o revolvera, pondo-se depressa a cavalo, lançou a correr pelo campo, dizendo-lhes primeiro:

— Ora já que tudo são traidores nesta terra eu irei buscar outra, onde ache ânimos mais singelos e os peitos menos conformes.

Com o que vendo-se Albaizar desobrigado, chegou-se a Dom Duardos, a quem Trigônio não soltara ainda e disse-lhe:

— Bem me tinham mostrado, senhor cavaleiro, as obras, que de vós exprimentei, neste pouco tempo, que não faríeis aquelas, de quem a donzela se queixava, porém as demonstrações de Trigônio, ainda o mostraram mais claro, porque do tempo que há trato[570] com ele sei que as não fizera, quanto mais[571] Dom Duardos cujos procedimentos tiram toda a sospeita dos embustes com que me enganaram. E porque deixar-me persuadir das lágrimas de ũa molher sendo cavaleiro, [241v] foi erro estou dele tão bem castigado, que não trato de vos pedir perdão, antes satisfação e prêmio do serviço, que vos tenho feito em livrar esse escudeiro do serviço que lhe queriam fazer como ele vos contará. O prêmio e satisfação, que de vós quero, é que por hora não pergunteis a Trigônio, nem queirais saber quem eu sou. E vós escudeiro lembrai-vos do que acerca disto me tendes prometido, porque não convindo à honra de vosso amo conhecer-me erro grande seria contra a palavra que me destes descobrir-me e eu

[570] A: que há trato / B: que há que trato
[571] A: quanto mais / B: senão com

tenho-vos em tão boa conta, que me parto sem este cuidado.

E querendo ele ir tomar o cavalo para se partir, Dom Duardos lhe disse:

— Pelo menos senhor cavaleiro, já que conhecendo-me quereis que eu vos não conheça, querei também saber de mi, que por vos servir nisso, deixo de cumprir ũ muito grande desejo. E quanto ao queixume da donzela eu vos juro pela ordem de cavalaria, que recebi, que lhe não dei ocasião algũa para que o ela de mi fizesse.[572]

Trigônio lhe foi então dar o cavalo e entregar-lhe o que trazia seu, fazendo-lhe novos comprimentos e protestações do segredo, que lhe pedia. Com o que se despediram uns e outros, tirando cada qual por seu caminho. E do que a Dom Duardos lhe sucedeo no seu, daremos razão em outra parte, que inda agora o fio da história nos encaminha a Albaizar. [242r]

[572] A: fizesse / B: tivesse

## Capítulo 75

Do que aconteceo a Albaizar com ũa donzela de Milênia e outra, que livrou.

Diz pois a história, que tanto que Albaizar se apartou de Dom Duardos, caminhou ũ bom espaço, antes que houvesse vista do povoado, que ele desejava, para se poder curar de suas feridas, que inda que não eram mui grandes, nem perigosas eram todavia muitas e levavam-no atromentado e impedido. Perto da noute enfim chegou a ũ lugar de que certos pastores lhe tinham dado novas, no qual achou pousada e cirurgião com tudo o mais que lhe era necessário com tanta comodidade, que poude esperar ali os dias, que lhe cumpriram, para que sem cuidado daquele mal, se tornasse a pôr ao caminho.

Desejava ele de chegar a Constantinopla sobremodo e ainda que se lhe representavam inconvenientes grandes para poder viver ali encuberto e muito mais e maiores conhecido, contudo era tão avantajado o amor, que tinha a Carmélia a todos os outros respeitos, que não deixava vencer de nenhũa maneira deles, para que não fosse a vê-la. E assi guiado do seu desejo, cuidando só no modo com que melhor o poderia fazer, foi andando para aquela parte, que ainda era perto de duas jornadas e tão absorto na consideração de suas adorações, que não dava fé de ũa donzela, que havia espaço, [242v] que vinha chamando por ele.

Voltou contudo aos brados, que ela esforçava cada vez mais e vio a quem os dava vestida como turca e não mal assombrada, nem desairosa em cima de ũ palafrém murzelo e que trazia ũ cavalo de rédea ruço, lourigado, grande e fermoso, bem selado e ũ lio diante de si. Não se sobressaltou Albaizar pouco à vista daquele trajo e muito mais depois que sentio que o chamavam por seu nome. E finalmente chegando-se ũ ao outro, a donzela lhe deu ũa carta, que trazia, a qual aberta vio que dizia assi:

Carta

Milênia inútil serva dos Deoses, mas muito mais inútil serva e amiga vossa, vos saúda. E pois que vos não posso desviar do caminho a que vossos fados vos levam, trocai essas armas e cavalo com o que vos dará essa minha donzela, que são melhores e dela podeis saber também o que mais quiserdes da terra, que deixastes.

Não dizia mais a carta, porque quem a escrevia, sabia que o não podia divertir da jornada, que fazia, senão só a vontade de quem o metia nela. Todas as mais palavras julgou por desnecessárias.

Estimou ele não pouco o presente, porque suas armas ainda são eram muito para não querer, quanto mais tendo exprimentado em si os golpes de Dom Duardos. E assi apeando-se, logo a donzela o ajudou a desarmar. E tirando as que [243r] trazia naquele lio, se vestio nelas, que lhe vinham como feitas por mão de tão bom oficial.[573] A espada lhe pareceo extremada e extremado também o cavalo em que logo se pôs. E depois de estar assi armado e posto nele e que a donzela teve recolhido no mesmo lio o que ele tinha deixado então se informou dela de tudo o que quis saber de sua casa. E a senhora que não era pouco prática, lhe referio tudo o que nela tinha acontecido pontualmente depois que a ele deixara, na conformidade que nesta história temos visto.

O que ele ouvindo, não ficou tão sossegado e contente como antes que o soubesse, porque por ũa parte a inveja dos gregos o não inquietou pouco e por outra a lástima da pobre mai, que chegou a havê-los mister na sua própria terra e isto não o marterizava pouco. Também o enleio de ter a Floriano por Aliboazém o não consolava muito nem o novo parentesco contraído de Arquediana e Aliboazém, porque já lhe parecia que tudo seria engano e que seu cunhado não era senão o por quem ele sempre o julgara. Porém vendo que nenhũa daquelas cousas tinha remédio e que não era Carmélia a que casara, trabalhou por sossegar o coração e não fez pouco se poude.

E querendo dizer à donzela que o seguisse até onde achasse comodidade de poder escrever, não a vio, nem outra cousa algũa, mais que o cavalo em que ele até [243v] ali viera, que a donzela devia de deixar, porque seria melhor o seu palafrém para a jornada, que fez. E passando por aquela novidade como quem não era novo em outras semelhantes, só lhe deu cuidado o cavalo, que todavia pelo serviço que lhe fizera, o não deixara de boa vontade desemparado.

E levando-o de rédea até ver se achava alguém a quem o desse, não andou muito que não ouvisse soar à sua mão direita uns gritos, que cada vez ouvia mais[574] claramente. Chegou

[573] A: oficial / B: oficial como era Milênia

[574] A: uns gritos, que cada vez ouvia mais / B: ũs gritos lastimosos e fracos como de pessoa que havia muito que os dava parou-se Albaizar um pouco a ouvir, para se afirmar bem e tanto que se assegurou que não enganava, aquele sintido, foi-se correndo àquela parte em que soavam os gritos, ouvindo-os cada vez mais

enfim a dar com os olhos em ũa donzela, que presa pelos cabelos ao tronco de ũa árvore e com as mãos atadas atrás, se queixava tão fracamente já, que a pouco mais que o socorro lhe tardara, acabara ali de todo. E tal era ela, tal a trama, tal o sucesso que teve, que fora bem melhor para alguém que o diabo a levara, do que vir Albaizar por aquele caminho para a livrar e até para ele o fora também fazer outro inda que perdera o presente, que naquele tinha achado.

Mas como seja certo que não pode ninguém fogir a sua fortuna, a de Albaizar o trouxe por ali aquele tempo, o qual tanto que vio aquele espetáculo compadecido bravamente da miséria da pobre molher, apeou-se logo e foi correndo a soltar (oh cegos juízos dos homens) quem lhe foi ocasião da mais áspera e perigosa prisão em que se ele nunca vira. Fê-lo finalmente e tomou fôlego a donzela.

Assegurou-se que estava viva e livre da [244r] pena, que padecera. Tornaram a seu lugar os espíritos, que opressos dela estavam quasi na boca para se exalarem de todo. Não faltou por ali ágoa, de que ela necessitava, nem no alforge que Trigônio deixara a Albaizar cousas com que se fortalecesse. E vede quanto em olho a trazia o demônio em cujo serviço andava para a favorecer, que não se contentou com o guiar aquele cavaleiro por aquela parte, para se lhe não perder vãmente aquele instromento seu, senão, porque quem[575] a pusera naquele estado lhe levara o palafrém, ordenou que trouxesse Albaizar dous cavalos para que ũ[576] deles fosse mais comodamente fazer seu ofício. Assi aconteceo, que Albaizar a fez sobir naquele cavalo, que trazia de rédea e depois pondo-se no seu começaram a caminhar e começou ela a contar-lhe sua história pela maneira seguinte.

— Sabereis senhor (dizia a donzela) que andando eu há muitos dias buscando quem me vingasse de ũa treição e maldade grande, que certo cavaleiro me tem feito, vim a achar caminhando ontem por esta mesma estrada, que levamos em lugar de socorro e remédio, que buscava, quem com não menos agravos e treições me necessitou de outros novos remédios e socorros, porque este acidente d'agora, nasceo daquele que me traz peregrinando. Contar-vo-lo-ei também para que vejais a causa de ũas injúrias e das outras. Levou a minha ventura, ou desaventura [244v] haverá dous anos, ũ cavaleiro chamado Braceliano, a ũ lugar do reino de Chipre, de que eu sou natural a tempo, que se celebravam nele certas justas em adulação e

[575] A: porque quem / B: que por quem
[576] A: que ũ / B: que em um

serviço de ũa irmã minha muito fermosa, que naquela parte pela melhor da terra era julgada. Teve Braceliano amizade com ũ irmão nosso, que em nossa casa o agasalhou e soube ele dizer tantas cousas à pobre de minha irmã, que com pouco trabalho se lhe afeiçoou mal persuadida do que lhe ele soube dizer e do que lhe vira obrar. E dispondo-a a que deixara a casa em que nascera, os irmãos com quem se criara, a mai, que a parira e a própria natureza e pátria sua, tirando-a uma madrugada de casa, se foi com ele, deixando violadas as leis da hospitalidade e as da amizade que com o triste de meu irmão tinha, que o ali trouxera e agasalhara, ficando-lhe a honra das irmãs donzelas, a autoridade de ũa mai veúva, que tínhamos e a sua mesma dele, o qual sendo avisado depressa daquele injusto roubo, saío trás os fugetivos, acompanhado de dous primos nossos e achando-os antes que se embarcassem para Espanha, de donde Barceliano era natural, tiveram ũa porfiada batalha na qual ajudado meu irmão da justiça que tinha e dos companheiros, que levava (porque contra traidores também treições se permitem) Rodearam-no e querendo matá-lo ele com palavras, que fingio e minha irmã com lágrimas, [245r] que chorou, interpondo a sua garganta ao golpe, que descarregava no do falso marido, que escolhera, fizeram tanto, que não só conseguio Braceliano a vida da mão de seus vencedores, mas amor e parentesco de todos nós, fazendo publicamente o casamento, que eles em sua desculpa disseram, que em segredo tinham feito. E para que vos não espanteis do mais que vos disser, pressuponde que era ele casado na sua terra, porque assi o soubemos depois e finalmente ou a vergonha de se ver vencido, ou a abominação da culpa, ou o juízo de Deus, que nos queria castigar a uns e outros, lhe meteram em cabeça que fogisse da terra onde vivíamos. E não só o fez, mas primeiro para que ficasse eternamente nela a memória de tão atroz monstruosidade, tendo prestes um navio de venezianos, que partia para Leorne a noite da madrugada em que se foi, tendo já afogada a triste, que por sua molher vivia com ele contente, foi-se à cama onde dormia meu irmão e nela lhe cortou a cabeça.

— Oh donzela (disse então Albaizar) por vida vossa que não vades mais por diante, se bem que[577] me não falta ânimo para poder com meus males eu o[578] confesso que o não tenho para ouvir esses vossos.

— Vedes aí (lhe tornou ela) a diferença, que há de homens a homens, que vós ouvindo-os acaso comoveis vos dessa maneira e contando-os eu ontem de prepósito a ũ

[577] A: se bem que / B: que se bem
[578] A: o / B: vos

cavaleiro, que encontrei, não só me não respondeo isso, que [45v] agora vos ouço, mas querendo-se desobrigar do que esta lástima lhe pedia, disse-me que eu era a traidora embusteira, porque ele conhecia a Barceliano por homem, que não só não faria tal, mas que por vingar muito menores ocasiões aventuraria sua pessoa aos maiores perigos, que o mundo tinha. E trás isto me mandou pôr no estado em que me achastes, por ũ escudeiro, que trazia, levando-me também o palafrém em que eu vinha.

— Não me espanta (replicou Albaizar) de vos não crer esse cavaleiro, porque verdadeiramente não se aventura a pouco o crédito de vossa história. A vingança pudera ele escusar, ainda quando a verdade muito claramente lhe constara, quanto mais tanto antemão, porque se bem há homens honrados no mundo, também se não pode negar que não faltam nele muitos outros que o não sejam. E digo-vos em verdade, que se soubera onde acharia esse Braceliano, que por nenhũa maneira deixara de me ver com ele, assi para notar as palavras com que o nega, ou as mãos com que o defende.

— Pois não fique por isso (lhe respondeo ela) que se me prometeis de me dar vingança dele a todo vosso poder eu vos direi onde vive. E não é tão longe daqui, que seja necessário trabalhar muito para o ir ver.

— Prometo (disse Albaizar) pressupondo que seja verdade a menor parte do que me contastes.

— Braceliano (replicou então a donzela) vive em Constantinopla, que não são duas jornadas [246r] deste lugar aonde estamos em casa do emperador e no número dos seus cavaleiros estimado de quem o não conhece, mas tão traidor como vos eu tenho dito.

— Agora me espanto mais (tornou ele) porque nessa casa não se costumam agasalhar homens dessa natureza, nem os que a têm a buscam a ela, porque nenhũa cousa há de mor tormento para os maos, que a vezinhança e conversação dos bons. Mas contudo vamos lá, vejamos Braceliano, que impossível é como vos dizia, que a verdade deixe de se mostrar na própria negação de tal maldade.

— E porque eu sei isso (acodio a senhora) vos dou desde agora as graças da vingança, que de quaisquer mãos tenho por certa, quanto mais das vossas, que me pareceis capaz de outras maiores empresas e não vos enfraqueça a opinião que tendes dos cavaleiros daquela casa, porque ele vive nela por contemplação alhea e não tem obrigação de saber o emperador em Grécia o que passou em Chipre, não sendo cousa tocante a seu estado.

— São tamanhas, as que tendes dito (replicou Albaizar pouco contente já daquela maneira de afirmar) e é tão perto de Chipre a Grécia, que inda assi me não parece essa razão boa. Mas a dificuldade para mi não estava em o emperador saber isso e sofrê-lo, que então nenhũa dúvida houvera[579] de que era em tudo falsa essa acusação e queixa vossa, mas cuidava eu que o homem, que tivesse cometido tão grande culpa, quando tivesse [246v] coração para ela, o não teria para sofrer a pureza e integridade do rosto do emperador e de seus procedimentos, sem que o medo e confusão de seus excessos o acusassem com gritos claros e patentes. Mas nisto não falemos mais, que eu não desejo menos, que vós, ver-me já nessa corte e assi podeis guiar para lá[580] com muito boa vontade.

E fazendo-o a donzela assi, foram a fazer noute a ũ lugar, que estava quatro légoas de Constantinopla, onde os deixaremos enquanto repousam para tornar a caminhar. E agora vos diremos quem era o autor daqueles testemunhos, que se assacavam a Braceliano e a ocasião, de que nasceram.

[579] A: houvera / B: houvera em quem conhece
[580] A: para lá / B: para lá porque vos seguirei a ela

## Capítulo 76

De quem era aquela donzela e de como Albaizar chegou à corte e desafiou a Barceliano.

É tal o sucesso, que tiveram as maldades daquela mulher, que por não falar mais nela depois quando os escrevermos, me pareceo dizer primeiro quem era e por cuja ordem traçava as máquinas, que temos visto.

Para o que é de saber, que Daraja tanto que naquela corte vio Braceliano e vio o lugar que se lhe tinha feito entre aqueles cavaleiros e príncepes entendendo juntamente quão livre aquele homem estava já de suas antigas prisões, ou de magoada que aquilo assi fosse, ou [247r] por seguir o curso de sua natureza, resoluta em o querer matar, a primeira cousa que se lhe ofereceo foi pedir a Leopoldo (cujos trofeos então trazia em seus triunfos) que fosse executor daquela sua vingança, mas não lhe parecendo depois que aquele príncepe a procuraria por meios que fossem tão fáceis, que o deixassem com a saúde, que lhe ela trás aquilo desejaria e também não querendo ficar obrigada a lhe dar razão daquela crueza, sabendo-se que eram vezinhos, parentes e conhecidos, tomou outra nova detreminação muito menos certa para o que pertendia, porém muito mais conforme com suas entranhas. E com ũ juízo, ou cego, ou tiranizado, foi despedir aquela donzela, que consigo trouxera e outra a quem persuadio o que queria, instruídas ambas para que do modo que temos visto trouxessem tantos cavaleiros à corte a desafiar a Braceliano, até que ou algũ lhe desse a satisfação, que desejava dele, ou pelo menos o desacreditasse entre aquela gente, fazendo duvidosa a verdade de seus procedimentos de maneira, que se fosse dali aonde o ela nunca visse.

Esta era Daraja. Este foi enfim o galardão, que Braceliano tirou de seus serviços, que lhe tinha feito, que se era, ou não conforme com eles, nesta história o temos visto. Mas para que era dizer esta era Daraja, senão que estas são todas, porque não há alguma que não queira antes ver-vos morto, que livre das prisões em que morrerão mil mortes por não confessarem [247v] que folgam de vos ter nelas. Mas já eu lhe sofrera isto, pois nascemos enfim para as servir e elas para não agradecer, porém parece que bastava por castigo, ou a perseverança nelas na dissimulação[581] dos serviços, ou a liberdade em nós, quando a estimássemos mais, que o comprimento de ũa tão devida e natural obrigação.

[581] A: dissimulação / B: desestimação

Mas passe a paxão ao que dissemos, que fez Daraja. Quem pode por nome a isto sem infamar o sojeito de que trato[582] como merece! Ou a si de escritor apaixonado e pouco verdadeiro, não escrevendo o que entende e sabe? Finalmente cruezas, desabrimentos esquivanças e desordens[583] nas damas, é na minha opinião ũ ornamento nelas muito necessário, regulado porém de maneira, que nasçam antes de se estimarem a si muito, do que por desprezo à poca estimação alhea, porque como este ato[584] senão possa fazer sem se compararem os sojeitos, na hora em que as cousas chegam a se contrapor e pesar, logo fica na mão o risco de se achar ũ juiz falso e ũa balança mentirosa. Ora se até pera o que não é razão que lhes falte no seu uso, põem de parte a ponderação, [585] e prudência, para embustes mentirosos, para máquinas forçadas, para vinganças sanguinolentas, nascidas de cousas declaradamente falsas, quem lhes pode dar licença, ou quem chamar-lhes damas depois disto? Foram as donzelas e fizeram tão bem o que sua senhora lhe encarregara e com tão boa fortuna, que a primeira tinha apanhado a Dom Duardos quando [248r] menos, se Carmélia antecipadamente o não tivera atalhado e da segunda não poude escapar Albaizar, obrigado pelo modo que temos dito. E ainda que lhe ele não tinha dado inteiro crédito era contudo tão grande o desejo que o levava a Constantinopla, que por ir lá e por entrar no passo com algũ fim, folgou com a ocasião.

Levantou-se ao outro dia[586] para chegar a boa hora. Caminhou com tanta pressa, que às nove da menhã estava dentro da cidade, a vista da qual lhe começou a alterar os humores com tanta força, quanta era a ânsia, que por se ver ali o não desacompanhara nunca depois que se fora dela. Soube logo a donzela que o guiava como o emperador estava na corte continuando ainda o alvoroço em que a donzela o[587] deixara da vinda de Fidélia e dos mais príncepes, que com ela chegaram. Soube também que estava ali Braceliano e avisando de tudo a Albaizar, a ele lhe pareceo, que devia guardar a sua acusação,[588] e desafio, para depois de jantar, assi porque ficava maior o dia para a batalha como para dar algũ alívio ao seu cavalo da pressa com que o fizera caminhar.[589] E assi indo-se a ũa pousada onde se costumavam agasalhar

[582] A: trato / B: trata
[583] A: desordens / B: desdéns
[584] A: este ato / B: isto
[585] A: no seu uso, poem de parte a ponderação / B: convem no seu uso ponderação
[586] A: dia / B: dia cedo
[587] A: a donzela o / B: o ela [a corte]
[588] A: acusação / B: execução
[589] A: caminhar / B: caminhar e tomá-lo ele tambem

cavaleiros andantes esteve nela, metido em suas contemplações e finezas, até que a donzela, que ia e vinha, lhe trouche aviso, que o emperador acabara de jantar e estava em conversação com aqueles príncepes e cavaleiros que comeram [248v] com ele.

Não esperou mais Albaizar em ouvindo aquilo, nem esperava mais a sorte de Barceliano, para dar vingança dele a seus inimigos. E pondo-se a cavalo armado daquelas armas, que Milênia lhe mandara, que eram todas de ũa cor verde muito escura com alguns fogos semeados por elas. E no escudo em campo da mesma cor a figura da esperança entre aqueles mesmos fogos com ũa letra na roupa que dizia **Porque vejo**.[590] Saío de casa com ũ homem dela, que lhe tivesse o cavalo e a lança.

Era ele tão airoso, tão fermoso o cavalo, as armas tão novas e lustrosas, que estando naquele tempo a corte tão bem povoada como temos dito, quando chegou ao terreiro do paço, levava já não pequeno concurso de gente após si. Apeou-se nas escadas sobio acima entrou onde o emperador, acabadas de levantar as mesas estava praticando com alguns daqueles cavaleiros, que tinham os corações menos ocupados, porque havia outros, que o estavam tanto no que viam pelos estrados da emperatriz, que nem falavam com ninguém, nem ouviam o que se lhes dizia.

Deu Albaizar logo com os olhos em Carmélia, que estava falando com Fidélia. E diz Henrique Frusto que foi remédio para que a alteração daquela vista não descobrisse quem ele era, porque como não conhecia aquela senhora e ela tinha os extremos, que dissemos, algum tempo [249r] lhe levou a retificação de suas opiniões antigas. Enfim com passos menos vagarosos, do que ele os soía dar e com palavras mais inquietas, fazendo primeiro sua reverência ao emperador e às princesas, disse para ele, que já estava aguardando que falasse, tendo suspensa a conversação:

— A primeira cousa seja (muito alto e muito poderoso senhor) saber se dá Vossa Majestade licença, para que desafiemos ũ cavaleiro de vossa corte, por certo agravo, que fez a esta donzela (vinha ela pela mão de Albaizar) ficando ela segura em qualquer sucesso que haja e eu seguro também de tudo o que não for o cavaleiro que nomearei logo.

O emperador lhe respondeo:

— Em verdade cavaleiro que me pareceram a mi sempre tão mal os que faziam agravos a donzelas, que se a queixa dessa, que trazeis convosco, fosse verdadeira, vos não

[590] A: vejo / B: veo

ficarei pouco obrigado, castigando em minha casa o que eu pelo não saber não tenho feito. E por aqui vereis quão certa tendes essa licença, que pedis e quão segura a donzela e vós podeis estar, na conformidade do que tendes dito.

Então disse Albaizar:

— O cavaleiro se chama Braceliano, não sei se está nesta casa, porque o não conheço, mas se estiver, faça Vossa Majestade que chegue para diante, ou o mande chamar e à sua vista contaremos dele, o que porventura se crera mal de ninguém.

Estava ali Braceliano falando com Floramão, de quem era [249v] particular amigo. E ouvindo o que o cavaleiro dizia, se levantou logo e chegando-se a ele, lhe disse:

— Eu sou cavaleiro, Braceliano, mão[591] não sei se o por quem vós perguntais, porque desconheço os sinais verdadeiramente, que nem a esta donzela, nem a outra, tenho feito nenhũ agravo, recebido muitos de algũa pode ser que si.

Pôs Albaizar os olhos nele e nada descontente da reposta, nem da pessoa, disse-lhe:

— Todavia conheceis cavaleiro esta donzela?

Não era aquela a criada de Daraja, senão a outra, que ela buscara[592] não conhecida de ninguém, porém tão prática naquelas obras, que começou em o vendo a regar aquela casa com lágrimas.

— Por certo não (lhe respondeo ele) nem ela me deve conhecer a mi, se diz que a tenho desservido, porém folgaria de ouvir o de que se queixa, porventura que acaso me traga à memória o de que agora me não lembro.

— Pois em verdade (disse Albaizar) que não é hora a cousa muito para esquecer.

E porque a coitadinha não podia falar com soluços e lágrimas ele contou ponto por ponto, tudo o que dela tinha ouvido, o que Barceliano e toda a casa escutaram quieta e sossegadamente. E em acabando Albaizar de referir o que atrás fica dito, acrescentou as palavras de seu desafio como os cavaleiros naquele tempo costumavam.

O emperador então postos os olhos em Barceliano, que estava como pasmado do que ouvira, disse-lhe rindo:

— Certamente vos [250r] digo Barceliano, que esta foi a primeira vez que folguei de ouvir dizer tamanhos males de vós, porque me assegura a grandeza deles, do que vossos

[591] A: mão / B: mas
[592] A: ela buscara / B: ela para aquilo buscara

procedimentos me tem assegurado há muito. Ide-vos armar e respondereis no campo a este cavaleiro, que deve de ter pouca culpa em ouvir o que lhe contariam a ele e pouca também em crer de quem não conhece, o que nos tem contado. A donzela está segura, assi por donzela como pela palavra, que lhe dei, mas em verdade que grande cousa é esta.

A sala se inquietou toda, porque Barceliano era bem julgado daquela gente. Entre os cavaleiros e damas começou a haver alvoroço e reboliço de maneira, que fez o emperador sinal de que calassem. Obedecendo Braceliano ao que o emperador lhe tinha dito, sem responder à acusação, que se lhe fizera, mais que com ũ respeito[593] grande, que se lhe via no rosto, argumento claro da inocência do ânimo, se foi armar na sua pousada, acompanhando-o Recindos, Trineo, Arnedos, Dom Floris, Almourol e Primaleão, de que rindo-se Palmeirim de Lacedomônia, disse para Vasperaldo, que lhe ficava mais perto:

— Vedes lá vai todo Portugal junto. Coitado do cavaleiro e mais da donzela.

Ouvio-o el-rei Beroldo e como aquilo era já sobre as cousas passadas e ele tinha tanta parte naquela matéria, respondeo-lhe:

— Para o cavaleiro Senhor Palmeirim, não sei o que bastará, porque não pode homem [250v] julgar a quem não conhece, porém para o que Braceliano basta, pouco tempo há que aqui o vimos todos. E não sei em verdade de que nasça parecerem-vos tão mal as cousas daquela terra, de que eu estou para me enforcar, porque me não acabo de pressuadir, que vai muito nisso.

Era Palmeirim como temos dito, soberbíssimo e queria mal a Dom Floris como também fica apontado e depois que Braceliano o derrubou, ficou tão impaciente, que nenhũa cousa sentia tanto como não ver ocasião com que se revolvesse com eles todos. E ouvindo a Beroldo, querendo-lhe responder conforme aquele humor, Vasperaldo, que o sentio, atalhou depressa dizendo para Beroldo:

— São invejas, que todos temos aos cavaleiros da vossa terra e não creais outra cousa.

Verdadeiramente leu Albaizar no rosto de Braceliano a falsidade com que era acusado e vendo-o ir armar sem que respondesse ao que o emperador tinha dito, disse Albaizar ao emperador:

— Por certo senhor que muito mais folgarei de que me tenham enganado nesta demanda, a que venho, que de ser verdadeira a informação, que me deram, porque uma cousa

[593] A: respeito / B: espírito

ficará em perigo meu que não estimo muito e a outra em discrédito da vossa corte, que me doeria sobre tudo. E porque as armas hão de ser a prova e o juiz desta contenda eu me vou ao campo esperar Braceliano seguro com vossa palavra.

Ao que levantando-se [251r] o emperador em pé para se ir a ver a batalha, lhe disse primeiro:

— Eu vos agradeço cavaleiro o desejo, que mostrais de não se macular a pureza desta casa e queira Deus que vos não custe tanto o desengano dela como agora nos parece que acontecerá, pela boa opinião, que aqui temos uns dos outros.

E despedindo-se Albaizar com aquilo encontrou nas escadas a Braceliano, que descia já armado, acompanhando-o aqueles cavaleiros, que nomeamos. E indo-se todos juntos até a estacada depois que Primaleão e os mais deixaram aos combatentes nela e ũ concurso de povo grandíssimo por fora, que tinha concorrido para ver, tornaram-se às varandas onde seus amigos os esperavam. E os cavaleiros ao som de ũa trombeta remeteram ũ ao outro com as lanças baxas e bem cubertos dos escudos, mas o sucesso diremos no capítulo seguinte.

## Capítulo 77

Do fim que teve aquela batalha e do mais que após isso sucedeu na corte.

Contente andava a fortuna, inquieta estava Daraja, que a tudo tinha sido presente, Albaizar duvidoso da justiça de sua causa, Braceliano enfadado de se lhe levantar tal aleive, a [251v] corte toda suspensa esperando pelo sucesso da batalha, quando os cavaleiros remetendo um ao outro como no capítulo passado vos dizíamos, remataram com aquele primeiro encontro a vingança de Daraja e gosto da fortuna, a opinião de ũ, a vida de outro e a suspensão de todos, porque Milênia, a quem se não escondiam as cousas futuras, zelando a vida e conservação de Albaizar e desejando de mistura o dano e disgosto da casa de Grécia, a todas as cousas, a que se encaminhavam aqueles fins, pronta e deligentemente acodia sempre.

E vendo ir Albaizar guiado de sua paixão e de seus enfados,[594] a Constantinopla e oferecer-se-lhe no caminho aquela ocasião de desafiar Barceliano entendendo que não podia deixar de lhe ser de grande perigo a pouca justiça de sua demanda e conhecendo da pureza e fidalguia de seu ânimo, que não viria em cousa que desdissesse ũ ponto com ela ainda que arriscasse cem vidas, ordenou de lhe mandar ũa lança, cujo ferro fosse temperado de maneira, que por uma vez nenhũa resistência tivesse em matéria algũa. E não querendo que se fosse só lhe parecesse misteriosa e por isso a deixasse, aproveitando-se da falta, que ele levava de armas e de cavalo, mandou-lhe tudo, ou cousa que o parecesse, porque segundo depois se entendeo, nem as armas, nem o cavalo eram mais que ũa aparência vã necessária só para descuidar aquele príncepe tão fino e tão honrado, que julgou Milênia, que convinha [252r] toda aquela indústria, para que ele inocentissimamente se valesse dela.

E assi ao ajuntarem-se aqueles cavaleiros, não somente o ferro fez seu efeito em Braceliano, que caio morto atravessado na lança de seu contrário, mas porque a sua não fizesse algũ dano em Albaizar, lhe arrebataram da mão espíritos medonhos e terríveis, que se viram claramente no ar, porque Daliarte, que vinha a acodir àquele engano, de que soube tarde, não poude chegar a tempo mais que de o fazer patente e assim se vio aquilo e juntamente Albaizar a pé no campo em calças e jubão, airoso e gentil-homem, porém confuso e enleado, no extremo, que aquele caso pedia. Peleijaram no ar os ministros de Milênia, que já

[594] A: enfados / B: fados

se viam descubertos, (os quais queriam socorrer e levar a Albaizar) com os de Daliarte, de quem se acharam, prevenidos e vencidos finalmente.

Acodio logo o mundo todo abaixo acompanhando ao emperador, a quem a novidade do caso e a morte[595] de Braceliano, levaram a autoridade de voo. E para a vida de Albaizar não foi pouco necessário aquilo, ainda que para a da donzela não bastasse, porque o povo indignado da treição daquela morte, sem respeito da palavra do emperador e sem discorrer se tinha ele obrigação ou não, de cumpri-la, queriam vingá-la em quem posto que matador, não era culpado nela, porém enfreando a vista da pessoa de Albaizar, que logo conheceram, desafogaram a paixão na donzela [252v] matando-a e espancando-a, sem lhe poder valer ninguém, no que também não ganhou pouco Daraja, porque ficaram em segredo suas cousas, até que ela morrendo as confessou com clareza. E por acabarmos desta vez com esta mulher diremos (ainda que antecipadamente) que são tão cegos os juízos dos homens, que quando a houveram de julgar pelo que era, o ficou sendo, pelo que não foi nunca, porque ou arrependida de seus excessos, ou medrosa da justa pena deles, deixando as esperanças da coroa, que o juízo de Leopoldo lhe assegurava, meteo-se freira no mosteiro de Santa Sofícia,[596] ganhando opinião de piedosa e de agradecida, porque não havendo alguém que imaginasse, que ela causara a morte de Braceliano, não ficou para[597] que não cressem[598] firmemente que morrer ele fora a causa do que ela tinha feito.

Ora tornando ao emperador e à gente, que o seguia, chegando ao terreiro, achou a donzela morta, Barceliano atravessado na lança, Albaizar quedo e desarmado, olhando para uns e para outros como homem fora de si. Tinham já dito ao emperador quem Albaizar era e assi indo-se a ele lhe disse com algũa alteração:

— Que é isto Albaizar?

— Não vades mais por diante (acodio o mouro) parece treição e é assim porém sou eu tanto mais ofendido nela, que Barceliano, quanto vai da honra, que tenho aventurada, à vida, que ele tem perdida. Sobre isto fazei agora o que vos parecer, que se meus passados procedimentos me não [253r] defendem, bem vejo eu ao que estes de agora (assi tomados como parecem) têm dado ocasião. A donzela está morta contra o seguro, que vós lhe destes.

[595] A: morte / B: dor da morte
[596] A: Sofícia / B: Sofia
[597] A: para / B: pessoa
[598] A: cressem / B: cresse

Vede se vos convém vingar, que eu a mi nenhũa cousa quero que me valha a vida se em algũa houver de ficar maculada a honra.

— Oh como isso é galante (respondeo Dom Floris) especulais contra o que se vê. O emperador fará justiça e lembrar-lho-ei eu, de quem são conhecidas as razões que tenho para o fazer.

Estava Dom Floris tão apaxonado, que não considerou se falava muito, nem se era fora de tempo, mas amigo, parente e vizinho morto à treição, bastantes escusas pareciam, porém não lhas levou em conta o emperador por então, antes virando-se para ele bravamente colérico lhe respondeo:

— Nem eu hei mister quem me lembre que faça justiça, nem vós vos atrevais a falar diante de mi quando vos não mandam, senão mandar-vos-ei cortar esse pescoço com mor facilidade, do que as palavras vos saem por ele.

Foi-se Dom Floris logo dali a sua pousada resoluto, no que diremos e exprimentou daquela vez amigos e cousa[599] são iras de príncepes, porque nem ũ só homem achou que se fosse com ele então, posto que depois o foram buscar alguns. O emperador em acabando de falar com Dom Floris, disse para Albaizar:

— Eu vos dei seguro para vos combaterdes com aquele cavaleiro, que ali está morto e também à donzela que o acusou. Da morte dela me pesa, porque se a merecia, de [253v] outra sorte quisera eu mandar-lha dar, mas não sei já agora o remédio, que isso tenha, pois a fúria do povo, não é pessoa, que se possa castigar, contudo se fará averiguação assi da sua inocência como dos primeiros movedores do reboliço, para se proceder em tudo como for justiça. E quanto a vós, haveis de estar preso enquanto se não prova a vossa inocência pois nos consta da culpa.

Rio-se Albaizar e não respondeo palavra, porém Vasperaldo passando adiante disse ao emperador:

— Que culpa senhor, pode ter Albaizar nesta matéria, para que Vossa Majestade lhe dê ũ tão grande castigo como será prendê-lo? Porque para quem ele é não sei eu outro maior? Nem Vossa Majestade pode duvidar de que ele não tenha culpa se considerar sem paixão o caso e o como sucedeo, porque primeiramente Albaizar não é mágico e o que aqui temos visto são obras de encantamento. Se disserem que a sua instância se ordenaram, a que fim, ou com

[599] A: e cousa / B: e que cousa

que intento havia ele de querê-lo? O valor de Braceliano não podia fazer ter medo a Albaizar e quando haja algũ desatinado que assim o diga, não o poderá ser tanto que não conheça, que se o negócio se guiara, ou fizera em seu favor, que o não deixaram aqui assi desarmado e preso, sendo tão fácil aos autores destas obras o fazê-lo levar e socorrê-lo. Vossa Majestade considere o que faz e veja quão grande príncepe é Albaizar e quão excelente cavaleiro e achará que mais parecem isto máquinas para ofendê-lo, que pervenções para salvá-lo. E sobretudo a palavra de Vossa Majestade não pode receber [254r] interpretação.

Ia Primaleão a responder, que também não estava menos apaxonado que Dom Floris pela morte de Braceliano e pelo disgosto do tio ainda muito mais, mas como nascera do emperador seu avô, calava-se com suas dores. E ouvindo falar a Vasperaldo não só em defensa de Albaizar, mas culpando a Dom Floris, apercebendo-se como digo, para lhe responder, seu pai, que tinha o olho nele, temendo aquilo, lhe mandou que se calasse e se fosse para casa logo sem passar pela de Dom Floris. Ao que lhe ele respondeu, que para se calar naquela ocasião haveria mister pouco,[600] mas para o demais menos,[601] porque ainda que aos respeitos de vassalo do emperador não se acomularam os outros, que concorriam em sua pessoa, não fora ele buscar quem parecia que estava queixoso do emperador, por mais seu parente que fosse. Assi o fez. E Palmeirim de Inglaterra então disse para o emperador:

— Se lhe a Vossa Majestade parecer eu levarei o senhor Albaizar para minha pousada, até que Vossa Majestade resolva o que se deve fazer nesta matéria.

Ao que Albaizar acodio logo antes que lhe ele respondesse dizendo:

— Muita mercê fora essa para mi, senhor Palmeirim, quando Sua Majestade o houvesse assi por bem, mas se isto houver de ser forma, ou sombra de prisão em vossa casa, ou em outra, nenhũ favor quero, senão de meus vassalos.

— Pois eu (respondeo o emperador, a quem ainda não tinha passado a paixão) Em matéria de justiça, não farei favor, nem a meu próprio filho [254v] Florendos.

E voltando as costas, mandou ao seu capitão da guarda, que levasse Albaizar a ũa torre da cidade, porém que nela o servissem como quem ele era. E porque Vasperaldo tornava a pressestir em defendê-lo, o emperador o mandou com pouca mais brandura que Dom Floris e vendo que todavia replicava, fez que o levassem também a outra torre, mostrando-se muito

[600] A: pouco / B: preceito
[601] A: menos / B: não

mais furioso e arrogante, do que era no tempo que se chamava o Cavaleiro da Roca Partida.

Floriano e Palmeirim seu irmão pediram licença para acompanharem o preso, porém não lha quis dar, dizendo-lhe que se queria aconselhar primeiro com eles, acerca da resolução, que se devia tomar com Albaizar.

E levando-os com isto trás si e a todos os mais entrou na sua casa, na qual quis logo detreminar-se no que lhes tinha dito. E fazendo despejar de ventiladas[602] as dúvidas, que se ofereceram a cada ũ dos presentes, assentou-se que se dentro de quinze dias não houvesse alguém, que pedisse a morte de Braceliano, Albaizar fosse livre pela palavra, que o emperador lhe dera, assinando-lhe tempo conveniente em que saísse do império, pois sua vinda a ele não podia deixar de ser em ofensa daquela casa por outras razões, inda que não fossem as da morte de Albaizar digo de Braceliano. Porém que pedindo-se-lhe ele naquele termo por ũ até dous cavaleiros, fosse obrigado Albaizar a dar outros tantos, que respondessem por ele à acusação, [255r] que lhe fosse feita, no prazo, que então se limitaria. E com isto acabando-se o conselho, deram recado ao emperador que estava ali Dom Floris, que lhe queria falar.

Não folgou ele com aquilo porque ia já perdendo a paxão com que lhe falara e conhecendo-lhe o humor temeo que se quisesse perder, o que não podia deixar de sentir, porque verdadeiramente o estimava. Mas dissimulando, mandou que entrasse ele e todos os mais, que tinha mandado despejar. Assi se fez e depois de estar a casa sossegada, Dom Floris chegando-se ao emperador se pôs de joelhos e lhe disse:

— Primeiro que tudo me venho a despedir do vosso serviço, porque quando me houverdes de mandar cortar a cabeça, seja antes como a cavaleiro culpado, que como a criado descomposto. Trás isto Recindos e eu (tinham-se eles concertado já lá fora) com as armas, que os cavaleiros costumamos provaremos, que Albaizar fez treição em matar a Braceliano da maneira que o matou, a quaisquer outros dous cavaleiros, que quiserem defendê-lo. E que[603] Vossa Majestade não somente não tem obrigação de lhe guardar o seguro, que lhe deu, antes a tem de o castigar como a falsificador de sua palavra, tomando-a por instromento para usar da traição que trazia traçada.

E em dizendo isto ele e Recindos, que também se tinha chegado e posto de giolhos, lhe deram cada ũ sua luva com que ficou retificado aquele desafio, do qual nenhũa cousa pesou ao

[602] A: despejar de ventiladas / B: despejar os mancebos propôs a matéria e despois de vintiladas
[603] A: e que / B: porque

emperador, porque toda a sua paixão [255v] contra Albaizar não era[604] tanto pela morte de Braceliano como por lhe parecer, que assi o desafio, que lhe ele fizera como a sua vinda àquela corte era tudo fundado em respeitos de Carmélia e temia que ao longo andar se lhe durasse a vida não poderia deixar de descompor muito a sua casa, porque nem sempre costumavam ser vãos os meios por onde ele negociava e desejava arrancar do mundo aquele escrúpulo. Mas dissimulando o gosto, que tivera do desafio, respondeo a Dom Floris o que adiante referiremos, porque Palmeirim de Lacedomônia antes que o emperador respondesse pondo-se-lhe diante disse o que primeiro que tudo se há de ver.

[604] A: não era / B: era

## Capítulo 78

De como Palmeirim de Lacedomônia aceitou batalha e Vasperaldo foi solto com o mais que sobre isso sucedeo.

Logo que Palmeirim de Lacedomônia vio o que passava entre o emperador e Dom Floris, abraçando aquela ocasião, que desejava tanto, sem algũ outro respeito mais que o de satisfazer aquele apetite, ou ódio, pondo-se em pé, foi-se assentar de joelhos diante do avô como os mais estavam e dando-lhe outra luva lhe disse:

— Eu aceito senhor a batalha com Dom Floris por Albaizar [256r] cuja inocência é tão clara nesta matéria, que me pesa, porque o fica sendo também a ventagem com que eu entrarei no desafio. Se houver alguém, que me queira ajudar contra Recindos, acompanhá-lo-ei e quando não ficando em estado para isso da mesma maneira lhe provarei eu a ele, que se deixou pressuadir levemente de quem o meteu nisto.

— Não vos pese com a ventagem (lhe respondeo Dom Floris) que se o houverdes de haver com ambos eu vos dou minha palavra, que tenhais bem necessidade dela.

Ia Palmeirim a replicar, porém o emperador que de novo tinha sentido estranhamente o que ele fizera, mandando-o calar, respondeo ao que Dom Floris antes dissera e juntamente ao que o neto lhe dizia, desta maneira:

— O desafio, que vós e Recindos tendes feito a Albaizar, tenho aceitado com as luvas, que vos tomei. O despedimento que fazeis de meu serviço não aceito, porque vós não estais nesta casa por meu criado, senão da emperatriz e nem eu lhe sou tão pouco obrigado, que lhe queira tirar um cavaleiro como vós, nem vós sois tão vosso inimigo, que queirais perder a ela.

Após as quais palavras D, Floris, que ainda estava de joelhos lhe disse:

— Bem conheço senhor a mercê e mimo,[605] com que Vossa Majestade me trata e bem também o que devo fazer para cumprir com o a que isso me obriga, porém tenho tão roim natureza, que nunca pude dissimular com o que entendi que convinha a minha honra. [256v] As razões, que eu tinha com Braceliano, são tão claras, quão claro é o modo de que o mataram. Se com tão justificada causa eu disgostei a Vossa Majestade oferecendo-se outra

[605] A: mimo / B: ânimo

como ela, ou[606] me hei de arriscar ao mesmo, ou a perder o ponto de que vivo. Pelo que senhor

Atalhou-lhe o emperador a conclusão, detreminado de levar adiante o que começara, mais por mostrar a Palmeirim que sentia o que ele fizera, que por amores, que tivesse com aquele cavaleiro e disse a Dom Floris:

— Não há pelo que vós por aqui, ou por ali, não vos haveis de desconcertar comigo, porque eu vos quero com todas as condições. E levantai-vos e levantai-vos, que nisto não há mais que falar. Quanto à batalha, que Palmeirim quer fazer por Albaizar, é necessário, que pois ele é acusado, que ele seja o que se comprometa e louve em alguém. E para isso lhe podem levar recado. E parecia-me senhor Floriano[607] que fôsseis vós.

— Irei senhor (respondeo ele) mas beijarei primeiro a mão a Vossa Majestade pela mercê, que nos fez a todos os moradores de sua casa em nos dar de novo a Dom Floris por companheiro nela.

E àquilo mesmo se levantaram também Beroldo, Florendos e Dramosiando. Porém Dom Floris disse manso a Florendos junto do qual estava:

— Parecia-me a mi que devíeis advertir que Palmeirim vosso sobrinho há de fazer comigo ũa batalha, se Albaizar quiser e antes de se saber o em que se detremina, não é razão, que vós me conheçais a mi, que eu [257r] também a esta conta deixo de falar ao emperador na mercê,[608] que me tem feito com a boca mais aberta.

Florendos se deixou ficar assentado, tendo-se por bem aconselhado e tão namorado de Dom Floris como sempre. Os outros dous, que não eram tão obrigados a Palmeirim fizeram o ofício e uns e outros ficaram aguardando a Floramão, que não tardou muito com a reposta de Albaizar, que foi dizer que beijava as mãos ao senhor Palmeirim pela mercê que queria fazer-lhe, porém que não detreminava defender-se do que contra ele se dizia senão ou com a inocência nua, ou com a sua pessoa armada, dando-lhe sua Majestade licença. E que quando não, ordenasse o que fosse servido, porque em nenhũa outra cousa consentiria.

Tornou-se-lhe a replicar, que se não podia fazer o que queria e que lhe davam ũ mês de termo, para que nomeasse quem por ele houvesse de fazer as batalhas. E que não o fazendo se procederia no seu negócio conforme ao crime, por que era acusado. Com aquela resolução

[606] A: ou / B: eu
[607] A: Florianao / B: Floramão
[608] A: na mercê / B: não

pedio Floramão ao emperador, que quisesse mandar outrem. E fazendo-se assi, não só não respondeo a prepósito, mas nem ouvi-la quisera. Do que sendo avisado o emperador, mandou que ũ rei de armas com trombetas e atabales, poblicasse a sentença pela cidade (cerimônias, que naqueles tempos e naqueles casos se costumavam).

E trás isto, recolhendo-se a um aposento o mais interior, meteu ali consigo [257v] somente os dous irmãos Palmeirim e Floriano e lá lhes deu maiores satisfações da prisões de Albaizar e de Vasperaldo, do que eles as esperavam. Mas o emperador era velho e estava já cansado em parte de caminhar sempre pelo mais difícil. E beijando-lhe ambos as mãos, Floriano lhe disse, que se Sua Majestade entendesse que convinha cortar a cabeça a Vasperaldo, que ele mesmo seria o ministro daquela execução, porque o seu serviço e a autoridade da sua pessoa ante ele estavam primeiro que o amor de filho e que todo o outro respeito humano, porém que pois Dom Floris estava não só perdoado, mas rogado, que também seria razão que Sua Majestade mandasse soltar a Vasperaldo, para poder acodir às obrigações, que tinha a Albaizar, que eram tão claras e precisas, que quando Sua Majestade não fosse servido de fazer o que lhe pedia, não poderia ele deixar de pagar por seu filho, o que ele ficara devendo àquele príncepe.

Muito[609] sentio aquilo o emperador, mais por lhe parecer que se tinha abrandado muito que por ver que usavam mal da sua brandura aqueles príncepes. E não querendo, ou não se podendo vencer de todo naquela matéria, respondeo a Floriano, que melhor esperava, que lhe pagasse Miraguarda (com quem vivia de portas adentro) sofrer a seu irmão o em que não tinha culpa, do que lhe ele pagava querer ter preso a Vasperaldo, para que não fizesse aquele oferecimento a ũ homem, a quem tinha satisfeito obrigações e de quem estava por satisfazer os agravos.

— E porque [258r] os mancebos (dizia o emperador) não sabem medir e pesar até onde chegam,[610] cuidava eu que me agradecereis livrá-lo por este caminho de se errar a si e de nos escandelizar a nós, mas pois que o tendes e quereis[611] dessa maneira eu o mandarei soltar logo e ele faça o que lhe parecer, que o que Albaizar fizera se pudera, bem o sei eu.

— Contudo (respondeo Floriano) beijo a mão a Vossa Majestade pela liberdade de meu filho, de quem estou assegurado que saberá pôr em seu lugar obrigações e agravos, para

[609] A: muito / B: a par de morte
[610] A: chegam / B: chegam estas ou aquelas
[611] A: tendes e quereis / B: entendeis

satisfazer ũas e satisfazer-se de outros.

Soltaram-no enfim e ele depois que veio beijar a mão ao emperador, pedindo-lhe licença, se foi à torre onde Albaizar estava e ali depois dos primeiros abraços e pêsames, fazendo-lhes[612] seus ofrecimentos, Albaizar pôs os pés à parede, a não nomear ninguém em sua defensa, sem bastarem para o tirarem daquela opinião, quasi que lágrimas de Vasperaldo, a cujas réplicas ele respondeo, que não havia fazer ato algũ, pelo qual conhecesse[613] judicialmente as leis do emperador, porque ele Albaizar era maior senhor que o emperador e que se não havia sojeitar a elas, que com sua licença[614] se defenderia, se lhe dessem licença, armas e cavalo, porque era cousa natural tornar todo o homem por si e que outrem por ele era isso cousa de riso.[615] Que se o emperador era teimoso, que também ele o era e que se o mandasse degolar, que morreria pela conservação e[616] [258v] autoridade da coroa de Babilônia e dos mais estados seus, que a seu ver não eram menos gloriosa morte, que se lha deram peleijando no campo, antes de maior consolação para ele e de maior obrigação para os próprios seus estados, por cuja honra morria. E que se se dispusessem a vingá-lo, ficariam satisfeitas as cinzas frias e quando não, que também ficariam de terem deixado o reino de vassalos tão infames.

Com tanta paixão e tão bravo dizia isto Albaizar, que não lhe pareceo a Vasperaldo apertá-lo mais por então. E deixando-o com aquele braveza, veio-se imaginando no modo com que o ajudaria, o que detreminava fazer, inda que lhe custasse a própria vida.

Quando o emperador o soube, não lhe pesou, do pouco que arrecadava, nem a outra pessoa algũa, porque era geral o descontentamento, que em todos havia, de verem chegadas as cousas a estado, que se houvessem de matar homens tão parentes, pela vaidade de ũ moço e pela paixão de outro.

Com isto se acabou o dia e recolhendo-se cada ũ a sua pousada, descansaram das perturbações, que nele sentiram, das quais não tinham escapado as princesas, porque divedidas em bandos, tiveram também suas batalhas a seu modo. Valerisa e Gridônia, declaradas contra Albaizar, diziam os diabos dele. E Flérida, ou por aquele pequeno espaço, que teve o anel de

[612] A: fazendo-lhes / B: fazendo-lhe
[613] A: conhecesse / B: reconhecesse
[614] A: licença / B: pessoa
[615] A: outrem por ele era isso cousa de riso / B: em outra não havia que tratar com ele
[616] A: e / B: da

Arquediana na mão, ou porque Vasperaldo tinha [259r] já feito cõmuus[617] as suas obrigações dele, defendia-o delas a unhas e dentes como dizem. Carmélia foi ditosa em lhe prenderem o irmão, porque poude a essa conta mostrar-se apaxonada, sem se lhe entender que o estava por outra causa, se porventura tinha outra aquela paxão, que mostrava. Fidélia só livre daqueles efeitos, ouvia ũas e outras e de quando em quando ajudava a todas. Disse Flérida brava como ũa leoa:

— Prometo que hei de mandar ũa banda a Palmeirim o dia, que entrar na batalha, porque não vi cousa mais bem feita, que a que ele fez em tornar a acudir por ũ príncepe desamparado entre tanto inimigo.

Ao que Valerisa respondeo muito raposa ũa cousa galante e que saío certa, que poucas vezes acontece:

— Em verdade senhora (lhe disse ela) que se não houverdes de fazer esse favor a Palmeirim senão nesse dia, que bem maior inimigo ficará ele sendo de Albaizar, do que o são agora os outros que o acusam, porque o há de engolir Dom Floris logo.

— Por quê? (replicou Flérida)

— Não por isso (tornou Valerisa) senão porque sospeito, que é tão discreto Albaizar, que se há de querer antes encomendar a outros santos, quero dizer aos seus feiticeiros.

— Por minha vida (acodio rindo Fidélia) que se eu fora ele, que não me havia já fiar muito desses amigos, pois o deixaram aqui tanto às boas noutes como vimos.

E Carmélia rindo-se também lhe respondeo:

— Bem parece Fidélia que não tendes [259v] irmãos, pois quando todas estamos neste estado, dizeis graças, cuidando eu que nos ajudaríeis a sentir nossos trabalhos e acreditareis Palmeirim com Valerisa, pois o vistes ir[618] com lança e espada na mão.

— Se vós outras estais doudas, que culpa vos tenho eu? (disse Fidélia) Dai ao diabo Albaizar, que o leve e se quiserdes vá também Dom Floris e lá se avenham uns com os outros e vivamos nós. E quanto a Palmeirim não tem necessidade de meu abono, nem Valerisa duvidará do muito para que ele presta, senão que lhe parece que se tomara antes Albaizar entre sinos samões, que nas suas mãos.

— Palmeirim (disse Gridônia) é meu primo com irmão e Dom Floris irmão de minha

[617] comuns
[618] A: ir / B: já

mai, nem eu me meto agora na opinião de ũ, nem de outro, nem digo a quem desejo a vitória. Mas conformando-me com Valerisa, se Albaizar for tão discreto como ela diz, antes se encomendará a Flérida, que a outrem.

— Com isso acodistes agora? (lhe tornou ela) Ora vos digo que para tardar tanto, que não atinastes bem, porque pela mesma razão de que Albaizar é discreto, se não encomendará a mi, porque sabe que meu irmão tirou daqui quem Deus perdoe e que vosso pai teve cuidado de fazer prender meu primo, por assegurar o senhor vosso tio.

Não quis Fidélia deixar responder Gridônia, antes tomando a mão falou-lhes a todas já de outra maneira e disse-lhes:

— Não me direis senhoras que termos são estes? Que [260r] remoques? E que desautoridades? Os cavaleiros estarão amenhã em pax e acabar-se-ão as cousas mui a gosto de todos com o favor de Deus e vós aqui em batalhas? Não sei verdadeiramente como não cair no que fazeis, nem na pouca razão, que tendes para fazê-lo. Por amor de mi minhas senhoras, que vos não deixeis arrastar assi de ũa paixão, que quanto melhor fundamento tenham tanto mais e melhor se devera rasestir. Não nego eu que não seja a matéria de sentimento, ver morrer ũ cavaleiro como diz que Braceliano era, tão desestradamente. E não também que deixe de doer ver os irmãos presos, os parentes desafiados, pais sentidos, Albaizar com culpas, ou sombras delas, que obrigarão ao emperador executar leis, de que pode resultar uma guerra, tanto mais para temer que a passada, quanto para os mouros será de maior justificação e para os cristãos de maior perigo, pelos tomar ainda com as feridas frescas daqueloutra. Mas tudo isto são dores e respeitos de comum que vos houveram de obrigar a chorá-las ũas e outras e juntamente encomendar a Deus o bom sucesso de tudo mais como mulheres devotas, que ponderando-as como injúrias particulares e querê-las satisfazer como cavaleiros armados. Eu em verdade vos digo que estou como pasmada e que se hei de falar de siso, que me não quisera ter achado aqui, inda que perdera o bem de vos conversar,[619] por vos não ver como não pudera crer [260v] se alguém mo contara.

Com estas,  e com outras razões, que mais lhe deu, as reconciliou.

Enfim Fidélia obrou com o seu entendimento deixando-as sossegadas interior e exteriormente porque como todas tinham bom juízo e aquilo era paixão em que ũas e outras, se não tinham culpa e sabendo-se juntamente que Vasperaldo estava solto e Albaizar

[619] A: conversar / B: conhecer

emperrado em não aceitar os seus comprimentos, nem os de Palmeirim, facilmente se quietaram. Com o que nós sem este cuidado nos passaremos a falar ũ pouco em Daliarte e suas obras.

## Capítulo 79

Do Encantamento que fez o sábio Daliarte sobre o corpo de Braceliano e na pessoa de Albaizar em Constantinopla.

Diz a história que o sábio Daliarte, que quasi nunca perdia o cuidado da casa do emperador entendendo quão solicitamente Milênia procurava ofensas e ruínas suas, trazendo-a em olho para se opor a suas detreminações e máquinas, assegurava-se primeiro das pessoas em que mais lhe ia e disto nasceo passar tanto adiante o perigo de Braceliano, porque como não era dos a quem ele com particularidade vigiava, chegou [261r] o negócio ao termo, que temos contado. E ainda o não sair Albaizar de todo com aquela vitória sem queixa de ninguém, se pode atribuir à batalha que ele teve com Dom Duardos, da qual resultou querer Daliarte saber quem era. E entendendo donde levava a proa, os progressos que poderia haver com sua chegada à corte e o por onde queria guiar suas pertensões antigas. E assi estudando aquela matéria, veio a compreender as traças de Milênia, porém a tempo, que quando lhe quis valer não poude, senão do modo, que vimos. E ficando não pouco magoado, assi da sua tardança como das perturbações, que houve entre o emperador e aqueles cavaleiros e dos disgostos, que entre uns e outros havia e se esperavam, não podendo estorvar de todo as detreminações,[620] não se quis manifestar por então àqueles príncepes, mas não deixando de fazer o que podia para o remédio de todas as cousas presentes, a primeira em que entendeo foi mover interiormente a Albaizar para que se resolvesse no que fez acerca de seus valedores e a metigar a fúria do emperador na parte que lhe foi possível, de maneira que cortando por sua natureza, ficasse quieto com todos os contra quem se tinha irado.

Trás isto obrando coriosa e engenhosamente tomando o corpo de Braceliano (que para ele que só entendia aquele segredo todavia não era morto) e tirando a Albaizar da prisão em que estava, fez sobre eles ũ tal encantamento, [261v] que foi castigo de algũas liviandades dos encantados, maravilha para quem o via, crédito de quem o fizera, testemunha de valor de quem o cometia e pregão glorioso de quem poude acabá-lo. Para o que é de saber, que aquela ilusão, que poude fazer parecer morto a Braceliano, ainda que não poude matá-lo, pudera ser facilmente causa de sua morte enterrando-o seus amigos julgando-o por morto, ou

[620] A: detreminações / B: detriminações do ceo

desfalecendo a natureza no largo andar daquele sono em que estava absorta, se lhe não acodiram com defensivos. E como nem havia quem soubesse fazer estes, nem se cuidava, que aquele corpo os havia já mister, da maneira que dissemos que Milênia o matara, podemos dizer que Daliarte lhe dava a vida, o que se vio ainda aquela noute do dia em que fora a justa. E porque estando vigiando o corpo criados seus e de Dom Floris, para que ao outro dia lhe dessem sepultura com as cerimônias, que naquele tempo se costumavam, tendo Daliarte trabalhado o que bastou para aperfeiçoar a obra começaram a disparar trovões e relâmpagos em tanta cantidade e com tal fúria, que uns dos guardadores, que melhor ânimo tiveram se puseram em salvo e outros desmaiados e esmorecidos, se acharam fora da estacada, onde aquilo era sem saberem o como.

Acordou toda a cidade ao estrondo e o emperador a quem o cuidado das cousas passadas e futuras não deixava repousar em muita quietação, [262r] em se os trovões começando, adevinhando-lhe o ânimo, que lhe levavam a Albaizar, não lhe pesando com isso, levantou-se todavia apressadamente e sem aguardar criados vestio-se como melhor poude com as roupas, que achou mais a mão e tomando ũa espada e ũ escudo, que sempre tinha na câmara em que dormia, saío à outra casa, onde achou já alevantado tudo o que havia nela, porque os ruídos dos trovões, a confusão da gente, a escoridão da noite sobre o que tinha acontecido de dia, não deixou pessoa algũa na cama. E assi uns mais, outros menos depressa, uns mal armados e outros não de todo vestidos, acodiam sem saber aonde com o que as ruas se encheram de gente de maneira, que não havia alguma por onde se pudesse andar sem trabalho grande.

Os príncepes, os reis, do mesmo modo sobressaltados, se foram todos pelas portas de seus aposentos a acodir aonde lhe pareceo, que a necessidade os chamava, porém não vendo por ali cousa para que fossem necessários, tornaram-se a demandar o emperador entre os quais mas mais tarde que todos, foram Dom Floris e Recindos, que como homens magoados de Albaizar, imaginando também como o emperador o que seria, foram-se à torre de sua paixão,[621] e souberam como faltava dela. E vendo como na estacada estava a fonte de todo aquele roído, que se ouvia, querendo ir ver o que era, [262v] de nenhũa maneira lhe foi possível, ou com a força da arte, que tinha ainda cerradas aquelas barras, ou com a multidão

[621] A: paixão / B: prisão

da gente, que só per si impedia o passo a tudo. E informando disto ao emperador, disse[622] para os mais que estavam presentes (não pouco confusos):

— Grande é a ventagem verdadeiramente que Albaizar nos faz, necessidade temos de Daliarte para lhe resestir, segundo vejo, porque de outra maneira perdidos somos todos. E ainda que por todas as rezões que se deixam considerar facilmente a ele lhe não pesou de não chegar a julgar aquela causa, contudo, se mostrou tão bravo e tão colérico, que não ousou ninguém a replicar-lhe palavra, julgando todos que fizera amizade a Albaizar quem lho tirara das mãos.

Já a este tempo tinha cessado de todo o estrondo dos trovões e o fuzilar dos relâmpagos, porém a cerração do fumo crescia de maneira, que não deixava ver-se cousa algũa e assi tornando todos a recolher-se passaram entre o susto do que ouviram e o desejo de amanhecer[623] o que ficava da noite. A qual acabada saío a menhã tão fermosa como esperada e vio-se com ela a ũa parte daquele terreiro, cercado de cadeas em que se faziam as batalhas uma casa de cristal tão clara e transparente como a própria menhã, que a mostrava.

Era no vão de setecentos[624] palmos em quadrado. No meio dela estava ũ trono da mesma matéria, [263r] a que se sobia por dez degraos, que o cercavam em roda. No pavimento deste trono ũa pianha outavada de três palmos de altura e nela ũa cadeira em que se via sentada ũa figura figura do Amor. Ao pé da peanha de ũa parte estava Albaizar postrado com os peitos abertos, mostrando com as mãos ambas a inocência do coração, que se lhe via claro pela rotura delas. Da outra parte estava Braceliano atravessado naquela mesma lança com que o encontraram, postrados ũ e outro como que pediam justiça ao Amor. Nas paredes da casa estavam pintados todos os acontecimentos trágicos, que em matéria de amor se lem nas histórias humanas com tanta propriedade e viveza, que quem se governava pelos olhos, não cuidava que da ferida de Píramo deixava de correr sangue, nem que da harpa de Orfeo estavam quedas as cordas. De fronte da porta daquela casa em distância de quarenta palmos se levantava ũ padrão de quinze, do qual pendia uma tarja com ũas letras gregas, que diziam assi:

Sábio Daliarte do vale escuro autor da presente obra, a quem ele chama Justa balança do Amor avisa que o encantamento dos cavaleiros, que se vem diante do trono, se não pode acabar se não pela mão mais valerosa em armas e mais leal em amores, [263v] e menos valido

[622] A: disse / B: ele disse
[623] A: amanhecer / B: acabar
[624] A: 700 / B: 200

neles, que de presente há no mundo, o que consiste só em tirar a lança com que Braceliano foi atravessado com tão pouca culpa sua como de quem o acometeu com ela, o que verão claramente no seu coração os que chegarem a vê-lo com outros segredos e coriosidades, que ali mostrará o mesmo Daliarte àqueles porém que puderem sobir alguns degraos do trono em satisfação do trabalho, que lhe custará fazê-lo. E avisa mais que nenhũa pessoa, a quem vá bem de amores não sendo casados, se atreva a passar deste padrão, porque segundo a medida de favores que tiver, será o tormento com que se ficará. Os casados poderão entrar todos livremente advertindo segundo[625] a fé, que tiverem guardado chegarão mais ou menos depressa à casa e para sobirem os degraos lhe acontecerá o mesmo e na própria conformidade verão claro[626] aquilo que desejarem. Os cavaleiros namorados e não namorados, regular-se-á a valia que tiverem nas armas e nos amores, pelo que ficarem mais, ou menos perto da cadeira desde o padrão até ela. E aqueles que puderem sobir alguns dos degraos, verão no coração de Albaizar a cousa que mais pena lhes dê em vingança de não terem sabido empregar o valor com que ali foram no serviço do senhor, que naquela casa preside e ficarão então fazendo por ódio, o que por amor não fizeram entendendo-se que os que valerem mais em amor que em armas, terão [264r] sua diferença como se verá.

As damas, que quiserem provar esta aventura, também o poderão fazer, se se atreverem com dous perigos, que correm, ũ é que as piedosas exprimentarão algũas cruezas do Amor e as cruéis as suas piedades. Terrível castigo de ânimos honrados. O outro será se virem passar algũas diante, porque assi como nos cavaleiros o ficar maior, ou menor distância da cadeira, é argumento de maior, ou menor valor nas armas, assi nas damas o será de mais ou menos firmezas,[627] o ficar mais, ou menos longe.

De tudo foi o emperador logo avisado e alegrando-se em extremo daquela aventura assi peli[628] vida de Braceliano como pelo lustre, que dava a sua corte. Também se não contentou pouco de ser a inocência de Albaizar acreditada por Daliarte. Em toda a mais gente houve gosto ou descontentamento dela segundo os respeitos, que cada ũ considerava de que diremos algũa cousa no capítulo seguinte.

---

[625] A: segundo / B: que segundo
[626] A: claro / B: mais ou menos claro
[627] A: firmezas / B: fremosas
[628] A: peli / B: pela

## Capítulo 80

Do que se fez com aquela aventura na corte e o que sucedeo a Leopoldo na prova dela.

Com desusado alvoroço nos que se alvoraçaram e [264v] com não pequenas perturbações nos que a temeram deixou aquela aventura a corte do emperador, porque Vasperaldo, Primaleão, Trineo e alguns outros cavaleiros namorados, que nela havia estimaram-na e festejaram-na como a cousa que melhor lhes podia estar havendo de ser o toque da pureza de seu amor a verdadeira testemunha dele, a que não podia haver dúvida, nem sospeção algũa. E os outros mancebos, que não tinham cuidados, também acharam de que se contentar, porque já pelo menos fariam experiência daquilo para que cada ũ prestava esperando que nem as visões do coração de Albaizar lhes poderiam ser de muita pena, nem deixar de dar glória a melhoria, que cada ũ cuidava, que tinha do outro, quando a vissem todos manisfestamente, mas nisto se enganavam, porque Daliarte tinha prevenido por então que a ninguém fosse aquela diferença clara, querendo escusar disgostos entre eles e assi como cada ũ entrava do padrão por diante, logo os de fora sem nenhũa escuridão, nem perturbação do ar os perdiam de todo de vista. Palmeirim de Inglaterra, seu irmão e os mais cavaleiros de seu tempo, não ficaram fora daquele contentamento, porém era o alvoroço como de bens alheios.

Poucos houve entre tanta multidão a quem fizesse medo a possessão de seus favores, que não era pequeno crédito das damas daquela corte, mas nem destes deixou de haver alguns, nem muitos dos outros, que pelo bem, ou mal público, faziam muito mao rosto àquela aventura, [265r] temendo sem saberem ainda o que Daliarte nisto tinha prevenido que a diferença da melhoria causasse discórdias e desavenças entre aqueles moços, de que nascem divisões e escândalos, que costumam inquietar o mundo, pois não faltam nunca nele uns malancólicos e carregados, que imaginam consestir a prudência em agourar sempre males e ainda nos argumentos dos bens mais infalíveis.

Do emperador diremos já que se alegrara e também as razões, que achara para o fazer. As princesas foram somente as que de nenhũa maneira quiseram ver tal aventura e a que mais enfadada se mostrou foi Valerisa. Não sei que lhe adevinhava o ânimo, que de maneira pregou contra ela, que lhe disse Fidélia:

— Eu Valerisa não estou mui contente com estes passatempos, porque de presente,

nem melhor, nem peor me quisera. E ainda que não cuido que fervedoiros de ninguém podem alterar a quietação alhea no que toca à mudança de vontades, contudo, por isso que vos ouvi, não detremino ir-me ver naquele espelho que Daliarte nos trouche agora aqui.

— Isso é o que eu sinto (lhe respondeo ela) que estes nossos amos não nos ham de querer deixar de[629] levar essa opinião adiante e, se quisermos replicar-lhe, hão de cuidar que tememos as ameaças das letras do padrão.

— E que me dá a mi que o cuidem, (disse Flérida) pois tão bom é ser uma molher tida por cruel como danoso julgarem-na por piedosa.

— Não tenho eu por tão pequeno mal qualquer desses (lhe tornou Valerisa) [265v] que queira algũa confessar que o tem, quanto mais folgar que se lhe saiba.

— Bem está isso (replicou Carmélia) Parece, Valerisa, que estais zombando de nós, porque não é possível que vos pareçam irmãs essas duas cousas.

— Já lhe eu tinha dito isso mesmo (acodio Gridônia) mas ela me respondeo de maneira que só encolher os ombros e levantar as sobrancelhas me ficou para lhe replicar.

— Se trataremos (tornou a dizer Valerisa) de escolher de dous males ũ, claro está que as piedades só em Deus estão em seu lugar, mas o que eu não quisera aventurar é o descuido com que vivo com o qual nenhũ desses efeitos conheci nunca. E quem sabe, Fidélia, que casou nesta mesma casa em que estamos a rainha de Inglaterra com ũ hortelão, nem pode deixar de temer fervedouros para não querer experimentá-los, nem de sentir (não o fazendo) ver arriscado o crédito de seus procedimentos à opinião de quem quiser julgá-lo assi ou assi.

— Valerisa (replicou Fidélia) essas filosofias, são boas para criar meninas, obrigando-as a temer o que não há, para que facilmente se guardem do em que podem cair, porém nós que passamos já dessa idade, não temos para que avaliar as cousas, senão pelo que elas são em si. E porque vós me conheceis a mi menos que a estas senhoras, afirmo-vos que sou[630] molher honrada e que não me parecendo mal esse descuido que dizeis, não me dará nenhũa cousa de que cuidem que deixo de provar a aventura por não trocar em melhor a roim condição que tenho, que é esse perigo que vós receais tanto. [266r] E folgo muito que vos pareçam de temer estes encantamentos, porque com vosso parecer não me obrigara ninguém a desprezá-los.

— Embora (respondeo ela rindo) meçamo-nos cada ũa com seus palmos, que eu antes

[629] A: deixar de / B: deixar
[630] A: sou / B: sois

me atrevo a ser avaliada por néscia, que por cisterna rota.[631]

Festejaram todas o termo e ficou cada ũa com sua opinião, praticando na aventura e acodindo a vê-la das janelas, que para aquela parte caíam o mesmo fizeram os cavaleiros e príncepes, o mesmo todo o povo da cidade.

E assi se passou aquele dia sem haver lugar mais, que para se considerar a fábrica daquela casa, que se via tão claramente de junto ao padrão, pela limpeza da matéria dela, que não havia quem não tivesse lástima de Braceliano, nem a quem deixasse de ser patente a inocência de Albaizar, não porque se divisasse do coração, que mostrava, mais que ter ele os peitos abertos com ambas as mãos, postas de maneira como que pedia que o vissem.

E posto que Daliarte naquela obra não tratou de visões medonhas, nem de medos extraordinários e espantosos, deixando tudo com serenidade e brandura ao parecer, todavia, interiormente dava o castigo como o atrevimento de cada ũ merecia, o que se começou logo a ver no outro dia, no qual Leopoldo, que andava escandelizado da vida, que Daraja escolhera, pela causa, que todos imaginavam, tendo-se a si pelo mais desvalido homem do mundo, pois lhe não [266v] bastava para enxugar as lágrimas a[632] falta de Braceliano.[633] E por outra parte sabendo o quanto amava e o que nas armas valia, claramente entendeo, que só com ele falavam as letras do padrão de Daliarte e assim quis ser o primeiro que o passasse armado.

Tinham todos os cavaleiros havido licença já do emperador para provarem a aventura e nesta conformidade em ele acabando de jantar, armando-se muitos foram-se ao terreiro, onde Leopoldo já estava. E vendo que o emperador emperatriz, princesas e príncepes estavam nos seus lugares para verem as batalhas, que naquela praça se faziam, não se querendo encomendar a seus cuidados, imaginando que os disfavores eram a melhor prevenção para aquele perigo, que toda a outra cousa, batendo as pernas ao cavalo, passou pelo padrão adiante, e no mesmo ponto, que entrou no sítio defendido, ficou não visto de todos os que estavam com os olhos nele, não se alterando, conforme o que fica dito, de nenhũa maneira o ar, que fazia muito maior aquela maravilha e novidade.

Isto aconteceo aos de fora e a ele a poucos passos, que entrou do padrão para dentro, lhe pareceo (e assim foi) que o arrancaram da cela e que lhe diziam, que em companhia de brutos não se penetravam os mistérios do Amor. E saindo o cavalo fora do padrão onde podia

[631] A: rota / B: rota, ou sã das ágoas que correm para ela.
[632] A: a / B: que a
[633] A: Braceliano / B: Braciliano causara

ser visto, deixou seu dono aonde o não viam e acabou de acreditar de todo aqueles segredos com a gente, que os via e tinha [267r] deixado de ver.

Leopoldo com a espada na mão e embraçado o escudo, caminhou a pé para aquela casa com grande dificuldade, porque sem ver de donde, ou quem, se sentia ferir e empuxar para trás de maneira, que cada golpe que lhe davam e cada mão, que lhe punham, lhe enchia a alma de ũa tristeza tão grande, que lhe parecia que de todo ficava inábil, sem ânimo, nem força, porém como nele eram estas cousas estremadas, ao cabo de grande porfia e detença, poude chegar à porta daquela casa, onde dobrando-se-lhe o trabalho entrou finalmente dentro e ficou livre de toda aquela moléstia interior, que sentia.

Cuidou que de todo tinha acabado a aventura. E querendo sobir pelos degraos a tirar a lança de Braceliano, reparando primeiro no que fazia, disse consigo mesmo:

— Ora todavia, não pode ninguém tirar a Daliarte a palma desta ciência, pois alcançou tão inteiramente a força de meu desvalimento,dando-lhe a ele tão[634] justa causa e[635] do fim desta aventura. Porque qual outro pode ser maior no mundo, que chegar eu a tirar a lança a Braceliano, para que se meta por mi?

E como isto disse subio levemente o primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto e sétimo degrao, porém dali por mais que trabalhou, sem forças, que lhe alguém fizesse, nem tristeza que sentisse, não poude subir mais. E desenganado por lhe saírem em vão as deligências, que fazia, do engano que passava, pondo [267v] dali os olhos no Amor lhe disse:

— Dos disfavores em que segundo vejo, outrem me faz já tanta ventagem, não quero saber nada, pois enfim, Amor, são mistérios vossos, que comunicareis aos mais mimosos, porém dos favores a cuja causa eu tenho perdido o lugar, folgara que me disséreis, porque eu para mi nunca conheci senão desprezos próprios e estimações alheas.[636]

No fim das quais palavras, aquela figura com quem ele falava lhe apontou com o dedo o coração de Albaizar em que Leopoldo tanto que pôs os olhos, a primeira cousa que se lhe representou claramente (e era o que todos viam) foi a treição com que Braceliano fora acusado e logo o como Milênia enganara a Albaizar com as armas e lança, que lhe mandara. Trás isto vio naquele próprio lugar Fidélia contente e risonha com ũ cavaleiro pela mão, a quem não conheceo por ter o rosto cuberto e por outra parte que Daraja entre alguns cavaleiros que a

[634] A: tão / B: com tão
[635] A: e / B: a
[636] A: alheas / B: alheas muito maiores males ainda que os primeiros

seguiam e ũ pastor, que a deixava, o não olhava a ele com maos olhos. E atravessando-lhe então o coração[637] de ver Fidélia de outrem e assi de se ver bem visto de Daraja àquelas horas, não lhe parecendo que o era até então, querendo dizer heregias contra Amor, se achou a longo do padrão pela parte, que olhava a cidade, visto e considerado de toda a gente, que com ele fizeram novos alvoroços como no capítulo precedente vos diremos. [268r]

[637] A: o coração / B: o coração o sintimento

## Capítulo 81

Do que aconteceo a Palmeirim de Lacedomônia e a outros cavaleiros na prova daquela aventura.

A tardança de Leopoldo, a serenidade do ar e o não ser visto em maneira alguma daqueles, a quem parecia, que do lugar em que estavam, viam tudo o que se via antes que eles entrassem[638] no sítio defendido, os tinha tão admirados a todos, quão novo era o modo daquele encantamento para eles. O emperador disse para Palmeirim seu sobrinho:

— Digo-vos verdadeiramente que agora acabo de me pressuadir, que são isto obras de vosso irmão, porque com alguma imaginaçãozinha estava, de que poderia querer enganar-nos com seu nome, quem sempre estuda a nos fazer pesares, mas parece-se isto tanto com a fidalguia de seu entendimento, que só ele pudera fazê-lo.

— Novas cousas são as que vemos (lhe respondeo o sobrinho) mas até o cabo não o gabemos muito, porque já ele nos aqui fez algũas carrancas não pequenas.

Praticando estavam uns e outros naquilo, quando Leopoldo apareceo com grande dor sua e contentamento dos que o viam e recolheram entre si, que foram aqueles cavaleiros seus amigos que ali estavam e outros muitos.

Mandou-o chamar logo o emperador para se informar dele como testemunha [268v] de mais perto, dos segredos e mistérios, que lá achara e ordenou que sem ele fazer sinal, não provasse ninguém a aventura.

Foi Leopoldo e contou-lhe como o derrubaram do cavalo como lhe impediam o caminho até chegar à casa, a dificuldade com que entrara nela e como não pudera sobir mais de sete degraos do trono. Que dali vira no coração de Albaizar a pouca culpa que tivera na ferida de Braceliano e a pouca que o mesmo Braceliano tinha naquilo por que fora acusado e outras cousas que não podia dizer, nem tomara ter visto a troco de não ter olhos.

Mandou-o o emperador logo à emperatriz com a mor festa do mundo, porque como aqueles perigos eram interiores, deleitavam a quem os via sem nota de crueldade, porque não está obrigado[639] a crer suspiros, de que não é causa.

---

[638] A: eles entrassem / B: ele entrasse
[639] A: obrigado / B: obrigado ninguém

Referio Leopoldo à emperatriz e princesas, o que tinha contado ao emperador e ela lhe respondeo depois de o ter ouvido:

— Inda agora Leopoldo, não podemos julgar se essa vossa tristeza é pena de descuidado, se castigo de valido. Veremos a diferença dos outros e então me detreminarei no como havemos de sentir vossos males. E entretanto guardai bem vossos segredos, que os dessa calidade em mais se vem às vezes que na língoa.

Aquilo lhe disse a emperatriz, porque o pobre homem não podia apartar os olhos de Fidélia, [269r] com mostras tão claras de indignação grande, que não ficou na casa quem não julgasse, que devia ele vir lutando com algum bem trabalhoso pensamento.

E despedindo-o, tornou-se a ver o que sucedia a Palmeirim de Lacedomônia, a quem o emperador fez sinal, que entrasse, porque fora o primeiro que chegara após Leopoldo.

Fê-lo ele. E porque lhe não bastou ver sair o cavalo de Leopoldo para deixar o seu, não caminhou muito do padrão adiante, sem lhe acontecer o mesmo que ao outro com o cavalo, que logo saío fora. Levantou o povo ũa grande grita dizendo:

— Parece que é Bracileno o que lá justa.

Com pouco mais trabalho poude Palmeirim (que em extremo era cavaleiro[640]) chegar, aonde Leopoldo, porém o com que veio foi muito desigual, porque achou que sentir até naquelas cousas, de que todos se alegravam, que era a clareza da inocência de Albaizar,[641] a quem ele desejava maiores culpas ainda para o defender delas.

Depois disto para que se consolasse, não se contentou o Amor, trás lhe ter tirado cruelmente dos olhos a Valerisa, que lhe ali mostrou, de que a visse ele com outrem pela mão emboçado como a Leopoldo fizera, senão, quis que fosse Dom Floris, o homem, a quem maior mal queria e que o conhecesse clara e destintamente. E antes que passemos adiante, advirta-se aqui, que como aquelas aparições eram[642] para magoar mais,[643] que nem por isso se cuide, que tinham [269v] mais de certas, que serem causas daquelas mágoas, de maneira que se Palmeirim odiara a qualquer outro homem mais que a Dom Floris, porventura, que aquele fora o que lhe mostrara em companhia daquela princesa, que tão bem lhe tinha parecido.

E tornando a continuar com Palmeirim, quem poderá explicar a dor, a paixão, a cólera,

---

[640] A: que em extremo era cavaleiro / B: que enfim era extremado cavaleiro
[641] A: Albaizar / B: Braciliano
[642] A: eram / B: eram só
[643] A: mais / B: mais a quem as via

a fúria em que entrou este triste mancebo, contra Dom Floris, tanto que vio aquilo, contra a Fortuna e contra o Amor? E não sei se contra Valerisa juntamente. Porém tornando sobre si dizia:

— Ai Amor, que é isto que vejo? Que sejam estas cousas encantamento quando vos dão gosto e revelações verdadeiras quando matam? Eu este sou, mas Valerisa como pode ser aquela? E se o não é, que aflição é logo a minha e que efeitos são estes, que desconheço tanto? Mas que temo eu? Mentiras são tudo, sombras vãs expluções[644] fantásticas. E se não vejamos as letras do padrão, que elas nos falarão verdade. Dizem elas[645] que se guarda o fim desta aventura para o mais desvalido em amores. Pois se assim é como não posso eu passar deste lugar em que estou a tirar a lança àquele homem? Que pecados meus me têm trazido a esta terra? Mas, coitado de mi, que não sei o que digo, nem vejo como me encontro em quanto falo. Digo que é tudo mentira e entretanto[646] aqui sem conhecer Amor, queixo-me de não ver satisfeito o meu com igoais extremos, aos que eu sinto. Verdades [270r] são isto Palmeirim e não ficções. Verdadeiro é o Amor senhora Valerisa e verdadeiro também o ódio dessa vossa companhia, que antes quero que o seja ver-vos sua, que deixar eu de me ver vosso, porém dar-me-eis licença para que vingue nesse traidor a treição com que vos deve obrigar, que impossível é que vosso pai tal consentisse, impossível também que sem seu gosto pudesse ele aspirar, sem infãmia de suas obrigações, ao que lhe asseguraria boa fortuna própria e desaventura alhea.

E em dizendo isto, vendo que era trabalho vão querer sobir mais, querendo tirar a Dom Floris com ũa adaga, que tinha na cinta, sem respeitar o perigo da vida, que corria a companhia errou o tiro, porque quando cuidou que o fazia, se achou no padrão pela parte de fora, tão confuso e triste, que sem querer falar com ninguém se foi a sua pousada, onde recolhido e fechado começou a sentir cuidados novos, que o atormentavam. Com que[647] não eram de todo vãs aquelas cousas, que vira, porém tais foram as que resultaram daquela queixa, que se as houvéssemos de dizer agora, não ficara lugar para continuarmos com a prova da aventura, que temos entre mãos, na qual se provaram logo muitos cavaleiros da cidade e alguns estrangeiros, que também se acharam nela àquele tempo.

---

[644] A: expluções / B: e ilusões
[645] A: vejamos as letras do padrão, que elas nos falarão verdade. Dizem elas / B: vejamos se as letras do padrão falam verdade, não dizem elas
[646] A: entre tanto / B: entrando
[647] A: com que / B: que

E tais houve que eles juntamente e os cavalos, foram lançados fora do sítio. Tais que por lhe ir bem de amores, [270v] desprezando o aviso, que os admoestava, ficaram por aquela distância, que havia do padrão até a casa, segundo o lugar, a que puderam chegar, abrasados em ũa chama, que se levantou sobre eles, rodeando-os todos, queixando-se lastimosamente da pena, que cada ũ sentia à medida dos gostos, que tivera, até que a quentura se acabou. E de maneira lastimavam a gente os gritos dos queixosos, ao menos de noite, que se eles ouviam mais claros, que ficaram entendendo todos, que ou Daliarte era invejoso, ou que não fora nunca namorado.

Já estes sucessos fizeram entrar com mais cuidado na prova da aventura a todos examinando cada ũ melhor a sua consciência e assi se acabou aquele dia sem mais provas.

Ao outro dia Recindos, Arnedos, Frenélio, Ardimão, Belcar, cada ũ per si se aventuraram aos perigos do encantamento. Todos entraram na casa, mas só Ardimão chegou ao sexto degrao e os outros pararam no quarto. Todos saíram namorados e contemplativos, cada ũ tinha bem de quê, porém de Ardimão se pode haver mor lástima com quem parece que se desenfadava Amor e Fortuna como veremos logo no objeto que lhe mostraram e a quem quiseram que viesse afeiçoado.

Belcar o saío a uma filha daquele embaxador, que fora a Boêmia, que servia a Gridônia, [271r] chamada Mitilde,[648] muito moça e muito bem parecida. Frenélio a Sigismunda, filha de Dom Rosirão de Labrunda, que viera com a princesa Polinarda e ficara com Flérida.

A Arnedos lhe mostraram ũa filha d'el-rei de Sicília, irmã de Filisarte, rei de Nápoles, que ele não tinha visto e por quem padeceo grandes trabalhos como em seu lugar diremos. Chamava-se esta princesa Orfília[649] e era merecedora em tudo das finezas que por ela se fizeram.

Também Recindos vio o que dali a grão tempo não poude ver, nem ficou com mais conhecimento que do rigor com que o atromentava aquele cuidado.

Ardimão ficou perdido por Miraguarda, que era ũa molher que a qualquer pequeno aceno acodia logo. Dava muito que rir a toda a corte o silêncio, a confusão, a nova cor do rosto, a desusada compostura da pessoa em que aparecia.[650]

---

[648] A: Mitilde / B: Vilênia
[649] A: Orfilia / B: emPhylia
[650] A: aparecia / B: aparecia qualquer daqueles cavaleiros que provavam aventura

E porque depois que saíram os que nomeamos ficava inda tempo, Trineo, fazendo-lhe o emperador sinal, entrou tão confiado do padrão para diante como o fazia ser o amor que tinha a Gridônia e os poucos favores que dela exprimentara sempre. E assi foi grande a diferença que sentio, porque sem repugnância algũa poude chegar sem[651] entrar pela porta daquela casa, tendo todavia perdido o cavalo como os mais e foi posto no terceiro degrao, que era o lugar aonde sua bondade nas armas tinha o seu limite, porém como o [271v] Amor era maior então se começaram a ver as diferenças e previlégios, que atrás dissemos, porque descendo-se da cadeira aquela figura do trono e tomando-o pela mão, sobio mais três degraos acima e deixando-o ali cheio de uma glória grande, tornou-se ao seu lugar.

Olhou Trineo para Albaizar e após ver as primeiras cousas, representou-se-lhe logo a princesa Gridônia, tão fermosa como ela era e olhando-o com tão bons olhos e tão alegremente, que bem tomara ele não se sair daquela casa nunca. Da qual enfim depois de lhe dizer seus requebros e branduras, se achou fora com ũa capela na cabeça de flores fermosas e cheirosas em todo o extremo, que de novo foi argumento de maravilhas novas aos espectantes.

Levou ele a capela logo à emperatriz e ela lhe respondeo, que a estimava, tanto por lhe ser prova do mal que lhe pagavam em sua casa amor tão grande como pela fermosura e cheiro daquelas flores.

Correo a capela de mão em mão por todas as princesas e damas. E deixando, segundo se pode crer, invejosas a muitas a Gridônia somente deixou tão obrigada, que hei medo, que se Trineo tornara a provar a aventura, que ou a perdera levando-a, ou se murcharam as flores se a não levara.

Almourol e Pavorante, quiseram exprimentar também se penetravam as setas do minino Amor, os peitos dos gigantes e conheceram com seu dano, que contra Amor não val elmo, nem escudo, [272r] porque passando pela dificuldade dos mais, chegou Almourol ao sexto degrao e vendo dali a Silana, filha de Silvião e irmã de Trigônio, que andava no paço, ficou-lhe tão afeiçoado como lhe ela pareceo que o estava pouco dele. E achando-se no cabo fora com este mesmo[652] cuidado, foi passando confuso e triste, lá a seu modo.

Pavorante do outavo degrao em que parou, vio a Misília[653] filha de Dragonalte e Arnalta reis de Navarra, que foi tão fermosa como a mai e menos agradecida que ela. E ficou-

[651] A: sem / B: e
[652] A: mesmo / B: novo
[653] A: Misília / B: Masília

lhe tão entregue como logo enxergaram nas mostras exteriores os que o viram sair e nós veremos em tudo na terceira parte desta história. E porque com as provas destes cavaleiros o dia se acabou de todo, recolheram-se o emperador e a emperatriz com novos alvoroços, para verem o que no outro dia sucedia.

## Capítulo 82

Do que mais aconteceo a outros cavaleiros, que provaram a aventura.

Madrugaram para as provas daquele dia o emperador e toda a corte juntamente. E querendo ele aproveitar-se dos previlégios de casado, detreminou de ver aquela menhã aqueles mistérios, para que ficasse a tarde livre aos [272v] homens, a quem eles eram mais próprios. E dizendo-o assi aos que o acompanhavam, lhe respondeo Floriano:

— Pesar do diabo senhor não nos dissera Vossa Majestade isso ontem, confessara-me eu hoje, ou fizera-me doente pelo menos?

— Não tendes para que (lhe respondeo o tio) que vossas cousas são tão públicas a todos, que nem nós, nem a senhora rainha vossa molher nos encandelizaremos de mal que vos aconteça.

Provaram-se todos enfim e não achando alguns deles resistência alguma no caminho, todavia no sobir dos degraos e na satisfação da fé com que tinham amado, suas diferenças houve, porque de todos os que o fizeram, só o emperador, Palmeirim de Inglaterra e o príncepe Florendos troucheram capelas.

Sobiram os dous primeiros todos os degraos, até as receberem da mão do Amor. E a Florendos lha levou o Amor ao outavo degrao em que tinha parado.

Floriano, que também chegou acima, voltou dali contente da alegria que vira no rosto da rainha sua molher e contente também de que ficasse claro com aquela sua experiência a todos, que o não as ter feito grandes na aventura da sua copa, nascera de a não ter visto até então a ela.

Dramosiando, Beroldo e Platir, foram também premiados, dando-lhes o Amor a cada ũ ramilhetes das mesmas flores, de que as capelas dos mais eram compostas.

Platir e Beroldo não passaram do quinto degrao, porém [273r] Dramosiando do nono levantou ũ pé para passar ao último, mas com ele no ar se ficara ali, se o Amor lhe não acodira logo levando-o aonde lhe mostrou o que ele mais desejava. Contudo assi as suas flores como as dos outros, ora fossem de capelas, ora de ramilhetes, tanto que eles saíram do sítio para fora, não só se murcharam, mas desapareceram de todo, não acontecendo assi às de Trineo e dos mais cavaleiros de seu tempo, que as mereceram.

Deixou aquele acontecimento grande matéria de conversação entre eles, porque Floriano levantava ao irmão que estava corrido e o outro queria que fosse[654] melhor não o estar ele. E a Miraguarda[655] também lhes não faltou que dissessem. Tinha-se finalmente passado já para os daquele tempo o tempo daquelas cousas.

Não se esquecia ninguém de Floramão à vista delas, porém ele que também não tinha esquecido ainda nem seus antigos cuidados, nem o disgosto com que o deixara não ter acabado a aventura da copa da rainha de Trácia, não se queria embaraçar naquela, mas de maneira o obrigaram as princesas moças, que enfim houve de ir.

Não podia ele acabar a aventura conforme as letras do padrão, mas poude merecer as maiores diferenças do Amor, no a que se estenderam os seus poderes, que ninguém outrem alcançou, porque em entrando do padrão por diante começou a soar ũa música que todos [273v] ouviam a mais suave e deleitosa cousa, que nunca algũ deles ouvira. Entre ela foi levado aquele cavaleiro até entrar pela porta da casa onde ficou patente aos olhos de todos, os que até então o não viam. E em chegando a sobir do quinto degrao, viram também como descendo o Amor daquele trono em que estava, o levava pela mão à sua cadeira, onde o fazia sentar e adorar aqueles[656] vultos e pinturas, que na casa havia, as quais para o fazerem como se foram vivas deixavam alegremente o lugar que na parede tinham e se lhe postravam.

Dali esteve vendo Floramão não só a figura da sua Altea no coração de Albaizar mas toda a história de seus amores em ũ painel daquela casa retratada com cores tão vivas, que matavam com compaxão as gentes, que depois chegaram a vê-las. E tendo gastado assi um espaço, não cessando nunca a música, nem ele deixando de ser visto dos de fora, tornou-se a furtar a seus olhos por ũ breve termo, no cabo do qual o tornaram a ver junto ao padrão coroado de jasmins negros, porém duráveis.

Com extraordinária festa foi Floramão recebido dos cavaleiros e damas e extraordinária cousa era também, que sendo tão grandes os mimos e favores, que lhe viram fazer, nem havia alguém que o invejasse, nem ele via a quem não tivesse inveja. Dos namorados digo, porque estes antes queriam perder aqueles benefícios e retribuições de suas finezas, que ver perdida a vida, [274r] de quem amavam. E Floramão a troco de que vivera,[657]

[654] A: fosse / B: não fosse
[655] A: e a Miraguarda / B: à emperatriz e a Miraguarda
[656] A: aqueles / B: de todos aqueles
[657] A: vivera / B: lhe Altea vivera

não se lhe dera nada de não ter mostrado ao mundo,[658] o como sentira perdê-la, que eram os merecimentos em que aqueles favores assentavam.

Queria o emperador, que a emperatriz e aquelas senhoras provassem a aventura, porém elas o recusaram todas por então com a desculpa do descuido com que se tinham toucado.

Chegou-se entretanto a hora de comer e foi-se o emperador para a mesa e depois de passada assi ela como as ordinárias de repouso, indo-se a sua janela, vio que Polendos entrando por aquele sítio descuidado e livre, saío dali a pouco muito ao contrário, porque depois de ter passado animosamente pelas dificuldades, que se lhe ofereceram no caminho entrado na casa e parado no quarto degrao, o amor lhe mostrou a Enáclia em forte hora para Ludínio. E penhorando-o daquele parecer tanto como era razão e desconfiando-o juntamente da reciprocação, que ele desejava, mandou-o no estado dos mais.

Após ele entraram aquela tarde Vasperaldo, Primaleão e Dom Floris. Os dous com júbilos e contentamento grande, o outro com dificuldade e repugnância notável. Do nono degrao levou o Amor a Vasperaldo ao coração de Albaizar, onde a boa sombra de Flérida, que o via,[659] o fez descuidar do amigo encantado, onde a estava vendo. E enfim com outra [274v] capela como a de Trineo com[660] a qual alegrou a sua senhora e envergonhou seu pai, a quem o emperador disse:

— Que vos parece de como vem gentil-homem vosso filho?

— Parece-me senhor (lhe respondeo ele) que vio os barrancos em que eu caí e que se quis desviar deles. Inveja lhe tenho agora, queira Deus que ma não tenha ele depois.

— Para vosso filho já tarda (disse Dramosiando)

— Tendes razão (lhe disse Floriano) porque nenhũ filho se contenta em tudo da arte de seu pai e por isso Pavorante não trouxe nem capela, nem ramilhete.

E porque àquele próprio tempo entrava Primaleão do padrão adiante, suspendendo-se as práticas ficaram aguardando por grandes novidades, porque do valor de sua pessoa havia grandes provas e do amor de sua alma grandes sospeitas. E não foram eles sós os a quem aquela entrada deu cuidado, que não se pode negar, o que acompanhava a Fidélia. E foi ditoso este cavaleiro em ela o ter em segredo, porque hei medo que se Amor o soubera, lhe não fizera o gasalhado com que o aguardava, que ainda que não foi tão bom como o de Floramão, foi

[658] A: nada de não ter mostrado ao mundo / B: nada
[659] A: o via / B: via
[660] A: Trineo com / B: Trineo se achou fora com

todavia melhor, que o de Vasperaldo, porque verdadeiramente Primaleão amava mais que ele, porque cuidava muito que não merecia, mais por perfeições alheas, que por defeitos próprios. Com ũa queixa me deixou contudo ũ mimo que Amor lhe fez e foi ir a recebê-lo antes que começasse a sobir pelos degraos de seu trono com o que nos ficou escuro a cantidade dos que sobiria, [275r] ainda que era Primaleão tão excelente cavaleiro, que pouca dúvida se pode ter nisto.

Chegou ele enfim a Albaizar, que lhe mostrou liberalmente tudo quanto Fidélia lhe escondia. Ali vio as primeiras dores que lhe ela causara.[661] Ali as ânsias mortais daquela mortal tormenta em que a vira. Ali as desperações em que a falta da sua nao o metera. Ali a força, que suas cousas fizeram a Daraja. Ali a verdade com que a mesma Daraja lhe falara. Ali finalmente o nenhũ caso que ele daquela verdade então fizera. E cada acontecimento destes, que quando sucedera lhe trespassara a alma, naquela parte onde os agora estava vendo, lhe era motivo de tão extraordinário contentamento e glória, que não o deixava aquele gosto com mais sentido, que o que era necessário para sentir o que tinha.

Não podia durar aquilo muito, que enfim não era Fidélia realmente quem lho comunicava e assi no cabo de algum espaço foi Primaleão visto com a sua capela na cabeça tão fresca e tão cheirosa, que ficou clara a diferença do amor com que se merecera, na diferença que ela fazia naquilo, às mais que até então se tinham visto. Bem desejou de lha pedir Pleonido, mas não se atreveo e ficou sendo a emperatriz depositária dela como das mais tinha sido. O emperador abraçou o neto, todos o festejaram e Beroldo lhe disse:

— Agora vereis senhor Primaleão o que ganhastes em ser português, que nestas [275v] matérias, só eles se aventajam tanto.

Ao que Fidélia (de quem não ousamos dizer o que sentia) disse manso para Gridônia:

— Não cuidava eu mana, que lhe vinha a vosso irmão aquela boa parte de filho de vossa mai, mas já agora entenderei que o amor se pode dissimular.

Não sei o que Gridônia sospeitava e[662] com toda a sua molura respondeo-lhe:

— Bem folgara eu que vós tivéreis já entendido isso, mas contentar-me-ei com que o entendais daqui por diante.

E porque Dom Floris ia para o terreiro, deixadas aquelas cousas, afogadas entre riso e

[661] A: causara / B: fora causa
[662] A: e / B: porque

dissimulações, aplicaram-se a ver o que lhe sucedia com grande prontidão, porque nem ele era tido por namorado, nem por homem, que se entregaria facilmente. E o que foi diremos em capítulo novo.

## Capítulo 83

De como Dom Floris provou aquela aventura.

Valente, gentil-homem e airoso, ia Dom Floris a entrar naquele perigo, porém porque sua liberdade estava nele em tão perfeito grao como todas as outras cousas juntas, lhe foi ali peor, que a todos, os que o tinham provado, porque o Amor raivoso de que ‘té então lhe andasse rebelde ũ tão excelente sojeito, guardando-lha para aquela hora, fez com que lhe pagasse o novo e o velho, [276r] como dizem. E assi sem que lhe valesse para o mitigar ũa prevenção, que tinha imaginado, que foi o deixar o cavalo vendo que todos o perdiam e entrar a pé em reverência daqueles mistérios, tanto que o começou a fazer, tomaram-no sem ele ver quem e sem que se pudesse defender, o puseram da parte de fora com ũas letras escritas no escudo, que diziam:

*Ainda que é verdade que com ajuda de brutos, se não podem penetrar secretos de amor, não vos tendo ninguém avisado disto, só porque não cuideis que sabeis mais que os outros, não entrareis cá senão do modo que todos o fizeram.*

Esteve Dom Floris um pouco entre corrido e raivoso daquele primeiro desastre e não deixou de lhe passar pela fantesia o não se querer arriscar mais a outros, para o que se lhe ofereciam razões não pouco forçosas, mas porque estava já ali tendo lidas as letras do seu escudo, de que logo levaram novas acima, deixando com não pequena festa aos que melhor lhe conheciam a natureza, tomando o cavalo disse rindo:

— Parece que se deleita Daliarte de nos ver cair! E é forte cousa que queira homem desenfadar ninguém tanto a sua custa.

Assi foi que ele perdeo o cavalo com ũa queda, que lhe pareceo, que todos os ossos se lhe quebravam. E ainda não se tinha bem alevantado dela, quando foi acometido de ũa grande [276v] multidão de cavaleiros armados, que se lhe mostraram patentemente (com os quais peleijou e porfiou muito) que foi grande perda não o verem de fora, se bem não deixavam de sentir a fúria dos golpes com grande espanto[663] dos ouvintes.

A cabo enfim de ũ bom espaço, desbaratando tudo o que o impedia se achou junto à porta e vio que entre as ombreiras dela estava para lhe defender a entrada, não exércitos de

[663] A: espanto / B: espírito

cavaleiros armados, não gigantes de cataduras medonhas, não feras espantosas, nem monstros horrendos, senão um pequeno bogio, fazendo-lhe caras. E bastou, que foi o peor, para o entreter sem que pudesse entrar, boa meia hora. No cabo da qual, tendo[664] já bem amofinado e colérico, convertendo-se na figura de Palmeirim de Lacedomônia lhe disse:

— Agora Dom Traidor[665] das maiores obrigações, me pagareis por junto, as cousas em que me ofendestes por partes.

Cuidou Dom Floris, que realmente era Palmeirim e remetendo a ele respondeo-lhe:

— Mas apostemos nós, que daqui a pouco não confesseis grandes obrigações a quem vos cá meteo?

Resolvendo-se[666] logo em ar aquela visão entrou Dom Floris pela porta tão quebrantado e sem alento, que lhe conveio sentar-se nos degraos daquele trono para descansar. E estando vendo dali a coriosidade daquelas pinturas e a perfeição delas, a de Floramão ou por mais fresca, ou por mais sabida, foi a que mor lástima lhe fez. Depois de a considerar ũ pouco, arrebentou [277r] dizendo:

— Ora namorai-vos lá, para que quando escapardes da fúria de ũa molher, ou de seus melindres, que inda devem ser mais insofríveis, não escapeis dos desastres, a que sua mesma vida vive neste mundo exposta. Lá se avenham esses senhores com seus elevamentos, a quem não condeno, mas afirmo de mi, que nem lhe tenho inveja, nem detremino fazer-me por este caminho famoso.

Bem se ria o Amor daquilo, pois já o tinha na rede. E assi tanto que ele acabou de refocilar, sobio levemente todos os degraos e querendo ir falar a Braceliano, sem curar daquela personagem da pianha, ouvio que ela lhe dizia desta maneira:

— Dom Floris, assi se pagam descortesias.

Após as quais palavras se achou atravessado com ũa frecha pelo meio do coração, de que sentia tanta dor, que nem queixar-se podia. E voltando para ver de donde lhe tiravam, vio que o Amor com Valerisa pela mão acrescentou:

— O remédio dessas dores, aqui estava, porém nem nela, nem em mi, o haveis de achar nunca.

Bem conhecia Dom Floris aquela princesa com ela se tinha criado e falado com ela

[664] A: tendo / B: tendo-o
[665] A: Dom Traidor / B: dum Traidor violador
[666] A: resolvendo-se / B: porém dissolvendo-se

muitas vezes, mas já com outros olhos, já com outros afetos, já com outro mais excelente conhecimento, a contemplava agora tão verdadeiramente rendido a suas perfeições, que se aborrecia a si, pelo tempo, que o não fora. E tirando força daquela verdade nova, querendo dar ao Amor as graças da estima em que [277v] já tinha seus males, nem a vio a ela, nem ele quis escutá-lo, antes oferecendo-lhe o coração de Albaizar, lhe mostrou nele o com que acabou de o martirizar de todo. Vio Dom Floris enfim que a mesma Valerisa, que o desprezara e lhe fogira estava com Palmeirim de Lacedomônia pela mão e se mostrava não só pouco agradecida aos suspiros de Dom Floris, mas ofendida e escandelizada deles.

E afirmando-se bem que não se enganava no que via, disse para ela:

— Sempre eu cuidei senhora, que ninguém vos merecia e agora que me afirmo mais nisso, vejo o que vós escolhestes e assi fico obrigado, ou a cuidar que me enganava, ou que vos enganastes vós. Não sei com qual destes pensamentos vos ofendo menos. O que se[667] é, que ou de ũa, ou de outra maneira, nunca hei de ter a Palmeirim em melhor conta, do que até aqui o tive, porque já que lhe não posso tirar o bem, que lhe deu a senhora Valerisa, quero tirar-lhe pelo menos a inveja de Dom Floris.

Não parava ele ali, porém Amor receoso de que lhe escapasse por mais namorado de sua honra, acodio a variar-lhe as visões esperando que por muitas lhe parecessem todas pouco certas e perdendo o escrúpulo não sarasse da ferida e assi lhe mostrou subitamente naquele mesmo lugar, que Fidélia adorada de Primaleão seu sobrinho, voltando-lhe as costas, falava puridades com Pavorante. Trás isso vio que Carmélia não escutando Dom [278r] Duardos,[668] chamava a Albaizar para que a ouvisse. Da mesma maneira se lhe representou que Flérida, aborrecendo a Vasperaldo, se perdia por Ardimão e que Gridônia dando figas a Trineo dizia mil requebros a Almourol.

— Bons brincos são estes (disse ele então consigo cortando o fio das outras cousas, que ia dizendo). Bem pudera o saber[669] de Daliarte não se desenfadar, nem com as sombras de molheres tão honradas, que isto mentiras são e encantamentos e bem bastava verem-se no lugar em que se mostram para se entender claramente que o sejam. Porque de ũ coração, onde nunca entrou verdade, que se nos podem mostrar senão mentiras? Assi o creio certo e assi o

[667] A: se / B: sei
[668] A: Dom Duardos / B: a Dom Duardos
[669] A: o saber / B: o sem sabor

devo[670] crer,[671] mas não me parece que poderei negar que devo a estas mentiras a saúde com que me acho da ferida, que me deram. Porque posto que ũ homem honrado pode servir sem escrúpulo a quem o aborreça e desestime a ele, a quem ame e estime a outrem, não é razão, que o faça. E ainda que neste caso de agora não haja mais de certeza, que ũa sombra conhecidamente mentirosa, fique a verdade para desengano de outros, que para mi somente as sombras delas nestas matérias me bastam. E há de ver o Amor que ainda na sua própria casa pode a honra mais comigo.

Porém não querendo Amor ouvir-lhe maiores blasfêmias, ficando certo do veneno, que por cima de tudo aquilo, levava dentro na alma, o lançou fora tão trocado e tão [278v] outro, do que soía ser como quem lhe quisesse mal poderia desejar que ele fosse.

Bem lhe conheceram todos a diferença, por mais que ele trabalhou por a encobrir e festejando uns e outros, a emperatriz, a quem a idade e o tempo tinham feito molher de conta e de corte, lhe disse:

— Onde deixastes Dom Floris as capelas que vos deram? Que não as desmerecendo por casado, não é possível que as desmerecêsseis por ser livre. Porque em ũ cavaleiro como vós muito maior tacha fora faltar-lhe tão boa parte como é ser livre, do que fora louvor ter as contrárias ainda que sejam próprias aos honrados.

— Senhora (lhe respondeo ele) se como não trago flores, viera também sem novidades, ainda que dera maior matéria de espanto,[672] ficara-me menor também de queixa. Roxas eram ũas flores, que me davam, porém porque traziam muitas azuis de mistura, me vim sem umas, nem outras.

— Mas parece-me que as trazeis ambas (acodio o do Salvagem) Façam-vos elas muito bom proveito senhor Dom Floris.

Ele disse isto rindo e todos em o ouvindo o imitaram. Grande foi o entretenimento, que aquelas cousas causavam em todos e várias as opiniões, que do sucesso daquele cavaleiro ficaram nos homens e mulheres, daquela conversação. Fidélia puxou por Valerisa, disse-lhe:

— Eu não hei de entrar naquela casa, porque se Dom Floris vem tão namorado como vem, quem poderá escapar de presseguição tão grande?

— Zombai [279r] vós embora, senhora flamenga (lhe respondeo ela) que se é verdade

[670] A: devo / B: deve
[671] A: crer / B: crer todo o homem de entendimento
[672] A: espanto / B: espírito

que a neve é fria por natureza, também é certo, que em lhe dando o sol que se derrete toda.

Não ficava já na corte quem provasse a aventura e assi declarou o emperador, que ao outro dia a emperatriz e as princesas, haviam de entrar a vê-la. E ainda que houve algũas dúvidas[673] entre elas, porque todavia não se detreminavam a obedecer-lhe naquilo, contudo a emperatriz as quietou não lhe levando em conta o seu saial.[674] E assi fazendo-se prestes para a menhã seguinte, dormiram mal a noite ũas e outras. E é consideração de Henrique Frusto, que mais cuidado lhe dava o receio de verem passar a outrem diante de si, que o de virem obrigadas a cuidados em que aventurassem mais.

[673] A: algũas dúvidas / B: algũs arrufos
[674] A: o seu saial / B: escusa algũa

## Capítulo 84

De como as princesas se fizeram prestes para entrarem naquela casa.

Passaram aquela noute as princesas com as inquietações, que temos dito, porque se bem o entendimento de cada ũa era grande, o parecer extremado, a confiança assentada sobre fundamentos tão sólidos,[675] contudo esse mesmo entendimento, [279v] esse mesmo parecer, quando não desbaratavam a confiança de todo, não deixavam pelo menos de enfraquecê-la em grande parte, porque pela mesma razão de que Valerisa era discreta, conhecia quão fermosa creatura era Carmélia e da mesma maneira o juízo e a prudência de Fidélia, lhe mostrava, que em aventura, donde a fermosura dava a melhoria da fortuna, não podia ninguém estar segura com a sua, à vista daquelas molheres.

E quando Carmélia cuidava que naquela parte não podia ninguém contender com ela, todavia, não deixava o temor natural, que vive com cada ũ de nós, que se cresse a si tanto, que ficasse quieta em ũa companhia em que Fidélia entrava.

O mesmo passava pelas outras e assi nenhũa delas deixava de ter seus receios, que a este efeito o nosso cronista quer que fosse as que mais lhe inquietassem[676] por outro caminho e diz:

— Como diabo se não enfadariam molheres tão entendidas e tão honradas, de as obrigarem a entrar em ũ perigo de corações, onde o melhor livrado era o mais rendido?

Bem entendia isto Valerisa, bem o entendia Fidélia, não o ignoravam as companheiras, mas o emperador tinha apertado e a emperatriz não só deixava de falar em seu favor, mas nenhũa escusa lhes admetia a elas como fica dito.

Amanheceo enfim ao outro dia e saíram aquelas cinco auroras, a honrar e [280r] alumiar e fazer fermoso o mundo. Pudéramos dizer também, que a destruí-lo, se não tivéramos já dito tantas vezes, que quando estas ruínas têm semelhantes causas, que antes provocam invejas, do que sentimentos.[677]

Esperava-se pelas princesas havia espaço, porque o emperador apetitoso e desconfiado de sua resistência, tinha-se alevantado cedo e com ele toda a corte. Ali estavam todos os

[675] A: sólidos / B: sobidos
[676] A: fosse as que mais lhe inquietassem / B: fosse o que mais as inquietasse
[677] A: sentimentos / B: fazem lástimas

amantes novos, ali todos os cavaleiros casados, nem Dom Floris faltava àquela hora, tendo passado todas as da noite em miseravilíssimo estado, porque o amor solecitava-o com as maiores batarias que podia, a natureza puxava por ele com toda a força dos afetos, que em seu nascimento lhe infundira. O entendimento mostrava-lhe quão grande heregia era, negar o amor, que se devia a Valerisa. Atormentava-o a variedade das representações do coração de Albaizar. Imperiosamente lhe lembrava a sua honra, que só nestas sospeitas e nas aparências daquelas cousas, se viam as diferenças de uns homens aos outros, porque quando elas passavam daquilo, não havia algũ que não tornasse por si e que havendo-o, que não seria homem. Atochado entre estas contrariedades pagava com amaríssimas lágrimas de seus olhos, as duvidosas moléstias[678] de sua alma.

Apareceo enfim a emperatriz acompanhada com sua nora e com todo [280v] o melhor de sua casa, porque afora as princesas, vinha também Sigismunda, novo cuidado de Frenélio; vinha Enáclia terrível escândalo de Polendos e Ludínio; Mitilde[679] paracismo amoroso de Belcar; Silana trocedor invencível de Almourol e Celinda, que não tardou muito em o ser com notável exemplo da instabilidade dos homens. Arnedos passava peor que todos[680] em verdade, porque, ainda que os objetos que aqueles viam eram a causa da pena que choravam,[681] eram-no também do gosto que por outra parte recebiam,[682] pois viam o que adoravam, porém Arnedos tendo a mesma carta de dor de que os outros se queixavam, faltava-lhe a vista da senhora Enfília, por quem chamava com mais ardentes suspiros do que nos corações franceses amor costuma a forçá-los.

E se esta era a sorte daquele príncepe, qual seria o sentimento de Recindos, a quem sobejava o mal e não só faltava o remédio, mas o conhecimento dele? Porém mais que todos os nomeados foi infelice a de Leopoldo, que também estava entre eles e não só porque as calidades, que concorriam em Fidélia eram incentivos de maiores penas, nem por serem tais as cousas de Daraja, que venham a ser de maior martírio para ũ homem honrado seus favores, que seus desprezos, senão porque lhe foi o diabo meter em cabeça, que aquele embuçado com quem vira Fidélia poderia ser ele e assi consolando-se com esperança tão incerta veio a perder

[678] A: duvidosas moléstias / B: dúvidas molestas
[679] A: Mitilde / B: Vilênia
[680] A: homens. Arnedos passava peor que todos/ B: homens de um daqueles encantamentos, não passava melhor vida que estes cavaleiros, Arnedos antes muito peor
[681] A: choravam / B: padeciam
[682] A: recebiam / B: lhes dava vê-los

o [281r] benefício, que um desengano claro, ou mais tarde, ou mais cedo comonica enfim à mais da gente. E a tomá-lo de sobressalto outra vez aquela perda, que então é sentida mais, quando se espera menos.

De Trineo, de Primaleão, de Vasperaldo, não há que dizer, quando viram sair aqueles raios, mediante os quais suas almas tinham luz, porém Palmeirim de Lacedomônia, porém Ardimão de França, porém Dom Floris puxam por nós de maneira, que não sei eu a quais se deva acodir primeiro!

— Senhora Valerisa (dizia Palmeirim entre si) se o serdes rainha de Dom Floris, não acrescenta nada em vosso merecimento, que poderia ser[683] discrédito, serdes vós sua companhia? Ai Deus e como é possível que possa tanto a ventura com quem em tudo é tanto maior que ela? Mas triste de mi. Maior será Valerisa que a ventura, mas que a minha desventura não é maior Valerisa. Eu sou senhora eu sou, que não Dom Floris, a quem vossos pais, vossos parentes e o mundo todo, devem castigar, o que será com tamanha razão como o escândalo de todos eles, porque a minha fortuna e não a vossa eleição, é quem faz a Dom Floris venturoso e tão bem afortunado.

Não estava Dom Floris naquele mesmo tempo com pensamentos e discursos mais alegres, porque representando-se-lhe de novo a vista de Valerisa qual a vira, dizia-se a [281v] si mesmo:

— Se cuido que me enganei com Valerisa, grande é a ofensa, que faço a seus merecimentos e se me pressuado, que ela se enganou com Palmeirim, também com o discrédito da pessoa escolhida, se ofende não pouco a vontade e a eleição de quem a escolhe. Ora que seja aquela casa a que nos engane a todos como se consolará com isto, quem não tem maior cabedal para conseguir o que pertende, do que é o amor, que da mesma casa trouche? Graciosa maneira de vida é esta certo! Ah, não nos deixemos levar assi Dom Floris. Nem em toda a terra se dão sempre bem ũas mesmas plantas. Namorem-se moços leves, namorem-se homens ociosos e ainda se alguns quiserem, ignorantes, case Valerisa embora com Palmeirim, é mancebo, é gentil-homem, é muito bom cavaleiro, é príncepe mui poderoso, que mal casa ninguém com ele? Ou que desprepósitos são estes meus? Salva-se Floramão pela sua arte, que mal será que me salve eu pela minha? Com ũ de dous intentos se namoram os homens e não se podendo falar no peor destes, nem ainda com as mãos nos narizes, o melhor é o que me a mi

[683] A: ser / B: ser de

menos convém, porque não vejo caminho como possa viver ũ homem de minha natureza tendo-se casado por amores, pois necessariamente havia de ser tratado no processo deles, ou com favores, ou com desvalimentos. Quem[684] há de viver contente de quem se descontentou [282r] dele? Se favorecido, quem se pode esquecer de que vive casado com quem sabe fazer favores? Mas ah Dom Floris Dom Floris, desconcertai-vos vós com o Amor por vos fazer dizer tanta tolice e pode ser que vos ache alguém razão, mas em desvarios conhecidos, quem vo-la pode achar nunca? Divina cousa é o Amor em verdade e mal se achará sem ele alma perfeita e quando faltaram outras provas desta sua divindade, bastava só ver-se, que toda a língoa, que o encontra, não só fica bárbara, mas profana. Senhora Valerisa em vós seja fortuna, ou acaso, a eleição que fizestes e seja amor em mi aquela que eu tenho feito. Ide-vos vós embora após de quem pode levar-vos, que eu não deixarei nunca de seguir-vos inda que vos veja de outrem, porque impossível é que seja alheio, aquilo, que eu em vós amo.

Não eram menores, nem mais desarrezoadas as queixas e desaventuras de[685] Ardimão, mas assi porque elas não pararam até o meterem na sepultura como porque as princesas nos esperam, acodiremos primeiro a dizer como lhes aconteceo na prova daquela aventura.

[684] A: quem / B: se com desvalimentos quem
[685] A: e desventuras de / B: do sem ventura de

## Capítulo 85

Como as princesas provaram a aventura. [282v]

Foram-se o emperador e a emperatriz com aquela companhia que dissemos, ao terreiro, onde a aventura estava e achando antes do padrão ũa tenda, que ali lhe tinham armado entrando todos nela começou a haver outra nova dúvida entre as princesas sobre qual iria primeiro não querendo nenhũa ser, a que lhe desse princípio.

— Vamos nós senhora vós e eu, (disse Miraguarda para a sogra) Veremos o que por lá vai e porventura que achemos cousas com que não deixemos aventurar estoutra gente.

— E ainda que lhe caiam todas na cabeça, que nos dera a nós disso! (disse Fidélia rindo manso para Valerisa)

— Seja assi (respondeo a emperatriz)

E tomando-a pela mão para partirem, nem da porta da tenda poude sair Miraguarda. Com o que ficou claro que ũa e ũa, se havia de fazer a prova. O que vendo Floramão[686] falando com Dramosiando disse-lhe à orelha:

— Ora vos digo que é bem galante homem este Daliarte se se ele quer ficar lá só por só e mão por mão com cada ũa delas. Eu me parece que hei de tornar a provar a aventura quando Carmélia for, que não sei este coração de Albaizar se esconde mais do que mostra.

Ia já a emperatriz entrando por aquele sítio e vista de todos os de fora com o que se amansaram aqueles escrúpulos de Floriano, que ele foi o que os teve e não Floramão como acima dissemos, mas muita gente acompanhou a Floriano em lhe não parecer bem aquela solidão.

Viam todos a emperatriz, [283r] a qual ia sem sentir algum efeito, dos que naquele caminho e casa se exprimentavam. Brevemente se achou dentro dela onde fez experiência assi de quão fermosa fora na sua era como de quanto amara ao seu cavaleiro da Roca Partida, porque em prova daquilo (ainda que com trabalho) sobio todos os degraos e destoutro trouche ũa capela, que até em se somir, se pareceo com o emperador seu marido. Veio ela tão satisfeita do que de sua fé dele Albaizar lhe mostrara, que ficou assaz contente.

Foi Miraguarda mostrar àquelas senhoras moças, a pouca inveja com que vivera delas

[686] A: Floramão / B: Floriano

se todas tiveram ũa mesma idade e ũ mesmo estado. Passou o caminho airosa, sobio os degraos sem pejo, porém não lhe fez o Amor o gasalhado, que à emperatriz fizera, nem lhe deu capela, nem ramilhete, nem cousa, que o parecesse com o que Florendos, que estava vendo tudo começou a entrar em suores, que de todo foram mortais, se logo se não vira a causa, que aquilo tinha. Assi foi, que tanto que o Amor com aquele[687] demonstração fez claro como Miraguarda o não conhecera naquela figura em que ali presidia, passando-se a de Himineo Deus dos casamentos, mostrou a verdade com[688] ela o adorara, depois que por aquele meio o conhecera, acompanhando-a e coroando-a com outra capela de flores muito mais fermosas e suaves, que todas as que até então dali tinham saído. [283v]

Não sei verdadeiramente se foi maior o gosto de Florendos com aquela visão mediante a qual saío das ânsias em que estava, se o de Dom Floris, que enquanto lutava também consigo (maior inimigo de si que quantos tinha) não poude deixar de se alvoroçar, vendo como a irmã provara o bem que soubera haver-se naqueles estados ambos. Sentiram-lho todos, os que lhe conheciam a arte e disse-lhe Floriano:

— Vedes vós aquilo Dom Floris, pois se Florendos quiser falar verdade eu me afirmo, que tomara ele antes que a senhora Miraguarda tivera merecidas outras flores, inda que não foram tão fermosas.

— O que Florendos tomara (lhe respondeo ele) não o sei eu, mas de que aquela minha parenta me não pareceo nunca tão bem como agora, assentai-o vós convosco.

Festejaram todos a reposta. E Gridônia, ou que se sentisse mais branda que sua mai, ou que lhe não parecesse bem aquele rigor do tio, disse rindo para Carmélia:

— Que vos parece Carmélia de Dom Floris? Parece-vos que se este homem vier a casar, que deixará ir sua molher às hortas, ainda que acerte de ser malencolizada?

— Parece-me (lhe respondeo ela) que foi mofino Dom Floris em vossa mai ser casada e em ser ele tanto seu parente, porque era só a molher que lhe melhor armava.

Estava ela neste tempo defronte de Albaizar vendo a Florendos, que lhe mostrava a copa da rainha de Trácia em prova daquele amor, [284r] com que sempre tratara suas cousas. E posto que tão assegurada já dele, todavia se deleitava de o ver de novo e antes que entrasse na consideração da igualdade com que lhe pagava, movendo ũ pouco os olhos vio Ardimão,

[687] A: aquele / B: aquela
[688] A: com / B: com que

que a boca fechada lhe manifestava os extremos, que nele tinham feito seus extremos dela. Era a visão tão clara, que não lhe ficou lugar de a duvidar, mas como na sua estimação não tivera nunca senão só Florendos,[689] ainda depois que se casou com ela, voltando-lhe as costas ficou sem memória do que vira, nem gosto para tornar a ver. Receberam-na na tenda com grande festa, porém as flores,[690] que trouche em chegando às mãos de Florendos desapareceram logo.

Houve de se começar enfim a prova daquelas princesas e estando já todas de acordo por sortes, que tinham lançado, tocando a primeira a Flérida ela se levantou e saío da tenda acompanhada de seu pai e de seu tio e de todos aqueloutros cavaleiros, que ali estavam.

Ia Sigismunda com ela para se tornar do padrão, não cuidando que poderia entrar dali por diante como a Miraguarda com a emperatriz tinha acontecido, mas aquilo se não entendia, se não nas que iam a provar. E foi Daliarte tão fidalgo e tão bem advertido, que lhe não pareceo razão, nem que provassem duas e duas, por não verem ũas os segredos [284v] das outras, nem que aquelas senhoras deixassem de ser vistas de todos os de fora, ao contrário do que aos cavaleiros tinha acontecido, nem de deixarem de levar cada ũa ũa criada para as acompanharem, por sua autoridade e decência.

Também ordenou Daliarte que depois de estarem dentro e verem todas as cousas, que na casa havia, nenhũa recebesse mais força, que a que as mesmas cousas por si sós podiam fazer.[691]

Porém Segismunda saindo a acompanhar a sua senhora até aquele sítio, chegada a ele e vendo-a que feita ũa mesura aos que iam com ela entrava para dentro enfiada não, mas descorada, não lhe sofrendo o coração deixá-la ir só, pôs-se a segui-la e pode fazê-lo com grande gosto de ambas em verdade, pelo que[692] ao decoro daquela princesa se devia.

A qual novidade causou em todos contentamento grande e afeição não menor ao entendimento de Daliarte.

Dificuldades teve Flérida naquele caminho, porque agora caía dos chapins, agora se achava mais cansada do que aquele trabalho prometia, agora sem nenhũa esperança de poder

[689] A: Florendos / B: Florendos e Florendos
[690] A: porém as flores / B: porém tambem ordenou Daliarte que despois de estarem dentro e verem todas as cousas que na casa havia nenhũa recebesse mais força que a que as mesmas cousas, por si sós podiam fazer, as flores
[691] A: Também ordenou Daliarte que depois de estarem dentro e verem todas as cousas, que na casa havia, nenhũa recebesse mais força, que a que as mesmas cousas por si sós podiam fazer. / B: e se nem a emperatriz, nem Miraguarda as levaram foi porque como Miragoarda não põde sair com sua sogra logo cuidaram todos que sós ũa e ũa haviam de fazer a entrada como fica dito e não tentaram aqueloutro caminho
[692] A: em verdade pelo que / B: em virtude do que

vencer esse mesmo trabalho. E também não esqueceo isto a Daliarte, porque proveo de maneira que sendo vistas todas as senhoras, que provavam a aventura de quantas gentes estava de fora como fica dito, desde que entravam, até que tornavam a sair, daquilo que elas passavam na casa, nem no [285r] caminho, ninguém podia julgar em efeito. Depois que o Amor vingou em algũa maneira a Vasperaldo, deixou-a entrar na casa, onde sua fermosura era a que lhe havia de valer para sobir os degraos. Vence-os ela enfim e passando a ver Albaizar ofereceo-se-lhe logo Vasperaldo tão claramente que se não sobressaltou pouco. E cuidando que também Sigismunda o via, disse-lhe:

— Isto Sigismunda é o que se chama encantamento, por isso não creais nenhũa cousa.[693]

E ela respondeo:[694]

— Nada vejo,[695] que de lá de fora não visse. Aquele é Braceliano e este é Albaizar. Se cá não há mais que ver que isto escusado fora o trabalho.

Sossegou-se Flérida mais com aquilo e tornou a ver o primo tão rendido, assi como ele verdadeiramente lhe era. E pareceo-lhe juntamente que o Amor lhe dizia que soubesse estimar aquela vontade, obrigando-a antes a agradecê-la, que a castigá-la.

— Já isto parece que é de siso[696] (dizia ela[697]) e não será razão que eu ouça mais despropósitos, nem fantesias de ninguém. E assi voltando tão livre como tinha entrado, tornou-se onde seus parentes a aguardavam alegre e risonha.

— Ora Senhora (lhe disse o tio) mormurem-me a mi agora de não trazer flores, que pois vos vejo sem elas, bem sofrerei minha afronta.

— Mal sofrera eu logo a minha se as trouchera (respondeo a sobrinha)

E meteo-se entre as amigas, que a receberam com a maior festa e alvoroço do mundo. E [285v] querendo saber novas ela lhe disse o que Sigismunda lhe afirmara.

Era de Gridônia a segunda jornada. Fê-la saindo da tenda acompanhada como a outra e com Mitilde sua aia. Teve também seus estorvos no caminho, porque ainda que não desagradecia os serviços de Trineo, não os premiava. Lá dentro ou o Amor lhe dissesse[698] o

[693] A: cousa / B: cousa do que virdes
[694] A: e ela respondeo / B: antes estou como pasmada senhora (lhe respondeo ela)
[695] A: nada vejo / B: porque nenhũa cousa vejo
[696] A: deciso (decidido?)
[697] A: ela / B: ela entre si
[698] A: não os premiava. Lá dentro ou o Amor lhe dissesse / B: não lhe davam cuidado seus cuidados sobio os

mesmo que à outra, ou não ela se vio mais obrigada do que fora, mas porém sem novidade alguma, que a inquietasse. Não confessavam elas nada do que viam e assi desejava já cada ũa das outras ter passado por aquilo.

Valerisa, cuja sorte a pusera naquele lugar, tomando consigo a Silana por amor de Almourol, que já se tinha declarado por seu servidor, acompanhada de todos[699] chegou ao sítio defendido. Era mui livre e mui soberba Valerisa e assi foi muito maior o trabalho que teve em chegar àquela casa. Refocilou-se lá ũ pouco e depois sobio pelos degraos e depois como se vio em cima, ou que a isenção se convertesse em entendimento, ou o entendimento em medo, fez ũa grande reverência ao Amor, desejosa parece de o não exasperar contra si. Mas ele foi grosseiro, porque não só lhe não respondeo com outra, mas não deixou de lhe mostrar no coração de Albaizar, os de Dom Floris e de Palmeirim de Lacedomônia, no mesmo estado em que cada ũ deles por seu respeito se achavam. Espreitou-se [286r] ela a si mesma acerca do que sentia após os ver e achando-se tão livre como sempre fora, do mais se lhe não deu nada.

— Querem-me bem estes cavaleiros (dizia Valerisa entre si) queiram embora, que me dá a mi disso! Eu não sou Carmélia, que se pusera aqui logo a chorar e dissera que era mofina. Vá ela com o seu contraposto, que eu cá me haverei com o meu cantochão. Não sou tão sensitiva. Contento-me de não agradecer, não me quero escandelizar. Cada ũa de nós está satisfeita consigo. Qual tenha mais razão não o sei eu. Que a guarde Deus desejo, porque hei medo que estes <u>cataçoes</u> do coração de Albaizar se façam todos de ũa só cor à sua vista dela. E quem se costuma agravar sempre sem razão, também sem razão se obriga às vezes. Fidélia folgara eu de ver aqui estando escondida nũ canto, porque sospeito que se não serve pouco de seu entendimento para nos encobrir cousas, que se encobrem mal, segundo dizem. O meio[700] é custoso, porém melhor estou com ela, que com nós outras todas. E não tenho pequena raiva de ver a facilidade com que estas minhas companheiras lhe contam tudo o que sabem, vinda de ontem e a outra não lhe dirá se sonhou inda que a matem. Mui molheres somos esta é a verdade, mas é dita que esta moça inda que é tão discreta, que se sabe esconder de nós, é também tão honrada, que nos encobrirá nossas tolices. Vou-lhes a dizer, não o que por cá vai, senão qual eu de cá vou.

Assi o fez e Fidélia, [286v] que já estava prestes para entrar, vendo-a vir, foi-se a

---

degraos e vio o que havia que ver assegurou-se da vontade de Trineo e ou que o Amor lhe dixesse

[699] A: de todos / B: como as mais

[700] A: meio / B: meo

recebê-la com a sua Celinda,[701] antes que chegasse à tenda. E tomando-a naquele caminho que havia do padrão para ela, tendo-se despedido dos que a acompanhavam, disse-lhe:

— Bem podereis vós Valerisa tornar comigo e pode ser que ambas juntas fizéssemos maravilhas.

— Melhor companhia levais das vossas portas adentro, do que vos eu fora (lhe respondeo ela) porque me custou chegar à casa muito trabalho e maior do que sospeito, que vos custará a vós.

— Sobir os degraos, quereis dizer (acodio Fidélia depressa)

E não querendo ouvir-lhe a reposta entrou também apressadamente pelo sítio dentro.

Não lhe esquecia a reposta a Valerisa e querendo dar-lha vio quanto ia já adiante. E guardando-lha para outra hora, foi-se à tenda onde a agasalharam e receberam com os ordinários alvoroços, que com todas as que vinham havia, ficando uns e outros depois com os olhos em Fidélia, que ia entrando e companhia.[702]

[701] A: Celinda / B: Enáclia
[702] A: entrando e companhia / B: entrando

## Capítulo 86

De como Fidélia e Carmélia provaram aquela aventura.

Morta com riso entrou Fidélia do padrão por diante, não tanto pelo que dissera a Valerisa como por qual lhe pareceo que ela ficava de lhe não poder responder, mas naquele sítio não duravam [287r] muito os gostos e depressa se viam vingadas ũas e outras.

Assi foi, que não tendo Fidélia andado muito começou a sentir aflições grandes, nascidas da lividão e soltura com que caminhara, porque ou os afetos,[703] que a casa de Daraja lhe infundira, foram maiores do que ela cuidava, ou que o Amor de ũa perfeição tamanha ocasionada[704] julgasse por vitória grande, mais lhe comunicava de contentamento interior, que de pena e trabalho, naquele seu caminho.

Não esperava Fidélia por aquilo, que verdadeiramente ainda que não desestimava os serviços de Primaleão, tinha-se por livre e assi se contara sempre. Com ũ sobressalto grande com ũa nova maneira de inquietação começou a tomar-se contas a si mesma das causas daquele gosto.

— Que é isto Fidélia? (dizia ela) Amorinhos com Primaleão? Bem está. É mui boa conta esta, que damos de nós. Discreta molher é Valerisa esta é a verdade e o peor é, que não será ela só, a que me tenha entendido. Mas por certo que se isto que eu sinto é amor, que devia ser mui despegada criatura Miraguarda. Pelo menos se assi é o de seu filho eu lhe devo de dever a ele bem pouco, porque ele a mi, bem menos cuidava eu que me devia. Enfim não se entendem bem as cousas, senão depois que se exprimentam. Somos vidros as mulheres, isto é certo, que com ũ muito leve bafo, ficam cegos e com razão, porque para nós (para as como eu digo) as cousas que não tem [287v] nomiação[705] as que danam, pois que havia de ser? Boa graça é cuidar alguém, que está livre, porque não chora, porque não sospira, porque dorme seu sono descansado! Estas cousas, se as há, são para outra gente. Para mi basta só o folgar que lhe pesasse a Primaleão com os meus desastres, pera este ser o maior desastre meu. E pois assi é, que então sem o sentir me fui ao que me[706] convinha, tratemos do remédio, antes que o mal

[703] A: afetos / B: efeitos
[704] A: ocasionada / B: ou quasi nada
[705] A: não tem nomeação / B: não têm nome são
[706] A: me / B: não

seja de todo sem ele. Aborrecer a Primaleão na minha opinião não o é, porque se é amor o que lhe tenho, ainda que seja pequeno e o aborrecimento grande, não pode nunca ficar o dano igualado nele, pois que se até lembrar para aborrecido é favor, aborrecê-lo porque lembrou para amar (triste de mi) que ficaria sendo? Entendamo-nos Fidélia. Ou isto é amor, ou não. Que o seja mostra-mo o modo porque vou por estes passos e quando vier por-me-ão ũa capelinha na cabeça. E sendo amor e não o remedeando o aborrecimento, clara cousa é, que só maior amor o pode remedear. Hei de me casar com Primaleão. Hei de me casar logo, pois já que fui tão mofina, que em mi a razão é culpa, quero ser pelo menos tão sesuda, que faça da culpa razão.

Estava ela já àquele tempo à porta da casa. E entrando dentro com pouco alvoroço, não deixou de notar e folgar de ver as histórias e pinturas, que por ela havia. Olhou para os degraos e foi cousa maravilhosa, que em [288r] querendo sobir por eles, os próprios degraos se abaixaram e somiram em si mesmos, de maneira, que só a peanha e cadeira do Amor, ali ficou levantada. Bem notou Enáclia aquela maravilha e querendo adular a sua senhora nela, Fidélia lhe respondeo:

— O mesmo devia Enáclia de acontecer às outras e outra maior cousa acontecerá a Carmélia, por isso não há porque nos gloriemos agora.

E voltando os olhos para Braceliano, lhe disse ele:

— Não vos agasteis conosco[707] senhora Fidélia, por vos parecer que amais, porque eu vos afirmo, que se nesta hora presente, Primaleão aqui se achara, que ficara eu remediado de todo, porque mais nova desvalia que a sua, não a há hoje no mundo. Mas pois que ele cá não veio para que se isto acabasse, se merecem alvíssaras estas novas, que vos dou, peço-vos que me ajudeis com vosso entendimento, quando alguém vos pedir remédio a dores com que daqui vai.

Não tinha Fidélia sabido o que as outras naquela casa passavam, porém não deixou de lhe parecer novidade falar-lhe aquela figura. E não querendo exprimentar mais estranhezas, achando-se senhora de si e enfadada consigo, sem ver a Albaizar, nem curar disso, se tornou pela porta fora.

Mas por mais que trabalhou (depois de chegadas à tenda) por encobrir sua paixão, não o poude fazer de maneira, que Valerisa pelo menos lhe não conhecesse ũa [288v] grande parte

[707] A: conosco / B: convosco

dela. Porém como Carmélia se levantou tanto que Fidélia apareceo do padrão para a tenda em lhe lançarem bençõe e em se levantarem todos para a acompanharem, se divertiram uns dos outros, de tal sorte, que poude Fidélia ficar por algum espaço sem a perseguição das perguntas particulares, a que maior medo trazia. E contudo a boa de Valerisa lhe disse depois de estarem todas sossegadas:

— O diabo me leve, Fidélia, se vós estais toda trigo. E não tendes que negar, que eu não quero saber mais.

— Pois por minha vida (lhe respondeo) que não sabeis tudo aquilo que cuidais, porque ainda que vos confesse que não venho pouco tola, também vos posso afirmar que não passa o dano a muito.

— Que não saia pela boca Fidélia, é o que importa (lhe tornou Valerisa) que o mais bom remédio terá.

— Galante molher sois vós (lhe disse ela então com algũa carranca) pois que me respondeis muito de siso. Por isso eu não tenho danos senhora Valerisa, porque para os meus não podia haver remédio cá das telhas para baxo.

— Pecadora, ah Deus, de mi (replicou a castelhana vivamente) Deixai por vida vossa haver remédios, que pois nascemos e vivemos neste mundo, muito melhor é, que tudo o dele seja remédio para nós, que não seremos nós remédio para alguém.

— Dos defeitos da vontade e não das pobrezas do mundo tratávamos agora (replicou Fidélia) mas pois vós vos acolheis [289r] por lá estou de acordo. E vejamos Carmélia, que me parece, que tarda mais em chegar àquela casa, do que me dizem que vós algũa hora cuidastes que acontecesse.

— Queira Deus que me engane com ela (disse Valerisa) mas grande medo lhe tenho.

Não tinha Carmélia ainda entrado na casa e havia grande espaço, que caminhava para lá e a rezão era que o ódio e aborrecimento de Dom Duardos era aborrecimento e era ódio verdadeiro e conhecido e a inclinação, que algũ hora tivera a Albaizar, nem valia, nem tinha nome diante do Amor. E assi chegou finalmente com tanto trabalho e tão cansada, que lhe disse Celinda:

— Bofé senhora que não tenho eu pouco de que vos pedir perdão do que algũ hora[708] cuidei de vossos pensamentos.

[708] A: algũ hora / B: algũa hora

— Já vos disse outra vez Celinda (lhe respondeo ela) que não sonhásseis acordada. Os meus pensamentos nem são ou meus toucados, nem são os meus vestidos. Tratai disto só e no mais não vos embaraceis, que nem a vós, nem a mi pode estar bem. E o que só vos digo é, que não estou pouco corrida de ter chegado viva a esta porta.

— Inda esta[709] louca não quer? (disse Celinda entre si) Desta[710] maneira sae? Já não terá remédio quem a espera, porque sem dúvida nenhũa a ela lhe parece, que o ser mais despegada é ser mais fermosa e nisto deve estar este negro trabalho.

Entraram enfim e como Carmélia era a pessoa mais [289v] amada, que naquela casa entrara e a que mais aborrecia o que mais houvera de estimar, a própria enfim por quem a aventura se fizera, foram notáveis as cousas, que ali lhe aconteceram, despostas engenhosamente por Daliarte, para remédio seu dela e também de Dom Duardos.

Descansou, alevantou-se, desafogou o carão[711] com ũ abanico,[712] compôs o toucado, indireitou a tablilha, deu couces na verdugada e trás isto, tendo passados os olhos pelos desastres que aquelas pinturas representavam, indireitou com os degraos, que lhe fizeram a mesma cortesia, que a Fidélia tinham feito, de que ela ficou não pouco vangloriosa cuidando que era a primeira. Depois olhando para Braceliano, disse entre si:

— Coitado deste pobre homem, que folgará porventura ser figura nesta casa, inda que tanto a sua custa!

E dali passando donde a guiava a sorte ou que fosse a postura em que Albaizar estava, mostrasse a pureza de seu amor, que no seu coração se via, a fidalguia de seus procedimentos passados, a obrigação em que por eles se lhes estava até então mal satisfeita de Carmélia e tudo isto junto fizessem força a seu coração e a seu entendimento dela, ou (o que é mais certo) que Daliarte o dispusesse assi como temos dito, a pobre senhora ficou tão rendida àquele cavaleiro, quanto era necessário que fosse, para Dom Duardos ficar sendo tão desvalido como valente e para[713] remediar ao mesmo Albaizar e a Braceliano, juntamente. [290r]

Lastimosa cousa, certo era ver a Carmélia olhar para Albaizar e rebentar em lágrimas, torcer as mãos ũa com outra, querer falar e não poder, perder a cor e cobrá-la, tudo em ũ momento.

---

[709] A: esta / B: está
[710] A: desta / B: se desta
[711] A: carão / B: coração
[712] A: abanico / B: abanilho
[713] A: para / B: podendo

Olhava para Celinda, que nada daquilo via e detreminando comunicar-lhe suas dores estudava palavras para lhe pedir perdão, das que pouco havia sobre aquela mesma matéria lhe dissera. Porém o tio, que era o autor de tudo, não querendo que ninguém lhe sentisse cousa de que ela ao depois se corresse, antes que se declarasse, ajudando-a, assestindo-lhe interiormente, a levou dali ao padrão, onde o emperador a esperava já em pé, por que assim por não haver já mais ninguém, que provasse a aventura como por ser mui tarde para irem a comer, não se aguardava senão que ela tornasse.

E passados os alvoroços e dichos, que naqueles recebimentos eram ordinários, foram-se todos ao paço, onde lhe tinham prestes tempo havia. E passando depois a tarde em falar naquilo, que tinham entre mãos e no que se lhe mais oferecia, chegou-se a noute, na qual pelo trabalho daquele dia, nem houve serão, nem mesa pública e assi se recolheu cada ũ a sua pousada.

Carmélia, que não cabia em si, depois de ter passado ũa boa parte da noute na cama tão inquieta como seus pensamentos queriam, tomando ũa roupa de levantar e ũa vela e foi-se manso à pousada de Fidélia, que a agasalhou [290v] com tão boa sombra e tão boas palavras como quem não estivera com pouco menor cuidado de suas cousas, do que Carmélia trazia, porém ũa era muito entendida e a outra também, mas demasiadamente leiga,[714] e de boa natureza. E assi após algũs comprimentos e preâmbulos com lágrimas em fio com sospiros afogada,[715] com ânsias e desmaios mortalíssimos, Carmélia lhe disse, o que Fidélia a ninguém outrem crera.

Mas discorrendo ũ pouco com aquele juízo que Deus lhe dera, lembrando-se do que a Braceliano ouvira, veio a compreender por lanços do entendimento todos os mistérios, que Daliarte com sua ciência obrara. Pareceo-lhe a Fidélia, que sendo o autor daquelas cousas tio daquela moça, que não seria possível que as ordenasse para tamanha afronta de todos eles como seria o a que ela se encaminhava.

Vio e considerou as letras do padrão e as condições da aventura. Sabia que Dom Duardos andava desterrado do mundo por ordem de Carmélia e que era só o homem de cujo valor se podia esperar o fim, que aquelas letras prometiam. E de tudo isto tirou uma conclusão em que se resolveo firmemente. E foi, que Daliarte fizera aquela força a Carmélia para que

[714] A: leiga / B: leigal
[715] A: afogada / B: afogados

mandasse chamar a Dom Duardos com intento de se servir dele em benefício de Albaizar seu competidor nos mesmos pensamentos e amores, para que a desvalia sobisse ao seu [291r] mais alto ponto, porque de outra maneira, nem Dom Duardos viria, sem que Carmélia o chamasse, nem chamado por ela sem aquele persuposto, ficaria hábil para acabar a aventura, pois quanto mais estimasse o favor daquela sua restetuição, mais impossibilitado ficava para se julgar por desfavorecido, parte que necessariamente havia de concorrer em quem a houvesse de acabar.

E tanto, que Fidélia se detreminou nisto, sem cuidar de repreensões, nem bons conselhos, aprovando-lhe suas detreminações, disse-lhe que era necessário mandar buscar Dom Duardos, porque se ela se resolvesse de todo em casar com Albaizar enquanto estivesse encantado seria impossível fazê-lo e que sendo ele só o de quem se podia esperar que o desencantasse, convinha mandá-lo vir para aquele efeito e que depois, que o levasse o diabo muito embora.

Sossegou-se Carmélia com aquelas últimas razões, que a princípio, não o estava certo, porque ouvindo falar em Dom Duardos, antes quisera morrer a mãos de suas desesperações, que vir-lhe o remédio das daquele homem. E tratando então dos meios, vacilando ũ pouco ambas, apontou Carmélia a Dom Floris e o que já lhe tinha acontecido acerca dela quando a Boêmia o mandara.

Rio-se Fidélia, mas não aprovou a eleição, porque a seu parecer Dom Floris era melhor para apartar vontades, que para uni-las.

Ofereceo então o seu Pleonido em que ambas assentaram logo, porque afora ser conhecido [291v] de Dom Duardos era pessoa fácil e entendida e que não faria falta na corte e que quando o achassem menos que diria Fidélia que o mandara à d'el-rei seu pai.

Resolutas nisto, fez-lhe escrever ali logo ũa carta, que lhe deixou para ela pela menhã despachar o enano como fez. E com isto se tornou a sua cama mais quieta, do que viera, mas não menos apaxonada. A carta dizia assi:

*Carta*

*Se quem vos pode fazer ir vos pode fazer tornar, nesta corte vos desejo para provardes ũa aventura que há nela, da qual prova se resultar o que espero, ganhareis pelo menos matéria de maiores queixas, cabedal não pequeno de ânimos afeiçoados.*

Com esta carta e com ũa instrução de palavra, se partio Pleonido ao outro dia, despachado de sua senhora. E do que nesta jornada arrecadou com o mais que sucedeo no mundo acerca de todas as cousas, que nesta história ficam apontadas, poderá dizer quem tresladar ou ler, a terceira e quarta parte dela muito mais ricas de casos e acontecimentos grandes, que as duas, que ficam escritas.